

série lutadores

ÀS VEZES O MAIOR ADVERSÁRIO É VOCÊ MESMO

COMBATE

GISLAINE SOUZA



COMBATE

Sinopse

Eduard Lewis é um jovem lutador e o seu sonho sempre foi ser médico, mas largou a faculdade por causa de terceiros. Ed foi uma pessoa ruim por influência do pai, mas quando descobriu a verdadeira face de James Lewis, se afastou de tudo que era ruim e tentou ser uma pessoa melhor. Após um tempo longe de tudo, com novas ambições e uma nova personalidade, ele está disposto a se dedicar no mundo da luta e voltar para a faculdade, mas não esperava se apaixonar por uma moça encrênqueira.

Stephany Baker, estudante de enfermagem. Irmã de Ayla e Oliver Baker, as pessoas mais importantes de sua vida. Os seus planos eram os melhores possível, ser uma ótima pessoa, algo que os seus pais nunca foram e esquecer todo o passado, além de esquecer as coisas ruins que aconteceram. Quando ela foi morar com o irmão mais velho, jamais imaginou que o seu coração seria roubado por um playboy.

Eduard e Stephany construíram uma bela amizade, para tentar apagar qualquer sentimento chamado: Paixão.

Mas falharam drasticamente... Só que, muito antes dessa paixão poder acontecer, ambos precisam superar traumas e escolhas do passado.

AVISO: O LIVRO CONTÉM CENAS DE AGRESSÕES, PALAVRAS DE BAIXO CALÃO, SEXO E ABUSO. NÃO LEIA SE ALGUM DESSES TEMAS TE DEIXA DESCONFORTÁVEL!!!!

Dedicado à...

... todos que enfrentam medos diários,
inseguranças e demônios do passado.
Saiba que você é maior e mais forte que
tudo isso. O medo é passageiro, a
coragem é a diária e o amor... é eterno.

PRÓLOGO

*Tento fazer o pior parecer melhor
Senhor, me mostre o caminho
Para cortar sua armadura desgastada
Tenho cem milhões de razões para me afastar
Mas amor, eu só preciso de apenas uma boa razão para ficar*
Lady Gaga – Million

Maio de 2017...

Olho atentamente para a minha irmã, a abraço um pouco sem jeito e ela chora copiosamente em meu ombro. Acabamos de sair do apartamento dos Turner, ela se despediu deles e estamos iniciando a nossa fuga nesse exato momento. Eu sempre acreditei que Dominic tinha matado a minha mãe, pois tudo o que eu ouvi falar dele, fez eu enxergar que ele era uma pessoa ruim, mas eu errei. A verdadeira pessoa ruim sempre esteve do meu lado, fazendo eu me tornar ruim também: James Lewis.

Emily se afasta lentamente de mim, passa as mãos em seu rosto e entramos na minha SUV. Ela está muito triste, ainda não parou de chorar e eu não tenho nada para fazê-la parar. Eu me arrependo de ter a agredido naquele dia que eu descobri que ela tinha transado com o Dominic, mas eu fiquei cego de ódio e quis bater nela. Assumo. Só que, no segundo seguinte, eu me arrependi e vi o quão filho da puta eu fui. Desde então, a gente se afastou muito, até o dia que o meu pai bateu nela pela primeira vez nessa semana que se passou.

Foi culpa minha, pois eu acabei contando para o nosso pai o porquê da nossa briga. Ele ficou furioso quando soube que a Emily estava se envolvendo com o Dominic novamente, e o meu pai simplesmente disse que, o que era deles estava guardado. De início eu não entendi muito bem, mas quando chegamos em casa, uma luz acendeu em minha mente e eu sabia que ele ia agredir a Emily.

— Eu não estou fazendo errado em ir embora, não é? — Ouço a Emily me questionar e eu olho para ela por alguns segundos.

— Você tem um motivo muito forte para ficar? — A questiono de volta.

— Eu sou louca pelo Dom.

— Isso o estado da Califórnia inteiro sabe. — Debocho. — Emily, é melhor esse afastamento agora, do que algo muito sério acontecer.

— Eu sei. — Ela sussurra encerrando o assunto. — Para onde vamos?

— Encontrar o Dylan antes de qualquer coisa.

Emily faz um barulho estranho com a boca e o silêncio volta a reinar. Aperto as minhas mãos no volante, me lembrando de tudo que aconteceu

mais cedo e me soco internamente quando a vontade de chorar me atinge. Minha mãe morreu há oito anos, meu pai foi o mandante do assassinato porque ela o traía com o Jensen Brown. Eu não sei qual dessas duas partes me deixou mais chocado, mas eu jamais imaginava tudo aquilo. O cômico nessa história é que, meu pai sempre traiu a minha mãe, mas quando a situação se inverteu, ele não suportou e preferiu matá-la.

— Será que a nossa mãe quis mesmo se arriscar tendo um caso com o Brown, conhecendo verdadeiramente o nosso pai? — Pergunto chamando a atenção da minha irmã.

— Eu acho que ela estava cansada de ser a esposa perfeita, ser a exemplo na sociedade e cansada das traições. Ela quis se envolver, independente se o nosso pai descobrisse mais cedo ou mais tarde.

— A minha vontade, era socar a cara do Jensen. Ele... é muito filho da puta, aquele idiota!

— Sabe o que é engraçado? Ele tinha um caso com a nossa mãe e odiava que o Dominic ficava comigo.

Concordo com um aceno de cabeça, paro no sinal vermelho e olho para a Emily. Seu rosto está molhado por causa das lágrimas, seu olhar perdido, e a tristeza emana dela. Eu sei o quanto ela está sofrendo com essa separação, só que eu não sei dizer se é mais do que quando o Turner foi preso. Minha irmã ficou quebrada por meses, ela não conversava com ninguém, mal comia e sempre chorava, mas pelo menos ela extravasava a sua ira quando lutava comigo.

Eu sempre soube que ela tentou visitar o Dominic, mas a entrada dela nunca foi permitida e ela voltava para casa ainda mais quebrada. Por causa dessas profundas feridas, ela se revestiu com uma casca de gelo e inquebrável. Isso durou ao longo dos anos, até ela começar a se envolver novamente com o Dominic. Algo que eu repudiei, mas eu acabei dando o braço a torcer quando percebi que ele cuidava dela muito melhor que qualquer pessoa já cuidou. Os amigos dele estavam se tornando a família dela e o Oliver um irmão para ela. Isso me deixou enciumado.

— Está com dor? — Questiono-a acelerado o meu carro.

— Dor na alma, serve?! Eu sei que vamos ficar livres do James por algum tempo, mas o Dom vai ficar aqui, na mira dele.

— Dominic não vai sofrer nada. Dylan tem aliados na segurança do James e vamos ficar sabendo de tudo. Passos, falas e planos.

— Assim espero, Eduard.

— Sempre iremos ficar sabendo de tudo. — Garanto a fazendo assentir.

— Eu vou sentir muita falta aqui. — Ela comenta chorosa.

Eu prefiro me manter calado e contínuo a prestar atenção no caminho que nos leva até o Dylan. Ele está nos esperando numa garagem subterrânea, pois vamos trocar a placa do meu carro e seguir viagem sei lá para onde. Os rastreadores que continham no meu carro — sim, era mais de um — foram retirados e eu sei que o nosso pai não vai nos achar tão cedo. Assim que entro no local combinado já avisto o Allen perto de uma pilastra, ele acena para mim e eu estaciono o meu carro. Desço, bato o meu punho contra o dele e trocamos a placa do meu carro rapidamente. Vamos usar uma falsa até chegarmos em nosso esconderijo, pois não irei usar o meu carro lá até estarmos seguros o suficiente.

— Como ela está? — Dylan pergunta em relação a minha irmã.

— Mal.

— Vai ser bem difícil nesse início, mas vamos conseguir.

— Vamos para aonde? — Questiono ao encostar no capô do meu carro.

— Solvang. A família da Alana mora lá e é um lugar bem seguro.

— Essa merda vai dar certo?

— Por que não daria? James não sabe de nada em relação a Alana, e mesmo que ele fique sabendo, vai encontrar eu e ela, além da família.

— E eu e a Emily?

— Vão mudar de nome... — Ele informa me entregando identidades novas e eu nem dou muito atenção. —, e vão ter que mudar fisicamente. Cortar cabelo, mudar de cor, qualquer coisa e não sair muito nas ruas.

— Vai ser um saco! — Exclamo indo em direção aonde a Emily está.

Ela abaixa o vidro do carro, acena para o Dylan e os seus olhos pequenos de tanto choro, encontram o meu olhar. É doloroso ver a dor através dos olhos dela, eu vejo isso nos meus olhos sempre que eu me vejo no espelho, mas jamais quis ver isso na minha irmã.

— Já vamos? Eu queria comer alguma coisa, estou com fome. — Ela me informa.

— Não podemos passar em nenhum lugar, Emily. Existem câmeras em supermercados e qualquer outro lugar.

— Tudo bem. — Ela concorda após suspirar.

— Vai para o banco de trás dormir um pouco durante o caminho.

— Vamos para aonde?

— Solvang.

Emily acena com a cabeça, passa por entre os bancos frontais e se deita no banco traseiro. Dylan se senta no banco do motorista, eu no banco ao lado e respiro fundo. Uma nova vida irá começar a partir de hoje e eu estou disposto a me tornar um homem melhor. Não quero mais ser aquele Eduard que eu era até hoje mais cedo.

— Você tem algo para comer, Allen? — Minha irmã o questiona.

— Tenho. — Dylan responde mexendo em sua mochila e entrega um pacote de batata chips para ela. — Tem algumas bobagens aqui dentro, pois não vamos poder parar em lugar algum.

— Nunca quis tanto comer, como agora. Estou morrendo de fome!

— Você tinha jantado com os Turner, Emily. — A lembro.

— Os Turner... — Ela sussurra e volta a chorar.

Dylan me encara com o cenho franzido, eu dou de ombros e deito a minha cabeça na janela do meu carro. Fecho os meus olhos enquanto sinto o carro se movimentar indo rumo a algum lugar, mas para bem longe do James. Quero pensar e tentar me convencer que tudo vai dar certo. O nosso pai não vai nos encontrar, nada ruim vai acontecer com as pessoas que vão ficar aqui em Los Angeles e em breve vamos voltar, pois o nosso pai já não será mais um problema.

Ouçõ os soluços da minha irmã, balanço a cabeça para os lados e ligo o rádio do meu carro. Eu não sei como é essa dor que ela está sentindo, eu nunca tive alguém em minha vida, me refiro a esse tipo de como a minha irmã é com o Dominic. Eu não sou um puro... santo, ou qualquer outra coisa do tipo, eu já tive mulheres – muitas – em minha vida, mas nenhuma com grande importância e acho difícil que alguma mulher consiga mexer profundamente comigo. Olho para trás, observo por poucos segundos a minha irmã dormindo com o rosto molhado e suspiro.

— Ela está mal. — Dylan comenta num sussurro, chamando a minha atenção.

— E isso está me deixando louco. Não sei o que fazer e a dor dela, me rasga ao meio.

— Vai demorar passar, pois a cada dia a falta vai se tornar maior.

— É foda! — Exclamo alto e me soco internamente quando percebo que acordei a Emily. — Me desculpe. Volte a dormir.

Ela mania a cabeça para os lados, ajeita o travesseiro embaixo da cabeça e boceja. Além de seu rosto está coberto por lágrimas, os hematomas das agressões são bem visíveis e nada vai conseguir anular a dor que é transmitida pelos seus olhos. Meu rosto também está com hematomas, por causa da minha luta com o Dominic ontem à noite e o meu corpo está dolorido.

— Ed... — Franço o meu cenho ao ouvir ela me chamar pelo apelido e eu a olho. —, você está bem?

Fazia muitos anos que não nos tratávamos com carinho, me refiro a essa forma, um chamando o outro com apelidos.

— Bem melhor que você, isso eu posso te afirmar. — Ironizo e recebo um olhar gélido. — Vamos ficar bem, Emily.

— Que assim seja. — Ela deseja e volta a fechar os olhos. — E eu só quero que você saiba que, eu te perdoo por tudo.

Fico sem saber o que falar, fecho os meus olhos com força e viro o meu rosto para a janela do meu carro. Eu não vou chorar! Não chorei quando eu quebrei o meu braço pela primeira vez, nem quando levei a primeira surra do meu pai e muito menos, quando levei uma facada na minha perna. Também não chorei quando a minha mãe morreu e muito menos quando passei por sessões de torturas. Transformei o meu choro em ira e descontei lutando ou torturando outras pessoas. O perdão da minha irmã é muito importante para mim, eu sentia vontade de pedir perdão, mas eu estava esperando o momento certo para isso.

— Por mais filho da puta que eu seja, ela consegue me perdoar.

— O mal de vocês era o James. — Dylan me lembra.

— Ele era tóxico, conseguiu nos apodrecer.

— Tudo isso vai mudar a partir de hoje, é só confiar e fazer acontecer.

— Falando parece ser fácil demais. — Debocho.

Dylan me olha com a cara de poucos amigos, acelera o carro quando entramos na rodovia e eu relaxo no banco. Eu não quero acreditar que essa nova vida será fácil, prefiro não criar esperanças sobre isso e nem nada parecido, pois se acontecer ao contrário, eu vou ficar muito puto e vou querer descontar a minha raiva. Nem conheço essa tal cidade para aonde estamos indo, só espero que o Dylan esteja certo em que lá vai dar tudo certo. Eu vou proteger a minha irmã com todas as minhas forças e como eu nunca protegi. Vou tentar ser o irmão que eu nunca fui, vou tentar ser o melhor.

Por mais que a Emily tenha se afastado dos amigos do Turner, eu vi que ela ainda era muito querida por todos e tratada com muito respeito, algo que ela nunca teve dentro da mansão Lewis, a não ser pela Margareth. Porra! A minha mãe tinha um amante e esse homem era justamente o Brown. Não tenho a menor ideia de quando começou, mas só sei que ele teve muita cara de pau. Ele encontrava a gente – eu e a Emily – no *Fight* e me cumprimentava normalmente, mas ele não falava com a Emily, não sei o porquê. De início, quando eu descobri o caso da minha irmã com o Dominic, eu pensei que o Jensen estava com ciúmes, pois ele que queria ficar com ela, mas na verdade ele estava com outra Lewis. Margareth tinha idade para ser mãe dele, já que ele é só, três anos mais velho que eu. Eu acho que a minha mãe quis viver uma aventura, sabendo a consequência do final e uma fuga da vida chata que ela levava.

— Às vezes parece inacreditável que o Brown era amante da minha mãe.

— Ela foi se aventurar. — Allen ironiza. — Não consigo entender o porquê da escolha dela, mas eu tenho certeza de que ela não agiu por impulso.

— Você trabalha lá em casa desde que a minha mãe era viva e era segurança dela. — Comento pensativo. — Você viu algo ou sempre soube de algo?

— Não. — Ele nega de imediato.

— Dylan. — Meu tom é autoritário e ele ri.

— Nem me venha com essa, Lewis. Você não é o mais patrão e nem eu sou o seu segurança ou o da Emily, então não venha querer mandar em mim ou exigir algo. Se eu disse que não, é não, cara.

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara! — Exclamo irritado.

— Não estou. Eu vou ajudar vocês a se livrarem daquele babaca, mas acha que eu também não estou na mira? — Ele questiona irritado. — Estou colocando em risco a minha família e a família da Alana, que não tem nada a ver com essa merda toda. Então, não venha se achar que é melhor que eu ou da minha família, pois não é. Vamos nos respeitar e ajudar um ao outro, senão, essa fuga não dará certo.

Pela primeira vez, eu fico sem saber o que dizer a ele e então apenas aceno com a cabeça. Mordo o interior da minha bochecha e fico remoendo as

palavras do Dylan. Infelizmente tenho que concordar com ele, não é somente a minha vida e a vida da minha irmã que estão na mira do James. Olho para trás, por cima do meu ombro e estico a minha mão na direção da Emily. Toco em seu braço, a sinto um pouco gelada e então coloco a minha blusa de frio em cima do seu corpo. Ela é muito importante para mim, mesmo que eu tenha errado e nunca demonstrado isso, mas de hoje em diante, eu estou disposto a mudar por ela. Vou ser melhor por ela e para ela.

[...]

Desço do carro, alongo o meu corpo e olho para o céu estrelado sob a minha cabeça, ainda não chegamos em nosso destino e acabamos de fazer uma parada em Santa Bárbara, pois a Emily acordou um pouco mal e pediu para descer do carro. Levo o meu olhar para o mar revolto a minha frente e sinto vontade de pular nessa imensidão de água, para deixá-la me levar. Balanço a cabeça para os lados, ando na direção da Emily quando ela se senta na areia e me sento ao seu lado. O seu olhar continua perdido, sua mente longe e eu não sei o que posso fazer para ajudá-la. Emily já não chora mais, só que também não conversa e muito menos faz contato visual.

— Você está melhor? — Pergunto chamando a sua atenção.

— Estou. — Ela afirma.

— Quer alguma coisa?

— Uma vida normal. — Ela responde irônica. — Estou tão... ruim. Sei lá, parece que tem algo me sugando.

— Como o Dylan disse, isso logo vai melhorar e vamos ficar bem, Emily.

Minha irmã me direciona um pequeno sorriso, mas é tão desanimador quanto o final do filme vende-se está casa. Reviro os olhos, ela dá um tapa em meu braço e em seguida deita a cabeça no meu ombro. Olho para trás por cima do meu ombro, vejo o Dylan encostado no capô do meu carro e eu decido que devemos ir embora logo. O quão mais cedo a gente estiver em Solvang, melhor. A ajuda se levantar, ela entrelaça o seu braço no meu e andamos em direção ao meu carro. Emily volta a deitar no banco de trás, paro na frente do Dylan e o observo por longos segundos. Durante o trajeto até aqui eu pensei no risco que eu estou o colocando, e não é justo.

— Ela está melhor? — Dylan pergunta sobre a Emily.

— Está. — Respondo. — Não é justo colocar você e sua família em risco...

— Eu vou ajudar vocês, Eduard. Já avisei e estou ciente dos riscos.

— Tem certeza?

— Absoluta! — Ele exclama. — Eu vou ajudar até aonde eu puder.

— Eu serei eternamente grato a você, se nada acontecer com a minha irmã.

Dylan e eu trocamos um forte aperto de mão, voltamos para o carro e ele continua a dirigir para o nosso destino. Olho para o banco de trás, a Emily já voltou a dormir tranquilamente e o seu celular vibra freneticamente no chão do carro. O pego e o desligo quando vejo que é uma ligação do Dominic. Se os dois conversarem e ficarem mantendo contato sempre, vão sofrer ainda mais. Eu vi o quanto Dominic estava sofrendo também, eu vi em seus olhos o quanto ele ama a minha irmã, mas vai querer o bem dela em primeiro lugar.

— Era o Dom? — Dylan questiona num tom baixo.

— Sim. Turner sabe que é melhor essa separação.

— Eles merecem um romance tranquilo e uma vida em paz quando tudo isso acabar. Cara, eles já foram muito prejudicados.

— Eles se amam e por mais que eu não goste de confessar isso, o Dominic faz bem para a Emily.

— Demorou um pouco para ver isso. — Dylan debocha.

Só porque estamos fugindo, Dylan acha que pode abrir a sua caixa de deboches, ironias e desaforos contra mim. É um grande babaca. Lhe mostro o dedo do meio, ele manea a cabeça para os lados com um sorriso cínico nos lábios e eu tenho vontade de dar pelo menos um soco bem no meio de sua boca, mas eu não controlo. Precisamos do Dylan e por ele ser tão debochado, justamente comigo, eu tenho que ter paciência, algo que eu não costumo ter. Eu sei que tenho que melhorar a minha personalidade, ser uma pessoa melhor, mas isso não quer dizer que eu vou ser trouxa e deixar ser pisoteado. Muito pelo contrário, eu vou continuar sendo aquele que prefere atirar primeiro e depois perguntar, a que levar um tiro.

— E os exames que a Emily fez?

— Ela vai conseguir ver pela internet, mas eu achei bem desnecessário ela fazer exames. A médica teve suspeita sei lá do que, e vai ver que a Emily está bem. Ela só está exausta de tudo.

— Se a médica pediu tais exames é porque tem suspeitas certas.

— Quais? Emily está bem de saúde e vai ficar bem desses machucados em breve.

Dylan dá de ombros e volta a ficar quieto enquanto continua a dirigir para o nosso destino. Deito o banco onde estou sentado, coloco o meu braço esquerdo em cima dos meus olhos e relaxo o meu corpo. Só espero que as provocações do Dylan parem, que Emily não passei mal e que o restante de viagem seja rápido.

[...]

Ouçõ a porta ser fechada, olho para trás e observo o Dylan colocar as últimas duas malas no chão. Assim que chegamos aqui em Solvang, viemos para esse apartamento aonde Dylan já tinha alugado para nós. Ele vai morar numa casa a algumas ruas daqui e ele já me deu um pequeno mapa das ruas ao nosso redor. O que ainda precisamos fazer é mudar a nossa aparência, arrumar as coisas nesse minúsculo apartamento e tentar nos adaptar. Aqui é uma pequena sala, cozinha do mesmo tamanho e um pequeno corredor, aonde tem duas portas, uma a do único quarto e outra do banheiro. Ainda é bem cedo, nem amanheceu direito e Emily aparece na minha frente após sair do quarto, um bico está em seus lábios e sua pele um pouco pálida.

— Por dois dias, não usem seus celulares, mesmo que eles sejam novos, mas vocês continuam com o mesmo número e não usem a internet. Não sabemos todos os jeitos mirabolantes que James pode rastrear vocês. — Dylan nos pede.

— Acho que consigo isso por dois dias. — Emily murmura.

— Vamos ter que nos acostumar com esse cubículo, chamando de apartamento.

— É pequeno, mas é discreto e vocês sempre irão passar despercebidos. — Dylan informa. — Não vou vir aqui sempre, pois devemos ser discretos, mas me liguem quando precisarem. Vou estar atento a tudo, vou também fazer algumas rondas discretas pelas ruas ao redor e informá-los quando eu receber notícias de Los Angeles.

— Fala mais uma vez: Discretos. — Emily debocha. — Eu agradeço muito para sua ajuda, Dylan. Sem você, estaríamos perdidos.

— Não precisa agradecer, Emily. Eu vou ajudá-los no que eu puder.

Emily sorri fraco com os olhos marejados, vai até o sofá e se senta. Por nossa sorte, é um apartamento mobilado e estava limpo. Não sei como Dylan conseguiu esse lugar tão rápido para nós e está com várias estratégias para nos ajudar, além de nos manter seguros.

Deixo as malas no canto da sala, vou até a janela da sala e observo a rua por uma pequena fresta da cortina. A rua é deserta, iluminada e tudo muito silêncio. Agora é que a verdade está batendo na minha cara, a nova vida começou. Vou ter que procurar um emprego, já que não podemos ficar movimentando as nossas contas, mas antes de eu pegar a Emily no apartamento do Turner, passei num banco e retirei uma boa quantia para vivermos tranquilamente por algum tempo.

— Vamos arrumar isso tudo logo, pois quero esquecer um pouco tudo isso que aconteceu. — Emily pede.

— Eu os ajudo. — Dylan se disponibiliza a ajudar.

Minha irmã sai arrastando uma de suas malas em direção ao quarto, Dylan leva as demais e eu enfim fico sozinho. Meus olhos estão doendo por causa das lágrimas presas, meu peito sufocado de tanta dor na alma e o meu corpo fica ainda mais dolorido. Quantas vezes eu me neguei a chorar nesses últimos oito anos? Quantas vezes eu me fiz de forte mesmo que eu estivesse à beira do precipício? Milhares e vou continuar sendo, pois a minha irmã precisa de mim. Ela não vai conseguir continuar com aquela casca fria que a revestia, muitas coisas vão mudar nos próximos meses e principalmente a minha irmã irá mudar. Emily é uma mulher maravilhosa, cheia de luz e amor, mas a bomba tóxica chamada James Lewis, a afetou.

— Ed? — Ouço a Emily me chamar e eu esfrego as minhas mãos em meu rosto. — Dividi o guarda roupa de casal para nós, metade meu e metade seu.

— Faz o que você achar melhor. — Murmuro.

Não ouço nenhuma resposta de sua parte, passeio os meus olhos ao redor do ambiente e não a vejo. Respiro fundo, levanto-me do sofá e vou rumo ao quarto. Dylan está ajudando a Emily colocar o lençol na cama, vejo a minha mala aberta no chão e eu começo a colocar um pouco da minha roupa no espaço separado para mim. Coloco as camisetas dentro de três gavetas, cores separadas, deixo as calças penduradas nos cabides e os restantes das peças numa prateleira dentro do guarda-roupa. Na casa Lewis eu tinha um closet muito bem organizado, eu sou uma pessoa organizada, mas lá

eu tinha pessoas para fazer isso e aqui eu não vou ter. Deixo a outra mala de roupas no canto, pego a outra com produtos de higiene e levo para o banheiro. Coloco tudo dentro do pequeno armário, levanto o olhar e o fixo na imagem refletida do espelho.

— Quem eu vou ser a partir de hoje? — Questiono a mim mesmo. — Ou melhor, quem eu quero ser a partir de hoje?

Uma pessoa melhor? Sim, já disse um milhão de vezes, mas essa pergunta existe outra resposta a ser dita. Eu tenho que ser diferente de tudo que já aprendi, digo tudo que não deveria estar em mim. Tenho que ser um homem digno, trabalhador, honesto, responsável e aprender amar aqueles que devem ser amados. Isso se encaixa somente a minha irmã, nesse momento e sei que isso será por um bom tempo. Afasto os meus pensamentos quando Dylan bate na porta chamando a minha atenção, avisa que está indo embora e eu o agradeço.

Ele apenas acena com a cabeça e vai na direção da Emily, quando ela o chama. Retiro a camiseta do meu corpo, a deixo em cima da pia e apoio as mãos em cima dela. Minha mente viaja para bem longe e para anos atrás. Na noite do assassinato da minha mãe eu tinha contado para o meu pai das minhas suspeitas do romance entre a Emily com o Dominic. James achou bem estranha a minha informação, mas acreditou em mim e disse que ia chamar o Dominic para conversar no final da noite. No segundo seguinte eu vi o casal tendo uma conversa, quase grudados e com aquele olhar de desejo. Eu não queria a minha irmã com o Turner, sabia que se ela embarcasse num romance eu ia ficar sozinho.

Por mais que eu seja homem, nasci cinco minutos antes da Emily, eu sempre precisei dela comigo e a ideia de ela ir embora para ficar com o Dominic, me cegou. Eu queria um longe do outro e já estava disposto a causar uma traição naquele relacionamento, mas não foi preciso. Assim que o meu pai conversou com o Dominic, que foi bem mentiroso sobre sua relação com a minha irmã, eu contei a minha ideia para o meu pai, mas ele dispensou na hora e disse que eles logo se afastariam. De início eu não acreditei, mas preferi deixar quieto. Depois eu busquei a minha irmã no antigo apartamento do Turner, a levei para casa contra o gosto dela e cada um foi para o seu quarto normalmente, após abraçarmos a nossa mãe.

Aquela foi a última vez que eu a vi, abracei e ouvi as suas palavras: "E. E. A. V." e eu as tenho tatuadas em minha costela direita. Naquela noite, eu

não conseguia dormir, fui para o porão da casa e fiquei me exercitando até o sol nascer novamente. E quando esse bendito sol nasceu, a notícia do assassinato chegou. Meu pai nos informou como se fosse uma coisa normal, eu percebi algo de estranho nele e eu estava certo.

As suas palavras foram exatamente essas: "A mãe de vocês foi encontrada morta e a arma do crime tem as digitais do Dominic Turner". Minha irmã foi ao chão com o baque da notícia, ficou estirada no meio do hall de entrada da casa e eu fiquei encarando o meu pai. Eu não estava acreditando naquela notícia, minha mãe tinha sido assassinada no local que eu estive há poucas horas e o meu pai estava muito tranquilo. Eu questionei a sua postura e ele informou que estava dopado de calmantes.

— Você está estranho. — A voz da minha irmã me desperta e eu a vejo parada na porta do banheiro. — O que está acontecendo?

— Nada, Emily. Eu apenas estou cansado de tudo e preocupado com essa nova etapa.

— E se ele nos encontrar? — Ela questiona temerosa.

— Eu vou te proteger, nem que custe a minha vida. — Informo com os meus olhos fixos nos dela. — Vou tomar um banho e vou dormir em seguida.

— Temos que separar a cama, é duas boxes de solteiro, mas elas estão juntas formando uma de casal.

— Eu já faço isso.

Ela concorda e me olha intrigada por longos segundos antes de sair do banheiro. Eu fecho a porta, deixo o meu sapato embaixo da pia e retiro o restante da minha roupa. Vou para o box, encaro o chuveiro por longos segundos e o ligo, deixando a água morna cair. Quando você nasce e cresce na mordomia, faz falta quando a sua vida muda radicalmente. Não estou reclamando daqui, apenas citando a pequena falta que tudo irá fazer. Precisamos fazer tantas coisas, mas a vontade não existe.

Estou naquele estágio aonde estamos cansados de carregar o mundo nas costas e queremos apenas uma vida tranquila. Quero viver a paz que não pude viver enquanto convivia com o James. Enfio os dedos em meu cabelo e esfrego tentando tirar tudo de ruim da minha mente, mas eu sei que essa tentativa é em vão. Desligo o chuveiro, enrolo a toalha na minha cintura após me secar e saio do banheiro. Paro no meio do corredor para observar a minha irmã e acabo sorrindo orgulhoso. Ela está deitada no sofá comendo alguma bobagem que Dylan a ofereceu e com o pensamento longe. Eu tenho muito

orgulho da mulher que ela se tornou, forte, determinada, centrada e não perdeu o doce natural de sua alma.

— Quer qual lado do quarto para dormir? — Questiono chamando a sua atenção.

— Direito e deixa a minha cama no canto.

— Tá. — Concorde. — Você vai tomar banho?

— *Hum...* eu acho que vou dormir direto. Tomei banho antes de sairmos do apartamento do Dom.

Fico surpreso ao ela citar o Turner e não chorar, mas resolvo não comentar para que ela não comece a chorar. Vou rumo ao quarto, separo as camas, deixando cada uma num canto e abro o guarda-roupa. Pego um short de pano cinza, o visto após colocar a cueca e me jogo na cama. Mais uma coisa que eu vou ter que me acostumar, Emily terá que fazer a mesma coisa; dormir numa cama de solteiro e não mais naquela cama gigante que tínhamos. Ouço a Emily entrar no quarto, contínuo deitado de barriga para baixo e com o rosto virado para a parede. Sinto o seu olhar queimar em minhas costas e eu jogo o cobertor em cima do meu corpo. Eu sei o que ela estava olhando e não gosto disso.

Eu já fui muito machucado, pelo meu pai principalmente e tenho marcas em meu corpo. Ele batia na Emily, já chegou a espancá-la e comigo ele fez as mesmas coisas, só que dez vezes pior. Ele testava as suas novas técnicas de torturas em mim, antes de fazer nos homens que ele prendia no galpão e em cada vez que ele fazia isso, deixava marcas em meu corpo. Minhas costas e tronco são os dois lugares mais marcados. Eu pensei em tatuar tudo, mas vi que não deveria, pois as marcas me fazem lembrar de tudo o que eu passei e servem como uma lição de vida, mas isso não quer dizer que eu não tatuei algumas.

Tenho uma árvore de galhos secos no interior do meu braço, pois ali tenho uma cicatriz de corte. Essa foi adquirida numa briga que eu perdi feio, foi suturada e quando eu cheguei em casa meu pai já sabia o que aconteceu e a abriu novamente, ou melhor, ele a abriu por diversas vezes em longo de três meses, me fazendo quase perder o braço e felizmente isso não aconteceu, mas deixou uma cicatriz feia. Tenho uma cobra que começa em meu ombro esquerdo, passa pelas minhas costas e termina perto da minha virilha. Nesses lugares tenho marcas de chicote e odeio lembrar de todas as vezes que o meu pai me chicoteou.

Tenho um lobo na minha perna, aonde a faca adentrou em minha pele naquela minha briga com a Emily, eu já tinha essa tatuagem antes mesmo dessa briga, mas a sombreei quando uma pequena cicatriz surgiu após essa briga. Tenho uma bússola junto com uma caveira dentro do meu braço direito para esconder uma queimadura, causada pelo meu pai. Tenho também um fantoche pendurada por algumas cordas e uma pequena tesoura em minha costela esquerda. Essa tatuagem tem um significado diferente e tem tudo a ver com esse novo momento na minha vida. Não serei mais um fantoche nas mãos do meu pai, agora eu sou livre e dono de mim mesmo.

— Odeio essas marcas visíveis em suas costas. — Emily resmunga.

— As pessoas possuem cicatrizes. Em todos os tipos de lugares inesperados. Como mapas secretos de suas histórias pessoais. Diagramas de suas velhas feridas. A maioria de nossas feridas podem sarar, deixando nada além de uma cicatriz, mas algumas não curam. Algumas feridas podemos carregar conosco a todos os lugares, e embora o corte já não esteja mais presente há muito, a dor ainda permanece... o que é pior, novas feridas que são horivelmente dolorosas ou velhas feridas que deviam ter sarado anos atrás, mas nunca o fizeram? Talvez velhas feridas nos ensinem algo. Elas nos lembram onde estivemos e o que superamos. Nos ensinam lições sobre o que evitar no futuro. É como gostamos de pensar. Mas não é o que acontece, é? Algumas coisas nós apenas temos que aprender de novo, e de novo, e de novo.

— Tinha que citar Grey's Anatomy, não é? — Ela questiona debochada.

Dou de ombros, fecho os meus olhos e continuo a ouvindo se movimentar pelo quarto. Emily já me parece mais tranquila, espero que ela fique bem e não depressiva. Não sei quando vamos voltar para Los Angeles, só sei que só vamos voltar quando James não for mais um perigo. FRANZO o meu cenho ao ouvir a minha irmã derrubar algumas coisas no chão e principalmente a sua mala. Me sento na cama, cruzo os meus braços em frente ao corpo e a encaro.

— O que você está procurando?

— O meu celular.

— Está comigo... — Ela me encara irritada e estica a mão em minha direção. —, e vai ficar comigo até quando for necessário.

— Eu só quero avisar o Dom...

— Não, Emily!

Ela enfia os dedos em seu cabelo e puxa alguns fios. Isso me faz lembrar das identidades falsas, pulo para fora da cama e vou rumo ao banheiro. Pego a roupa que eu deixei jogada por aqui, pego as duas identidades dentro do bolso da minha calça e as analiso. A Emily da foto tem o cabelo curto, acima dos ombros, e a cor está diferente, não sei explicar que cor é essa, parece vermelho, mas eu não tenho certeza. Olho para a minha foto e reviro os olhos. Meu cabelo está ralo e estou sem barba.

— Obrigado, Dylan. — Debocho e coloco a cabeça para fora do banheiro. — Emily, vem aqui.

Em poucos segundos ela aparece em meu campo de visão, franze o cenho e vem em minha direção. Lhe entrego a identidade, ela analisa e fica séria.

— Eu vou ter que cortar o meu cabelo? Ah, não!

— Emily...

— Não! Eu amo o meu cabelo assim.

— Por favor, Emily. — Peço. — Eu também não gosto dessas aparências, mas temos que fazer pela nossa segurança. Não podemos ficar andando por aí normalmente.

— Então, você não vai poder andar por aí mostrando as suas tatuagens.

— Eu sei. — Bufo. — Amanhã você vê esse negócio da mudança do seu cabelo.

Emily aperta a identidade em suas mãos e volta para o quarto. Abro o armário do banheiro, pego o kit de barbeador e a máquina de cabelo. Deixo em cima da pia, olho no espelho pela última vez e respeito fundo. Se for para começar uma nova vida, que seja para ter um novo estilo. Pego a espuma de barbear, passo em meu maxilar e buço. Pego o aparelho, passo levemente sobre a minha pele e esse é o início do processo para o novo Eduard surgir. Não tenho medo de me cortar e não tenho receio ao ver sangue. Controlo-me para não pensar no passado, nem em coisas ruins e foco no agora. Depois da barba, virá a mudança no cabelo e eu estou começando a me animar com essa vida, recém começada.

[...]

— Droga, Eduard Lewis! — Emily exclama ao me ver pela manhã.

— O que foi? — A questiono, me sentando na mesa.

— Você está... muito diferente. — Ela murmura.

Apenas dou de ombros e respiro fundo. De madrugada, quando eu acabei a minha mudança no visual, eu fui para o quarto e a Emily já estava dormindo, então, ela não viu a minha aparência. Talvez a minha atitude da mudança, a ajude na decisão dela. Apoio o meu queixo em meus punhos e observo a Emily usar a cafeteira. Seu cenho está franzido, lábio inferior entre os dentes e ela bate o dedo indicador freneticamente em cima do balcão da pia.

— O que está te incomodando? — Questiono, chamando a sua atenção.

— A decisão da mudança do meu cabelo. — Emily resmunga sem olhar para mim.

— Por que eu sinto que não é só isso?

— Ainda estou preocupada com tudo. — Ela informa ao olhar para mim.

— Vai ficar tudo bem.

— Você não está tentando me convencer com essas palavras e sim, a você mesmo.

Talvez ela esteja certa... *fodidamente* certa como sempre. Maneio a cabeça para os lados, ela sorri debochada dando de ombros e volta a sua atenção para a cafeteira. Me lembro de uma parte importante em minha mala e volto para o quarto. Coloco a minha mala em cima da cama, abro-a e as minhas mãos vão até o compartimento especial. Eu trouxe algumas armas em minha mala, na da Emily também coloquei algumas e o Dylan tem outras. Isso tudo é para a nossa proteção e não sabemos quando vamos precisar usar.

Pego três revólveres e saio do quarto. Deixo um embaixo da pia do banheiro, outro atrás da televisão na sala e o último embaixo da mesa, mas antes que eu possa retirar a minha mão dele, a campainha toca e a Emily me olha alarmada. Lhe entrego o revólver, mando ela ficar na cozinha e vou abrir a porta. Meu coração parece que vai sair do peito de tanto que bate acelerado. Seguro na maçaneta após destrancar e retirar a corrente de segurança. Puxo a porta em minha direção, abrindo uma pequena fresta e me assusto quando um leve baque se choca contra ela.

— Sou eu, Eduard. Estou com a Alana. — Dylan informa.

— Merda! Avisa antes de aparecer assim do nada. — Resmungo abrindo a porta.

Dylan passa por mim segurando duas sacolas, sua mulher passa logo atrás segurando um bebê e eu a analiso por poucos segundos. Cabelo comprido na cor loura, pele branca e olhos verdes. Seu corpo é esguio, mas ela não é tão alta como Dylan, eu e nem como a Emily. O bebê está dormindo envolto a uma manta rosa e tem pouquíssimo cabelo preto. Eles vão na direção da cozinha, eu fecho a porta e os sigo. Volto a me sentar na mesa e observo o Dylan apresentar a namorada a minha irmã. Talvez com a presença da Alana, minha irmã não se sinta tão sozinha. Emily pede desculpas por ainda estar segurando a arma, me entrega e eu a coloco embaixo da mesa. Dylan observa a rua lá embaixo pela pequena janela da cozinha e logo se senta à mesa também. Emily serve uma xicara de café para cada um de nós e eu franzo o meu cenho ao ver o líquido muito claro.

— Já conseguiram se instalar? — Dylan nos pergunta.

— Um pouco. Temos que nos acostumar com a vida monótona. — Emily murmura e se vira para a Alana. — Você é daqui?

— Não. Meus pais que moram aqui há algum tempo. — Alana responde. — Logo vocês se acostumam.

— O problema não é acostumar-se e sim conseguir viver, além de fazer coisas que nunca fizemos.

— Com certeza você nunca fez um café em sua vida. — Dylan informa após experimentar o líquido em sua xicara. — Você experimentou isso, Emily?

— Está ruim? — Minha irmã questiona.

— Extremamente ruim. — Dylan responde.

Balanço a cabeça para os lados ao segurar o riso, Emily resmunga algo e joga o café fora. Alana se prontifica a ensiná-la a fazer tudo que a minha irmã não sabe e a Emily concorda. Bato os meus dedos em cima da mesa, Dylan retira algumas guloseimas de dentro da sacola e as colocam em cima da mesa. Emily terá uma vida que nunca imaginou, eu também e terei que fazer algo que eu nunca pensei em fazer: Trabalhar. Eu não vou aceitar que a minha irmã trabalhe, mas eu sei que ela não vai se contentar a ficar em casa sem fazer nada. Na mansão Lewis, tínhamos diversas coisas para fazer, nadar na enorme piscina, praticar exercícios... ou simplesmente sair livre para ir em algum lugar. Logo o novo café fica pronto, Alana serve a todos e se senta conosco na mesa. Emily se senta ao meu lado, apoia o queixo na mão e suspira.

— Acho que vou fazer a mudança no meu cabelo hoje. — Minha irmã informa.

— Que bom que decidiu logo, Emily. É uma segurança para você. — Dylan a lembra.

— Eu sei. — Ela murmura e olha para mim. — Até que você não ficou tão mal.

— Eu sei.

Ela revira os olhos e começa a comer. Dylan acena com a cabeça para mim e eu o sigo em direção a sala de estar. Ele se senta no braço do sofá, cruza os braços em frente ao corpo e eu me encosto na parede perto da janela. Está um calor dos infernos hoje e esse apartamento não tem um ar condicionado descente para nos refrescar.

— Está tudo bem por aqui?

— Você está vendo algo ruim por aqui? — Questiono.

— Tirando o café da Emily, a cara de vocês.

— Não é fácil se acostumar assim, em poucas horas. Tenho que lidar com muitas coisas.

— Cara, vocês podem contar comigo e com a Alana. — Ele me lembra e olho para a janela. — Tive notícias de Los Angeles.

— O que?

— James nem se importou com o sumiço de vocês, ele sabe que vocês fugiram, mas nem quer saber de vocês, pois ele está mais preocupado com a pose de bom governador.

— Só isso que você sabe?

— Sim. O que mais você quer saber?

Volto a encará-lo e arqueio uma sobrancelha.

— Se é verdade em ele não querer saber da gente ou é apenas fachada.

— Eu não sei, Eduard. Eu só sei que ele não tem a menor ideia aonde estamos e nem tem a vontade de nos procurar.

— Eu só espero que seja isso mesmo. — Murmuro antes de suspirar. — Preciso arrumar um emprego, não posso arriscar ficar usando o dinheiro que temos. Não sei o que pode acontecer amanhã ou depois.

— Vou ver o que eu consigo para você. — Ele informa. — E a Emily?

— Ela não vai trabalhar, a quero segura, aqui dentro.

— Pode matar essa ideia de deixá-la trancada aqui, você a conhece e sabe que ela odeia.

— Ela vai ter que aceitar e pronto.

— Boa sorte com a sua irmã, então.

Dylan bate em meu ombro e volta para a cozinha. Eu sei que a minha irmã vai odiar a minha decisão, mas vai ter que aceitar, pelo menos por enquanto. Bato as minhas mãos uma na outra, pego o revólver que estava escondido aqui na sala e a coloco no cós da minha calça. Saio do apartamento sem avisar ninguém, desço pelas escadas e paro de repente. Eu estou precisando esfriar a cabeça, mas não posso simplesmente querer andar pelas ruas dessa cidadezinha. Subo as escadas novamente até o quinto andar, vou rumo ao apartamento e entro. Emily está parada na porta entre a sala e a cozinha, com os braços cruzados em frente ao corpo e com a expressão séria. Ela está puta!

— Você simplesmente ficou louco? Quer sair por aí e se expor para aquele babaca nos achar? Eu não sai à toa de Los Angeles, então é melhor você abaixar a sua bola e ficar nessa merda de apartamento, pois não é somente as nossas vidas que estão em risco!

— Emily...

— Emily, o caralho! Para de olhar somente para você.

— Me desculpe. — Peço, da forma mais sincera o possível.

Lágrimas começam a escorrer pelo seu rosto, eu fico sem saber o que fazer e o seu choro se torna mais compulsivo. Merda! Não queria fazê-la chorar. Ando em sua direção, a puxo para os meus braços e a abraço sem jeito. Eu quase fiz uma grande merda, mas ainda bem que eu percebi a bobagem. Percebo o Dylan com a Alana na cozinha, ele revira os olhos para mim e a sua namorada me direciona um sorriso amarelo, antes de chamar a atenção dele. Emily aperta os braços ao redor da minha cintura, deitada a cabeça em meu ombro e chora copiosamente. Esse choro não é apenas pela quase bobagem que eu fiz, tem muito mais envolvido e um desses motivos é Dominic Turner.

— Não faz mais isso. — Ela pede nunca sussurro. — Eu preciso de você, preciso de ajuda e de força. E não de pirraça.

— Me desculpe.

Beijo o topo de sua cabeça e não sinto vontade de largá-la. Minha irmã é uma menina tão especial, frágil por debaixo dessa armadura e que precisa de apoio. Seu emocional está abalado, suas emoções a flor da pele e a tristeza a deixa ainda mais vulnerável. E eu sou o seu único apoio nesse momento.

[...]

Já faz um dia que estamos aqui, Emily está um pouco melhor e animada com a aproximação da Alana. A minha irmã está aprendendo a lavar roupa, passar e cozinhar. Eu a ajudo nos serviços da casa como, lavar louça, arrumar a bagunça que fazemos e varrer o chão. A vida é monótona aqui, sem nenhum momento e nem interação. Dylan não veio aqui ainda hoje, ele me avisou que já fazer uma volta nas ruas próximas para ver se encontrava algo estranho e que à noite viria aqui.

Alana veio na parte da manhã e foi embora antes do almoço. Emily preparou o almoço, não estava tão ruim como esperado e depois foi lavar roupa. Eu fiquei com o serviço da casa, mesmo reclamando internamente. Ela não chorou mais, está mais calma e até cantarolando, ela estava hoje. Ouço os seus passos arrastados, ela logo entra no quarto e eu a olho. Seu cabelo já está curto, mas ela ainda não pintou. Ela coloca uma das mãos na cintura, enquanto a outra segura o celular, as suas pernas estão moldadas pela sua calça de ioga e sua camiseta vermelha está levemente molhada.

— Vê o meu exame, Eduard.

— Por quê? — Pergunto despreocupado.

— Porque eu quero saber quais eram as suspeitas da médica.

Ela se senta ao meu lado na cama, me entrega o celular e eu leio o exame. Como eu estava cursando medicina consigo entender o que o seu exame diz e quando eu entendo do que é o exame, olho seriamente para a Emily. Mais uma coisa séria para carregarmos nas costas e é uma coisa que não podemos mudar. Eu não tenho nem um motivo para ficar nervoso com o que está escrito no exame.

— Aqui está dizendo que você está grávida.

— O que? Não! Você leu isso errado!

Emily arranca o celular da minha mão, se senta em sua cama e coloca o rosto entre as mãos. Eu não estou surpreso, mesmo que eu não estava esperando isso, mas mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer. Tudo bem que isso está acontecendo num momento ruim, mas o que podemos fazer? Nada! Aborto não será uma opção para a Emily e mesmo que fosse, eu seria totalmente contra. Me sento na cama, me encosto na cabeceira e a olho. Lágrimas escorrem por suas bochechas, ela balança a cabeça de forma

negativa várias vezes e enfim volta a olhar para mim.

— Eduard... meu Deus! Um bebê?

— Sim, pelo menos um. — Debocho.

— Não fala esse tipo de coisa. — Ela pede chorosa. — Eu preciso ter a certeza disso, preciso fazer algum outro exame.

— Ultrassom.

Emily assente com a cabeça, olha mais uma vez para o celular em suas mãos e eu o pego. Eu sei exatamente o que se passou na mente dela e a resposta é não. Dominic não pode ficar sabendo, por enquanto, pois ainda é recente a nossa fuga e o James pode estar de olho nele. Hoje a Emily mandou uma mensagem para a Penélope avisando que chegamos bem e que eles não precisavam se preocuparem. Ela não disse a nossa localização e nem nada parecido. Não ficamos com os nossos celulares ligados por medo de sermos rastreados e se a Emily contar sobre a gravidez – que já é certeza, pois esse tipo de exame é confiável –, Dominic irá querer vir atrás dela e tudo por ir por lado abaixo.

— Você não vai avisar o Turner!

— Ele é o pai...

— Eu sei, Emily. — Suspiro. — Enquanto o nosso pai estiver atento a nós, mesmo que não mostre isso, estamos em perigo e o Dominic também. Com certeza James está o monitorando e se você contar, Turner virá atrás de nós.

— Eu não posso colocar ninguém em risco, mas também não posso esconder essa possível gravidez.

— Não existe possível gravidez, é uma gravidez real.

— Não até eu fazer um ultrassom ou qualquer outra coisa para ter cem por cento de certeza.

Emily me pede para chamar o Dylan e avisa que vai tomar banho para a gente sair. Desde que chegamos aqui, não saímos e pretendíamos ficar aqui até o final de semana, assim tudo estaria mais calmo, só que a Emily cismou de ir ao médico. Não vou pedir para o Dylan vir aqui, não é preciso essa pressa toda que a Emily está tendo. O resultado do exame é a confiável e ela tem que entender que essa vai mais uma mudança que vamos ter que nos acostumar. Um bebê no meio desse turbilhão todo, deve ser um sinal positivo que as coisas vão melhorar. Ouço a campainha tocar, saio da minha cama e vou em sua direção. Abro a porta, Dylan me cumprimenta e entra. Ele olha ao

redor para ver se estamos com algum problema, se senta no sofá e apoia os braços em seus joelhos.

— Temos uma novidade.

— Os papéis se inverteram hoje? — Ele debocha. — Diz qual é.

— Emily está grávida.

Dylan me encara surpreso e com a boca levemente aberta. Vai me dizer que ninguém esperava por essa? Poupe-me. Emily e Dominic sempre estavam juntos, e eu garanto que eles não ficavam trocando palavras. A ouço sair do banheiro, eu olho para trás por cima do meu ombro e ela entra no quarto. Não tem por que dela querer ir ao médico justo hoje, a consulta precisa ser marcada e ela precisa se acalmar antes de qualquer coisa.

— Ela quer contar para o Dom? — Dylan me pergunta.

— Quer, mas sabe que não pode. Só que ela ainda não acredita cem poder cento no resultado do exame e quer ir ao médico.

— Eu vou! — A ouço gritar do quarto.

— Emily, não é assim. A consulta precisa ser marcada com antecedência.

— Eu vou chegar lá desmaiada.

Fico espantado de sua frase enquanto o Dylan gargalha. Logo a Emily aparece na nossa frente já devidamente arrumada e com os olhos vermelhos de chorar. Eu entendo que ela quer uma confirmação maior que um resultado num exame, que tem quase cem por cento de confiança.

— Emily...

— Não vou mudar de ideia. Eu vou numa consulta marcada ou não, ainda hoje! E vou ver... se têm um bebê aqui.

— Eu entendo a sua pressa, Emily. — Dylan informa e vai na direção da minha irmã. — Mas você precisa agir com a cabeça fria e repensar em tudo que passou nesses dias, aí vê se tem algo que comprove a sua gestação.

— Ninguém vai comigo? — Ela questiona.

— Ninguém vai sair daqui, e isso inclui você!

Eu já perdi a paciência com ela e isso é difícil acontecer. Me levanto de onde estou sentado, seguro no braço da minha irmã e a obrigo se sentar no sofá. Ela está com os olhos arregalados em minha direção, mas continua séria. Emily não pode agir por impulso, como eu ia fazendo ontem.

— Você está grávida! Entenda de uma vez e a partir de hoje você tem que saber conviver com essa novidade. Você não vai sair daqui enquanto está

desse jeito, não vai aparecer numa consulta *não* marcada.

— Você não entende, Eduard...

— Não entendo o que? — Questiono. — Eu entendo muito bem o que está acontecendo, a única questão daqui é, o porquê de você querer essa confirmação, sendo que um exame comprova.

— Você vai se arriscar, é isso? — Dylan questiona de repente. — Não mesmo. James está quieto por enquanto, mas em algum momento ele irá nos caçar.

— Eu e o Dom...

— Dominic está bem e sabe se cuidar. James não vai se arriscar fazendo algo contra um grande lutador, que está tendo um grande reconhecimento. — Dylan informa.

— Eu não posso esconder a gravidez do...

— Não deveria, mas vai. Isso será para a segurança de todos. — Peço um pouco mais calmo. — O seu bebê depende de você, então você sabe muito bem o que pode não fazer.

Ela enfia as mãos em seu cabelo, fecha os olhos e fica em silêncio. Não somos mais duas pessoas em risco – tirando o Dylan e sua família –, agora somos quase três e eu vou fazer o possível para proteger eles. Dylan avisa que vai voltar mais tarde, bate no meu ombro e sai do apartamento. Vou até a cozinha, pego um copo com água e levo para a minha irmã. Ela bebe de uma vez e enfim olha para mim.

— Me ajuda na contagem das semanas. — Ela pede, mais calma.

— Eu não sou especialista, mas entendo um pouco.

— Não importa.

— Sua menstruação está atrasada? Se sim, já é o primeiro indício. Está tendo alguns sintomas estranhos? Você passou mal enquanto a gente vinha para cá.

Emily encara as mãos em seu colo, conta algo nos dedos e franze o cenho. Ela faz isso três vezes seguida e eu fico apenas a observando. Ela corre para o quarto, logo volta de lá segurando o celular e se senta novamente no sofá. Minha irmã ainda não teve grandes mudanças físicas, o seu corpo está um pouco mais cheio e seus seios maiores, não que eu fiquei reparando, mas ao analisar a situação toda, dá para perceber essas pequenas mudanças. Como não podemos usar do nosso plano de saúde, o dinheiro que eu trouxe pode muito bem nos ajudar nos próximos meses, claro que não vai dar para a

gestação inteira, mas pelo menos vai nos ajudar bastante no início.

— Exatamente, se for verdade, cinco semanas.

Cinco semanas... eu a bati, meu pai a bateu duas vezes e ela poderia ter perdido o bebê nas agressões do meu pai. Agora o meu arrependimento sobre ter dando um tapa em seu rosto se torna maior e por eu ter sido um fraco diante do meu pai, me atinge em cheio e eu sinto vontade de ser massacrado, apenas para sentir o triplo da dor que ela sentiu.

— O coração já bate. — Informo disfarçando a dor penetrante em meu peito.

— Se tiver um bebê aqui. — Ela ironiza ao colocar as mãos na barriga.
— Eu não quero, mesmo que tudo indique que sim.

— Por que não quer?

— Olha a nossa situação! Somos fugitivos do nosso próprio pai, ele pode aparecer aqui em qualquer minuto e acabar com a gente. Um bebê só torna tudo ainda mais perigoso, difícil, arriscado... e não temos dinheiro para arcar com os custos de uma vida a mais.

— Eu vou proteger você e ele, não importa mais nada além da segurança de vocês. Eu trouxe um alto valor conosco, um valor que eu tinha guardado em casa e tirei mais do banco, então temos um bom dinheiro para a sua gravidez. Eu vou arrumar um emprego e ser o responsável pela gente.

— Você está sendo um irmão incrível. — Ela sussurra com os olhos marejados.

Ando em sua direção, me ajoelho na sua frente e seguro em suas mãos. Emily me olha surpresa, pois não esperava essa atitude minha e aperta as nossas mãos.

— Eu nunca fui um bom irmão para você...

— Ed... — Ela tenta falar, mas eu a calo ao balançar a cabeça.

— Fui errado ao te bater, fui omissos ao deixar o James te bater e eu... me arrependo muito. — Fecho os olhos por alguns segundos e logo volto a olhar em seus olhos. — Me perdoa. Esse pedido é o mais sincero possível e é de coração.

— Eu sempre vou te perdoar.

— Então eu quero te dar a certeza desse perdão todos os dias.

— Você não precisa me pedir perdão todos os dias.

— Preciso sim e isso será pelo resto da minha vida.

— Eu te amo, sabia?! — Ela sorri ao me ver afirmar com a cabeça. —

Somos irmãos gêmeos e temos que sermos os melhores um para o outro.

— Eu vou dar o meu melhor.

[...]

Eu ajudei a Emily no jantar e na louça, pois quero muito estar por perto dela, ainda mais nessa fase inesperada. Ela se mostra mais calma, mas eu vejo a quão pensativa ela está. Eu quero o melhor para ela, quero mostrar um bom mundo para o bebê que está a caminho. Minha irmã merece uma gravidez tranquila, para ela ficar bem e o bebê nascer bem. Eu vou fazer o possível para o bem deles e eu... como fico? Não importa, pois o que importa são eles. Abro a porta do banheiro, saio e vejo o Dylan sentado no sofá. Emily não está lá, pois decidiu dormir mais cedo e tentar acalmar a turbilhão dos pensamentos. Deixo a toalha ao redor do meu pescoço, fecho a porta do quarto e vou para a sala.

— Como entrou aqui?

— Eu tenho a chave. — Dylan responde como se fosse obvio.

— O que te traz aqui, então? — Questiono, cruzando os braços em frente ao meu tórax nu.

— Emily está dormindo? — Ele questiona me fazendo assenti. — James está monitorando o Dominic, vigiando os passos dele e está atento a tudo sobre o *Fight*.

— Turner sabe?

— Sim, apenas ele e o Jensen.

— O amante. — Debocho.

— Eles sabem se protegerem, eles são espertos com o James e não vai dar nenhuma merda.

— Emily não pode saber disso.

— Eu ia falar isso e que, ela tem que ter uma gestação tranquila, apesar dessa confusão toda.

— Tudo vai se acertar logo. — Desejo passando as mãos em minha cabeça. — Eu vou protegê-los com a minha vida.

— E eu estou aqui para ajudar.

— Valeu, Dylan. — Aceno para ele.

— É sério, Eduard. Eu estou aqui para ajudar vocês no que for possível e tentar fazer o impossível.

- A única coisa que eu peço é que, me ajude a proteger a minha irmã.
— Pode contar comigo.

Selamos o nosso acordo com um aperto de mão e eu sinto confiança nele. Peço para ele esperar um segundo, vou até o quarto e visto uma camiseta de manga longa após colocar uma calça. Deixo a toalha no banheiro, escrevo um bilhete para a minha irmã – caso ela acorde – e saio com o Dylan. Já tínhamos combinado que daríamos uma volta pelo quarteirão durante à noite e vamos fazer isso hoje. Enquanto descemos as escadas coloco o capuz da minha camiseta sobre a minha cabeça e deixo as mangas baixas.

Isso por causa das minhas tatuagens, eu não vou deixar nenhuma a mostra, pois são características marcantes e um ponto de referência. Saímos do prédio, as ruas são claras por causa da iluminação e bem tranquilas. Pessoas andam de um lado para o outro, tudo bem calmo e monótono. Nada fora do normal ou suspeito. Dylan me informa cada coisa que eu devo saber, por exemplo, aonde é a farmácia, mercado, hospital, delegacia etc. Alguns estabelecimentos ainda estão abertos, pessoas trabalhando e isso me faz lembrar uma coisa muito importante.

- Você já arrumou um trabalho para mim?
— Até amanhã eu te dou a certeza de um lugar.
— Não gosto de esperar. — Murmuro.

Dylan me encara debochado e continuamos a andar em silêncio. Chegamos numa rua residencial, as casas têm um formato estranho das de Los Angeles e se parecem muito com desenhos animados. Paramos de repente, Dylan aponta para a casa do outro lado da rua e avisa que ele mora ali com a Alana. É uma casa de uma estrutura comum – não pontiagudas e triangulares como todas que eu já vi por aqui –, portões brancos, área verde e a casa é de cor marrom. Voltamos a andar, passamos por dois quarteirões até estarmos de volta na rua do prédio. Dylan avisa que vai pedir para a namorada acompanhar a minha irmã ao médico amanhã e vai rumo à sua casa. Essa pequena volta que demos, eu já consigo me localizar bem e marcar os pontos necessários da cidade. Tudo é muito perto e isso é bom, ainda mais na situação da Emily. Entro no prédio, olho para as escadas e decido subir de elevador. Uma senhora já se encontra dentro do mesmo, ela me olha intrigada e sorri amigavelmente em seguida.

- Morador novo?
— Sim.

— Qual andar?

— Quinto, eu acho. — Murmuro e ela ri. — Ainda estou me acostumando.

— Eu também moro no quinto, acho que somos vizinhos, então.

Saímos do elevador no nosso andar e eu vejo a Emily parada na porta do apartamento. Seu cabelo está preso, sua boca numa linha reta e braços cruzados em frente ao corpo. Ando em sua direção, a senhora me segue sem ser convidada e olha para a Emily.

— Sejam bem-vindos! Aqui é um prédio família e muito tranquilo, e vocês me parecem ser um casal muito tranquilo.

— Casal? — Emily questiona.

— Não são casados?

— Não. — Nego de imediato.

— Essa modernidade dos dias de hoje... — Ela comenta.

Arregalo os meus olhos por causa da surpresa, a senhora acena para nós e entra no apartamento da frente. Balanço a cabeça para os lados, entramos no apartamento e eu retiro o capuz da minha cabeça. Emily ainda me encara com o olhar questionador e eu suspiro.

— O que foi?

— Por que saiu e me deixou aqui sozinha?

— Eu só fui dar uma volta com o Dylan.

— Deveria ter me chamado. Eu não vou ficar trancada dentro desse apartamento!

— Você não vai ficar trancada aqui, por mais que essa seja a minha vontade. — Recebo um olhar gélido e eu arqueio uma sobrancelha. — Amanhã você vai sair, Alana vai te acompanhar numa consulta.

— Que horas?

— Não tenho mais nenhuma informação, Dylan apenas avisou isso.

Ela suspira irritada, mas acaba concordando. Tranco a porta do apartamento, fecho todas as janelas e vou para o quarto. Troco a minha calça jeans por uma bermuda, retiro a camiseta do meu corpo e me deito na cama. Emily entra no quarto, fecha a porta e para em frente ao espelho que tem atrás da mesma. Observo ela levantar a sua camiseta amarela até a altura dos seios e abaixa o cós do short preto. Sua barriga não tem nenhuma diferença, por exemplo, alguma – por menor que possa ser – elevação não existe, ou melhor, nem é possível ver.

— Como será uma gravidez? — Ela pergunta baixinho.

— Mal-estar, enjoos, mudanças de humor, peso e sua barriga irá crescer.

— Isso eu sei, Eduard. — Ela resmunga e arruma a sua roupa. — Estou me referindo ao sentir o bebê dentro de mim, me consumindo, pois ele precisa de mim cem por cento.

— Sim e ainda bem que você tem essa noção. Você vai precisar se cuidar muito.

— Eu vou ter acompanhamento médico. — Ela informa ao se sentar em sua cama.

— Não estou me referindo a somente isso. — Me sento na cama e cruzo os braços em frente ao corpo. — Seu estado emocional e sistema nervoso precisam estar tranquilos, você se alimentar bem e se cuidar em relação a tudo.

— Você vai me ajudar, não é? Sem o Dom aqui... — Ela suspira. —, vai ser difícil, mas eu não estou te usando como segunda opção. Jamais. E mesmo que o Dom estivesse aqui, eu ia querer a sua presença.

— Eu entendo.

Volto a me deitar na cama, deixo um dos meus braços embaixo da minha cabeça e encaro o teto do quarto. O que a Emily acabou de me dizer não me fez sentir que eu estou substituindo o pai do bebê, muito pelo contrário. Eu estou tendo uma oportunidade incrível, pois é o meu sobrinho e o primeiro filho da minha irmã. Por mais que a descoberta seja recente e impossível de saber o que é o bebê, mas é normal com qualquer pessoa em tratar como o bebê, ele etc. Sempre no masculino.

— Eu nunca imaginei que eu pudesse ser mãe, pois eu nunca fui de, me cuidar e por você ser estéril, eu imaginei que poderia ser genética.

A encaro sem dizer nada e quando o seu olhar encontra o meu, eu volto a olhar para o teto. Uma coisa que ninguém sabe, além de mim e do meu pai, é que eu não sou estéril de nascença, genética e ou qualquer coisa do tipo. Isso é por culpa do meu pai. Poucos meses antes do Turner ser preso e da minha mãe ser morta, eu tive uma horrível briga com o meu pai. Eu queria me afastar de tudo por causa da minha faculdade, me mudar para Nova Iorque, pois eu queria também me afastar das coisas ruins do meu pai e eu estava namorando uma linda menina, ela era modelo e estava se mudando para Nova Iorque, pois ia fazer um curso e se aperfeiçoar. Fui contar para ele

a minha decisão, justo num momento errado, ele estava olhando um material que tinha acabado de chegar do laboratório e eu nem analisei as minhas palavras.

— Pai, eu cansei disso tudo. De ser obrigado a te ajudar e de ser o seu capacho. Eu quero ser um médico, construir uma família bem longe daqui e eu só vim te avisar que eu estou indo para Nova Iorque até o final do mês.

Eu me lembro perfeitamente da maleta prata aberta sobre a mesa do galpão, um bandido de merda amarrado numa cadeira bem no centro da sala e seus olhos estavam tampados. O meu pai sorriu diabolicamente, me chamou com a mão e eu me aproximei inocentemente. Aquele foi o meu segundo erro. A sua mão se levantou devagar em direção da minha cabeça, segurou em meu cabelo e bateu com força o meu rosto contra a mesa de ferro. Eu caí no chão desnortado, com o nariz quebrado e boca sangrando. Não sei como eu não quebrei os dentes naquele impacto, foi um por cento de sorte. O sangue escorreu pela mesa e começou a pingar no chão. O rosto do meu pai pairou sobre o meu, o sorriso ainda dominava os seus lábios e nenhuma palavra saiu de sua boca. Eu estava com muita dor, minha cabeça parecia que ia explodir e eu simplesmente fiquei imóvel, eu sabia que se eu tentasse revidar, eu me daria muito mal. O meu pai puxou a maleta para perto, pegou a seringa azul e injetou em minha perna.

— Eu vou ser bonzinho com você, estou te dando um tranquilizante. Você precisa se acalmar e analisar as suas atitudes.

O meu corpo ficou mole no mesmo segundo e eu já não conseguia levantar um dedo se quer. Outra seringa, mas dessa vez vermelha estava em sua mão e assim que ele injetou em minha barriga, os meus olhos ficaram vidrados, pois as palavras que saíram da boca do homem do laboratório, simplesmente fizeram o meu futuro se acabar.

— Senhor, essa era a seringa para o preso. Era o teste de castração química.

Meu pai simplesmente deu de ombros e saiu de cima de mim.

— Então, eu lhe informo, querido filho. Você está infértil nesse segundo e outra informação, se você me abandonar eu vou atrás da sua queria Morgan Thompson e acabo com tudo.

— Filho da puta.

Foram as únicas palavras que eu consegui sussurrar e ele riu.

— Eu quero lealdade, Eduard e não abro mão de ter você aqui. A sua

faculdade está cancelada a partir de hoje, você vai ficar recluso bem aqui para aprender a voltar a ser leal.

E eu fiquei uma semana sendo torturado pelo meu pai. Minha mãe não sabia, pois o meu pai tinha mentindo para ela e para a minha irmã. A informação foi que eu tinha ido para a casa dos meus avós paternos em Miami. Antes de eu voltar para casa, eu já estava transformado numa cópia do meu pai e tinha ligado o modo frio. Nunca contei para ninguém o que aconteceu e nunca vou contar. Balanço a minha cabeça para os lados e me livro dessa maldita lembrança. Emily continua a contar sobre todas às vezes que ela deveria ter ficado grávida e no fim agradece por não ter acontecido antes. Ela surtou mais cedo, se viu perdida, mas agora já parece aceitar bem a situação. E ela tem que aceitar mesmo, pois mudar a situação não dá.

Jogo o edredom em cima do meu corpo, viro de frente para a Emily e tento prestar atenção no que ela fala, mas eu não consigo. Minha mente voa para longe, indo diretamente para a Morgan e eu sorrio levemente. O melhor para ela foi a gente ter se separado, ela ido viver a sua vida como sempre desejou e foi ser feliz. Desde quando nós terminamos, eu simplesmente esqueci tudo que vivemos e fui viver a minha vida, do jeito que eu pude. Não soube mais nada da vida dela, nem fiz questão de acompanhar. Eu gostei demais dela e hoje em dia não sinto mais nada. Sei que algumas pessoas podem perguntar: E se vocês se encontrarem? A resposta continua sendo a mesma. Eu não sinto nada e vê-la não fará diferença.

Eu sei que eu comparei a minha vida amorosa com a da minha irmã e quando eu disse que nunca tive alguém em minha vida como Turner foi para a Emily, é a verdade. Morgan foi a mulher que me fez sentir coisas boas, foi uma paixão avassaladora e muito importante em minha vida. Ela me fez ver o mundo colorido e o expandiu a minha mente ainda mais, mas não era amor e eu sei que em algum momento a gente iria se separar. Ela ia seguir a sua vida, eu a minha e iríamos continuar amigos, como éramos antes do nosso relacionamento.

[...]

Dois meses e alguns dias depois...

A vida continua a mesma nessa cidade, tudo muito chato, mas pelo menos estamos tranquilos e longe do James. Ele não nos procurou desde o

dia da nossa fuga, mas está monitorando Los Angeles e ao redor, pois ele quer nos pegar assim que passarmos diante do seu radar. Eu estou trabalhando numa academia, mas aqui eu não luto, apenas auxílio os alunos e prefiro que seja assim. Claro que eu estou sentindo falta de lutar, mas eu não vou, pois eu me conheço e sei que vou esquecer o nosso objetivo nessa cidade. Minha irmã não trabalha, ela fica em casa o dia todo e a Alana faz companhia para ela.

Em falar na minha irmã, ela já está com quinze semanas de gestação e está acostumada com a sua nova fase. Às vezes eu a pego conversando com o bebê e contando sobre o Turner. Ela chora quase todos os dias, pois os seus hormônios estão cada vez mais aflorados e a falta dele é maior. Eu a acompanho em todas as consultas, a doutora que cuida dela e do bebê, acha que eu sou namorado ou marido da Emily. Isso todos que nos veem, acham isso. Eu cuido muito bem da minha irmã, peço perdão todos os dias que a vejo e ela sempre sorri da forma mais genuína para mim.

Pego a minha mochila em cima do banco do vestiário, coloco uma das alças em meu ombro e saio da academia. Por hoje já se encerrou o meu expediente, eu estou louco para chegar em casa e ver com os meus olhos se a Emily está bem. Eu sinto essa preocupação desde o dia que eu ouvi o coração do meu sobrinho. Ando pela calçada mantendo a minha atenção a tudo ao meu redor, olho para o outro lado da rua e assim que eu volto a olhar para frente, esbarro, sem querer, numa moça que andava distraída.

— Me desculpe. — Peço segurando em seus ombros.

Ela retira os fios dourados de frente do rosto, levanta o olhar para mim e sorri, sem jeito.

— Me desculpe, eu que estava distraída.

Apenas aceno com a cabeça e os meus olhos passeiam pelo seu corpo. Ela está usando um conjunto de academia, o top tem um generoso decote e seu cabelo preso no topo de sua cabeça, deixando alguns fios na frente do seu rosto.

— Eu te machuquei?

— Não. Você é o professor da academia, não é?

— Sim. — Afirmo.

— Então eu acho que vou mudar o meu horário de treino na academia.

Fico surpreso com a sua indireta, ela sorri e acena antes de continuar a andar. Balanço a cabeça para os lados e continuo a andar. Em pouco tempo já

estou na rua do meu prédio, vejo a moça de cabelos curtos em tom bordo e ando em sua direção. Emily se vira para mim e entrelaça as suas mãos em frente ao corpo. Ela pintou o cabelo com alguma tinta especial para grávidas e gostou muito do resultado, mas ela ficava bem melhor com o seu cabelo natural e grande. Beijo a sua têmpora, ela segura em meu braço e entramos no prédio.

— O que estava fazendo lá fora?

— Eu estava na casa da Alana. Quis sair um pouco daqui.

— Faz bem, não fiquei apenas no apartamento.

Ela acena com a cabeça concordando comigo, entramos no elevador e ela deita a cabeça em meu ombro. Observo a sua mão pousada em sua barriga, um suspiro escapa de sua boca e eu fico preocupado. Saímos do elevador, vamos rumo ao apartamento e entramos em seguida. Tranco a porta como de costume, deixo a minha bolsa em cima do sofá e sigo a minha irmã em ao nosso quarto. Emily se deita na cama, coloca as pernas para cima e levanta a camiseta até a altura dos seios. Sua barriga já tem uma ondulação bem evidente, seu corpo já ganhou mais curvas e o seu peso já deve ter aumentado também. Ainda estamos na fase um pouco temerosa, pois abortos podem acontecer de repente e são quando as complicações surgem, mas eu espero que isso nada aconteça. Emily percebe que eu estou a encarando, ela olha para mim e acaricia a sua barriga.

— Amanhã eu tenho consulta, você vai comigo?

— Claro que sim. Talvez já possamos ver se é um menino ou menina.

— Será que vamos conseguir ver?

— Eu disse talvez. — Relembro-a. — Você está se sentindo bem?

— Estou com dores nas pernas e costas. Eu também estou sentindo uma coisa estranha na barriga.

— Tipo o que? — Questiono preocupado.

— *Hum...* eu acho que é como se algo se movimentasse aqui dentro, mas de uma forma bem sutil.

— Deve ser o bebê se mexendo, nessa fase é bem comum começar a senti-lo.

— Então isso já é o bebê se mexendo? — Ela pergunta surpresa.

— Eu acho que sim. — Respondo a fazendo sorri.

— Minhas roupas já estão começando a ficar apertadas.

— Amanhã você pode ir comprar algumas, mas seja econômica e

compre pouco.

— Eu sei. — Ela franze o cenho e se senta na cama. — Temos quanto guardado?

— Um alto valor ainda, não se preocupe.

Ainda temos um bom dinheiro guardado, creio que ainda dê para uns quatro meses e eu não estou mentindo, pois decidi não mentir mais para a Emily, mas isso não quer dizer que eu não vá contar tudo que eu guardo a sete chaves. Minha irmã não precisa conviver com as merdas que eu já passei e vivi. Logo, logo James não será mais um problema em nossas vidas. Pelo menos é isso que eu desejo, ainda mais quando um novo membro está chegando à família. James Lewis nem pode sonhar que a Emily está grávida e quando o bebê nascer, eu vou matar e morrer para protegê-lo. Pego uma roupa limpa no guarda roupa, saio do quarto e entro no banheiro.

A água escorre pelo meu corpo, esfrego a minha cabeça e enfio a cara embaixo da água. Hoje o dia foi longo, a academia estava cheia e eu não falei com o Dylan, então eu não sei de nada que está acontecendo em Los Angeles. A última notícia de lá que eu recebi foi há três dias, o meu pai estava muito ocupado com algumas coisas do governo, Turner ainda estava sendo monitorado e estava focado em sua carreira. Minha irmã sorriu tão lindamente quando ouviu sobre o namorado – eu acho que eles são namorados –, e eu senti vontade de matar o meu pai com as minhas mãos, apenas para fazer a Emily ficar em paz com o Dominic. Não sei quando a paz vai chegar para nós, espero que isso seja muito em breve e só assim nós vamos voltar para Los Angeles.

Se eu não gosto de viver aqui, imagina a Emily. Suspiro, desligo o chuveiro e enrolo a toalha na minha cintura. Paro em frente a pia, passo a mão no espelho para desembaçar e percebo que eu tenho que passar novamente a maquininha em meu cabelo. Dois toques na porta chamam a minha atenção, abro-a e a Emily entra de olho fechados. Ela se debruça para frente e vomita muito, eu juro que mais um pouco, a sua alma iria sair do corpo. Saio do banheiro para lhe dar privacidade, vou para o quarto e me visto. Paro na porta do quarto, Emily sai do banheiro, um tanto pálida e respira fundo.

— Por que grávida tem que vomitar?

— Eu não sei. — Respondo e dou de ombros. — Quer alguma coisa?

— Não.

Concordo com um aceno de cabeça e vou rumo a cozinha. Faço um sanduíche rápido, coloco no forno e fico aguardando. Emily está sentada na sala, ela zapeia os canais da televisão e para no jornal que fala sobre o estado da Califórnia inteira. O governador James Lewis está dando uma entrevista como se fosse a melhor pessoa do mundo, mas ele não é e nunca vai ser.

— Sr. Lewis, me desculpe a intromissão, mas e o seus filhos? Eles sempre estão presentes com o senhor, mas hoje não estão aqui. — A repórter comenta.

— Meus queridos filhos não estão morando aqui na Califórnia, eles se mudaram para se dedicarem aos estudos. — James responde com um sorriso falso nos lábios.

— Mentiroso! Nem tem vergonha na cara. — Emily exclama nervosa.

— O conhecemos muito bem, Emily. Sabemos que ele sempre irá mentir.

— Um grande filho da...

Ela se cala, desliga a televisão e inclina o corpo para frente. Seus cotovelos estão apoiados em seus joelhos, sua cabeça entre as suas mãos e um pequeno soluço sai de sua boca. Tudo isso é complicado e difícil, mas é bem mais para a Emily do que para mim. Ela precisa espairar um pouco, esquecer os problemas e eu tenho uma boa ideia para isso. Amanhã é sábado, eu não vou ir trabalhar e posso levar a Emily para passear depois de sua consulta. Não vou dizer nada sobre a minha decisão, pois não a quero deixar ansiosa.

— Vai descansar, a sua consulta será cedo amanhã e você precisa estar bem.

Emily levanta a cabeça, olha para mim e eu vejo o seu rosto banhado por lágrimas.

— Isso tudo que está acontecendo é culpa dele. Ele que deveria ter morrido, a nossa mãe era para estar viva e não era para o Dominic ter sido preso.

— É impossível mudar as coisas, devemos apenas aceitá-las ou conviver com esse cargo.

— O mundo é ruim, as pessoas são ruins e eu não quero o meu filho no meio de tudo isso.

— Eu vou protegê-lo e te proteger com a minha vida. Eu já te disse isso.

Emily anda na minha direção, se joga entre os meus braços e eu a aperto contra o meu corpo. Eu sou o seu porto seguro, ela é o meu ponto de equilíbrio e precisamos um do outro. Irmãos gêmeos devem ser assim desde o momento do útero e ser assim para o resto da vida. Beijo o topo de sua cabeça e involuntariamente uma lágrima escorre pelo meu rosto. Minha irmã não merecia estar passando por tudo isso.

[...]

Estou sentado na sala de espera da clínica, Emily está sentada ao meu lado e sua cabeça está deitada em meu ombro. Ainda são nove e pouco da manhã, ela não dormiu muito bem à noite e ficou no apartamento enquanto eu saí para correr. Costumo fazer isso à noite, praticamente madrugada, pois é quando eu sinto a necessidade de ter o meu momento, ficar remoendo o passado, as dores, falhas, medos, erros... e tudo mais que couber na bagagem.

Quando eu voltei para casa, a Emily estava dormindo e eu vi o seu rosto novamente banhado por lágrimas. Não sei o que fazer para ela parar de chorar, eu só sei que ela não pode ficar assim, pois faz mal a ela e ao bebê. Afasto os meus pensamentos quando somos chamados, Emily vai andando na frente e eu a sigo. Assim que entramos na sala de ultrassonografia, a minha irmã se deita na maca e a enfermeira começa a realizar o exame. Na pequena tevê em frente a maca mostra perfeitamente o útero ocupado por um pequeno bebê e ele está se mexendo bastante.

— Quinze semanas e seis dias. O bebê está no peso ideia, tamanho dos membros e dá para ver que ele é um pouquinho agitado. — A moça de cabelo longo explica.

— Ele está bem? Perfeito ou com alguma coisa?

— Ele está perfeito. Nada diferente de uma gestação normal está indicando aqui para mim.

— E o sexo do bebê? — Questiono.

— *Hum...* papai, ele está com as perninhas abertas, mas não posso dar cem por cento de certeza.

— Um chute ou quase afirmação já abaixa a ansiedade.

Eu não me sinto um intruso na vida do bebê, da Emily ou de sua gestação. Não vou ser um pai para o bebê, vou ser um tio muito realizado por tê-lo em minha vida. Jamais vou ocupar a posição do Turner e eu nem quero

isso.

— Setenta por cento de ser um menino.

— Um menino? — Emily questiona.

— Um lindo menino. — Ela responde.

Emily olha para mim com um belo sorriso nos lábios, eu acaricio o seu cabelo e volto a olhar a tevê. Um menino está chegando em nossas vidas para trazer cor, felicidade e união. Espero que também traga a paz. Ouvimos com atenção a medição de cada membro do bebê, Emily comenta as mudanças que sentiu nos últimos dias e recebe algumas instruções. Logo a sua barriga é limpa, a ajuda descer da maca e saímos da sala com o exame em mãos. Sinto o meu celular vibrar em meu bolso, deixo a minha irmã na porta do consultório da médica dela e vou para um canto vazio. Pego o meu celular e o nome do Dylan pisca no visor.

— O que foi? — Questiono, assim que atendo.

— Onde vocês estão?

— Emily tinha consulta.

— E onde estão agora? — Ele questiona.

— Aqui ainda. Ela fez o ultrassom e agora foi na consulta.

— Está, eu vou esperar vocês aqui no apartamento.

— Não espere. Eu vou levar a Emily para Pismo Beach.

— O que? Não! Você não avisou e não podem sair desse jeito.

Dylan parece nervoso, mas eu estou muito me importando. Alguns meses atrás ele me disse que não era mais o nosso segurança e que não iria seguir ordens, então eu não preciso que ele queira dar uma de segurança logo agora.

— Dylan, eu vou sair com ela e não tenho que dar explicações.

— Caralho! Eu quero dar um soco na merda da sua cara, Eduard!

— Vai se foder! Que merda que você está pensando? Estou cansado de ficar acuado igual a um ratinho.

— James está na cidade, caralho!

Fico mudo quando ouço as suas palavras e eu olho ao meu redor, com medo. Eu sou a merda de um ratinho! Me afasto de onde eu estou, vou até a janela e foco a minha atenção nas pessoas que andam nas calçadas.

— Ele nos achou? — Questiono nervoso.

— Não sei, mas acho que não. Ele veio de repente com o senador, não sei o que vieram fazer, mas estão por aqui.

— Eu não vou dar mole e ficar na cidade. Eu vou para Pismo agora mesmo.

— Calma, senão, vai dar merda. Pega a Emily, vão diretamente para o carro e eu espero vocês na rampa da US-101 N.

— Fique monitorando o James e me mantenha informado. — Peço ao olhar para trás, por cima do meu ombro e eu vejo a minha irmã saindo do consultório. — Dylan... não vamos contar nada disso para a Emily, ela está feliz em saber o sexo do bebê.

Coloco o meu celular em meu bolso após ele concordar comigo e encerrar a ligação. Minha irmã anda em minha direção, passo o meu braço pelo seu pescoço e saio apressado. Por nossa sorte o meu carro está bem ao lado da entrada, então em poucos segundos já estamos dentro dele e eu saio em alta velocidade rumo ao ponto de encontro. Emily não percebe a minha repentina mudança de atitudes e humor, pois ela está focada no ultrassom em suas mãos.

Ela está muito feliz, é incrível vê-la assim e eu não quero estragar a sua felicidade por causa do James. Assim que chego no local combinado, posso pelo carro do Dylan e ele começa a me seguir. Eu só volto para essa cidade quando não existir mais o cheiro do James Lewis por aqui. Por nossa sorte, ontem à noite eu pedi para a Emily preparar uma pequena mochila com roupas ou o que ela achasse necessário e ela ficou intrigada, pois a gente nunca sai do apartamento, a não ser, quando é necessário. Meu celular toca através da mídia do carro, atendo olhando pelo retrovisor para o carro do Dylan atrás do meu.

— Como estão? — A voz do Dylan soa através dos alto-falantes.

— Tranquilo.

— Não sabia que você ia conosco. — Emily comenta e olha para mim.
— Está acontecendo alguma coisa?

— Não, Emily.

— Eu tive essa impressão...

— Foi apenas impressão, Emily. — Dylan comenta tentando ser debochado.

Ela apenas manea a cabeça para os lados e volta a sorrir. Hoje é o dia que nada vai tirar a sua felicidade e eu gostaria que isso fosse todos os dias.

— Nem eu sabia que íamos sair, Emily. — Alana comenta. — Dylan me avisou de repente. Me arrumei e arrumei as coisas do neném rapidinho.

— Ed fez a mesma coisa, mas foi ontem à noite.

— Você só fica dentro do apartamento, às vezes reclama. Então eu quis te levar para sair, apenas isso.

— Eu te entendo e agradeço, está bom? Só para você não reclamar.

Reviro os olhos diante do seu deboche e ela ri. Que esse clima leve continue por muitos dias, que a sua gravidez seja tranquila e o sorriso não saia dos seus lábios.

— Daqui meia hora chegamos em Pismo, vou te seguir, Eduard e pode ficar tranquilo. — Dylan avisa.

— Me segue então.

Encerro a ligação e piso fundo no acelerador. Emily coloca os óculos escuros e morde o interior de sua bochecha. Ela faz isso quando tem algo a incomodando ou porque ela está nervosa. Eu fiquei um pouco aflito quando ela questionou se estava acontecendo algo, não quero que ela perceba nada diferente. Bato os meus dedos no volante mesmo sem ter nenhuma música no carro, olho mais uma vez pelo retrovisor e vejo o Dylan colado em mim.

— A médica disse que estou bem, o bebê também e que eu devo continuar com o que eu venho fazendo que ela já tinha me passado antes.

— Agora só falta mais ou menos vinte e quatro semanas.

— Ela também disse que eu devo esperar até a vigésima semana para ter cem por cento de certeza que é o menino, pois erros podem acontecer.

— É um menino, Emily.

— Eu também tenho essa certeza e não vou esperar coisa nenhuma. É um menino.

Ela aperta a minha mão levemente e olha para a janela. É maravilhoso ela ser assim, pois é assim que a minha irmã é. Eu me lembro da minha mãe e a Emily na casa Lewis, elas eram a alegria daquele lugar e me faziam sentir muito bem. As duas dançavam pela casa, cantavam, riam e na maioria das vezes era bem engraçado, pois elas cantavam muito mal e dançavam de um jeito estanho. Minha irmã liga o rádio do carro, a voz de algum cantor soa pelos alto-falantes e eu bato os meus dedos no volante no mesmo ritmo da batida.

Emily cantarola baixinho essa música que eu nunca ouvi antes, olha para mim e me empurra pelo ombro. Reclamo a fazendo ficar séria por alguns segundos e ela logo volta a sua postura de antes. Suas mãos vão para a barriga e a sua cantoria para quando o seu olhar fica perdido. Ela deve estar

pensando no Turner. Em pouco tempo estaciono o meu carro, desço dele e me espreguiço. Emily também desce do carro, se encosta ao capô e olha diretamente para o mar. Dylan já está estacionado ao lado, ele está sentado no capô junto com a namorada e eu respiro fundo, aproveitando o ar puro. Sem nenhuma partícula de James Lewis.

Chamo a atenção da minha irmã, ela passa o braço pela minha cintura e caminhamos em direção ao píer. É bem grande, ele vai da praia e adentra boa parte do início do mar. Andamos pela longa ponte, ou píer, como preferir chamar e, eu fico atento a cada pessoa que passa ao nosso lado. Não é tão fácil reconhecer a gente, não digo em relação às mudanças física, mas sim em nossos pequenos disfarces para sair as ruas. Eu estou usando óculos escuros e boné, além da Emily ter passado uma maquiagem nas tatuagens em meus braços. Paramos no final do píer, apoio os meus braços na barra de proteção e olho para a infinidade do mar, junto com o horizonte.

— Você se lembra quando a nossa mãe contava histórias de Jesus? — Emily questiona chamando a minha atenção.

— Lembro, apesar de ela não ser religiosa, ela gostava de nos contar sobre Jesus.

— Sim. Contava sobre os discípulos e tudo que eles faziam...

— A gente adorava a ouvir contando as histórias.

Pela primeira vez, depois de tudo, eu sorrio ao lembrar da minha mãe. É um sorriso suave, misturado com saudade e um pouco de amor. Independentemente do que Margareth fez, desde sempre o amor dela por mim e pela minha irmã foi verdadeiro. Sinto a minha irmã deitar a sua cabeça em meu ombro, o óculos-escuro está em suas mãos e o seu pensamento distante.

— Tinha um nome... um nome em especial. Você, uma vez comentou comigo sobre esse nome.

— Andrew?

— Sim. — Ela afirma e olha para mim. — O que significa mesmo?

— Homem másculo, viril, forte. Além de ser bíblico.

— Eu quero colocar esse nome no bebê, é como uma forma de agradecimento a você...

— Por que agradecimento? — Questiono, a encarando.

— Por tudo que você está fazendo por mim e por eu te amar demais. Você é um irmão incrível e como você não pode ter filho... eu queria te

agradecer dessa forma.

— Não quero nem um tipo de agradecimento, eu faço tudo isso porque você é importante para mim e porque eu amo você. Me arrependo de todas às vezes que eu fui um imbecil com você.

Os olhos da Emily ficam marejados, ela me empurra gentilmente e se encaixa em meus braços. Beijo o topo de sua cabeça e aperto o seu corpo contra o meu. Peço perdão e a sinto sorrir contra o meu peito. Eu disse a ela e vou cumprir para o resto da minha vida: Eu vou pedir perdão para a Emily todos os dias. Olho para trás por cima do meu ombro e vejo o Dylan se aproximar com a Alana. A bebê está no colo do pai e ele me parece ser bem dedicado a família. Eles param ao nosso lado, Emily se afasta de mim e seca as suas lágrimas.

— Conseguimos ver o sexo do bebê. — Emily comenta com o casal. — É um menino.

— Já até sei como ele irá se chamar. — Dylan comenta nos fazendo encará-lo e ele ri com deboche. — Dominic.

— Andrew.

Ele franze o cenho ao ouvir eu corrigi-lo e a Emily concorda comigo. Ela começa a contar o porquê da escolha do nome, mas deixa a minha infertilidade de fora. O que eu sofri – aquela maldita injeção –, eu não sei o que existia dentro dela, mas eu sei que não era de castração química, pois quando um homem toma essa injeção, ele não terá ereção e a minha continuou a mesma. Só que tinha algo nessa injeção, que me deixou com a fertilidade baixa. Eu fiz alguns exames depois da idiotice do meu pai e descobri tal resultado. O líquido que estava naquela seringa causou algo em meu organismo diminuindo drasticamente a produção do meu sêmen, mas como eu nunca quis explicar isso para ninguém, disse apenas que eu sou estéril.

Ser assim e infértil é diferente. Estéril não pode ter filhos nunca e infértil pode, mas tem que fazer tratamento. Então, quando a minha família ficou sabendo do meu probleminha, foi explicado como: Eu sou estéril; pois é algo mais fácil de entender. Eu não penso em ser pai, então, não tenho planos de fazer nenhum tratamento e prefiro viver assim. Vou amar bastante o meu sobrinho, cuidar muito dele, mas eu não serei um pai. Nunca vou ocupar do lugar do Turner e sempre vou repetir isso. Quando a gente voltar para Los Angeles – eu não tenho a menor ideia de quando será –, eu vou conversar

com o Dominic e explicar tudo o que aconteceu nos meses que ficamos longe. Eu sei que no início ele vai ficar muito puto com a gente, principalmente com a Emily, por esconder o filho, mas será necessário.

[...]

— Você vai voltar que horas? — Emily me questiona.

— Tarde, então vá dormir.

Dou um beijo em sua têmpora, pego a minha mochila e saio do apartamento indo rumo as escadas. Voltamos de Pismo Beach no final da tarde, pois hoje eu vou trabalhar durante à noite na academia e eu só aceitei essas duas coisas, quando tive a certeza de que James já tinha ido embora. Ele veio aqui na cidade para ver algo com o prefeito e nem se quer, teve tempo de passear pela cidade. Dylan conversou com Torres e isso nos deixou mais aliviados. Saio do prédio e vou rumo a academia. Apesar da confirmação da ida do James, eu não me sinto muito confiante, mesmo que eu esteja aliviado. Emily nem se quer sonhou que o nosso pai esteve por aqui, ela estava tão tranquila no nosso passeio e tão feliz. Eu não há via tão sorridente, como ela estava hoje.

— Boa noite, Connor. — Lindsay me cumprimenta assim que eu posso pela catraca da recepção.

— Oi Lin.

Connor é o meu nome falso e com ele, eu tenho que fingir simpatia, só que não é uma coisa tão ruim assim. Ser simpático está no pacote de ser uma pessoa melhor, então, isso é como uma aula.

— Mudou o horário hoje?

— Sim. Não pude vir de manhã.

— Saiu com a namorada?

Não a respondo e continuo o meu caminho até o meu armário. Como eu citei antes, todos pensam que Emily é a minha namorada ou esposa. Não posso desmentir para não levar suspeita, então, eu apenas fico quieto quando ouço esses tipos de perguntas. Guardo a minha mochila dentro do armário, vou rumo a ala de musculação e os olhares de todos se voltam para mim. Especialmente os olhares das mulheres e eu percebo que a mulher que esbarrou em mim ontem, está aqui. Ela acena para mim, eu vou em sua direção e apoio o meu braço na esteira.

— Você poderia me auxiliar nos exercícios hoje?

— Estou aqui para isso. O que você precisa?

— Primeiramente... — Ela desce da esteira e para na minha frente. —, eu sou a Maire.

— Ed... Connor. — Aperto a sua mão e meus olhos vão diretamente para o seu decote.

— Então, eu queria auxílio na sequência de agachamentos com peso.

Ando em direção ao aparelho para esse exercício, coloco vinte quilos de peso e ajudo a Maire nos primeiros movimentos. Ela completa a primeira sequência de quinze agachamentos, sai do aparelho e olha para mim. A sua calça de ginástica está justa ao seu corpo, o topo preto deixa os seus seios quase pulando para fora do pequeno pano e o seu cabelo está preso no alto de sua cabeça.

— Você é novo na cidade, não é?

— Sou.

— Veio de onde?

— Por que quer saber da minha vida?

Maire sorri surpresa, dá um passo na minha direção e umedece os lábios com a sua língua atrevida. Olho ao redor para ver se alguém está com a atenção em nós, mas não. Ainda é quase dez da noite, a academia está cheia, mas bem tranquila. Volto a minha atenção para a mulher a minha frente, sua cabeça está tombada para o lado e uma de suas mãos em meu ombro.

— Apenas curiosidade.

Ela fica de costas para mim, anda rebolando de volta para o aparelho e os meus olhos passeiam pelo seu corpo. Mordo o interior da minha bochecha e vou atrás dela. Eu já entendi as suas intenções para cima de mim e eu até que estou gostando desse *joguinho* que ela está fazendo. O outro professor da academia se aproxima de nós, me cumprimenta e vai em direção a um grupo de mulheres que estão conversando perto da porta que dá acesso à piscina. Volto a minha atenção a Maire, seguro em sua cintura e a auxílio a arrumar a postura. Ela olha para mim, pisca e sorri maliciosa. Tenho certeza de que hoje não será uma noite de trabalho normal.

Maire termina a sequência de três com quinze agachamentos e vai para outro aparelho. Ela se deita de barriga, após colocar as pernas embaixo do levantador e eu coloco vinte quilos de peso. Enquanto ela realiza as sequências, meus olhos não saem do seu corpo. Não posso negar que ela me

chama muito a atenção e me dá um grande desejo. Maire é bonita de rosto e de corpo, mas nada tão profundo que me faça querer algo a mais que realizações. O tempo se arrasta e eu continuo a ajudar a Maire em seu treino. Quando me dou conta da hora, é quando a academia já está quase vazia e enfim a minha *aluna* se cansa. Ela olha para mim sorrindo, acena para um casal que está indo embora e se senta no chão, cansada. Sinto alguém bater em meu ombro, vejo que é o professor de natação e aceno para ele.

— Precisa de mim, ainda? — Pergunto para a Maire

— Depende. — Ela sussurra se levantando e logo está na minha frente.
— Desde que eu te vi, estou tentada a algo.

— Você acha que eu não percebi isso? Você não soube disfarçar e deixou muito claro.

— E então? — Ela questiona ao arquear uma sobrancelha.

Maneio a cabeça para os lados, olho ao meu redor e aproximo a minha boca de seu ouvido.

— Vestiário masculino agora.

Maire me olha surpresa, mas contente e vai rumo ao vestiário masculino. Eu vou rumo à recepção, Lindsay se derrete de imediato para mim e eu controlo a vontade de rir. Ela é bonita, mas não é para mim. Lin é daquele tipo que gosta de romance, quer um amor e eu não sou para isso. Não vou ficar nessa cidadezinha monótona para sempre, então, eu não estou me apegando a nada e nem ninguém.

— Já vai, Connor? — Ela me pergunta.

— Daqui a pouco. Eu vou conversar com o Ulisses, então, não me chame por nada.

Ulisses é o gerente da academia e eu sei muito bem, que ele deve estar em seu escritório com alguma aluna da academia. Lindsay concorda e me manda um beijo. Eu apenas aceno com a cabeça, vou rumo ao vestiário e franzo o meu cenho ao ver a Maire parada na porta.

— Eu não entrei, porque não sei se tem alguém aí dentro.

Rio cheio de deboche, pois ela me pareceu tão ousada, mas agora está receosa ao entrar no vestiário... por isso eu não esperava. Empurro a porta de madeira, o corredor dos armários está vazio, a não ser por uma mochila em cima do banco de madeira e ouço o barulho de um dos chuveiros ligados. Maire, segura em meu braço, encosta a cabeça em meu ombro e vamos rumo ao último chuveiro. Ela adentra na pequena cabine e começa a se despir.

Retiro a minha camisa, a deixo jogada no chão e a Maire analisa o meu tronco. Ela está vendo as tatuagens e as cicatrizes.

Retiro o restante da minha roupa, ficando nu em segundos e avanço em sua direção. Arranco o topo de sua mão, ela retira os olhos do meu corpo e retira a sua calça. Meus olhos passeiam por seu corpo e percebo que ela está apenas com uma calcinha minúscula. Jogo as roupas para fora da cabine, fecho a porta e ligo o chaveiro para abafar o barulho que iremos fazer.

— O que são essas marcas? — Maire questiona.

— Você quer conversar ou transar?

Seguro na lateral de sua calcinha e a puxo, fazendo o pequeno pano se rasgar. Maire nem liga para o meu gesto, segura em meu rosto e gruda a sua boca na minha. Nossas línguas se encontram, encosto o seu corpo na parede e deixo as minhas mãos passarem por seu corpo. Maire, sem vergonha nenhuma, apalpa o meu pau e faz um leve movimento. Desgrudo as nossas bocas, viro o seu corpo e a separo as suas pernas. A água do chuveiro cai sobre nós e o barulho dele anula os gemidos que estão saindo da boca dela. Pego o pacotinho de camisinha caído no chão, visto em meu membro e penetro a Maire em seguida. Enrolo o seu cabelo em minha mão, seguro a sua cintura com a outra e mantenho um ritmo gostoso.

Ela está com as mãos apoiadas na parede, rosto encostado nela também e geme constantemente. O toque do meu celular, me faz diminuir o ritmo, mas eu não vou parar para atender, seja lá quem for. Maire empina ainda mais a bunda em minha direção e rebola. Saio de dentro dela a fazendo se virar para mim e sorri mordendo o lábio inferior. A faço passar as pernas por minha cintura, ela se segura firme contra o meu corpo e eu volto a penetrá-la intensamente. Mordo o seu ombro para conter um gemido rouco e ela joga a cabeça para trás, degustando do momento. Sinto o seu interior apertar a minha volta, ela segura o meu rosto entre as minhas mãos e enfia a língua em minha boca.

— Connor. — Ouço a voz do Ulisses e afasto a minha boca da Maire.
— Lind me disse que você ia conversar comigo.

— Depois conversamos, Ulisses. — Murmuro. — Não dá para falar agora.

— Olhando para o chão e vendo tais roupas aqui, dá para entender. — Ouço o riso debochado sair de sua boca. — Olá, Maire.

Os olhos arregalados da minha *acompanhante* encontram os meus e eu

balanço a cabeça para os lados segurando o riso.

— Oi, Ulisses. — Ela murmura.

— Se quiser conversar comigo mesmo, me procure amanhã, Connor.

— Vaza, Ulisses.

A sua gargalhada explode no ambiente e em seguida ouço a porta do vestiário ser batida. Percebo as bochechas da Maire vermelhas, maneo a cabeça para os lados e volto aos meus movimentos, a surpreendendo. Meu ritmo profundo e constante nos faz gemer um pouco alto demais. Sugo um dos seus seios e a instigo. Dou a atenção merecida a cada um dos seus seios, levo uma das minhas mãos para o meio de suas pernas e a estímulo o seu clitóris.

— Connor! — Maire exclama.

[...]

Viro para o outro lado da cama e bato a testa na parede. Abro os meus olhos de imediato, resmungo um palavrão e toco em minha testa. O quarto está escuro, mas eu consigo ouvir barulho no apartamento. Eu cheguei aqui já se passava das duas da manhã e a Emily estava dormindo profundamente. Tomei outro banho, pois aquele na academia foi outro tipo de banho. Enfio a mão embaixo do travesseiro, pego o meu celular e o trago em direção ao meu rosto. Quase uma hora da tarde e eu estou cansado de ontem. Estou cansado por causa do passeio, por ajudar a Maire em seu treino e por ter terminado a noite daquele jeito. Ouço a porta do quarto se abrir e levo o olhar para a frente. Emily está com o rosto um pouco mais corado por causa do sol de ontem e eu não vejo nenhum vestígio de tristeza.

— Pensei que ainda estivesse dormindo.

— Queria estar. — Murmuro. — Você está bem?

— Estou. — Ela afirma. — Você chegou tarde.

— É, eu fiquei um pouco ocupado na academia ontem.

— Ocupado com mulher.

Não sei se é uma pergunta, pois soou como afirmação e eu não tenho o que falar. Esfrego as minhas mãos em meu rosto, bocejo e me espreguiço.

— O que você quer? Eu pretendo descansar hoje o dia inteiro.

— Então avise para o Dylan, pois ele está vindo aqui conversar com você.

— Merda!

Pulo para fora da cama, pego uma roupa limpa e vou rumo ao banheiro. Entro debaixo do chuveiro, a água morna escorre pelo meu corpo e eu desperto um pouco mais. Eu queria um dia mais tranquilo hoje e aproveitar para descansar, mas não será bem assim. Se o Dylan está vindo aqui, em pleno domingo, é porque é coisa séria. Saio do banheiro já vestido, vou para a cozinha e tomo o café da manhã. Até que a Emily está cozinhando bem, as poucas coisas que sabe, mas ela já avisou que não gosta.

Ouçõ a campainha tocar e eu vejo a Emily passar para atender. Saio da cozinha dando de cara com o Dylan parado na porta do apartamento e ele faz um gesto com a cabeça para eu acompanhá-lo. Dou um beijo no topo da cabeça da minha irmã, digo que eu a amo e saio. Desço as escadas junto com o Dylan, ele não fala uma palavra se quer e isso me irrita. Saímos do prédio e ele encosta-se ao carro. Ajeito o boné em minha cabeça e olho ao redor rapidamente.

— Torres me ligou. — Dylan informa, calmamente.

— E?

— James quer te encontrar.

— O que? — Questiono assustado, ao encará-lo.

— James teve uma reunião com todos os seguranças, pediu para entrarem em contato comigo para avisar. Eu já falei com o seu pai, avisei que eu não tenho a menor ideia de onde você está e que eu estou morando longe de Los Angeles com a minha família.

— O que ele quer?

— Eu não sei. Ele me pareceu muito tranquilo, mas eu sei que pode ser fachada. James disse que sabe que eu tenho contato com você, e que eu deveria repassar o recado.

— Ele sabe que estamos aqui! — Afirmo irritado.

— Não sabe, eu tenho certeza disso. O que ele apenas sabe, é que tem alguém da segurança dele que tem contato comigo e sabe que eu consigo falar com você a qualquer momento.

Eu estou com medo do que estar por vir, eu não tenho certeza se estamos seguros. Esfrego o meu rosto e olho para o céu. O quão difícil é nos proteger? Muito! Emily não pode nem sonhar com isso. Volto a minha atenção para o Dylan, mas antes que eu fale algo, uma mão segura em meu pulso e eu a puxo.

— Oi Connor. — Maire sorri.

— *Hum...* Oi.

— Está ocupado hoje?

— Estou. Se quiser falar comigo, apenas na academia. — Declaro.

— Então é assim? — Ela questiona irritada.

Vejo o Dylan franzir o cenho e olhar para trás de mim, antes de acenar com a cabeça. Outra mão toca em meu braço e eu sei exatamente de quem é.

— Eu vou até a padaria, me deu vontade de comer doce. — Emily me informa.

Os olhos da Maire saem de mim e analisam a minha irmã por completa, parando em sua barriga evidente por debaixo da regata preta. Concorro com um aceno de cabeça, Emily olha para a Maire e sai sem dizer nada. Volto a minha atenção para a outra mulher ao meu lado e arqueio uma sobrancelha.

— Você tem namorada e vai ser pai? Inacreditável, Connor!

— Eu não te devo satisfação a você.

— Não chegue perto de mim em qualquer canto que você me ver.

Ela sai batendo os pés em direção do outro lado da rua e Dylan ri levemente. Balanço a cabeça para os lados sem saber se eu me livrei de um problema ou causei um enorme.

— Precisa de ajuda nesse problema? — Ele questiona.

— A investigue, apenas isso. — Peço.

— Só? Isso é muito fácil. — Ele debocha.

— Aonde *ele* quer me encontrar? — Questiono, voltando o assunto do meu pai.

— Em Malibu hoje, no final da tarde.

— Certo. — Suspiro. — Nós vamos.

— Emily pode ficar lá em casa com a Alana, é melhor e você arrume uma boa desculpa sobre a nossa ida a Malibu.

— Eu sei. — Murmuro. — Esteja aqui às três da tarde.

Dylan concorda, se despede de mim e entra em seu carro. Olho para o prédio e decido ir atrás da Emily. Não gosto que ela ande sozinha, ainda mais agora que James quer me encontrar. Vou na mesma direção que a minha irmã foi, meus passos são largos e eu esqueço de uma vez o que aconteceu a pouco com a Maire. Eu sei que terei que conversar com ela, para que uma confusão não aconteça e que continuamos nessa cidade. Encontro a Emily assim que viro na esquina, a chamo e ela para. Passo o meu braço pelo seu pescoço e

continuamos a andar. Não sei qual desculpa eu vou dar sobre a minha ida a Malibu, mas precisa ser muito boa para a Emily não desconfiar de nada.

— Eduard você terá um grande problema com aquela garota.

— Maire? — Questiono a fazendo dar de ombros. — Eu vou conversar com ela, mesmo que não devo nenhuma satisfação. A gente só transou ontem na academia.

— Está pegando, as suas alunas? — Emily questiona incrédula.

— Emily... — Resmungo, pois não quero entrar nesse assunto. —, ela, a Maire, foi apenas um caso numa noite qualquer.

Emily revira os olhos para mim e entramos na cafeteria. Como a cidade é pequena, muitas pessoas nos conhecem de vista e sempre nos cumprimentam. Desde o momento que eu coloquei os meus pés nesse lugar monótono, sou louco para ir embora e voltar para a vida agitada de Los Angeles. E em falar naquele lugar, Malibu é perto e eu terei que ser mais esperto do que o meu pai. Ele não pode perceber as mudanças em mim, por exemplo, o cabelo, e muito menos mandar alguém nos seguir.

Dylan tem que fazer estratégias, ficar em contato com o Torres e nos livrar de qualquer problema. Emily paga as bobagens que ela pediu, segura em meu braço e saímos do estabelecimento. Eu espero que ela concorde em ficar com a Alana e não invente de querer sair de lá. Eu faço questão de deixá-la segura naquela casa e assim que eu voltar para cá, eu mesmo irei buscá-la.

— Sabe o que eu pensei... todos acham que somos algum tipo de casal e você não pode sair pegando mulheres por aí.

— Eu não faço isso, Emily. — Resmungo. — Maire foi apenas um acontecimento de momento.

— Quer pegar alguém... pegue! Só não faço isso de forma explícita. Temos que ser discretos.

— Eu não vou nos expor nessa cidade minúscula.

— Assim espero, Eduard.

Agora é a minha vez de revirar os olhos.

— Mudando de assunto. Eu tenho que ir a Malibu ainda hoje com o Dylan, você vai ficar na casa da Alana.

— O que você vai fazer em Malibu?

— Apenas averiguar as movimentações do James e vamos nos encontrar com o Torres.

— Isso é perigoso.

— Eu sei, mas é preciso. — Informo. — Não fique nervosa e nem preocupada. Vai dar tudo certo.

— Ed... — Ela me repreende balançando a cabeça de forma negativa.

— Confie em mim.

Ela para de andar, se vira para mim e eu fico sem reação alguma. O temor está em seu olhar e eu não quero que ela fique assim.

— Eu tenho medo dele nos descobrir aqui.

— Ele não vai!

Beijo o topo de sua cabeça e entramos no nosso prédio. Em seguida já estamos dentro do elevador, olho para a Emily e eu fixo uma coisa em mente. Eu tenho que fazer jus a tudo que eu disse para a minha irmã. James não irá nos encontrar! Nunca! Se ele nos encontrar, eu vou dar a minha vida para protegê-la. Assim que entramos no nosso apartamento, eu vou direto para o nosso quarto e pego a minha mochila. Emily entra no quarto mastigando, abro as portas do guarda roupa e procuro pela minha arma especial. É uma LW Commander (45ACP), o cabo é de madeira aonde tem o meu sobrenome gravado e nela contém um silenciador, além da uma mira perfeita. A coloco no cós da minha calça, dentro da minha bolsa uma troca de roupa, pois não sei o que pode acontecer.

— Não me deixe sem notícias, por favor. Eu preciso saber de cada movimentação sua.

— O meu GPS vai estar ativo e você pode me rastrear o tempo todo.

— Mas eu preciso ouvir a sua voz.

Deixo a mochila sobre a minha cama, me aproximo da minha irmã e afago o seu cabelo, após secar a pequena lágrima que escapa do seu olho.

— Eu te ligo assim que eu chegar lá.

— E não demore a voltar.

— Não vou. Assim que eu sair de lá, eu te aviso também.

— Ed...

— Eu vou te avisar sempre, não se preocupe, pois eu não vou sumir e te deixar louca aqui. Me preocupo com você muito e com o Andrew também.

Ela acena chorosa e me abraça. Mesmo depois de alguns meses, eu ainda não estou acostumado com muitos toques afetuosos e demonstrações de carinho. Emily sempre quer estar me abraçando e isso me pega de surpresa. Eu a abraço quando sinto a necessidade de me expressar melhor e sei que ela

gosta dessa minha demonstração. Beijo o topo de sua cabeça, digo que eu a amo e ela se afasta. Coloco um boné sobre a minha cabeça, pego os meus pertences junto com a mochila e saio do quarto. Emily pega o que é necessário para ela, saímos do apartamento e vamos rumo ao elevador. Confirmo a hora no meu celular e respiro fundo. Quase três da tarde e eu simplesmente não sei o que vai acontecer após eu entrar no carro do Dylan e seguirmos para Malibu. Assim que passamos pela porta do prédio, vejo o Dylan já me esperando e eu respiro fundo. Alana desce do carro, sorri para nós e se despede do namorado através da janela.

— Você volta até que horas? — Emily me questiona.

— Talvez oito da noite, não sei como estará o trânsito, mas eu te aviso e você... tenha cuidado e qualquer coisa me ligue.

— Nós vamos ficar bem.

— Nós também. — Garanto e a abraço mais uma vez. — Me perdoe por todo mal que eu te fiz e eu te amo.

— Você sabe que eu te perdoei faz tempo e eu te amo.

— Eu volto logo.

Emily sorri fraco e começa a caminhar ao lado da Alana. Entro no carro do Dylan, jogo a minha mochila no banco de trás e esfrego o meu rosto em minhas mãos. Percebo que ele está me olhando, mas prefere ficar em silêncio e nos leva rumo ao nosso destino. Se Deus achar que eu mereço, eu peço proteção, pois só ele para me livrar do mal – vulgo, James Lewis –, e fazer tudo dar certo. Eu sei que nunca fui uma boa pessoa, mas eu estou tentando ser um rapaz melhor, não apenas por mim, mas principalmente pela minha irmã.

— Ficar nervoso não vai adiantar nada. — Dylan murmura e eu o encaro. — Emily está segura na minha casa, Alana sabe se proteger e a Emily também.

— Eu não gosto de me afastar dela, mesmo que seja para saber o que aquele babaca quer.

— Vai ser rápido e tranquilo. Ele só quer conversar e ele não iria se arriscar tão facilmente.

— Mas sempre tem capangas para fazer o que ele quiser, assim como ele fez com a minha mãe.

— Foi crueldade aquilo.

Odeio lembrar tudo aquilo que aconteceu, principalmente das horas

anteriores que estivemos juntos e que ela tinha o Jensen como amante. E em pensar nele, eu pretendo ter uma boa conversa com aquele idiota. Não vai ficar barato tudo aquilo que aconteceu e nem o que a minha mãe passou, mesmo que seja incerto, mas eu quero acertar a cara daquele filho da puta. Longas semanas atrás eu desafiei os 5M, apenas lutei com o Dominic e sai perdendo, mas assim que eu voltar para Los Angeles eu quero dar sequência a esse desafio. Não sei quem será o próximo, mas estou ansioso para a minha luta com o Jensen.

[...]

Dylan entra numa garagem subterrânea, descemos do carro assim que ele estaciona ao lado de um carro vermelho e tem um homem sentado no capô. Ele deve ser o amigo do Dylan que vai nos ajudar. Vamos trocar de carro antes de encontrarmos o meu pai, pois não queremos que ele nos siga ou nos investigue. Observo o Dylan cumprimentar o rapaz, pega a chave do carro e nós entramos. No meio do caminho trocamos de roupas, pois até as nossas imagens podem serem investigadas e eu acabei de avisar a Emily que já estamos em Malibu.

Assim que saímos da garagem subterrânea, eu sinto o medo correr pelas minhas veias e principalmente o medo de eu nunca mais ver a minha irmã. Eu sei que ela está bem, está em segurança e que está aflita pela minha volta. Olho para a janela ao meu lado, observo o mar um pouco agitado e algumas pessoas na areia tomando o restante do sol desse dia que foi bonito, mas misterioso. O carro para numa vaga qualquer, desço do automóvel e o temor se torna ainda maior quando os meus pés tocam o chão. Faltam pouco minutos para seis da tarde, em breve o meu pai vai estar aqui e iremos conversar.

Espero que seja uma conversa tranquila, que eu vá embora e que não tenhamos nenhum contratempo. Ando em direção ao quiosque bem ao lado, me sento numa área que dá visão para a orla e para a praia. Dylan se senta ao meu lado direito, um garçom vem até nós e pedimos uma cerveja para cada. Quanto mais se arrastam os minutos, mais apreensivo eu fico. O garçom logo volta, coloca duas garrafas em cima da mesa e se afasta. Bebo um longo gole, arrumo o meu boné e olho ao redor.

— É um saco esperar.

— Acabamos de chegar, Eduard. — Dylan resmunga.

Reviro os olhos, bebo mais um gole e vejo três carros pretos estacionando perto de onde estamos. Dou um toque no Dylan, ele olha na mesma direção e eu sinto o meu coração pulsar mais rápido. Mesmo que eu esteja uma pilha de nervoso, eu sei disfarçar isso e qualquer outro sentimento. Seguranças descem de todos os carros e eu conto rapidamente.

Oito seguranças, um deles é o Torres e eu tenho certeza de que estão preparados para qualquer coisa. Enfim o James desce do carro, ele fecha o botão do paletó e olha ao redor a minha procura. Torres avisa o meu pai aonde estamos e todos eles andam em nossa direção. Olho para a minha frente, encaro a mesa redonda de madeira e respiro fundo antes de vestir a minha máscara invisível. Ouço a cadeira a minha frente ser arrastada, o cheiro dele atinge o meu nariz e eu levanto o meu olhar.

— Que bom que veio. — Ele fala num tom baixo e sem nenhuma expressão.

— O que você quer?

Meus olhos passeiam pelo ambiente, vejo os seguranças espalhados ao redor do quiosque e apenas dois deles estão ao lado do meu pai. Volto a atenção para o homem a minha frente, cruzo os meus braços em frente ao corpo e o encaro sem medo algum. Antes eu estava com medo, mas estando frente a frente com ele, eu não sinto mais isso, pois eu o conheço. Eu sei do que ele é capaz, sei o quanto ele é perigoso e cruel. Ele me ensinou ser assim e estando aqui, me faz voltar ser aquele filho da puta que eu era.

— Cadê a Emily? — A sua pergunta me surpreende e eu rio.

— Você acha mesmo que eu ia trazê-la, ainda mais depois de tudo que você fez contra ela? Minha irmã está segura, bem longe daqui e longe de você.

— Depois de tudo que eu fiz? Eu sou o único vilão dessa história, Eduard? — Ele questiona irritado. — É por que eu mandei matar a vagabunda da Margareth ou por ser quem eu sou? Você e a Emily são iguais a mim, não podem mudar o que são só por causa das revelações.

— Primeiro; você é o único vilão dessa história sim e nada irá mudar isso. Segundo; Você não tinha o direito de matar a minha mãe, ela errou e você sempre errou com ela, mas quando ela acordou para a vida, você não suportou. E por último; Emily e eu não somos iguais a você, nunca fomos e nunca seremos.

— Para de querer bancar o santo, Eduard! — Ele murmura irritado. — Você é tão errado quanto eu.

— Eu já erreí diversas vezes, mas ao seu mando e não por minha vontade. — Murmuro irritado. — Diz logo o que você quer. O quão mais longe eu ficar daqui e de você, é melhor para mim.

— Eu ordeno que você volte para casa com a sua irmã.

— Nunca! — Levanto-me de onde estou sentado e apoio as minhas mãos sobre a mesa. — Eu te odeio e te desejo todo o mal possível. Você quase acabou com a minha vida e a da Emily, mas saímos a tempo da sua prisão. Se depender de mim, nunca mais veremos a porra da sua cara.

Ele ri com deboche e se inclina em minha direção.

— Vocês vão precisar de mim.

— Não! Não vamos e você pode ter certeza disso. — Aproximo o meu rosto do seu e sorrio friamente. — Eu espero que você sofra muito e que pague pelo todo mal que fez.

— Cuidado que o que desejar para mim, pode ir para você.

A sua expressão é fria e pode aterrorizar qualquer um que não o conheça, mas não a mim.

— Eu já convivi com o mal em pessoa, que é você, então nada que vier depois disso irá me surpreender.

— Fique se achando, Eduard. Mantenha essa pose de forte, até eu te pegar de jeito e te quebrar...

— Faz isso agora, governador. — Debocho ao abrir os meus braços.

O meu sangue está fervendo, eu estou louco para dar um muro na cara do *melhor* governador da Califórnia e matar ele com as minhas próprias mãos. Ninguém que está ao nosso redor ousa se envolver na conversa, pois sabe que é briga de cachorro grande.

— Eu não preciso sujar as minhas mãos...

— Claro! Você tem pessoas que façam isso para você, mas preste bem atenção, pois o seu reinado irá cair.

— Quer que eu agradeça? — Ele questiona com deboche. — Eu vou descobrir aonde você está se escondendo com a Emily.

— Eu te mato com as minhas próprias mãos se você ousar chegar perto da Emily. — Dou um soco sobre a mesa chamando a atenção de algumas pessoas e tento me controlar. — Fique longe de nós e vai seguir a sua vida de bom governador. Algo que você não consegue ser; um bom ser humano e

muito menos pai.

Não espero nem um mais segundo, saio andando e me seguro para não tacar o foda-se em tudo, só para ir quebrar a cara do meu *pai*. Paro perto de uma árvore, ou seja, lá o que for, esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e dou um soco no ar. Observo o Dylan se sentar no banco próximo a mim, ando em sua direção e me sento. Apoio os meus cotovelos nos joelhos e deixo o meu dorso inclinado para frente. Olho para aonde os carros do meu pai estão estacionados, observo cada um adentrar nos automóveis e eles se vão em seguida. Eu estou agoniado por causa dessa raiva irradiando de mim, preciso descontar em algo e seria maravilhoso lutar contra alguém, mas não vou conseguir isso. Talvez eu vá para a academia mais tarde e consiga fazer algo.

— Você caiu muito fácil nas provocações dele.

— Eu sei, merda! — Exclamo num resmungo. — Estou puto com aquele imbecil.

— Até eu estou, Eduard. Ele agiu como se fizesse coisas certas, mas tem o prazer de te mostrar o quão perigoso ele pode ser.

Maneio a cabeça para os lados, olho ao redor procurando algo diferente e vamos rumo a carro emprestado. A minha atenção está fixa a nossa volta, pois estou com temor de sermos seguidos. Eu prefiro agir no automático, do que deixar a raiva me controlar e olha que eu estou fazendo um enorme esforço. Aquele imbecil só me traz o mau, me faz ser ruim novamente e querer fazer coisas que não são boas. Assim que descemos do carro, já dentro da garagem subterrânea, eu desço do carro e me afasto de todos. Eu quero um momento sozinho e o Dylan sabe disso.

Encosto-me numa pilastra qualquer, escorrego até o chão e coloco a minha cabeça entra as mãos. Mordo o interior da minha bochecha com força, sinto o gosto metálico em minha boca e cuspo no chão uma pequena quantidade de sangue. Eu preciso me acalmar, voltar a ser o novo Eduard e mostrar para a Emily que tudo está bem..., mas não tem nada bem comigo. Cuspo mais uma vez no chão, fico em pé e passo as mãos em meu rosto. Eu não me permito a chorar! Vejo o carro do Dylan parar bem na minha frente, entro no automóvel e troco a minha camisa. Coloco o meu cinto de segurança, encosto a cabeça na janela e fecho os meus olhos por alguns segundos, apenas para controlar as lágrimas.

— Por que diabos ele acha que ainda manda em nós? Queria que nós voltássemos para a droga daquela casa!

— Você tem duas opções; se acalma ou pira de uma vez e conta para a Emily.

— Ela não deve saber dessa merda. Ela está grávida.

— Então se acalma, porra! Eu não posso dirigir a merda desse carro, enquanto você pira ao meu lado.

Calo-me e fico parado, olhando para a frente. Acabamos de entrar na estrada que nos leva de volta para aquela cidade monótona. Sem ação, cor ou vida. Em pensar em Solvang, me lembro que preciso conversar com a Maire. Não sei o que eu vou dizer e nem se vou responder se ela me perguntar alguma coisa. Eu só preciso deixar ela mansa, como eu a conheci.

Foi pura ilusão quando eu quis acreditar que a minha vida iria melhorar? Com certeza, pois eu continuo ruindo aos poucos, só que eu preciso me lembrar da Emily. Mesmo que eu esteja todo destruído, eu preciso ser o alicerce da minha irmã. O que seria dela, sem mim? Outra ruína. Pego o meu celular em meu bolso, desbloqueio e digito o número da Emily. Eu preciso falar com ela, mesmo que a maior necessidade seja abraçá-la e proteger de todo o mal. As palavras do meu pai ecoam em minha cabeça ainda e eu quero sentir o sangue dele em minhas mãos.

— Oi, Ed. — Emily fala ao atender a ligação.

— Oi, clone. Como você está?

— Fazia anos que você não me chama assim. — Percebo um pequeno sorriso em sua frase. — Eu estou bem, você anda muito preocupado.

— Tenho motivos para estar assim.

— E quais são esses? O que está acontecendo, Eduard?

— Nada, Emily. Eu só não gosto de me afastar de você.

— Eu sei me proteger.

— Eu tenho certeza disso, mesmo assim eu tenho que te proteger.

— Tudo bem, irmão superprotetor. — Ela debocha. — Está aonde?

— Voltando, daqui a pouco eu estou aí.

— Estou te esperando.

Encerro a ligação e respiro fundo. Emily está bem e o James não vai nos encontrar, caso não encontre, eu irei matar e morrer para proteger a minha irmã, já avisei isso. Guardo o celular em meu bolso, respiro fundo e tento deixar a minha ira pelo caminho que nos leva rumo a cidade monótona... e chata. Ao chegar lá eu terei que desarmar uma bomba, uma deliciosa bomba que atende pelo nome de Maire. Eu desejo muito resolver

esse assunto, pois não quero problemas e nem chamar a atenção de ninguém. Por mais que eu queria resolver isso, eu não sei como fazer, pois eu terei que criar mentiras em cima de mentiras para encobrir a verdade e espero não me enrolar no meio de tudo isso.

— Estive aqui pensando. Eu não acreditei muito no seu pai. — Dylan comenta chamando a minha atenção.

— O que você está querendo dizer? — Questiono.

— Você não achou estranho ele te chamar aqui apenas para exigir que você e a Emily voltem?

— E para que mais seria? Eu o conheço, sei que não iria exigir por telefone.

— Eu acho que... — Ele se cala e mania a cabeça para os lados. —, ele queria te ver. Ver se você estava bem e se precisava de algo. Não era apenas para exigir, era para te ver novamente.

— Você está errado. — Declaro.

— Para e pensa. Mesmo com aquele jeito ditador dele, de achar que ainda tem a posse sobre vocês, ele demonstrou preocupação em alguns momentos.

— Ele nunca teve preocupação comigo e com a Emily.

Dylan suspira e aperta as mãos no volante. Ele está errado. James Lewis não tem sentimentos por ninguém, a não ser por ele mesmo. Ele jamais se preocupou com os filhos, principalmente no momento que decidiu assassinar a minha mãe. Por mais vadia que ela tenha sido, ele não tinha o direito de mandar fazer aquilo. Eu jamais vou perdoá-lo e, eu jamais vou perdoar a Margareth.

Ela teve culpa na destruição da família, por mais estranha e complicada que fosse. Emily é uma pessoa melhor que eu, e consegue entender a decisão da nossa mãe em ter ido se aventurar, mas nem por isso ela aceita que tenha sido com o idiota do Brown. Eu acho... não! Eu tenho absoluta certeza de que, essa parte é a mais imperdoável. Jensen agiu de forma suja, tinha um caso com a minha mãe mesmo sabendo dos riscos que corriam, principalmente ela. Aquele babaca cruzava comigo nos corredores do *Fight*, falava comigo e depois ia se afundar na minha mãe.

— Ele se preocupa. — Dylan afirma.

— Não! E pare de falar merda.

— James se preocupa com vocês sim, pois vocês são as únicas coisas

boas que a Margareth deixou.

— Eu vou socar a sua cara se você não parar de falar merda. — Rosno.

James bateu na minha irmã, praticamente a espancou. Ele me deixou infértil. Nos privou de muitas coisas e sempre nos fez mal. O cinto aperta o meu peito quando o carro freia de repente e eu encaro o Dylan. Eu já estou puto com essa merda de dia e ele está me irritando ainda mais.

— Então soca a merda da minha cara, mas aceita a verdade. Por mais babaca que ele foi com vocês, ele...

Acerto o meu punho diretamente em seu nariz e o sangue escorre em seguida.

— Ele é um filho da puta! Só fez mal a nós e não existe preocupação. Ele matou a vadia da minha mãe, me afastou da Morgan, me deixou infértil, espancou a Emily e...

Sinto a minha garganta se fechar e as lágrimas embaçam a minha visão. Minha cabeça começa a latejar, sinto o meu corpo tremer e eu fico cada vez mais sufocado. Ouço o Dylan me gritar, mas a sua voz está longe. Essa foi a primeira vez que eu disse tudo isso em voz alta e me sinto cada vez mais sufocado. Eu deveria me sentir mais leve, mas não essa merda que acontecesse. Dylan me sacode pelos ombros e fala diversas coisas, mas eu ainda não consigo voltar ao meu eixo.

— Lewis! — Ele grita mais alto e é como se algo quebrasse dentro de mim, me libertando desse pânico.

Respiro fundo, abro a porta do carro e saio. Me sento no asfalto, me curvo e tudo que estava em meu estomago, sai por minha boca. Minha garganta arde, mas eu não paro de vomitar. É como se eu estivesse colocando o meu lado ruim, o meu mal, para fora, mas eu sei que ele não irá sumir dessa forma. Escondo o meu rosto entre as minhas mãos assim que o meu estômago fica vazio e me torno um rio de lágrimas. O meu choro é compulsivo e eu sinto o mundo pesar ainda mais em minhas costas. Eu estou cansado de tudo e só quero paz. Eu fico longos minutos na mesma posição e assim que eu me acalmo, entro no carro e coloco o meu cinto.

— Vamos embora. — Peço.

— Você está bem? — Ouço o Dylan me questionar.

Não olho para ele, pois me sinto um fraco. Ele me viu vulnerável e eu odeio que presenciem isso. Apenas balanço a cabeça de forma positiva e sinto o carro voltar a se movimentar. Me liberto do cinto, retiro a camiseta que está

em meu corpo, pois ela está suja e pego uma limpa dentro da minha mochila. A visto e jogo as coisas de volta no banco de trás. Eu simplesmente não posso fraquejar dessa forma, não posso ficar vulnerável e muito menos ter uma nova crise. Eu sei exatamente o que eu tive há alguns minutos e fazia muito tempo que isso não acontecia. A última vez foi no dia que fugimos de Los Angeles e eu tinha certeza de que aquela seria a última vez.

Observo o Dylan tocar no painel do carro, uma música começa a soar pelos altos falantes e suspiro. Eu sei que ele está louco para dizer alguma coisa, mas está respeitando o meu espaço. Só que esse silêncio me incomoda ainda mais e me faz ter um controle ainda maior para que lembranças não me assombrem. Eu ainda não sei quando eu terei paz, mas desejo muito que seja em breve, pois eu sei que eu não irei suportar o peso da minha próxima crise. Eu poderia retornar a me consultar com um psicólogo, mas não posso gastar o dinheiro que tenho e o meu psicólogo está em Los Angeles. Cruzo os meus braços em frente ao corpo e olho para a janela ao meu lado.

— Emily pode ficar mais um pouco na sua casa? Eu ainda vou precisar resolver outro problema, o mais rápido possível.

— Ela pode, mas... — Ele se cala e eu o encaro. —, você tem certeza de que vai resolver esse problema? Aquela garota deu a impressão de ser um enorme problema.

— Se eu soubesse que ela poderia causar isso, nem teria me envolvido, mesmo que tenha sido apenas uma foda. — Resmungo e um sorriso idiota surge no canto da minha boca. — Maire sabia o que queria desde quando cruzou comigo e eu dei o que ela queria, ou melhor, ela me deu.

Dylan ri do meu deboche.

— Você sabe o que faz da sua vida, mas precisa se lembrar de ser discreto.

— E eu fui e sou. — Afirmo. — A fodi no vestiário masculino da academia.

— Que babaca, Lewis. — Ele resmunga.

— Babaca? Vai me dizer que nunca agiu da mesma forma ou pior? — Questiono.

— Não.

— Que babaca, Allen. — Resmungo, ao imita-lo.

— É a verdade.

O encaro intrigado e ele ri.

— Não acredito nisso. Todo homem já foi babaca antes de conhecer a atual.

— Eu conheci a Alana quando eu tinha dezesseis anos...

— E está com ela todo esse tempo? — Questiono incrédulo.

— Não, não. — Ele nega e me encara por alguns segundos. — Você quer ouvir a história?

— Temos um longo caminho ainda. — Dou de ombros.

Dylan abaixa o volume da música, diminuiu suavemente o carro e mantém o olhar fixo na estrada. Por mais que eu não estivesse a fim de ouvir nada amoroso, é melhor do que eu permitir que os meus demônios me dominem.

— Nos conhecemos quando eu tinha dezesseis anos, ela tinha treze e nós nos envolvemos de uma forma boba. Foi um romance rápido e que ninguém colocava fé. Terminamos quando eu decidi seguir os passos do meu pai, fui me especializar e me tornar um bom segurança e ela ainda estava terminando o ensino médio. Encontros e desencontros durante longos anos, até eu reencontrá-la há quatro anos.

— Então, desde essa época estão juntos?

— Sim. Ela era a certa desde o início, mas nós éramos jovens demais e só mais tarde pudemos entender qual era o momento certo.

Isso me faz lembrar do relacionamento da minha irmã com o Turner e eu penso seriamente naquele relacionamento conturbado, por culpa de terceiros. Creio que se nada daquilo estivesse acontecido, eles poderiam ter constituído uma família e eu estaria feliz ao ver a minha irmã sendo realizada. Claro que poderia ter acontecido uma separação e cada um ter ido viver a sua vida, mas essa é a opção menos provável. Independente que eles eram mais novos, eles tinham ciência do que queriam e iam fazer cada momento fazer a pena, como eles fizeram a cada momento que estiveram juntos.

— Emily e Turner eram jovens, mas eu tenho quase certeza que dariam certo.

— Eu tenho certeza. — Dylan comenta. — Eles se amam demais e nada do que passaram será capaz de fazê-los desistirem.

— Quero que a minha irmã seja feliz e eu sei que será com o Dominic.

— Porque... você não gostava deles juntos?

Me surpreendo ao ouvir a pergunta dele e engulo em seco. Eu nunca me orgulhei de ter sido contra a felicidade da minha irmã, mas eu era um

imbecil e queria afastar todos que a faziam bem, algo que eu jamais fui capaz de fazer.

— De início eu era apenas um babaca, quis afastar o Dominic e manter a minha irmã por perto, até tinha dado uma ideia para o meu pai montarmos um flagra de traição e só daquela forma a Emily repudiaria o Turner, mas o meu pai disse que tinha uma ideia melhor e a prisão veio.

— E depois? Você continuou não gostando e até agrediu a Emily por causa do novo envolvimento dela com o Dom.

— Ciúme. — Confesso. — Eu sempre vi que o Oliver a tratava melhor do que eu a tratava, ela era como uma irmã para ele e isso me deixava puto, pois eu via que ela amava estar com ele. E sobre o Turner, era por não querer que ela longe de mim.

— Mas se você deseja a felicidade dela, deveria aceitar o que a cercava, pois a fazia bem.

— Só que eu sou ingrato demais e achava certo tudo aquilo. — Dou de ombros. — Mas eu a quero feliz e quero que voltemos para Los Angeles.

— E vamos, em breve. Pelo menos é o que eu também desejo.

— Mas antes disso, James precisa sumir.

Dylan acena concordando comigo e eu suspiro. Eu não sei como fazer isso. Eu ainda não sei.

[...]

Enfim chegamos, ou melhor, voltamos a essa cidadezinha chata. Não sou e nunca serei receptível com você, Solvang. Bato o meu punho contra o do Dylan, desço do carro e suspiro ao olhar para a entrada da academia. Eu decidi vir direito para cá e tentar encontrar a Maire, pois quero resolver esse problema de uma vez, mesmo que eu não tenha a menor ideia de como fazer tal coisa. Adentro no estabelecimento, Lin me olha surpresa e se inclina sobre o balcão. Ela sabe que eu não viria trabalhar hoje, então deve estar estranhando a minha presença aqui.

— Oi Lin. Eu preciso de uma informação...

— Ulisses disse que você estava de folga hoje. — Ela comenta ao me interromper. — Me desculpe, Connor. Do que você precisa?

— Sabe quem é a Maire? — Pergunto suavemente.

Apoio o peso do meu corpo no balcão e observo a Lin. Sua boca numa

linha reta e os seus olhos demonstram chateação. Por mais que ela seja gostosinha, eu não posso dar esperanças.

— Sei sim. — Ela resmunga.

— Ela está por aqui hoje?

— O que você quer com a Maire? — Ela questiona.

— Eu a ajudei ontem em seu treino e acabei esquecendo um negócio com ela. — Minto, mas coloco o meu melhor sorriso no rosto.

— E o que seria? Ela pode ter deixado aqui.

— Ela não deixou, eu tenho certeza.

Lindsay semicerra os olhos e aponta para a porta que dá acesso a piscina. Dou um beijo em sua bochecha a surpreendendo e vou rumo ao local aonde a Maire deve estar. Atravesso as portas duplas de vidro e a atenção de todas se voltam para mim. Meus olhos passeiam pelo ambiente, cumprimento a professora e foco os meus olhos nas diversas mulheres que estão dentro da piscina. Estava acontecendo uma sequência de exercícios aquáticos e agora todas me olham curiosas.

— O que deseja, Connor? As minhas alunas estão vidradas em sua beldade.

Coço a minha barba rala – eu a deixei crescer nessas últimas semanas – e sorrio para a Jenny. Ela está muito próxima a mim, então as pessoas não ouvem o que nós falamos e a música baixa também não permite isso.

— Eu preciso falar com a Maire.

— Ela está no meio de um exercício e eu creio que ela não vá querer ser interrompida.

— É importante.

Jenny revira os olhos e fica de frente para a piscina. Só agora eu consigo localizar o meu alvo e os seus olhos estão fixos a mim. Ela está usando um maiô preto, sem nenhuma abertura frontal, mas deixa as suas costas totalmente nuas.

— Maire, o Connor quer falar com você.

— O que você quer? — Maire questiona.

— Conversar com você.

— Eu estou no meio da aula, ou não percebeu?

— Eu espero, sem problema algum.

Pisco para ela e me sento num banco bem próximo aonde a Jenny fica. Todas as alunas encaram a Maire e algumas comentam entre si. Ela não vai

escapar de mim e nós vamos conversar. Jenny volta a dar exercício, as alunas voltam aos seus deveres e eu mantenho o meu olhar fixo *nela*, tentando achar uma maneira de resolver esse problema. Ela tentar manter a atenção nos tais exercícios, mas não consegue, pois eu a distraio muito.

— Idiota. — Ela sibila.

Apenas rio com deboche e ela fica ainda mais nervosa. Por mais que eu não queira me apegar a ninguém e continuar sendo discreto, eu sinto atração pela Maire. Sei que podemos ajudar um ao outro, em questão de satisfação. Sinto que estou sendo observado, olho para o lado esquerdo e vejo que é a Jenny. Ela faz uma careta para mim e suspira antes de voltar a atenção as suas alunas. Espero que essa merda esteja acabando, pois eu quero ir para casa ficar com a minha irmã. Os minutos se arrastam, fazendo eu ficar ainda mais entediado. Bato as mãos em meus joelhos, me levanto de onde estou sentando e cruzo os meus braços em frente ao corpo.

— Sai dessa água e vamos conversar, Maire. — Ordeno sem paciência.

— Connor pare de show e me deixa em paz.

— Para de ser imatura e aja como uma mulher. Uma mulher de atitude, e uma bem diferente daquela que estava com a cara grudada na parede do vestiário masculino.

— Você é um babaca. — Ela resmunga.

Sorrio satisfeito a vê-la nadando até a borda da piscina e eu aceno para a Jenny. Seguro nas alças da minha mochila, ando calmamente para longe da piscina e ouço passos apressados atrás de mim. Sei exatamente de quem são e sei que ela está nervosa. Me sento no banco de madeira bem longe da piscina, observo as mulheres voltarem aos seus exercícios e a Maire atrapalha a minha visão quando para na minha frente. Os seus braços cruzados em frente ao corpo e os meus olhos passeiam pelo seu corpo. Suas longas pernas estão a mostra e ela bate o pé inquieta.

— Podemos conversar? — Pergunto suavemente.

— Por que está aqui, ao invés de estar com a sua mulher e o bebê? — Ela questiona irritada.

— Vamos conversar ou você vai ficar nessa pose de mimada? — Questiono sem paciência.

Maire suspira, retira a toca de sua cabeça e liberta o seu cabelo úmido. Ela se senta ao meu lado, pega a toalha que estava jogada no banco e seca suavemente algumas gotas de água. Eu não consigo pensar em nada, mas a

quero por perto em alguns momentos, apenas para satisfação, como eu disse antes. Eu tenho que ser muito bom de lábia, então eu não tenho que me esforçar tanto assim.

— Eu estou te ouvindo, então pode falar e seja rápido. — Ela resmunga.

— Eu não sei nem como começar a falar, mas eu sei que tenho que explicar algumas coisas.

— E como. — Ela debocha e nós nos olhamos fixamente. — Eu estou chateada com você.

— Eu imagino. — Suspiro e coço a minha barba. — O que você viu mais cedo, não é como você entendeu...

— Uma mulher e um bebê a caminho? — Ela questiona. — Eu sei muito bem o que eu vi.

— O filho não é meu e ela é... a minha irmã.

— Sua irmã? Vai mentir para outra pessoa.

Maire fica de pé e tenta se afastar de mim, mas eu a seguro pelo pulso.

— Ela é a minha irmã, mais nova e está grávida. Nós chegamos a pouco tempo na cidade, pois queríamos um pouco de liberdade dos nossos pais e ela para esconder a gravidez.

Por parte é mentira e eu estou me arriscando, mas sei exatamente o que fazer. Maire volta a se sentar, cruza os braços em frente ao corpo e me olha com atenção.

— Vocês são uma dupla de filhos rebeldes?

— Por partes sim. — Dou de ombros. — E por estarmos querendo uma liberdade, somos bem discretos e ninguém sabe muito da nossa vida, consequentemente pensam que somos um casal, mas não somos e nem desmentimos isso.

— Por que não?

— Porque chamaria muita atenção ao dizermos que somos irmãos.

— E você acha que isso vai me convencer? — Ela questiona.

— Não estou aqui para te convencer a nada, apenas quero esclarecer as coisas.

— Já estão esclarecidas.

Ela volta a ficar de pé, eu faço a mesma coisa e deixo os nossos corpos próximos. Eu sei que eu a afeto e a quero afetar ainda mais, só assim consigo o controle da situação.

— Eu sei posso ser um babaca às vezes, demonstrar algumas coisas ruins, mas eu quero ficar numa boa contigo.

— E o que isso quer dizer?

— Apenas ficar numa boa, nos conhecemos e eu não quero um clima ruim.

— Isso tudo para transar novamente comigo? — É evidente o deboche em seu questionamento e eu rio. — O que é engraçado?

— Você quer que eu te foda novamente e está fazendo essa pose de difícil. — Declaro e aproximo a minha boca do seu ouvido. — Você quer isso, não é? Quer sentir as minhas mãos em seu corpo, minha boca em teus seios e o meu pau indo bem fundo dentro de você?

— Connor... — Ela tenta reclamar, mas geme.

— Eu sei que você quer exatamente isso. — Sussurro em seu ouvido e acaricio a sua cintura. — Só que você não acredita em mim.

Dou de ombros e me afasto. Aceno com a cabeça e caminho rumo a porta. Eu sei que ela virá atrás de mim e tentará se redimir comigo, e até mesmo fazer uma boa proposta. Conto mentalmente os segundos e quando chego a cinco, empurro a porta e sinto uma mão segurar em meu pulso. Olho para o meu lado esquerdo, Maire sorri para mim e cola o seu corpo no meu.

— Nós podemos ficar numa boa. — Ela concorda.

— Tudo bem.

Ela se inclina em minha direção, beija suavemente o canto de sua boca e eu saio. Passo pela recepção, aceno para a Lin e saio da academia. Caminho calmamente pela calçada, mantenho os olhos atentos ao redor e me sinto mais calmo, para reencontrar a minha irmã. O céu já está escuro, poucas pessoas andam por essa cidade monótona e alguns bares estão cheios. Eu nunca gostei de beber, por mais que eu vivesse em meio a pessoas que adoravam bebidas alcoólicas, eu sempre repudiei o álcool.

Creio que seja por causa das vezes que eu via o meu pai beber e se tornar ainda pior do que ele já era. Por mais que eu tente ficar numa boa e tranquilo, o passado me assombra e os meus demônios tentam me dominar. E se eu deixar essa merda acontecer, a crise irá voltar com força total. Paro diante da casa do Dylan, vejo o carro dele estacionado na garagem e eu atravesso o portão. Logo dou dois toques na porta, ela se abre e eu cumprimento a Alana. Ela me permite entrar em sua casa, assim eu faço e procuro a minha irmã pela sala de estar.

— Cadê a Emily?

— Ela passou um pouco mal e o Dylan a levou para o hospital...

— Que merda aconteceu? — Questiono.

— Ela já está bem e só foi uma queda de pressão.

— E aonde ela está?

Ando pela casa, em busca da minha irmã e suspiro aliviado ao vê-la sentada na mesa da sala de jantar. Me aproximo dela rapidamente, passo os meus braços por seu pescoço e a abraço contra o meu tórax.

— Ed...

— Como você está? Por que não me ligaram? — Questiono olhando para o Dylan e volto o olhar para a minha irmã. — Deveria ter me ligado.

— Foi apenas uma queda de pressão, Eduard. — Ela resmunga.

— Não importa. Era para ter me ligado.

— Menos, Eduard. — Dylan me repreende.

— Menos? — Questiono. — Eu estou puto!

— Vamos embora. — Emily pede.

Ignoro a minha irmã e chamo o Dylan. Ele deixa a filha com a namorada e vamos rumo a sala de estar. Esse babaca está agindo como se estivesse tudo normal e eu quero socar a cara dele. Essa vontade nunca vai passar, mesmo que eu tenha dado um soco no nariz dele e que esteja inchado, além de estar um pouco torto.

— Por que você está nervoso? — Ele questiona.

— Por quê? Você ainda pergunta? — Questiono irritado. — Eu quero te dar outro soco.

— Para de ser babaca. — Ele exclama. — Está tudo bem com a Emily e você não vai me dar outro soco.

— Eduard, você está passando dos limites. — Emily me adverte entrando na sala de estar e me encara. — Você deu um soco no Dylan?

— Dei, ele estava me irritando.

— E só por isso você acha que tem o direito de...

— Emily, está tudo bem. — Dylan informa. — Eu o irritei.

— Não está tudo bem. — Minha irmã nega. — Eduard tem que parar de ser tão estressado. Ele não estava assim nessas últimas semanas.

— Emily... — Dylan a segura pelos ombros. —, está tudo bem.

Ela suspira e acena.

— Vou ir pegar a minha bolsa para irmos embora, Ed.

Emily nos observa por longos segundos, respira fundo e volta para a cozinha. Volto a minha atenção para o Dylan, analiso a sua expressão e me sinto arrependido por ter batido nele. Eu nunca fui de pedir desculpas a ninguém, a não ser para a minha irmã e mãe, mas eu ainda estou naquela meta de ser uma nova pessoa.

— Me desculpe pelo soco. — Peço, quase em um sussurro.

— O que? — Dylan questiona.

— Me desculpe pelo soco. — Murmuro.

— Você está pedindo desculpas? — Ele questiona debochado.

— Você me provoca e pede para levar bons socos na cara. — Rosno.

— Eu apenas queria ter a certeza do que eu ouvi. — Ele dá de ombros com um sorriso no canto da boca. — Tudo bem, eu sei que te provoco, mas naquele momento eu apenas estava querendo te fazer enxergar algo.

— Não volte a falar aquelas merdas novamente. — Resmungo.

— Eu... tudo bem. — Ele concorda de mal agrado.

— Você investigou aquilo para mim?

— Maire? — Ele questiona me fazendo afirmar. — Estou terminando.

Mais tarde eu passo no apartamento e te conto tudo.

— Tudo bem.

Emily volta para a sala de estar, se despede do Dylan e saímos da casa. Ela entrelaça os nossos braços e andamos calmamente rumo ao nosso apartamento. Me sinto um pouco mais leve, mas ainda estou preocupado com a minha irmã. Ela teve uma queda de pressão, eu não estava por perto e nem soube do acontecido no momento, apenas depois. Claro que isso me deixou muito puto, mas não posso ficar nervoso por causa dela, além de não querer chateá-la.

— Dylan me contou que você foi resolver o problema de duas pernas e com um par de seios. — Emily debocha.

— E conseqüentemente você passou mal.

— Foi uma coisa normal. Você está sentindo esse calor descomunal que está fazendo nesse merda de cidade? — Ela questiona. — Mas eu já estou melhor.

— E eu não vou sair de perto de você nem um segundo.

— Você tem um trabalho. — Ela debocha.

— Eu sei e vou te ligar sempre que eu puder. — Informo e acabo suspirando. — Eu fiquei puto com vocês, pois ninguém me avisou do que

aconteceu.

— Ed, foi uma coisa tranquila e rápida, nem fiquei meia hora no hospital.

— Nem que fosse um minuto, era para te me avisado.

— Eu não achei necessário e o mais importante era você resolver o *problema*.

— Você é a minha prioridade. — Afago o seu cabelo e entramos no elevador do nosso prédio. — Mas eu resolvi o problema.

— Como? Estou curiosa.

— Eu... apenas resolvi da melhor forma, contornando a situação.

— Como, Eduard? — Ela questiona irritada.

Ela vai ficar puta, mas foi a melhor forma para contornar a situação. Saímos do elevador, vamos rumo ao apartamento e logo adentramos nele. Vazio, silencioso e monótono. Tranco a porta, vou rumo ao quarto e jogo a minha mochila sobre a cama. Emily se senta em sua cama, coloca as mãos sobre o ventre e sorri suavemente. Em segundos ela voltar a me encarar seriamente e eu suspiro.

— Eu menti parcialmente.

— E a outra metade foi verdade. — Ela resmunga.

Coço a minha barba e retiro o boné da minha cabeça.

— Eu disse que somos irmãos e queremos liberdade longe dos nossos pais, consequentemente viemos parar aqui. Queremos privacidade, além de sermos discretos, então por isso as pessoas acham que somos um casal.

— Você pode jogar o nosso esconderijo na lama! — Ela grita.

— Eu sei o que estou fazendo e caso eu veja ou descubra que a Maire espalhou sobre isso, eu sei como sumir com alguém.

— Ainda bem que não desaprendeu. — Ela ironiza. — Ou vamos ter que fugir daqui e ficarmos ainda mais longe de Los Angeles.

— Talvez ela possa ser uma aliada. — Sugiro. — Eu pedi para o Dylan investigá-la.

— Espero que isso não dê merda.

— Eu também espero.

Vou rumo ao banheiro, jogo a minha roupa dentro do cesto e entro debaixo do chuveiro. A água escorre pelo meu corpo, mas não me alivia. A maldita tensão volta a tomar conta de mim e eu permito que ela venha com forma total. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, se misturando com a água

que cai sobre mim e aqui, nesse lugar estando insolado de tudo, eu me sinto um fraco. Dor, é o que eu sinto, mas não é no corpo. É dor na alma, que me corrói e faz eu me sentir uma cópia do James quando eu me lembro de tudo que eu fiz. Dou um soco na parede tentando aliviar um por cento do que eu estou sentindo. Eu sei que, quanto mais eu ficar aqui, me permitindo a sofrer, mais fraco eu me sentirei. Desligo o chuveiro, seco o meu corpo e me visto. Saio do banheiro após vestir a minha bermuda e dou de cara com a Emily.

— Vamos conversar. — Ela pede.

— O que foi? Você está passando mal? — Questiono.

— Não, Ed. Eu estou bem.

Vamos rumo a sala de estar e nos sentamos no sofá um de frente para o outro. Confesso que estou preocupado com essa tal conversa, mas talvez ela queira apenas espairer ou conversar algumas bobagens. A observo tentar prender o cabelo, mas alguns fios escapam, pois o comprimento é curto e ela suspira. Emily ainda não se acostumou a mudança que teve que fazer.

— O seu cabelo está mais curto do que da outra vez que você o cortou. — Comento.

— Eu quis socar a cara daquela cabelereira, ela cortou a mais do que eu pedi.

— Daqui a pouco já está grande novamente.

— Sim, mas não é sobre isso que eu quero conversar.

— É sobre o que? — Questiono.

— Sobre você.

— Ainda sobre a Maire? Eu sei o que eu...

— Não. — Ela nega ao me interromper. — Eu sei que você está no seu limite, eu vejo isso, Eduard.

— Eu estou bem.

— Pare de mentir, principalmente para você mesmo. — Ela pede suavemente. — Eu te conheço, Eduard e eu sei que você não está bem. Converse comigo, por favor.

Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos, apoio os meus cotovelos nos joelhos e abaixo a cabeça. Emily não é burra e viu os meus pequenos pontos de fraqueza. A sito se mover pelo sofá, ela deita a cabeça em minhas costas e me abraça. Por anos, eu aprendi a esconder tudo que eu sentia e ser o mais forte, mas nem sempre era possível. Muitas vezes eu saía andando pela grande propriedade Lewis e me escondia entre as árvores para ser aquele que

eu queria ser. Eduard, um rapaz normal e com os seus temores, medos e defeitos.

— Eu tenho medo de não conseguir proteger você e o... Andrew. Eu tento me manter forte, mas por muitas das vezes eu não consigo e me sinto igual a um rato acuado. Só que eu me odeio quando eu me sinto assim, eu aprendi a ser forte e a esconder tudo, mas... essa situação que estamos passando, me deixa a beira do abismo.

— Faz tempo que você esteve dessa forma e eu estava muito tranquila ao ver que você estava mais calmo, mas hoje... você voltou a pirar.

Levanto a minha cabeça, volto a me sentar de frente para ela e cruzo os meus braços em frente ao corpo. Eu não vou contar a verdade sobre o meu estado emocional e psicológico de hoje, ela não merece ficar de um jeito parecido por causa do *governador*.

— Eu vou melhorar, hoje foi apenas uma exceção, Emily.

— Verdade? Eu não gosto de que você minta para mim e muito menos esconda coisas de mim.

— Eu não estou mentindo e nem escondendo algo. — Afago o seu cabelo e suspiro. — Era apenas isso que queria conversar?

— Sobre você sim.

— E sobre quem mais quer conversar?

— Na verdade, eu queria notícias do Dominic.

Seus olhos ganham um brilho diferente, além de se inundarem de lágrimas.

— Eu não tenho notícias dele, Emily. — Informo a fazendo suspirar. — Dylan virá mais tarde e talvez ele tenha alguma coisa para te contar.

— Tomara. — Ela deseja. — Eu estava olhando alguns sites, vi notícias sobre alguns patrocinadores estarem de olho nele, mas eu quero saber mesmo é da vida dele. E não sobre o lutador Fênix, Turner.

— Pergunte para o Dylan quando ele vier aqui.

— Tudo bem. — Ela suspira mais uma vez. — Eu queria vê-lo mesmo, mas não será possível, pelo menos por mais alguns meses.

— Vamos torcer para que seja logo, eu também não gosto de morar aqui.

— Eu também, mas eu queria mesmo é para que o Dom participe da gravidez e até mesmo do nascimento do Andrew.

— Mas se não for possível, eu espero que você se contente comigo. —

Ironizo.

— Mesmo que se o Dom estiver aqui ou nós lá em Los Angeles, eu te quero participando de cada coisa que envolve o Andrew. É o seu primeiro sobrinho.

— E que seja o único por alguns anos.

Ela ri e acena concordando.

— Além ter apenas o Andrew, eu quero ter um momento com o Dom. Precisamos de um momento nosso, ainda mais depois de tudo que passamos nesses quase dez anos.

— Quase dez anos. — Sussurro pensativo. — Então, quando voltarmos para Los Angeles, vocês deveriam oficializar algo.

— Não. — Ela nega.

— Por quê?

— Eu nem sei se ele vai me perdoar por estar escondendo o filho dele.

— Claro que ele vai. Vocês se amam.

Percebo a minha irmã ficar sem reação nenhuma, mas essa palavra forte a desestabilizou de alguma forma.

— Eu vou ir me deitar. — Ela informa e se levanta do sofá.

— Emily... — Chamo-a e ela me olha por cima do seu ombro. —, ele vai te perdoar. Vocês são loucos um pelo o outro.

— Eu desejo muito o perdão dele.

Seus olhos brilham por causa das lágrimas e ela se apressa a ir para o quarto. Emily quer chorar por causa da falta do Turner e tem muito medo do que pode acontecer sobre a nossa volta para casa. Aliás, eu sei que ela não irá querer morar na residência Lewis, mesmo que ela não saiba se será perdoada, mas é certeza que sim. Turner jamais vai perder a oportunidade de ter a minha irmã de volta e ter o filho por perto, além de enfim ter a oportunidade de construir uma família. Pego o meu celular sobre a mesa de centro, procuro pelo número do Dominic e suspiro.

“Olá, Turner. Estamos bem, aliás, a Emily está bem e preocupada se você irá perdoá-la pelas coisas que estão acontecendo. Apesar de ter sido contra o seu relacionamento com ela no início, agora eu sei que vocês são certos

*um para o outro. Desejo voltar em breve
para Los Angeles e desejo que você
faça a minha irmã feliz.”*

Envio a mensagem e devolvo o meu celular para o mesmo lugar de antes. Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e vou rumo a porta do quarto. Emily está deitada na cama, seus olhos fechados e o rosto banhado por lágrimas. Vê-la dessa forma, me rasga ao meio. Se fosse possível, eu a levaria para Los Angeles nesse exato momento ou daria um jeito de fazê-la ver o Turner. Nem mesmo por vídeo-chamada isso é possível, pois é algo arriscado. Eu nem falo sobre a algo relacionado ao meu pai, e sim sobre o casal mesmo. O melhor para eles é não se falarem, só assim ambos conseguiram viver dia após dia de uma forma menos dolorosa. Ouço a porta se abrir, olho para a sala de estar e vejo o Dylan entrando.

— Emily está bem? — Ele questiona preocupado.

— Está. — Respondo e fecho a porta do quarto. — Terminou a investigação?

— Sim.

Vejo o envelope pardo em sua mão e eu vou rumo a sala. Nos sentamos no sofá, pego o envelope de sua mão e o encaro.

— Ela é um perigo?

— Está mais para... — Ele se cala ao pensar na melhor forma para dizer o que ela representa. —, uma ovelhinha indefesa.

— Uma ovelhinha indefesa? — Questiono ao segurar o riso.

Que representação horrível!

— Maire Ellen Lincoln tem vinte e quatro anos, filha única, é formada em farmácia e trabalha com os pais na drogaria que tem há algumas quadras daqui. Tem uma lista imensa de ex-namorados, já foi até noiva e todos os términos terminaram porque ela descobria traição. Nunca saiu da cidade, aliás saiu para estudar e sempre voltava para cá nos finais de semana.

— Algum antecedente ou algo do tipo?

— Nada, nem briga escolares. Uma garota normal.

— Esse é o problema. Ninguém é uma pessoa normal.

— Mas ela é. — Ela dá de ombros.

— Ela tem algo de errado. Todas têm.

Dylan encolhe os ombros pensativos e ri debochado alguns segundos

depois. O encaro intrigado, ele se recosta no sofá e cruza os braços em frente ao corpo. Percebo que o seu nariz já está bem melhor, nem parece que levou um belo soco há algumas horas.

— Talvez o problema dela tenha sido fazer você se apaixonar por ela.
— Ele debocha.

— São apenas fodas casuais.

— Até quando?

— Até quando eu enjoar dela e arrumar outra. — Murmuro e o encaro irritado. — Não comece a me perturbar.

— Foi apenas um comentário.

Ele levanta as mãos em sinal de redenção, mas continua rindo. Babaca! Reviro os meus olhos, respiro fundo e encaro o Dylan, pois a pergunta da minha irmã retorna em minha mente. Fazia alguns dias que ela não perguntava *dele*, mas eu sei que ela se controla a cada dia e tenta conter a falta é gigante em seu peito.

— Tem alguma notícia do Turner? — Questiono.

— Não falei com ninguém de Los Angeles hoje.

— Emily quer saber dele.

— Ela pode ver algumas notícias na internet...

— Ela quer saber do Dominic e não do lutador.

— Entendo. — Ele sussurra. — Eu vou ver o que eu consigo saber e amanhã eu venho falar com ela.

— Eu mandei uma mensagem para ele, mesmo assim tente ter informações para ela.

Dylan concorda, se despede de mim e vai embora. Tranco a porta, fecho todas as janelas e vou para o quarto após pegar o meu celular. Olho para a minha cama, mas decido ir para outro lugar, ou melhor, outra cama. Me deito ao lado da Emily, ela abre os olhos e sorri para mim. Passo os meus braços por seus ombros, ela deita a cabeça em meu peito e me abraça pela cintura. Eu espero muito que eu esteja sendo um bom irmão para ela, mas eu não quero perguntar para sanar a minha curiosidade. Eu sempre vou dizer que eu me arrependo de todo mal que fiz, pois é a verdade mais gritante dentro de mim.

— Me desculpe por ser fraco.

— Ed, você é mais forte do que imagina. — Emily sussurra.

— Você é uma boa pessoa.

— E você também, mas ainda não aprendeu a enxergar isso.

— Durma. — Peço.

Já eu, creio que não conseguirei tão cedo. Beijo o topo da cabeça da minha irmã, saio da cama e saio do quarto. Me sento no sofá da sala, ligo a tevê e zapeio os canais. Sorrio satisfeito ao encontrar um canal de lutas e ouço com atenção o que o repórter está falando. Daqui alguns minutos irá começar uma nova luta, a mais aguardada da noite entre dois lutadores que já foram campeões. Um deles eu sei quem é, ele já foi lutador do *Fight*, mas há pouco mais de nove anos ele se tornou profissional. Minha atenção é roubada quando sinto o meu celular vibrar e eu o pego em meu bolso. É uma mensagem do Dominic Turner, o melhor lutador do *Fight*.

“Olá, Eduard. É bom saber que vocês estão bem. Emily não precisa ficar preocupada, eu jamais vou odiá-la ou não a perdoar por algo. Eu gosto muito da sua irmã e eu quero muito que vocês voltem logo para cá. Peço a Deus todos os dias que ele proteja vocês daquele maldito do James. Eu creio que você sabe que o seu pai está me vigiando, mas eu sei me cuidar e ele não fará nada contra mim. Entre em contato mais vezes, já que eu não posso falar com a Emily. A proteja e tenha cuidado.”

Por mais que tenha sido uma mensagem sem muitas revelações ou drama, eu li com muita melancolia. Assim que eu saio do aplicativo de mensagens, um número desconhecido está me ligando, mas é por vídeo-chamado e eu franzo o meu cenho. Procuro pelo o fone de ouvido, o encontro embaixo da almofada e conecto no meu celular. Coloco o boné na minha cabeça, encosto-me a parede neutra perto do sofá e atendo a chamada. Meu coração está a mil e eu tenho medo. A tela se preenche com a imagem da Maire e eu fico calmo.

— Oi Connor. — Ela fala de um modo sedutor.

— Oi.

— Está ocupado? — Ela questiona.

— Não.

Volto a me sentar no sofá, retiro o boné da minha cabeça e coço a minha barba. Prendo a minha atenção na Maire e franzo o meu cenho a observá-la. Ela está usando uma regata bem decotada, seu cabelo está preso e ela está deitada numa enorme cama de casal. O quarto está escuro, mas eu consigo vê-la perfeitamente.

— Eu estava sem fazer nada e resolvi te ligar, já que eu consegui o seu número na academia.

— Então o que você quer conversar comigo? — Pergunto ao abaixar o volume da tevê. — Em que posso ajudá-la, Maire?

— Você tem noção de quão sexy é quando fala isso? — Ela questiona e ri suavemente e se deita de bruços. — Eu... só queria ter a certeza de que estamos bem um com o outro.

— É claro que estamos, pelo menos pela minha parte.

— Pela minha também, mas palavras são algo que não me traz tanta certeza.

Um sorriso involuntário surge em meus lábios e eu vejo os seus olhos se acenderem de desejo. Eu sei exatamente o que ela quer, mas eu quero ouvir de sua boca e ver atitudes.

— O que você quer? — Questiono suavemente.

— Uma atitude, isso é óbvio.

— Qual? — Questiono e me assusto quando vejo a Emily sair do quarto. — O que foi?

— Vou ir tomar banho. — Ela informa secando o rosto molhado. — Está falando com quem?

Arqueio uma sobrancelha e ela ri debochada. Volto a minha atenção para o meu celular quando a minha irmã entra no banheiro e vejo a Maire bem séria.

— Era a sua irmã? — Ela questiona.

— Sim.

— Você pode confiar em mim, Connor. Eu sei que existe muito por trás daquilo que você me contou.

— Apenas o necessário você precisa saber.

— Você pode confiar em mim, eu posso ajudar.

Maneio a cabeça para os lados e respiro fundo. Não quero tocar em assuntos que me estressam.

— Voltando ao assunto, Maire. — Peço.

Ela suspira e ajeita uma mecha do cabelo que estava em seu rosto. Com o seu movimento, eu consigo ver melhor o seu vasto decote e o belo sorriso voltam para os seus lábios.

— Amanhã você vai para a academia que horas?

— Vou ficar do meio da tarde até às dez da noite.

— Eu vou chegar lá às nove e meia. — Ela comenta. — Queria te ver.

— Você já está me vendo. — Ironizo.

— Engraçadinho. — Ela resmunga. — Você sabe o que eu quero.

— Não, eu não sei. — Minto.

— Eu estou quase com os seios de fora aqui, te dando uma dica e você me diz que... não sabe? Mentiroso.

Rio suavemente.

— Não está, não. Eu não estou vendo quase nada.

Ela abre a boca incrédula e coloca as mãos em frente aos seios.

— Você é um enorme mentiroso, Connor! — Ela exclama.

— Apenas estrategista. — Corrijo-a.

Maire manea a cabeça para os lados, arruma a câmera e me dá uma visão melhor de tudo. A regata tem uma abertura entre os seios, que é tipo um pequeno laço e eu observo atentamente ela começar a desfazê-lo.

— O que você quer, Connor? — Ela questiona maliciosa.

— Você sabe.

— Não, eu não sei. — Ela repete a minha frase de pouco minutos atrás.

Calo-me quando vejo a Emily saindo do banheiro, ela acena para mim e avisa que vai ir dormir. Eu apenas concordo com um aceno, ela entra no quarto e eu volto o meu olhar para a tela do celular. Me surpreendo ao ver que a Maire está sem a regata, mas os braços estão em frente aos seios.

— Eu já vi cada centímetro do seu corpo, Maire. — Falo num baixo.

— Já e deveria ver novamente, mas só que pessoalmente, ainda hoje.

— Proposta tentadora, Maire.

— Não é apenas uma proposta, é um pedido.

— Já ouviu falar quanto maior a espera, maior a realização?

— Já li em algum livro. — Ela comenta. — Voltando o assunto, Connor.

— Voltando o assunto? — Questiono. — Voltando as descobertas, Maire.

— Descobertas? — Ela questiona.

— Sim. — Aponto para os seus braços a fazendo.

— Fiz isso apenas para te provocar. Eu não vou te mostrar nada.

— Maire... — Reclamo a fazendo ri.

Ela se deita de barriga para cima, eu apenas vejo a lateral dos seus seios e ela se remexe na cama fazendo algo que eu não identifico. A chamo mais uma vez, ela arruma a câmera e volta a olhar para mim. Maire está me provocando, além de querer me enlouquecer. Ela está nua, continua deitada da mesma forma e deixou a câmera de um modo proposital para que eu veja todo o seu corpo, pelo menos a lateral do corpo. Suas pernas estão cruzadas, sua barriga denuncia a sua respiração irregular e os seus belos seios empinados.

— Já que você não pode me satisfazer, eu terei que fazer isso sozinha.

— Ela sussurra.

Observo a sua mão direita descer pelo seu pescoço, passa pelo vale entre os seios e os seus dedos pinçam o seu mamilo direito. Ela estimula essa pequena parte do seu corpo e eu observo sorridente a cada movimento. Não estou surpreso com uma atitude dessa, já presenciei outras vezes e eu creio que vou presenciar outra mais vezes, de outras mulheres. Só que eu prefiro presenciar isso pessoalmente. Por mais que seja tentador vê-la, eu deixo o meu celular de lado, pego o envelope que o Dylan me deu e procuro o endereço da Maire. Leio e sei perfeitamente aonde é. Em cima da drogaria.

— É melhor parar, pois eu estou indo te buscar. — Aviso e encerro a vídeo-chamada.

Vou até o quarto, vejo que a Emily está dormindo profundamente e visto uma camiseta branca. Saio fechando a porta, pego o meu boné junto com o meu celular e saio do apartamento após pegar as chaves. Tranco a porta, desço pelas escadas até a garagem. Meu carro está lá desde quando chegamos aqui em Solvang, as placas falsas ainda estão nele e eu sei que posso usá-lo, pois será rápido. Entro nele, sinto até vontade de beijar o volante de tanta falta que eu senti em dirigi-lo, aliás, eu sinto falta de todos os meus carros. Saio da garagem em baixa velocidade, observo as ruas mal movimentadas e tranquilas. Em menos de dois minutos já estou parando em carro em frente à drogaria – que já está fechada – e aguardo tranquilamente. Eu sei que ela vai aparecer logo, então eu só preciso aguardar. Pego o meu celular em envio uma mensagem para ela.

*“SUV preta, em frente a
drogaria da sua família.”*

O pequeno portão na lateral da drogaria se abre, observo a Maire sair de lá usando um vestido curto e se apressa em entrar no meu carro. Sem eu precisar dizer nada, ela avança em minha direção e nos beijamos. Minhas mãos começam abrir a enorme fileira de botões que tem na frente do seu vestido, logo ele está todo aberto e eu exploro o seu corpo. Percebo que ela está nua e afasto as nossas bocas. Abaixo a minha bermuda, meu membro ereto pula para fora e a Maire sobe no meu colo.

[...]

Algumas semanas depois...

— É isso mesmo, Eduard. — Dylan afirma.

— Já faz algumas semanas daquilo e ele simplesmente sumiu. Não é do feitio dele. — Murmuro.

— Mas pelo menos estamos em paz.

Aceno concordando e o assunto se encerra quando passos chamam a nossa atenção. Emily entra na cozinha segurando dois macacões diferentes e os balançam. A sua barriga já está grande e bem redonda, ela está com seis meses e meio. Deixo a caneca de café de lado e prendo a atenção na minha irmã.

— Maire me deu esses dois macacões. — Ela informa.

— Sua cunhada? — Dylan questiona com deboche.

— Ex-cunhada, eu acho. — Ela o corrige no mesmo tom.

— Ela tem bom gosto, para o homem que vus fala e para escolher roupa. — Debocho.

Maire e eu não estamos juntos, muito menos transando. Tivemos um pequeno caso por quase um mês e meio, mas decidimos que era melhor encerrar e continuarmos amigos. Eu não vou mentir que depois do término não tivemos nenhum contato, pois há alguns dias, nós transamos e... ontem também... no vestiário masculino novamente, mesmo que ela esteja namorando um rapaz que frequenta a academia.

— Já marcou a data do nascimento do bebê? — Dylan pergunta.

— Vou fazer isso apenas com oito meses, mas a médica já avisou que o Andrew vai nascer em janeiro. — Emily comenta.

— Ainda estaremos aqui... — Murmuro e encolho os ombros. —, tudo bem para você isso, né?

— Sim, devemos nos proteger e proteger aqueles que ficaram em Los Angeles.

Sorrio orgulhoso e ela vai rumo ao quarto.

— Ela está bem melhor a cada dia. — Dylan comenta.

— Está.

Naquele mesmo dia que eu troquei uma mensagem com o Turner, a minha irmã passou mal, por sorte eu já tinha voltado do meu *encontro* com a Maire. Assim que eu voltei para cá, estava decidido em ir dormir, mas resolvi fazer algumas investigações por conta própria sobre o meu pai e fiquei sentado na minha cama. No meio da madrugada, a Emily acordou assustada e chorando muito. Queria ver o Dominic, contar sobre o bebê e fugir com ele. Eu tive que manter a calma, para acalmá-la e fazê-la encontrar o seu eixo novamente. Uma tarefa complicada, mas no final – quase ao amanhecer – deu certo e a Emily voltou ao seu equilíbrio. Depois daquele dia, ela não passou mal ou teve algo do tipo. Claro que teve dias que ela chorou normalmente, expressou a sua saudade do Turner e ficou alguns dias bem cabisbaixa. Volto a realidade quando ouço o Dylan fazer um barulho estranho com a boca e eu o encará-lo.

— Tenho uma notícia sobre o Dominic. — Ele informa num sussurro.

Me levanto de onde estou sentado, vou até a porta da cozinha e vejo que a minha irmã continua no quarto, com a porta fechada.

— Qual notícia? — Questiono.

— Ele vai até o *Boston Crab*, na cidade vizinha, Santa Ynez.

— Eu sei aonde e o que é.

Boston Crab é um local de lutas, localizado dentro da vasta e rica propriedade de Matt Saloon, um grande empresário do mundo das lutas e ex-boxeador. Além de *Boston Crab* ser o nome daquele belo lugar, é o nome de um golpe, que leva o seu oponente pedir submissão. É um golpe doloroso e perigoso.

— Vamos lá? Jensen me avisou sobre a presença deles e eu pensei que poderíamos ir conversar pessoalmente.

— A minha conversa com o Brown será sobre eu socar a cara dele, principalmente quando eu lembro que ele era amante da minha mãe.

Dylan ri e bebe mais um gole de sua cerveja.

— O que acha da minha ideia?

— Boa. — Sussurro ao coçar a minha nuca. — Podemos ir, já que é perto e a Emily vai naquele SPA com a Alana.

— Então, eu vou marcar com o Jensen de nos encontramos lá.

Aceno concordando e franzo o meu cenho.

— Foi ele que sugeriu isso?

— Não. Eu que tive a ideia, e sugeri a você. Eu vou ir para casa me arrumar, buscar a Alana e daqui a pouco eu volto.

— Tudo bem, mas eu vou lá para conversar com o Turner.

Dylan acena concordando com a minha decisão e eu vou rumo ao quarto após observá-lo sair do apartamento. Assim que entro no pequeno ambiente, vejo a Emily mexendo em algumas peças de roupas e ela sorri para mim, quando nota a minha presença. Encosto-me a porta e cruzo os meus braços em frente ao corpo. Nessa última semana, eu lhe dei dinheiro para que ela pudesse ir comprar novas roupas e algumas coisas para o Andrew. Ainda não compramos nada para o bebê, pois está cedo, mas já vimos algumas coisas e o Dylan junto com a Alana estão nos ajudando, eles estão dando algumas coisas para o meu sobrinho. Ontem, quando eu cheguei da academia a minha irmã me avisou que a Alana tinha a convidado a ir a um SPA e eu concordei após conversar com o Dylan, e ter a certeza de que era seguro.

— Enquanto você estiver no SPA com a Alana, eu vou dar uma saída com o Dylan.

— Vocês vão aonde? — Emily questiona.

— Dar uma ronda em cidades próximas a esse cubículo aqui, chamado de Solvang.

— Nunca vamos nos acostumar a morar aqui. — Ela comenta num murmúrio.

— E nem devemos, já que desejamos e espero voltarmos para Los Angeles logo.

— Eu desejo a mesma coisa, Ed. — Ela informa e me direciona um pequeno sorriso. — Antes de você sair com o Dylan, me deixa no SPA?

— É claro. Eu só vou ir tomar banho e me arrumar.

— Tudo bem. — Ela concorda.

Vou rumo ao banheiro, retiro a roupa do meu corpo e entro debaixo do chuveiro. Emily nem se quer, pode sonhar que eu irei me encontrar com o Dominic e muito menos pode saber por alguém sobre isso. A ida até Santa Ynez será rápida e será apenas para conversar com o Turner, uma conversa rápida. Desejo muito que o Brown nem tente trocar uma palavra comigo, pois assim que eu o ver, sei que terei que controlar os meus punhos direcionados a ele. Em pouco minutos termino o meu banho, seco o meu corpo e vou rumo ao quarto. Emily continua fazendo a mesma coisa, mas larga e sai do quarto para me dar licença. Visto uma calça jeans preta, camiseta básica em cor azul marinho e uma jaqueta de couro. Passo as mãos em meu rosto, a minha barba está quase a mesma de antes da fuga e eu não vou retirá-la tão cedo, muito contrário do meu cabelo, que eu estou sempre cortando. Pego o boné preto, coloco sobre a minha cabeça e saio do quarto após calçar o meu sapato. Pego o meu celular sobre a mesa de centro, a chave do apartamento e saio sendo seguido pela minha irmã. Em pouco minutos já estamos saindo do prédio, os dois carros já estão aqui e o casal nos espera encostados ao SUV azul.

— Está tudo bem? — Questiono ao olhar para a minha irmã.

— Sim. Vai ser bons algumas horinhas de SPA noturno. — Ela comenta sorrindo e franze suavemente o cenho. — Você vai demorar a voltar?

— Eu não sei, mas te mantenho informada. Você sabe disso.

— Eu sei, mesmo assim eu preciso te perguntar.

— Qualquer coisa, você vai para a casa da Alana e fica por lá até eu voltar.

— Tudo bem. — Ela concorda e me abraça. — Tenha cuidado e volte.

— Eu te amo. — Declaro contra o seu cabelo.

— Eu também te amo. Andrew e eu vamos te esperar ansiosos.

Sorrio ao olhar em seus olhos, acaricio a sua barriga e me afasto. Ela vai rumo ao carro prata junto com a Alana e eu entro no carro azul junto com o Dylan. Coloco o cinto de segurança e respiro fundo quando o carro começa a se movimentar rumo a Santa Ynez. O caminho até lá é rápido, mais ou menos vinte minutos, isso que está indicando no GPS. Eu nunca fui até o *Boston Crab* por falta de oportunidade, já que eu recebia muitos convites para ir lá, já que eu tenho uma pequena porcentagem do comando do *Fight*. Olho para a janela quando o carro passa em frente da academia e vejo a Maire tendo uma conversa acalorada com o atual namorado. Ela se tornou uma

amiga, não uma aliada como eu sugeri há algumas semanas, mas ela me ajuda bastante quando eu preciso. Outro dia, eu tive que fazer uma ronda com o Dylan, não queria deixar a minha irmã sozinha e a Alana não podia ir ficar com ela, já que a filha estava enjoada por causa de algumas vacinas, então a minha única alternativa era pedir uma ajudinha para a Maire. Ela ficou com a Emily por algumas horas e quando eu voltei, ela cobrou o favor e eu *paguei* da melhor forma que ela queria receber.

— Dominic já está sabendo que vamos encontrá-lo. — Dylan comenta ao chamar a minha atenção.

— Ele deve estar aflito.

— E achando que a irá ver a Emily também.

— Infelizmente não, e a minha irmã nem pode sonhar que estamos indo encontrá-lo.

— Ela iria ficar puta contigo e comigo também.

Aceno concordando e voltamos a ficarmos em silêncio. Bato os meus dedos em minha perna tentando controlar a minha ansiedade e fico girando o meu celular com a outra mão. Eu estou tranquilo sobre aparecer na sociedade novamente, pois eu sei que nem o meu pai e os capangas deles vão aparecer no *Boston Crab*, então lá é um lugar neutro e seguro. James Lewis continua sendo o governador perfeito, o homem exemplar na sociedade e decidi nos deixar em paz desde o dia que nos encontramos. Torres sempre avisa o Dylan sobre as movimentações do meu *querido pai*, e então podemos ter a certeza semanalmente que ele está cada vez mais nos deixando em paz. Por nossa sorte, o caminho está livre e eu percebo que já estamos chegando. Nos aproximamos do murro de pedras claras, diante do portão vazado em cor preta tem dois seguranças e Dylan nos identifica.

A nossa entrada é liberada e seguimos pelo afasto. Passamos pela quadra de tênis, o carro vira à esquerda e depois a direita até chegarmos em frente a enorme propriedade de apenas um andar. Estamos no topo de uma colina com vista para vinhedos e pomares; remanescente da paisagem toscana. Desço do carro assim que ele é estacionado e observo a propriedade. A casa deve ter sido construída na década de oitenta e tem o estilo *estate medit*. Adentramos na casa, somos guiados para a aérea dos fundos e vejo uma enorme tenda montada. Luzes e uma música alta vem de lá, indicando que o evento começou há algum tempo. Caminhamos rumo ao local e eu me sinto animado, vou presenciar uma luta de verdade em poucos minutos.

— Eduard Lewis! — Ouço alguém dizer o meu nome e eu procuro ao redor até encontrar o Matt Saloon. — Estou surpresa e contente por... enfim você ter aceitado o meu convite a vir aqui.

— Já estava na hora, Saloon. — Comento ao apertar a sua mão.

Ele cumprimenta o Dylan e avisa que podemos ficar à vontade. Caminhamos pela enorme tenda sem chamar a atenção das pessoas, mantenho os meus olhos atentos ao redor a procura do Turner ou do lutador *amante*. Uma garçonete com roupa de ringue girl passa por nós servindo champanhe e eu nego, pois não gosto. Me sento numa cadeira afastado de todos, Dylan se senta ao meu lado e mantém a sua atenção em alerta. Não existe nem um tipo de octógono ou ringue, são apenas tatames que indicam aonde acontecerá algumas lutas nessa noite e o desejo de todos é que aconteça um *Boston Crab*. Observo uma estranha movimentação na entrada da tenda e em segundos vejo que o Turner acabou de chegar com o Brown. Diversas pessoas os cumprimentam, Saloon é bem atencioso com eles, mas o Turner não está lhe dando total atenção, pois está me procurando com o olhar.

— Eu vou ir até lá. — Dylan avisa.

Concordo com um aceno de cabeça e o observo. Ele cumprimenta os rapazes, se aproxima do Matt e fala algo num tom baixo, fazendo ele assentir segundos depois. Dominic sai da tenda acompanhando o anfitrião da festa, Dylan acena para mim e eu ando em sua direção. Observo o Jensen andar um pouco a minha frente, mas um pouco longe do amigo e logo entramos na casa do Saloon.

— Vocês podem ficar à vontade aqui, mas peço que participem do evento depois, principalmente você Turner, já que eu estou te patrocinando. — Ele comenta e sai da casa.

Estamos numa sala privativa e eu sei que ninguém irá entrar aqui.

— Eduard. — Dominic me cumprimenta com um aperto de mão.

— Turner e... — Encaro o amante do lado e sorrio irônico. —, Brown.

— Lewis. — Jensen murmura.

Me sento no sofá bege junto com o Dylan, os demais se sentam no outro sofá e eu sinto o clima um pouco tenso. Dominic continua o mesmo de sempre, só que bem mais arrumado e preocupado. Creio que ele está sendo um ótimo lutador, pois Matt Saloon só patrocina quem é excelente.

— Por um segundo, eu achei que a Emily pudesse estar aqui. —

Dominic confessa.

— Ela nem sabe que eu estou aqui, cara a cara com você e é melhor assim, pois os meses estão sendo difíceis para ela.

— Estão sendo para mim também.

— Mas é necessário.

— Sim, mas eu queria que não fosse.

— E continuará, até que James não seja mais perigoso. — Brown comenta.

Ele deveria ficar com a merda dessa boca fechada e tentar se manter invisível, pois eu quero socar a cara dele. Toda vez que eu olho para esse babaca, eu me lembro que a minha mãe dormia com esse filho da puta.

— Como estão as coisas em Los Angeles? — Dylan questiona.

— Tranquilas em relação a perseguição do Lewis, ele não aparece no *Fight*, mas continua a monitorar os meus passos, para saber se eu irei atrás da Emily. — Dominic informa.

— Eu espero que isso acabe logo, queremos voltar para Los Angeles.

— Aonde vocês estão? — Ele questiona.

— Seguros, é apenas isso que eu te digo.

— E você acha que essa informação é suficiente? — Ele questiona irritado.

— Não me importo com isso se é suficiente ou não, Turner. Eu estou tentando manter a minha irmã segura. — Murmuro irritado e coço a minha barba. — Ela está bem, quer voltar logo para Los Angeles e para você, mas por enquanto não dá e muito menos te dizer aonde eu estamos.

— Como eu posso ter a certeza de que ela está bem? Vocês não me deixam falar com ela! — Ele exclama ao bater os punhos nos joelhos.

— Emily está bem, Dominic. — Dylan afirma. — Nós, Eduard e eu, estamos a mantendo segura da melhor forma que podemos, além de controlar o acesso dela ao celular, pois ela pode fazer uma basteira, nos colocar em risco porque não aguenta mais ficar longe.

— Vocês não entendem...

— O que não entendemos? — Questiono ao ficar de pé. — Você que não está entendendo a merda que pode acontecer. James está apenas esperando uma falha nossa e tudo irá para a puta que pariu. Não é apenas Emily e eu, tem muito por trás.

Tem o Andrew, seu filho, mas eu não posso contar isso. Olho para o

Dylan e ele entende o que eu quis dizer, mas sabe que ele também não pode contar.

— Eu queria apenas falar com ela, vê-la, nem que seja por um vídeo-chamada. — Ele murmura cabisbaixo. — É difícil ir dormir e acordar sabendo que ela está por aí, em algum lugar, longe de mim. Eu posso ajudar a protegê-la...

— Todas às vezes que vocês estiveram junto, coisas ruins aconteceram. — O lembro.

— Por culpa de quem? — Ele questiona ao ficar de pé. — Sua, do seu pai...

— Para de ser babaca! — Ordeno. — Eu já fui um filho da puta com a Emily, mas hoje em dia eu dou a minha vida para protegê-la. Então não venha me falar merda, pois você não sabe das coisas que passamos desde quando fugimos de Los Angeles.

— Mantenha a calma, Eduard. — Dylan me pede.

Eu o ignoro e continuo encarando o Turner.

— Eu estou sendo babaca? Cala a merda da sua boca!

— Não viemos aqui para brigar. — Jensen fala tentando controlar a situação.

Turner dá um passo na minha direção, Brown se levanta e fica na frente do amigo. Tão perto de mim, que eu poderia direcionar um soco na maçã do seu rosto, mas eu me contenho. Dominic volta a se sentar, passa as mãos na cabeça e encara o chão. Percebo o Dylan me encarando, ele volta a me pedir calma e eu reviro os olhos.

— Dom, você sabe que é melhor para os Lewis estarem escondidos durante esse tempo...

— Quanto tempo, Dylan? Quanto mais eu terei que esperar? — Dominic o questiona ao interrompê-lo.

— O tempo necessário. — Respondo o fazendo me encarar.

— Você fala como se fosse fácil. — Ele resmunga.

— Não é para ninguém, principalmente para a Emily, mas somos obrigados a aceitar esse fato, Dominic.

— Isso que é difícil; obrigados a aceitar. — Ele resmunga.

— James foi atrás de vocês? — Brown questiona.

Rio irônico e ele me encara.

— Sabe de quem ele deveria ir atrás? De você, que foi o amante da

minha mãe e teve a parcela de culpa na morte dela.

— Você acha que eu não sofri com a morte dela? — Ele questiona. — Margareth era importante para mim e seu eu pudesse, teria a ajudado, como eu sempre quis desde o início, mas ela queria continuar sendo a esposa perfeita.

— E depois ela ia gemer na cama com você? — Questiono debochado.

— Ia e eu a fazia gemer muito bem.

O sorriso debochado no canto de sua boca contribui para a minha irritação e Dylan entra na minha frente, me impedindo de socar a cara do amante.

— Saí, Jensen. — Ouço o Dominic pedir.

O sigo com o olhar até que ele sai pelas portas e logo elas voltam a se fecharem. Me sento novamente no sofá, apoio os meus cotovelos nos joelhos e encaro o Turner. Éramos para ter uma conversa tranquila, mas... somos nós – Turner, Brown e Lewis –, então simplesmente não teria como ter uma conversa do tipo.

— Você está se descontrolando novamente, Eduard. — Dylan comenta me encarando.

— Você ouviu o que aquele filho da puta falou? Brown é...

— Você que começou. — Ele declara.

— Eu apenas disse a verdade sobre quem deveria ir atrás de quem. Ele nem era para abrir a merda da boca.

— Eduard, por mais que eu e os rapazes não saibamos o que aconteceu entre o Jensen e a sua mãe, é visível que ele sofreu e guarda coisas sérias desse caso. — Dominic murmura me encarando.

— O maior segredo já foi revelado, ele ter sido o amante.

— Isso surpreendeu a todos, pois mesmo que a gente soubesse dos gostos do Jensen...

— E como sabemos. — Dylan sussurra concordando.

— O que vocês querem dizer com isso? — Questiono.

— Jensen sempre gostou de se envolver mulheres mais velhas, apenas para ter casos rápidos e até mesmo já se envolveu com casadas, mesmo assim não esperávamos a revelação dele ter tido um caso com a sua mãe. — Dominic me explica.

Então não foi a primeira vez que esse babaca fez esse tipo de coisas, mas talvez seja a primeira que ele tenha sido descoberto, além de ter

contribuído indiretamente para um crime, o feminicídio.

— Então ele gosta do adjetivo; amante? — Questiono debochado.

Dylan ri da minha provocação e o Dominic apenas manea a cabeça para os lados.

— Depois da sua mãe, não vimos ele com ninguém, mas ele comentou que estava com alguém.

— Ele sempre foi muito discreto. — Dylan comenta.

— Sim, mas agora é diferente. Ele disse que é uma relação complicada.

— Deve ser outra mulher casada. — Ironizo.

— A sua mãe foi a última casada que ele se envolveu.

Isso é algo que eu duvido muito, mas não quero ficar debatendo sobre o Brown. Eu vim aqui para outra coisa, então não posso perder o foco e muito menos de descontrolar, me fazendo ter uma nova crise.

— Voltando ao assunto que me trouxe aqui...

— Me fala mais sobre a Emily... — Turner pede ao me interromper. —, por favor. Eu... estou louco de saudade dela e extremamente preocupado, mesmo que vocês afirmem que ela está bem e segura.

— O que você quer saber? — Dylan pergunta.

— Eu não sei. Eu apenas quero saber dela.

A dor da saudade é visível na voz do Dominic e isso me incomoda, eu sei que ele está da mesma forma que a minha irmã. Desesperados para se verem, além de carregar a dor da saudade a cada passo que dão. Só que a Emily carrega o medo de não ser perdoada.

— Você sabe que a Emily tem medo de que você não a perdoe.

— Por que eu não a perdoaria? Ela não está fazendo nada de grave, nem mentindo ou escondendo algo sério de mim.

Controlo a minha vontade de olhar para o Dylan, e aceno concordando com o Turner. Por mais que seja direito de ele saber do filho, eu não posso contar, muito menos dar indícios que estamos — não é apenas a Emily — escondendo algo.

— Mas desde os acontecimentos, ela está muito insegura em relação a tudo, mas com muito desejo de voltar para Los Angeles e principalmente para você.

— E eu estou de peito aberto para recebê-la.

Um pequeno sorriso surge em meus lábios ao ouvir essas palavras e eu queria muito que a Emily ouvisse isso. Ele a ama, quer vê-la e falar com ela,

mas nem por vídeo-chamada seria possível. Eu conheço a Emily e sei que ela se descontrolaria, ainda mais com os hormônios loucos da gravidez. Pego o meu celular em meu bolso, procuro uma foto recente que tirei da Emily e sorrio um pouco mais. Nessa foto não dá para ver que ela está grávida e sim um pouco mais de massa corporal. Emily está encostada na pia da cozinha, olhando para o nada e a caneca de café perto dos seus lábios. Suas bochechas coradas, olhos brilhando e o cabelo está um pouco bagunçado. Eu lembro perfeitamente de quando retirei essa foto, foi no minuto seguinte que ela viu o vídeo de uma luta recente do Turner e ficou feliz. Mostro a foto para o Dominic, ele arranca o celular da minha mão e observa atentamente a foto.

— Essa foto é recente.

— Ela está ainda mais... linda. — Ele sussurra.

— Estamos cuidando bem dela.

— Sim, estamos. — Dylan concorda comigo e ri em seguida. — Mesmo que às vezes ela brigue conosco, e nos ameace.

— Ela nunca vai perder esse lado de perigosa. — Turner debocha ao me devolver o meu celular.

— Nem nesse estado que ela está. — Dylan comenta e eu dou uma cotovelada nele.

— Que estado? — Ele questiona.

— Fugitiva. — Murmuro, tentando controlar a situação.

— É muito complicada essa situação.

— Turner, é muito mais que complicada, mas pelo menos estamos conseguindo deixar controlada a situação.

— Vocês estão precisando de algo? Dinheiro, talvez.

— Não. Ainda tenho uma boa quantia guardada para usar em emergências, além disso, eu estou trabalhando.

— Eu também estou, então nós nos ajudamos sempre que é preciso. — Dylan informa.

— Emily também está trabalhando? — Dominic pergunta.

— Não, nós estamos entrando em um acordo e apenas eu estou trabalhando.

Na verdade, não houve uma conversa longa sobre o assunto e mesmo que surgisse, iríamos chegar no mesmo conceito. Dylan informa que precisa atender o celular e sai da sala de aonde estamos. Fico a sós com o Turner e sinto um clima se tornar ainda mais sério.

— Certo. — Dominic sussurra pensativo. — Vocês precisam arrumar um jeito de voltarem para Los Angeles logo.

— Eu sei, mas não temos muito o que fazer. — Dou de ombros.

— Se o seu pai arrumou um jeito de me colocar na cadeia, longe da sua irmã, então vocês também conseguem arrumar um jeito de voltarem para lá.

— O que você quer dizer com isso, Turner? — Questiono.

Ele se levanta de onde está sentado, coloca a mão esquerda dentro do bolso da calça jeans e anda em direção a porta.

— Eu estou apenas pedindo e te fazendo pensar numa forma para vocês voltarem. — Ele declara e abre a porta antes de olhar para mim. — Temos que voltar para a tenda.

Suspiro e aceno concordando com ele. Por mais que eu não tenha entendido o que ele quis dizer com isso, mas confesso que isso está fixo em minha mente e eu sei que eu preciso arrumar um jeito de voltarmos. Eu jamais vou aceitar a voltar para aquela bolha tóxica, eu jamais vou voltar a viver, trabalhar e morar ao lado do meu pai. Eu quero a maior distância possível daquele homem. Saímos da casa, caminhos de volta para a tenda em completo silêncio entre nós, pois o evento é muito barulhento e eu tenho quase certeza de que uma luta está prestes a começar.

Eu estou louco para lutar, mas eu não quero me arriscar. Se eu me machucar, estarei ferrado, pois não conseguirei trabalhar. Respiro fundo e adentramos na tenda. Vejo o Jensen sentado na ponta da fileira, Dylan está a duas cadeiras de distância e eu sei que são os lugares que eles deixaram para nós. Alguns olhares se voltam para nós. Eu sei que aqui eu posso ficar tranquilo, pois as pessoas que estão aqui são de confiança e não saem contando sobre quem eles viram aqui. Então, James Lewis nunca ficará sabendo da minha visita ao *Boston Crab*. Eu me sento ao lado do Dylan e o Dominic ao meu lado, bem ao lado do seu *amigo*.

— Tem vontade de lutar? — Ouço o Dylan me questionar.

— Muita.

— Saloon deixa qualquer um que quiser entrar no círculo e lutar. — Dominic informa.

— Deixo e quero vocês, menos o Turner, pois está se preparando para uma boa luta. — Matt nos surpreende ao parar na nossa frente. — Quer lutar hoje, Lewis?

— É uma proposta tentadora, mas faz meses que eu não luto e não

estou a fim de me machucar.

— É como andar de bicicleta, nunca nos esquecemos. — Ele bate ao meu ombro e olha rapidamente para o Brown. — Eu desejaria um combate entre vocês.

— Melhor não. — Dylan murmura.

— Essa luta só acabará quando um estiver morto. — Turner comenta num murmúrio.

Ouçõ a risada debochada do Jensen e suspiro. Com certeza, ele que sairia morto daqui, mas eu vou prolongar um pouquinho a sua vida. Só que, quando eu voltar para Los Angeles, vou querer lutar com os quatro que restam, um de cada vez e vou derrotar cada um. Eles irão sentir a minha fúria e no final, eu quero uma revanche com o Dominic Turner, o Fênix.

— Então existe uma rinha entre Brown e Lewis? Que interessante. — Saloon comenta com um sorrisinho no canto da boca.

— É melhor deixar o assunto quieto.

Ele acena concordando de contra gosto, mas eu sei que será algo passageiro.

— E quando volta à ativa no mundo das lutas? — Ele me questiona.

— Sem data definida ainda.

— Espero que possamos ser parceiros nesse mundo empresarial de bons lutadores.

— Sou dono do *Fight*, então talvez vamos poder montar uma boa parceria.

— Eu irei aguardar.

Saloon fala algumas coisas no ouvido do Dominic e logo se afasta. Dois lutadores são apresentados, eles entram no círculo das lutas e eu sinto o meu celular vibrar em meu bolso. O pego e vejo o nome da Emily. FRANZO o meu cenho, me apresso a sair da tenda e tento me afastar o máximo do barulho. Respiro fundo, peço aos céus que não seja nada sério e atendo a ligação.

— Oi Emily. Está tudo bem?

— Está, Ed. — Ela afirma e em seguida suspira. — Só está chato, ou melhor, não está, mas eu não estou a fim de ficar aqui.

— Por quê? Você estava animada para ir aí.

— Eu estava, mas agora... não estou mais.

— Então vá para a casa do Dylan... — Ouçõ um barulho perto de mim,

olho ao redor e eu vejo o Turner se aproximando de mim. — Merda!

— O que foi? — Emily questiona.

— Tropecei numa pedra. — Minto.

Ele para na minha frente e eu reviro os olhos.

— Eu sei que é ela. — Dominic sussurra.

Cubro o alto falante com a voz e afasto o celular da minha boca.

— Ela não pode saber que eu estou aqui cara a cara com você. —

Sussurro.

— Me deixa ouvir a voz dela, eu não vou falar nada.

— Não posso me arriscar.

— Eu estou sendo sincero e nem quero que vocês se arrisquem.

Respiro fundo, ligo o viva voz do celular e ouço a respiração impaciente da Emily.

— Emily, vá para a casa do Dylan. — Retorno a dizer.

— Não dá. Alana está aproveitando o lugar aqui e eu não quero atrapalhá-la.

Observo o Turner sorri ao ouvir a voz da minha irmã e se eu não estou engano, vejo os seus olhos ficarem marejados.

— Então, eu já vou voltar e te pego aí, tudo bem?

— Está, eu espero mais alguns minutos. — Ela resmunga. — Aonde você está?

— Eu vim no *Boston Crab*. — Respondo.

— Você foi lutar?

— Não, eu não vim lutar, por mais que seja um desejo enorme.

— Por acaso, o Dom está aí? Ele está sendo patrocinado pelo Saloon...

Sou surpreendido com a sua pergunta, olho para o Turner e o empurro para longe, antes que ele abra a merda da boca. Desligo o viva voz e coloco o celular em meu ouvido.

— Não e aqui está bem vazio, o evento é só na madrugada. Além disso, ele nem pode me ver, muito menos a você e... você sabe.

— Eu sei e isso me dói. — Sua voz está melancólica.

— Eu já vou embora e vou te buscar.

— Tudo bem.

Encerro a ligação ao ver o Dominic se aproximando de mim, ele me empurra pelo tórax e eu cambaleio para trás.

— Você não deveria mentir para ela, muito menos esconder de mim

sobre aonde vocês estão. — Ele resmunga irritado.

— É para a nossa segurança e o bem da Emily. Eu sei o que eu faço.

— Para, Eduard! — Ele exclama.

— Para você, Dominic. Entenda e respeite a minha decisão. Você e todos devem ficarem longe dela.

— Ela sabe se proteger e eu tenho certeza de que está odiando estar mantida numa bolha, se ela não estiver trancada em algum lugar. Não sei o que pode vir de você.

— O que? — Questiono e dou um passo em sua direção. — Não fale merda, eu estou protegendo a minha irmã. Ela é uma pessoa livre aonde moramos.

— Quem me garante? Você? Dylan? Nada é prova suficiente.

— Vai se foder, Turner! Você a ouviu e é prova suficiente que ela está bem, eu até te mostrei uma foto dela.

O empurro pelo tórax novamente, ele segura em meu pulso direito e torce o meu braço. Ouço pessoas correndo próximas a nós, em segundos Dylan e Jensen entra no nosso meio e tenta nos afastar, mas o Turner continua segurando o meu pulso. O aperto é forte, mas eu não estou sentindo dor e nem incomodo. Eu apenas sorrio debochado e o vejo ficar ainda mais irritado.

— Me fala aonde ela está.

— Eu não vou falar, caralho.

— Para Dominic! — Jensen ordena e o empurra para longe.

Sinto o meu pulso estralar e começar a latejar assim que é solto bruscamente. Foi lesionado, eu sei disso. O massageio da melhor forma que posso e dou um passo para trás.

— Emily está bem. Mora num apartamento com o Eduard, tem livre ida e vinda pela cidade. Ela está bem, merda! Entende isso. — Dylan suspira ao pedir.

Dominic mania a cabeça para os lados, em seguida acena concordando com o Dylan e vai rumo a tenda. Seguro o meu pulso contra o meu peito, ando rumo ao carro e tento me manter calmo. Vou ter que ir ao ambulatório ou ao hospital para ver o meu pulso, e com certeza, terei alguns dias em casa, já que eu não poderei esforçá-lo. Os meus passos são largos e rápidos, então eu logo chego no meu carro e me encosto ao capô.

— Que dor fodida. — Rosno entre os dentes.

— Vocês iam sair na porrada. — Dylan comenta.

— Aquele babaca está pirando e merecia umas porradas na cara para voltar ao equilíbrio.

— As coisas não se resolvem na porrada...

— Resolvem quando se trata das paranoias dele, Allen. — Resmungo.

Vejo por cima do ombro dele que o Dominic está vindo em nossa direção sendo seguido pelo o amante e eu suspiro. Já estou ficando puto com o Turner.

— Liga para ela e me prove que ela está bem. — Ele pede de uma forma suave.

— Você já está ficando paranoico. — Resmungo.

— Por favor, Eduard. — Ele pede.

Pego o meu celular, digito o número da Emily e coloco no viva-voz. Eu o entendo – parcialmente –, mas ele tem que se controlar e confiar em nós que estamos cuidando dela.

— Já chegou, Ed? — Emily questiona assim que atende.

— Não, eu vou sair daqui ainda.

— Tudo bem. — Ela suspira.

— Você está bem? Me responda a verdade.

Meu olhar está fixo no Dominic e o olhar dele está fixo no meu celular.

— Eu estou ótima, só quero ir para casa. A saudade bateu contra o meu peito e eu só quero ficar no nosso canto, na sua companhia.

— Em breve eu estarei aí, clone.

— Então venha e compre algo bem gostoso para eu comer.

— O que você quer comer? — Questiono sorrindo.

— O que eu quero? É pedido do...

— Emily... — A interrompo antes que ela fale do bebê. —, o que você quer que eu compre?

— Compre uma barca de sushi, traga yakissoba também.

— Tudo bem. Daqui a pouco eu estou aí.

— Venha com cuidado.

— Eu te amo.

— Eu também e... — Ela faz uma pausa e ri suavemente. —, você é um irmão incrível, e não é por causa da comida.

— Obrigado. — Agradeço com a voz embargada.

A ligação é encerrada e o olhar do Dominic encontra o meu.

— Ela...

— Está bem. — Reforço a informação.

— Me desculpe por desconfiar, te acusar de algumas coisas e por machucar o seu pulso.

Apenas aceno com a cabeça e entro no meu carro. Observo o Dylan se despedir dele, entra no carro e o Dominic vem para a minha janela. Abaixo o vidro, ele se debruça na janela e bate o punho no meu ombro.

— O que você ainda quer? — Questiono.

— Eu a amo. Emily é a mulher da minha vida e eu quero o bem dela.

— Talvez eu diga isso para ela. — Dou de ombros o fazendo revirar os olhos.

— E eu jamais vou odiá-la, independente do que possa acontecer.

— Então repita essas palavras todos os dias, até que ela esteja de volta.

Aperto o botão, e o vidro começa a subir, no mesmo segundo que o Dylan começa a afastar o carro. Massageio mais uma vez o meu pulso e fico com o olhar preso no caminho a minha frente, que nos leva de volta a aquela cidade monótona. Turner terá que aprender, ou melhor, se obrigar a aprender a confiar em mim. Meu pulso começa a latejar mais forte, me fazendo soltar um rosnado de dor. É uma dor aguda e o inchaço começa a se formar. Eu sei que terei que ir ao hospital, fazer um raio x e o ortopedista colocar o osso no lugar. Depois imobilizá-lo, tomar analgésicos e irei ficar afastado do trabalho. Pelo menos passarei mais tempo com a minha irmã, assim podemos começar a preparar mais algumas coisas para a chegada do Andrew que acontecerá em algumas semanas, que ocorrerá em mais ou menos quinze semanas. O que eu disse no primeiro segundo que fugimos de Los Angeles, foi que eu tentaria ser uma pessoa melhor e eu acho que estou conseguindo. Me sinto um pouco melhor a cada dia que eu não sou posto à prova de fogo.

— Vou te levar para o ambulatório enquanto eu compro o pedido da Emily. — Dylan informa, ao chamar a minha atenção.

— Compra certo, você sabe que ela é chata em relação a comida.

— Já estou acostumado com aquele furacão de hormônios. — Ele debocha e eu sinto o seu olhar sobre mim por alguns segundos. — Você está bem?

— Tirando a dor fodida no meu pulso, talvez eu esteja bem. — Murmuro.

— Essa foi a primeira e última vez que vamos encontrar eles. Hoje foi

briga demais, sendo que era para ser apenas uma conversa.

— Daqui para frente, vou focar apenas na minha irmã.

E numa boa ideia para que possamos voltar para Los Angeles. Eu vou arranjar ideias do mais básico ao mais perigoso, apenas para dar a chance para a minha irmã ser feliz e constituir uma família como ela sempre quis. Eu só não quero sujar as minhas mãos de sangue. Mesmo que eu tenha entendido o que o Dominic sugeriu, eu jamais faria algo parecido, equivalente ou maior do que o meu pai fez. Só que uma coisa eu posso fazer igual a ele, mandar alguém resolver o problema para mim e tudo estará resolvido em questão de horas, ou o mais tardar, questão de poucos dias, mas eu terei que pensar sobre isso com muita calma e estar ciente da minha decisão.

CAPITULO UM

*Quando você se machuca sob a superfície
Como água gelada turbulenta
Bem, o tempo pode curar, mas isso ele não vai
Lewis Capaldi - Before You Go*

Outubro de 2018...

Levo o meu olhar até a janela ao meu lado e sorrio ao observar a cidade movimentada. Enfim estou em Los Angeles, o lugar que eu sempre almejei estar desde o momento que o meu irmão saiu de casa. Eu sabia que ele iria conseguir na justiça em ter a gente, me refiro à minha irmã Ayla que está ao meu lado, morando com ele. No meio da semana recebemos a ligação do Benny West, do conselho tutelar sobre a nossa mudança para o apartamento do Oliver. Meu pai odiou ao saber que o meu irmão enfim conseguiu o que eles mais temiam, minha mãe chorou e disse diversas coisas sem sentindo, mas algumas nos chateou profundamente.

O carro para em frente ao prédio aonde o Oliver mora, descemos do automóvel e o senhor West pega as nossas malas. Passamos pela porta, o porteiro reconhece o senhor que está conosco e libera a nossa subida. Puxo uma das minhas malas, Ayla puxa uma sua e o conselheiro fica com as duas restantes. No momento que ele chegou lá em casa para nos buscar, um enorme alívio invadiu o meu peito e ao mesmo tempo eu fiquei um pouco mal, pois estava deixando a minha mãe para trás. Por mais que ela não tenha sido uma boa mãe na maior parte do tempo, ela tentou e sempre disse que nos amava. Muito ao contrário do meu pai, que só nos maltratava e dizia coisas ruins.

Saímos do elevador, Ayla caminha apressada rumo ao apartamento do nosso irmão e eu a sigo. Paramos diante da porta, tocamos a companhia juntas e aguardamos sorridentes. Eu simplesmente não sei o que essa cidade e essa nova vida, promete para mim, mas eu sei que esse é o melhor lugar aonde eu posso morar. A porta se abre, largamos as nossas malas e pulamos nos braços do Oliver. Carrego um sentimento enorme de gratidão direcionado ao meu irmão, além de ter muito orgulho do homem que ele se tornou. Saio dos seus braços após receber um beijo em minha têmpora, entro no apartamento e me jogo no sofá.

— Que maravilha estar aqui!

— Aqui vamos nos sentir mais em casa do que naquele lugar. — Ayla comenta.

— Senhor Baker, aqui está o papel da guarda temporária e eu sempre irei monitorar vocês. — Ouço o West informar.

— Obrigado por tudo, West. Eu vou cuidar muito bem delas. — Oliver avisa.

O senhor West acena para nós, se despede do meu irmão e eu deixo a minha cabeça caída para trás, pelo braço do sofá. Ouço a porta se fechar e sei que o Oliver está nos observando.

— Vai ficar parado aí, Oliver? — Questiono.

— Estão com fome? Podemos sair para comer. — Ele sugere.

— Eu quero! — Ayla exclama pulando do sofá. — Estou com fome de... comida caseira e não as *gororobas* que a Steph ou eu fazíamos.

— Concordo com a Ay.

— Minha comida não é muito boa...

— Isso nem precisa informar, Oliver. — Debocho ao interrompê-lo.

— Vai começar as provocações, Steph? Eu deixo você aqui e levo só a Ay.

— Você não teria coragem. — Informo debochada.

— Não duvide.

Gargalho com a sua provocação, pulo para fora do sofá e o abraço. Agradeço por tudo que ele está fazendo por mim e pela Ayla. Ele beija a minha testa, nos afastamos e levamos as nossas malas para o quarto que ele nos preparou. Independente da forma que esteja, iremos gostar, pois o que importa é em a gente estar aqui. Somente isso. Oliver abre a porta e nos deixa adentrar no cômodo. É bonito, bem arrumado e planejado com muito carinho. Escolho a minha cama no canto esquerdo, abro o guarda roupa e vejo que ali tem novas peças. É visível notar que ele teve ajuda para arrumar cada mínimo canto, e eu só espero que não tenha sido ajuda da Penélope. Ela fez muito mal ao meu irmão e eu a quero o mais longe possível, algo um pouco difícil, pois ela mora no apartamento da frente.

— Se você não é o melhor irmão do mundo, não sei quem é. — Ayla fala sorridente.

— Eu vou fazer o possível para dar o do bom e do melhor para vocês. Tentar continuar sendo um bom irmão, ser presente na vida de vocês e ajudá-las em tudo que for preciso.

— Você vai fazer isso e tudo mais. — Ela garante.

Nós três nos abraçamos bem apertado e eu seguro a vontade de chorar

de emoção. Sabemos que aqui vamos ser bem cuidadas, muito amadas e respeitadas, algo que nunca fomos quando moramos com os nossos pais. Creio que nunca vamos nos dar bem com o Mark Baker, um homem que sempre tentou destruir os nossos sonhos, nos colocava para baixo e dizia coisas com força o suficiente para nós nos sentirmos pisoteadas por ele.

— Vão tomar banho e depois sairemos para jantar. — Oliver avisa se afastando de nós.

— Eu vou primeiro. — Ayla grita.

— Não! Eu sou a mais velha entre nós duas.

— Você demora demais, Steph. — Ela resmunga caminhando para trás, indo rumo ao banheiro.

— Nem mais um passo, mocinha. — Ordeno.

— Tem um banheiro no meu quarto. — Oliver sussurra antes de sumir das nossas vistas.

— Não precisa de briga. — Ayla levanta as mãos em sinal de redenção e sorri irônica. — É bom estarmos aqui, não é?

— Muito. — Afirmo me sentando na cama. — É como uma nova vida.

— E tudo de ruim ficou para trás.

— Tudo. — Dou ênfase e ela acena concordando. — Pode ir tomar banho aqui, eu vou para o quarto do Oliver.

— Obrigada.

Observo a Ayla entrar no banheiro e eu fico sozinha no quarto. Abro a minha mala vermelha, pego uma calça jeans e uma camiseta branca. A jaqueta que está em meu corpo, eu a deixo sobre a cama e vou rumo ao banheiro após pegar uma calcinha básica. Até que o canto do Oliver está arrumado, ele é bem organizado na maioria das vezes e eu sei que temos que ajudá-lo nessa nova etapa. Ele está acostumado a morar sozinho, então também acontecerá uma adaptação para ele. Prendo o meu cabelo, deixo a água do chuveiro escorre pelo meu corpo e eu fecho os meus olhos.

Tudo de ruim ficou para trás, ficou naquela cidade e naquela rua de Santa Maria. Claro que às vezes iremos visitar os nossos pais, mas ao saber que poderemos voltar para cá a cada ida lá, é um alívio enorme. Tenho boas lembranças de lá, são poucas, mas existentes. Só que tenho ruins, péssimas e nojentas. Klaus, vizinho dos meus pais e amigo do meu pai, já me assediou, ou pior, tentou abusar de mim. Às vezes ainda sinto a pressão das mãos dele em meu corpo e sinto o meu peito se afundar, pois o nojo é presente nessa

maldita lembrança.

Termino o meu banho antes que eu me perca nessas memórias, visto a roupa limpa e penteio o meu cabelo antes de prendê-lo no topo da minha cabeça. Volto para o meu quarto, calço uma sapatilha preta e vou rumo ao demais moradores desse apartamento. Os encontros na sala de estar, Oliver com o olhar fixo no celular a espera de algo e eu fico intrigada com isso. Tem algo que ele está guardando, algo muito sério.

— Podemos ir?

— Sim. — Ele afirma ao olhar para mim.

— Então vamos, estou com fome. — Ayla comenta.

[...]

Oliver continua estranho, mesmo que esteja sorrindo e conversando bastante conosco. Estamos sentadas no sofá, enquanto ele continua em pé bem no meio da sala de estar. O nosso jantar foi tranquilo, rimos bastante e irritamos o Oliver quando dissemos que queríamos sorvete.

— Fala logo. — Ayla pede.

— Vocês sabem que há pouco mais de um ano estive com Penélope e nós terminamos por bobagem...

— Isso nós sabemos de cor e salteado. — Resmungo.

— Continuando... — Ele me direciona um olhar sério e eu me calo. — Semana passada, voltamos a conversar numa boa, como amigos. Domingo brigamos e passamos a semana de um jeito estranho. Na sexta-feira fomos para Las Vegas, saímos com os amigos e bebemos muito. Acabou que ela estava muito bêbada, me fez um pedido que foi difícil de ser recusado.

— O que? — Ayla e eu o questionamos juntas.

— Me casar com ela. — A sua resposta me faz arregalar os olhos. — Eu sabia que era errado, bebemos mais um pouco e eu acabei concordando. Eu estava mais sóbrio que ela, mesmo assim não quis negar e acabou que estamos casados, mesmo sem ela querer.

— Como assim ela não quer? — Questiono irritada. — Ela simplesmente se casou quando estava bêbada e agora não quer mais, mesmo que todos vejam na cara de vocês, principalmente na dela, que vocês se amam? Me poupem. Ela é uma...

Vaca. — Completo mentalmente o encarando.

— Chega, Stephany. Não é assim que se resolvem as coisas. Eu e ela somos adultos, vamos nos resolver, mas isso não quer dizer que vamos viver uma vida de casados.

— E como vai ser então? — Ayla questiona bem mais calma do que eu.

— Eu simplesmente não sei, Ay. — Ele suspira ao se sentar na mesa de centro. — Ela se sente confusa em relação a tudo que aconteceu entre a gente, ela tem medo de confundir a nossa amizade com um possível amor e medo de que no final de tudo a gente se odeie. Eu pedi para ela pensar sobre a gente até o próximo final de semana e se ela não quiser ficar comigo, eu irei me afastar.

— Ela vai querer. — Minha irmã afirma esperançosa.

Ela é a única entre nós duas que torce para esse romance do casal *Olipen* dar certo.

— Ela te faz sofrer, Oliver. Eu quero que ela fique bem longe de você.

É visível a minha irritação e eu tenho o total direito de ficar assim.

— Ela também sofre com tudo isso, Steph.

— Duvido muito. Aquela ali... é melhor eu ficar quieta. — Murmuro sem olhá-lo. — Você mudou desde quando se envolveu com ela, quando vocês terminaram... eu não via mais o Oliver, meu irmão que eu sempre conheci e sim um novo Oliver.

— Eu entendo o que você quer dizer, Steph, mas eu a amo e ela também me ama.

— Você sabe o que é melhor para você, eu não tenho direito de opinar, mas eu não quero, te ver sofrendo por causa dela.

— Nós vamos nos entender, vamos ser uma boa família e não quero vocês tratando a Penélope mal.

— A gente gostava muito dela antes dela te fazer sofrer, mas hoje em dia não é mais assim. — Ayla informa.

— Entendo. — Ele acena e sorri para cada uma de nós. — Já chega de conversar. Vão dormir que amanhã temos alguns compromissos.

Ayla é a primeira a abraçá-lo desejando boa noite, vai para o nosso quarto e eu fico a sós com o Oliver. Por mais que seja vida dele e que ele faça a suas escolhas, eu não consigo aceitar isso. É um casamento, por mais que tenha acontecido de uma forma improvável, mas aconteceu. Só que, a Penélope não pode simplesmente quer se casar num segundo e no outro, não querer mais o meu irmão. Ele a ama de uma forma incondicional e ela... eu

simplesmente não sei mais se o que ela sente por ele é verdadeiro. Principalmente por causa do quer e não quer, em questão de segundos diferentes. Oliver me puxa para os seus braços, encosto a minha cabeça em seu ombro e respiro fundo. Eu o amo, sei que ele sempre vai estar ao meu lado independente de qualquer coisa e eu tenho que aprender a fazer o mesmo.

— Melhor você ir dormir, deve estar cansada e amanhã vamos sair cedo. — Ele me lembra.

— Tem certeza da escola da Ayla? — Questiono indo rumo ao meu quarto.

— Sim, eu a escolhi com muito cuidado.

— E se ela não gostar?

— Irá para outra escola. — Ele dá de ombros.

Aceno concordando, lhe dou um sorriso e entro no quarto. Ayla está colocando algumas peças de roupas dentro do guarda-roupa e eu me sento na cama. Ela é um doce de menina, tem um coração enorme e muito bondoso. Não é muito de conversar com pessoas que ela não conhece direito, prefere ficar no canto dela e é tímida, mas é muito amorosa e acessível a aqueles que demonstram querer estar de bem com ela.

— Tem noção de quão incrível é em estar aqui? — Ela questiona extasiada.

— Sim...

— Simplesmente incrível! — Ela exclama.

— É exatamente assim, Ay.

— Estou um pouco nervosa, pois é uma nova escola e pessoas novas, pode acontecer...

— Vai dar tudo certo. — Garanto. — Caso não dê, você muda de escola até se sentir confortável.

— Eu sei, mas tenho medo. — Ela confessa baixinho e olha para mim. — Alguma menina pode querer me tratar mal e algum menino pode... *hum...* você sabe.

— Nada disso irá acontecer. — Lhe dou um pequeno sorriso, e bocejo cansada. — Vamos dormir, amanhã vamos sair cedo.

— Você já decidiu o que irá cursar na faculdade? — Ela questiona.

— Não tenho certeza, mas sempre quis enfermagem ou algo que tenha a ver.

— Eu já penso no que eu quero cursar, pois a minha conclusão do ensino médio está próxima.

— Escolheu algum curso?

— Não, mas penso em alguns. — Ela retorna a dizer e pega uma roupa para dormir. — Vou ir trocar de roupa.

Aceno concordando e ela entra no banheiro. O que aconteceu comigo, ou pior, o que o Klaus fez a mim, ele tentou fazer com a Ayla, mas por sorte não conseguiu porque no segundo que ele começou a sua ação, eu fiz barulho no corredor e então eu o vi saindo do quarto dela. Eu quis matar aquele idiota no mesmo segundo, mas simplesmente não consegui fazer nada, pois ele é mais alto e mais forte que eu. Com isso, me pressionou contra a porta do meu quarto e me apalpou.

Ninguém sabe disso, pois eles – os nossos pais – simplesmente não acreditariam e o Oliver não sabe, porque eu não tenho coragem de dizer e a Ayla sente vergonha. Não foi culpa nossa o que aconteceu, mas simplesmente não conseguimos contar e decidimos tentar esquecer, mesmo que doa muito quando lembramos. O ocorrido aconteceu há alguns meses e desde então eu me obrigo a viver a cada dia sem sentir nojo de mim mesma.

Caio de costas na cama, pego o meu celular embaixo do travesseiro e suspiro ao ver que tem uma mensagem não lida. Deixei mais uma pessoa naquela cidade, o meu ex-namorado, Luc Gibson. Por mais que a gente tenha se gostado bastante, o namoro não estava dando certo, então eu decidi terminar e cada um ir para o seu lado e tentar a sorte com um novo alguém. Talvez eu conheça uma boa pessoa aqui, já que eu estou disposta ao que vier. Estou ansiosa para iniciar a faculdade, conhecer novas pessoas e principalmente, conhecer *bons* rapazes.

*“Boa sorte nessa nova etapa.
Você merece o mundo, garota.
Não se esqueça de mim e eu...
ainda gosto muito de você.”*

Envio apenas um emoji de volta, coloco o celular de volta embaixo do travesseiro e esfrego o meu nariz. Eu queria muito enviar uma mensagem para a minha mãe dizendo que está tudo bem, mas ela não agiu bem ao nos ver saindo daquela casa. Disse que nós éramos ingratas de estar a

abandonando, depois de tudo que ela nos fez e eu vi a Ayla indecisa. Ela é um doce de menina, como citei antes, e por ser assim, ela é apegada aos nossos pais, mesmo com os defeitos deles. Não sei se ser assim como a minha irmã é uma boa coisa, eu acredito que seja um defeito, pois ela sai machucada em algumas situações e eu nem quero imaginar quando ela começar a gostar de algum menino.

[...]

— Acorda, Stephany. — Ouço o Oliver me chamar e eu franzo o cenho. — Não demorem a se arrumarem.

Ele se afasta de mim, sai do quarto e fecha a porta. Sinto que não dormir o suficiente, mas sei que se eu não estiver arrumada em alguns minutos, o meu querido irmão vai ficar irritado. Me sento na cama, coço os meus olhos e vejo a porta do banheiro se fechando. Droga! Ayla entrou primeiro. Saio da cama, vou até a minha mala que está aberta no chão e tento procurar algo, mas os meus olhos teimam a se fecharem. Pego a roupa que usei ontem para ir jantar, uma calcinha nova e saio do meu quarto. Vou usar o banheiro do Oliver e ele que reclame com as paredes se achar ruim. A porta está fechada, então bato e espero.

— Pedi para se arrumarem, pois vamos sair.

— Eu quero tomar banho e a Ayla entrou no banheiro antes de mim. — Ela reclama.

— Usa o daqui, mas não demora.

Passo por ele ao entrar no quarto e paro de repente ao ver a Penélope sentada na cama, costurando alguns botões numa camisa. O que ela está fazendo aqui? Oliver disse que ela não tinha aceitado essa história de casamento. Antes que eu possa questionar algo, Oliver ordena para que eu vá para o banho e eu a ouço me cumprimenta, num sussurro quase inaudível. Entro no banheiro, deixo a roupa pendurada atrás da porta e retiro a qual está no meu corpo, antes de entrar debaixo do chuveiro. Eu não suporto olhar para a cara da Penélope, sem lembrar o tanto que o meu irmão mudou por causa de decepção que ela o causou.

Tudo estava muito bem, mas tudo desmoronou quando *ela* o deixou. Causou um buraco enorme no peito do Oliver e eu vi o meu irmão se desfazer diante dos meus olhos. Balanço a minha cabeça para os lados, termino o meu

banho e me arrumo. Saio do banheiro encontrando um silêncio constrangedor entre o casal, não falo nada e vou direto para o meu quarto. Deixo a roupa sobre a cama, pego a minha bolsa aonde estão os meus pertences mais importantes e saio. Encontro a Ayla sentada na mesa da cozinha, me sento ao seu lado e suspiro. Estou irritada por *ela* estar aqui. Me sirvo com uma xicara de café, bebo um longo gole e enfio um pedaço de pão em minha boca.

— Penélope está aqui. — Resmungo.

— Será que ela e o Oliver se entenderam? Eu espero que sim.

— E eu espero que não.

— Não seja chata, Stephany. — Ela resmunga me encarando. — Eles estão casados.

— E ela se arrependeu. Já bastava o que ela fez com o Oliver no ano passado.

— Ele a ama.

— E ela? Só o faz sofrer!

Ayla balança a cabeça para os lados e me ignora. A observo passar margarina num pedaço de pão e me encara antes de enfiá-lo na boca.

— O que foi, Stephany? — Ela me questiona. — Pare de bobagem e deixe que o Oliver decida a sua própria vida. Nós temos que apoiá-lo na decisão que ele achar melhor e jamais ficar contra. Olha só o que ele está fazendo por nós...

— Eu sei e sou muito grata a ele, mas é difícil não lembrar do que aconteceu. Ele se fechou, se tornou esse Oliver.

— Ele vai voltar a ser o que era, se ele voltar a ter a felicidade com ela.

— Não podemos ter a nossa felicidade baseada nas pessoas... — Suspiro. —, pois decepções é algo comum, ainda mais quando colocamos expectativas nas pessoas.

— Discordância verbal, Steph. — Ela me alerta.

— Não estou nem aí para isso. — Resmungo. — Tudo... a nossa volta me deixa confusa.

— Eu entendo. — Ela suspira. — E voltando a sua frase má formada... sim, mas vamos torcer para o bem deles.

— As coisas não são simples.

A nossa conversa é encerrada quando ouço passos, e logo o casal entra na cozinha.

— Nunca dormir tão bem, como na noite passada. — Ayla comenta

sorridente.

Ela está disfarçando a nossa conversa de agora a pouco e faz certo, pois eu não quero dar explicações sobre a minha aversão a Penélope, logo cedo. Observo a minha irmã cumprimentar a Penélope com um abraço rápido e eu reviro os olhos.

— Desnecessário, Ay. — Resmungo baixinho.

— Vamos logo, pirralhas. — Oliver pede num murmúrio.

— Pirralhas não. — Reclamo ao encará-lo.

Coloco a alça da minha bolsa em meu ombro e saio do apartamento, sabendo que os demais veem logo atrás. Chamo o elevador e ficamos aguardando. O silêncio é absoluto, nem uma palavra é dita de ninguém, principalmente Oliver e Penélope. Olho para trás por cima do meu ombro e os observo. O meu irmão está com o olhar fixo na esposa e ela está com o olhar preso no chão. É evidente o amor entre eles, mas existe o sofrimento também. Pelo o que passaram, pelo o que ela fez com o meu irmão e por decidirem ficarem nesse impasse.

Adentramos no elevador, fico no fundo e a Ayla ao meu lado e o casal na nossa frente. Os braços deles se esbarram, os olhos se cruzam e eu vejo um pequeno sorriso tomar conta da boca da Penélope. Se eu vir o meu irmão sofrendo por causa dela, eu não vou precisar pensar nem por um segundo a partir para cima dela e dar uns bons tapas em seu rosto *perfeitinho*. Desvio o meu olhar, pois eu não me sinto à vontade com a presença dela e o seu possível romance com o meu irmão. Passamos pelo pequeno hall, Oliver abre a porta marrom – ou seria vermelha? Eu não sei ao certo, pois está desbotada –, e saímos do prédio.

— Fiquem aqui, eu vou ir buscar o carro. — Oliver avisa e sai andando em seguida.

Entrelaço as minhas mãos em frente ao corpo e olho ao redor. Ontem eu não prestei muita atenção, mas eu preciso me localizar melhor agora que moro aqui. Na frente tem uma cafeteria bonitinha, a rua é pouco movimentada e bem residencial. Não tenho a menor de onde seja a escola da Ayla e a minha possível faculdade. Eu tenho algumas opções de cursos, mas a enfermagem é a qual me chama mais atenção. Agradeço mentalmente quando eu vejo o carro do Oliver parando na nossa frente e eu sou a primeira a adentrar no automóvel.

A tensão parece ser ainda maior e praticamente palpável dentro desse

cubículo, pois Oliver e Penélope estão sentados lado a lado, e é visível que não houve uma conversa final entre eles. O caminho é percorrido rapidamente e em completo silêncio. Às vezes dá vontade de bater a cabeça deles e os obrigarem a se entenderem de uma vez, seja a decisão que irão se separar ou não. O carro para em frente a um grande prédio, entendo que é aqui aonde a Penélope trabalha e eu olho para a janela ao meu lado. Não quero ver eles se despedindo, para ser mais exata, não quero ver se eles irão se beijar.

— Janta comigo hoje? — Ouço o meu irmão pedir.

— Para que? Você disse que ia me dar um tempo. — Penélope o lembra de forma suave.

— Eu sei, mas... — Ele suspira. —, janta comigo?

Se eu não soubesse o tanto que ele sofreu e ainda sofre com essa separação, eu acharia lindo a forma que ele quer reconquistá-la, mas eu simplesmente não consigo. Oliver só falta se deitar no chão para ela pisotear ele ou simplesmente sair limpando o local para ela pisar. Essa não é a forma certa de amor.

— Eu sei que você não vai aceitar um não. — Ela comenta.

— Você me conhece. Eu vou me comportar. — Ele promete.

— É bom mesmo, senão, já sabe. — Ela ameaça divertida e enfim sai do carro.

— É tão chato gente apaixonada. — Resmungo apenas para provocá-lo.

— Você só está reclamando porque o seu namoro não deu certo com o Luc. — Ay comenta.

Reviro os meus olhos e deito a cabeça na janela.

— Me poupem desse assunto. — Oliver pede num resmungo. — Pula uma para frente, que eu não vou ser *chofer* de ninguém.

Ayla pula para frente sem esperar mais nada e bate no ombro do nosso irmão.

— Vamos rumo a minha escola nova. — Ela pede.

— Eu tive um enorme cuidado de escolher a nova escola... — Ele informa nos leva rumo ao tal lugar e eu presto atenção em suas palavras. —, ela é uma das melhores, ou melhor, ela é a melhor num ranking que eu vi no jornal. É um pouco afastada daqui, mas eu tenho certeza de que isso não será um problema.

— É aonde? — Questiono curiosa.

— Venice. — Ele responde. — Venice High School.

— Oliver... — Ayla sussurra demonstrando a sua surpresa. —, eu não me importaria em estudar aqui perto, algo mais acessível.

— Eu vou dar e quero dar o melhor para vocês, meninas.

— Mas os custos...

— Eu sou um bom lutador, além de trabalhar e ganhar bem na agência.

— Eu posso começar a trabalhar também.

Oliver olha para mim através do retrovisor e eu percebo a surpresa em seu olhar. Eu já tenho vinte anos, posso começar enfim a minha faculdade e ir trabalhar. Eu tive alguns trabalhos temporários em Santa Maria, mas não tive oportunidade de adentrar no ensino superior, pois o meu pai não permitia, mesmo nas condições físicas que ele se encontra ultimamente. Minha mãe nunca foi de contrariá-lo, então eu comecei ver o meu sonho ficando ainda mais distante.

— Por enquanto vamos focar na sua vida acadêmica, você vai entrar na faculdade e nada, muito menos alguém vai te impedir. Eu vou te apoiar a cada dia.

— Obrigada. — Agradeço.

Ele sorri para mim e volta a prestar atenção no trânsito. É muito bem ter e ver que eu tenho o apoio dele, mas eu me sinto ingrata. Eu deveria apoiá-lo em sua decisão sobre a Penélope, mas eu simplesmente não consigo e não quero chateá-lo com isso, só que eu sei que isso será quase impossível. Se um dia a Penélope conseguir me provar que o ama e que faria tudo o que ele fez por ela, talvez eu dê um pouco de apoio a esse romance.

— Como a escola é mais longe, nós poderíamos passar primeiro na universidade, pois é no caminho. — Ele sugere.

— Por mim, tudo bem.

— Por mim também. — Ayla concorda.

— Mas depois podemos ver outras faculdades? Eu quero ter a certeza de onde é a melhor para a minha formação.

— Sim, podemos. Tudo sobre a educação de vocês é primordial e tem que ser o melhor, além de vocês estarem decididas aonde é melhor estudarem.

— Então vamos, lutador. — Bato em seu ombro.

[...]

— Eu adorei a escola. É simplesmente linda e bem movimentada, mas é de uma forma tranquila.

— Sim, achei isso muito bom. — Declaro. — E as faculdades, uma melhor que a outra, mas apenas uma me fez querer estar nela.

— UC?

— Sim, mas preciso decidir com calma, já que eu ainda tenho um tempinho.

O carro para em frente ao prédio aonde moramos, descemos e seguimos o Oliver rumo a porta desbotada, mas uma coisa, ou melhor, uma pessoa me chama a total atenção, com isso já não ouço o que a Ayla está falando. É um rapaz alto, pele branca, cabelo baixo e um início de barba começa a apontar em seu rosto. Ele acena com a cabeça para o Oliver e sorri em nossa direção.

— Que gato! — Exclamo baixinho.

— Me poupe, Steph. Ele tem a minha idade e não é uma boa pessoa, apesar de ser irmão da Emily.

— Quem é, Emily? — Questiono saindo do meu transe.

— Namorada e mãe do filho do Dominic. — Ele informa me surpreendendo e logo adentramos no elevador. — Vamos almoçar no apartamento dele.

— Como assim, Oliver? Dominic tem namorada, já é pai e você avisa agora que vamos almoçar com eles?

— Depois eu conto mais sobre a Emily para vocês, mas vão gostar dela.

Eu estou em choque, literalmente. Dominic era a minha paixão da adolescência, mas é algo que passou. Só que o que mais me surpreende é saber que ele está namorando e já tem um filho. Como as coisas aconteceram tão rapidamente e o Oliver não contou nada? É claro que não é obrigação dele, mas isso é algo que deva se contar assim que descoberto, e não a segundos de a gente ir almoçar no apartamento do Dominic.

Saímos do elevador, vamos rumo ao apartamento dez e o meu irmão toca a campainha. Estou nervosa, pois fui pega de surpresa com notícias fortíssimas. A porta é aberta pelo o dono do apartamento e eu quase babo ao vê-lo. Ele está ainda mais lindo, forte e gostoso do que eu me lembrava. Adentramos no apartamento segundo o Oliver, percebo uma moça com um bebê vindo em nossa direção e eu a observo atentamente. Ela é alta, tem o cabelo um pouco avermelhado na altura dos ombros e a sua presença deixa

marca por aonde passa. O bebê em seu colo é a cara do pai e eu sorrio suavemente.

— Essa é a Stephany... — Oliver aponta para mim e em seguida para a nossa irmã. —, e essa é a Ayla.

— Eu sou a Emily e esse é o Andrew. — A moça se apresenta amigavelmente.

— Dominic vocês já conhecem. — Meu irmão fala.

— Oi garotas. — Dom nos cumprimenta.

— Você está mais...

— Gostoso. — Sussurro de repente, interrompendo a Ay. — Me desculpe, escapou.

Que merda! Recebo um olhar mortal da Emily e engulo em seco. Bela forma de se apresentar, Stephany! Andrew chama a atenção de todos, fazendo a sua mãe sorrir e seguimos para a cozinha. Apesar de estar com fome, eu preferiria ir para o apartamento do meu irmão e ficar lá, digo isso por causa do meu comentário sobre o Dominic. Não foi por querer e muito menos era para eu ter falado e voz alto, e sim apenas pensado. Cada um se serve e eu mantenho o meu olhar baixo. Estou envergonhada e assustada com o que aconteceu. Levanto o meu olhar e observo o casal. Eles são muito tranquilos e exala paixão de ambos.

— Você levou a Penélope para o trabalho? — Dominic questiona o meu irmão.

— Sim, apesar da ameaça que ela me fez ainda enquanto estávamos aqui. — Ele comenta irônico.

— Ela fala aquilo da boca para fora, Oli. — Emily fala dando de ombros. — Tudo está tão recente e confuso para ela.

— E para mim também, mas eu estou feliz com o que aconteceu.

— Ela também, mas não sabe demonstrar ou falar. — Dom informa.

— Isso é muito foda. Ela me *barra* muito, cara. — Oliver reclama.

— Segue a sua vida e deixa ela para trás. — Resmungo chamando a atenção do meu irmão.

— Eu já sei a sua opinião sobre isso, Stephany.

— Por que você não gosta da Penélope? — Emily me questiona.

— Meu irmão se tornou outra pessoa quando ela terminou com ele. Oliver era mais divertido, risonho e bem-humorado, mas quando ela acabou com tudo... ele se fechou.

— Ele amadureceu com o que aconteceu. — Ela rebate me encarando.

— Pode até ser, mas ela o estragou.

— Não sou um produto que tem validade para estragar. — Meu irmão resmunga fazendo o Dominic ri.

Dou de ombros e continuo encarando a Emily, pois ela não desvia o seu olhar de mim nem por um segundo. É visível que ela não gostou de mim, principalmente por causa do meu comentário ao seu namorado. Respiro fundo e nós duas desviar o olhar no mesmo segundo. Me concentro em comer, pois é o melhor que eu posso fazer nesse momento e penso nas faculdades que visitamos hoje. A mais provável é a Universidade da Califórnia, é numa distância considerável daqui e eu vi que é um bom lugar. A condenadora que nos atendeu, me passou muita segurança, confiança e respondeu todas as minhas dúvidas.

— Sim, eu gostei de lá. — Ouço a Ayla afirmar e a encaro. — A escola é numa distância considerável, mas é boa e o Oliver disse que ele teve muito cuidado em escolhê-la.

— Ayla não é como eu ou a Stephany, que chega no lugar, se enturma e é cheia de simpatia.

— Eu sou simpática. — Ayla resmunga nos fazendo ri.

— Sim, você é, mas não com pessoas desconhecidas.

— Pois não acho que seja pessoas confiáveis.

— Faz certo. — Emily elogia. — Mas às vezes nem sempre podemos confiar nos conhecidos.

— Não mesmo. — Sussurro baixinho me lembrando do Klaus.

Sinto os meus olhos se tornarem incômodos, e eu sei que são lágrimas querendo aparecer, mas eu simplesmente não posso deixá-las dar o dá graça. Respiro fundo e bebo um longo gole do meu suco. Em pouco tempo o almoço termina, Ayla continua a conversar animadamente com a Emily e eu me limito a ficar em silêncio. Sorte a minha em o Oliver não ter me colocado num constrangimento ainda maior quando eu falei a bobagem em relação do amigo/cunhado dele. Sem esperar, a imagem daquele gato, cujo é irmão da Emily retorna a minha mente e eu fico curiosa para saber mais dele, mas será impossível através do meu irmão, já que ele demonstrou a sua aversão ao rapaz.

Me sento no sofá ao lado do Oliver, fico praticamente grudada nele com a intenção de fugir de qualquer olhar da Emily e observo a minha irmã

bem à vontade nesse recinto. As duas conversam como se fossem velhas conhecidas e isso é um pouco cômico para mim, além de ser algo que me surpreende, pois ela sempre é a que fica quieta e fala poucas palavras, mas é bom ver ela se enturmando. Ela irá precisar fazer isso na nova escola, e eu desejo muito que ela conheça boas pessoas.

— Ayla não parece muito com você e com a Stephany. — Emily comenta observando os meus irmãos.

Olho para a minha irmã e ela é bem diferente de mim. Sua pele é branca, olhos iguais ao do Oliver e o cabelo é castanho claro, com o comprimento bem longo, chega quase na cintura dela. Já eu sou morena, um pouco mais clara que o meu irmão, tenho os olhos e o cabelo médio, castanho escuro, quase pretos.

— Eu puxei para a família do nosso pai, eles são bem brancos. — Ay explica.

— Steph e eu puxamos a minha mãe. — Oliver comenta.

— Você e a Ayla tem os olhos do nosso pai.

— Eu sei que você sente inveja de nós. — Ele ironiza.

— Você é idiota. — Resmungo.

— Oliver não tinha nos contado de você e nem que tinha um filho com o Dominic. — Ayla comenta olhando para a Emily. — Ficamos sabendo segundos antes de entrarmos aqui.

— Dominic e eu nos conhecemos há muitos anos, tivemos um romance relâmpago e nos reencontramos quando ele saiu da cadeia e ficamos naquele molha ou não molha. — Emily revira os olhos com um sorriso bobo no rosto. — Quando deu um pouco mais de um mês que estávamos juntos fixamente, eu tive que sair da cidade, pois tive alguns problemas com o meu pai e voltei há alguns dias.

É clichê demais ou muito comum a maioria das pessoas terem problemas com o pai? Por mais rica que seja visível nela, não era de se esperar problemas familiares, e sim de ela ter a família perfeita, uma família do comercial de margarina.

— E você a gravidez? O bebê é filho de vocês dois? — Ayla, a curiosa, questiona.

— Eu descobri assim que fui embora, eu não contei para o Dom, pois não dava... Não era seguro para ninguém. Meu irmão sempre esteve do meu lado durante a gestação e o nascimento do Andrew. Voltei para cá, apresentei

o Dom para o filho e agora estou aqui. — Emily sorri ao terminar de falar.

— E não vai embora tão cedo. — Dom informa ao passar o braço por trás do pescoço dela a puxando para perto dele. — E como vocês estão se sentindo morando com o Oliver?

— Mesmo que nem tenhamos chegado aqui direito, sabemos que será bem melhor do que na nossa casa.

— Sim, Ayla. Será bem melhor. — Oliver concorda e olha para mim. — Não é mesmo, Steph?

— Sim e é dá certo alívio, pois estava insuportável morar com os nossos pais.

Além disso, é bom estarmos longe do Klaus. Os seus olhos me despiam e eu sentia muito nojo daquela situação. Sempre tentava manter a Ayla longe dos olhos dele e o enfrentava com garra. Às vezes eu fecho os meus olhos e volto para aqueles dois momentos que ele me molestou. Chamo a Ayla para irmos embora, ela acena concordando e o Oliver nos acompanha até a porta do nosso apartamento. Ele avisa que já volta e tranca a porta após a gente adentrar no ambiente. Me sento no sofá, coloco o meu rosto entre as minhas mãos e suspiro.

— O que foi, Steph? — Ouço a minha irmã me questionar. — Está com vergonha do que disse sobre o Dominic?

A olho e ela solta um risinho.

— Aquilo foi espontâneo.

— E bem cômico. — Ela garante rindo mais um pouco.

— Ayla... — A repreendo num resmungo.

— É impossível não ri, ainda mais olhando a sua cara. — Ela comenta e cai na gargalhada.

Isso poderia me irritar profundamente, mas agora me irrita só um pouco e eu não consigo me segurar, caio na gargalhada junto com a minha irmã caçula. A empurro pelo ombro, ela cai no sofá e se deita de lado continuando a rir. Me controlo, vou rumo a cozinha e bebo um pouco de água. Esfrego o meu rosto quando o cansaço bate e eu bocejo. Até que foi um bom dia hoje, apesar do pequeno incidente. Hoje à noite Oliver sairá para jantar, ficarei em casa com a Ayla e não tenho o porquê de reclamar disso.

Volto para a sala, me sento no sofá e ligo a tevê. Queria sair, mas Oliver está cansado e ele não vai querer, mesmo que eu peça. Só que, a Ayla também precisa descansar, já que ela irá começar uma nova rotina amanhã e

ainda temos que terminar de organizar as novas coisas no nosso quarto. Ela está deitada no sofá, com o olhar pequeno, mas presta atenção na reprise de um episódio do seriado de As Visões da Raven. Vou rumo ao meu quarto, abro o guarda roupa e observo o espaço vago. Não trouxe tudo da casa dos meus pais, pois não era possível, mas trouxe bastante roupas e espero que caiba tudo aqui. Começo a pegar as peças da mala que está aberta no chão e tento manter a organização possível.

Enquanto coloco cada peça em seu devido lugar, me lembro da minha mãe e sinto saudade, por mais complicada que fosse a nossa relação. Eu sei que ela fez um acordo com o Klaus para ele nos deixar em paz, mas não sei exatamente o que tinha nele e só sei que funcionou, pois por longos meses ele não nos importunava. Só espero que não seja algo que ela se colocasse em nosso lugar para satisfazer os desejos dele. Isso é doloroso até de pensar. Quando eu me tornei adolescente, Klaus começou a me olhar de outra forma e eu por ser muito nova nunca entendia, achava que era apenas um olhar sem fundamento. Só que aos meus dezesseis anos, tudo mudou. Ele começou a jogar indiretas para mim, dizia coisas baixas e pornográficas em meu ouvido.

Por muitas das vezes eu o empurrava, o batia, mas nada resolvia. Ele continuava no meu pé e eu nunca vi apoio suficiente dentro de casa para contar o que estava acontecendo. Meu pai sempre confiou cegamente no amigo, minha mãe sempre obediente as ordens do meu pai e confiava no Klaus também. Só que eu nunca imaginei que ele chagaria tão longe em suas investidas, mas há seis meses...

Luto contra as lágrimas que surgem em meus olhos e cubro o meu rosto com as minhas mãos. É como se tudo ainda fosse real e eu não sei como me libertar disso. Sinto o meu corpo sendo prensado, o calor do corpo dele contra o meu e a sua mão em meu seio. As lágrimas começam a escorrer pela minha face e minha respiração fica mais desregulada. Escorrego até o chão, levo as minhas pernas dobradas em direção ao meu peito e deito a minha cabeça. Eu sinto que estou suja, é algo impossível de retirar de mim e esse foi um dos motivos para eu ter terminado com o Luc. Eu não conseguia sentir o toque dele, sem lembra das mãos daquele imbecil em meu corpo, mas eu me esforçava muito para tentar aproveitar o momento com o meu – naquela época – namorado. Amava sentir os toques do Luc, mas era impossível não lembrar do Klaus.

— Stephany, você está bem? — Ouço o Oliver me questionar.

Seco as minhas lágrimas, levanto a minha cabeça e olho para a porta.

— Estou. — Minto.

— O que aconteceu? — Ele questiona preocupado se aproximando de mim.

— E-eu... apenas estou pensando nas coisas que a nossa mãe disse.

— Eu imagino que seja complicado, mas as coisas vão melhorar.

— É o que eu desejo. — Dou de ombros e ele me ajuda a levantar. — Eu estou bem.

— Nós vamos ficar bem. — Ele garante e eu sorrio suavemente. — Precisa de ajuda?

— Não.

Ele acena com a cabeça e sai lentamente do meu quarto, ainda olhando para mim. Eu queria contar tudo o que aconteceu, mas é melhor eu carregar essa dor sozinha e um dia, tentar retirá-la de mim. Desisto de guardar as minhas peças de roupas, deito-me em minha cama e abraço o travesseiro. Eu desejo do fundo do meu coração conseguir superar isso que aconteceu e viver sem lembrar do ocorrido. Ayla não foi tão afetada, pois o Klaus não conseguiu tocá-la como ele tanto desejava. Ela estava dormindo, mas acordou quando ouviu barulho no quarto e ficou quieta ao sentir a presença de alguém na cama. Em segundos sentiu o toque sutil da mão dele acariciando a perna dela e então saiu do quarto. Fecho os meus olhos e tento esquecer a pequena crise que tive há pouco.

[...]

É visível o nervosismo do meu irmão enquanto ele se arruma e eu tenho vontade de rir. Oliver irá jantar com a mulher que é sua esposa, pelo menos num papel e não deveria estar assim. Os dois são amigos de longa data, se gostam e tem intimidade, então um jantar é algo mínimo para eles. Ele se despede de nós dando um beijo em nossas testas e respira fundo. Ele faz o seu discurso que não irá demorar etc. e etc. antes de sair do apartamento. Por mais que eu não goste da Penélope, espero que esse jantar ocorra bem e que eles comecem a se entenderem de uma vez por todas.

— Eu vou ir tomar banho. — Ayla avisa chamando a minha atenção. — Quero hidratar o meu cabelo, quero estar apresentável amanhã na nova escola.

— Eu no seu lugar, iria de qualquer jeito, você me conhece e...

— Sei que odeia acordar cedo. — Ela completa.

— Sim, por isso vou estudar no período noturno.

Vamos rumo ao nosso quarto, me sento na cama e apoio os meus braços em meus joelhos que estão dobrados em frente ao meu peito.

— Na faculdade deve ter muitos meninos gatos, né?

— E babacas também. — Rio. — Mas estou animada, não para conhecer alguém e sim para dar o passo inicial na minha carreira.

— Enfim irá, pois se dependesse do nosso pai... — Ela suspira.

— Nem me lembre dele.

— Um dia ele irá se arrepender das escolhas que fez.

— Eu duvido muito que isso aconteça, mas caso haja esse milagre, que seja de todo o coração.

— Eu torço para que sim.

Ayla só vê o bom nos nossos pais, principalmente no Mark, aquele que nunca foi um bom pai. Minha irmã entra no banheiro e fecha a porta. Eu não acredito muito que o meu pai pode se arrepender ou mudar. Todas as palavras direcionadas a nós, foram horríveis e cruel, mesmo com o nosso sofrimento bem ali na cara dele ouvindo as ofensas. Ele nos culpa, principalmente a mim por ele ter ido parar na cadeira de rodas. Foi um acidente fatal, mas ele sempre fala que fizemos tudo bem planejado, querendo o mal dele. Minha mãe sempre tentou converter essa situação da culpa do acidente, mas nunca adiantou. FRANZO o meu cenho ao sentir o meu celular vibrar, o pego sobre a cama e vejo o nome da minha mãe brilhando no visor.

— Oi mãe. — Atendo e saio do quarto.

— Oi Steph. — A sua voz soa chorosa. — Eu queria tanto que vocês voltassem, mas eu sei que isso não irá acontecer.

— Mãe...

— Eu sei que fomos pais ruins, mas eu amo vocês... demais. — Ela declara ao me interromper.

— Nós sabemos, mas preferimos estar aqui. Apesar de tudo o que aconteceu, nós também temos um carinho muito enorme, nós te amamos, mas estava impossível morar aí.

— Eu sei. — Ela suspira. — O seu pai é uma pessoa difícil, mas ele ama vocês.

Tenho vontade de ri e debater com ela, mas é melhor não.

— Tudo bem, mãe. Será complicado agora no início, mas logo vamos conseguir aceitar e entender essa nova etapa.

— Se cuide, cuide da sua irmã e eu... amo vocês.

— Tenha cuidado com papai e com o... Klaus. — Peço.

— Terei.

Encerro a ligação, suspiro e volto para o quarto. Ayla continua no banho e eu agradeço mentalmente, pois não quero contar para ela sobre a ligação da nossa mãe. Vejo que o meu celular está descarregando, o conecto na tomada e saio do meu quarto. Vou em direção a sala, me debruço sobre a janela e sinto um ar fresco bater contra o meu rosto. Olho em direção a calçada em frente ao prédio, vejo um carro preto estacionando com elegância e percebo que é um carro caríssimo. Mantenho o meu olhar nele com curiosidade para saber quem é o dono e não é por interesse ao algo do tipo, e sim por pura curiosidade, pois não deve ser comum ver carros desse tipo aqui no bairro. O rapaz desce, aciona o alarme e consequentemente olha para cima, na minha direção para ser mais exata. É o rapaz que vi mais cedo, irmão da Emily e eu ainda não sei o nome dele.

Saio da janela, cubro a minha boca e sorrio. Algo nele me chamou atenção, além de me atrair, mas é complicado manter os meus olhos nele, pois tem a aversão do meu irmão e eu não gostaria de ir contra a ele. Consequentemente, eu percebo que ele pode agir certo, pois eu não aceito a relação dele com a Penélope. Só que, eu não tenho nada com esse rapaz que eu não sei o nome, tive apenas um interesse e algo sem futuro. O que não é nenhuma novidade.

Agindo como uma menina boba, vou até o olho mágico da porta e fico esperando-o aparecer. O que acontece em segundos e ele aguarda pacientemente a porta do apartamento dez se abrir. Ele olha na direção da porta do apartamento onze – aonde eu moro – e essa maravilhosa madeira impede que ele me veja. Ouço a Ayla me chamar e eu suspiro ao ter que deixar a minha espionagem de lado. Vou rumo ao meu quarto, encontro a minha irmã sentada no chão entre as duas camas e ela me pede para passar o hidratante em seu cabelo. Passo uma pequena quantidade de creme em cada mecha do seu cabelo, enquanto a imagem *dele* não sai da minha mente, junto com o questionamento sobre o meu irmão não gostar *dele*.

— Estou um pouco nervosa. — Ouço a Ayla confessar.

Respiro fundo e prendo a atenção na minha irmã.

— Não fique. Você ouviu o que o Oliver falou, se você não se adaptar, vamos procurar outra escola.

— Eu sei, mesmo assim me sinto nervosa. É uma nova escola, novas pessoas e eu não tenho a menor ideia do que pode acontecer.

— Não pense em coisas ruins.

— Só estou sendo realista. — Ela dá de ombros. — Eu estive pensando em outra coisa...

— O que? — Questiono.

— Sobre irmos assistir uma luta do Oliver. Nunca fizemos isso e eu tenho curiosidade.

— Podemos pedir para ele.

— Mas será que é certo? Oliver ainda não conseguiu a nossa guarda imediata.

— Praticamente, apenas a sua, pois eu já tenho vinte anos.

Termino de passar o creme em seu cabelo, vou até o banheiro e lavo as minhas mãos. Levanto o meu olhar, encaro espelho e solto um longo suspiro. Eu me pareço com a minha mãe, e ao pensar sobre isso, me lembro de sua ligação. Não vou contar para a Ayla, mas tenho que contar para o Oliver. Sei que ele não irá gostar, mas eu não posso esconder. Jogo água em meu rosto e engulo o nó em minha garganta. O meu sonho era ter uma família tranquila e isso não é pedir demais. Saio do banheiro, encontro a minha irmã sentada no chão, lixando as unhas da mão esquerda e eu vou para a sala. Me jogo no sofá, ligo a tevê apenas para ter algum barulho no ambiente e encaro o teto. Como será que é ter país amoroso, legais e...

— Por que eu estou pensando isso? — Questiono baixinho.

Mesmo que eu não deveria estar pensando nisso e nem queira ficar me martirizando, eu não consigo parar. Ninguém que eu conheça tem uma família perfeita, mas talvez a namorada do Dominic tenha, consequentemente é a mesma família do rapaz sem nome até o momento. É visível que eles são de uma classe diferente, os pais devem ser pessoas ótimas e muito amorosas. A minha mãe sempre tentou nos dar muito amor, apesar de ela não saber muito como fazer, mas tentava. Saio do sofá, vou novamente a janela e encaro o céu. O vento frio agita o meu cabelo, mas eu continuo no mesmo lugar. Sinto os meus olhos voltarem a arderem e dessa vez eu não me seguro, deixo as lágrimas escorrem livres por minha face.

Estar longe de Santa Maria me deixa mais leve, livre e em paz, mesmo

que exista dor dentro de mim. Por muitas vezes eu pensei em contar para o Oliver o que aconteceu, mas eu simplesmente nunca conseguir, por medo do que pode acontecer, mesmo que eu tenha certeza de que o Klaus mereça uma punição que o faça de arrepende de tudo que ele fez. Aliás, eu nem sei se aquele homem é capaz de se arrepender em algo que já cometeu. Saio da janela, a fecho e vou rumo a cozinha. Pego todos os utensílios necessários para fazer chocolate quente e vou para o fogão. Tento afastar esses pensamentos ruins da minha mente e sorrio triste. Desde o início eu quis que tudo fosse diferente, me refiro aos meus pais e acontecimentos. Ouço a porta do apartamento se abrir e eu sei que é o Oliver, mas fico surpresa, pois não imaginava que ele chegaria tão cedo. Ele para na porta da cozinha e me observa em silêncio.

— Pensei que fosse chegar mais tarde ou estaria acompanhado.

— Infelizmente não. — Ele responde ao encolher os ombros. — O que está fazendo?

— Chocolate quente. — Respondo ao lhe dar um pequeno sorriso. — Como foi o jantar?

— Bom.

— Só tem isso para me contar?

— Só. — Dou de ombros. — Não demore a ir dormir.

Oliver vai rumo ao seu quarto, eu termino de fazer o meu chocolate e coloco o líquido numa caneca. Saio da cozinha e olho para o meu quarto. Ayla já deve estar dormindo e eu quero conversar um pouco, então eu vou ir conversar com o meu irmão. Vejo a porta encostada, entro no quarto e o encontro sentado na cama, retirando o seu tênis. Me aproximo devagar, me sento na cama e bebo um pequeno gole do meu chocolate quente.

— Posso ficar um pouquinho aqui? — Pergunto, o surpreendendo e ele acena concordando. — A nossa mãe ligou assim que você saiu.

— O que ela queria?

— Pediu para a gente voltar, mas ela também disse que sabia que não íamos e por isso ela está sofrendo tanto.

— Eu fiz o que você e a Ayla tanto me pediu, se vocês quiserem voltar...

— Não, Oli. Não queremos. — Nego ao interrompê-lo. — A gente não quer mais aquela vida.

— Você sabe que ela vai ligar fazendo mais drama, não é mesmo?

— Eu sei. — Suspiro.

— Atenda as ligações dela por apenas uma vez na semana, vai ser melhor e ela logo se acostuma.

Concordo com um aceno, termino de beber e coloco a caneca sobre o criado-mudo. Deito-me na cama e continuo o observando. Oliver está muito quieto e pensativo, mas pelo menos está com uma expressão suave. Por mais que eu não aceite muito bem esse tal casamento com a Penélope, eu quero saber como foi o jantar, além de ficar mais próxima ao meu irmão, mesmo que seja falando do seu relacionamento com a Turner.

— E a Penélope, decidiu se vai ficar com você? — Pergunto suavemente.

— Estamos indo devagar, nada está decidido.

— Ela dormiu aqui na noite passada?

— Não. — Ele nega. — Eu a chamei para vim arrumar a minha camisa, pois alguns botões tinham caído.

O encaro intrigada e me lembro da cena que presenciei mais cedo.

— Pelo amor de Deus, Oliver! Você provocou essa queda, não foi?

Ele faria uma coisa dessas só para ter *ela* por perto. Reviro os olhos debochando da situação.

— Steph...

— É bem a sua cara fazer esse tipo de coisas.

Não consigo me controlar e solto uma pequena gargalhada.

— Eu queria vê-la e conversar com ela. — Ele dá de ombros e eu rio.
— Eu sei que foi idiota, mas funcionou.

— Eu não cairia numa coisa dessas.

— Não seja chata. — Resmungo num sorriso.

Me calo e ele se deita ao meu lado, antes de encarar o teto enquanto pensa em algo. Fecho os meus olhos e deixo a minha mente vagar. O meu relacionamento com o Luc era ótimo, nos gostávamos bastante e eramos felizes em nosso relacionamento. Ele era o meu melhor amigo, namorado e confidente, mas algo sempre nos atrapalhava e ia esfriando o nosso relacionamento. Quando eu estava com o Luc em casa... ou melhor, na casa dos meus pais, o Klaus chegava e ficava nos incomodando com o seu olhar ou comentários irônicos sobre o nosso relacionamento.

— Me surpreendo ao ver vocês dois namorando... — Klaus comentou irônico, nos encarando.

Eu estava sentada no terceiro degrau da escada e o Luc estava ao meu lado, enquanto o Klaus estava largado sobre o sofá da sala. Minha mãe tinha ido no mercado e o meu pai foi acompanhá-la, e por fim, Ayla estava na escola. *Ele* sabia de tudo isso e mesmo assim, apareceu lá em casa apenas para irritar, mas veio com a desculpa esfarrapada de estar esperando o meu pai voltar.

— Você deveria cuidar da sua vida. — Luc resmungou encarando o Klaus.

— E você deveria ir brincar de carinho, ainda é um moleque e.... bem inferior para a Stephany.

— Cala a merda da sua boca! — Ordeno e ouço a sua risada chata.

Luc sempre foi um rapaz alto, forte e muito bonito, além de ser dois anos mais velho que eu. A sua pele morena, cabelos negros com pequenos cachos e olhos escuros com um brilho encantador. Uma barba bem rala cobria o seu maxilar quadrado e um sorriso largo quase sempre estavam em seus lábios.

— Steph, você merece um homem de verdade. — Klaus murmurou.

— Você está se referindo a você mesmo? — Luc questionou debochado. — Você é um verme.

Em segundos a expressão do Klaus mudou de debochado para irritado e ele se levantou do sofá. Eu me levantei do degrau e fiquei entre eles, para impedir qualquer avanço que pudesse.

— Garoto, você deveria ir embora. — Ele ordenou.

— Você que deveria ir. — Luc murmurou.

— Vai embora, Klaus.

Eu o empurrei pelo tórax, ele deu um passo para trás e levantou a mão para me bater. Senti a mão do Luc em meu ombro esquerdo, abaixei e ele deu um soco no nariz do Klaus, fazendo o sangue surgir no mesmo segundo. Mais uma vez nesse longo dia, as lágrimas voltam para os meus olhos e eu balanço a minha cabeça, as afastando. Olho para o Oliver e ele continua perdido em pensamentos. Chuto a sua perna e ele a segura, me fazendo choramingar. O seu aperto é forte, o seu movimento é rápido e isso me faz lembrar do *Fight*.

— Quando você vai lutar novamente?

— Não sei, ainda não fui ao *Fight*. — Ele responde.

— Eu quero ir assistir e a Ay também quer.

— Posso levá-las num dia calmo.

— Que seja essa semana. — Desejo baixinho, o fazendo ri. — Amanhã você vai trabalhar, né?

— Sim e só vou chegar lá para as seis horas da tarde. Você cai ficar sozinha com a Ay o dia inteiro, vão ter que cozinhar algo para comer.

— Não somos boas nisso.

— E o que eu posso fazer? — Ele questiona e eu dou de ombros, sem ter uma resposta. — Vocês vão ter que melhorar.

— Você vem almoçar em casa?

— Não.

Percebo um tom de alívio em sua resposta, eu reviro os olhos e me sento na cama. Pego a caneca e termino de beber o meu chocolate, que agora já está um pouco frio. Resolvo ir para o meu quarto, ao notar o cansaço do Oliver e eu saio de sua cama. Lhe desejo boa noite, ele sorri e encara a aliança em seu dedo. Eu sei que ele quer muito esse casamento e a nossa aceitação, mesmo com a minha pequena aversão a sua *esposa*, mas eu tenho direito em ter isso. Vou rumo a porta, abro-a e antes que eu saia, eu chamo o meu irmão e ele me encara.

— Eu não a odeio, apenas não gosto do que ela fez com você e do que você se tornou. Um rapaz fechado, sem aquele costumeiro brilho de alma e divertido. Eu sei que você vai voltar a ser o mesmo se estiver com ela, mas ela que tem que te conquistar e não ao contrário.

Saio do quarto, fecho a porta e vou para a cozinha. Eu não queria ouvir o que possivelmente o Oliver tinha a me dizer, quero que ele apenas reflita sobretudo e tome a melhor decisão, além de perceber que ele não deve se rastejar atrás da Penélope.

CAPITULO DOIS

Eu quero me libertar

Eu quero me libertar das suas mentiras

Você é tão autocentrado, eu não preciso de você

Eu tenho que me libertar

Deus sabe, Deus sabe que eu quero me libertar

Queen – I Want To Break Free

Eduard Lewis

Já faz alguns dias que o fim do meu pai aconteceu, mas nem por isso eu consigo viver tranquilamente dentro dessa casa. Aqui, a mansão Lewis sempre foi o local que eu chamei de lar, mas nem sempre teve o verdadeiro significado. Só que, nos últimos longos meses que estive longe daqui eu percebi que de fato, nosso lar é o nosso coração. Um coração tranquilo é um lar; um coração transtornado é um inferno. Não importa o lugar onde eu esteja ou para onde eu vá, seja no céu ou no inferno, porque meu coração vai sempre junto comigo. Só que, com a reforma que eu exigi que fosse realizada, eu não fico me lembrando a cada segundo das coisas ruins que já aconteceram aqui.

Estou na varanda da sala de estar do segundo andar, tomando café e tentando me acostumar a voltar a morar nessa casa. Desde o dia que voltei de Solvang, eu estava ficando num hotel, por causa da reforma e tentando me decidir se iria mesmo morar aqui, mas no fundo eu sabia que não era justo eu me mudar, pois essa casa era o lugar favorito da minha mãe. Por mais que ela tenha cometido merdas, ela era a minha mãe e tinha muito amor por mim.

— Senhor Lewis? — Ouço a Lisa me chamar e eu reviro os olhos.

— O que é, Lisa? — Questiono, sem encará-la.

— Todos os seguranças estão lá embaixo, o senhor marcou a reunião com eles hoje.

Encaro o céu azul e bebo mais um gole do meu café.

— Que horas são?

— Onze da manhã. — Ela responde.

Me afasto da varanda, coloco a xicara em suas mãos e vou rumo ao meu quarto. Minha cabeça está explodindo, eu quase não dormi na noite passada e não sei o porquê. Entro no meu quarto, calço o meu tênis e esfrego o meu rosto. Eu rolei na cama de um lado para o outro, até que eu decidi ir para o porão e lutei até o amanhecer. Os nós dos meus dedos estão vermelhos, alguns contêm pequenos cortes e eu me sinto mais vivo dessa forma. Fiquei meses sem lutar, mas agora que eu estou de volta, eu irei me dedicar mais no mundo da luta, além de voltar para a faculdade. Hoje, não tem mais ninguém que me impeça, pois quem fazia isso está devidamente enterrado. Suspiro cansado e saio do quarto. Lisa continua parada no corredor

e eu a encaro, sem entender.

— O que? — Questiono.

— A senhora Evan ligou, ela está quer muito conversar com o senhor.

Suspiro irritado e desço a escada, indo rumo à sala de estar. Vejo dez seguranças, presentes e apenas aceno com a cabeça. Todos aqui trabalhavam para o meu pai há anos, mas todos sempre estiveram mais do meu lado e são de profunda confiança. Os demais seguranças foram mandados embora, pois eram aliados fielmente do meu pai e então eu não poderia continuar com eles. Entre todos que estão aqui, Torres foi o qual mais informou ao Dylan sobre os passos do meu pai. E em pensar no rapaz que mais nos ajudou – me refiro à minha irmã também –, nesse tempo que estivemos escondidos e eu sinto falta de eles estar aqui.

— Obrigado por estarem aqui. — Agradeço ao parar na frente deles e cruzo os meus braços em frente ao corpo. — Se estão aqui, é porque são da minha confiança e eu quero que vocês ainda trabalhem aqui.

— O mesmo serviço de sempre será feito? — Torres questiona.

— Sim. — Afirmo. — Vigilância, segurança e discrição, como sempre foi necessário.

Eles concordam de imediato, dou mais algumas instruções e informo que o Torres será o novo chefe da segurança. Os demais se dispersam, ficamos apenas nós dois na sala e nos sentamos, cada um em um sofá. Eu queria o Dylan como o chefe de segurança, Emily até tinha me aconselhado sobre isso e eu achei uma boa ideia, mas ele preferiu ficar em Solvang, com a família da namorada.

— Antes de qualquer decisão de turno e distribuições, eu preciso saber quem tanto irá morar aqui, além de quem terá acesso a casa. — Torres informa.

— Quem irá morar aqui será apenas eu e os meus avós maternos, pelo menos é o que eu desejo. Os empregados continuaram os mesmos, e de acesso na casa será a Emily e o namorado.

— Turner?

— Sim.

— Eu não quero cuidar da vida dos senhores, mas é verdade que a senhorita Lewis teve um bebê?

— Sim. — Afirmo com um pequeno sorriso nos lábios. — Andrew tem quase um ano e é filho dela com o Turner.

Ele acena e me conta o possível cronograma de vigilância. Ouço tudo com atenção, peço algumas mudanças e logo entramos em um acordo. Peço para ele passar tudo para os seguranças, ele concorda e vai rumo a ala dos empregados. Coço o meu maxilar sentindo a minha barba crescer, enfio o meu rosto entre as minhas mãos e fecho os meus olhos. A minha cabeça está latejando e essa merda não para.

— Senhor... — Ouço a Lisa me chamar mais uma vez.

Ela não me deixa quieto um segundo se quer e isso está me irritado ainda mais.

— Me dá um comprimido para dor de cabeça, Lisa.

— Sim, senhor.

Ela é uma pessoa muito silenciosa e calma, mas a sua insistência em estar me chamando sempre, está me irritando. Eu ainda preciso ir ver a Emily, conversar com ela e saber como está a sua nova vida. Eu sei que combinamos que ela iria morar aqui, ou melhor, ela me informou isso e eu apenas concordei, mas eu sei que essa última semana que ela ficou no apartamento do Turner, foi apenas um acontecimento para lhe dar a certeza que eles devem morarem juntos. Muitas coisas já atrapalharam o relacionamento deles, então não devem ficar separados e nem fazer o Andrew crescer com os pais separados. Levanto a minha cabeça ao sentir a presença da Lisa, ela me entrega o comprimido e o copo de água.

— Eu vou dar uma saída e o Torres vai falar com você sobre o novo comando de segurança da casa.

— Tudo bem, senhor e... — Encaro-a e ela encolhe os ombros. —, a senhora Evan ligou novamente.

— O que a Quinn quer? — Questiono.

— Ela deseja falar com o senhor e parece ser algo muito sério.

Desde o dia que aconteceu o desligamento dos aparelhos do meu pai, eu pedi para ela se afastar e dá um tempo para mim, esse pedido incluiu a Emily, principalmente, pois a minha irmã odeia a Quinn. Só que, eu sabia que a minha ex-madrasta viria atrás de mim e eu não vou fugir da conversa que ela tanto quer realizar. Coloco o copo na mão da Lisa, peço para ela ir arrumar o meu quarto e saio da casa. Vou rumo a garagem e observo os meus carros. Senti falta da mordomia aonde eu fui criado, então estar de volta e ter tudo novamente é muito bom. Pego a chave do Bugatti Chiron, entro no meu carro e aperto o volante entre as minhas mãos. A mordomia que tínhamos, me

refiro a minha irmã também, vinha do meu pai e das ilegalidades dele, mas como tudo isso irá acabar, nós teremos que cuidar dos empreendimentos lucráveis e certos. Isso quer dizer iremos ter apenas algumas ações em empresas, alguns lutadores e o *Fight*.

Então teremos que analisar tudo e ver como tudo irá funcionar ao nosso comando. Como eu despedi metade dos seguranças, já é um gasto a menos. Tenho a herança de James, mas até esse dinheiro chegar em minhas mãos, algumas coisas burocráticas terão que acontecer. Ainda nem conversei com a Emily sobre isso, só sei que preciso conversar o mais rápido possível, para dar andamento no recebimento da herança. Bato os meus dedos no volante enquanto eu sigo para o apartamento do Turner. Longos meses eu vi o temor nos olhos da minha irmã enquanto estávamos longe daqui o medo dela era que o Dominic não a perdoasse por esconder o filho deles, então diariamente eu tentava fazê-la parar de pensar nesse tipo de bobagem. É claro que ele a perdoaria, pois desde o início sempre foi visível o amor entre eles.

Em alguns minutos, estaciono em frente ao prédio e desço do carro. Enfio as mãos nos bolsos da minha calça, ando calmamente em direção a porta e tento ficar tranquilo. Eu ainda não estou acostumado a essa nova vida da minha irmã, mas estou feliz por ela. Enfim a Emily conseguiu estar com o homem que ela ama, estar constituindo uma família e sendo uma mãe incrível. Cumprimento o porteiro, vou rumo as escadas de emergência e subo rapidamente. Toco a campainha do apartamento e tento parecer amigável. A porta se abre, vejo o Turner e eu apenas aceno com a cabeça.

— Entre, Eduard. — Ele pede ao me dar passagem.

— A minha irmã está aqui?

Olho ao redor da sala e não vejo nem ela, muito menos o meu sobrinho.

— Está dando banho no Andrew. — Ele responde ao se encostar no balcão. — Pode ficar à vontade.

Cruzo os meus braços em frente ao corpo, ando até a janela e observo o prédio lateral. Eu não acho que aqui seja seguro para a Emily morar com o meu sobrinho, mas eu sei que o Turner jamais aceitaria se mudar para lá com eles.

— Ed... — Ouço a sua voz, olho para ela e sorrio. —, eu pensei que viria mais tarde.

— Eu apenas disse que viria te ver, mas não disse a hora.

Me aproximo, dou um beijo em sua testa e um beijo na mãozinha do

meu sobrinho. A cada dia ele está mais parecido com o pai e eu acho isso ruim, pois a minha irmã é linda e o bebê deveria ter puxado a ela. Andrew estica os braços em minha direção, eu o pego no colo e sinto o olhar de águia do Dominic sobre mim.

— Você está bem? Parece cansado. — Emily comenta.

— Eu não dormi muito bem na noite passada. — Resmungo. — Como foi em Las Vegas?

Turner foi lutar lá no último final de semana, fiquei sabendo que ganhou de uma forma um pouco sofrida e pelos os hematomas em seu rosto, é visível que foi uma boa luta. Emily me convidou para ir, mas eu achei melhor não. Eu ainda não me sinto à vontade no meio da turma do Turner, principalmente perto do Jensen. Aquela conversa que tivemos não foi algo muito esclarecedor, nem muito perdoável, aliás, nada daquilo é perdoável.

— Muito boa. — Emily responde e me puxa, para nos sentarmos no sofá. — Dom ganhou maravilhosamente bem...

— Apenas fiz o necessário, Em. — Turner resmunga irônico.

— Enfim... — Ela o encara e sorri ao voltar a me olhar. —, foi uma boa viagem. Nos aproximamos mais, nos divertimentos e tivemos uma grande surpresa.

— Uma grande surpresa? — Questiono intrigado.

— Oliver e Penélope se casaram.

Franzo o cenho, ainda mais surpreso com essa resposta e olho para o Dominic. Eu me lembro muito bem a forma que ele cuidava da irmã e tinha ciúmes dela, então ao saber que houve um casamento, é uma grande surpresa. Desde que eu os vi juntos, eu percebi que rolava algo secreto e a Emily me contou que eles estavam tendo um romance, mas quando voltamos para cá, ficamos sabendo que o relacionamento não durou muito e eles meio que se odiavam. Agora, casamento? Não era algo que eu esperava, aliás, ninguém esperava por isso.

— Que merda, em!

— Eles fizeram merda, se casaram bêbados na capela de um cupido e... — Turner suspira irritado. —, a minha irmã não está aceitando muito bem, mas o Oliver vai conseguir fazer que ela aceite o novo status.

— Casamento e bebida... uma típica viagem a Las Vegas.

Emily ri e acena concordando. Andrew fica de pé em meu colo e brinca com a gola da minha camiseta.

— Penélope vai conseguir aceitar e vai ficar bem nessa nova família, principalmente com a vinda das irmãs do Oliver para cá. — Minha irmã comenta.

— As irmãs dele? — Questiono curioso.

Não sabia que ele tinha irmãs, aliás, eu acho que a Emily já tinha comentado isso comigo... eu não me lembro ao certo, mas creio que sejam pirralhas. Coitado dele em ter que aguentar três mulher, me refiro à Penélope também, pois aquela ali não é um doce de pessoa.

— Sim, tem duas. Ele virá almoçar com elas aqui hoje.

— Então, eu já vou embora.

Coloco o Andrew em seu colo, me levanto do sofá e arrumo a minha camiseta.

— Fique, Ed. Almoce conosco. — Emily pede.

— Não, Emily. — Nego, a fazendo ficar cabisbaixa. — Me desculpe, está bem?

— Eu queria você mais próximo...

— Eu sou próximo a você e nunca vou me afastar.

Dou um beijo em sua testa e acaricio o seu cabelo. Olho ao redor, vejo que o Dominic está na cozinha, me dando mais privacidade com a minha irmã.

— De mim você é, mas eu queria que fosse também dos rapazes.

— Isso não. — Nego.

Ela respira fundo, mas acena concorda e me acompanha até a porta. Por mais que eu tenha vindo vê-la, eu também queria conversar assuntos importantes, mas terei que voltar outra hora, já que em breve ela terá visitas. Confesso que estou curioso para conhecer as irmãs do Oliver e torcer muito para que elas deem muita dor de cabeça para ele. Não quero ser maldoso, mas é algo legal de se desejar. Penélope deve ter dado trabalho ao Dominic, pelo menos é isso que eu acho, mesmo que ele tenha perdido muito tempo do crescimento da irmã.

— Eu percebi que você queria conversar comigo, não veio aqui apenas para nos ver e saber como foi a nossa viagem. — Emily comenta.

— Eu volto mais tarde e conversamos.

— É algo sério?

— Sim. — Afirmo a fazendo ficar preocupada. — É sobre os bens do James.

— Eu não quero nenhuma ilegalidade...

— Eu já comecei a dar um fim nisso desde semana passada, já dispensei os seguranças aliados a ele, e fiquei com apenas os da minha confiança.

— Fez uma boa escolha.

— Eu sei, Em e mais tarde eu volto para conversarmos melhor.

— Tem certeza de que não quer ficar? — Ela questiona.

— Absoluta. — Declaro, antes de beijar a sua testa. — Me desculpe por tudo.

— Eu já te disse que você não precisa ficar me pedindo isso, eu já te perdoei.

Perdoou porque ela tem um enorme coração e é uma pessoa maravilhosa.

— A noite eu venho.

— Te esperamos.

A observo pegar a mão do Andrew e o faz acenar para mim. Eu sorrio, aceno também e vou rumo as escadas de emergência. Desço os degraus devagar decidindo se eu vou ou não ir conversar com a Quinn, mas no fundo eu sei que preciso ir. Claro que eu só vou conseguir dar a resposta que ela quer, apenas depois que eu resolver algumas coisas com a Emily, só que eu não posso continuar ignorando a minha ex-madrasta. Passo pela porta do prédio, me surpreendo ao ver o Oliver próximo a mim e eu olho com curiosidade para as duas moças próximas a ele. Eu me enganei ao imaginar duas pirralhas, pois elas já são quase adultas e bonitas. O cumprimento com um aceno de cabeça e sorriso para *elas*. A moça de cabelo grande parece ser a mais jovem e a mais tímida, além de ser bem diferente dos outros dois. Já a morena de cabelo médio, tem a presença marcante, assim como as curvas do seu corpo.

Entro no meu carro, observo o trio entrar no prédio e eu vou rumo ao bairro de Cahuenga Pass, aonde a Quinn mora. Eu sei que a casa aonde ela está foi um presente do meu pai, assim que eles começaram a se relacionar e eu não sei se a residência contém no testamento. Só que, não posso exigir nada que pertence a ela, e eu nem quero nada. Aproveito o pouco movimento nas ruas a essa hora da tarde e acelero o meu carro. Batuco os meus dedos no volante, relaxo contra o meu corpo contra o banco e mantenho o meu olhar atento ao trânsito. Estar de volta a Los Angeles é algo que eu desejei por

muitos anos, principalmente em estar aqui sem ter o James por perto. É como se o ar estivesse mais puro, mais leve e mais agradável. Eu sei que isso pode ser apenas impressão minha, mas é algo de se comemorar.

Não houve cerimônia fúnebre e nem nada parecido quando o fim chegou, assim que o corpo foi devidamente liberado, foi enterrado. Emily não foi, eu não fui e a Quinn, achou errada a nossa decisão de *despedida* ao nosso *querido* pai. Se fosse por mim, não haveria nem se quer uma lápide, mas como ele era um homem da sociedade e que serviu ao estado por algum tempo, tinha que ter as coisas de forma certa, como a sociedade deseja. Mesmo que parte da revelação do verdadeiro James tenha vindo à tona, muitas pessoas não o odiaram, mas houve grande surpresa quando souberam que ele era o verdadeiro assassino. Ele não matou a minha mãe com as próprias mãos, mas ordenou e assistiu tudo.

Estaciono em frente à casa, desço do carro e aciono ao alarme. Eu já vim aqui algumas vezes, quando o meu pai estava fora da cidade e a Quinn preferia ficar aqui por causa da Emily. Ando calmamente pela área verde que cerca a casa, indo rumo à porta branca e logo toco a campainha. Tudo muito silencioso me intriga, mas não me assusta. Ouço passos próximos a mim, olho ao redor e não vejo ninguém. Toco mais uma vez a campainha e olho para as árvores ao meu lado direito. Vejo um rapaz saindo do meio delas, eu levo a minha mão até as minhas costas e reviro os olhos ao perceber que eu não estou com o meu revólver.

— Eduard Lewis? — Ele me questiona, ao se aproximar.

— Quem é você? — Questiono.

— Segurança da senhora Evan. — Ele responde e estica a mão para me cumprimentar. — Sou o August Rum.

— A senhora Evan está aqui?

— Sim. Pode me acompanhar.

Rum abre a porta e adentramos na casa. Tudo muito bem decorado, arrumado e limpo. O chão de madeira tem um brilho impecável e as paredes são de cores claras, assim como os móveis. Sigo o tal segurança por um pequeno corredor, logo chegamos à sala de estar e eu vejo a Quinn sentada no sofá lendo um livro.

— O que deseja, Rum? — Ela o questiona, sem olhar para nós.

— O senhor Lewis está aqui.

Quinn solta um pequeno suspiro de alívio, larga o livro no sofá e sorri

ao me ver. Ela é uma boa pessoa, mas cometeu os seus erros assim como qualquer outra pessoa. Eu enfio as minhas mãos dentro dos bolsos frontais da minha calça e aceno suavemente com a cabeça.

— Pode nos deixar a sós, Rum. — Ela pede.

— Qualquer coisa, pode me chamar, senhora. Eu estarei lá fora. — Ele informa.

Enfim o Rum se vai, me aproximo da Quinn e a cumprimento ao dar um beijo em sua bochecha. Ela me indica o sofá, eu me sento e ela volta ao seu lugar anteriormente.

— Como você está? — Questiono.

— Triste, sinto muita falta do James.

— Deveria agradecer por ele não estar mais aqui.

— Não é dessa forma que deveria agir, Eduard. — Ela me repreende.

Maneio a cabeça para os lados, cruzo os meus braços em frente ao corpo e relaxo contra o sofá. É visível que essa casa tem muito conforto e elegância, além de muita segurança.

— Lisa me informou que você tinha ligado...

— Sim, estou há uma semana esperando você vir conversar comigo.

— Estive ocupado, Quinn. — Resmungo.

— Você já leu a carta que o seu pai te deixou?

Nego com um aceno de cabeça, inclino o meu corpo para frente e apoio os meus braços nos joelhos.

— Eu ainda não senti vontade de ler.

— Mas deveria.

— Por quê? Para lembrar de todas as maldições que ele já me causou. Você sabe de muitas coisas!

— Sei e sempre tive muita...

— Não! — Exclamo irritado. — Não venha com essa merda de pena.

— Ed...

— Não, Quinn! — Ordeno irritado.

Ela abaixa a cabeça e encara as mãos entrelaçadas em seu colo.

— Me desculpe.

Suspiro procurando a calma e encaro os meus pés.

— O que você quer comigo? — Questiono.

— Eu estou no testamento, e preciso saber como estão as coisas. Eu não estou falando isso por querer apenas coisas materiais, pois nem uma

delas irão trazer o seu pai para mim.

Desde o início a Quinn sempre foi perdidamente apaixonada pelo o meu pai, nunca viu o lado ruim dele, ou melhor, via, mas não se importava. Quando eu a conheci, não fiquei surpreso ao saber que ela poderia ser uma das amantes do meu pai, o que me surpreendeu foi saber que ela era a única naquele momento. Eu nunca vi de uma forma ruim que *ele* tivesse uma amante, sabia que a minha mãe tinha consciência de tudo que acontecia, já que eu ouvi diversas vezes os meus pais brigando e o assunto sempre eram sobre as possíveis amantes. A primeira vez que eu vi a Quinn foi no *Fight*, ela foi muito simpática e estava preocupada com a minha possível aversão a ela, mas eu a respeitei e sempre fui muito educado. Ela e a Emily se conheceram no mesmo dia, e a minha irmã ficou muito nervosa, pois aquilo era errado com a nossa mãe, mas naquela época não sabíamos que a nossa mãe tinha o Brown como o seu amante. Coço a minha nuca e volto a encarar a Quinn.

— Eu ainda vou resolver isso, não tive tempo de falar com a Emily.

— Ela não está morando na mansão?

— Não. — Nego.

— Está com o Turner?

— Sim.

— E como você se sente com isso?

Me surpreendo levemente com a sua pergunta e dou de ombros. Não parei para pensar sobre isso seriamente, pois é a vida da minha irmã e eu quero que ela seja feliz. E ela é assim estando com o namorado, ou seja, lá o que eles sejam.

— É a vida dela, estava mais que na hora ser feliz com ele.

— Então você vai ficar sozinho na mansão? — Quinn questiona, enquanto cutuca o esmalte em sua unha.

— Os meus avós maternos irão morar comigo.

— Que chatice morar com... — Ela se cala ao arregalar os olhos e me encara.

— Termina a sua frase, Quinn! — Rosno.

— Me desculpe, Eduard. — Ela pede tristonha. — Eu não falei por mal, eu só... falei sem pensar.

Me levanto de onde estou sentado, enfio as mãos de volta nos meus bolsos e a encaro. Ela pode ter falado sem pensar, mas foi ofensivo. São os

meus avós maternos, pais da minha mãe e são pessoas importantes em minha vida. Mesmo que a gente tenha se afastado quando a minha mãe morreu, eu sempre que existe um enorme carinho entre todos e quero eles mais perto, principalmente da Emily nessa fase materna, que ela está vivendo.

— Quando eu tiver alguma resposta para você sobre o testamento, eu informo.

— Tudo bem... — Ela se aproxima de mim e me direciona um sorriso amarelo. —, e me desculpe.

Me afasto indo rumo à porta, saio da casa e percebo o Rum parado perto da árvore. Ele me encara, mas fica parado no mesmo lugar, pois a Quinn está me seguindo e isso me irrita.

— Quinn...

— Se precisar de mim, venha me procurar.

— Eu redireciono essas mesmas palavras a você.

— Obrigada. — Ela agradece acariciando o meu braço. — Você sabe que eu tenho um enorme carinho por você.

Lhe dou um pequeno sorriso, acaricio o seu ombro e vou rumo ao meu carro. Quinn conhecia a minha mãe, sabia como era o casamento dos meus pais e principalmente, sabia quem era James Lewis. Ela não tinha medo dele e nem do que rondava a nossa família. Bom, pensando dessa forma, a minha mãe também não tinha medo, ela só odiava tudo aquilo e quando as coisas se tornaram maiores, ela queria denunciá-lo e essa decisão... foi um dos motivos do assassinato. Eu não posso ficar pensando nisso enquanto eu dirijo. Lembrar da minha mãe não é algo que eu goste muito, mas é algo muito comum em ter ela em meus pensamentos. Às vezes eu desejo que ela esteja viva em algum lugar, com algum amante, mas eu sei que é apenas um pensamento idiota. Eu a vi dentro do caixão, morta e fria.

Desde que ela foi enterrada, eu nunca mais fui até a sua lápide e pensando nisso agora... eu sinto que deveria ir lá. Levar uma rosa? Contar sobre tudo o que aconteceu? Chorar? Eu simplesmente não sei. Quando a revelação do caso com o Brown veio à tona, eu só sabia odiar tudo aquilo e principalmente, falar mal da mulher que me criou. Ela não foi uma mãe ruim, muito pelo contrário. Sempre cuidou bem de mim e da Emily, fazia de tudo por nós e tentava ao máximo nos proteger. Além de nos dar muito amor, carinho, respeito e ser incrível ao seu modo. Emily lembra bastante a minha mãe, não tão fisicamente, mas sim o jeito de falar, andar e se comportar. As

duas são mulheres incríveis, eu as amo muito, mas elas já me estressaram muito também, assim como eu já fiz diversas merdas. Sorrio tristemente e engulo o nó de minha garganta.

Desço do meu carro assim que estaciono próximo ao cemitério, arrumo a minha camiseta e caminho calmamente pelo local. Um pequeno grupo de pessoas passam por mim, continuo a arrastar os meus passos e mantenho o meu olhar baixo. Faz anos que eu não venho aqui, mas sei exatamente aonde está a lápide da minha mãe. Levanto a minha cabeça, encaro o céu azul e solto um longo suspiro ao perceber que eu já estou próximo ao local. Observo atentamente diversas lápides e sinto o meu peito doer quando encontro a qual tem o nome da minha mãe; Margareth Lewis. Me sento na grama, encaro as minhas mãos vazias e maneo a cabeça para os lados. Eu nem se quer trouxe uma rosa, esse era o meu dever, pelo menos uma maldita rosa. Aliás, eu nem deveria estar aqui, essa é a verdade. Me levanto, limpo a minha roupa e encaro a pedra.

— E-eu... volto depois... com uma rosa. — Sussurro, como uma forma de desculpas.

Ando apressado indo rumo ao meu carro, não olho para nada e nem para ninguém durante o trajeto. Entro no automóvel, me debruço sobre o volante e respiro fundo. Eu nem fiquei um minuto na lápide, mas sinto como se eu tivesse sido sugado. Não é por ter ido até lá exatamente, mas é por estar perto de onde o meu pai foi enterrado há alguns dias. Ele não está ao lado da minha mãe, por uma escolha minha e da Emily. Me sento direito no banco do meu carro, coloco o cinto de segurança e vou rumo a minha casa. Eu não sei quando os meus avós virão morar comigo, aliás, eles não me confirmaram se vão morar aqui ou passar uma temporada. Na semana passada eu fui até Seattle propor isso a eles, foi uma longa conversa até entrarmos em um pré-acordo. A minha irmã ficou muito feliz com a possibilidade dos nossos avós estarem mais perto e eu fiquei feliz ao vê-la daquela forma.

Paro no sinal vermelho, olho para o meu lado esquerdo e franzo o meu cenho ao observar algumas mulheres conversando. Eu não sei como será a minha vida agora que estou de volta a Los Angeles, me refiro a me relacionar com alguém, já que não existem mais impedimentos em minha vida e eu nem colocarei ninguém em risco. Eu já estou com vinte e oito anos, vou voltar a cursar medicina e tenho a minha própria casa, além de ser empresário, então o que me falta é uma boa namorada. Não que eu esteja a procura ou

desesperado, mas é algo de se pensar com muito cuidado. Não é qualquer uma que pode entrar em minha vida e se relacionar comigo. Ouço uma buzina alta, volto para a realidade e percebo que o farol já está verde. Acelero o meu carro e continuo o meu trajeto. Pensar em ter alguém é algo fora do comum para mim, pois eu só tive um relacionamento sério e depois apenas casos rápidos.

Morgan foi a única que me conheceu afundo, soube dos meus temores, sonhos e sempre esteve ao meu lado independente de tudo que acontecia. Recentemente, eu tive a Maire, foi algo incerto e rápido, mas ela esteve comigo em muitos momentos importantes, principalmente quando eu precisava de ajuda. Eu tenho um carinho enorme por ela, em forma de amizade, e sobre a Morgan... é o mesmo de sempre. Eu não sinto nada, talvez um carinho por ela ter sido especial num momento em minha vida e apenas isso. Passo pelos portões de casa, estaciono em frente à entrada e desço do carro. Vejo o Torres conversando com dois seguranças no segundo degrau, me aproximo devagar e eles me olham.

— Está tudo bem por aqui? — Questiono.

— Sim, senhor. Eu só estou passando algumas informações importantes. — Torres responde.

Aceno suavemente e entro em casa. Silêncio é o que domina no ambiente e isso não é muito ruim, pois eu posso ficar em paz e sem ter alguma pessoa me perturbando. Meu estômago reclama de fome, vou rumo a cozinha e enfim encontro a Lisa. É bom ter ela aqui em casa, assim eu não fico tão sozinho e ela é uma boa companhia.

— Deseja algo, senhor? — Ela questiona.

— Estou com fome, Lisa. — Resmungo.

— Eu acabei de fazer o almoço, então eu posso servir na sala de jantar.

— Por favor.

Ela me olha um pouco surpresa com o meu humor gentil e eu resolvo ignorar isso. Ando em direção a sala de jantar, sinto o meu celular vibrando em meu bolso e eu o pego. Vejo o nome da Maire e mudo a direção dos meus passos, indo rumo à sala de estar. Me sento no sofá e respiro fundo antes de atender a ligação.

— Oi.

— Olá, Maire.

— Como você está? — Ela questiona.

— Bem e você? Aliás, por que me ligou? Estou surpreso.

— Uma pequena saudade do meu amigo. — Ela ironiza. — E liguei para contar novidades... e pedir um favor.

— Quais novidades e qual favor? — Questiono.

— Vou ir para Los Angeles daqui alguns dias e queria saber se eu posso ficar na sua casa. — Ela responde baixinho.

— Pode, Maire. Será bem-vinda.

— Obrigada. — Ela agradece.

— Quando você puder, me avise o dia que irá chegar e eu mesmo irei te buscar na rodoviária.

— Eu vou de carro. — Ela informa.

— Tudo bem, então marcamos um ponto de encontro.

— Talvez amanhã ou a noite eu já tenha as informações certas para te passar.

— Então me ligue. — Peço.

— Obrigada... — Ela agradece mais uma vez. —, e se cuida, Eduard.

— Se cuide, Maire.

Encerro a ligação e encaro a tela do meu celular. No dia que saímos do Solvang, eu fui me despedir da Maire e revelei algumas coisas para ela, principalmente o meu nome verdadeiro e porque daquilo ter acontecido. Ela ficou surpresa, mas acabou confessando que achava estranha aquela situação toda que vivemos por longos meses. Agradei muito por ela ter me ajudado, por ter sido uma grande amiga e quando ela precisasse de mim, poderia contar comigo. E, quando ela viesse para Los Angeles, ela poderia ficar aqui em casa e então assim ela deseja. Guardo o meu celular de volta no bolso e enfim vou para a sala de jantar. Lisa sorri suavemente quando me vê, eu me sento na ponta da mesa e sorrio diabolicamente por dentro, pois aqui era o lugar do meu pai, segundo ele, o dono da merda dessa casa, mas agora quem é o dono aqui, sou eu e eu adoraria que ele visse isso. Eu irei mostrar a ele que eu não sou mais um rato acuado e sim, um homem.

— Suco de laranja ou uva, senhor? — Lisa me pergunta, suavemente.

— Laranja. — Respondo ao colocar o guardanapo sobre o meu colo e em seguida bebo um pequeno gole, do meu suco. — Deixe o quarto de hóspedes arrumado.

— Eu já fiz isso, assim que o senhor avisou da vinda dos seus avós maternos. — Ela informa.

— Preciso de mais um quarto, uma amiga irá ficar por alguns dias aqui.

— Deseja que o quarto seja perto ou longe do seu quarto?

A encaro surpreso com a sua pergunta e ela dá um passo para trás.

— Por que esse tipo de pergunta, Lisa? — Questiono.

A sua pergunta insinuou algo e não é da conta dela o tipo de relação que eu tenho com a Maire.

— Porque eu sei que o senhor não gosta de importunação e quer sossego, mas se é uma amiga que ficará aqui...

Lisa não termina a sua frase e dá de ombros. Se foi dessa forma que ela se referiu a essa pergunta, eu a entendo.

— Pode ser qualquer quarto.

— E quando dias ela ficará aqui?

— Eu não sei. Só amanhã eu vou poder te informar sobre tudo.

— Tudo bem, mas hoje eu já deixo o quarto devidamente pronto.

— Obrigado.

Lisa sorri e toca suavemente no meu braço.

— Não precisa me agradecer.

Aceno suavemente, ela se afasta e eu começo a comer. Quero que a Maire tenha uma boa estadia aqui, eu não falo em relação a casa, pois aqui é maravilhoso, e sim em relação ao acolhimento.

[...]

Enfim, estaciono o carro – novamente – em frente ao prédio do Turner, desço do carro e aciono o alarme. Levanto a minha cabeça, olho na direção do prédio e franzo o meu cenho ao perceber que uma moça está me olhando. Eu posso estar muito enganado, mas eu tenho quase certeza que é uma das irmãs do Oliver, ou melhor, é a irmã dele. Ela percebe que eu a flagrei e sai da janela. Rio sozinho, ando na direção da porta do prédio e entro. O porteiro está sentado em sua cadeira, cochilando e eu tenho vontade de assustá-lo. Ele deveria estar atento a quem entra nessa merda. Subo as escadas rapidamente, logo chego ao primeiro andar e vou rumo ao apartamento. Toco a campainha e tento manter o meu olhar na porta na minha frente, mas sem pensar muito, eu olho para a porta atrás de mim. Eu não consigo ver se estou sendo observado, mas estou sentindo isso e então eu olho para a parte de baixo da porta, aonde é possível ver a sombra de alguém. Volto a olhar para frente,

enfim a porta se abre e a Emily sorri.

— Você demorou a voltar.

— Eu avisei que voltaria a noite.

— Mas demorou. — Ela resmunga.

Dou um beijo em sua testa e entro no apartamento. Não vejo o Dominic ao redor, muito menos a Penélope. É visível que ela não gosta de mim e eu nem me importo. Me sento no sofá, a minha irmã se senta no outro e coloca os pés sobre a mesa de centro. É visível que ela está bem à vontade nesse apartamento, então basicamente é, ela se sente bem morando aqui.

— Você está sozinha? — Questiono.

— Não. — Ela nega. — Dom está cuidado do bebê e a Penélope foi jantar com o Oliver.

— Eu sei que não é da minha conta, mas ela não mora com ele?

— Não.

— Que merda estranha. — Debocho.

— Eles se casaram bêbados, então a Penélope não aceita muito esse fato, mas o Oliver está tentando fazer esse casamento dar certo.

— E em falar em dar certo... — Cruzo os meus braços em frente ao corpo e a observo com muita atenção. —, você e o Turner, como estão?

— Bem, aliás, muito bem, Ed.

— Você está feliz?

— Sim.

Sorrio ao ver o enorme sorriso em seus lábios.

— Agora, voltando ao assunto que me trouxe aqui, eu queria saber quando vamos poder ir resolver a burocracia do testamento?

— O mais rápido possível. Quero me livrar de tudo logo.

— Já nos livramos da ilegalidade.

— Sim, eu sei, mas eu ainda me preocupo com uma coisa.

— O que? — Questiono.

— Se a gente for acusado de algo...

— Não! Isso não vai acontecer.

— Mas...

— Emily! — Repreendo-a.

Essa merda não vai acontecer e caso aconteça, eu pegarei toda a responsabilidade para mim. O assunto se dá por encerrado quando um barulho chama a nossa atenção, eu olho na direção do corredor e vejo o

Dominic. Ele acena com a cabeça para mim, se inclina na direção da minha irmã e dá um beijo na nuca dela.

— Andrew dormiu.

— Que ótimo. — Emily declara, ao suspirar cansada.

— Você pode aproveitar e ir descansar. — Ele informa e se senta ao lado dela. — Eu vou esperar a Pen chegar.

— Se ela vier para cá. — Minha irmã debocha, fazendo o namorado ficar irritado.

— Ela tem que vir, aqui é o lugar dela.

É visível que ele ainda tem muito ciúme da irmã, mesmo que ela já seja adulta. Penélope é uma moça muito bonita, atraente e gostosa, só que é visível que é encrenca. O seu olhar pode ser puro, mas nele também existe muito temor quando se trata de estar com alguém. Eu não sou de conviver com ela, aliás, nunca fui próximo, mas eu percebi isso desde o primeiro segundo que eu a vi.

— Quando os nossos avós vão chegar? — Emily pergunta, voltando a sua atenção em mim.

— Eu não sei.

— Eu vou ficar lá quando eles chegarem.

Isso me faz lembrar da minha hóspede que irá chegar amanhã, pelo menos foi isso que ela avisou por mensagem, mas eu sei que ela ainda vai ligar ainda hoje.

— Maire está vindo para Los Angeles.

— Fazer o que? — Emily questiona.

— Eu não sei, mas vai ficar lá em casa durante alguns dias.

— Por quê? — Ela volta a questionar.

— Emily, porque eu a convidei e isso era o mínimo que eu podia fazer, ainda mais depois de toda ajuda em Solvang.

— É apenas isso ou você voltou a se relacionar com ela?

Direciono um olhar rápido para o Turner, ele fala algo baixinho para que apenas a minha irmã ouça e sai da sala, ao voltar para o quarto. Inclino o meu corpo para frente, apoio os braços nos joelhos e maneo a cabeça para os lados.

— Apenas isso, Emily. Eu não tenho nada com a Maire.

— E se tivesse, que você seja feliz.

— Eu não tenho nada com ela. — Retorno a dizer.

— Certo. — Ela sussurra, ainda me olhando atentamente. — Quando ela chega?

— Amanhã.

— E quando vai embora?

— Eu não sei. — Dou de ombros e encaro os meus pés. — Eu fui à casa da Quinn...

— O que? — Emily questiona exaltada. — O que aquela vaca quer?

— Emily! — Repreendo-a.

— Emily o cacete. O que ela quer? Algo na herança? Direito a algo? Ela não merece um centavo se quer, muito menos um teto.

— Ela não veio falar comigo em sinal de interesse, ela tem a parte da maldita herança...

— Ela não tem direito a nada.

— Tem...

— Não, merda! Eu não vou aceitar que aquela vaca ganhe algo.

Emily se levanta do sofá e anda de um lado para o outro. Ela está irritada, muito mais de como eu achei que ela ficaria.

— Ela não quer nada, mas sabe que tem o nome no testamento...

— Não fique ao lado dela, Eduard! — Emily ordena ao apontar o dedo na minha direção. — Eu sinto vontade de socar a cara daquela vaca...

Perco a paciência, bato mãos nas pernas e me levanto. Dou um passo na direção dela e ficamos nos encarando. Eu não vejo o temor nos olhos dela, como eu já vi muitas vezes quando estávamos na mesma situação. Ela sabe que eu não vou fazer nenhum mal a ela, nem ousar tocar nela. Me refiro a bater ou machucá-la. Olho para trás, por cima de seu ombro, vejo o Dominic parado no meio do corredor nos encarando. Os braços estão cruzados em frente ao peito e o seu olhar fixo em mim. Ele não confia em mim, eu entendo perfeitamente isso e agiria da mesma forma, se a situação fosse inversa.

— Emily, ela não é uma pessoa ruim.

— Eu a odeio.

— Eu sei... — Solto um pequeno suspiro e dou um passo para trás, me afastando. —, mas eu só quero que você entenda que ela não quer nos prejudicar, retirar algo de nós ou qualquer outra coisa do tipo.

— Eu a quero bem longe.

— E ela vai ficar.

— E que você também fique longe dela.

— Não é você que decide isso. — Resmungo.

Volto a me sentar no sofá, cruzo os meus braços em frente ao corpo e encaro a minha irmã. Ela ainda continua muito irritada, mas é puro exagero. Dominic continua no mesmo lugar, só que mantém a sua atenção na namorada.

— Vai ser amiguinho dela, Eduard? A deixar morar na casa da nossa mãe? Vai deixá-la tomar pose das coisas da nossa mãe? Vai fazer dela a sua mãe?

— Para de falar merda, Emily. — Ordeno. — Eu não vou fazer nada disso, eu apenas me preocupo com ela.

— Ela está te fazendo de idiota, está te usando.

— Em, fique calma. — Turner pede.

— Calma? — Ela o questiona e volta a me encarar. — Eu estou tentando fazer com que você abra o olho.

— Eu sei o que faço e eu serei ao primeiro a passar por cima da Quinn se ela tentar algo.

— Eu nunca confiei nela e você é uma pessoa muito boa para deixá-la se aproximar.

Emily anda na minha direção, se senta ao meu lado e entrelaça o seu braço no meu. Ficamos meses morando juntos, tudo era apenas nós dois e agora que estamos separados, sentimos falta de estarmos juntos. Passo o meu braço pelo seu pescoço, a puxo de encontro ao meu corpo e ela encosta a cabeça em meu peito. Beijo o seu cabelo e suspiro. A minha irmã tem praticamente uma vida de casada, mas precisamos um do outro. Nunca fomos bons irmãos, só que desde quando precisamos ter apoio um no outro, tentamos fazer o melhor. Aliás, eu tento ser melhor a cada dia, por mais que eu ache que esse meu desejo não esteja surtindo efeito, eu fico feliz ao ouvir boas palavras direcionadas a mim vindo da boca da Em.

— Você que é uma boa pessoa. — Declaro baixinho.

Ela maneia a cabeça para os lados, eu a aperto contra o meu peito e me sinto melancólico. Eu queria que a Emily morasse lá em casa, mas eu sei que ela precisa ter a sua vida e o seu dia a dia com o Turner. Dou mais um beijo no topo de sua cabeça e a afasto gentilmente. Ela sai do sofá e começa a pegar alguns brinquedos do Andrew que estão espalhados pelo chão. Observo o Dominic se sentar novamente no sofá, tem uma garrafa de cerveja em sua

mão e percebo o seu pensamento longe. É visível que ele irá ser um bom pai, cuidará muito bem do Andrew, assim como da minha irmã e... eu sei que ele é uma boa pessoa. Eu posso ter errado muito em ter julgado ele muitas vezes, por ter o acusado e por já ter querido separar o casal.

— Como estão as coisas lá em casa? — Emily questiona.

— A sua casa é aqui. — Sussurro baixinho, a fazendo concordar num sorriso. — Está tudo muito bem, Torres é o chefe da segurança e fez um bom cronograma. Lisa é uma boa pessoa, então me ajuda bastante e cuida das coisas em perfeita ordem.

— Lisa é uma pessoa incrível, praticamente salva as nossas vidas.

— Isso é verdade. — Sorrio. — Quando você precisa, pode pedir para ela vir para cá ou ficar com o Andrew.

— Eu estava pensando nisso.

— Eu tenho certeza de que ela não irá se importar de te ajudar, eu vou aumentar o salário dela.

— Quando ela estiver aqui, eu...

— Eu pago. — Turner informa.

— Não mesmo. — Emily nega.

— Eu pago, sem problema algum...

A porta do apartamento se abre chamando a atenção de todos, Dominic fica em pé e vai na direção da irmã.

— Tudo bem no jantar? — Ele a questiona e recebe apenas um aceno afirmativo.

— Oliver está vivo? — Emily questiona debochada.

— Por enquanto sim. — Penélope debocha e fica séria ao me ver. — Oi Lewis.

— Oi Turner.

— Baker. — Emily ironiza.

— Eu vou ir dormir, pois amanhã eu trabalho. — Ela resmunga e dá um beijo na bochecha do irmão.

— Não tem nada para contar? — Ele a questiona.

— Foi um jantar normal. — Ela dá de ombros e sorri. — Foi um bom jantar.

Penélope está com um olhar apaixonada e isso deixa o irmão feliz. Ela vai rumo ao seu quarto deixando o casal curioso e eu os observo trocarem olhares silenciosos. Pego o meu celular em meu bolso, vejo que já se passam

das nove da noite e resolvo ir embora. Emily continua a pegar os brinquedos, os coloca dentro de uma caixa transparente e a deixa no canto da sala de estar. A reforma que aconteceu lá em casa, ainda a deixou com um quarto e tem um para o Andrew. Quando ela quiser, pode ficar lá ou quando for necessário. Eu sempre vou estar disposto a acolher e proteger a minha irmã. Eu quero fazer tudo que for possível e tudo necessário, pois a amo e quero compensar as coisas ruins que eu já cometi.

— Emily, eu vou embora.

— Já? — Ela questiona ao prender a sua atenção em mim.

— Sim, você precisa descansar.

Ela maneia a cabeça para os lados, olho para o namorado e volta a olhar para mim.

— A gente pode ir num lugar?

Me surpreendo com a sua pergunta.

— Agora? — Questiono.

— Por favor.

— Vamos, então.

— Eu só vou ir dar uma olhada no Andrew.

Aceno concordando, ela sorri e vai rumo ao quarto. Não sei aonde ela quer ir, mas irei levá-la aonde for. Eu só espero que ela não esteja disposta a fazer alguma merda. Além disso, é bom em apenas nós dois sairmos daqui, pois só assim eu me sinto mais à vontade e tranquilo. Sei que o Turner cuida bem dela, a ama, mas eu já fiz muita merda e ele tem desconfianças em mim.

— Como foram os meses em Solvang? — O ouço me questionar.

— Tranquilos. — Respondo ao encará-lo. — Não contou para ela sobre aquele encontro no *Boston Crab*, né?

— Não...

— Eu vou contar para ela. Sei que ela vai ficar puta, mas vai entender.

— E ainda sobre aquele dia... — Ele murmura coçando a sua nuca. —, eu ferrei o seu braço?

— Não, por sorte, não.

— Bom, então ainda consegue lutar?

— Com certeza e principalmente... — Me inclino para frente e o encaro. —, quero uma revanche, Turner.

— Tem certeza, Lewis? — Ele questiona. — Você pode sair na pior...

— Não mesmo.

— Se você quer uma revanche... nós vamos ter, mas a sua irmã tem que saber.

— Ela não vai se opor e outra coisa, eu ainda quero a luta com os seus amigos.

— Oliver, Leon e Noah tudo bem, mas a sua possível luta com o Jensen...

— Essa é a essencial.

— Eu acho isso muito perigoso.

— Já eu, acho bem justa se essa luta acontecer.

Eu posso abrir mão de qualquer coisa, menos sobre a minha luta contra o Brown. Eu vou arrebentar a cara daquele babaca e descontar toda a raiva guardada durante esses anos. Turner balança a cabeça em sinal de negação, Emily volta para a sala e eu franzo o meu cenho. Ela retirou a calça jeans e colocou uma leggings. Uma camiseta azul clara, um par de tênis em seus pés e o seu cabelo está preso no topo de sua cabeça. Eu sei exatamente o que ela quer fazer e isso me anima.

— Eu vou te esperar lá fora. — Aviso a minha irmã e olho para o namorado dela. — Até mais, Turner.

— Lewis. — Ele acena suavemente.

Vou rumo a porta e antes que eu saia, presencio a minha irmã beijando o namorado. É como o Dylan disse uma vez, o momento deles é agora e devem aproveitar cada segundo. Como eu estou encostado na parede ao lado do apartamento que eu estava há poucos segundos, o meu olhar está fixo na porta a minha frente, me lembrando da irmã do Baker. Eu não sei o nome dela, mas me sinto curioso para saber mais dela. O seu jeito provocativo sem intenção, o pequeno sorriso em seus lábios e as curvas do meu corpo passeiam pela minha mente, mas em seu olhar existe algo muito ruim. É um letreiro luminoso escrito; encrenca. Emily sai do apartamento chamando a minha atenção, vamos rumo as escadas de emergências e descemos rapidamente. Dessa vez o porteiro está acordado e nos cumprimenta, quando nos vê. O vento frio bate contra o meu corpo, eu olho para o céu e não vejo indícios de chuva. O que é bom, ainda mais para que pretendemos fazer. Entramos no meu carro e rio suavemente ao ver a Emily se afundando no banco.

— Você sabe que eu sempre amei os seus carros...

— E nunca vai dirigi-los.

— Eu sei.

Ela revira os olhos e coloca o cinto, enquanto eu nos levo rumo ao nosso destino.

— Cadê o seu carro?

Assim como eu, ela é apaixonada por cada um dos seus carros, principalmente o Camaro fosco.

— Dominic praticamente tomou conta, então quando eu preciso sair, eu pego o dele.

— Isso me surpreende, pois você ama o seu carro.

— Amo, mas é só um carro e eu sei que o Dom vai cuidar bem. — Emily declara. — Eu vou deixar os meus carros lá na casa Lewis, pois aqui o estacionamento é na esquina...

— Você acha o prédio seguro? — Questiono.

— Sim, por quê?

— Aquela merda que se diz ser o porteiro estava dormindo quando eu cheguei, então qualquer um entra e sai de lá.

— Isso é basicamente normal, o Oliver também reclama da preguiça, mas... — Ela dá de ombros.

— Você sabe que pode morar lá em casa.

— Eu sei, mas quero ter o meu lugar com o Dominic.

— Entendo, mas saiba que é bem-vinda lá.

— E você no apartamento.

Eu sei que sim, mas não me sinto à vontade. Já disse isso e vou continuar dizendo. Posso até me comunicar bem com o Turner, mas isso não quer dizer que a minha presença agrade, muito menos que irá agradar os demais. Só que eles terão que me aturar, já que eu sou um dos donos do *Fight* e eles são lutadores de lá, principalmente o Brown. Ele é o meu único e maior problema. Ao pensar nele, me lembro da minha mãe e principalmente, o que aconteceu hoje à tarde.

— Hoje eu fui num lugar.

— Aonde? — Ela questiona suavemente, sem muita importância.

— No cemitério.

— Na lápide do...

— Não! — Nego ao interrompê-la. — Fui à da nossa mãe.

Sinto o seu olhar em mim, mas não a olho de volta.

— Eu estou surpresa, Eduard.

— Eu fui, mas não fiquem nem um minuto lá, eu não levei nem uma rosa se quer e me senti mal.

— Nós podemos ir lá... juntos.

Sorrio e aceno concordando, mas resolvo mudar de assunto.

— Como foi o almoço com as suas visitas?

— Bom. — Emily resmunga.

— Não me parece.

— Na verdade foi muito bom, mas uma das irmãs do Oliver me irritou assim que nos conhecemos.

— Qual delas?

— Stephany.

— Eu as vi entrando no prédio com o Baker, mas não fui apresentado, então não sei quem é.

— Ela é a morena.

Então a moça que me deixou curioso se chama Stephany Baker. Bom, o nome combina e é bonito, assim como ela.

— O que ela fez? — Questiono.

— Chamou o Dominic de gostoso assim que o viu.

— Que merda. — Resmungo debochado. — E você quis voar em cima dela.

— Sim, mas aí vi que é apenas uma pirralha e ela pode achar o que quiser do Dominic, eu não me importo. — Ela dá de ombros. — Já a Ayla, a branquinha, é um doce de menina.

— Então a tal da Stephany é a chata?

— Não, aliás, eu não disse isso. — Emily me corrige. — Ela não conversou muito, pois ficou envergonhada com o comentário sobre o meu namorado, então preferiu ficar quieta e colada ao Oliver.

Talvez ela tenha pensando aquilo do Turner, mas acabou falando em voz alta, então percebeu a bobagem e escolheu certo em ficar quieta. Olho para a minha irmã com vontade de perguntar mais sobre a Baker, mas resolvo ignorar a minha curiosidade, mesmo que ela esteja passeando pela minha mente e isso já está me irritando. Tento pensar em outra coisa, enquanto presto atenção no trânsito. Paro no semáforo vermelho, olho para o meu lado e observo a Emily inerte em seus pensamentos. Olho para a janela ao meu lado e observo as pessoas andando calmamente pela calçada. Eu sei que estamos no outono, mas eu preciso passar alguns dias em Malibu e talvez eu

pudesse levar a Maire para dar uma volta.

Ela sempre esteve enfurnada naquela cidadezinha monótona, então eu quero que ela aproveite cada minuto que estiver aqui. Eu não sei o motivo da sua vinda para Los Angeles, mas deve ser algo bom, já que ela me pareceu bastante animada. Eu não entendi muito bem o porquê da pergunta da Emily sobre eu estar me relacionando com a Maire, mas eu não me importo. Já tenho idade o suficiente para fazer as minhas escolhas, sei quem entra na minha vida e sou muito cuidadoso. É como eu disse antes, eu não me envolvo com qualquer uma. Encaro o semáforo, percebo que ele continua vermelho e eu volto a olhar para a calçada cheia de pessoas, mas uma chama a minha atenção. O seu cabelo preto que bate no meio de suas costas está com leve ondulações, uma jaqueta de couro a protege do vento frio, mas as pernas estão de fora, pois a sua saia preta é curta e a bota vai até os seus joelhos. O rapaz que está na frente dela, a balança pelos ombros e enfim se afasta para que eu possa ver o seu rosto.

— Melanie? — Questiono baixinho.

— Morgan? — Emily questiona chamando a minha atenção.

Eu encaro a minha irmã, ela franze o cenho e eu volto a olhar para a mesma direção de antes. Eu posso estar muito louco, ou aquela moça se parece muito com a minha ex-namorada ou – a maior probabilidade –, é ela mesmo. Ouço o carro de trás buzinar e eu sou obrigado a continuar o meu trajeto. Que merda de dia é esse? Primeiro o encontro com a irmã do Oliver, depois a Maire me avisa que irá vir para Los Angeles e agora eu vejo a Morgan. O que mais irá acontecer hoje? Espero que nada. Eu estou estranhando em vê-la aqui, por mais que eu não saiba de nada da vida dela. Eu só sei de uma coisa, ela continua muito bonita. Enfim chegamos em casa, paro o meu carro de qualquer jeito em frente a porta e suspiro.

— Você a viu também? — Questiono, quebrando o silêncio.

— Vi. — Emily afirma.

Saímos do meu carro, eu apoio os meus braços sobre o teto do carro e olho para a minha irmã.

— Eu não esperava vê-la, aliás, nem imaginava que ela voltaria para Los Angeles.

— Desde quando ela foi embora que vocês não se viam?

— Sim, anos a fio.

— Ainda sente algo por ela? — Emily questiona, ao se apoiar no meu

carro.

— Não. — Balanço a cabeça para os lados e encolho os meus ombros.
— O melhor para ela foi em a gente ter terminado.

— E foi o melhor para você?

— Já existiu o melhor para mim quando James era vivo?

Não espero a sua resposta, vou rumo a porta da casa e entro. Não vejo nenhum dos empregados por perto, nem a Lisa e eu sigo em direção aos fundos da casa. Abro a porta de correr, retiro a camiseta do meu corpo e a jogo sobre a espreguiçadeira em frente a piscina. Emily parece ao meu lado, encara o céu e sorri. Eu sei que ela vai me respeitar, como sempre. Eu me refiro a ela não ficar me importunando com assuntos chatos ou irritantes.

— Você se lembra da Candice? — Emily me pergunta.

— A chefe da Turner?

— Sim. — Ela afirma.

— E o que que tem?

— Ela quer fazer uma entrevista conosco. Por mim, eu concordo, só assim para ficarmos em paz de uma vez.

— Para que uma entrevista? Essa Candice é uma sanguessuga atrás de informações.

— Eu sei, mas sabemos que não ficaremos em paz até esclarecemos tudo de uma vez.

— Eu vou pensar sobre isso e depois te informo.

— Tudo bem. — Ela concorda.

— Então, vamos fazer o que queremos e esquecermos tudo.

— Sete voltas e...

Ela propõe parcialmente e me encara esperando a minha parte.

— Que tal jogarmos tênis?

— Não quer lutar? — Ela questiona surpresa.

— Com você não.

— Ed...

— Não, Emily. Simplesmente não dá.

— Tudo bem. — Ela concorda num sussurro. — Sete voltamos e uma partida de tênis.

— Sete apenas para aquecer. — Provoco.

Emily ri e acena concordando.

— Então, vamos, Lewis.

— Vamos, futura senhora Turner.

— Não mesmo.

Franzo o meu cenho com a sua resposta e ela sai correndo na minha frente. Já avisei que eu quero que ela e o Turner oficializem algo, ainda mais que eles já têm um filho e moram juntos. Além disso, ainda tem o mais importante, o amor entre eles. Maneio a cabeça para os lados, arrumo o cadarço do meu tênis e corro atrás da minha irmã. Hoje é o primeiro dia, ou melhor, noite que estamos de volta a rotina.

CAPITULO TRES

Oh, baby, isso poderia ser um amor estranho

[...]

Eu ouço algo como um fogo repentino

Um pouco perigoso, é verdade

Kimberley August – Wallflower

Eduard Lewis

Bato o meu pé impaciente e olho no relógio. Estou no posto de gasolina perto da minha casa, combinei de encontrar a Maire aqui e ela avisou que chegaria às onze da manhã, mas agora já são quase meio dia e nada dela aparecer. Encaro os meus pés, remexo eles e sorrio sozinho ao me lembrar de ontem. Emily e eu jogamos duas partidas de tênis, conversamos coisas banais e ela me contou tudo em relação a sua adaptação com o Turner. A cada palavra dela, era visível muito amor e felicidade. Não falamos sobre a nossa mãe, James, coisas ruins e nem sobre a Morgan. Era como se existisse apenas nos dois no mundo, como éramos em Solvang, mas só que dessa vez, estávamos sem medo e sem preocupações. Só que eu senti a falta do Andrew conosco, e ao mesmo tempo estava gostando de estar somente com a Emily.

— Eduard...

Levanto o meu olhar e sorrio ao ver a Maire parada na minha frente. As suas mechas douradas estão balançando por causa do vento e o sorriso em seus lábios é grande.

— Maire.

Ela morde o lábio inferior, dá um passo na minha direção e eu abro os braços, a permitindo que me abrace. O cheiro de romã emana do seu cabelo, a sua pele continua sedosa e... eu senti falta dela. Beijo o topo de sua cabeça e a afasto levemente de mim.

— Me desculpe o atraso, tive que fazer uma parada quando eu estava próxima aqui. Estava morta de vontade de fazer xixi... — Ela se cala e ri de repente. — Me desculpe por estar falando tanto.

— Fez uma boa viagem?

— Sim e você, como está?

— Bem. — Respondo e olho rapidamente ao redor, observando o movimento no posto. — Vamos para minha casa, lá conversamos melhor.

— Casa? Eu imagino que é uma mansão.

— Espero que seja confortável. — Ironizo.

Ela vai rumo ao seu Chevrolet Tracker vinho e eu entro no meu Zenro St1. Acelero indo rumo à minha casa, olho pelo retrovisor e vejo que a Maire está me seguindo. Lisa preparou o quarto de hóspedes no final do corredor para a minha visitante e quando eu saí de casa, ela estava preparando o

almoço, enquanto as demais empregadas limpavam a casa. Diminuo a velocidade ao passar pelos portões, aceno para o Torres e ele retribui antes de observar atentamente o carro da Maire. Eles vão fazer uma inspeção em tudo que ela trouxe, assim como no automóvel e isso é apenas segurança. Desço para a garagem, paro na minha vaga e o Ian, o outro segurança indica uma vaga para a Maire. Eu não quero que ela se sinta muito vigiada ou pressionada aqui, mas tudo é com muita segurança e precaução.

— Quanto caro. — Maire comenta se aproximando de mim.

— Alguns.

— Todos seus?

— Apenas esses cinco. — Aponto para a fileira de carros ao meu lado e olho para o Ian. — Pegue as malas e leve para o quarto indicado pela Lisa.

— Sim, senhor. — Ele concorda.

Maire entrelaça o seu braço no meu e vamos a pequena escada no fundo da garagem. Logo estamos no corredor que nos leva rumo a sala de estar, ouço passos apressados e eu sei que é a Lisa. Assim que entramos na sala, eu a vejo parada ao lado do sofá e ela sorri para nós.

— Maire, essa é a Lisa. Ela cuida da casa e praticamente de mim, também.

— Oi. — Ela sorri.

— Oi, senhorita Lincoln. — Lisa acena suavemente e olha para mim.

— O almoço será servido em vinte minutos.

— Tudo bem. Eu vou levar a Maire para conhecer a casa.

— Seja bem-vinda, senhorita e se precisar de algo, pode me procurar.

— Obrigada. — Maire agradece.

A Lisa se afasta, eu subo a escada e a Maire me segue silenciosamente. O que é estranho, pois é sempre de falar e falar... sem parar. A observo assim que chegamos na sala de estar do segundo andar e percebo que ela olha atentamente em volta. Toco em seu braço chamando a sua atenção, a levo rumo ao corredor dos quartos e entramos no qual foi arrumado para ela. Vejo que as malas já estão perto da cama, eu ando até a varanda e abro a porta de correr. Uma brisa fresca bate contra o meu rosto, olho para o caminho que leva até a quadra de tênis e observo o Torres caminhando até lá. Ele deve estar indo fazer uma ronda, ou indo falar com um dos seguranças que fica nos fundos da propriedade.

— Eu espero que você fique bem acomodada e goste de estar aqui.

— É perfeito. — Maire declara e sorri. — Obrigada.

— Se sinta à vontade.

Ela sorri acenando, se senta na cama e alisa o lençol branco.

— Eu acho que devemos conversar, você me prometeu isso. — Ela me lembra e enfim olha para mim. — Eu não vim aqui disposta a saber de sua vida, conhecer o mundo aonde você vive ou qualquer coisa de interesse.

— Eu sei disso, Maire.

Me encosto na sacada de vidro e cruzo os meus braços em frente ao corpo. Ela sai da cama, anda na minha direção e para na porta da varanda.

— Eu vim para Los Angeles, pois eu vou ir a um jantar de noivado e porque eu marquei de ver alguns apartamentos.

— Vai se mudar para cá?

— Pretendo, na verdade. — Ela dá mais alguns passos e apoia os braços na sacada. — Aqui é enorme e muito lindo.

— Vou te levar para conhecer cada canto.

— Já estou animada.

Observo a grande área verde que nos cerca, vejo o Torres andando calmamente e ele levanta a cabeça, ao perceber que está sendo observado. Faço um breve aceno, ele faz um sinal positivo avisando que está tudo em ordem e entra no primeiro andar. Volto a minha atenção para a Maire e a flagro me observando. As suas bochechas coram, ela abaixa o olhar e sorri suavemente. Eu sei que devo boas explicações a ela, preciso contar tudo e sem mentiras. Chega disso. Não existe mais James Lewis e nem qualquer outro perigo que nos cercam.

— O meu pai era James Lewis, o belo governador de Los Angeles e era apenas isso, diante da sociedade, pois dentro de casa, entre a nossa família e principalmente entre os filhos ele era o verdadeiro James Lewis, dono da máfia de Los Angeles. Ele traficava drogas, armas e tinha aliados dos mais altos patamares da sociedade. Juízes, delegados, promotores, deputados e entre outros.

— Ele matou a sua mãe, não foi?

— Sim. — Respondo num sussurro e encaro o deque da piscina. — Quando o assassinato aconteceu, a culpa foi jogada para cima do atual namorado da Emily, naquela época eles estavam juntos, mas era recente.

— Por que jogaram a culpa nele?

— Foi para separar ele da minha irmã, além de ser totalmente ideia do

meu pai. — Encolho os meus ombros e olho para a Maire. — Naquela época eu não imaginava que seria isso, e por anos acreditei que o Turner era realmente o culpado.

— E quando isso mudou?

— Eu não sei ao certo. — Maneio a cabeça para os lados. — Há mais de um ano, aliás, um pouco mais de um mês antes de chegarmos em Solvang, ele tinha conseguido a liberdade e a minha irmã voltou a se aproximar dele. Eu fiquei louco com aquilo, pior do que na primeira vez e cometei um dos meus maiores erros.

— Qual?

Abaixo o meu olhar e sinto o meu peito doer.

— Eu dei um tapa muito forte no rosto dela.

Maire solta um pequeno suspiro e toca em meu braço, me fazendo olhá-la.

— Foi a primeira vez que você bateu na... Emily?

— Com raiva, sim. Outras vezes já tínhamos brigado de forma agressiva, em uma dessas brigas, ela me empurrou e eu caí sobre uma mesa de equipamentos. Uma adaga entrou na minha coxa e me deixou uma cicatriz, mas quase disfarçada, pois tenho uma tatuagem no local.

— Você é cheio de tatuagens... — Os seus dedos caminham pelo meu braço e eu lhe dou um pequeno sorriso. —, e muito belas, ornando com a sua masculinidade.

— Está dando em cima de mim, Maire Ellen? — Questiono irônico.

— E se eu estiver? — Ela questiona de volta, cheia de deboche. — Não desvie o assunto e continue a me contar as coisas.

Aceno e relembro aonde eu parei.

— Eu contei para o meu pai que ela estava novamente com o Turner e quando ele chegou aqui em casa... praticamente a espancou.

— Você contou sabendo que ele faria isso?

— Eu sabia que haveria uma punição, mas não imaginava que seria daquela forma. Quando eu ouvi o que estava acontecendo... — Fecho os meus olhos ouvindo os barulhos ecoando em minha mente. —, os tapas eram fortes e eu sabia que ele iria machucá-la muito.

— Você interferiu?

— Tentei. — Respondo. — Pedi para ele parar, mas ele continuou... até bateu a cabeça dela no chão e só cansou quando a chutou. Eu tentei ajudá-la,

mas ela ainda tinha raiva de mim e só se afastou.

— Ela ficou muito machucada?

— Sim e o Dylan a ajudou. Eu fiquei sem reação a vendo daquela forma e me senti muito mal, mas eu só agi como um babaca. Eu sabia que o meu pai poderia vir para cima de mim, de uma forma bem pior, então eu me acovardei.

— Você só não sabia como se proteger dele. — Ela me informa. — Foi depois disso que fugiram?

Entro novamente no quarto, vou até a cama e me sento. Maire se senta ao meu lado e ficamos um de frente para o outro.

— Não. — Respondo. — No dia seguinte eu lutei contra o Dominic no *Fight*, perdi e...

— O seu pai te castigou? — Ela questiona.

— Sim.

— Como?

A sua pergunta é como se me tele transportasse para o exatamente momento do ocorrido e eu maneo a cabeça para os lados me livrando de qualquer pensamento. Eu não quero me lembrar disso, não agora, pois eu sei me fará muito mal.

— Não quero falar sobre isso. — Resmungo.

— Tudo bem. — Ela concorda. — E então depois da sua luta...

— No outro dia, o meu pai agrediu a Emily novamente, dessa vez eu estava disposto a protegê-la, mas um segurança me segurou e eu apenas assisti mais uma vez ele sendo covarde.

— Você pode ter errado muito, mas se tornou uma boa pessoa para ela quando vocês decidiram fugir.

— Eu tentei e ainda tento. Protejo a minha irmã com a minha vida se for preciso, mesmo que ela praticamente já tenha, enfim, a vida que tanto merecia. — Dou de ombros e solto um longo suspiro, me sentindo sobrecarregado. — Descobrimos que ele foi o assassino da nossa mãe, vimos que ele poderia dar um fim ruim a nós também, então fugimos.

— E o bebê?

— Filho do Turner. Só descobrimos quando chegamos em Solvang e ela teve que esconder a gravidez.

— Ele só veio saber quando vocês voltaram e viu o filho?

— Exatamente dessa forma.

— Ele deve ter ficado louco. — Ela comenta.

— Não muito. Ele entendeu as nossas decisões e está cuidando muito bem da minha irmã.

— Ainda bem.

Maire se levanta da cama, dá um giro rápido e começa a observar cada detalhe do cômodo. É um quarto como qualquer outro de visitas. Paredes beges, cortinas da mesma cor e o chão é branco. Tem uma tevê em frente a cama, junto com uma estante baixa de cor branca e a porta do banheiro é na mesma parede. Nos pés da cama tem um recamier branco, os criados mudos são de madeira branca com uma elevação de vidro. Ao lado da porta da varanda tem uma poltrona e um pufe na frente, para as pernas. Só que os meus olhos estão fixos na minha hóspede. Em seu corpo tem um tomara que caia branco, uma calça preta e uma sapatilha em seus pés. O seu olhar encontra o meu, ela morde novamente o seu lábio inferior e dá um passo na minha direção. Dois toques na porta chamam a nossa atenção, olho para trás e vejo que é a Lisa.

— Me desculpe atrapalhá-los, eu só vim avisar que o almoço já está posto na sala de jantar...

— Nós já vamos, Lisa.

— E a senhorita Lewis está lá embaixo.

— Emily está aqui? — Questiono surpreso.

— Sim, ela e o pequeno Turner.

Aceno suavemente, ela pede licença e sai.

— A sua irmã sabe que eu estou aqui? — Maire questiona.

— Sabe.

Me levanto, estico a minha mão em sua direção e ela a segura. Eu não sei o que a Emily está fazendo aqui, mas deve ser por causa da presença da visitante. Ainda não sei quantos dias ela ficará aqui, mas eu não me importo. A casa tem espaço suficiente e eu até gosto da ideia de ela ficar aqui, pelo menos eu não fico tão sozinho. Descemos a escada juntos, Maire se afasta e me olha um pouco apreensiva. Ela nunca se sentiu à vontade estando perto da Emily, sempre ficou muito receosa e temerosa. Vejo a Emily sentada no sofá, o Andrew está de pé se segurando na mesa de centro e sobre o olhar atento da mãe. Ela percebe a nossa aproximação e fica séria.

— Oi... Emily. — Maire a cumprimenta.

— Oi, Maire. — Minha irmã dá um sorriso tímido e me olha. — Oi,

Ed.

— Estou surpreso em você estar aqui a essa hora.

Dou um beijo em sua testa e pego o Andrew no colo. As suas mãozinhas brincam com o óculos-escuro pendurado na gola da minha camiseta e ele tenta colocar na boca.

— Dominic tinha compromissos e me deixou aqui.

— Você não me avisou que viria.

— Estou atrapalhando? — Ela questiona.

— Não e eu não disse isso.

— Bom mesmo. — Ela resmunga. — Pensou no pedido da jornalista?

— Candice? — Questiono.

— Sim.

Eu nem se quer pensei nisso e então não tomei nenhuma decisão, mas sei o que a Emily disse ontem, é a verdade.

— Decida você.

— Tudo bem. — Ela concorda.

Retiro os óculos da mão do Andrew, o deixo sobre a mesa de centro e vou rumo a sala de jantar. Maire está em completo silêncio, Emily fica observando cada gesto e isso está fazendo o clima ser tenso. Coloco o meu sobrinho no carrinho, me sento na ponta da mesa e cada uma *delas* ficam de um lado. Lisa serve um copo de suco para cada um de nós, e auxilia a minha irmã ao cuidar do bebê.

— *Hum...* — Maire sussurra ao chamar a nossa atenção. —, parece que o Andrew cresceu nessa última semana.

— Está mais parecido com o pai. — Emily comenta acariciando a bochecha do filho.

— Uma pena isso. — Resmungo.

Ela me encara e ri suavemente.

— Não seja chato, Eduard. Eu adoro que o Andrew pareça com o pai.

— Talvez um segundo filho, pareça com você. — Maire comenta, antes de comer um pedaço da carne.

— Não...

— Não mesmo. — Declaro ao interromper a minha irmã. — Andrew é muito novo e uma segunda gestação agora pode ser prejudicial a você.

— Eu sei. — Ela murmura e solta um longo suspiro. — Eu não quero outro bebê por enquanto, quero apreciar o meu momento com o Dom,

principalmente depois de tudo.

— Você fala dele com muita paixão. — Maire comenta.

Emily apenas sorri e eu reviro os olhos a provocando.

— Você já se apaixonou por alguém? — Minha irmã a questiona.

— Todos que eu me relacionei, me magoaram profundamente. Nenhum namoro deu certo, todos eles me traíram e... — Maire suspira e apoia o queixo, nas mãos. —, então analisando, não foi paixão, pelo menos não da forma recíproca.

— Um dia você vai se apaixonar e vai falar da mesma forma que eu falei. — Ela sorri e volta a atenção para o filho.

Logo terminamos o almoço, Lisa oferece sorvete de sobremesa e eu nego, enquanto as meninas aceitam. Peço licença e vou à procura do Torres. Preciso saber como estão as coisas e dar algumas instruções, já que a Maire irá ficar aqui por algum tempo. Ando calmamente pelo corredor, vejo que a porta da sala dos seguranças está aberta e eu entro no ambiente. Aqui é um lugar bem grande, mobilhado com sofás enormes e tevê. Entrando mais um pouco na sala, é possível encontrar um lugar menor e repleto de pequenos televisores, aonde são imagens de todas as câmeras da casa. Ouço a voz do Ian, Peter e Torres conversando baixinho, enquanto observam atentamente cada imagem diante deles. Dou um toque na porta, os três pares de olhos me encaram e o Torres vem na minha direção.

— Está precisando de algo, senhor?

— Não exatamente. — Dou alguns passos no ambiente, paro atrás dos dois rapazes que estão sentados em frente aos monitores e vejo que está tudo tranquilo. — Está tudo bem?

— Sim, senhor. — Peter afirma.

— Verificaram o carro da senhorita Lincoln?

— Sim. — Ian prende o seu olhar em mim. — Está tudo certo. Nada suspeito, errado ou estranho encontrado.

Aceno suavemente e volto a olhar para o Torres.

— *Ela* irá ficar aqui por alguns dias, então a entrada e saída dela estão liberadas, aliás, entradas apenas se ela estiver sozinha.

— Antes de ela sair, será preciso que eu fique sabendo e principalmente, o horário da volta. — Ele informa.

— Eu irei avisá-la.

— E ela só poderá entrar se estiver sozinha.

— Exatamente. — Concordo.

— E ainda é preciso verificar as malas, antes que a senhorita Lincoln mexa.

— Depois que a Emily for embora, você pede para a Lisa te acompanhar até o quarto de hóspedes, ela irá mexer nas malas enquanto você observa.

— Tudo bem. — Ele concorda. — Mais alguma coisa, senhor?

— Não.

— O senhor irá até o *Fight* hoje à noite?

— Vou, mas não preciso que me acompanhem.

— Eu não acho...

— Eu irei sozinho.

O encaro por longos segundos, ele acena suavemente e eu saio da sala. Passo pela cozinha, vejo que duas empregadas estão lavando a louça e eu sigo para a área da piscina. Observo o céu azul e ensolarado, antes de me sentar em uma das espreguiçadeiras. Deixo os meus braços atrás da cabeça, estico as pernas e deixo o meu pé direito, sobre o esquerdo. Fecho os meus olhos e ouço o pouco barulho da pequena natureza ao meu redor. Só que, a conversa que eu tive pela Maire volta a me dominar e eu lembro de sua pergunta sobre o que o meu pai fez quando eu perdi a luta contra o Dominic. Dessa vez eu não consigo fugir e me deixo ser levado por esse mar negro.

— Não presta nem para ganhar uma maldita luta, Eduard? — James questionou, praticamente gritando.

Eu estava deitado numa maca na enfermaria e sem que eu o esperasse entrou no ambiente me gritando.

— Saí daqui. — Pedi.

— Você apostou dinheiro? — Ele continua a questionar.

— Apostei, merda.

— E a merda do dinheiro terá que sair do meu bolso, não é?

Afastei a enfermeira que estava cuidando dos meus hematomas, me sentei na cama e encarei o meu pai. Ao seu lado tinham dois seguranças. A sua expressão era de pura raiva, mas eu não estava me importando com aquilo. Eu estava com raiva de mim mesmo por ter perdido a luta, ainda mais de uma forma ridícula. Sai carregado após a finalização da luta, perdi feio para o Dominic e aquilo foi muita humilhação.

— Eu dou a merda do dinheiro se for te fazer falta.

— Eu vou dar dinheiro, mas você vai lutar novamente com ele... valendo o dobro.

— Isso não vai acontecer...

— Vai e você vai ganhar! — Ele ordenou e deu um passo para fora do ambulatório. — Eu vou levar o dinheiro para o maldito e quando você chegar em casa, iremos conversar sobre a sua derrota.

Eu sabia o que ele queria dizer com aquilo, não podia me acovardar e fugir do que poderia acontecer em qualquer momento. A enfermeira cuidou do jeito que pode dos meus machucados rapidamente e eu vim para casa. Aguardei a chegada do meu pai e quando ele chegou, a fúria ainda era presente em seu olhar e eu senti a minha espinha gelar. Ele seguiu rumo ao porão, eu fui andando logo atrás e a cada passo que eu dava, era como se eu estivesse me aproximando do inferno. Antes que pudéssemos entrar no porão, a Quinn veio correndo atrás de nós e tentou impedir o que estava prestes a acontecer, mas se afastou quando percebeu o olhar do meu pai. Então, apenas nós dois descemos. Eu queria correr e ir para bem longe, mas eu tinha que ficar lá e receber a punição. Muitos podem dizer; ah, Eduard, mas você já era adulto e quando tudo isso acontecia você tinha vinte e sete anos, então poderia enfrentar o seu pai ou fugir de tudo isso. Sim, só que eu vivia como se fosse escravo do meu pai. Ele era o senhor, dono de tudo e eu apenas a pessoa inferior que estava ali para fazer o que ele mandava, além de sofrer em sua mão. Além de sempre atrair a sua fúria para mim, deixando a minha irmã longe do seu campo tóxico.

— Eduard... — A voz da Maire é a minha boia, para que eu saia do mar negro. —, eu posso me sentar aqui?

— Pode.

Abro os meus olhos, a observo se sentando na espreguiçadeira ao meu lado e eu franzo o cenho não vendo a minha irmã por perto. Sei que ela não foi embora, mas não tenho a menor ideia de onde ela possa estar.

— Está tudo bem? Você sumiu.

— Está sim, eu apenas fui conversar com os seguranças.

— Aqui é muito bem monitorado e protegido. — Ela comenta.

— Isso aqui ainda é o mínimo de tudo.

— Eu imagino, mas faz certo.

Aceno concordando, e me lembro do que o Torres me informou.

— Eu quero que você se sinta à vontade aqui em casa, mas saiba que

temos algumas regras de segurança e como você ficará por alguns dias aqui, é preciso que você siga essas regras.

— Quais? — Ela pergunta, me olhando com curiosidade.

— Informe o Torres com antecedência que você irá sair e avise o horário do retorno. Você só poderá passar pelo portão se estiver sozinha no carro.

— Alguma coisa a mais?

— O seu carro foi verificado, e ainda está faltando verificar as suas malas.

— Eduard! — Ela exclama ao me repreender. — Eu trouxe apenas roupas, bijuterias e cosméticos. Lá tem coisas pessoais para um segurança, um homem desconhecido olhar.

— Eu sei. — Rio suavemente do seu espanto. — Lisa irá fazer isso.

— Como se melhorasse a situação. — Maire resmunga. — Desconhecidos irão olhar as minhas lingerie...

— Não, Maire. — Nego ao me sentar na espreguiçadeira e a olho com muita atenção. — Você pode retirar essas peças.

— Por que precisa que alguém verifique a minha mala? Não tem nada de mais e eu acho um pouco invasivo.

— Eu sei que você não está acostumada, mas é apenas uma norma estabelecida por mim juntamente com os seguranças.

— Eu entendo, mas acho invasivo, além de não ter nada demais na minha mala. — Ela declara ao abaixar o olhar.

— Eu sei que não tem e eu confio em você.

Estico o meu braço, toco em seu joelho e ela volta a me olhar. Eu entendo perfeitamente o que ela disse, pois eu no lugar dela, iria pensar e dizer a mesma coisa. Sei que isso é invasivo, mas é por pura questão de segurança. Tento pensar em algo para desfazer essa possível invasão de privacidade, sinto os seus dedos tocarem os meus e logo a sua mão entrelaça no meu.

— Se é necessário, eu tenho que aceitar. Eu sou apenas uma hóspede.

— Você é minha convidada e eu quero que se sinta bem aqui.

— Eu sei que sim. — Ela sorri suavemente.

Me inclino um pouco na sua direção, levo a sua mão até a minha boca e deposito um suave beijo.

— Se você se sentir melhor, a Emily pode fazer isso...

— Eu deixo você, pois é o único próximo a mim.
— Tudo bem.
— Obrigada.
— Eu não quero ser invasivo...
— Você não está sendo, é apenas questão de segurança, então está tudo bem.

Lhe dou um pequeno sorriso e me afasto ao ver a Emily vindo em nossa direção. Andrew está em seu colo e se agita tentando descer do seu colo. Ele ainda não sabe andar sozinho, mas adora engatinhar para todos os cantos. Percebo a Lisa vindo logo atrás deles, ela para um pouco longe para nos dá privacidade e a minha irmã se senta ao meu lado.

— Você estava aonde? — Questiono-a.
— Trocando a fralda do Andrew. — Emily responde e coloca o filho no chão. — E você, estava aonde?

— Fui falar com o Torres.
— Por que colocou ele como chefe de segurança? Não que seja uma reclamação, mas é algo que eu tenho direito de perguntar.

— Eu queria o Allen, mas como ele não voltou para cá, eu precisei de outra opção e o Torres foi a melhor.

— Eu também achava que o Dylan voltaria, mas a Alana preferiu ficar perto da família.

— Às vezes eu os vejo na cidade, aliás, vejo mais a Alana, pois ela compra fralda na drogaria. — Maire comenta.

— Eu sei que você cresceu e mora naquela cidade, mas lá é muito chato. — Emily comenta.

— Em comparação à aqui, Los Angeles, sim, é muito chata. — Ela concorda.

— Desculpa perguntar, mas o que você veio fazer aqui em Los Angeles? — Em questiona.

— Eu vim para um jantar de noivado e porque eu também marquei com algumas corretoras para ver apartamentos.

— Você teve uma boa decisão ao querer se mudar para cá.

— Meus pais ainda são um pouco contra, mas eu estou confiante. Tenho bons cursos nos currículos e então, eu posso conseguir um bom emprego aqui.

— Quais cursos você tem? — Emily pergunta.

— Técnico de enfermagem e me formei há pouco tempo farmácia.

Talvez eu possa ser essa pessoa a fazer que ela consiga um bom emprego, mas eu não posso agir precocemente. Preciso analisar a situação e conversar com a Emily. Olho para o céu, acima de nós e percebo o tempo ficando nublado. Observo a minha irmã ir atrás do filho, o pega no colo e o entrega para a Lisa. Em seguida ela atende o celular e sorri boba olhando para o nada. Ela está falando com o Turner e isso nem precisa de confirmação. Quando eu for para o *Fight*, eu vejo se é possível contratar mais uma pessoa para o ambulatório e depois converso com os demais sobre a minha possível decisão.

— Ei... — Maire chama a minha atenção e eu volto a olhá-la. —, eu acho que você ainda me deve um passeio por aqui.

— Eu vou te apresentar cada canto daqui, mas só posso fazer isso, daqui a pouco.

Observo a Emily entrar rapidamente em casa e eu franzo o meu cenho, mas não vou atrás. Ouço com atenção o que a Maire me conta sobre os últimos dias que ela esteve em Solvang, descubro que alguns ainda perguntam de mim na academia e eu maneo a cabeça para os lados. Ela me conta que o ex-namorado saiu da academia e se mudou para São Francisco. Fico sabendo que Ulisses está namorando com a Lindsay – algo me surpreende muito –, e que eles são o casal mais improvável que o pessoal pode imaginar. Enfim, ela comenta sobre os seus pais e eu entendo a preocupação deles. É uma nova cidade, tudo incerto e intrigante, mas pelo menos eu a conheço e posso ajudar quando for necessário.

— Para de ficar só me olhando, e diga algo. Eu sei que falo demais. — Maire ri suavemente e se inclina em minha direção. — Tem algo que você queira me falar?

— Eu acho que não.

— Nada? — Ela questiona. — O que aconteceram nesses últimos dias, depois que você chegou aqui?

— A melhor coisa, foi o meu pai ter morrido. Só agora nós podemos viver em paz e tranquilos.

— Você está muito mais tranquilo e com o olhar... livre.

— É bom estar assim, ainda mais depois de anos turbulentos. — Comento. — Na semana passada eu fiquei num hotel, pois essa casa estava em reforma. No final de semana eu fui até Seattle visitar os meus avós

maternos e apenas isso. Foram dias calmos e com um pouco de solidão.

— Por que solidão?

— Porque eu estava me acostumando de volta na cidade e sem a minha irmã.

— Mas você podia contar com ela?

— Sim, mas eu preferi deixá-la começar a constituir a família com o namorado.

— Você é um irmão incrível, sabia?

Um amplo e lindo sorriso está nos lábios da Maire.

— Eu tento ser uma boa pessoa, apenas isso.

— E consegue.

Maneio a cabeça para os lados, discordando dela e ela ri. Enfim vejo a Emily voltando e o Turner logo atrás dela, com o filho nos braços. Andrew está agarrado ao pai e recebe total atenção que tanto deseja. Emily apresenta o namorado a Maire, ele apenas a cumprimenta com um aceno e em seguida aperta a minha mão.

— Eu já vou indo, mas nos vemos a noite no *Fight*? — Ela me questiona.

— Sim, tenho algumas coisas para resolver.

— Quem sabe marcar uma luta. — Dominic sugere.

— Ainda não, Turner.

— Nos vemos mais tarde, então. — Emily declara ao entrelaçar a mão na do namorado e sorri para mim. — Se precisar de mim, me procure ou me ligue.

— Tá bom, clone.

— Tchau, Maire.

— Tchau, Emily. — Maire acena suavemente.

— Sinta-se à vontade aqui nessa casa. — Emily deseja.

Observo a pequena família ir embora, dispenso a Lisa e me levanto da espreguiçadeira. Estico a minha mão para a Maire, ela segura e vamos rumo a pequena trilha que nos leva rumo à quadra de tênis.

— A noite eu irei sair, você ficará bem sozinha por algumas horas?

— Sim. Pode ir onde quiser, eu não quero te atrapalhar.

— Eu deixarei a Lisa ao seu dispor.

Maire acena e observa ao redor.

— O namorado da sua irmã é o Turner, vulgo, Fênix lutador? — Ela

questiona.

— Esse mesmo.

— Eu achei que estava confundido as pessoas, mas não estava. — Ela resmunga divertida e cola ainda mais o corpo no meu. — Então, você ainda tem vontade de lutar?

— Muita, e principalmente ter a minha luta com o Brown.

— Quem é Brown? Eu acho que você não me contou essa parte.

— Jensen Brown, melhor amigo do Turner e ele era amante da minha mãe.

— Saiu algumas notícias sobre um possível amante, mas nunca foi revelado quem era o tal e então as especulações foram diminuindo.

— Eu odeio lembrar disso.

— Lembranças de qualquer jeito se tornam ruim, ou você lembra de coisas ruins, ou coisas boas que te dão saudades, e se tornam ruins, pois dependendo da saudade não é algo que nos traz boas coisas.

— Filosofando, Maire Ellen Lincoln?

Ela dá um suave tapa em meu braço com o meu deboche e eu a encaro por longos segundos. O que é isso entre nós? Um casal de amigos que tem intimidade? Espero que sim e que a Maire não esteja criando expectativas sobre nada, pois eu não tenho nada a oferecê-la de forma duradoura. Eu sei que ontem eu estava pensando em ter alguém ao meu lado, mas não é o momento ainda e caso seja a Maire, algum dia isso irá bater contra o meu peito.

[...]

— Não, Lewis. — Anthony nega.

— Não? Eu sou o dono daqui também e faço o que bem entender.

— Não é dessa forma que as coisas acontecem. — Ele murmura. — Não é possível contratar uma técnica de enfermagem.

— Por quê?

— Mais custos para o caixa do *Fight*, não temos como arcar com isso.

— Cadê o dinheiro que entra nessa merda? É muito dinheiro mensalmente.

— Não é muito...

— Não me faça de besta, Anthony.

Ela balança a cabeça para os lados e anda de um lado para o outro. Eu estou no *Fight* e assim que eu cheguei aqui, eu fui até o ambulatório conversar com algumas pessoas que trabalham lá e todos concordaram comigo que seria melhor ter pelo menos mais um funcionário. Só que, eu vim comentar com o Anthony sobre a minha possível decisão e ele não está concordando. Eu sei que esse estabelecimento tem um caixa enorme para contratar funcionários e patrocinar lutadores, mas ele cisma em dizer que não tem dinheiro para isso.

— Dois mil dólares por mês é algo que irá abalar o caixa. — Ele murmura.

Rio debochado e ando em direção a porta.

— Você não conseguir sustentar essa mentira. Eu vou descobrir a verdade sobre o dinheiro.

Saio do seu escritório, ando rumo ao octógono e observo os lutadores. Nada muito emocionante ou empolgado. Cumprimento alguns conhecidos, levanto olhar e vejo que a Emily já está no camarote. Sinto alguém tocar em meu ombro, vejo que é o Anthony e eu aceno suavemente. Ele está indo embora com a esposa. Eu preciso comentar com a minha irmã sobre alguns pontos gritantes aqui do *Fight*. Eu não sei o que está acontecendo, como está sendo a administração do Anthony, mas sinto que tem algo de errado. Vou rumo a escada, a subo rapidamente e logo entro no camarote. Emily está perto da grande janela junto com o namorado, Oliver está sentado no sofá com a Penélope e com as irmãs. Me aproximo da minha irmã, cumprimento os demais com um aceno de cabeça e me encosto ao vidro.

— O que você estava fazendo lá embaixo? Sei que já chegou aqui há um bom tempo. — Emily comenta.

— Eu estava verificando algumas coisas no ambulatório e fui conversar com o Anthony.

— Foi verificar o que?

— Se é possível contratar uma técnica de enfermagem.

— Você está pensando...

— Oferecer um emprego para a Maire. — Informo ao interrompê-la.

— Por quê? — Ela questiona.

— Maire nos ajudou bastante quando estivemos em Solvang, agora é ela que está precisando de ajuda em se manter aqui e não me custa nada.

— É uma boa ideia colocar mais uma pessoa no ambulatório. Por

muitas das vezes os lutadores têm que esperar no corredor, após as lutas, para serem atendidos. — Dominic comenta.

— Além disso, o Anthony está sendo contra, pois, segundo ele, o *Fight* não tem caixa para arcar com mais um salário.

— Claro que tem.

— Sim, mas ele cisma em negar e isso me faz querer investigar como está sendo a administração. Se não tem esse tal dinheiro aqui, ele está em outro lugar.

— Por exemplo, no bolso do Anthony. — Emily murmura pensativa.

— Ele tem pegado o valor certo para os lutadores?

— Eu não sei. — Dominic responde. — O meu sempre está certo, mas eu não sei em relação aos demais.

— Por tudo que você me falou, físico visível que o Anthony tem preferência por você, Dom. — Emily comenta.

— Temos que ver tudo isso o mais rápido possível.

— Iremos. — Ela concorda. — E você, já sugeriu para a Maire?

— Ainda não, mas irei. A vaga dela está garantida, só falta ela aceitar.

— Pelo menos para começar, e depois ela pode se aventurar em outro lugar.

— Sim, mas tudo depende dela.

Emily concorda comigo, os meus olhos viajam pelo ambiente e percebo a Stephany me observando. Sorrio suavemente para ela e não olho para o seu irmão. Eu sei da aversão que Oliver tem direcionada a minha pessoa e eu não me importo, mas não quero que ele brigue com a irmã.

— Marquei a entrevista para amanhã às duas da tarde. — Emily comenta, chamando a minha atenção.

— Aonde?

— Em casa, aliás, na sua casa.

— Tudo bem. Eu vou deixar a Lisa informada e pedir para ela, organizar tudo.

— Aí, me poupe, Oliver. — Penélope exclama ao se afastar do *marido* e isso surpreende a todos.

Há poucos minutos eles estavam abraçados e conversavam amigavelmente.

— Penélope... — Oliver a chama e ela lhe mostra o dedo.

— Quando eu penso que você está evoluindo, você volta com esses

comentários machistas! — Ela exclama nervosa.

Céus, essa mulher é complicada! Penélope se afasta ao ir rumo ao frigobar e o Oliver vai atrás. Se algum dia, eu estiver com alguém e ter que aturar isso, eu prefiro ficar sozinho. Penélope passou anos sem o irmão, se tornou uma bela mulher e com muita garra. Ela poderia ter tomado vários rumos durante esses anos, mas se manteve firme e no caminho certo. Turner dá um passo querendo ir trás do casal e a Emily, o impede. Ele tem que entender que a irmã já é adulta, casada e precisa se virar sozinha.

— Emily, eu preciso...

— Penélope já é adulta e eles são casados, Dominic. — Emily o lembra.

— Eu sei, mas...

— A deixe cuidar da própria vida. — Ela o aconselha.

Me afasto, vou em direção ao frigobar e pego uma água. Retiro a tampa da pequena garrafa, a jogo no lixo e bebo um longo gole. Sinto alguém parando ao meu lado e vejo que é a Stephany. Ela pega uma garrafinha de suco e bebe um pequeno gole enquanto me observa. Não é certo ela vir falar comigo, ainda mais que o Oliver não está aqui. Termino de beber a água, jogo a garrafa no lixo e dou um passo para trás, me afastando.

— Eu sou a Stephany...

— Eu sei.

— Grosso. — Ela sussurra.

— Eu não quis agir dessa forma. — Encolho os meus ombros e estico a mão para ela. — Sou o Eduard Lewis.

— Prazer, Lewis.

Ela aperta a minha mão e sorri. Me afasto completamente, volto para o vidro e observo o pessoal limpando o octógono antes que outra luta comece. Dominic está sentado no chão, Emily está entre as suas pernas encostada em seu peito e eles comentam sobre a luta que acabaram de assistir. Me encosto na parede e suspiro. Daqui a pouco eu já vou embora, deixei a Maire sozinha em casa e me sinto um pouco mal por isso. Eu sei que ela disse que ficaria bem sozinha e que eu pudesse sair à vontade, mas não acho certo. Lisa não pode ficar lá em casa, pois a Emily precisava que ela ficasse com o Andrew e eu permiti. Eu ainda não propus o trabalho aqui no *Fight*, e não propus um possível passeio em Malibu. Olho para o sofá, vejo as irmãs Baker conversando e de repente a Stephany olha para mim. Aceno suavemente e ela

vem na minha direção.

— Está gostando de Los Angeles?

— Agora está interessado a conversar? — Ela questiona.

— Só estou tentando ser amigável, além de imaginar que o seu irmão não iria gostar de ver a gente conversando.

— Eu já sou grandinha o suficiente e ser amigável é educado.

— Eu só não quero problemas.

— Não terá. — Ela garante. — Respondendo à sua pergunta, sim eu estou gostando daqui.

— Irá gostar muito mais ainda.

— Desejo, ainda mais quando eu começar a faculdade.

— Do que?

— Enfermagem.

— Interessante.

— E você é formado em... — Ela olha para o octógono e ri. —, ser lutador?

— Não. — Nego com o cenho franzido. — Eu sou estudante de medicina.

— Sério? Quer se especializar em qual área?

— Eu ainda não decidi muito bem. Talvez cardiologia.

Eu sempre mudo a opção, e agora que eu estou prestes a retornar, isso se torna ainda mais difícil de decidir. Ela sorri me observando e eu não me sinto incomodado com isso, pois aproveito para observá-la melhor. Sua pele é num tom moreno claro, seus olhos cor de mel – se eu não me engano – estão suavemente marcados com um lápis preto e o seu cabelo escuro está com algumas ondulações. Em seu corpo tem uma camiseta de manga longa de cor branca com algumas pequenas gotas de brilho, uma saia de couro deixa as suas coxas grossas a mostra e uma bota de cano curto em seus pés. Sim, eu estou a analisando delicadamente e bem devagar.

— Você está sendo indelicado. — Ela resmunga, chamando a minha atenção.

— Ao te observar? Eu estou apenas analisando a adolescente na minha frente.

— Adolescente? — Ela questiona. — Eu já tenho vinte anos, uma jovem.

Ela revira os olhos e isso me faz sorri. Ouço a porta do camarote se

abrir, Oliver volta acompanhado da Penélope e me encara, por eu estar perto da sua irmã. Eles se sentam no sofá, Stephany revira os olhos após encará-los e volta a olhar para mim.

— É melhor você ir.

O seu semblante fica sério, a sua boca numa linha reta e ela se afasta. Eu já disse, e vou continuar dizendo; não quero problemas com o Baker por causa da Stephany. Enfio as mãos dentro dos bolsos da minha calça, me aproximo da Emily e me agacho a sua altura. Ela me olha com atenção e eu percebo o seu cenho franzido.

— O que você estava conversando com a Stephany? — Ela questiona.

— Nada demais. — Resmungo. — Eu já vou embora.

— Tenha cuidado.

— Eu sempre tenho.

— Não custa nada eu pedir isso... sempre.

Ela se afasta suavemente do namorado e me abraça.

— Eu te amo e me arrependo por tudo, então...

— Não precisa me pedir isso. — Ela sussurra contra o meu ombro.

— Preciso sim. Me desculpe, clone.

— Eu já te perdoei há muito tempo.

Beijo o topo de sua cabeça, aceno para o Dominic e saio apressado do camarote. Desço a escada, passo pela área do octógono e logo saio do estabelecimento. Diversos carros estão estacionados dos dois lados da rua, o carro da minha irmã está na frente do meu e eu percebo que tem um Audi Q3 colado na traseira do meu, me impossibilitando a sair. Suspiro irritado, ando na direção da minha Lamborghini e a analiso, para ver se tem algum risco ou algo. Olho para o carro atrás do meu e vejo um rapaz encostado, digitando no celular.

— Ei, tem como afasta o seu carro? — Questiono.

O homem levanta a cabeça e me encara. Tinha que ser a merda do amante Brown.

— Dá para você sair numa boa, tem espaço. — Ele murmura.

— Se eu estou pedindo, é porque não dá.

Jensen revira os olhos, guarda o celular no bolso e entra no seu carro. Entro no meu, coloco o cinto e fico observando pelo retrovisor. Ele pisca o farol quando está numa boa distância, dou ré e consigo sair da vaga em seguida. Não agradeço e acelero rumo à minha casa. Bato os dedos no

volante e piso fundo aproveitando as ruas com pouco movimento. Espero que a Maire tenha ficado bem nessas poucas horas que eu fiquei longe e espero que ela aceite a minha proposta. O caminho é percorrido em menos de vinte minutos, logo estou entrando na propriedade e paro o meu carro em frente à porta. Desço e franzo o meu cenho ao não ver nenhuma segurança na porta. Olho ao redor e vejo o Liam vindo correndo em minha direção.

— Me desculpe, senhor. Eu fui pegar o rádio com o Torres.

— Aconteceu algo?

— Não. Tudo está em perfeita ordem.

— A senhorita Lincoln saiu?

— Não, senhor.

— Guarda o meu carro.

Jogo a chave para ele e entro em casa. O primeiro andar está escuro e silencioso, mas eu vejo a luz acesa da sala do segundo andar e eu subo a escada. Encontro a Maire sentada no sofá, o seu olhar está fixo no celular em suas mãos e eu vejo que ela está olhando fotos de um apartamento. Toco em seu ombro, ela joga a cabeça para trás e sorri ao me olhar. Acaricio o seu cabelo, dou a volta no sofá e me sento.

— Eu pensei que chegaria mais tarde.

— Só fui resolver algumas coisas e tenho uma coisa para te propor.

— O que?

Ela larga o celular sobre o sofá, se senta de frente para mim e deita a sua cabeça no encosto.

— Tenho uma vaga para técnica de enfermagem no *Fight*, o salário de dois mil dólares.

— E você está me oferecendo?

— Sim, mas quero que pense e decida com calma. Eu apenas quero te ajudar, enquanto você se estabiliza aqui.

— Eu... te agradeço muito.

Sorrio e acaricio a sua perna nua.

— Pense e me dê a resposta quando quiser.

— Irei fazer isso.

Aceno e olho para o relógio em meu pulso. Quase onze horas da noite, estou sem sono – como sempre – e não quero perturbar a Maire tentando puxar assunto. Ela deve estar cansada, talvez com sono e só queira dormir. Os dias calmos e sem pânico têm sido bons, mas o meu sono ainda não

voltou ao normal. Eu deveria voltar a me consultar com o meu psicólogo, sei que me ajudaria muito. Volto a minha atenção para a Maire, ela está me observando em silêncio e com uma expressão suave.

— O que foi?

— *Hum...* nada.

— Ficou bem nessas horas sozinha?

— Sim.

— Aprontou alguma coisa ou saiu visitando a casa? — Pergunto com deboche.

— Nem um e nem o outro. — Ela responde e se aproxima mais de mim. — Fiquei apenas pensando.

— Em que?

Um pequeno bico surge em seus lábios e caminha os dedos pelo meu braço.

— Eu posso te fazer uma pergunta?

— Sim. — Respondo intrigado.

— As marcas no seu corpo foram causadas pelo seu pai?

— Sim.

— E por que você cobriu apenas algumas?

— Não queria todas aparentes por não ter que responder questionamentos, deixei apenas algumas para ter lembranças físicas de tudo que aconteceu.

— Lembranças dolorosas.

— Sim e odiosas também.

O seu olhar é de pura compaixão e eu não estou acostumado com isso. Aliás, a única pessoa que me direcionava olhares assim era a Quinn, então quando eu vejo isso vindo de outra pessoa, me deixa um pouco assustado. Os dedos da Maire alcançam o meu cabelo, acariciam o meu couro cabeludo e eu olho em seus lindos olhos claros. Me inclino em sua direção, a seguro pela cintura e selo os nossos lábios. As nossas línguas se encontram de modo calmo e sensual. Ela agarra o meu cabelo, cola os nossos corpos e o nosso beijo se tornam mais profundo. Aperto a sua cintura, desço a minha mão por sua lombar e os meus dedos entram parcialmente no cócs traseiro do seu short. Acaricio a sua pele macia, a sua boca se separa da minha e desce pelo meu maxilar até o meu pescoço. Seguro o seu cabelo, a faço me olhar e mordo o seu lábio inferior.

— Ed... — Ela geme manhosa ao sentir os meus dedos brincando com a lateral de sua calcinha e coloca as mãos espalmadas em meu peito. —, eu reparei que em todos os cômodos têm câmeras, menos nos quartos, então eu não estou me sentindo muito confortável em estar aqui.

Eu estou tão acostumado com essas câmeras vigiando cada detalhe há anos, que eu nem me importei em agir desse modo com ela. Solto o seu cabelo e acaricio a sua bochecha.

— Eu não quero que você crie esperanças sobre algo sério entre nós, eu não posso te dar isso, não por enquanto. Nem prometer que eu serei bom com você...

— E eu não quero que você faça promessas. — Um pequeno sorriso toma conta dos seus lábios. — Eu não estou criando esperanças, eu apenas quero o que você tem a me oferecer agora.

— O que eu posso te oferecer é apenas sexo casual.

— Você me ofereceu isso desde a primeira vez e eu nunca me opus.

— Eu sei, mas eram outras circunstâncias.

— Eram, mas você ainda é a mesma pessoa e eu também, e além de tudo isso, ainda existe muita atração e excesso de desejo sexual entre nós.

— Excesso? — Questiono debochado.

— Sim e espero muito que você consiga diminuir a porcentagem de hoje.

Maire retira a minha mão do cócs do seu short, se levanta do sofá e arqueia uma sobrancelha ao me encarar.

— Eu posso cuidar disso com toda certeza desse mundo.

— Então, o que você está esperando?

Maneio a cabeça para os lados enquanto um sorriso irônico surge em meus lábios e eu fico em pé, com o corpo colado ao dela.

— Me espera no seu quarto, eu já vou para lá.

— Aonde você vai? — Ela questiona.

— Dar algumas instruções para o Torres, não irei demorar.

— Tem que fazer isso justo agora?

Um pequeno bico surge em seus lábios e eu seguro em seu queixo.

— Sim. — Afirmo. — Me espere no seu quarto.

— Não demore, ou eu irei achar que você está dando para trás.

Maire gira o seu corpo sobre os seus calcanhares, o seu longo cabelo chicoteia o meu braço e eu dou um tapa em sua bunda. Ela solta um pequeno

riso surpresa e vai rumo ao seu quarto. Desço a escada rapidamente, atravesso a sala de estar e ando calmamente rumo à sala dos seguranças. Eu sei que sempre tem pelo menos dois rapazes com o olhar atento aos monitores e eu tenho certeza de que eles presenciaram o meu ato com a Maire. Eu não me importo, mas não quero nem um deles comentando sobre *ela*. Entro no cômodo, vejo o Luc dormindo no sofá, Ian está cochilando na outra poltrona e eu sigo para a sala de monitores. Flynn e Torres estão sentados em frente aos televisores e conversam sobre um jogo de beisebol da noite anterior.

— Está tudo certo por aqui?

Eles me olham surpresos e acenam em concordância. Olho para o monitor referente a sala do segundo andar e vejo que tem uma boa visão do sofá aonde eu estava há poucos minutos. Olho para o monitor ao lado, referente ao corredor e vejo a porta do quarto da Maire aberta. Observo os demais monitores e vejo que tudo está normal.

— Deseja algo, senhor? — Torres pergunta.

— Vocês dois estão aqui monitorando as câmeras há quanto tempo?

— Há duas horas, mais ou menos.

— Então...

Coço a minha nuca, sem saber como falar e percebo o meu constrangimento. Eu nunca fui de demonstrar nada tão afetivo ou íntimo na frente dos funcionários, então isso é mais alguma coisa nova em minha vida.

— Sim, senhor. — Flynn afirma, sem esperar que eu continue a falar.

— Nos desculpe, senhor, mas tem uma câmera na sala aonde vocês estavam e então foi algo que presenciamos. — Torres informa.

— Tudo bem. — Murmuro e dou um passo para trás, me afastando. — Você deveria ir descansar, Torres e você, Flynn, fique responsável por tudo durante a madrugada.

— Sim, senhor. — Flynn concorda.

— Eu vou ir apenas monitorar os cômodos, e ver se todos estão em seus postos. — Torres informa.

— Faça isso mesmo. — Concordo e olho para o Flynn. — Só me chame se for algo de muita urgência.

— Sim, senhor.

Antes que eu possa sair da sala de seguranças, acordo o Luc e o Ian que estão dormindo, e mando eles irem para a sala de descanso. Subo a escada

rapidamente e vou para o meu quarto. Deixo o meu celular sobre o criado-mudo, retiro o meu tênis e em seguida as meias. Eu não vou dormir com a Maire, voltarei para o meu quarto e terei a minha privacidade. Retiro o meu relógio, o guardo dentro da primeira gaveta da cômoda, aonde tem uma pequena coleção e enfim vou para o quarto de hóspede. Abro a porta sem aviso algum, meus olhos viajam pelo ambiente e eu não vejo a Maire. Franzo o meu cenho, entro no cômodo e fecho a porta. Mãos cobrem os meus olhos e eu sorrio debochado.

— Quer que eu adivinhe quem é?

— Quero. — Ela resmunga divertida.

— Ashley? Ivy? Ou Hanna?

— Engraçadinho. — Ela resmunga ao se afastar de mim.

Seguro em seu pulso, a puxo de encontro ao meu corpo e a mantenho grudada em mim.

— Maire Ellen.

— Eduard Lewis... — As suas mãos apertam os meus ombros e ela umedece o lábio inferior com a ponta da língua. —, enfim eu vou transar com você e não com Connor.

— Garanto que é muito prazeroso comigo.

— Só se eu tocar ao céu.

— Não garanto que você tocará, mas eu posso tentar.

A minha mão direita fica na sua lombar, a esquerda em sua nuca e eu aproximo a nossas bocas lentamente. Presencio os seus olhos se fechando aos poucos, a sua boca se abrindo e enfim a beijo. A suas mãos sobem pelos meus ombros e param em minha nuca. Os seus dedos acariciam o meu couro cabeludo, seus seios se esfregam contra o meu tórax e eu mantenho a situação controlada. Não estamos com pressa, podemos aproveitar esse momento com muita calma e apreciar cada coisa que acontecer. O nosso beijo é suave e tranquilo. Nós já transamos outras dezenas de vezes – no meu carro ou no vestiário da academia –, só que essa será a primeira vez que enfim faremos isso numa cama. Nos levo – as cegas – rumo a cama, mas não deito os nossos corpos.

A minha mão que estava em sua lombar, passeia por sua cintura indo de encontro ao cócs frontal do seu short e eu abro o pequeno botão. A peça fica solta do seu corpo, me permitindo livre acesso e então, logo os meus dedos tocam a sua calcinha. Percebo que o tecido é de renda e eu gosto

muito. Maire geme contra a minha boca quando eu toco o seu clitóris por cima da pequena peça, a sua boca se afasta da minha e a sua cintura se inclina na direção do meu toque. Subo a minha mão em poucos centímetros, a coloco por dentro de sua calcinha e sinto a sua boceta molhada. Mexo os meus dedos lentamente, ela abre as pernas tentando receber um toque maior e dois dos meus dedos entram em seu canal.

— Eu preciso de... mais. — Ela sussurra.

O canto da minha boca se curva num sorriso, pois gosto de saber que eu ainda a deixa louca por mim e a faço se deitar na cama. Retiro a camiseta do meu corpo, a deixo jogada sobre a poltrona e subo na cama. Fico ajoelhado entre as pernas da Maire, abro o zíper do seu short e retiro a peça do seu corpo por uma perna de cada vez. Faço uma trilha de beijos do interior da sua panturrilha até a lateral de sua calcinha e em seguida faço a mesma coisa na outra perna. Subo as minhas mãos por sua cintura, seguro na barra de sua regata e puxo a peça para fora do seu corpo. Em segundos, Maire está apenas de lingerie rendada em cor preta diante os meus olhos e eu a contemplo. Não existe nada melhor do que lingerie rendada preta... aliás, existe sim, se for uma branca ou vermelha. Maire me empurra levemente pelo tórax, se senta na cama, sobre os seus tornozelos e circula a tatuagem localizada na minha costela direita.

Retiro a sua mão do local, os seus olhos curiosos encontram os meus serenos e eu maneo a cabeça para o lado. Não vou contar o que essa tatuagem significa, pelo menos não agora. Estamos prestes a transar e não quero falar sobre a minha mãe. Levo as minhas mãos para as suas costas, abro o seu sutiã e em seguida retiro as alças dos seus ombros. Seus seios ficam livres, fecho as minhas mãos ao redor deles e os aperto. Observo a sua expressão e sorrio – internamente – vitorioso. Boca semiaberta, olhos brilhando de luxúria e o seu corpo estremece com cada toque meu. Desço as minhas mãos por sua cintura, brinco com o elástico da sua calcinha e mantenho o meu olhar no dela. Sem que eu espere, ela avança na minha direção e eu quase caio da cama, pois estou na beirada. Seguro o seu corpo contra o meu, a sua boca ataca a minha e o nosso beijo é profundo. A sua cintura mexe contra a minha, os seus seios se esfregam contra o meu tórax e a excitação em ambos só aumenta.

— Maire... — Tento falar, mas ela coloca o indicador em meus lábios.

— Deixa eu retirar o restante da sua roupa. — Ela pede.

O seu corpo sai de cima do meu, eu saio da cama e fico em pé diante dela. Maire abre o botão da minha calça, a peça escorrega pelas minhas pernas e os seus dedos circulam a minha ereção marcada pelo tecido da minha cueca boxer. Lentamente, ela puxa a peça para baixo e eu a ajudo a me deixar nu. Ela segura com firmeza o meu pau, faz um leve movimento – de cima para baixo – repetidas vezes e se aproxima. A sua boca se abre e em seguida dá um breve chupada na cabeça. Estremeço com o seu toque e dou um passo para frente, entrando ainda mais em sua boca.

— Eu não conhecia esse seu lado, Maire.

Ela afasta o meu pau da sua boca e sorri maliciosa.

— Você ainda não viu nada.

Sem dizer mais nada, ela começa a me chupar para valer. Enfio os meus dedos entre as mechas do seu cabelo e movimento bem devagar a minha cintura indo de encontro a sua boca. Maire trabalha com intensidade e precisão. Mordo o meu lábio inferior tentando conter um gemido, ela suga com mais uma vez e mexe nas minhas bolas. Seguro com mais força em seu cabelo, a afasto e ela me encara com o olhar de pedinte.

— Deita-se. — Ordeno.

Ela se arrasta até o meio da cama, se deita e eu subo na cama. Seguro em cada lateral da sua calcinha e a retiro do seu corpo. Assim que ela está devidamente nua, eu fico entre as suas pernas e faço movimentos circulares com o meu polegar em seu clitóris. Ela abre ainda mais as pernas querendo um contato maior, e então eu passo dois dedos em sua entrada. Molhada e pulsando. Levo os meus dedos até a boca, os chupo sem quebrar o contato visual com a Maire.

— Você deveria... — Ela arqueia uma sobrancelha e aponta para o meio de suas pernas. —, serão direitos iguais.

— Apressada.

Enfio os dedos dentro dela, os mexo lentamente a provocando e a instigando. Me deito entre as suas pernas e a chupo. Utilizo os meus dedos, auxiliando o trabalho da minha língua. Gemidos... altos saem da boca da Maire, me estimulando a continuar ainda mais, só que nós dois precisamos de mais. A chupo com mais intensidade, provoco o seu clitóris e logo o seu corpo começa a tremer.

— Eduard... — Ela geme o meu nome.

E então ela goza em meus dedos. Beijo o seu ventre, subo a minha boca

por sua pele e alcanço os seus belos seios. Mordo o seu mamilo esquerdo, em seguida, mordo o direito e aproximo as nossas bocas. O seu olhar está preso no meu e eu gosto disso, pois eu quero ver cada uma de suas reações. Seguro no meu pau e o levo na direção da sua boceta. Entro lentamente enquanto assisto as suas pupilas se dilatarem e sua boca se abrir um pouco. Vou até o fundo e volto para a entrada. As suas pernas me abraçam pela cintura, me fazendo adentrá-la novamente. Seguro em sua coxa esquerda, elevo a sua perna em direção aos seus seios e invisto mais rápido.

CAPITULO QUATRO

*Então quando eu estiver pronta para ser corajosa
E meus cortes curados com o tempo
O conforto irá descansar em meus ombros
E vou enterrar meu futuro para trás*
Gabrielle Aplin - Home

Stephany Baker

Me espreguiço folgadoamente em minha cama macia, bocejo e abro apenas um olho. Vejo que a porta do meu quarto, entreaberta e franzo o meu cenho. Não sei que horas são, mas já suponho que o Oliver tenha ido trabalhar e que a Ayla já foi para a escola. Chuto o meu cobertor para longe, me sento na cama e esfrego o meu rosto. Nunca tive uma noite de sono tão boa como essa e eu sei que as coisas só irão melhorar. Me levanto da cama, ando até o banheiro – meio cambaleando – e me observo através do espelho. Parece que houve uma festa no meu cabelo, pois ele está todo emaranhado e para cima. Retiro a roupa do meu corpo e entro debaixo da água morna que cai do chuveiro. Passo os dedos entre as mechas do meu cabelo, tentando desfazer o caos e massageio o meu couro cabeludo.

Isso me faz lembrar quando eu namorava com o Luc, eu adorava me deitar no colo dele para ouvir sobre os seus planos, enquanto ele massageava a minha cabeça. Um toque sutil, mas cheio de carinho. Eu sei que deveria ter insistido mais em nosso namoro, ter enfrentando muitas coisas, só que o término foi um acordo entre nós. Foi doloroso, mas necessário. Suspiro afastando essa lembrança, coloco um pouco de shampoo em minha mão e espalho no meu cabelo em seguida. Enxaguo e passo o condicionador. Nem sei como está o tempo, mas queria muito sair, só que eu não avisei ao Oliver e prefiro não o incomodar no trabalho. Em poucos minutos termino o meu banho, enrolo a toalha em meu corpo e volto para o quarto. Visto uma calça camuflada e uma regata preta. Saio do quarto, indo em direção a cozinha e franzo o meu cenho ao ouvir barulho.

— Oi. — Sussurro.

Estou surpresa em ver a Ayla, mas eu estou mil vezes mais surpresa ao ver o Dominic encostado na pia, fazendo o café.

— Bom dia, Stephany. — Ele me cumprimenta e aponta para a cadeira em frente à mesa.

— Não era para você estar na escola, Ay?

— É só amanhã. — Ela informa. — Eu também achava que era hoje, mas o Oliver corrigiu esse meu pequeno erro durante a manhã.

— E o que você está fazendo aqui, Dominic? — Pergunto suavemente ao me sentar na mesa. — Nós podemos nos virar a fazer...

— Eu vim de livre espontânea vontade, e claro, após avisar o seu irmão. — Ele informa.

— Então... obrigada.

Ele me direciona um pequeno sorriso e volta a sua atenção ao café. Observo a mesa e sorrio. Eu sei que o Dominic é um ótimo lutador, mas ele é um excelente cozinheiro. Sobre a mesa tem uma pequena cesta com pães frescos, uma jarra de suco e o Dom coloca a garrafa de café ao lado. Ele nos pergunta o que queremos comer e eu me sinto como naqueles filmes maravilhosos, aonde a mocinha é servida com o melhor café da manhã.

— Emily comentou comigo que você faz um maravilhoso ovos beneditinos. — Ayla comenta.

— Emily é suspeita a falar. — Ele ironiza e olha para mim. — E você, Steph, o que quer comer?

— Apenas uma omelete.

— Só isso? — Ele questiona.

— Sim, estou querendo manter a forma.

— Irei fazer panquecas e torradas também. — Ele informa me ignorando. — Omelete não é suficiente para te dar energia.

O observo ir rumo ao fogão e eu reviro os olhos.

— Então você é um lutador que come bobagens logo cedo?

— Eu me alimento bem, conforme quero e conforme a nutricionista me indica quando tenho lutas importantes.

— Em falar em lutas.... — Ayla chama a nossa atenção, mas ela olha diretamente para mim. —, você falou com o Oliver sobre ele nos levar?

— Falei e ele avisou que vai ver se essa semana dá.

— Entendi. — Ela sussurra.

— Ele vai nos levar. — Garanto.

Ela sorri e prende a sua atenção no nosso cozinheiro do dia. Dominic coloca as torradas sobre a mesa, em seguida entrega a minha omelete e vai fazer o pedido da minha irmã. Sinto que hoje será um bom dia, eu acordei bem e me sinto mais viva. Não tenho mais que lidar com pessoas ignorantes, nem ver a cara do imbecil do Klaus e muito menos ouvir coisas desagradáveis logo cedo. Suspiro ao afastar isso da minha mente e decido comer.

— Vocês sabem da situação do Oliver com a Penélope, não é mesmo?
— Dominic nos pergunta.

— Sim. — Ay responde. — E apenas o Oliver sabe o que é melhor para ele.

— O que você quer dizer com isso? — Ele questiona ao servir a minha irmã e se senta conosco na mesa. — Os dois são pessoas complicadas...

— E como. — Resmungo.

— Se o melhor para o Oli for ficar com a Penélope, que assim seja. É visível que ele a ama muito... — Ayla dá de ombros.

— É visível na minha irmã também.

— Mas ela fica fazendo doce, não dá valor suficiente ao meu irmão. Ele mudou muito do último ano para cá, e foi por causa *dela*.

— Penélope também mudou, não de forma radical, mas era possível ver que tudo que aconteceu a afetou muito.

— O que você acha da loucura que eles fizeram? — Ayla questiona.

— O casamento? — Dom questiona e ela acena, afirmando. — Uma loucura mesmo, mas analisando tudo o que aconteceu e como esse casamento aconteceu, é aceitável que era a única forma que poderia ajudar esse casal conturbado.

— Ela que o pediu em casamento, mas já disse que não quer continuar com o Oliver!

— Ela quer, mas está com medo de falhar. — Ele informa com melancolia. — Eu não sei o porquê desse medo, mas é algo que atrapalha muito o relacionamento deles.

— Então ela não deveria ter proposto o casamento...

— Então o seu irmão não deveria ter aceitado. — Ele rebate.

Me calo, ao sentir a raiva correr pelas minhas veias e me levanto. Eu não quero mais ficar aqui, na companhia dele, pois eu sei que essa *conversa* pode piorar e não irá acabar bem.

— Senta-se, Stephany. — Ayla me pede.

— Eu tenho mais o que fazer.

— Stephany... — Dominic me chama e eu o encaro. —, eu apenas disse a verdade sobre o Oliver.

— Não me interessa...

— Eu não aceitei o casamento quando eu soube como ocorreu, ainda mais em saber que eles estavam *fodidamente* bêbados e perdidos após o acontecimento.

— E por que aceita hoje?

— Porque eu sei e vejo o que existe entre eles. É algo que ninguém tem que interferir, nem opinar, pois só eles, os dois, podem escolher o melhor para esse casamento.

— O meu irmão está praticamente implorando o amor da Penélope.

— E isso não é certo. — Ay comenta. — Os dois devem se moldarem, para fazer esse casamento dar certo.

— Sim, é errado em ele agir desse jeito. — Ele comenta pensativo e me olha em silêncio, por longos segundos. — Aceite, aliás, isso é um conselho, quase pedido para as duas, aceitem a decisão do Oliver. Se não der certo, estejam ao lado dele para apoiá-lo, se der certo, fiquem felizes por ele.

— Antes disso, o Oliver precisa encontrar o eixo novamente.

— Nisso você está certa... — Ele concorda e sorri. —, e talvez seja quando ele se acertar com a Pen de uma vez.

— Não, isso tem que ser antes.

— É o que você acha e deseja. — Dom dá de ombros.

— É o que eu espero.

Ele dá de ombros e aponta para a cadeira aonde eu estava sentada.

— Termine de comer. Você não irá fazer absolutamente nada se estiver com o estômago vazio.

Reviro os olhos ao me sentar novamente, ele arqueia uma sobrancelha e a minha irmã sorri em minha direção. Tenho que confessar e aceitar, esse café da manhã está ótimo e o Dominic cozinha muito bem. Assim que nós terminamos de comer, limpamos e arrumamos a cozinha. O *nosso cozinheiro* vai embora e eu vou direto para o quarto. Irei ir correr um pouco, me exercitar e não posso esquecer de pedir para o Oliver me matricular em alguma academia ou até mesmo no *Fight*. Iria adorar lutar.

[...]

— Stephany! — Ayla grita.

Reviro os meus olhos e continuo no mesmo lugar. Ela está no quarto, se arrumando para sairmos com o Oliver, eu estou na sala assistindo tevê e o meu irmão nem chegou ainda, mas a Ay está afoita para ir conhecer o *Fight*. Estralo os meus dedos e tombo a minha cabeça para o lado. Durante a manhã eu corri, aliás, fiz isso por uma hora e meia, depois voltei para cá e ajudei a minha irmã a arrumar o apartamento. Almoçamos juntas, depois – enfim –

desfizemos as nossas malas e passamos a tarde toda assistindo filmes clássicos, os preferidos dela.

— Pirralhas...

Reviro os olhos ao ouvir o meu irmão nos chamando desse jeito, a porta se abre por completa e ele sorri para mim.

— Oi.

Oliver larga os seus pertences na mesa de centro, dá um beijo na minha têmpora e se joga no outro sofá. Ele deve estar cansado, mas com certeza vai querer ir ao *Fight* e principalmente, ver a Penélope. Eu pensei muito no *conselho* do Dominic e vi que devemos segui-lo, pois o meu irmão merece ser feliz e se for com *ela*.... teremos que apoiar, por mais que não me agrade. Pelo menos, não, por enquanto.

— Está tudo bem por aqui? Como foi o dia de vocês?

— Tudo tranquilo. — Respondo. — Dominic veio fazer o café da manhã.

— Ele me avisou. — Ele comenta e olha ao redor. — Cadê a Ay?

— Está se arrumando para irmos no *Fight*.

Ele franze o cenho e acena, pensativo.

— Fizeram o jantar?

— Sim. Você quer...

— Não. — Ele nega de imediato e se levanta do sofá. — Eu vou ir tomar banho e em dez minutos saímos.

Oliver vai rumo ao seu quarto, eu confiro a hora no meu celular e solto um pequeno suspiro. Estou feliz e aliviada em estar aqui em Los Angeles, mas sinto falta de estar em Santa Maria, algo que remete ao Luc. Hoje enquanto eu corria pensei nele, de uma forma feliz e tranquila. Maneio a cabeça para os lados, me levanto do sofá e vou rumo ao meu quarto. Por mais que o Luc tenha ficado em minha mente durante a corrida, eu estou ansiosa para ver o irmão da Emily hoje, aliás, eu acho que eu o verei no *Fight*. Estou instigado a conhecê-lo melhor, não de uma forma sexual ou com qualquer outra intenção. Apenas conversar e saber mais dele. Eu sempre fui de conhecer novas pessoas e tentar criar amizade, então com ele não seria diferente.

— Oli chegou? — Ay questiona.

— Sim e daqui a pouco vamos sair.

Deixo o meu celular sobre a cama e a encaro. Ela está usando uma

calça jogger em sarja de cor verde escura e um cropped preto de manga longa. O seu cabelo está solto, em seu rosto quase nada de maquiagem e ela está terminando de calçar o tênis branco. Ayla percebe que eu estou a observando e me encara.

— O que foi?

— Está arrumada... e animada para sair.

— Já que estamos aqui, praticamente numa nova vida, devemos aproveitar cada minuto com boas pessoas. — Ela dá de ombros. — Vá se arrumar, sabe que o Oliver não gosta de atrasos e nem de ficar esperando.

Dou de ombros não me importando com isso e calço apenas uma bota de cano curto. Eu não vou trocar de roupa, estou me sentindo bem com ela e sei que está tudo bem em eu ir com ela para o *Fight*. A minha saia de couro não é curta, a camiseta é bem-comportada e de manga longa. Vou rumo ao banheiro, paro em frente ao espelho e penteio o meu cabelo, mas não fico satisfeita com o resultado. Faço suaves ondulações com o babyliiss nas pontas do meu cabelo e contorno os meus olhos com o lápis preto. Ouço a voz do Oliver e percebo que ele está conversando com a Ayla. Ele está bem tenso com a nossa mudança para cá, dá para perceber o seu temor sobre algo der errado, mas estamos – me refiro a mim mesma e a minha irmã – a fazer isso dar certo. Por mais que eu já tenha vinte anos, Ayla prestes a fazer dezoito, ele tem o direito a nossa guarda, por causa de toda a situação e briga que houve entre ele e os nossos pais.

— Vamos, Stephany. — Ele me chama num resmungo.

Desligo o babyliiss, o deixo sobre a pia e volto para o quarto. Oliver está sentado em minha cama, o celular em suas mãos e ele encara o aparelho.

— Já podemos ir. — Informo.

O seu olhar passeia pelo meu corpo e a sua cabeça se move para os lados.

— Vá colocar uma calça.

— Não mesmo.

Pego o meu celular que está ao lado do meu irmão e saio do quarto.

— Stephany.... — Oliver resmunga.

— Não tem nada demais essa roupa, Oliver.

— Nós estamos indo no *Fight*, um local cheio de homens...

— E eu tenho um irmão lutador, isso quer dizer que ninguém se atreverá a olhar para mim ou para a Ayla.

Ele pensa por alguns segundos, mas nega.

— Eu estou pedindo, Stephany...

— Eu não vou ir vestir uma calça, ou seja, lá qualquer outra peça.

Ele suspira e sai. Ayla me encara surpresa, eu dou de ombros e ela ri suavemente. Oliver não tem o direito de mandar sobre o que visto, pois não estou de uma forma vulgar e nem outra coisa do tipo. Ay entrelaça o seu braço no meu, saímos do apartamento e vamos rumo ao elevador. O meu irmão nos olha por alguns segundos e volta a olhar para frente. Ele tem diversos comentários machistas no vocabulário e pensamento, e eu tenho certeza de que isso será mais um dos problemas entre ele e a *esposa*.

[...]

Oliver abre a porta do camarote e entramos. Diversos olhares caem sobre nós, Ayla fica um pouco acanhada e eu tento me enturmar. Vejo o Dominic perto da grande janela, um rapaz está por perto e uma moça morena sorri ao nos ver. Enfim o Oliver larga o meu pulso e o da Ayla. Conhecemos todos os amigos do nosso irmão, mas eu não lembro o nome de todos.

— Noah e Lauren. — Ele nos lembra ao apontar para as respectivas pessoas e se afasta suavemente. — Não saem daqui, do camarote.

Ele se afasta completamente, cumprimenta o Dominic, em seguida o Noah e recebe um beijo carinhoso da Lauren. Seu eu não me engano ela é amiga da Penélope e ex-namorada do Dominic.

— Oi meninas. — Ela nos cumprimenta.

— Oi.

Ayla apenas sorri e abraça o próprio corpo. Lauren tenta engatar uma conversa animada com a minha irmã, mas não está conseguindo muito. Ela não é de se enturmar rapidamente, é tímida e bem quieta, só que quando isso acontece ao contrário, é algo raro e que me deixa surpresa. Como foi ontem, ela conversando muito com a Emily.

— Cadê a Emily e a Penélope? — Ouço o Oliver questionar.

— A minha irmã foi ao camarote do Anthony junto com a Emily. — Dominic responde.

— Pensei que suas irmãs fossem crianças. — Noah comenta divertido.

— Quem me dera. — Oliver debocha.

— Imbecil. — Resmungo.

— Seja educada, Stephany.

— Então não seja chato. — Resmungo, mais uma vez.

Observo a Ayla cumprimentar o Dominic, em seguida acena para o Noah e se senta no sofá. As suas bochechas estão coradas e eu sinto vontade de ri, mas me controlo para não a deixar ainda mais tímida. Me aproximo do vidro e observo o octógono. Dois rapazes ainda continuam a lutar com voracidade, pelo menos no meu ver e eu sinto vontade de aprender. Solto um pequeno suspiro ao ver um dos rapazes levar um soco na costela e de repente os meus olhos encontram o irmão da Emily. Me afasto e me sento no sofá. Cruzo as minhas pernas para não mostrar a minha calcinha, percebo o meu irmão com a expressão bem séria, mas ela se suaviza quando a porta do camarote se abre.

— A esposa chegou. — Sussurro com ironia.

Ayla me belisca, eu reviro os olhos e tento ficar neutra. Emily nos cumprimenta e se senta na ponta do sofá. Penélope acena para nós e se senta entre mim e a sua cunhada. Aliás, eu também sou a sua cunhada, mas não quero esse *status* por enquanto.

— Oliver... — Dominic chama o meu irmão, o fazendo encará-lo —, aconteceu algo?

— Preciso ir falar com o Anthony, meu desempenho não está bom e nem como ele queria. — Oliver comenta.

— Ele já foi embora. — Emily avisa parando ao lado dele e apoia as mãos no vidro.

Observo o meu irmão conversando num tom baixo com o Dominic e ele me parece preocupado.

— Eu já vou embora. — Lauren avisa, ao se agachar na frente da Penélope. — Você quer carona?

— Não, eu vou ficar numa boa aqui. — Ela responde.

— Tem... — Ela olha para o meu irmão e volta a olhar para a amiga em seguida. —, certeza?

— Sim. Estamos numa boa. — Penélope sorri.

— Tudo bem, então nos vemos amanhã.

— Você vai sozinha? — Penélope questiona, preocupada.

— Noah vai me acompanhar.

Lauren abraça a amiga, acena para nós e se vai junto com o Noah. Oliver se senta entre mim e a sua esposa, a abraça e fica conversando

baixinho com ela. Bato os meus pés no chão impaciente e cruzo os meus braços em frente ao corpo. Eu achei que aqui estaria mais animado, mas está muito tranquilo. Percebo a Emily sorri ao olhar na direção da porta, em seguida o Eduard aparece e acena suavemente antes de ir até a irmã. Eles são extremamente parecidos e é visível que existe algo que complicado entre eles. Todo irmão é cuidadoso com a irmã e protetor, mas me parece que ele é ao extremo. Cutuco a cutila da minha unha, mordo o meu lábio inferior e levanto a cabeça. Os meus olhos passeiam ao redor, observo *ele* conversando com a irmã e com o cunhado. Olho para o meu lado direito, vejo o meu irmão abraçado a esposa e ele continuam a conversar baixinho. Reviro os olhos cansada desse ar monótono e chamo a atenção da Ayla.

— Aqui está chato, né?

— Está muito calmo, na verdade. — Ela me corrige e abaixa o olhar.
— O irmão da Emily está olhando para você.

— O que?

Olho na direção dele, os nossos olhares se cruzam e ele acena suavemente. Ouço o Oliver suspirar e ele deixa a cabeça cair para trás. Volto a olhar para *ele* e o analiso. Os seus braços são tatuados, seu corpo bem moldado e ele me parece ser uma pessoa bem séria. O seu cabelo é baixinho, sua barba bem rala, pois ainda está começando a crescer. Penélope sai do sofá bruscamente chamando a atenção de todos, Oliver a chama e recebe um dedo do meio. A encaro irritada, ela nem se importa, ou melhor, ela não olha para nada e nem para ninguém, a não ser para o meu irmão. Ele a irritou, isso é visível, mas não merece ser tratado assim.

— Quando eu penso que você estar evoluindo, você volta com esses comentários machistas! — Penélope exclama nervosa.

Ela sai pisando duro e o meu irmão vai atrás. Reviro os olhos e os ignoro. Eu não vou me estressar, me envolvendo no que eu não devo. Percebo o irmão da Emily ir rumo ao frigobar, pisco para a Ayla e vou na mesma direção. Eu irei saber mais dele, da melhor forma possível, perguntando diretamente. Paro ao seu lado, pego uma garrafinha de suco e bebo em pequenos goles. Ele está bebendo água, mas percebo que está me observando pelo canto do olho. Ele joga a garrafa fora, dá um passo para trás e eu respiro fundo criando coragem.

— Eu sou a Stephany...

— Eu sei. — Ele resmunga ao me interromper.

— Grosso. — Sussurro.

— Eu não quis agir dessa forma. — Ele encolhe os meus ombros e estico a mão em minha direção. — Sou o Eduard Lewis.

— Prazer, Lewis.

Aperto a sua mão, sorrindo e ele se afasta rapidamente. O seu nome dança em meus lábios, bebo um longo gole de meu suco e continuando o observando. Enfim agora sei o seu nome, mas também sei que ele é arredio e não gosta de conversar com as pessoas. O seu olhar é triste e sabe como eu sei... eu vejo algo parecido no meu olhar a cada momento que eu estou diante do espelho. Termino de beber o suco, solto um longo suspiro e volto para o sofá.

— Você é louca? Foi conversar com ele! — Ayla exclama, num sussurro.

— Tentei, ele não gosta muito de conversar. — Dou de ombros. — Pelo menos descobri o nome dele.

— E... — Ela olha para atrás de mim e arregala os olhos. —, ele está olhando para nós.

Olho para o Eduard, ele acena com a cabeça me chamando e eu vou em sua direção. Tenho vontade de ser grossa com ele, mas controlo a minha língua e tento ser educada.

— Está gostando de Los Angeles? — Eduard questiona.

— Agora está interessado a conversar?

— Só estou tentando ser amigável, além de imaginar que o seu irmão não iria gostar de ver a gente conversando.

— Eu já sou grandinha o suficiente e ser amigável é educado.

— Eu só não quero problemas.

— Não terá. — Pelo menos é o que eu acho. — Respondendo à sua pergunta, sim eu estou gostando daqui.

— Irá gostar muito mais ainda.

— Desejo, ainda mais quando eu começar a faculdade. — Confesso.

— Do que? — Ele pergunta curioso.

— Enfermagem.

— Interessante.

— E você é formado em... — Olho para o octógono e rio. —, ser lutador?

— Não. — Ele nega. — Eu sou estudante de medicina.

— Sério? Quer se especializar em qual área?

— Eu ainda não decidi muito bem. Talvez cardiologia.

Boa área, mas eu imagino que deve ser difícil escolher uma. Eu escolhi essa minha possível profissão quando eu tinha apenas quinze anos, mesmo que outras me atraíssem e fiquei muito triste quando o meu pai não me permitiu a ir para a faculdade. Ele não queria que eu me formasse e muito menos – como ele dizia – criasse asas e começasse a criar voos sozinha. Maneio a cabeça para os lados me livrando desse pensamento ruim e me surpreendo, ao flagrar o Eduard me cobiçando. Sim, ele está fazendo exatamente dessa forma. Os seus olhos passam demoradamente em meus seios – mesmo que estejam cobertos –, descem para as minhas pernas e a ponta da sua língua umedece os seus lábios.

— Você está sendo indelicado. — Resmungo, chamando a minha atenção.

Mas eu estava gostando disso.

— Ao te observar? Eu estou apenas analisando a adolescente na minha frente.

— Adolescente? — Questiono, incrédula. — Eu já tenho quase vinte anos, uma jovem.

Ouçõ a porta do camarote se abrir e percebo o Eduard voltar a ficar sério. Olho para trás, vejo o meu irmão sentado no sofá junto com a Penélope e eu reviro os olhos. Eu não entendo o motivo da sua aversão ao Eduard, mas como eu o conheço, ele não contará facilmente. Volto a minha atenção para *ele* e fico cabisbaixa.

— É melhor você ir. — Ele aconselha.

Tenho vontade de negar, mas eu sei que é o melhor. Oliver brigou com a Penélope há pouco, e eu não quero ser a próxima. Me afasto dele, volto para o sofá e me sento entre os meus irmãos. Ayla me cutuca, pois quer saber da minha conversa e eu a ignoro. Observo o Eduard se despedir da irmã e em seguida sai apressado do camarote. Talvez ele ainda tenha compromisso hoje, ou amanhã cedo ou... ele tenha alguém o esperando. Aliás, por que eu estou pensando nisso? Quero apenas ter uma amizade com ele, já que estamos quase estudando na mesma área e então teremos muitas coisas em comum a conversar.

— Que pressa do Eduard. — Oliver comenta num resmungo.

— Ele está com hóspede em casa, aí não queria deixá-la sozinha por

muito tempo. — Emily informa.

— Hóspede? — Penélope questiona curiosa.

— Maire. Ela nos ajudou muito quando estávamos em Solvang. — Emily comenta e ouve com atenção o que o namorado sussurra em seu ouvido. — Sim, eu acho que sim, mas ele negou que estejam.

— Será que ele tem alguém? — Ayla me questiona baixinho.

— Não sei e nem quero saber. — Resmungo.

— Eu pensei que você estivesse interessada nele...

— O que? — Questiono num sussurro.

— Não está?

— Não! Eu só quero ter um contato maior com ele. — Dou de ombros.
— Eduard cursa medicina.

— Apenas interesse educacional?

— Sem interesse, Ayla. Apenas uma possível amizade, sei lá, o porquê disso.

Ela semicerra os olhos e sorri cinicamente. Eu não posso querer ter uma proximidade com o Eduard sem ter nenhum interesse, muito menos estar a fim dele? Sim, eu posso, pois sou eu que decido as coisas. Eu gosto de novos ares, novas amizades e novas aventuras.

[...]

— Oliver... você está nervoso comigo?

— Não, Stephany. — Oliver nega, mas é visível a sua mentira.

— Mentiroso! — Exclamo. — Eu só estava conversado com o Eduard.
Nada demais.

— Não disse nada, Stephany. — O seu tom de voz sai num tom rude.

— Oli... — Penélope o repreende.

Reviro os olhos e encaro a janela ao meu lado. O meu querido irmão não está falando comigo desde o momento que ele voltou para o camarote e me viu conversando com o Eduard. Ficou bem claro diante de todos a irritação do Oliver e eu acho isso um absoluto exagero. Fico batente os meus dedos contra o meu celular, observo cada lugar por aonde passamos e percebo que o *Fight* fica longe do apartamento. O caminho é percorrido em total silêncio, eu mantenho o meu olhar no céu e percebo relâmpagos o iluminando. Em poucos minutos já estamos descendo do carro, Ayla

entrelaça o seu braço no meu e andamos em direção ao nosso prédio.

Oliver vem logo atrás de nós, abraçado a Penélope e atrás deles vem o outro casal. Dominic e Emily se mostram ser um casal muito tranquilo, é visível uma cachoeira de amor sobre eles e o bebê, os completam ainda mais. Um grande relâmpago surge no céu acompanhado de um trovão, alguns pingos começam a cair e em poucos segundos uma chuva grossa começa a nós molhar para valer. Me desvencilho da minha irmã e corro. Empurro a porta do prédio, puxo a camiseta do meu corpo, tentando a desgrudar da minha pele. Os demais adentram no pequeno hall, entramos no elevador e a Ay torce o cabelo fazendo um pouco de água cair no chão. Pego a chave do apartamento com o meu irmão, assim que a porta do elevador abre e corro para o apartamento. Estou agoniada com essa roupa molhada e eu preciso tirá-la o mais rápido possível.

— Vai tomar banho no banheiro do Oliver, Ayla.

Grito antes de entrar no nosso quarto, vou para o banheiro e retiro a roupa do meu corpo. Meu cabelo estava lindo, mas a chuva causou uma pequena destruição. Entro debaixo do chuveiro quente, enfio a minha cabeça debaixo da água e solto um longo suspiro. A imagem do Eduard continua presente em minha mente, me sinto curiosa sobre ele, mas a saudade do Luc é o que me predomina. Mais tarde eu irei ligar para ele, conversar um pouco e quem sabe, combinarmos a sua vinda para cá. Obviamente será para Los Angeles e não para esse apartamento. Oliver nunca aceitou muito bem qualquer possível relacionamento. Dois toques na porta chamam a minha atenção, eu desligo o chuveiro e enrolo a toalha em meu corpo, antes de abrir parcialmente a porta.

— Eu vou fazer uma sopa. — Oliver avisa.

— Tudo bem.

— E vou chamar a Penélope.

— Tudo bem, também.

— E... — Ele encolhe os ombros e solta um pequeno suspiro. —, você não entende o porquê da minha aversão ao Lewis, mas eu posso te afirmar que é por um motivo muito sério.

—Você deveria me contar esse tal motivo.

— Outro dia. — Ele resmunga. — Se vista e vá para a cozinha.

Apenas aceno, ele se vai e eu saio do banheiro. Claro que eu estou infinitamente curiosa para saber qual é esse tal motivo, pois imagino que

deve ser extremamente sério. Suspiro e tento afastar isso da minha mente. Visto uma roupa de moletom, seco o meu cabelo com a toalha mesmo e calço o meu chinelo, antes de sair do quarto. Vou rumo a cozinha, encontro a Ayla sentada na mesa, já devidamente de banho tomado e o Oliver está no fogão. Ele serve um prato para cada uma de nós, se senta e olha para a porta. Ele está a esperando, e *ela* está demorando.

— Eu achei o *Fight* muito calmo. — Ay comenta.

— Eu avisei que as levaria num dia tranquilo. — Oliver nos lembra.

— Sabemos, mas... — Dou de ombros.

— Quando você irá lutar? Eu quero estar lá. — Ela informa.

— Não, senhorita. Vocês nunca irão nas minhas lutas.

— Por quê? — Questiono.

— Por que não. — Ele resmunga.

— Não quer que a gente veja você levando alguns socos?

Rio com deboche, o fazendo revirar os olhos.

— Não quero que vocês me vejam massacrando o meu adversário.

— Jesus, Oliver! — Ayla quase cospe a sopa de volta no prato.

— O que? Eu sou um bom lutador e sei o que eu posso fazer com quem me enfrenta.

— Ayla é muito fofinha para assistir essas coisas. — Resmungo com ironia.

— E você uma bruta? Me poupe, Stephany. — Ela murmura.

Me lembro do meu desejo de aprender a lutar, toco no braço do meu irmão e tenho total atenção dele. Não sei qual será a sua reação, muito menos a sua opinião.

— Eu quero aprender a lutar.

— Não! — Ele nega de imediato.

— Ei, apenas me exercitar. Não quero ficar enfurnada dentro desse apartamento e sair apenas para correr.

Ele maneia a cabeça para os lados pensativo.

— Penélope faz isso, exatamente dessa forma, luta para se exercitar, não é uma má escolha, mas eu irei pensar com calma.

— Coitado do futuro namorado da Stephany. — Ay debocha.

— Para com essa merda de assunto. — Oliver resmunga.

— Palavrão. — Ela o repreende e ri ao olhar para mim. — Ele nunca vai se acostumar com o assunto; as suas irmãs irão namorar com garotos...

— Que assunto chato. — Ele resmunga mais alto.

— Mas o assunto; se casar com a irmã do melhor amigo, ele gosta.

Ayla gargalha com a minha provocação e o assunto se dar por encerrado quando a Penélope entra na cozinha. Ela nem se quer bateu na porta ou tocou a campainha, ela simplesmente entrou no apartamento sem aviso algum. Bruscamente o humor do meu irmão muda, ele começa a sorrir e serve a esposa, quando ela se senta ao seu lado.

— Está muito bom, Oli. — Penélope elogia.

O meu irmão sorri feito bobo e eu reviro os olhos. Só faltam vomitares corações e os seus corpos brilharem. Como uma boa menina, Ayla começa a contar o que fizemos durante o dia todo, Oliver ouve tudo com muita atenção e eu falo poucas palavras. Penélope prefere permanecer em silêncio, apenas nos observando e sorrindo para o meu irmão. Assim que eu termino de comer, ajudo a minha irmã a organizar a mesa e colocamos tudo na pia. Desejamos boa noite para os pombinhos e vamos para o nosso quarto. Ayla se apressa em arrumar os seus pertences para amanhã, pois é o seu primeiro dia na nova escola e eu desejo que dê tudo certo. Enfio a mão debaixo do meu travesseiro, pego o meu celular e penso seriamente se eu devo ligar para o Luc.

— Eu esqueci de perguntar para o Oliver se ele vai trabalhar amanhã.

— Não vai... — Tento aconselhar, mas ela já saiu do quarto. —, lá.

Os dois devem estar no maior amasso e ela vai flagrar, além de atrapalhar. Digito o número do Luc, aperto para iniciar a ligação e desisto. Ayla já está de volta e as suas bochechas estão coradas.

— Eles estavam se pegando lá na cozinha.

— Isso não é surpreendente.

— Eu achei que eles estivessem conversando.

— Você é muito bobinha e inocente, Ayla. — Debocho.

— Eu apenas não quero saber disso no momento. — Ela resmunga. — Vou dormir.

— Durma e sonhe com um...

— Stephany... — As suas bochechas coram ainda e eu rio.

— Estou brincando.

Ela revira os olhos, se deita em sua cama e fica de costas para mim. Eu pego o meu celular, observo o número do Luc e saio do quarto, para poder deixar a Ayla dormir. Vejo o Oliver se despedindo da Penélope na porta do

apartamento, logo ele fecha a porta e nota a minha presença.

— Não vai dormir? — Ele questiona.

— Agora não.

— Tudo bem, mas não vá muito tarde.

— Não se preocupe.

Ele afaga o meu cabelo e vai rumo ao seu quarto. Ninguém lavou a louça e ela irá sobrar para mim amanhã... que maravilha. Enfim digito o número do Luc e início a chamada. Eu acho que ele está em casa, talvez estudando ou jogando vídeo game. Ele está fazendo faculdade de engenharia mecânica, ele quer ter a própria oficina de customização de motos. Estico as minhas pernas em direção a mesa de centro e fico impaciente com a demora. Talvez ele não esteja em casa, talvez ele esteja com alguém e bem ocupado.

— Oi, Stephany. — Ele me cumprimenta alegremente.

— Oi. Está ocupado?

— Não, estava no banho. — Ele informa. — Como você está?

— Bem e você?

— Cansado, mas bem. Consegui um emprego na....

Ele se cala fazendo suspense e eu sorrio.

— Na ‘M Custom’?

— Sim. — Ele afirma radiante.

— Eu estou muito feliz por você.

— É uma grande realização, pois eu sempre amei aquele lugar e estar trabalhando lá é... magnifico.

— Eu imagino. — Sorrio ainda mais encarando o teto. — Começa quando?

— Na quinta-feira. Amanhã eu tenho que ir para Los Angeles, resolver algumas coisas e... pensei em te ver.

— Amanhã você para cá? — Questiono surpresa.

Mesmo que eu tenha ouvido perfeitamente o que ele disse, eu quero ter uma reafirmação.

— Sim, eu irei.

— E quer me ver?

— Esse é o principal motivo da minha ida para aí, então apenas uni o útil ao agradável.

— Eu sou o útil ou o agradável? — Debocho.

— Ah, na verdade eu queria ter dito o sonho com algo delicioso.

— E qual eu sou?

— Algo delicioso. — Ele responde de imediato. — Eu sinto a sua falta, mas é bom que você esteja longe dos seus pais.

— Eu também sinto a sua falta, mas é maravilhoso estar aqui.

— Enfim você poderá criar voos incríveis.

— E em breve começarei.

— Amanhã eu vou querer saber cada detalhe. — Ele informa.

Me deito no sofá e jogo as minhas pernas sobre o encosto.

— Que horas você chegará aqui?

— Eu vou sair daqui às sete, então até nove e meia eu estou chegando na Central LA, pois eu vou de moto.

— E quando vamos nos ver?

Confesso que estou ansiosa para vê-lo, conversar e saber de tudo que aconteceu nesses últimos dias. É visível que ele ainda sente algo por mim, assim como eu sinto por ele, mas muitas coisas aconteceram e o acordo do término surgiu. Por mais doloroso e triste que tenha sido, foi o melhor, pois a nossa amizade estava se perdendo e as confusões se tornando maiores por causa do meu pai... e por causa do Klaus.

— No início da tarde.

— E nos encontramos aonde?

— Na Little Damage. — Ele responde. — Aliás, eu te pego aí no seu apartamento e nós vamos para lá.

— Eu te mando o endereço por mensagem.

— Não se esqueça, por favor.

— Não irei. — Prometo.

— Então, até amanhã.

— Venha com cuidado.

— Eu sou cuidadoso, Steph.

— Mas não me custa nada pedir isso.

Ele concorda comigo e eu sorrio, sem motivo.

— Estou ansioso para te rever.

— Eu também.

Nos despedimos, aperto o celular contra o meu peito e solto um pequeno suspiro. O nosso namoro era bom, nos gostávamos bastante, aliás, nós ainda nos gostamos e eu sei que a nossa amizade era, e ainda é algo que jamais vamos destruir. O nosso namoro foi destruído pelo o meu pai e pelo

Klaus, mas não destruiu nem um sentimento que sentimos um pelo o outro. Eu me lembro de vários fatos bons do relacionamento, mas me lembro do dobro de acontecimentos ruins. Já fazia quase seis meses que nós estávamos juntos, o ele tinha ido me buscar na escola e fomos direto para a minha casa. Encontramos a minha mãe na cozinha, eu comentei que estava indo muito mal em química e o Luc me ofereceu ajuda na matéria. Então a minha mãe pediu para que fossemos para o meu quarto, pois em breve o meu pai chegaria e iria nos atrapalhar. Como ela nunca se importou se eu ficava sozinha com o meu namorado, se eu ia para a casa dele ou qualquer outra coisa. Ela só pedia para a gente se cuidar e ter responsabilidade.

— Está de tarde ainda, então o seu pai não irá se importar de eu estar aqui. — Luc debochou assim que entramos no meu quarto.

— É um saco isso, a minha mãe não se importa com o que fazemos ou não, pois são as nossas escolhas e conseqüentemente, conseqüências.

— Que frase. — Ele ironizou.

Em seguida se sentou na minha cama e eu fechei a porta do quarto, pois se o meu pai estava para chegar, eu não queria nenhuma interrupção e muito menos alguém atrapalhando o meu estudo. Então eu me sentei na cama, na frente do Luc e retirei o meu caderno da mochila. Expliquei e mostrei tudo para ele, e só depois ele conseguiu me ajudar. A forma como ele me explicava estava tornando tudo mais fácil e mais coerente tudo que tinha sido falado na aula. Só que em poucos minutos tudo começou a desmoronar, porque a porta do meu quarto foi aberta bruscamente e o meu pai estava babando de raiva. Parecia um louco, a fúria o fazia ficar vermelho e eu estava ficando tão furiosa quanto a ele, pois o Klaus estava atrás dele e o seu rosto demonstrava o seu deboche da situação.

— Que merda é essa, Stephany? — O meu pai questionou.

— Senhor Baker... — Luc saiu da minha cama e deu um passo na direção do meu pai. —, não precisa agir dessa forma. Eu estava apenas ajudando a Steph numa matéria que ela está mal. A sua esposa sabe exatamente o que estávamos fazendo e nos aconselhou a irmos para cá, para ter um momento de estudo melhor.

— Ajudando numa matéria? — Ele questionou, mais uma vez.

— Está com dúvidas na matéria sexual, Stephany? — Klaus questionou com ironia.

Naquele momento eu só queria voar em cima dele e socar a sua cara até

eu perder todas as minhas forças, mas eu sabia que era apenas um desejo e que eu jamais conseguiria fazer isso. O olhar do Luc recaiu sobre mim e eu vi que a sua raiva estava começando a surgir. Ele odiava o Klaus, sabia que existia algo de errado nessa preocupação toda e ficava irado com a maldita aproximação que o babaca tentava comigo.

— Vai se foder, seu babaca de merda! Você está fazendo da minha vida um inferno ainda maior do que ele já é, estando nessa casa, convivendo com esse *maravilhoso* pai.

Klaus e o meu pai deram apenas um passo em minha direção, e eu na direção deles, mas o Luc se colocou na minha frente. Eu não tinha medo de enfrentar aqueles babacas.

— Quem você pensa que é para falar comigo dessa forma ou falar do seu pai desse jeito? — Klaus questionou raivoso.

— Eu falo conforme quero!

— Garota... — Ele maneou a cabeça para os lados e deu mais um passo na minha direção.

Naquele mesmo segundo eu vi o Luc cerrar os punhos e demonstrar que estava a ponto de entrar em combate contra o Klaus. Eu sabia que o meu namorado iria me defender a todo custo, ainda mais contra aqueles dois babacas, mas por ajuda dos seus ou seja lá qualquer outra coisa, a minha mãe apareceu e empurrou os dois, para se colocar entre o Luc e o Klaus. O ódio entre os dois era palpável e alguém precisa acalmá-los, pois se dependesse de mim, eu deixaria o babaca ser massacrado.

— Eles estavam estudando e mesmo que não estivessem, vocês, nem um de vocês tinham o direito de invadir aqui. — Minha mãe empurrou o Klaus fortemente e ele deu um passo para trás. — Eles são adultos, namoram há meses e ninguém tem o direito de opinar sobre o que eles fazem.

— Não na minha casa! — O meu pai exclamou alto e apontou um dedo na direção do Luc. — Você está...

— Essa casa é minha. Apenas minha. — Minha mãe o corrigiu.

— Você é mulher, não tem direito de opinar em nada. — Klaus resmungou.

— Voltamos para o século dezoito ou qualquer outro?

Eu já estava farta de tudo aqui, queria explodir naquele segundo e contar das merdas que o Klaus fez, mas eu não tinha coragem de dizer na frente do Luc e ele estava ali querendo manter a tranquilidade.

— Senhor Baker, dê um pouco de confiança na sua filha ou nas minhas palavras, eu estava apenas ajudando a Stephany em química. Pode olhar o caderno dela, analisar cada mínima coisa, merda! — Luc resmungou, cansado daquela situação. — E você, Klaus, não tem o direito de dizer nada. Você não é nada da Steph e se nós, eu e ela, temos que dar alguma explicação é para os senhores Baker.

Por mais omissa que a minha mãe tenha sido em muitos momentos, naquele ela estava disposta a nos proteger e defender de acusações e julgamentos sem sentido. Observei o meu pai caminhar devagar pelo meu quarto, conferiu cada mínima coisa que estava sobre a minha cama e voltou a sua atenção para o Luc, mas antes que falasse qualquer coisa, ele encarou o amigo e isso me fez sorri friamente.

— Nos dê licença, Klaus. — Ele pediu.

— Eu não acho...

Ele tentou falar, mas a minha mãe o empurrou mais uma vez e fechou a porta na cara dele. O meu pai voltou a encarar o meu namorado e cruzou os braços em frente ao corpo.

— Que essa merda não se repita. — Ele ordenou.

— Já chega dessa merda!

— Stephany... — Minha mãe me repreendeu.

— Não o defenda, não acate as decisões dele e nem...

Me calei, pois nesse momento as lágrimas começaram a correr livremente pela minha face e eu já tinha chegado ao meu limite. O meu pai não disse mais nada, apenas saiu do meu quarto e a minha mãe pediu desculpas. Mais uma parte do nosso relacionamento foi quebrada com aquela situação, eu via o fim do nosso relacionamento chegando, mas tentei ao máximo não me afetar com aquilo. Algumas semanas depois, o acidente aconteceu e o meu pai foi parar na cadeira de rodas. Os xingamentos surgiram, os desaforos se tornaram ainda mais frequentes e tudo de ruim de multiplicou. Eu já não tinha mais o meu pai no meu pé, então o Klaus se tornou um carma e pesou ainda mais no meu namoro.

— Não está dando mais, Stephany. — Luc murmurou.

Ele estava na janela do quarto, olhando para a rua e a sua voz estava carregada de tristeza. E eu deitada na cama, encarando o teto. Não estávamos na minha casa, e sim na dele e eu amava ficar lá, pois via o que era família e ser amada. Eu era muito amada pelo Luc, mas o nosso namoro estava

desgastado e eu não queria que acontecesse a mesma coisa com a nossa amizade.

— Eu sei que está complicado.

— Por que o Klaus age daquele jeito?

— E-eu não sei. — Murmurei.

— Você precisa me contar a verdade.

Ouvi ele caminhar pelo quarto, em seguida ele se deitou na minha cama e me observou com atenção.

— Não há verdade.

— Olha para mim.... — Ele pediu e então eu o olhei. —, e confie em mim.

— Luc...

— Você está enxergando o mesmo que eu, vê que o nosso namoro está arruinado por causa dos últimos acontecimentos e eu não quero que a nossa amizade vá para o mesmo lugar. — Ele declarou carregando um olhar triste.

— Eu também não quero.

— Então você acha o mesmo que eu?

Eu tinha medo da sua resposta, mas ao mesmo tempo, tinha que encará-la.

— Eu não quero pensar nisso.

Encostei a cabeça em seu peito e chorei baixinho. O fim estava ali, diante da nossa cara, mas nós não queríamos aquilo.

— É o melhor para nós, mesmo que doa. — Ele sussurrou.

— Eu sei.

Afasto essas lembranças, passo as mãos em meu rosto e seco as minhas lágrimas. É melhor eu ir dormir, do que ficar pensando e lembrando nessas coisas que me entristecem. Pego o meu celular sobre o meu peito, me levanto do sofá e vou rumo ao meu quarto. Eu só queria apegar todas essas lembranças, viver como se eu não tivesse passado por essas merdas todas, mas como isso não é possível, eu apenas tenho que tentar que tudo aquilo já não me domina mais.

[...]

Não dormi muito bem durante a noite e no início da manhã, uma cólica terrível me dominou. Oliver ficou desesperado quando soube que eu não

estava muito bem, queria ligar para a emergência ou me levar para o hospital, mas eu consegui acalmá-lo e pedi para ele ir comprar um remédio. E por ele estar muito preocupado comigo, não foi trabalhar, mas está fazendo isso daqui do apartamento. Eu já me sinto um pouco melhor e daqui e pouco irei encontrar o Luc. Por sorte, a dor já passou e ela não irá estragar a minha tarde. Ainda não avisei ao Oliver que eu vou sair, sei que ele irá implicar, mesmo assim eu já estou devidamente arrumada.

Vesti uma calça vermelha com linhas horizontais na cor preta, ela é cintura alta e tem botões pratas de enfeite. Um top com pequenos tecidos rendados e uma camiseta de tule com pequenas gotas brancas em manga longa. Fiz uma maquiagem bem suave e deixei metade do meu cabelo preso no alto da minha cabeça, as pontas estão onduladas e alguns fios soltos na frente do meu rosto. Sento-me em minha cama, calço a minha bota preta e solto um pequeno suspiro. Estou um pouco nervosa com a possível reação do Oliver, não quero mentir, mas também não quero ouvir bobagens ao dizer que eu irei sair com o meu ex-namorado.

— Steph... — Ouço o Oliver me chamar e em seguida ele entra no meu quarto. —, aonde você vai?

— Na Little Damage.

— Você está melhor para sair? — Ele questiona preocupado.

— Estou.

— Você quer que eu te leve?

— Não é preciso. — Nego. — E você, o que veio falar comigo?

— Eu vim avisar que vou dar uma saída, vou até a agência

Apenas aceno e termino de fechar o zíper da minha bota. Ele não me perguntou com quem eu vou sair, então não tem a necessidade de eu tocar em um assunto que pode fazer o clima pesar. Sinto o meu celular vibrar e vejo que é uma mensagem do Luc avisando que ele já está lá embaixo. Estico a minha mão na direção do Oliver e ele franze o cenho.

— Preciso de dinheiro.

Ele enfia a mão no bolso e pega uma nota de cinquenta dólares, mas antes de me entregar, ele me encarar silenciosamente.

— Com quem você vai sair?

Solto um longo suspiro e tento pegar a nota, mas ele não deixa.

— Eu vou sair com o Luc.

— Quem é Luc? — Ele questiona enciumado.

— O meu ex-namorado.

— E o que ele está fazendo aqui?

— Ele veio resolver algumas coisas e me convidou para sair. —
Informo e enfim pego o dinheiro. — E somos bons amigos.

— E ele virá te buscar?

— Ele já está lá embaixo me esperando.

O meu irmão solta um pequeno suspiro e sai do meu quarto. Guardo o dinheiro dentro da capinha do meu celular, o coloco no meu bolso e saio do quarto. Aceno para a Ay, que está sentada no sofá, percebo que o Oliver está me esperando na porta do apartamento e eu fico um pouco receosa. Ele nunca conheceu o Luc e isso irá acontecer hoje, isso eu tenho certeza. Saímos do apartamento, eu cruzo os meus braços em frente ao corpo e vamos rumo ao elevador. Ele está quieto, eu também, mas por dentro estou inquieta. Não sei o que pode acontecer dentro de alguns segundos. Oliver cumprimenta o porteiro assim que as portas se abrem, saímos do prédio e eu sorrio. Luc está encostado em sua moto, a sua atenção fixa no celular em suas mãos e de repente, o seu olhar encontra o meu.

— Vamos lá, conhecer esse tal de Luc. — Oliver murmura.

— Ei...

Antes que eu possa falar, ele sai andando na direção do meu ex-namorado e eu o sigo.

— Então você é o Luc? — Oliver questiona.

— Sim e você deve ser o Oliver, irmão da Steph.

Luc estica a mão e cumprimenta o Oliver.

— E vocês vão aonde? — Ele questiona.

— Para de ser babaca, Oliver. — Resmungo.

— Stephany...

O ignoro e abraço o Luc. Eu estava louca de saudade dele e o seu abraço me traz muito conforto, além de sentimentos. Nos separamos, aceno para o Oliver e coloco o capacete. Ele dá um passo na minha direção, acaricia o meu ombro e me dá um pequeno sorriso.

— Tenha cuidado e volte logo.

— Mais alguma recomendação, Baker? — Questiono.

— Chega de ironias, Baker. — Ele resmunga divertido e aperta novamente a mão do Luc. — Cuide da minha irmã.

Sem dizer mais nada e nem esperar nenhuma palavra nossa, ele vai

rumo ao estacionamento aonde o seu carro está. Luc sobe na moto, eu atrás dele e seguro em sua cintura. Ele continua forte, simpático e lindo. Aproximo o meu rosto do seu pescoço, inalo o seu perfume e me colo ainda mais em seu corpo. Ele está pilotando numa velocidade razoável, de forma segura e calma, pois é necessário ter muito cuidado nessa avenida. Em pouco minutos já estamos estacionando na frente da Little Damage, eu desço da moto e retiro o meu capacete. Enquanto arrumo o meu cabelo e espero o Luc, um carro caríssimo que está estacionado ao lado chama a minha atenção.

— Isso aqui vale mais do que sete rins. — Luc ironiza.

— Lindo e caro. — Comento.

— É um Bugatti Chiron.

— Até o nome é chique.

Ele ri e acena concordando comigo. Entramos na sorveteria, ele segura em minha mão e nos guia pelo ambiente. Nos sentamos numa mesa vazia bem no centro do ambiente, ao lado esquerdo tem dois adolescentes e na mesa ao lado direito tem um casal. Luc está na minha frente, com o olhar fixo no cardápio e eu pego o outro. Leio cada uma das opções, mas me distraio ao ouvir o vibrar de um celular. Olho para a mesa ao lado direito e me surpreendo ao ver que é o Eduard Lewis... e ele está acompanhado por uma mulher loura. O que a Ayla comentou na noite anterior volta à tona em minha mente e eu tenho quase certeza de que ela estava certa; ele tem alguém. O olhar da mulher encontra o meu, eu fico envergonhada por ter sido flagrada e desvio o olhar.

— O que você vai querer? — Luc me pergunta.

— Baker... — Ouço o Eduard me chamar e eu olho em sua direção.

— Oi Lewis. — O cumprimento e olho para o Luc. — Almond charcoal.

— Eu vou lá pedir.

Ele se levanta da mesa, direciona um olhar sério na direção do Eduard e vai rumo ao balcão. Percebo que eu ainda estou sendo observada e eu sei exatamente por quem é. Olho para o lado direito e arqueio uma sobrancelha.

— Quer falar comigo? — Questiono.

Ele se inclina em minha direção e eu fico receosa com essa aproximação, pois desde o início ele se mostrou ser mais na dele e não gostar de ser próximo a ninguém, a não ser com a irmã dele.

— Teve problemas com o seu irmão ontem?

Não entendi a sua pergunta. Olho rapidamente para a moça loura, ela está me encarando de uma forma fulminante e eu a ignoro, ao voltar a minha atenção para o Eduard.

— Por que eu teria?

— Porque ele não gostou nem um pouco de ver você falando comigo.

— Ah, isso? Eu resolvi. — Informo me lembrando da resposta do meu irmão sobre ele não gostar do Lewis. — Por que vocês não se dão bem?

— Eu não tenho nada contra o seu irmão, já ele contra mim... — Eduard dá de ombros e volta para o seu lugar. — Quer mais alguma coisa, Maire?

— Ir embora. — Ela responde e sorri cinicamente para mim. — Temos compromissos.

— Bem lembrado.

Eduard solta um longo suspiro, acena concordando com ela e se levanta.

— Eu vou na toalete rapidinho. — Ela informa.

Se inclina na direção dele, dá um beijo suave em seus lábios e sai andando. Olho na direção do balcão e vejo que o Luc está esperando os pedidos. Me surpreendo quando o Eduard se apoia em minha mesa, olha para mim e sorri suavemente.

— Está bonita. — Elogio-a. — Mesmo que esteja um pouco pálida.

— Não acordei muito bem hoje, mas... obrigada pelo elogio. — Agradeço e sorrio cinicamente em seguida. — É sua namorada?

— É seu namorado? — Ele rebate.

Antes que eu possa abrir a minha boca para responder, o Luc volta para a mesa e se senta ao meu lado. Ele me entrega o meu pedido, eu agradeço ao lhe dar um sorriso e olho novamente para o Eduard, que continua no mesmo lugar.

— Eu sou o Luc, um amigo da Stephany — Luc estica a mão.

— Eduard Lewis. — Ele responde ao apertar a mão.

— Vocês se conhecem de aonde? — Luc questiona.

— Eduard é irmão da Emily, namorada do Dominic que é cunhado do meu irmão.

— E sou dono do *Fight*, o lugar aonde o irmão dela é lutador. — Ele responde.

— Eu já ouvi falar de vocês, os Lewis, ou melhor, muitas pessoas já

ouviram. — Luc comenta.

— Infelizmente por algo que não é agradável. — Ele murmura.

— Eduard... — Uma voz feminina e suave chama a nossa atenção. —, nós já podemos ir.

Ele acena com a cabeça para nós e sai andando. A moça me encara pela última vez, revira os olhos e vai atrás do Eduard. Eu estou muito louca ou ela ficou enciumada? Eu não tenho absolutamente nada com o Eduard, eu apenas o conheço, ou melhor estou o conhecendo e quero uma amizade, pois eu sei que ele pode me ajudar muito em minha formação acadêmica. Apenas isso e nada mais. Afasto qualquer coisa da minha mente e volto a minha atenção para o Luc.

— Me conta como estão as coisas. — Peço.

— Tranquilas e animada. — Ele responde. — Estou bem animado com o emprego.

— E eu feliz por você.

Ele sorri e acaricia a minha bochecha.

— E você, quando vai começar a faculdade?

— Em breve. Eu preferi esperar um pouco para me organizar e para o meu irmão fazer a mesma coisa.

— Está sendo bom morar com ele?

— Maravilhoso e agora eu já não carrego um peso nas costas, e sim um alívio por estar longe de *lá*, mas fico muito preocupada com a minha mãe.

— Ela está bem, eu a vi ontem.

— Eu queria muito que ela acordasse e visse que tem que sair daquela situação.

— Ela ama muito o seu pai, por mais babaca que ele seja.

— Muitos adjetivos podem serem dados a ele e ao... Klaus.

— Vamos mudar de assunto, isso te deixa muito irritada e não viemos aqui para isso.

— Não mesmo. — Concordo ao lhe dar um sorriso.

— Sinto a sua falta, sei que aqui é o melhor para você... e agora, com o meu emprego será ainda mais complicado de nos vermos.

— Eu já pensei exatamente nisso, mas espero que isso não se torne frequente.

— E quando você for para Santa Maria me procure.

— Com certeza eu irei... será a primeira coisa que eu vou fazer.

Luc sorri e se inclina na minha direção. Eu fecho os olhos, o sinto se aproximar ainda mais e enfim os nossos lábios se tocam. Subo as minhas mãos pelos seus braços fortes e as paro em seus ombros. Ele me segura pela cintura e mantém o controle do nosso beijo. Se ele morasse aqui em Los Angeles, o nosso namoro poderia dar certo, pois aqui não existiria nada e nem ninguém para nos atrapalhar. Só que eu não quero e jamais iria aceitar que ele renunciasse à sua vida, para tentar algo incerto aqui. Ele já tem praticamente uma vida feita em Santa Maria e assim que deve ser. O nosso beijo é finalizado com diversos selinhos e eu sorrio tímida. Voltamos a conversar e ele começa a me contar como está a sua faculdade e como foi a sua conquista no novo emprego. Ouço tudo com muita atenção, e conto como foram os últimos dias. Risadas, conselhos, novidades e conversas a fim é o que nos cerca durante os três sorvetes que tomamos. Ele olha no relógio em seu pulso e solta um suspiro.

— Temos que ir. — Ele informa cabisbaixo.

— Já? — Questiono com um bico nos lábios.

— Infelizmente.

Luc se inclina novamente em minha direção, limpa o canto com a minha boca com o seu polegar e prende o seu olhar no meu. Sinto o meu peito se afundar e o meu coração ser apertado.

— O que foi?

— Eu vou sentir a sua falta... ainda mais.

Sorrio com as suas palavras e o abraço. Ele é o meu ex-namorado, mas é o meu melhor amigo. Luc deposita um beijo na curva do meu pescoço, nos separamos e vamos rumo ao balcão. Eu insisto para dividimos a conta, mas ele não aceita e paga tudo sozinho. Em seguida saímos, eu coloco o capacete e subo na moto, antes de voltar a agarrá-lo. Sei que vamos nos ver em breve, pois mês que vem é ação de graças e o Oliver vai nos levar para a casa dos nossos pais. O ruim de estar lá é de ter que conviver – mesmo que seja por algumas horas – com o Mark e Klaus, a dupla de tóxica.

[...]

CAPITULO CINCO

Pegue minha mão, estou me afogando

Eu sinto meu coração batendo

[...]

Traumas, eles me cercam

[...]

Os vejo rir de todos os meus segredos

Grito e grito, mas sinto-me sem palavras

NF – Trauma

Eduard Lewis

Assopro o café fumegante em minha caneca, observo alguns passarinhos voando sobre deque da piscina e respiro fundo. Acordei cedo, como de costume, ou melhor, dormi pouco e fiquei horas no porão. Nesses longos meses que ficamos em Solvang, eu sentia muita falta de lutar e agora, estando de volta a Los Angeles e ao mundo da luta, eu quero me dedicar cem por cento. É como eu disse para o Dominic, eu não vou desistir de lutar com os tais 5M. Só que, muito antes disso, eu e a Emily precisamos investigar o *Fight*. Estou desconfiado que o Anthony esteja roubando o dinheiro da bilheteria e dos lutadores, mas como eu não tenho provas, eu não posso acusá-lo, por enquanto.

— Senhor Lewis... — Ouço a Lisa me chamar e eu solto um pequeno suspiro. —, a entrevista acontecerá na sala de estar?

— Sim.

Giro o meu corpo sobre os calcanhares e a olho.

— Eu vou pedir para as meninas arrumarem...

— Fique responsável pela verificação, por favor. — Peço.

— Sim, senhor.

Bebo um longo gole do meu café e me distraio ao ouvir passos de lados diferentes. Olho para trás, especificamente para o deque e vejo o Flynn vindo em minha direção. Olho para o meu lado direito e vejo a Maire entrando na cozinha. Não dormimos juntos e eu nem gosto de dormir com alguém. Nós transamos e eu só fui para o meu quarto depois que ela dormiu.

— Bom dia, senhorita Lincoln. — Lisa a cumprimenta.

— Bom dia... — Maire sorri suavemente e olha para mim.

Em seu corpo tem um vestido justo de cor preta, as mangas são longas e o cumprimento é dois palmos acima dos seus joelhos. O seu cabelo está solto, totalmente liso e um pouco de maquiagem em seu rosto. Talvez ela vá sair, aliás, ela tem que sair, eu não a quero aqui durante a entrevista.

— Senhor Lewis... — Flynn me chama e eu o encaro.

— Algum problema?

— Podemos ter uma rápida conversa?

Aceno concordando, aponto para a sala de estar e ele vai naquela direção. Coloco a minha caneca sobre o balcão, me aproximo da Maire e

retiro uma pequena mexa de cabelo do seu rosto.

— Está tudo bem? — Ela me questiona. — Eu vi você saindo...

— Estou bem. — Respondo ignorando o restante da sua frase. — A mesa do café da manhã está posta na sala de jantar.

— Você já comeu?

— Não, estava te esperando, mas eu vou ter que ir conversar com o Flynn... então eu te encontro lá.

— Tudo bem.

Ela apoia as mãos em meu tórax, fica nas pontas dos pés e me dá um beijo suave, me surpreendendo. Peço para a Lisa acompanhar a Maire e eu vou rumo a sala de estar. Flynn está parado no meio do ambiente, as mãos atrás de suas costas e pose ereta. A sua pose me lembra o Dylan e isso também me faz lembrar que eu tenho que ligar para ele. Me sento no braço do sofá e lhe dou um pouco de atenção.

— Lisa me informou que algumas pessoas virão aqui para fazer uma entrevista....

— Sim. — Resmungo ao interrompê-lo. — Aquela vaca da Candice está louca para fuçar na minha vida e na da Emily.

— Se ela não conseguisse, algum outro tentaria.

— Sabemos disso e foi exatamente por isso que a Emily aceitou.

Ele acena concordando.

— Eu vou deixar todos avisado e de prontidão.

— De uma forma sutil.

— Sim, senhor. — Ele concorda. — E como será o dia hoje? Pretende sair? E a senhorita Lincoln?

Toda manhã eu preciso avisá-los para deixar tudo muito organizado e sem nenhuma surpresa, principalmente com a Maire aqui.

— Daqui a pouco eu te aviso, ainda vou perguntar para a Maire.

Mais uma vez ele acena concordando, pede licença e vai rumo a sala dos seguranças. Enfio os dedos nos fios do meu cabelo e solto um longo suspiro. Eu ainda não aceitei muito bem a decisão da Emily, mas eu sei que ela está certa ao aceitar e somente assim poderemos seguir a nossa vida em paz. Eu ainda não tive tempo de organizar a minha vida, me refiro à minha volta aos estudos e fincar os dois pés no mundo das lutas. Além de eu querer a voltar a faculdade de medicina, eu quero ser um bom lutador e ser dono do *Fight*. Eu vou tirar o Anthony daquele comando, custe o que custar. Bato as

mãos nos joelhos e vou rumo a sala de jantar. Maire já está comendo, Lisa está servindo um copo de suco para ela e eu me sento na ponta da mesa, chamando a atenção delas. Vejo que a Maire está comendo apenas um *french toast* com manteiga e mel.

— Café, senhor Lewis? — Lisa pergunta.

— Por favor.

Ela me serve uma xícara e se afasta após colocar um prato na minha frente. Todas manhãs a Lisa faz para mim panquecas com *maple syrup*, eu lhe dou um sorriso agradeço e percebo a surpresa em seu olhar. Ela ainda não está acostumada com o novo *Eduard*, um rapaz mais calmo e gentil. Maire levanta o olhar para mim e me observa em silêncio. Eu sei que ela está intrigada por eu ter saído do seu quarto no meio da madrugada, e quer questionar o porquê da minha atitude. Aliás, foi uma atitude normal, pois eu não durmo com ninguém e espero que ela não tenha pensando que iríamos ficar juntos. Dormir com alguém é algo muito íntimo e eu avisei a ela que não posso oferecer nada além de sexo casual.

— As panquecas estão conforme o seu gosto, senhor Lewis? — Lisa me pergunta.

A olho e aceno suavemente. O olhar da Maire ainda está sobre mim e eu fico incomodado com isso, mas resolvo ignorá-la.

— Estão maravilhosas como sempre, Lisa.

Ela sorri com o meu elogio e olha rapidamente para a Maire, antes de volta a sua atenção para mim.

— O senhor irá almoçar em casa?

— Não, eu tenho alguns compromissos, mas volto no início da tarde por causa daquele compromisso. — Informo e olho para a minha hóspede. — O que você irá fazer hoje, Maire?

— Tenho um apartamento para ir ver e...

Ela se cala ao abaixar o olhar.

— E o que, Maire?

Ela volta a me olhar e encolhe os ombros.

— Talvez você pudesse me levar para conhecer alguns lugares.

Fico surpreso com o seu pedido e penso seriamente nele. Eu posso fazer isso, não vai me custar nada e será uma boa distração ir em alguns lugares antes da maldita entrevista.

— Eu te levo... aonde você quiser ir.

— Sério? — Ela questiona surpresa

— Que mal tem?! — Dou de ombros. — Daqui e pouco saímos, depois que eu avisar o Torres.

— Tudo bem.

A entrevista volta a tomar conta da minha mente e eu solto um longo suspiro.

— Que horas você vai ir ver o apartamento?

— No início da tarde, por quê?

— Preciso que você fique fora daqui por um curto período.

— Por quê? — Ela questiona assusta. — Fiz algo de errado?

— Não. — Nego de imediato. — Hoje à tarde uma repórter vai vir nos entrevistar, Emily e eu, e é melhor você não estar aqui. Ela está afoita por informações e quero manter a maior privacidade possível.

— Entendo e você faz certo em querer manter a privacidade.

— Ela sabe do pequeno Turner? — Lisa pergunta suavemente.

— Ainda não, eu acho.

— Ela ficará ainda mais curiosa para saber sobre a história.

— A cada segundo eu odeio ainda mais essa entrevista. — Resmungo.

O silêncio se instala, termino de tomar o meu café da manhã e saio da mesa após pedir licença. Vou rumo ao meu quarto, pego o meu celular sobre a minha cama e me sento na poltrona perto da varanda. Me sinto um pouco estranho, é como se algo tivesse me sugando, retirando a minha energia e eu não entendo o porquê disso. Apoio os meus cotovelos nos joelhos, enfio os meus dedos entre os fios do meu cabelo e fecho os meus olhos. Eu não posso mergulhar nesse mar negro de lembranças.

— Ed... — Ouço a Maire me chamar, mas não me movo nem um centímetro. —, me desculpe. Eu volto depois.

— Pode entrar, Maire Ellen.

— Você me deixa assustada quando me chama assim. — Ela sussurra.

Levanto a minha cabeça e sorrio suavemente. Maire anda na minha direção, passa por mim e vai até a varanda. Ela se encosta na sacada, empina a bunda na minha direção e olha para o céu. Não sei se é proposital ou não essa sua atitude. Eu sei que ela está intrigada com a minha atitude, mas está tentando não demonstrar.

— Ei... — Chamo-a e ela me olha por cima do seu ombro. —, que tal você vir aqui...

— Para que? Nós não vamos sair? — Ela questiona.

— Vamos, mas só depois. — Abro os meus braços e vejo um pequeno sorriso no canto da sua boca. — Vem aqui agora, Maire Ellen.

Ela anda na minha direção calmamente, mesmo sabendo que foi uma ordem. Assim que ela está próxima o suficiente, subo as minhas mãos por suas pernas nuas, chego em suas coxas e adentro por debaixo do fino vestido. A sua pele se arrepia com o meu toque, as suas pernas se abrem e elas apoias as mãos em meus ombros. Continuo a percorrer as minhas mãos pelo seu corpo, as pontas dos meus dedos tocam o tecido da sua calcinha e pressiono suavemente o seu clitóris.

— Por que você veio para cá? — Ela me questiona.

— Porque aqui é o meu quarto.

— Estou falando da sua vinda na madrugada.

Paro os meus movimentos e a encaro.

— Porque aqui é o meu quarto. — Repito. — Eu não durmo com ninguém. Nunca gostei de dormir na mesma cama que outra pessoa.

— Nunca?

— Nunca.

A única pessoa com quem eu dividia a mesma cama quando eu ia dormir era com a Morgan e eram em situações extremas, apenas quando eu estava muito cansado e dormia antes dela. Sinto o meu celular vibrar no meu bolso, retiro as minhas mãos do corpo da Maire e pego o aparelho. É apenas uma mensagem do Torres avisando que está tudo em ordem e que nós podemos sair numa boa. Me levanto da poltrona, vou rumo a porta do meu quarto e a Maire me segue. Ela vai rumo ao seu quarto para pegar a sua bolsa e eu desço para o primeiro andar. Vejo as empregadas arrumando a sala de estar, a Lisa está monitorando e trocando as flores dos vasos. Encontro o Torres diante da pequena fonte na frente da casa, ele vem na minha direção e me cumprimenta.

— Tudo em ordem, senhor. — Ele informa novamente.

— É bom que esteja assim.

— Flynn avisou que possivelmente o senhor iria sair...

— Sim, eu vou sair com a Maire, mas eu volto no início da tarde.

— Sim, senhor. E ele também me avisou de entrevista.

— Aquela vaca está louca por informações. — Rosno irritado.

— Todos os jornalistas estão dessa forma.

Concordo com ele e solto um longo suspiro. Se essa merda der errado, será culpa da Emily e ela terá que concertar as coisas. Torres arqueia uma sobancelha ao olhar para trás de mim, em seguida sinto uma mão em meu ombro e a Maire para ao meu lado. Passo o meu braço por sua cintura, aceno para o Torres e vou rumo a garagem. Olho para cada um dos meus carros e escolho o Bugatti Chiron. Abro a porta no lado do passageiro, ela sorri agradecendo e se senta no banco. Dou a volta, entro no lado do motorista e coloco o cinto. Maire me pediu apenas para eu levá-la para conhecer algum lugar, não me disse exatamente aonde e eu não sei ao certo por aonde podemos começar esse tour. Penso um pouco e saio devagar da propriedade.

— Podemos ir ao Observatório Griffith e depois ao Sinal de Hollywood.

— Então vamos lá, bonitão.

Reviro os olhos debochando da sua frase e acelero indo rumo ao nosso destino. Maire conecta o seu celular ao sistema do meu carro, uma música suave e baixa sai dos alto falantes e eu percebo que é apenas algo instrumental. Bato os meus dedos no volante no mesmo ritmo, mas mantenho a minha atenção no trânsito. Dou a seta para virar à esquerda, mas paro no sinal vermelho. Olho para a Maire, a percebo inerte em seus pensamentos e com a atenção fixa em seu celular. Maneio a cabeça para os lados e olho para as pessoas que andam pelas calçadas. Isso me faz lembrar do dia que eu vi a Morgan. Aliás, o nome dela nem é esse de verdade e sim a junção de todos os nomes que ela carrega; Melanie Otília Rivera Gray Aguirre Nash. Só que, como é um nome gigante e desde o início sempre foi difícil gravar todos eles, ela fez a junção das primeiras letras dando um bom resultado e o usa como nome artístico, um pseudônimo. Ouço uma buzina atrás de mim, percebo que o semáforo já está verde e então eu acelero.

[...]

— Aqui é incrível. — Maire comenta.

Estamos na Little Damage e daqui a pouco eu vou deixá-la no seu compromisso, antes de eu voltar para casa e enfrentar a maldita entrevista. Nós já fomos aos dois lugares que eu sugeri, e ela me pediu para virmos aqui. Já ouvi ela contando trilhões de histórias e eu as ouvi com atenção. Por mais que eu não goste de conversar muito, eu não me importo ao ouvir o que as

pessoas estão a fim de dizer. Cruzo os meus braços em frente ao corpo, olho na direção do meu carro e franzo o meu cenho. Stephany acabou de descer de uma moto e está conversando com um rapaz. Os dois parecem muito próximos... íntimos e eu não imagino que ele seja namorado dela, pois o Oliver é muito ciumento com as irmãs. Ouço a Maire me chamar e eu a olho.

— O que você falou?

— Eu perguntei, se você tem certeza de que não quer sorvete?

— Não quero, não. — Nego.

O meu celular vibra sobre a mesa, eu o pego e vejo de relance a Maire olhando para a mesa ao nosso lado. Eu sei exatamente quem está sentada bem aqui ao lado. Respiro fundo e abro a mensagem da minha irmã.

“Daqui a pouco eu estou aí.

Já está tudo devidamente arrumado?”

A cada minuto que se passa e a entrevista se aproxima, eu fico apreensivo. Sei que a Candice perguntará sobre o James e tudo o que aconteceu, e eu venho lutando contra isso, para não me permitir me mergulhar de volta naquele mar de lembranças.

*“Eu não estou em casa, mas a
Lisa estava organizando tudo quando eu saí.”*

Coloco o meu celular de volta sobre a mesa e olho para o meu lado.

— Baker... — Chamo-a e ela me olha.

— Oi Lewis. — Ela me cumprimenta e volta a sua atenção para o seu amigo. — Almond charcoal.

— Está bem, eu vou lá pedir. — Ele informa.

O seu olhar encontra o meu, eu o encaro e ele vai rumo ao balcão. Stephany volta a me olhar e arqueia uma sobrancelha. Ontem ela estava cheia de assunto para o meu lado e hoje está marrenta. Eu espero que não tenha arrumado problemas com o Baker por ter sido flagrada conversando comigo.

— Quer falar comigo? — Stephany questiona.

Me inclino em sua direção e a percebo ficar receosa.

— Teve problemas com o seu irmão ontem?

Ela franze o cenho por causa da minha pergunta e olha para a Maire,

que com certeza está a encarando.

— Por que eu teria? — Ela questiona ao voltar a me olhar.

— Porque ele não gostou nem um pouco de ver você falando comigo.

— Ah, isso? Eu resolvi. — Ela informa. — Por que vocês não se dão bem?

— Eu não tenho nada contra o seu irmão, já ele contra mim... — Dou de ombros e volto para o meu lugar. — Quer mais alguma coisa, Maire?

— Ir embora. — Ela responde e sorri cinicamente para a Stephany. — Temos compromissos.

— Bem lembrado.

Solto um longo suspiro, aceno concordando com ela e me levanta.

— Eu vou na toalete rapidinho. — Ela me informa.

Sem que eu espere, ela se inclina na minha direção, me dá um beijo suave e sai andando rebolando. Eu sei exatamente o porquê da sua atitude e reconheço muito bem o que significa. Maire está marcando território e não gostou da minha aproximação com a Stephany. Me apoio sobre a sua mesa, ela prende o seu olhar no meu e eu sorrio suavemente. Há segundos eu disse que não sou muito de conversar, mas gosto de falar com a Baker. Existe tristeza no seu olhar e eu sinto que podemos ter muito em comum.

— Está bonita. — Elogio-a. — Mesmo que esteja um pouco pálida.

— Não acordei muito bem hoje, mas... obrigada pelo elogio. — Ela agradece e sorri cinicamente. — É sua namorada?

— É seu namorado?

Se ela quer saber da minha vida, eu também irei questionar sobre a sua. Percebo que o rapaz está de volta, ele entrega o sorvete da Stephany e volta a olhar para mim. Ele não está gostando da minha presença e eu não estou me importando.

— Eu sou o Luc, um amigo da Stephany — Ele me estica a sua mão.

Aperto a sua mão.

— Eduard Lewis.

— Vocês se conhecem de aonde? — Ele questiona.

— Eduard é irmão da Emily, namorada do Dominic que é cunhado do meu irmão. — Stephany responde.

— E sou dono do *Fight*, o lugar aonde o irmão dela é lutador.

— Eu já ouvi falar de vocês, os Lewis, ou melhor, muitas pessoas já ouviram. — Ele comenta.

— Infelizmente por algo que não é agradável. — Murmuro.

E os comentários nas bocas das pessoas irão aumentar após a entrevista.

— Eduard... — Ouço a Maire me chamar e eu a olho. —, nós já podemos ir.

Direciono um aceno para o casal e saio andando. Maire não me segue de imediato e eu sei exatamente que o ela está fazendo. Em segundos ela agarra o meu braço e deita a cabeça em meu ombro. Prefiro não comentar nada e nem brigar com ela sobre a sua atitude, mas no fundo ela sabe que está errada, principalmente por não termos nada. Isso inclui sem cobranças, sem ciúmes e sem marcação de território. Entramos no meu carro e eu sigo para o endereço do seu compromisso. O apartamento que irá ver fica em Eats Hollywood e pelas fotos que ela me mostrou, é um bom lugar, mas antes dela escolher um lugar definitivo, ela irá ver mais dois apartamentos, mas isso não será hoje.

— Depois que você sair do apartamento, pega um táxi.

Paro o carro na frente do prédio, enfio a mão no bolso da minha calça e entrego alguns dólares para ela.

— Mas como eu vou saber que a jornalista não está lá?

— Um dos seguranças irá te auxiliar se elas estiverem lá ainda.

— Tudo bem. — Ela concorda e se inclina na minha direção. — Obrigada.

— Qualquer coisa, me ligue.

Seguro em sua mão e beijo o dorso. Ela desce do carro e eu acelero rumo a mansão. Estou com a sensação de que a Maire esteja vendo um possível romance entre nós, e se isso for verdade, eu tenho que cortar o mais rápido. Não sei o que aconteceu para fazê-la pensar nisso, mas não é algo alcançável. Talvez por ela estar convivendo muito comigo, estamos morando debaixo do mesmo teto e isso pode estar levando as coisas a um patamar maior, não ao meu desejo pelo menos. Aperto as minhas mãos ao redor do volante, piso mais fundo no acelerador e ignoro tudo ao redor, mesmo que a maldita possibilidade sobre a Maire ainda esteja em minha mente. Eu nunca fui de gostar de namorar, me refiro a algo mais sério, não por querer sair por aí beijando ou transando com qualquer outra mulher, mas por apenas não querer envolver ninguém na maldita vida que eu tinha.

Hoje eu já não tenho mais aquela vida, mas não quero ninguém

comigo, pois não me sinto preparado para algo dessa forma. Irei beijar e transar com quem eu desejar, mas nada além disso. Morgan, ou como eu sempre gostei de chamá-la; Melanie, foi a única que entrou em minha vida de forma mais séria e aquela que me fez ter vontade de largar tudo, além de enfrentar o meu pai. Ela sabia que o meu pai era da máfia de Los Angeles, sabia do que ele fazia e do que eu sofria, e com tudo isso, ela o odiava ao extremo. Tentou me ajudar por diversas vezes, mas nunca conseguimos algo para acabar com tudo aquilo e muito menos para eu sair daquele inferno. Eu não iria sem a minha mãe e irmã, então a cada dia que eu passava dentro daquela casa, eu sentia a podridão se apossar de mim e com isso eu via a minha namorada se afastar cada vez mais.

Desde quando nos separamos, nunca mais conversamos e eu conversaria com ela tranquilamente se a gente se encontrasse. Aliás, eu quero encontrá-la, sei que temos muitas coisas a conversar e eu ainda tenho um grande carinho por ela. Tenho boas lembranças guardadas em minha mente e um pouco de saudade, mas não sinto mais amor e nem paixão por ela. O melhor para ambos os lados foi a Morgan ter mudado de estado e ter ido construir a sua carreira. O desejo de encontrá-la se torna maior, só que eu não tenho o número dela e nem de ninguém próximo a ela. Perdi o contato com a sua família inteira, faz anos que eu não vejo nem um deles e então só me resta esperar uma ajuda do destino. Solto um longo suspiro, passo pelos portões da mansão e estaciono em frente a porta. Desço do carro, Ian caminha na minha direção despreocupadamente e eu lhe entrego a chave.

— Coloca na garagem para mim. — Peço me referindo ao meu carro.

— Sim, senhor Lewis.

Dou um tapa em seu ombro e entro em casa. Observo a sala de estar devidamente arrumada, as portas que dão acesso a piscina e a área verde da propriedade estão abertas, deixando a vista linda amostra. Ouço passos – por mais suaves que sejam – e eu sei exatamente quem é. Lisa me direciona um pequeno sorriso e fica em silêncio. Eu devo ter demonstrado em algum momento que as suas falas e comunicados seguidos estavam me incomodando muito.

— Tudo certo, Lisa?

— Sim, senhor.

— E... não tem nada a me dizer?

— Eu não quero incomodar, principalmente antes da entrevista.

— Nada mais pode me incomodar mais do que essa entrevista. — Resmungo.

Me encosto ao corrimão da escada e fixo a minha atenção na Lisa.

— A Senhora Evans ligou...

— O que ela queria? — Questiono ao revirar os olhos.

— Saber do senhor, também reclamou do seu sumiço.

— Que saco.

Lisa encolhe os ombros sem saber o que falar sobre esse assunto e olha ao redor, analisando a arrumação.

— Deseja algo, senhor Lewis?

Nego ao balançar a cabeça e volto a pensar em como eu posso encontrar a minha ex-namorada. Mesmo que eu conte a Emily sobre o meu desejo, ela não poderá me ajudar, pois nunca foi de ter muita intimidade com a Morgan. Olho para a Lisa e percebo que ela está me observa atentamente. Ela é a única que eu posso conversar, mesmo que eu nunca tenha tido o costume de fazer isso além disso, ela me lembra a minha mãe. Me refiro à sua forma de falar, aconselhar e observar.

— Podemos conversar, Lisa? — Questiono, a surpreendendo.

— Sim, senhor.

Subo a escada, a fazendo me seguir e eu me sento no sofá, ao lado da janela. Observo o Torres ir rumo a quadra de tênis e eu sei que ele está fazendo uma ronda, por mais que tenha vista de tudo através das câmeras.

— Sente-se, Lisa. — Peço ao indicar o outro sofá. — Você se lembra da Melanie?

— Sim. — Ela responde ao pousar as mãos no colo.

— Eu a vi recentemente.

— Então ela está de volta ou é apenas uma temporada por aqui? — Lisa pergunta.

— Eu não sei, apenas a vi de longe e fiquei bastante surpreso.

Ela sorri e eu percebo que ela quer perguntar algo, mas não tem coragem. Arqueio uma sobrancelha e ela encolhe os ombros.

— Não é nada.

— Pergunte, Lisa.

— E a senhorita Lincoln... é... — Ela se cala sem terminar a sua frase.

— Maire e eu somos amigos. Ela nos ajudou bastante, me refiro a Emily também, quando estávamos fugidos daqui e então eu decidi ajudá-la

nesses dias que ela ficará na cidade.

— Mas ela demonstrou ser mais que isso.

— Você também teve essa impressão?

— Sim, senhor.

— Desde o início eu avisei para ela que eu não poderia oferecer nada além de que um sexo casual e ela concordou. Nós nos envolvemos quando estávamos em Solvang e sempre foi algo casual, além de discreto.

— Por mais que já tenha sido em algum momento, não é isso que está sendo agora.

— Isso está me perturbando, Lisa. — Confesso.

Coloco o meu rosto entre as minhas mãos e respiro fundo.

— Converse com ela.

— Ela sabe exatamente a situação que combinamos e se eu for questioná-la sobre *isso*, ela negará e reforçará o nosso combinado.

— Entendo. — Ela sussurra e solta um pequeno suspiro. — E sobre a senhorita Melanie...

— Eu sei o que você vai perguntar... — Cruzo os meus braços em frente ao corpo. —, e a resposta é não.

— A sua mãe gostava muito dela e vivia planejando um possível casamento.

— Casamento? — Questiono surpreso.

— Sim, a senhora Lewis era fascinada em planejar cada detalhe.

Sorrio saudosos com as suas palavras e desvio o meu olhar ao perceber que estou ficando emotivo. Eu não sabia desse desejo da minha mãe, na verdade, eu jamais imaginei e saber que ela não poderá presenciar o casamento, um possível casamento da Emily, no caso, é triste e... isso rasga o meu peito. Ouço a Lisa avisar que irá terminar de preparar alguns petiscos e pede licença em seguida, antes de descer a escada. Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e controlo a minha vontade de chorar. Pensar naquele inferno que eu vivia, nos riscos que a Melanie corria e em todas as merdas que nos cercavam... sinto a raiva correr em minhas veias, o meu coração começa a bater mais rápido e parece que eu vou explodir.

— Despacha a garota, pois temos que sair. — O meu pai murmurou ao pé do meu ouvido.

— Não.

— Agora. — Ele ordenou.

O seu olhar cruzou com o meu e eu não tive como negar novamente. Eu estava sentado na espreguiçadeira observando a Melanie sentada na beira da piscina conversando com a minha mãe. Emily estava em seu quarto fazendo sei lá o que, e eu só queria uma noite de paz com a minha namorada, mas o meu pai não iria deixar. Eu o observei se afastar de mim, entrando em casa e soltei um suspiro. Me aproximei da Melanie, ela sorriu para mim e ficou séria em seguida ao ver que eu não retribuo o seu carinho.

— Eu vou ter que sair.

— Vai aonde, Eduard? — Minha mãe questionou preocupada.

— James. — Apenas murmurei.

Ela sabia exatamente do que se tratava, também sabia que podia se envolver no assunto. Olhei para a Melanie e acariciei o seu rosto. O seu longo cabelo escuro estava preso no topo da sua cabeça, os seus olhos claros e grandes demais – isso dava um charme magnifico a ela – estavam fixos nos meus.

— Eu não quero que você vá embora, pois combinamos que você iria dormir aqui...

— Eu não quero que você vá. — Ela informou ao me interromper.

— Eu também não. — Minha mãe murmurou.

— Vocês sabem que eu não posso fugir disso.

As duas suspiraram, Melanie se inclinou em minha direção e me beijou suavemente.

— Tenha cuidado, por favor.

— Eu irei voltar logo.

— Por favor, Eduard. — Minha mãe pediu num resmungo.

Acenei concordando, dei um beijo na Melanie e afaguei o cabelo da minha mãe. Naquela noite, James apenas me levou para praticar tiro e ficamos fazendo isso durante quase a madrugada inteira. Fiquei muito aliviado por não ter punições, brigas ou qualquer outra merda ruim. Depois do maldito treino foi ótimo chegar em casa e ter a Melanie me esperando, mesmo que ela estivesse aflita.

— Você ainda não está arrumado? — A voz da Emily me desperta.

Levanto a minha cabeça e eu a encaro.

— O que é, Emily?

— Vai tomar banho e se arrumar agora.

— Não, eu não vou.

Ela bate as mãos na cintura e me encara ainda mais irritada. O seu cabelo já voltando a cor natural, pois ela apenas passava um tonalizante nas mechas. Em seu corpo tem apenas um macacão preto, um salto alto preto e eu tenho a impressão de que ela esteja demonstrando a sua insatisfação com essa entrevista através da escolha da sua roupa. Bocejo cansado, me recosto no sofá e olho tranquilamente para a minha irmã.

— Por favor, Eduard. — Ela pede de olhos fechados.

— Por que eu preciso trocar de roupa? Essa está ótima.

Estou usando uma camiseta azul de gola redonda e calça preta.

— Poderia vestir algo mais social.

— Não estou a fim. — Resmungo.

Vou rumo ao meu quarto, ouço os passos da Emily e sei que ela está me seguindo. Deixo o meu celular em cima da cama, entro no banheiro e lavo o meu rosto. Pensar em tudo aquilo referente ao passado, a Melanie e saber do desejo da minha mãe não me deixaram nem um pouco bem, e sim me desestabilizou ainda mais para essa maldita entrevista. E ainda por cima, a insistência da Emily está me deixando estressado. Seco o meu rosto na toalha branca e olho para a minha irmã através do espelho.

— O que aconteceu? — Ela questiona.

— Eu não queria essa maldita entrevista.

— Não é apenas isso, eu te conheço, Eduard.

Balanço a cabeça para os lados e saio do banheiro.

— Cadê o Andrew? — Pergunto, tentando mudar de assunto.

— Está lá embaixo com o Dom.

— E a vaca da... — Repenso em minhas palavras ao perceber o olhar da minha irmã e solto um suspiro. —, a Candice já chegou?

— Ainda não, mas a Penélope está lá embaixo.

— Entre ela e a outra... eu preferiria a sua cunhada a fazer essa entrevista.

— Eu também preferia e achei que seria ela, mas... — Ela dá de ombros.

— É um saco! — Exclamo irritado.

Entro no meu closet, paro em frente ao espelho e passo os dedos entre os fios do meu cabelo. O bom é que ele está crescendo, em breve estará no tamanho que eu prefiro e a minha barba já está quase lá. Em breve serei aquele mesmo Eduard Lewis que saiu daqui há mais de um ano e meio, mas

serei apenas o mesmo em relação ao estado físico e não ao interno, pois quero ser uma pessoa melhor a cada dia que passa. Sinto que estou conseguindo isso aos poucos, mas em muitas das vezes o mar negro de lembranças me puxa para o fundo e eu sinto o meu interior queimar com a possibilidade de eu ser dominado novamente por aquela personalidade ruim.

— E cadê a Maire? — Emily questiona com desdém.

— Foi ver o tal apartamento, aliás, eu a deixei lá depois do pequeno tour que fizemos pela cidade... fomos até na Little Damage.

— Que programa romântico. — Ela ironiza.

— Nada disso, Emily. — Resmungo.

Passo um pouco de perfume e arrumo a gola da minha camiseta.

— E então foi o que, Eduard? — Ela questiona.

Reviro os olhos, passo por ela saindo do closet e vou rumo a varanda. Ela está me irritando muito e só piora a situação. Emily para ao meu lado, eu a encaro demonstrando a minha irritação e ela arqueia a sobancelha.

— Maire queria conhecer alguns lugares. — Informo num murmúrio.
— E até encontramos a irmã do Baker.

— Na Little?

— Sim, estava com um rapaz, acho que era um namoradinho.

— Ela tem namorado? Oliver nunca comentou nada ou...

— Talvez ele não saiba. — Dou de ombros.

— Do jeito que ele é ciumento, ficaria louco se soubesse disso.

Rio suavemente e ela semicerra os olhos. Emily sabe exatamente que eu não me dou bem com os rapazes e nunca me darei, então qualquer situação fodida que recaia sobre eles, será uma pequena diversão para mim. Resolvemos descer para o primeiro andar enquanto eu sou bombardeado de perguntas sobre o meu passeio com a Maire e mesmo que seja uma chatice, eu conto tudo que a Emily quer saber. Me afasto dela na primeira oportunidade visível, pego o meu sobrinho no colo e cumprimento os Turner. Penélope está andando de um lado para o outro bastante apreensiva, enquanto aperta as próprias mãos e o Dominic está apenas a observando. Eu sei que a minha irmã não irá querer falar sobre o seu relacionamento e muito menos sobre o Andrew.

— Quer que eu fique com o pequeno Turner, senhorita Lewis? — Lisa pergunta.

— Não é preciso, Lisa. — Emily nega sorrindo. — O bebê vai ficar

com o Dom.

— Desejam algo?

— Uma taça... — Emily se cala ao suspirar. —, esqueça. Eu não posso beber.

— Vá fazer isso lá na cozinha e depois não amamente o Andrew.

Ela sorri me agradecendo e segue para a cozinha junto com a Lisa. Emily sabe da minha aversão a bebidas e sempre bebeu longe de mim. Eu coloco o Andrew no chão, ele engatinha pelo tapete da sala sob o olhar atento do pai e eu olho novamente para a Penélope. Parece que ela terá um ataque a qualquer minuto e isso está me preocupando. Eu sei como ter ansiedade é ruim, principalmente sobre um ataque de pânico. Me aproximo dela, o seu olhar encontra o meu e desvia em seguida.

— Você quer um copo de água?

— Não. Obrigada. — Ela agradece num murmúrio.

— Então se acalme, senão, irá cair dura.

Me afasto, ando na direção do sofá e me sento. Apoio os meus braços nos joelhos, abaixo a minha cabeça e tento manter a calma. Tenho que passar uma boa impressão, mesmo que eu pouco me importe com isso, mas irei fazer pela minha irmã, apenas por ela. Olho na direção dos fundos da casa, vejo o Torres parado em uma das portas e eu ando em sua direção.

— Ian me avisou que senhorita Lincoln ainda não voltou e o senhor não me passou nenhuma instrução.

— Me esqueci, Torres. — Resmungo ao coçar a minha nuca. — Maire foi ver um apartamento em Eats Hollywood, voltará de táxi e caso ela chegue enquanto o pessoal ainda está aqui, não deixe que ninguém a veja.

— Sim, senhor.

— E fique por perto enquanto a Candice estiver aqui.

— Mais alguma coisa, senhor?

— Não.

Ele acena e se afasta. Eu volto a me sentar no sofá, Emily volta para a sala de estar e dá um giro de trezentos e sessenta graus. Eu sei que ela está tão nervosa como eu, mas está bem mais disposta. Jogo a minha cabeça para trás e fecho os olhos. As probabilidades sobre os tais pensamentos da Maire voltam a minha mente e eu repenso na minha ideia de imos para Malibu no final de semana. Depois de algumas atitudes da parte dela, não é bom irmos para um lugar longe daqui e a sós. Ouço os demais conversarem ao meu

redor, mas não dou atenção. Sinto a minha irmã chutar a minha perna, abro os meus olhos e ela aponta para a entrada.

Arrumo a minha postura e observo a vaca louca por informações, vindo em nossa direção. Candice nos cumprimenta com um aperto de mão, arruma a saia do seu terninho branco e explica aonde o cinegrafista tem que ficar. Um outro rapaz coloca os microfones em mim e na Emily, observo a Penélope parar ao lado da sua chefe. Elas se cumprimentam estranhamente e a Turner revira os olhos. Algo de muito errado está acontecendo entre elas. A risada do Andrew chama a atenção de todos, os olhos atentos da Candice vão em direção onde o Dominic está e ela franze o cenho.

— Turner, não esperava te ver aqui.

— Eu imagino. — Dom fala sem dá muita importância.

— E esse bebê? Ele...

— Meu filho com o Dominic. — Emily informa a interrompendo e a Candice encara-a. — Temos um filho juntos.

— Oh! Quanta novidade. — Ela sorri falsamente e se senta no sofá. — Podemos começar?

— Não vamos gravar a chamada antes? — Penélope questiona.

Ela ainda continua nervosa, mas tento ao máximo não demonstrar. É claro que a Turner também fez essa pergunta tentando mudar o foco da situação, sabemos que a curiosidade que Candice carregava há pouco segundos duplicou ao extremo e ela irá tentar o máximo arrancar ainda mais informações.

— Não, Penélope. É melhor fazermos isso depois da entrevista. — Ela informa me fazendo concordar e logo prende a sua atenção em nós, Emily e eu. — A câmera vai ficar focada em apenas em vocês, vou fazendo as perguntas e vocês decidem se respondem ou não.

— Espero que isso, as perguntas, sejam profissionais. — Resmungo.

— Pode ter certeza de que serão. — Candice garante e a gravação começa. — James Lewis se tornou o melhor governador em anos, mas ninguém nunca imaginou que ele seria um homem ruim...

— Ele era, pode acreditar nisso. — Comento ao interrompê-la.

Ela acena entendendo e olha para a minha irmã.

— Ninguém também esperava pela revelação que estava em sua carta, Emily. Como foi a descoberta dele ser o verdadeiro assassino da mãe de vocês, a senhora Margareth Lewis e quando isso aconteceu?

A minha irmã olha para mim e trocamos olhares silenciosos. É desconfortável falarmos sobre o nosso pai e é visível para todos presentes.

— A revelação foi feita para nós, ainda quando o nosso pai era vivo e isso aconteceu antes de sairmos da cidade há mais de um ano e meio. Foi num momento que todos nós estávamos muito nervosos, estávamos brigando e a revelação surgiu nos deixando sem chão. — Emily responde.

— Por que vocês saíram da cidade? Para aonde foram e porque só voltaram agora? — Candice questiona.

Me controlo para não revirar os olhos diante da sua pergunta idiota e decido responder, da forma mais tranquila possível.

— Saímos porque corríamos perigo, nosso pai era um homem perigoso e não poupava as suas ameaças.

— Ficamos numa cidade distante daqui e só voltamos quando soubemos da situação dele. — Emily completa a resposta.

— Vocês falam que James era perigoso, mas o quanto era e como?

Rio debochado da sua pergunta e cruzo os meus braços em frente ao corpo. Eu poderia muito bem responder essa infeliz pergunta ao contar sobre as torturas, castigos e o mal que o James nos fazia, mas não seria adequado para o horário e eu nem quero me lembrar de tudo aquilo, muito menos contar para desconhecidos tudo o que eu passei nas mãos daquele imbecil.

— Eu tenho certeza de que você não quer saber isso. — Murmuro friamente.

— Você já consegue ter uma base, o menor perigo que ele causou em nossas vidas foi a prisão do Dominic e a maior foi a morte da nossa mãe. — Emily informa.

— Em falar na prisão do Turner, sabem me dizer por qual motivo James provocou isso?

— Eu estava tendo um romance com o Dom, meu pai não queria isso e consequentemente uma pessoa próxima ao meu namorado desencadeou ainda mais o ódio do meu pai. Ele viu uma boa oportunidade para manter Dominic longe, assim como a pessoa próxima a ele e a minha mãe, morta. — Emily explica calmamente.

— Mas a ideia do seu pai em manter você longe do Turner deu certo até um momento, mas não para sempre. Quando vocês se reencontraram e como foi isso?

Agora sim está mostrando as suas garras, e muito mais irá aparecer se

dermos corda. Eu daria uma enorme, para no final fazê-la se enforçar, mas eu sei que a Emily não fará isso e muito menos iria concordar comigo.

— Candice, eu não vou falar do meu relacionamento com o Dominic. É um assunto muito pessoal e hoje em dia não envolve apenas nós dois. — A resposta da Emily faz a Candice engolir em seco.

— Me desculpe, Emily. — Candice pede num tom baixo. — Além de James ter sido governador, ele tinha outros negócios e agora depois de sua morte, como tudo isso vai ficar?

— Ed e eu vamos cuidar do *Fight*, os demais negócios serão descartados e iremos viver desse jeito.

— Vamos nos dedicar apenas ao ramo de empresária o mundo das lutas.

— E a madrasta de vocês, a senhora Quinn Evan, como fica nessa história toda?

— Não sabemos de nada sobre ela após a morte. — Emily responde.

Na verdade, sabemos, mas não vamos envolver a Quinn nisso.

— Entendi. Vocês pretendem continuar morando aqui? Percebo que a casa está passando por uma reforma.

O certo é; passou, mas como a câmera não mostrará mais nada da casa, ela está falando isso por pura mentira e para deixar os telespectadores curiosos.

— Vou morar aqui com os meus avós maternos.

— Eu por enquanto não estou morando aqui. — Emily informa fazendo a curiosidade de a Candice aflorar e ela interrompe a gravação.

— Eu acho que você poderia matar a curiosidade dos nossos telespectadores dizendo um pouco sobre o seu relacionamento com o Dominic e sobre o filho de vocês.

— Eu não quero isso, Candice...

— Emily. — Dominic chama a interrompendo. — Vem aqui, por favor.

A minha irmã vai na direção do namorado após resmungar um palavrão, percebo um pequeno sorriso vitorioso no canto dos lábios da Candice e isso me irrita ao extremo. Eu não vou permitir que ela invada a vida da Emily dessa forma, a minha irmã precisa de privacidade e calma em sua vida. Merece ter uma vida e relacionamento tranquilo, além de ter uma livre família. Me inclino em sua direção, a observo organizar alguns papéis sobre o seu colo e o seu olhar se cruza com o meu.

— Algo na entrevista está te incomodando? — Candice me questiona.

— Você não acha que está sendo um pouco invasiva?!

Claramente foi uma pergunta retórica, pois ela sabe que é verdade que está sendo invasiva, mas como é uma vaca sônica e louca por notícias irá fingir que está tudo ocorrendo de forma correta.

— Não. Só estou fazendo o meu trabalho e fazendo as perguntas que os meus telespectadores querem saber.

— Então deveria ser mais profissional e saber que não estamos aqui para falar da nossa vida pessoal, apenas do babaca quem era o nosso pai.

— Me desculpe, senhor Lewis. — Candice pede novamente e volta a sua postura. — Já vou encerrar a entrevista.

Emily volta a se sentar ao meu lado, Andrew está em seu colo, mas está de costas para a câmera. Ela informa que vai falar um pouco sobre o filho e assim encerra a entrevista. Candice retorna a sua postura profissional, pede para o cinegrafista voltar a gravar e a entrevista continua como se nada tivesse acontecido. Eu sou totalmente contra isso, mas não vou interferir na sua escolha.

— Quando nós fomos embora daqui eu descobri que estava grávida, mas não podia voltar para contar para o Dom e muito menos dar essa informação por telefone. Segui em frente com a minha gestação, o meu irmão sempre esteve ao meu lado e eu me senti muito bem quando tive a oportunidade de voltar para cá. — Emily comenta.

— Como é o nome e quantos meses ele tem? — Candice questiona.

— Andrew e tem nove meses.

— E como está sendo essa nova fase? Ser mãe não é muito fácil, ainda mais no início que você esteve longe daqui.

— Eu amo demais, é incrível. Ainda mais agora que eu estou realizando essa fase junto com o Dominic.

— E você, Eduard? Pretende construir uma família?

Penso seriamente nas minhas palavras e percebo que o melhor por enquanto, é continuar a ser educado.

— Não, pelo menos por enquanto. Quero me formar em medicina antes de qualquer coisa.

— Boa sorte para vocês. — Candice deseja e se vira para a câmera. — Essa foi a rápida e pequena entrevista com os irmãos Lewis.

A gravação se encerra, Candice agradece e logo se despede. Penélope

segue a equipe para fora da casa e eu solto um longo suspiro. Emily me encara em silêncio, eu dou um beijo na sua têmpora e vou para a cozinha. Preciso me afastar, respirar um ar mais puro e tranquilo. Apoio as minhas mãos sobre o balcão, curvo a minha cabeça e fecho os meus olhos. Por mais que o fodido do James já tenha morrido e esteja enterrado a sete palmos no chão, ele ainda me afeta. Mãos suaves acariciam as minhas costas, em seguida os braços passam ao redor da minha cintura e a Emily recosta a cabeça em meu ombro. Eu deveria contar para ela tudo que eu sofri, todas as crueldades que o James fez comigo e... eu precisava contar simplesmente tudo, mas eu não posso fazer isso. Toda a revelação a afetaria e ela não conseguiria continuar a tentar se reerguer, pois ficaria preocupada comigo e iria querer se dedicar a mim.

— Volte a fazer terapia. — Emily me pede.

— Beba um pouco de água, senhor Lewis. — Lisa me aconselha ao colocar um copo na minha frente.

— Obrigado, Lisa.

Pego o copo, observo o líquido transparente e encaro a Lisa. Desde que o inferno nessa casa começou, as minhas crises foram desenvolvidas e eram praticamente constantes, ou melhor, diárias. Depois da morte da minha mãe eu comecei a ter diversas num dia só, eu não aguentava aquela situação e só consegui me controlar quando eu comecei a lutar mesmo. As minhas terapias até me ajudavam, mas nada muito profundo ou duradouro.

— Beba, Eduard. — Emily ordena, ainda agarrada a mim.

— Tem calmante aqui.

Empurro o copo para longe, me afasto da minha irmã e olho para a Lisa.

— Se o Torres ou algum outro dos rapazes quiser falar comigo, me chame. Caso ao contrário, eu não quero ser incomodado.

— Sim, senhor.

— Ed... — Minha irmã me chama.

Meneio a cabeça para os lados, saio da cozinha e subo a escada rapidamente. Em segundos já estou no meu quarto, fecho a porta e me jogo na cama. Talvez eu deveria ter tomado o calmante, mas eu não sei qual a quantidade que a Lisa colocou naquela água e então preferi não me arriscar. Respiro fundo, fecho os meus olhos e tento encontrar alguma paz, mas eu vejo apenas escuridão dentro de mim. Candice conseguiu a sua maldita

entrevista e me afetou de uma forma que eu não esperava, e nem queria. Não sei quanto tempo se passa até que ouço alguém batendo na porta do meu quarto, a porta se abre em seguida e eu nem se quer me mexo. Não estou a fim de conversar com ninguém, muito menos de explicar essa fodida sensação estranha dentro de mim. Talvez seja a Lisa ou um dos seguranças, mas algo me intriga, se fossem eles mesmo, já teriam dito alguma coisa. Me sento na cama, puxo as minhas pernas em direção ao meu tórax e encaro a minha irmã, sentada na ponta da cama.

— Eu quero ficar sozinho, Emily. — Resmungo.

— Eu só quero que você saiba que eu posso te ajudar. Quero ouvir tudo que você tem guardado e eu sempre vou estar contigo.

— Eu sei disso, mas...

Maneio a cabeça para os lados e encosto a minha testa, nos meus braços.

— Você ainda precisa de um tempo, as coisas são recentes e você acha que está sozinho, mas não está.

Sinto ela tocar em meu braço e eu a olho.

— Eu sei que tenho você, apesar de toda a merda que já fiz.

— Aquilo tudo já foi, é apenas uma grande merda do nosso passado e o que importa é o agora. — Ela se inclina na minha direção e dá um beijo na minha mão. — Eu sei que James te feriu de uma forma profunda e quando você quiser conversar, eu irei te ouvir.

Sem falar mais nada e nem esperar que eu fale nada, ela sai do meu quarto. No dia que essa tal conversa acontecer, eu sei que será extremamente doloroso de ser ouvida e me deixará muito mal. Só que eu não devo pensar nisso agora, não quero sentir essas coisas hoje.

[...]

CAPITULO SEIS

Todo mundo se pergunta, para onde nós corremos.

Meu corpo no seu corpo, amor, grudados como cola.

[...]

Eu vou fazer você sentir esse amor, fraquejar em seus joelhos.

Somo – Ride

— A senhorita Lincoln não virá jantar? — Lisa me perguntar.

— Ela foi num jantar de noivado.

— E o senhor não irá no *Fight*?

— Não. Eu vou para o porão.

Termino de beber o meu suco, limpo a minha boca e deixo o guardanapo sobre a mesa. Confiro as notificações do meu celular, não tem nada importante e então eu o deixo no aparador atrás do sofá. Ando em direção a porta que leva ao porão, desço a longa escada e bato a minha mão no interruptor. Estar aqui não me traz boas lembranças e nem sensações, mas eu não vou me privar de vir aqui por causa dessas merdas. Aqui tem um grande tatame, saco de pancada, uma barra de boxe, um boneco *sparring boomboxe* e outros trilhões de objetos. Tem também alguns aparelhos para musculação, ginastica mais suave e uma parede com aparelhos específicos que são parte do nosso passado. Chicotes, armas brancas, dardos, vendas, cordas, bestas, armas de fogo e algemas. Tudo isso será retirado daqui, mas não farei isso agora e nem sei o que farei com tudo.

Desde a última semana as coisas estão sendo resolvidas de uma forma bem simples e tranquila, mas nem por isso eu fico de boa, pois eu sei que alguma coisa do James pode recair sobre a Emily ou sobre mim. Sobre a máfia, ilegalidades do tráfico já não pertencem mais a essa família e eu nem sei mais nada sobre eles. Largo o meu chinelo em qualquer lugar, piso no tatame e desfiro alguns socos no saco de pancada. Eu sei que preciso ter uma melhor preparação caso eu queira mesmo voltar a lutar, não de uma forma como primeira opção de carreira, pois não é e nunca será. A minha escolha de carreira é ser médico, como a minha mãe um dia já foi e o que ela tanto deseja que eu fosse também. Dou um giro de trezentos e sessenta graus, e encaro a parede de equipamentos. Olhar para cada um é sentir cada um deles sendo desferidos em meu corpo ou me perfurando. Eu sei exatamente como é a dor que cada um causa, já senti cada uma mais de cinco vezes.

E olhar fixamente para eles é como ver o mar negro se aproximando e eu sinto o meu corpo começando a ser atingido pela água do inferno. Eu não posso ficar aqui, eu não posso encarar isso hoje, pois se eu for fazer isso, será doloroso e sem saída, pois eu estou sozinho nessa. Dou um passo para trás,

bato as minhas costas no saco de pancadas e é como se eu sentisse a presença do meu pai nesse lugar, ainda mais nesse horário. Saio do tatame, calço o meu chinelo e subo a escada. Tranco a porta assim que saio do ambiente, esfrego o meu couro cabeludo e rango os dentes de tanta raiva que eu sinto. Raiva de mim mesmo por ser fraco demais, por não enfrentar esse mar negro... por não saber como se livrar disso e por ser um covarde por não contar para a Emily sobretudo. Maneio a cabeça para os lados, enfio as mãos nos bolsos da minha calça e ando na direção da escada, querendo apenas ir para o meu quarto e tentar esquecer dessa merda de dia.

— Oi Eduard.

A voz inconfundível soa pelo ambiente, eu levanto a minha cabeça e franzo o meu cenho ao olhar para o topo da escada.

— Morgan?

— Prefiro que você diga; Melanie! — Ela abre os braços ao exclamar e sorri.

Estou surpreso com a sua presença aqui, principalmente por ninguém ter me avisado. Ela está sentada no último degrau da escada, as pernas flexionadas em direção aos seus seios e um pequeno sorriso ilumina o seu rosto.

— Ninguém me avisou sobre a sua presença.

— Não brigue com eles... — Ela pede. —, eu pedi para não falarem, pois queria fazer uma surpresa.

— E o que você faz aqui? — Questiono ao me encostar no corrimão da escada.

— Eu vim te ver... rever. Tanto faz. — Ela resmunga e sorri docemente. — Fiquei sabendo que o babaca do James morreu e enfim você ficou livre dele.

— Morreu.

Ela abre a boca para falar, ou melhor, insultar ele ou comemorar a sua morte, mas se cala e me encara seriamente.

— Você vai ficar aí embaixo? Pensei que estivesse com saudade.

— E estou, mas ainda estou surpreso em te ver aqui.

Eu não sei se a palavra certa é saudade, mas eu pensei muito nela nos últimos dias, ou melhor, desde o dia que eu a vi naquela calçada. Subo a escada calmamente, me sento ao seu lado no mesmo degrau e ela fica de frente para mim. Ter a Melanie assim, tão perto, do meu lado para ser mais

exato, é algo que eu desejei ter por longos meses após a sua partida, mas não podia e sabia que o melhor era cada um para o seu lado. Melanie sorri, acaricia o meu braço e mantém o seu olhar preso no meu.

— Tenho a impressão de que não é apenas uma surpresa. — Ela resmunga.

Eu não sei como agir nessa situação, estou surpreso e isso me deixa mais quieto que o normal.

— Eu vi você antes de ontem, se eu não me engano e achei que era uma miragem. Faz anos que a gente não se encontrava, muito menos conversava e ter você aqui... — Dou de ombros sem saber o que falar.

— Eu sei, e quero que você saiba que todas as vezes nesses últimos anos, eu queria ter vindo de te ver, mas eu sabia que o James ainda era um demônio nesse inferno de casa. — Ela olha ao redor rapidamente e volta a me olhar. — Aliás, a mudança ficou muito boa.

— Não boa o suficiente para retirar o inferno de lembranças que existe dentro de mim.

— James era o demônio na sua vida.

— E mesmo morto, ainda me atormenta.

— Ainda está fazendo terapia? — Ela questiona e eu nego. — Deveria voltar.

Reviro os olhos e solto um longo suspiro. Desde o momento que eu a vi e me sentei ao seu lado, eu não a toquei e só agora percebo o quanto preciso disso. Namoramos por um longo tempo, então ainda existe uma conexão entre nós. Eu abro os meus braços, vejo o alívio a dominar e ela cola o seu corpo no meu. A abraço bem apertado, beijo o topo da sua cabeça e me sinto calmo, pela primeira vez nesse dia. As suas mãos passeiam em minhas costas e o seu rosto está encostado na curva do meu pescoço.

— Eu senti a sua falta.

— E eu a sua, esquentadinho.

Sorrio com esse apelido idiota que ela me deu desde quando nos conhecemos e a afasto do meu corpo. Eu a observo arrumar a alça do seu vestido branco e involuntariamente os meus olhos passeiam pelo seu corpo. Melanie continua muito bonita, simpática e gostosa. Não é porque somos ex-namorados que eu não irei cobiçá-la. Ela percebe o meu olhar sobre o seu corpo, bate em meu ombro e sorri ao morder os lábios.

— Me conta sobre a sua vida. — Peço. — Ainda é a supermodelo

Morgan Thompson?

— Supermodelo? — Ela questiona sorridente. — Apenas uma boa modelo.

— Está morando em Nova Iorque ainda?

— Sim, mesmo que eu ame aqui, Los Angeles.

— E como está sendo, aliás, como foram esses últimos anos?

— No início extremamente complicado e árduo, mas como tudo tem o seu preço e recompensa, eu me tornei e alcancei tudo o que eu queria.

— Você sempre teve muita garra para ter o que desejava.

— E sempre vou ter. — Ela dá um suave soco em meu ombro. — Tudo é incrível, bem mais do que eu imaginei, mas as dificuldades também são.

— Pelo menos você tem um bom empresário.

Eu pesquisei sobre Denner Wright, vi que ele já está há alguns anos no ramo empresarial e muito desejado pelas novas promessas do mundo da moda.

— Sim, o Denner é um bom empresário. — Ela concorda pensativa e encarando o nada.

— Melanie... — O seu olhar encontra o meu e eu vejo um pouco de tristeza a dominando. —, está acontecendo algo?

— Nada sério, apenas algumas bobagens que me dominaram, mas já passou.

Não acredito muito em suas palavras, mas prefiro não questionar. A sua cabeça se recosta em meu ombro, o seu braço se entrelaça ao meu e os seus dedos caminham na palma da minha mão. O silêncio é confortável entre nós, a Melanie sabe como eu prefiro ficar quieto, apenas sentindo o que deve ser sentido e nesse momento é apenas paz. Fecho os meus olhos, passo o meu braço por seus ombros e a puxo de encontro ao meu corpo. O seu perfume e cheiro ainda é o mesmo que eu me lembrava, a sua pele tão macia o quanto e... ela é a mesma, só que já é uma mulher adulta e independente.

— Senhor... — Ouço a voz do Torres e eu abro os meus olhos.

— Torres.

Ele está parado diante da escada e não me passa nada diante da sua expressão neutra.

— Me desculpe por não ter avisado sobre a presença da senhorita Nash, mas ela pediu...

— Eu sei e está tudo bem.

Ele respira fundo de forma aliviada e acena suavemente.

— O senhor precisa de algo?

Penso um pouco, olho para a Melanie e em seguida para o meu relógio. Já se passam das dez e eu não tinha ideia que já era tão tarde assim.

— Você veio de carro? — Questiono-a.

— Sim.

Olho para o meu segurança e repenso em minha decisão, mesmo que não seja algo tranquilo, é o certo a se fazer.

— Torres, guarde o carro da Melanie na garagem e deixe alguém a postos para trazê-lo quando ela for embora.

— Já está me expulsando, Eduard? — Ela questiona incrédula, e em seguida me dá um soco.

— Melanie! — Reprendo-a. — Eu não estou te expulsando, apenas estou deixando alguém a sua disposição.

— Sei... — Ela sussurra.

Reviro os olhos para ela e encaro o Torres.

— Quem vai ficar na ronda da noite?

— Greg. — Ele responde.

— Certo. — Murmuro e me lembro da Maire. — Já chegou?

Torres franze o cenho sem entender a minha pergunta, eu arqueio a sobrancelha e ele acena pensativo, como se só agora entendesse a minha pergunta.

— Não, senhor.

— Deixe o Greg a par de tudo e vá descansar.

— Boa noite senhor Lewis e senhorita Nash.

— Boa noite, Torres. — Melanie acena.

Ele se vai, eu olho para a minha visita e observo os seus movimentos. Ela sai da escada, arruma a alça do seu vestido novamente e vai rumo ao sofá. Melanie está se sentindo em casa, como se sentia há anos e isso nunca vai mudar. Eu não tenho a menor ideia do que a Emily poderia dizer sobre essa situação, mas eu tenho certeza de uma coisa, ela iria insultar a Melanie por alguns segundos e depois ficaria numa boa. A minha adorável ex-namorada me chama e eu vou rumo ao sofá, mas me sento no outro. Não quero ficar gradado nela, como ela está querendo. O que eu já disse trilhões de vezes, eu não sinto nada por ela, mas existe atração normal, como eu posso sentir por qualquer outra mulher. Melanie é gostosa, sabe ser provocativa e me instigar.

Só que, eu a conheço, sei quais são as suas armas e não vou ceder facilmente ao seu jogo de cartas. Eu sou um bom jogador e se ela quiser algo, será aos meus termos, como sempre foi, ou melhor, como na maioria das vezes.

— E a sua irmã? — Melanie pergunta.

— Está bem, praticamente casada e tem um filho.

— Ainda bem que ela conseguiu ajeitar a vida, principalmente depois da prisão do Turner.

— Eu acreditei que ele era o culpado, todas as provas indicavam aquilo, mas foram forjadas.

— Eu imagino a surpresa, decepção e dor ao descobrir a verdade sobre o assassinato.

— Doloroso e cruel. James disse com frieza, naturalidade e... com uma fodida tranquilidade.

— James era um fodido.

— E que...

— Não! — Ela nega ao me interromper. — Você é bom, já me mostrou isso diversas vezes e pode ser melhor a cada dia.

— Eu tento, principalmente por causa da Emily. Eu já fiz muito mal a ela.

— Ed...

— Não, Melanie. Eu simplesmente não posso viver como se não tivesse a ferido, eu tenho que lidar com isso a cada manhã e sempre peço perdão a ela.

— E como ela é, já te perdoou antes mesmo de você ter pedido.

— Sim. — Sorrio tristemente.

Melanie se levanta do sofá, anda na minha direção e para na minha frente. Eu sei exatamente o que ela quer fazer, mas eu não posso. Não posso aceitar o seu abraço, o seu toque mais íntimo e carinhoso.

— Deixa, por favor. — Ela pede.

— Melanie... — Maneio a cabeça para os lados.

— Eu não vim aqui apenas para te ver ou para conversarmos, eu quero mais que isso. Muito mais. Eu quero você, Eduard, por completo, mais uma vez.

— Não é dessa forma que as coisas funcionam.

— E é como? Nós já nos conhecemos, já conversamos de muitas coisas, já fomos cúmplices, namorados e tantas outras coisas.

— No passado.

— Mas o desejo ainda existe, muito maior nesse momento.

Ela se senta sobre o meu colo, segura o meu rosto entre as minhas mãos e me beija. Eu não vou negar o que ela quer, mas não vou ceder facilmente como ela deseja. Melanie é uma mulher persuasiva, insistente e determinada. Quando quer algo, faz de tudo para conseguir. Seguro em sua cintura, ela relaxa contra o meu corpo e nos beijamos calmamente. Não, eu não vou dizer que estou sendo tele transportado para anos atrás, muito pelo contrário, aquela menina que eu conheci era fogosa e se tornou uma mulher, dez vezes mais. Só que, ela odeia esperar e é isso que eu vou fazer hoje, ela vai esperar o máximo possível e se quiser mesmo, não vai ligar para o tempo. Afasto a minha boca da sua, ela limpa os seus lábios com a ponta do polegar e retira vestígios do seu batom da minha boca.

— Você continua abusada.

— Eu posso te mostrar que eu continuo outras coisas também.

Rio suavemente, a retiro do meu colo e ela cai deitada no sofá. Ouço barulho no primeiro andar e nem me preocupo. Sei que a casa é muito bem vigiada e só pessoas de confiança podem entrar aqui. Passos na escada se aproximam cada vez mais de mim, em poucos segundos eu vejo – na pouquíssima claridade – as mechas loiras e eu sei que é a Maire.

— Por que aqui está escuro, Ed? — Ela me questiona e em seguida percebe a presença da Melanie. — E... quem é ela?

— Quem é ela, Eduard? — Melanie questiona seriamente, mas eu sei que ela está debochando.

— Para de querer briga, Melanie. — Resmungo ao cruzar os braços em frente ao meu corpo. — Como foi o jantar, Maire?

— Bom. — Ela murmura.

— Eu pensei que fosse chegar mais tarde.

— É, dá para perceber isso.

— Você não me disse que tinha alguém, esquentadinho. — Melanie provoca.

— E não tenho. — Saio do sofá e bato a mão no interruptor. — Maire, essa é a...

— Morgan Thompson. — Maire murmura e me encara. — Eu sei quem é ela.

— E você é a Maire...? — Melanie questiona.

— Maire Ellen Lincoln, uma amiga.

— Eu também sou a *amiga*. — Ela ironiza ao acenar para a minha hóspede.

— Maire, a Melanie é uma amiga e minha ex-namorada.

— E eu sou apenas a amiga e hóspede. — Maire declara com a voz embargada.

— Sente-se, venha fazer parte da conversa.

Melanie é muito irritante, ela está vendo que a Maire não está se sentindo confortável e está começando a me odiar. Sou puxado de volta para o sofá e eu dou corda para ver até aonde isso tudo vai. Maire se senta no outro sofá e nos encara. Em seu olhar é possível ver a tristeza e eu sei exatamente o porquê desse sentimento ruim.

— E então? — Ela questiona.

— E então você sabe quem eu sou, né? — Melanie questiona.

— Todo mundo sabe, Melanie. — Resmungo.

— Você vai voltar com o seu mal humor? Eu te dou um soco.

Abro a minha boca para respondê-la, mas franzo o meu cenho com as palavras da Maire.

— Então você é a ex-namorada do Eduard... e se eu posso perguntar, por que terminaram?

Melanie me encara e me pergunta silenciosamente se a minha hóspede sabe de algo, e então eu apenas aceno.

— Por causa do James e por causa da minha mudança para Nova Iorque. — Ela responde.

— Você conheceu o James? — Maire pergunta.

— Eu tive o desprazer de conhecê-lo, mas ainda bem que ele não está mais aqui ou eu seria capaz de enfiar uma faca no peito dele, da mesma forma que ele me ameaçou daquela vez. Você se lembra, Eduard?

O seu olhar encontra o meu e eu aceno, tentando não mergulhar nessa maldita lembrança.

— Como eu poderia esquecer?! Naquele dia, eu levei aquela surra de chicote...

— E eu jamais vou me perdoar por te causar aquilo.

— Não foi culpa sua. — Aperto o seu joelho suavemente e ela deita a cabeça em meu ombro por alguns segundos.

O olhar perfurante da Maire está sobre nós, eu percebo a quão abatida

está e é por causa da presença da Melanie.

— E então, como vocês se conheceram? — Melanie a questiona.

— Eu ajudei o Eduard e a Emily quando eles estavam em Solvang. — Maire informa.

— Solvang? — Ela questiona e me encara. — Por que vocês escolheram se esconder lá?

— É aonde a família da mulher de um dos seguranças mora e jamais o meu pai iria desconfiar que estaríamos lá.

— Deveriam ter ido para um lugar paradisíaco. — Ela sugere e ri suavemente. — Eu faria isso.

— Mas foi bom o Eduard ter ido para lá. — Maire rebate.

Melanie a ignora e se senta de frente para mim.

— Você podia ter ido para Nova Iorque, ou até mesmo para...

— Não, Melanie. Eu precisava de um lugar discreto e mais ou menos perto daqui.

Ela revira os olhos, se levanta do sofá e arruma a barra do seu vestido.

— Tem bebida nessa casa ou jogou tudo fora? — Ela questiona.

— Na cozinha, Melanie. — Resmungo.

— Que ótimo. — Ela sussurra indo rumo a escada.

— Beba por lá, não suba com bebida.

— Chatice. — Ela cantarola, antes de sumir das minhas vistas.

Reviro os meus olhos e jogo a minha cabeça para trás. Estava tudo numa boa o início da minha conversa com a Melanie, mas ela está começando a me irritar e quando bebe isso piora, então a minha paciência se esgota ainda mais rápido. Ouço passos próximo a mim, olho para frente e vejo a Maire bem próxima a mim. A sua expressão não é nada suave e nem amigável. E ela será mais uma que contribuirá para a minha irritação.

— Então a modelo é sua ex-namorada? — Maire questiona.

— Sim e já te respondi isso outras vezes anteriores. — Resmungo.

— E o que ela está fazendo aqui?

— Essa pergunta também já foi respondida.

— E vocês estão...

— Estamos o que, Maire? — Questiono irritado, ao me inclinar em sua direção. — Para de jogar suposições e diga tudo de uma vez.

— Eu... — Ela desvia o olhar do meu e funga. —, não gostei de chegar aqui e te ver com ela, vocês demonstrando muita intimidade e estavam no

escuro.

— Maire, você está descumprindo o nosso acordo.

— Não, eu não estou. — Ela nega.

— Está, e nós vamos conversar sobre isso depois.

— Claro, você quer ficar sozinho com a Morgan ou Melanie, seja lá qual for o maldito nome dela.

Perco a paciência de uma vez, fico de pé e encaro a Maire. Ela dá um passo para trás assustada com a minha atitude, tenta sair de perto de mim e eu a seguro pelo pulso.

— Para de bancar a namorada traída, ou qualquer outra coisa. Melanie é apenas a minha amiga, esteve comigo nos piores momentos da minha vida, e boa parte de outros momentos, ela me conhece ao extremo, sabe dos meus malditos demônios e eu quero apenas a amizade dela.

— Eduard...

— Melanie é gostosa, sabe me provocar, conhece os meus pontos fracos e isso não quer dizer que eu vou me relacionar novamente com ela. Além disso tudo, eu te falei que podia apenas te oferecer sexo casual, então é algo sem cobranças, desconfianças e brigas por causa de ciúmes.

— Você vai me machucar. — Ela sussurra.

Só agora eu percebo que estou apertando o seu braço e então eu a solto.

— Eu espero que você tenha entendido.

— Eu entendi e você não precisava ter agido desse jeito... grosso.

Suspiro e esfrego o meu couro cabeludo.

— Me desculpe. — Peço sinceramente. — Hoje o dia foi uma merda, Melanie está me irritando, você está fazendo a mesma coisa e eu estou perdendo o controle.

— E-eu... vou para o meu quarto.

Eu dou um passo para trás, Maire não fala mais nada e vai rumo ao quarto de hóspedes. Olho na direção da escada, vejo que a Melanie está me observando e eu maneo a cabeça para os lados. Em sua mão tem uma garrafa de vodca. Ela é o demônio em pessoa e veio para infernizar a minha vida.

— Eu disse para você beber lá embaixo, Melanie. — Resmungo.

— Não seja chato, Eduard.

Ela anda na minha direção, segura em minha mão e tenta me puxar, mas não consegue, pois o seu salto é alto demais e ela não está totalmente com os pés no chão.

— Você sabe que eu odeio bebida.
— E eu não estou ligando. — Ela resmunga e me puxa mais uma vez.
— Vamos conversar no seu quarto.
— Não, Morgan.
— Melanie! Me-la-ni-e. — Ela exclama. — Vamos conversar no seu quarto, por favor.
— Podemos conversar aqui.
— Não aceito.

Ela dá um passo para trás ao soltar a minha mão, leva a garrafa a boca e bebe um longo gole. Ver a bebida caindo em sua boca, descendo por sua garganta e atingindo o seu organismo é algo que me agonia. Eu odeio bebida! Muitas vezes eu presenciei – ainda criança – o meu pai bêbado, ofendendo e agredindo a minha mãe. Por um longo tempo isso sumiu, ele só bebia socialmente e bem pouco, mas de repente voltou e como eu já era jovem, mais de dezessete anos... a sua irá também vinha para cima de mim. Claro que também para o lado da minha irmã e eu o odiava os seus ataques. A cada palavra que saía da sua boca, independente do que era. Se ele estava nos atacando ou não. Se ele estava sendo o maldito pai ou o dono da máfia. Melanie chuta minha perna, chamando a minha atenção e sai andando rumo ao meu quarto. Essa garota é extremamente irritante. Me levanto do sofá, ando em direção ao meu quarto e fecho a porta. Ela já está deitada em minha cama, as pernas sobre a cabeceira e a garrafa virada em sua boca.

— Você é irritante, Melanie. Não sei como eu suportava namorar com você.

— Porque eu era e ainda sou maravilhosa, meu amor. — Ela declara, ao me encarar de ponta cabeça. — Eu sou gostosa, linda, inteligente, rica, famosa...

— Extremamente convencida, folgada e abusada.

Me sento na poltrona e encaro o céu. O cheiro de bebida está dominando o meu quarto e o meu corpo queima com a presença do álcool, mesmo que eu não tenha ingerido nenhuma gota.

— Ela é ciumenta. — Melanie comenta.

— Quem? — Questiono a encarando.

— Maire.

Apenas suspiro e prefiro ficar em silêncio. Observo a Melanie beber mais um gole e perco a paciência de uma vez. Ando em sua direção, pego a

garrafa de suas mãos e vou para a varanda. Confiro se não tem ninguém na área da piscina e ao redor, e então jogo a garrafa. Ela sobrevoa por alguns segundos e cai no gramado, perto da árvore cerejeira. Me sento de volta na poltrona e percebo a Melanie me encarando.

— Sem bebida aqui.

— E sexo?

A encaro com o cenho franzido e ela ri.

— Você veio aqui para isso?

O seu riso morre e ela me olha fixamente com malícia.

— Não, mas e se eu quiser?

Sorrio e maneo a cabeça em negação. É claro que eu não vou negar sexo a ela, mas não cederei facilmente. Sinto que existe algo que ela não quer me contar, mas eu não vou pressioná-la para contar.

— Você queria conversar, então vamos conversar.

Melanie revira os olhos, se vira na cama e se deita de barriga para baixo, mantendo o seu olhar no meu. Ela enfia uma pastilha de menta na boca e a masca lentamente.

— Você tinha comentado que me viu nessa semana.

— Vi sim, até achei que estava vendo uma miragem.

Ela ri suavemente e fica séria em seguida. O seu celular está vibrando freneticamente, ela suspira e o desliga.

— Não sou uma miragem.

— Quem era, que te deixou séria?

— Denner. — Ela resmunga.

— Até nos seus dias de folga ele te incomoda?!

O seu olhar se desvia do meu e eu fico ainda mais intrigado.

— Denner não é apenas o meu empresário.

Sem precisar falar mais nada, eu já sei exatamente o que ela quis dizer. Maneo a cabeça para os lados e a encaro com muita atenção.

— E você quer fazer sexo comigo? Isso não é do seu caráter, Melanie.

— Talvez eu me case com o Denner. — Ela confessa num tom baixo.

— Apenas um casamento.

— Apenas um casamento? — Rio sem humor. — Você está noiva e quer que eu te foda!

— Não é dessa forma e eu não estou noiva.

— Então que merda toda é essa?

— Eu nunca vou ter a pessoa que eu tanto amei na minha vida e talvez ele seja o único que me queira.

— Melanie...

— Você! Você foi o rapaz que eu mais amei em minha vida, mas depois de tudo que você passou e aconteceu, eu sei que você não irá me querer.

— O nosso momento já foi e acabou.

— Não! Se quisermos, podemos começar de novo. Dessa vez sem James, sem punições, sem medo.

— Você vai se casar, Melanie!

— Eu sinto que ele vá me pedir em casamento, mas eu não quero, só que no fundo é certo aceitar a proposta.

— Então por que está nesse barco furado?

— Porque ele é aquele que pode me colocar na Victoria's Secret, Gucci e qualquer outra.

— Então tudo é por interesse?

— É por medo de ficar sozinha. — Ela confessa.

— Você é linda, gostosa, inteligente e tantas outras coisas, jamais ficará sozinha.

— Homens veem até a mim por interesse e não por sentimentos verdadeiros.

Os seus olhos estão inundados por lágrimas, o seu olhar triste e é visível que essa situação não é algo que ela deseja, mas que precisa.

— Melanie, você não tem que ter um homem em sua vida para entrar nessas malditas marcas. Você é Morgan Thompson, aquela que deu a cara a tapa numa cidade desconhecida e sozinha. Você é Melanie, aquela mulher doce, alegre, provocante, linda e outros trilhões de outros adjetivos.

— Os meus pais acham que eu devo me casar com o Denner...

Ela funga chorosa.

— É a sua vida, você que tem que escolher.

— Eduard... — Ela se senta na cama e me encara. —, por que você tem essa opinião?

— Uma mulher não precisa de um homem para alcançar os seus sonhos, objetivos. Ela tem que ter vontade e força o suficiente para alcançar tudo o que quer. Então isso tudo serve para você; Melanie, você não precisa de homem algum para se tornar ainda melhor do que você já é.

— Eu tenho medo de não aceitar esse pedido e o Denner denegrir a minha imagem.

— Se ele fizer isso, eu mesmo conversarei com ele.

Um riso suave sai da sua boca e ela seca as suas bochechas molhadas.

— Você dará uns socos nele?

— Sim.

— Será um bom combate.

Aceno concordando.

— Combate. — Sussurro pensativo.

Ainda preciso ajeitar a minha vida para que eu possa voltar a lutar.

— Voltando ao assunto da Maire...

— Não. — Nego num resmungo.

— Qual é, Eduard? Vamos conversar.

O clima triste que a domina já se desfez e ela voltou a ser irritante. Eu sei que por mais que eu tente fugir dessa maldita conversa, mas eu não escaparei. O seu olhar ainda está sobre mim, bufo e a encaro sem nenhuma paciência.

— Você é insuportável, Melanie.

— Você me conhece, esquentadinho. — Ela cantarola e volta a se deitar na cama. — Então você está a pegando?

— Você está perguntando se estamos transando? — Questiono debochado. — Estamos e é apenas sexo casual.

— E isso está acontecendo desde quando?

— Tivemos um pequeno caso quando estávamos em Solvang, depois foi cada um para o seu lado e ela até tinha começado a namorar.

— E agora ela está aqui.

— Faz apenas dois dias e em breve irá para o apartamento dela.

— E o casinho de vocês retornou?

— São apenas fudas.

Melanie mania a cabeça para os lados, rola na cama e fica com a bunda para cima. Aviso que vou ir beber água, saio do meu quarto e respiro fundo. Ela me causa turbilhões de sensações e eu não sei como lidar com isso. Desço a escada rapidamente, vou para a cozinha e acendo a luz. A casa está extremamente silenciosa, mas eu sei que rondas estão acontecendo e que o Greg está apostado para qualquer precisão. Não sei que horas a Melanie vai embora, aliás, se ela quiser ficar aqui, que fique, eu não me oponho a isso.

Como eu não consigo dormir muito bem, ela pode dormir aonde quiser e eu irei procurar algo para fazer. Bebo um copo de água, deixo o copo na pia e vou até a porta da varanda.

— Senhor... — Ouço alguém me chamar e eu olho para trás.

— Greg.

— O senhor está precisando de algo?

— Não. — Nego e cruzo os meus braços em frente ao corpo, ao encará-lo. — Está tudo certo?

— Sim, senhor. — Ele afirma e olha ao redor rapidamente. — A senhorita Nash vai ir embora ou...

— Se ela for, eu aviso.

— Sim, senhor.

Ele pede licença e se retira. Eu ainda não estou cem por cento satisfeito com o quadro de seguranças, por mais que eu confie em cada um e saiba detalhadamente de suas vidas, mas eu queria o Dylan aqui. Dessa forma eu não me preocuparia com nada e nem precisaria ficar perguntando se tudo está em ordem, mas como as coisas nem são como queremos, eu tenho que me contentar com o que tenho. Torres não é um mal segurança, é um grande aliado, mas ele não é o Allen. Saio da cozinha, apago a luz e vou para a sala de estar. Pego o meu celular, preocupado se a minha irmã possa ter mandado alguma mensagem e não tem nada dela. Tem apenas outras notificações de mensagens não lidas, que não são importantes e das redes sociais. Franzo o meu cenho ao ler que Stephany Baker é a minha mais nova seguida e fico tentado a fuçar a sua rede social, mas eu não tenho tempo para fazer isso agora. Largo celular sobre o aparador novamente e subo a escada. Melanie está sentada no braço do sofá e eu paro no alto da escada.

— Você gosta da Maire? — Ela questiona, de repente.

— Gosto... — Afirmo a fazendo franzir o cenho. —, como amigo.

— E... — Ela sorri balançando as pernas. —, gosta de mim?

— Eu gosto de você, Melanie.

— Como? — Ela questiona.

— Eu não tenho resposta para essa pergunta.

Dou de ombros, saio da escada e me sento no sofá.

— Não? — Mais uma vez ela questiona.

Melanie ainda na minha direção, acaricia o meu braço e para atrás de mim. A suas mãos passeiam pelos meus ombros, os massageiam devagar e

beija a minha nuca. Ela voltou a me provocar e dessa vez vai ganhar o que tanto quer. Os seus dedos dedilham a minha pele, ela morde o lóbulo da minha orelha e beija a lateral do meu rosto. As suas mãos passam pelo meu tórax, entram na minha camiseta e massageiam a minha pele.

— Melanie...

— Você vai continuar me enrolando ou nós vamos nos *entender*.

— Você está muito fogosa, Melanie.

— E você nunca negou fogo.

Maneio a cabeça para os lados, carregando um sorriso debochado em seus lábios e seguro em seus pulsos. Melanie dá a volta no sofá, eu a puxo para o meu colo e a abraço pela cintura. Subo a minha mão esquerda por suas costas, seguro no seu cabelo e trago a sua boca até a minha. Com extrema pressa, ela abre o botão da minha calça, enfia a mão dentro da peça e acaricia o meu pau por cima da minha cueca. O seu toque é como uma combustão em meu corpo, fogo corre em minhas veias e eu esqueço de tudo. Enfio a minha mão por debaixo do seu vestido, afasto a sua calcinha para o lado e acaricio a sua intimidade.

Ela mexe a cintura contra a minha mão, abaixa a minha cueca e deixa o meu membro livre. Eu a ajeito sobre o meu colo, ela desce deslizando sobre mim e o meu pau entra em sua boceta. Isso aqui não é como na época que namorávamos, é muito mais intenso e canal. Não tem sentimentos nesse ato, apenas desejo e sexualidade. Por causa do ambiente escuro, Melanie fica ainda mais solta e isso é ainda uma característica dela desde quando eu a conheci. Jogo a minha cabeça para trás ao sentir o seu interior se apertar ao meu redor e fico estático em seguida. A luz vermelha das câmeras ao nosso redor chama a minha atenção, e só agora eu me dou conta da exposição que a Melanie está. Seguro em sua cintura, impedindo os seus movimentos e ela me encara.

— Vamos para o meu quarto.

— Eu não me importo em ficar aqui...

— Mas eu me importo. — Faço um movimento circular com o meu dedo na pele da sua cintura e ela fecha os olhos. — Por mais que estejamos vestidos, eu estou te expondo.

— Não, não está, mas vamos sair daqui.

Melanie desliza para trás, saindo de mim e abaixa o seu vestido. Eu fecho a minha calça, saio do sofá e vamos rumo ao meu quarto. Já que tudo

começou, temos que terminar e como eu me lembro muito bem de momentos iguais a esse que já vivi com *ela*, eu sei que a nossa noite será longa. Fecho a porta, Melanie retira a roupa rapidamente e eu a contemplo. Os anos só lhe fizeram ainda mais bem, ela continua gostosa e bem delineada. Os seus seios são fartos, cintura fina e coxas firmes. Apenas a fina calcinha ainda está em seu corpo, as suas mãos passeiam por suas próprias curvas e eu sei que é para me provocar. Retiro a minha camiseta, a jogo no chão e em seguida a minha calça se junta a peça anterior.

— Cama... agora, Melanie.

Ela sobe na cama, se senta sobre os joelhos e eu maneo a cabeça para os lados. Me aproximo lentamente, enfio os meus dedos entre as mechas do seu cabelo e os levo para o topo de sua cabeça. Ela entende o que eu quero, passa as mãos nos fios e os prende num coque. Desço as minhas mãos por seu corpo, aperto os seus seios e em seguida seguro na lateral da sua calcinha. Puxo a pequena peça, a rasgando e o tecido sai facilmente do seu corpo.

— Ainda bem que eu ganho muitas lingerie. — Ela debocha.

— Quer continuar conversando ou quer transar?

— Transar, Eduard!

— Boa escolha, Melanie.

Dou um beijo suave em seus lábios, seguro em sua cintura e giro o seu corpo. Ela apoia os cotovelos no colchão, empina a bunda na minha direção e rebola. Como sempre provocativa e consegue aguentar firme as consequências.

[...]

Levo a xícara fumegante de café até a minha boca e observo a Lisa fazer o café para os seguranças. Pretendo ir ver a Emily ainda nessa manhã, depois levar a Maire para ver o *Fight* e enfim saber da sua decisão. Eu nem quero saber se o Anthony vai continuar com o mesmo discurso sobre não podermos contratar mais uma pessoa, pois se a Maire quiser, ela irá trabalhar lá até o momento que lhe for desejado. Só que, em pensar nessas mulheres que estão invadindo a minha vida, uma outra começou a fazer a mesma coisa. Isso me surpreendeu e me deixou bastante confuso. Ontem, depois que eu transei com a Melanie, eu saí do quarto e me deitei no sofá da sala. Enquanto eu estava lá em completo silêncio, em paz comigo mesmo e de olhos

fechados, a Baker invadiu a minha mente. Ou sonho? Eu não sei ao certo, eu só sei que fantasiei com ela.

Stephany estava diante de mim, usando um vestido bem justo ao seu corpo, com um grande decote deixando os seus seios à mostra. O perfume doce exalava do seu corpo de uma forma suave e embriagante. Ela passava a mão em suas belas curvas, sorria e rebojava em minha direção. Eu só me dei conta do que estava acontecendo quando dei um salto do sofá ao perceber que estava ficando excitado com aquela fantasia inadequada. Por que a Baker tinha que ser a tal? Eu nem conversei direito com ela, nós nem se quer nos vemos com frequência e isso aconteceu de uma forma surpreendente.

Claro que eu me senti atraído por ela, de forma sexual, pois ela é bem bonita e gostosa, e de forma intelectual. Ela quer exercer uma profissão próxima a minha e nós temos muitos conhecimentos para serem trocados. E além de ter essa miragem com ela, estar pensando novamente nisso, eu estou fuçando o Instagram da dita cuja. Stephany é contida na maioria das suas fotos, mas é claro que tem algumas sensuais e provocantes. Tem fotos dela com a irmã e com o Baker. Tem outras com algumas amigas, eu acho e tem com o rapaz que ela estava ontem na Little, ou melhor, várias fotos com ele, mas nada muito revelador.

— Não irá comer, senhor Lewis? — Lisa pergunta, chamando a minha atenção.

— Vou, Lisa, mas eu estou esperando as visitas.

— As visitas? — Ela questiona intrigada.

Melanie dormiu aqui e algo raro aconteceu, eu dormi na mesma cama que ela, mesmo que tenha sido por menos de uma hora, mas eu dormi. Olho para a porta da cozinha, vejo a Maire entrando no ambiente e ela nem se quer, direciona o seu olhar para mim. Eu sei que ela ainda está chateada com o que aconteceu ontem à noite e eu me sinto um pouco mal de ter apertado o seu braço.

— Bom dia, Lisa. — Ela cumprimenta.

— Bom dia, senhorita Lincoln.

O seu olhar recai sobre o meu e eu estico a mão em sua direção. Ela se aproxima devagar, entrelaça a sua mão na minha e eu a puxo de encontro ao meu corpo. Por mais que a Lisa seja discreta e fique em silêncio na maior parte do tempo, eu sei que ela é bastante observadora e preocupada com tudo que pode acontecer.

— Maire Ellen...

Acaricio a sua cintura e a aperto em seguida.

— Eduard Lewis.

O meu nome dança em seus lábios e é gostoso de ouvir.

— Você está chateada comigo?

— Não.

— Eu sinto muito pela minha atitude da noite anterior.

— O seu dia foi péssimo, eu te irritei, assim como a Morgan e aquilo aconteceu. — Ela dá de ombros.

— Mas não foi certo eu fazer aquilo contigo.

— Não, não foi. — Ela concorda.

— Me desculpe.

Passo o meu nariz por seu pescoço, mordo o lóbulo da sua orelha e beijo o seu ombro nu. Ela está usando uma camiseta azul claro que é ombro a ombro e uma calça branca, além de ter salto alto em seus pés. Não sei se ela tem planos para sair, mas será preciso adia-los, pois eu a levarei para sair. Hoje eu acordei disposto a ser carinhoso com ela, estou muito arrependido da minha atitude da noite anterior e sei que ela merece ser bem tratada.

— Bom dia, pessoas lindas do meu mundo. — Melanie exclama.

Ela entra na cozinha surpreendo a todos, Lisa me olha com os olhos arregalados por alguns segundos e a Maire volta a ficar irritada.

— O que ela faz aqui? — Maire me questiona.

— Eu dormi aqui, lindinha. — Melanie responde.

Ela se aproxima de nós, dá um beijo demorado no canto da minha boca, mesmo que a Maire ainda esteja grudada em mim e em seguida se afasta para ir abraçar a Lisa.

— Eduard... — Maire me chama e eu a encaro. —, vocês dormiram juntos?

— Ele não consegue dormir com ninguém, mas tirou um pequeno cochilo. — Melanie responde.

Eu não vou suportar tomar café da manhã na presença das duas e o melhor é eu ir ver a minha irmã. Afasto a Maire do meu corpo, coloco a xicara sobre o balcão e suspiro. Hoje eu desejo que seja um dia tranquilo, então somente alguém *lá em cima* pode me ajudar.

— Não deixe que elas se matem. — Peço baixinho a Lisa.

— O senhor não ficará aqui?

— Eu não suporto ficar no mesmo ambiente que elas.

Lisa ri e acena concordando. Giro sobre os meus calcanhares e encaro as duas. Melanie está com o seu cabelo escuro totalmente solto e reto, em seu corpo a mesma roupa da noite anterior e um olhar de satisfação em sua face. Maire ao seu lado me observa atentamente e bem descontente por ter a minha ex-namorada aqui.

— Você vai sair? — Ela me questiona.

— Vou ir ver a Emily e volto daqui a pouco para te buscar.

— Vamos aonde?

— No *Fight*.

Ela acena concordando e arqueia uma sobrancelha ao encarar a Melanie.

— Quando nós nos veremos novamente? — Ela me questiona. — A noite passada foi ótima.

— Não está cedo demais para você ficar provocando, Melanie? — Questiono irritado.

Ela ri e se aproxima de mim.

— Espero que seja em breve. Agora que trocamos os números de celulares, podemos marcar um próximo encontro.

— Marcaremos. — Afago o seu cabelo. — Não se esqueça do que eu te disse, você não precisa de homem algum para ser maravilhosa.

— Não me esquecerei. — Ela promete. — Avisa a Emily que eu quero encontrá-la.

Aceno e dou um beijo no alto da sua cabeça, mas antes que eu me afaste, Melanie me puxa e cola a sua boca na minha. É um beijo casto, mas que carrega o ambiente e enche os olhos da Maire de lágrimas. Eu não nasci para lidar com mulheres complicadas e se um dia eu arrumar alguma namorada, ela terá que ser muito tranquila. Saio de casa ao topar com o Ian e agradeço mentalmente.

— Bom dia, senhor.

— Bom dia. — Toco em seu ombro e nos afastamos da porta. — Fica lá na sala de jantar, vigiando a Melanie e a Maire. Eu não quero briga e nem que elas estressem a Lisa.

— O senhor acha que elas podem brigar?

— Eu tenho certeza, e prefiro ficar longe daqui.

— Boa escolha, senhor. — Ele ironiza.

— Daqui a pouco eu estou de volta, mas se precisar, me ligue.

— Sim, senhor.

Bato em seu ombro e vou rumo a garagem. Entro na minha Ferrari, coloco o cinto de segurança e saio da propriedade. Espero muito que Melanie e Maire não briguem, mas como eu conheço a minha ex-namorada, sei que ela provocará a minha hóspede e com certeza citará algo da nossa noite. Como está tão cedo e a maioria das pessoas já estão em seus devidos trabalhos, as ruas estão tranquilas e o meu trajeto será ainda mais rápido. Bato os dedos no volante, piso mais fundo no acelerador e relaxo contra o banco. A imagem da Stephany volta a dominar a minha mente, eu a enxoto de imediato e eu próprio me repreendo por isso. Eu ainda não entendo o porquê da minha mente estar pregando essa peça para cima de mim.

Uma coisa importante sobre ela retorna a minha mente, quando eu a vi ontem, ela não estava bem. Espero que ela tenha melhorado ou tenha procurado ajuda médica. Espero que o dia dela tenha sido melhor do que o meu, apesar do seu mal-estar. Só de uma coisa eu tenho certeza, ela não se estressou como eu me estressei ontem. Bocejo cansado e coço o meu olho. Por mais que eu tenha dormido por mais ou menos uma hora, não foi o suficiente para o cansaço desaparecer do meu corpo. Eu preciso dormir e eu não tenho conseguido fazer isso desde quando voltamos para Los Angeles. Quando estávamos em Solvang, eu não dormia muito bem e por longas horas, mas as quatro horas que eu dormia eram suficientes para me manter bem. E essa minha falta de descanso e sono, pode me prejudicar de uma forma muito grave.

Em poucos minutos eu já estou estacionando na frente do prédio aonde o Turner mora, desço do meu carro e aciono o alarme. Entro na portaria, cumprimento o porteiro e subo pelas escadas de emergência. Eu espero que a Emily já esteja acordada a essa hora da manhã e caso não esteja, ela terá que acordar. Bato na porta do apartamento e aguardo. Não quero tocar a campainha, pois o Andrew pode estar dormindo. Dominic aparece diante de mim, eu o cumprimento e entro no apartamento. Penélope olha na minha direção, faz um breve aceno com a cabeça e continua a arrumar a sua bolsa de forma desesperada. A ignoro e aproximo da minha irmã. Beijo a sua têmpora e a abraço.

— Oi, clone. — Sussurro.

— Senti a sua falta. — Ela confessa contra o meu peito. — Mas preciso

que você espere um pouquinho.

— Tudo bem. — Concordo intrigado.

Emily se afasta de mim e se aproxima da cunhada.

— Ele vai te mandar mensagem em breve. — Dominic declara.

— Eu sei que vai, mas até lá eu fico ainda mais preocupada. — Penélope resmunga.

— Já que você não vai trabalhar hoje de manhã e precisa se distrair, me acompanha numas comprinhas? — Minha irmã pede.

— Só se fomos buscar a Ayla na escola depois. — Penélope pede.

— Tudo bem.

— Eu vou tentar ir esfriar a cabeça, mas quando quiser sair, me chame. — Penélope informa.

Ela vai rumo ao quarto, Emily suspira e olha para o Turner. Algo de errado está acontecendo e fazendo com que esse clima ruim pese sobre o ambiente. Sigo a minha irmã rumo a cozinha, me sento na mesa e ela me serve uma caneca de café. Turner entra na cozinha, se senta ao meu lado e apoia os braços na mesa, com a expressão pensativa.

— Dominic que fez o café. — Ela me informa.

— Que seja melhor que o seu. — Declaro irônico e ela me dá um soco. — O que está acontecendo?

— Stephany está internada. — Dominic me responde.

— Por quê?

— Ela estava passando mal desde ontem...

— Eu a vi na Little Damage e ela estava muito abatida. — Informo ao interromper a minha irmã.

— De noite ela piorou e o Oliver a levou para o hospital, e desde então ela está internada.

— Sabe o que ela tem?

— Endometriose.

— Ela fará tratamento cirúrgico?

— Eu não sei, Ed.

— Seria o melhor para esse caso, pois é o mais eficaz. — Comento antes de beber um longo gole de café.

Passos chamam a nossa atenção, Penélope avisa que vai arrumar o apartamento do Oliver e sai. Dominic suspira e encara a mesa. Por mais que seja algo tranquilo, pelo menos a meu ver, pois entendo um pouco desse caso,

eles não conseguem ficar tranquilos.

— Enfim, o que você fez ontem? Sumiu depois da entrevista.

— Fiquei em casa. — Dou de ombros.

— Com a Maire?

— Sim e a noite, eu tive uma visita surpreendente.

— Quem? — Ela questiona com o cenho franzido e faz um barulho estranho com a boca. — Fala logo, Eduard.

— Melanie.

— Quem?

— Morgan.

— Ah, é! Eu me esqueço que Morgan é nome artístico. — Ela resmunga e me encara com atenção. — E aí?

— Ela ficou lá em casa.

— Só?

— O que você quer saber, Emily? Nós conversamos, transamos e eu a deixei com a Maire antes de vir para cá, então estou desejando muito que elas não se matem.

Dominic ri da minha frase e puxa a namorada para perto.

— Você deixou as duas lá e saiu? — Ele questiona.

— Sim. — Dou de ombros.

— Espera! — Emily pede. — Você não estava transando com a Maire?

— Estou ainda, eu acho. — Resmungo.

— E transou com a Morgan ontem, estando no mesmo teto que a Maire?

— Sim.

— Você é um grande... filho da puta! — Emily exclama irritada.

— Não venha dar sermões, Emily.

— Sermões? O que você está fazendo é uma grande...

Andrew começa a chorar antes que ela termine a frase, Dominic sai da cozinha e vai até o filho. A minha irmã se senta aonde o namorado estava, enfia o rosto entre as mãos e respira fundo. Ela está fazendo uma tempestade num copo de água e está querendo me irritar. Eu não vim aqui para isso.

— Emily, está tudo sobre controle. Não tenho nada sério com nenhuma delas e nem quero.

Ela me encara e meneia a cabeça para os lados.

— Alguém sairá machucado nessa história e você não é o mocinho. —

Minha irmã declara.

— E nem o mais certo nessa história.

— Você está bem longe desses dois postos.

— Graças aos céus.

Ela revira os olhos com o meu deboche e suspira, ao apoiar o queixo no pulso. Algo está a incomodando, ou a deixando preocupada. Talvez seja a situação da Stephany e analisando, isso também me deixa preocupado. Termino de beber o café que está em minha caneca, a encho novamente e mantenho a minha atenção na Emily. O seu olhar encontra o meu, e um sorriso suavemente surge em seus lábios. Ela ficou puta quando soube das minhas atitudes, mas eu sei exatamente o que faço e todos nós – eu, Morgan e Maire – somos adultos.

— Você está bem naquela casa sozinho?

— É claro que eu estou.

— Sabe quando os nossos avós veem para cá?

— Não. Ainda preciso ligar para eles.

— E sobre as ilegalidades?

— Quais? — Belisco um pedaço do bolo e encaro a minha irmã. — Dominic podia fazer umas panquecas para mim, né?!

— Para de ser folgado. — Ela resmunga.

— Estou com fome, Emily. Não tomei café lá em casa, pois eu não suporto ficar com aquelas loucas.

— Ninguém mandou se envolver com elas. — Emily debocha. — Eu vou pedir para o Dom fazer, mas seja bem-educado e gentil.

— Vai se foder junto com as *dicas*.

Ela revira os olhos, sai da cozinha e vai atrás do namorado. Pego o meu celular no bolso, desbloqueio a tela e abro o aplicativo de mensagens. Nada demais e isso me deixa um pouco tranquilo, além de estranhar, pois eu não estou seguro em saber que *elas* estão lá em casa. Mesmo que tenha vários seguranças por lá, eu conheço a Melanie muito bem e ela é muito esperta quando quer aprontar algo. Maire é mais contida, mas eu sei que se for preciso, ela irá enfrentar o que lhe atacar. Dominic entra na cozinha, vai direto para o fogão e a Emily praticamente enfia o Andrew entre os meus braços. O meu sobrinho acabou de acordar e está bem enjoado. Sempre foi assim, desde o seu primeiro dia de vida.

— Você não me respondeu, Eduard. — Emily resmunga enquanto

prepara a mamadeira do filho.

— O que você me perguntou?

— E as malditas ilegalidades.

— Achilles está cuidando de tudo.

— Ele era advogado do James. — Em me encara assustada.

— Um dos advogados e o qual mais odiava tudo aquilo, e foi o qual mais me auxiliou desde sempre.

— Você confia nele?

— Sim.

— Eu tenho medo de que aquelas coisas do nosso pai recaiam sobre nós.

— Achilles garantiu que não iremos responder por nada daquilo.

— Vocês não tiveram culpa de nada daquilo, Emily. — Dominic declara e me encara. — Panquecas com *maple syrup*, Eduard?

— Se não for pedir demais. — Encolho os meus ombros.

— É pedir demais sim. — Emily resmunga irônica.

— Está tudo bem, Em. — Ele resmunga divertido.

— Está tudo bem, Em. — Imito-o.

Andrew ri, mesmo sem entender o que está acontecendo e eu sorrio. Ele surgiu num momento de desespero, mas foi quando mais precisávamos de algo que não deixasse a gente pirar e fazer alguma loucura. Emily se senta ao meu lado, pega o filho e dar a mamadeira para ele.

— E sobre a Quinn? — Ela me questiona.

— Já faz alguns dias que não falo com ela e nem a vejo.

— Eu estranho demais essa quietude dela.

— Ela só quer viver em paz. — Resmungo.

— Sem o luxo e a mordomia que James a dava? Duvido muito. Aquela lá é uma cobra peçonhenta.

— Eu serei o primeiro a arrancar a cabeça dela, se ela tentar algo.

— Ela irá te dar o bote e te sufocar, antes mesmo que você perceba.

— Você fala como se eu caísse em qualquer papinho.

— Quando se trata da Quinn...

Dominic coloca o prato de panquecas na minha frente e se senta ao lado da namorada.

— Obrigado, Turner. — Agradeço e encaro a minha irmã. — Para de inventar coisa, Emily.

— Só estou supondo e expondo a minha opinião. E outra coisa, ela é uma vaca.

Reviro os olhos e maneo a cabeça para os lados. Coloco um pedaço da panqueca em minha boca e me surpreendo. Turner é bom em cozinhas e caso ele não seja mais lutador, poderia ter um programa culinário. Percebo que ele está com o olhar fixo no celular, Emily está o encarando pensativa e não vejo que seja algo de ciúmes ou desconfiança. É visível muita cumplicidade, harmonia, confiança e amor entre eles.

— Sabe o que precisamos fazer?! — Dominic murmura chamando a nossa atenção. — Um jantar com todos os nossos amigos.

— Para que? — Emily questiona.

— O seu aniversário passou e você estava longe daqui, aliás, o aniversário de vocês. — Ele se corrige, rapidamente.

— Boa ideia, Dom. — Ela sorri e olha para mim. — O que acha, Ed?

— É você que escolhe, é para você, Emily.

— Não! — Turner nega. — É para vocês dois.

— Obrigado, mas eu não...

Emily chuta a minha perna e olha para o namorado, como se tudo estivesse bem. Não tem o porquê de eu aceitar essa proposta, eu não me dou bem com a turma do Turner e nem quero envolvimento com esse pessoal.

— Nós vamos conversar e pensar, Dom. — Ela informa.

Reviro os meus olhos, termino de comer rapidamente e agradeço mais uma vez ao Dominic. Dou um beijo no topo da cabeça do Andrew e o pequeno, cisma em que eu o pegue no colo. Preciso ir para casa e ver se tem corpos estirados naquela mansão. Claro que isso é uma ironia, mas nada me surpreende. Me despeço do Turner, Emily sai do apartamento comigo e descemos a escada em silêncio. Andrew está grudado em mim, os seus pequenos braços em volta do meu pescoço e o seu rosto colado no meu.

Desde o seu primeiro dia de vida, eu estive ao lado e cuidando dele. Dei muitos banhos, troquei trilhões de fraldas e fiquei noites acordados. Andrew teve uma péssima fase de cólicas, Emily não suportava cuidar dele durante a noite, ela só sabia chorar e ficar deprimida de saudade do pai do seu filho, e então eu cuidava do bebê. Criamos um bom laço de ligação, então ele sente a minha falta. Não ficamos mais juntos, eu não cuido mais dele e nem passo muito tempo por perto. Me encosto no meu carro, ajeito o meu sobrinho em meus braços e ele resmunga diversas coisas incompreensíveis.

— Andrew está bem com essa mudança repentina?

— Sim, já está bem acostumado e tem uma ligação incrível com o pai.

— Ainda bem. — Sorrio um pouco tristonho.

Sinto falta de ter o meu sobrinho e irmã comigo sempre, mas ela precisa constituir a sua família e eu viver com os meus demônios.

— Nós sentimos a sua falta, você poderia ser mais presente. — Ela comenta.

— Você precisa montar a sua família e eu sempre vou estar por perto, jamais vou te abandonar.

— Eu sei, mas não gosto de ficar aqui sabendo que você está naquela casa sozinho.

— Lisa e os seguranças sempre estão lá.

— Mas você está sozinho do mesmo jeito. Não se abre com ninguém, não tem muita intimidade e... isso me preocupa.

— Eu estou bem, Emily.

— Você pode dizer milhões de vezes, mas eu não fico cem por cento tranquila.

— Deveria ficar. Eu sei me cuidar, estou bem lá e gosto que seja assim.

— Eu sei que você não gosta dos rapazes, mas eu queria você mais perto de todos. Eles me acolheram e acolhem muito bem, vão fazer a mesma coisa com você.

— Dominic até consegue conviver comigo, porque somos cunhados. — Ironizo.

— Ele gosta de você, Ed e os demais podem...

— Oliver me odeia pelo o que eu fiz com você. Eu sou louco para quebrar a cara do Jensen, assim como ele é louco para quebrar a minha.

— Nem me fale nesse babaca, eu que sou louca para arrebentar ele. — Ela resmunga.

— Mas eu que farei isso. — Prometo.

— Ele merece ser nocauteado, Eduard.

— Eu vou me preparar e em breve vou lutar contra ele.

— Eu quero ver ele desacordado naquele octógono. — Ela pede.

— E assim será.

Nocautear o Jensen será a minha maior realização e se eu não realizar isso, nunca mais pisarei em algum octógono. Entrego o Andrew para a minha irmã, cruzo os meus braços em frente ao corpo e encaro o céu. Eu não sei o

porquê da minha mãe estar retornando em minha mente nesse momento, talvez seja pelo o modo da Emily ser preocupada comigo, assim como a nossa mãe era. Olho para a minha irmã, toco em seu ombro e ela me olha. Abro os meus braços e ela me abraça. Beijo o topo da sua cabeça, e a aperto contra o meu corpo. Sinto muito a falta dela, das nossas companhias, conversas e até mesmo os desentendimentos. Eu sei que deveria contar para ela sobretudo, mas eu simplesmente não consigo. Não por enquanto.

— Eu amo quando você tem reações assim. — Emily confessa contra o meu peito.

— São raras. — Comento divertido.

— Deveriam ser mais frequentes.

— Não exagere, Emily. — Resmungo.

Ela ri e se afasta de mim. Um carro para na frente do meu e eu franzo o meu cenho. Já vi esse carro em algum lugar, mas não lembro de quem seja. Percebo o Dominic parado na porta do prédio conversando com o porteiro, volto a minha atenção para o carro na minha frente e reviro os olhos ao ver quem é o dono. Jensen coloca o óculo-escuro, aciona o alarme e anda na nossa direção. Troco um olhar rápido com a minha irmã e ficamos irritado com esse babaca.

— Lewis... e — Ele encara a minha irmã e sorri debochado. — Pré-Turner.

— Me poupe da sua presença. — Ela resmunga.

— Você é muito má educada, Emily. — Ele murmura ao cruzar os braços em frente ao corpo. — Cadê o Dominic?

— No meu bolso não está.

Seguro o riso com o deboche da Emily e encaro o amante. A sua expressão é de pura raiva e isso me dá um enorme gosto de provocá-lo ainda mais.

— Eu não sei como o Dominic te suporta. — Ele resmunga.

— E eu não sei aonde a minha mãe estava com a cabeça quando começou um caso com você.

O seu olhar cai sobre mim.

— O que a sua mãe tem a ver com isso aqui? Absolutamente nada.

— Não mesmo, mas ela deveria estar com um distúrbio muito grave ou em alguma necessidade sexual para fazer isso... e sem querer roubar a sua frase, mas fazendo uma adaptação; eu não sei como a minha mãe te

suportava.

O ódio é visível em seu olhar e ele dá um passo na minha direção.

— O que você falou? — Ele questiona.

Eu dou um passo em sua direção e o encaro friamente.

— Eu tenho certeza de que você ouviu muito bem.

— Maggie pode fazer muita falta para vocês, mas ela também faz para mim, só que pelo menos ela não teve que vivenciar as merdas que você causou nesses anos que se passaram.

— Você não sabe de merda nenhuma, Brown. Você apenas era usado pela minha mãe e agia como um cachorrinho atrás dela.

Antes que ele possa avançar sobre mim, Turner para entre nós e coloca a mão no ombro do amigo.

— O que está acontecendo aqui? — Ele nos questiona.

— O seu amiguinho está nos provocando. — Emily resmunga.

— Eu? — Jensen questiona, antes de ri falsamente.

Dominic manea a cabeça para os lados, solta um longo suspiro e me encara.

— Você não estava indo embora, Eduard?

— Não fala assim com o meu irmão! — Emily exclama ao empurrar o namorado.

— Não falei por mal, eu só quero lembrá-lo da possível situação que esteja na mansão.

Merda! Tinha esquecido da Melanie e da Maire.

— Eu sei muito bem o que eu faço, Turner. — Resmungo e dou um beijo na têmpora da minha irmã. — Melanie disse que quer te ver.

— Depois conversamos mais sobre isso.

Concordo com um aceno, beijo o topo da cabeça do meu sobrinho e entro no meu carro. Não foi dessa vez que eu soquei a cara do Jensen, mas acontecerá muito em breve, pelo menos é isso que eu desejo. Eu odeio lembrar que a minha mãe teve um caso com aquele babaca, mas eu já percebi que esse assunto é o pior e mais profundo ponto fraco dele. E não é errado eu usar esse assunto ao meu favor, por mais que me irrite, mas nada é maior que vê-lo transtornado com esse assunto. Um dia eu saberei de tudo que aconteceu entre Margareth e Jensen, e quando esse dia chegar, será o momento da minha possível paz.

CAPITULO SETE

Quantas lições aprendemos?

Quantas pontes poderíamos cruzar em vez de queimar

Por que achamos difícil perdoar

Estamos tão cegos que é fácil esquecer

Jordan Smith – Only Love

Stephany Baker

Assim que eu dei o primeiro passo dentro do apartamento, o olhar do meu irmão recaiu sobre mim e eu me senti acanhada. Ele não perguntou absolutamente nada sobre a minha saída, apenas se eu me sentia bem e eu afirmei que sim, pois era verdade e ainda continua sendo. Luc percebeu que eu estava um pouco pálida quando ele me deixou aqui, me questionou e eu lhe contei. Ele já tinha presenciado outras vezes esses mesmos sintomas, mas como eu insisti que iria passar e a minha mãe não tinha se preocupado muito, apenas ignoramos toda a situação. Só que dessa vez, a dor veio pior e eu estou estranhando muito, mesmo que eu tenha tentado passar tranquilidade para o Oliver.

— Ei... você percebeu que a Penélope estava estranha? — Ayla me questiona.

A encaro com o cenho franzido ao voltar para a realidade.

— Percebi.

— Espero que não seja nada que complique o romance deles.

Dou de ombros e olho para os dois lados da rua, antes de atravessá-la. Fui à cafeteria com a Ayla comprar algumas bobagens para comermos durante a tarde e só viemos, porque o Oliver voltou para o apartamento com a *esposa*. E foi como a Ay disse há pouco, a Penélope estava estranha e me pareceu bem preocupada. Por mais que possa ser complicado, eu acho isso bom, pois tira a atenção do meu irmão sobre mim e eu posso respirar mais aliviada. Já estava agoniada com a preocupação dele e o olhar de questionamento

— Você não me contou muita coisa sobre o seu passeio com o Luc. — Ayla resmunga.

— Foi ótimo e... — Lembro-me do Lewis e paro de andar. —, encontrei o Eduard lá.

— O irmão da Emily? — Ayla me questiona.

— Existe outro? — Debocho.

Percebo que o porteiro dorminhoco está nos observando disfarçadamente, ao seu modo e eu reviro os olhos. Não posso comentar sobre o Eduard lá no apartamento, pois o Oliver ficaria louco e como ele está ocupado com a Penélope, ele não se importará com a nossa demora. Ayla está

me olhando com muita atenção e com o dobro de curiosidade.

— Ele falou com você?

— Sim, me cumprimentou brevemente e quando a companhia dele foi na *toalete*, ele veio me provocar.

— Te provocar? — Ela questiona.

— Ele me elogiou e perguntou se o Luc era o meu namorado.

— Você disse que não, né? Pois eu percebi um pré-interesse entre vocês.

— O que? — Praticamente grito e ela ri.

— Um interesse que está crescendo. — Ela debocha e sai andando rumo a porta do prédio.

— Para de loucura, Ayla. — Resmungo.

A minha irmã para de andar e olha para mim, por cima do seu ombro.

— Você gosta dele?

— Como eu vou gostar de uma pessoa que eu nem conheço direito?!

— Se sente atraída?

— Sim, mas isso é normal...

— Gostaria de beijá-lo ou... — Ela dá de ombros.

— Com certeza, mas não significa que eu quero isso ou farei isso acontecer.

— Mas iria querer caso isso acontecesse.

— Para de falar merda.

Passo rapidamente por ela, puxo a porta das escadas de emergência e subo os degraus lentamente, porque, por mais que eu não queira ouvir as merdas da Ayla, eu tenho que esperá-la. Logo ela me alcança, chegamos no nosso andar e vamos para o apartamento. Ouço a voz baixa do Oliver vindo de algum lugar, deixo a sacola sobre a mesa da cozinha e enfim encontro o meu irmão. Ele está vindo do quarto junto com a Penélope, o olhar dela ainda continua triste e eu tento agir de forma neutra. Ainda não estou acostumada com a sua presença, mas sei que terei que me acostumar e tentar ser amigável. Ainda não consigo aceitar como tudo aconteceu, me refiro ao termino deles no ano passado, a mudança do Oliver e o casamento inesperado.

— Vocês demoraram. — Meu irmão murmura.

— Mas trouxemos coisas gostosa. — Ayla informa.

Oliver puxa uma cadeira, a Penélope se senta e ele fica ao lado dela.

Reviro os meus olhos e me junto a eles na mesa. A caçula da família retira tudo o que compramos das sacolas e coloca sobre a mesa. Estico a minha mão em direção ao donuts de chocolate, Penélope estica a mão na mesma direção e os nossos olhares se cruzam.

— Me desculpe. — Ela pede num tom baixo.

— Pode pegar, trouxe vários.

Puxo a minha mão de volta, me levanto da mesa e vou até a geladeira. Oliver já me pediu para eu ser simpática com a sua esposa, mas ele tem que entender que é algo complicado. Sei que posso estar fazendo uma tempestade num copo de água, só que eu não acho certo tudo o que aconteceu e nem da forma que aconteceu. Me sirvo com um copo de suco, volto a me sentar e deixo a jarra sobre a mesa. Observo o Oliver acariciando o cabelo da esposa, ele está sendo muito carinhoso com ela, aliás, ele sempre é e eu não a vejo retribuindo da mesma forma.

— Você então vai levar as meninas na festa da Hanna? — Penélope questiona o meu irmão, após lamber o dedo que estava melado de chocolate.

— Vou conversar com o West, mas tenho quase certeza que ele vai autorizar.

— Nós queremos ir, Oliver. — Ayla informa.

— Eu sei, mas vou conversar com ele.

— Já sabem a fantasia que vão? — Penélope pergunta devagar.

— Precisa disso? — Ayla pergunta num resmungo.

— Se a festa é a fantasia, lesada. — Bato a mão em sua testa e encaro a *minha cunhada*. — Não sabemos, Penélope, mas o Oliver vai nos levar para comprar alguma coisa depois.

Ele terá que nos levar, pois eu não estou a fim de ir com a sua querida esposa.

— Eu vou hoje, se quiserem irem comigo. — Ela sugere receosa.

— Vocês deveriam ir com a Penélope, tenho algumas coisas do trabalho e não posso levá-las. — Oliver informa.

Penélope sussurra algo que somente o meu irmão consegue ouvir e em seguida se levanta da mesa.

— Eu tenho que ir, nos vemos depois, Oli.

— Você vai para o *Fight*? — Ele questiona.

— Não sei ainda, mas talvez eu vá para treinar.

— Se você for, me avise. — Ele pede a fazendo assentir. — Vou te

acompanhar até a porta.

Ela acena para nós, apenas a Ayla retribui e eu recebo um olhar sério do meu irmão. Enfim eles saem das nossas vistas, e a minha irmã volta a me encarar. O que é? Não fiz nada demais, apenas dei a resposta exata para a Penélope e eu não sou obrigada a retribuir o aceno dela. Ignoro tudo ao meu redor e me foco a comer, apenas isso. A minha irmã se mantém em silêncio enquanto come, eu olho para o corredor que dá acesso aos demais cômodos do apartamento e vejo o Oliver indo rumo ao seu quarto junto com a Penélope. Ela não ia embora?! Talvez ela tenha percebido que o melhor era ficar com o meu irmão, ao invés de ir fazer qualquer outra coisa. Eu jamais iria trocar um tempo de romance para ir fazer os meus deveres. Por mais que pudesse ser importante, nada seria acima do precioso tempo ao lado de quem eu gosto.

— Penélope esqueceu o celular aqui... — Ayla comenta chamando a minha atenção. —, e está vibrando.

— Ela está no quarto com o Oliver.

— Eu não vou lá, não. — Ela nega de imediato. — Leva você.

— Eu não.

— Se eu for lá e eles estiverem se pegando? Não quero presenciar isso novamente.

— Com certeza eles estão se pegando como se não existisse o amanhã, mas deve ser importante a mensagem.

Ayla encara o celular e solta um longo suspiro.

— Senhor... — Ela olha para cima e isso me faz ri. —, que seja um ambiente neutro.

Enfim ela se levanta da mesa e vai rumo ao quarto, enquanto eu continuo rindo da sua atitude.

[...]

Deito-me de barriga para baixo e respiro fundo. A dor retornou há poucos minutos e está ainda mais forte. Enfio a minha mão debaixo do travesseiro, pego o meu celular e o desbloqueio. Abro o aplicativo do Instagram e fico fuçando alguns posts. Sem pensar muito, abro a guia de pesquisas e procuro pelo perfil do Lewis. Algo nele me atrai, me refiro a maneira de pura empatia e uma pequena atração. A porta do quarto se abre no

mesmo segundo que eu encontro o que tanto desejava e olho com curiosidade cada foto no feed. Ele é discreto, pouco ativo na rede social e as suas fotos... mostram cada vez mais a sua real beleza.

— É o irmão da Emily? — Ayla, a curiosa questiona.

— É o Instagram do Eduard. — Murmuro.

— Bonitinho.

— Bonitinho? — Questiono incrédula. — Ele é um gato.

Fecho os meus olhos por alguns segundos sentindo a dor ainda mais forte e apenas a ignoro. O meu irmão não está aqui, ele saiu para treinar no início da noite e eu nem sei que horas ele irá voltar. Eu sei que deveria ir ao médico, pois essa cólica não é normal, mas sempre que eu a senti dessa forma, ou melhor, nunca nessa intensidade, mas quando eu tinha esse tipo de dor, passava logo e então eu estou aguardando.

— Mas é triste. — Ayla comenta.

— Eu percebi a tristeza no olhar dele, queria saber o porquê e sei que nunca vou saber. Ele é muito quieto, discreto e não é próximo a ninguém.

— Algo aconteceu para ele ser daquele jeito.

— E principalmente por ele não ser próximo aos meninos.

Continuo a fuçar as fotos e sorrio ao ver ele com o sobrinho. É a foto que o Eduard está sorrindo lindamente e amplamente. Bem genuíno e espontâneo.

— Você já perguntou para o Oliver sobre isso?

— Mais ou menos. Eduard me disse que ele não tem nada contra o Oli, já o nosso irmão... — Dou de ombros.

— Agora até eu estou curiosa.

— Eduard é um poço de segredos.

A porta do quarto se abre de repente, me sento na cama e encaro o Oliver. Ele se encosta no batente e nos observa com muita atenção. Em sua mão tem uma garrafa de cerveja e o seu rosto demonstra cansaço.

— Qual era o assunto que envolvia o Eduard? — O seu questionamento me faz engolir em seco.

— Eu não tenho nada a ver. — Ayla informa levantando as mãos. — Pensávamos que você fosse ficar no *Fight*.

— Estou quebrado, Ay. — Ele murmura.

— Quer que eu faça algo para você comer? Eu estou testando umas receitas que vi na internet.

— Não precisa. — Ele nega e olha para mim. — Então, me responda.

— Não era nada. Eu só estava comentando com a Ay que vi uma foto no Instagram do Eduard e ele estava com o filho do Dominic. — Resmungo.

O seu cenho se franze e eu torço para ele acreditar nessa quase mentira.

— Não quero você tratando a Penélope mal. Eu e ela estamos nos entendendo, e a sua falta de educação não é bem-vinda nisso. Muito menos dentro dessa casa. — Arregalo os meus olhos diante da sua informação. — Se você me quer feliz, aceite o meu relacionamento com ela e comece a tratá-la melhor. Não vou aceitar que nenhuma de vocês se desrespeitem.

— Você sabe o que é melhor para você. — Dou de ombros.

— Penélope é a mulher da minha vida e é a mulher a qual eu me casei. Então, aceitem ou aceitem.

— Eu gosto dela. — Ay comenta sorridente.

— É bom saber disso. — Ele sorri para a nossa irmã.

— Vou tentar melhorar, Oliver.

— Obrigado. — Ele agradece. — Agora vão dormir que amanhã ainda é quinta-feira.

Oliver dá um beijo na testa de cada uma de nós e sai do quarto. Eu não entendi muito bem o seu *pedido* para eu tratar a Penélope melhor, eu não fiz nada de errado durante a tarde. Apenas fiquei na minha e tranquilamente. Volto a minha atenção para o celular e encaro muito a opção; seguir. Fecho os meus olhos e seleciono a opção. Percebo a Ayla me observando, largo o meu celular sobre a cama e a encaro.

— Você... tem interesse nele.

— O que? — Questiono confusa.

— Você tem interesse no Eduard.

— Não é isso.

— E é o que, então? — Ela questiona.

— Não é esse interesse que você está pensando, é apenas... — Dou de ombros sem saber o que dizer.

Ayla sorri pensativa e vai rumo ao banheiro, tomar banho. Volto a fuçar o Instagram do Lewis e as palavras da minha irmã retornam em minha mente. Não é dessa forma que ela citou, é apenas algo... aliás, eu nem sei como descrever essa situação. Reviro os olhos, respiro fundo e volto a me deitar. Jogo as minhas pernas rumo a cabeceira da cama e fico massageando o meu ventre. A dor ainda não passou e muito menos diminuiu, ela só vem

aumentando cada vez mais. Fecho os meus olhos e tento relaxar. O final de tarde foi bem tranquilo, pensei bastante sobre tudo que aconteceu nesses últimos dias e principalmente na minha mãe. Quando eu vi o Luc, eu nem sequer me lembrei de perguntar se ele viu a minha mãe, já que ele mora lá perto de casa. E em falar nele, apenas recebi uma breve mensagem dele avisando que chegou bem e que iria descansar. Sinto a minha garganta seca, me levanto da cama e saio do quarto. O apartamento está silencioso, mas a luz da sala está acesa e o cômodo vazio. Entro na cozinha, acendo a luz e pego um copo limpo.

— Oli... — Olho para a porta quando ouço a voz da Penélope e ela se surpreende ao me ver. —, hã... eu pensei que fosse o seu irmão.

— Ele está no quarto.

— Hum... está bom. — Ela sussurra um pouco sem jeito.

— Boa noite, Penélope.

Ela apenas sorri e vai rumo ao quarto do meu irmão. Bebo a água que eu tanto desejava, apago a luz da cozinha e vou rumo a sala de estar. Tranco a porta, fecho as janelas e apago a luz. Volto para o meu quarto, me deito na cama e tento ignorar a minha dor. No fundo eu sei que tenho que ser melhor com a Penélope, ela está tentando se aproximar mais de mim, mas não é algo que eu irei permitir facilmente. Ayla sai do banheiro, se senta em sua cama e passa hidratante corporal nas pernas.

— Sabe o que eu estava pensando no banho?! Você deveria questionar o Oliver sobre a aversão dele ao Eduard. — Ela comenta.

— Se eu o questionar, pode parecer que eu tenho algum interesse no Lewis.

— Mas você tem. — Ela declara sem me olhar.

— Não tenho!

Me deito de frente para a parede, a ignorando e ouço o seu riso, mesmo que tenha sido baixo. Ayla está enxergando coisas que não existem e nem vão existir.

— Eu vou ir dormir, amanhã tenho aula. — Ouço a minha irmã avisar.

— Boa noite.

— Boa noite. — Ela sussurra. — Você já vai dormir?

A olho e dou de ombros.

— Estou sem sono. — Resmungo.

— Você está ficando pálida de novo. Eu vou chamar o Oliver...

— Não!

— Vou sim. — Ela se levanta da cama.

— Eu estou bem, não precisa chamar ele, ainda mais que ele está com a Penélope.

— Você não está bem.

— Eu estou. — Declaro irritada e saio da cama. — Vou ir assistir tevê.

— Ei...

A ignoro e saio do quarto. A porta da frente está fechada, não ouço nenhuma briga ou vozes alteradas. Talvez eles tenham se entendido de uma vez e em pensar nisso, me faz questionar se ela virá morar aqui. Tá, eu sei que eles são casados e pessoas com esse status devem morar juntas, mas eles não são pessoas normais, são conturbados e tem o relacionamento no mesmo nível. Me deito no sofá, ligo a tevê e prendo a minha atenção no meu celular. Eu queria ligar para minha mãe, saber como ela está e como estão as coisas lá em casa, mas o que o Oliver disse ontem é verdade. Devemos ter pouco contato com ela nesses primeiros dias, pois ela precisa aceitar e se acostumar com a nova situação. Suspiro e fecho os meus olhos enquanto ouço as vozes da televisão.

[...]

Gemo de dor quando tento me virar, abro os meus olhos e percebo que ainda estou no sofá. Tateio o sofá em busca do meu celular e confiro a hora. Faz quase meia hora que eu estou aqui e o pequeno cochilo que eu dei, não fez a minha dor diminuir, apenas aumentar. Coloco a mão na minha pélvis, me levanto do sofá e caminho devagar até o quarto. A minha dor se tornou insuportável em poucos minutos e eu terei que pedir socorro para o Oliver. Acendo a luz do quarto sem me importar que a Ayla está dormindo, chacoalho ela e me deito na minha cama.

— Ayla! — Chamo-a.

— *Hum?* — Ela resmunga.

— Pede para o Oliver me levar para o hospital.

— O que? — Ela questiona totalmente desperta. — A dor voltou?

— Piorou.

Ela se levanta da cama e sai do quarto passando as mãos no cabelo. Fecho os meus olhos com força e pressiono as minhas mãos em minha pélvis.

Tudo dói de uma forma inexplicável e isso não estaria acontecendo se eu tivesse ido ao hospital assim que eu senti os primeiros minutos de dor ao acordar nesse dia. Em segundos a Ayla volta para o quarto, avisa que o Oliver já está vindo e corre para banheiro para trocar de roupa. Me sento na cama, levo as minhas pernas em direção aos meus seios e deixo a minha testa encostada nos meus joelhos. Eu não sou uma pessoa que reclama de qualquer mínima dor ou desconforto, eu sempre aguento tudo calada, mas dessa vez é diferente. As lágrimas inundarem os meus olhos a cada segundo que a dor se torna mais forte. Sinto uma mão forte acariciar o meu cabelo, levanto a minha cabeça e vejo o meu irmão. Ele me direciona um sorriso que diz; ei, eu estou aqui e vou cuidar de você, e em seguida passa a mão em minha testa.

— O que você está sentindo? — Ele me pergunta.

— Muita dor nas costas, na barriga e essa área, pélvica.

— Vou te levar para o hospital.

[...]

Ontem à noite, o meu irmão levou a Ayla e a Penélope de voltou para o apartamento, e depois veio passar a noite comigo. Até agora minha mente está a mil e confesso que estou um pouco temerosa. O médico me diagnosticou com endometriose e a melhor forma de tratamento é a cirurgia, que ocorrerá na segunda e mesmo que seja um procedimento tranquilo, eu estou preocupada e vejo a mesma coisa no meu irmão. Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e suspiro. Passei a noite em observação no hospital, pois a minha dor era muito forte e o meu fluxo muito intenso. Hoje cedo, antes de eu ser liberada fiz alguns exames necessários e agora já estou quase chegando em casa. Oliver está inerte em seus pensamentos, mas ainda muito preocupado.

— Você vai ir buscar a Ay na escola?

— Não, a Penélope vai buscar ela. — Ele responde e me olha por alguns segundos. — Está com dor?

— Não e já é a milésima vez que você me pergunta.

— Por que será, né? — Ele resmunga. — Eu me senti culpado por não ter levado você antes no hospital.

— Não foi culpa sua. Eu estava me sentindo bem, e do nada veio aquela dor absurda.

— Numa próxima vez, que eu espero que não aconteça, eu vou te levar no primeiro segundo assim que disser que está com dor.

— Tá bom, então. — Resmungo.

Sorrio com a sua preocupação e aperto o seu ombro. Ele estaciona o carro em frente ao prédio, descemos e eu ando devagar rumo a portaria. Olho para o meu lado esquerdo, vejo o Dominic vindo em nossa direção com o filho nos braços e ele sorri para mim.

— Como você está, Stephany? — Dom pergunta.

— Melhor.

— Isso é bom. — Ele comenta e olha para o meu irmão. — Emily e Penélope saíram há um século.

Oliver ri e passa o braço por trás do meu pescoço antes de adentrarmos no prédio.

— Foram aonde? — Ele questiona.

— Emily queria ir comprar umas coisas para ela e para o Andrew, e chamou a minha irmã para ir junto.

— E depois vão ir buscar a Ayla? — Ele pergunta.

— Sim. — Dom afirma.

Logo estamos no andar dos nossos apartamentos. Me despeço do Dominic e entro no apartamento, enquanto ele fica conversando com o meu irmão. Me sento no sofá e solto um longo suspiro. É bom estar em casa, mesmo que eu só tenha ficado longe daqui por algumas horas. Estico as minhas pernas rumo à mesa de centro, ligo a tevê e zapeio os canais em busca de alguma coisa interessante. Oliver entra no apartamento, coloca as mãos no quadril e olha ao redor.

— O que foi? — Questiono.

— Acho que vou fazer o almoço. — Ele responde pensativo.

— O que você vai fazer de gostoso?

— Não sei. — Ele encolhe os ombros. — Talvez eu devesse esperar a Pen chegar...

— Ayla vai chegar da escola com fome, talvez a Penélope também e seria bom que o almoço já estivesse pronto.

— É, você está certa.

— Então, mãos a massa.

Ele sorri e franze o cenho.

— Massa?

— Tipo?

— Macarrão com queijo? — Questiono.

— Boa ideia, Oli.

Ele sorri e vai para a cozinha. Largo o controle sobre o sofá e tento ouvir com atenção o que o noticiário informa, mas me distraio ao pensar na laparoscopia. Eu sei que tudo vai ocorrer bem, mas é algo normal em eu ficar preocupada, só que eu não devo, pois é ruim para mim mesma e para o meu irmão.

— Mudanças de ideia sobre o almoço, Steph. — Ouço o Oliver informar.

Olho na direção da cozinha e o vejo parado na divisória dos cômodos.

— Por quê?

— Não tem nenhum dos ingredientes aqui.

— E o que teremos de almoço?

— Comida congelada. — Ele informa ao balançar a embalagem.

— Matando a nossa fome, não tem mal nenhum.

— Boa concordância, pirralha.

Reviro os meus olhos, ele pisca e volta ao seu afazer. A porta do apartamento se abre, Ayla é a primeira entrar e ela me abraça enquanto me pergunta como estou. Penélope me cumprimenta brevemente e vai rumo a cozinha. Ela tem todo direito em ser receosa comigo, por causa do jeito que eu sou com ela, mas eu vou me esforçar a tratá-la diferente por causa do meu irmão, apenas isso. Ayla me conta como foi as aulas quando eu pergunto e sorrio ao perceber que ela está animada. É bom que ela está se acostumando com a nova rotina e no novo colégio. Olho na direção da cozinha e vejo o meu irmão beijando a esposa.

— Ei, eu estou com fome. — Ayla grita chamando atenção do casal.

— Os deixa. — Resmungo.

Ay revira os olhos e volta a falar sobre as aulas. Ela já está no último ano do ensino médio e ainda não escolheu o que vai cursar na faculdade. Ela tem sorte de que, quando isso acontecer, o Oliver vai apoiar o que for e irá ajudá-la. Muito ao contrário do que aconteceu comigo, pois o meu pai não me deixava adentrar no curso superior. Pelo menos agora, ou melhor, no ano que vem, eu vou começar o que eu tanto desejo e quando eu menos esperar, já estarei me formando. Distraio dos meus pensamentos quando a Penélope entra na sala, Ayla corre na direção da cozinha e eu fico sem saber o que

fazer. Ela se senta no outro sofá, coloca as mãos no colo e olha para a tevê por poucos segundos, antes de me encarar.

— Você está melhor? — Penélope me pergunta.

— Sim. — Murmuro.

Está ficando cansativo de ouvir essa pergunta.

— Oliver me disse sobre a cirurgia, vai ser tranquila e logo você fica sem por cento novamente.

— É.

Percebo que ela fica sem jeito, se levanta do sofá e sai do apartamento após avisar o meu irmão, que volta depois. Oliver me encara intrigado, eu dou de ombros e volto a olhar para a tevê. Eu só espero que ele não ache que eu tenha sido a culpada para ela ter saído daqui de repente, talvez ela tenha se lembrado de algo importante ou precisa falar com o irmão. Bocejo cansada e me deito no sofá.

— Por que a Penélope foi embora? — Ouço o Oliver me questionar.

— Eu não sei.

— O que você disse para ela?

— Nada, Oliver! Ela só me perguntou como eu estava e comentou que a cirurgia vai ser tranquila.

— Deve ter sido por outro motivo, Oliver. — Ayla comenta.

Ele acena, mas continua a me olhar de forma intrigada e eu o ignoro. Fecho os meus olhos e relaxo contra o confortável sofá.

[...]

Oliver foi buscar a Penélope no trabalho, estou no apartamento do Turner junto com a Ayla, pois ela está cuidando do Andrew enquanto a Emily foi buscar alguns papéis no Fight e o Dominic assistir algumas lutas. O filho deles não dá nenhum trabalho, é um bebê muito tranquilo e gosta bastante da minha irmã. Durante a tarde, eu consegui dormir mais um pouco, já que a noite no hospital não foi tranquila e o Oliver não foi trabalhar, pois queria ficar de olho em mim. Eu sei o tanto que eu o deixei preocupado, mas jamais tive aquela intenção. O meu celular vibra indicando uma notificação do Instagram, o abro e franzo o cenho ao ver que é uma mensagem do Lewis.

— Será que a Emily vai demorar? — Ouço a Ayla me perguntar.

— Ela acabou de sair daqui, mas avisou que seria rápido.

— Eu sei e me lembro disso. — Ela resmunga.
— Então por que a pergunta?
— Porque estou com receio do Andrew querer a mãe dele.
— Ele está interdito com você. — Sorrio suavemente e volto a encarar a notificação. — Lewis me mandou uma mensagem.
— Mandou o que? — Ela questiona com curiosidade.
— Eu ainda não li.
— Lê logo! — Ela ordena.
Rio da sua ansiedade e abro a mensagem antes de ler em voz alta.

‘Olá, Baker.

Soube do que aconteceu contigo, espero que esteja melhor.

*Se você quiser conversar sobre o seu tratamento
ou qualquer outra coisa, pode me procurar.’*

Estou surpresa com a sua mensagem, extremamente surpresa. Olho para a minha irmã, ela está do mesmo jeito que eu, mas sorrindo irônica e eu a ignoro.

*‘Olá, Lewis. Agradeço a sua mensagem,
e confesso que ainda estou surpresa. E... sim,
eu acho que estou precisando conversar sobre esse assunto.’*

Longos segundos se passam, minutos e nada da resposta vir. Largo o celular sobre o braço do sofá, ando em direção a janela e o vento suave bate contra o meu rosto. Me sento no batente e observo a minha irmã. Ela tem muito jeito para cuidar de crianças, um dia será uma boa mãe. Já eu, não penso em ter filhos em momento nenhum da minha vida, ainda mais agora com o diagnóstico da endometriose. Caso um dia eu queira engravidar – uma possibilidade quase nula – eu vou precisar fazer um tratamento mais intensivo, caso não seja eficaz, eu terei que partir para a fertilização. Volto a me sentar no sofá, mas acabo me rendendo e me sento no chão junto com a minha irmã. Andrew me encara com curiosidade por longos e logo volta a sua atenção para o carrinho azul. Isso é apenas uma distração para a minha ansiedade, quero conversar sobre o assunto do meu diagnostico com alguém e esse alguém será o Eduard, pois ele deve entender um pouco melhor do que

eu e me dizer mais coisas do que o médico me disse. Ouço o meu celular vibrar, me sento de volta no sofá e leio a nova mensagem do Lewis.

*‘Já escolheu o tipo de tratamento?
Creio eu que a opção cirúrgica seja a mais eficaz.’*

A mais rápida e eficaz, mas também é a qual me deixa mais preocupada.

*‘O médico me deu três opções; laparoscopia ou
DIU que irá combater a endometriose aos poucos,
e a opção de ablação que é a opção de laser.’*

O que foi um pouco cômico foi a pergunta do Oliver, se um antibiótico não iria resolver.

‘Você já escolheu o tipo de tratamento?’

Não é que eu não tenha escolhido ou já tenha uma escolha cem por cento. Escolhi a cirurgia, mas na segunda-feira eu ainda vou conversar com o médico para ter uma total decisão.

*‘Estou pensando ainda, mas é quase
certeza de que eu faça a laparoscopia.’*

Rio suavemente e relaxo contra o sofá. Eu jamais imaginei estar conversando assim com o Eduard, pois ele me tratou de uma forma bem ruim no Fight.

*‘É um processo extremamente tranquilo,
você não precisa ficar temerosa.’*

É difícil não ficar temerosa estando na minha situação, e é bem fácil pedir isso olhando de fora.

‘Não estou temerosa, aliás, só um pouco.’

Sei que é um processo tranquilo e que eu não devo me preocupar.'

Claro que isso é mentira, mas eu não vou me abrir com ele. Por mais que ele esteja sendo *simpático*, eu não devo descarregar tudo sobre ele.

'Repita isso para si mesma até que você esteja cem por cento confiante nisso, pois mentir para mim não é nada comparado a mentir para você mesma.'

Ele é abusado e eu gostei disso.

'É impressão minha ou você insinuou que eu estou mentindo? Você nem me conhece direito e já foi abusado em sua mensagem.... gostei disso.'

A sua resposta não vem de imediato e eu largo o meu celular. Observo a Ayla colocar o Andrew no andador e o pequeno começa a explorar cada centímetro que consegue.

[...]

Ficamos entretendo o Andrew por longos minutos quando ele começa a chamar pela mãe, e quando nos damos conta do tempo, Emily já está de volta no apartamento. Ela aproveita que o filho está distraído e corre para ir tomar banho. Eu me levanto do chão, pego o meu celular sobre o sofá e percebo que o Eduard me respondeu há muito tempo com um *tanto faz*, e o mais surpreende, embaixo do mal humor dele tem o número do celular. Salvo o número na minha agenda e reviro os meus olhos ao perceber que o meu celular está com pouquíssima bateria. Emily volta para a sala, ela sorri para nós e se senta no sofá, após beijar as bochechas gordinhas do filho.

— Andrew deu trabalho? — Ela questiona.

— Não. — Ayla responde. — Ele é adorável.

— Um bebê tranquilo.

— Ainda bem. — Ela suspira. — Desde quando ele nasceu é assim, bem tranquilo, calmo.

— Como foi cuidar dele sem ter o Dominic por perto? — Ayla

pergunta.

— Doloroso, mas eu tinha o Eduard ao meu lado a cada segundo.

— Ele parece ser um tio e uma pessoa incrível.

— E ele é, Stephany. — Ela concorda, mas acaba suspirando. — Só que ele não consegue enxergar isso e nem acredita quando alguém fala para ele.

— Por quê?

Há algum tempo, aliás, desde quando eu vi o Eduard pela primeira vez eu percebi que tinha algo de profundo e doloroso nele, mas ouvindo isso dá Emily, me faz acreditar que isso ainda é o básico. Posso estar me equivocando em pensar em diversas possibilidades, mas é o que eu tenho, pois não tenho intimidade com o Lewis para saber mais da vida dele e fazê-lo se abrir comigo. Eu também tenho muitas coisas guardadas, coisas dolorosas e que me ferem profundamente, por mais que eu tente seguir em frente. Antes que a Emily possa responder a minha pergunta, a porta do apartamento se abre e a Penélope entra junto com o meu irmão. Ela nos cumprimenta brevemente e vai na direção do sobrinho, antes de ir rumo ao quarto. Andrew começa a resmungar, a Emily o pega no colo e volta a se sentar no sofá. O assunto do Eduard já se dispersou e eu não quero dar uma de intrometida ao saber da vida dos Lewis. O pouco que sei sobre eles é o que o Oliver já contou, mas é visível que tem muito mais ainda e algo grave, pois o meu irmão não gosta do Eduard. Observo o Oliver voltar para a sala abraçado com a esposa, me afasta dela e vem para perto de nós. Ele se despede de nós, mas de repente se agacha na minha frente e segura nas minhas mãos.

— Qualquer mínima dor você me liga...

— Tá, Oli. Não se preocupe. — Sorrio.

— E tente se entender com a Penélope, por favor... por mim.

Apenas aceno, ele sorri confiante e se vai após mandar um beijo para a esposa. Ela se senta ao lado da Emily e pega o Andrew no colo.

— Dom foi lutar? — Penélope para a Emily.

— Não. Ele foi ver quando vai lutar. — Ela responde.

— Você que vai ficar responsável por ele? — Penélope questiona.

— Sim, é o que combinamos na verdade, mas precisamos passar isso para o papel ainda. — Ela informa.

— Tipo um casamento, mas vai ser sobre lutas. — Ay comenta divertida e a Emily arregala os olhos. — Meu Deus! Eu disse brincando.

— Eu sei. — Emily ri. — Dominic e eu nos casarmos? Se isso acontece um dia, acho que vai demorar muito. Não somos desse tipo... e nem como Penélope e Oliver.

— Estou enganada ou isso saiu com tom de ironia? — Penélope questiona a fazendo gargalhar. — Na próxima viagem para Las Vegas, você e o Dominic se embebedam, e se casam.

— Isso não acontecerá. Eu tenho que cuidar do Andrew. — Emily resmunga divertida.

— A gente o deixa com alguém que não bebe, mas será algo difícil de encontrar alguém...

— Meu irmão não bebe. — Emily informa a fazendo revirar os olhos. — A lista para odiá-lo diminui a cada dia.

Não é apenas impressão, algo grave aconteceu para todos não gostarem do Eduard. Penélope balança a cabeça de forma negativa, devolve o bebê para a cunhada e vai rumo a cozinha. Confesso que durante a tarde eu me senti mal, pois o Oliver estava um pouco cabisbaixo pôr a esposa ter saído do apartamento e não ter voltado mais. Mesmo que eu não tenha sido culpada, não intencionalmente, eu me senti mal mesmo. Me levanto do sofá, Ayla me encara preocupada e eu a ignoro. Entro na cozinha, peço licença e me sento ao lado da Penélope. Ela me oferece pizza e eu nego.

— Me desculpe por mais cedo... — Peço da forma mais sincera possível. —, não quis ser fria ao ponto de você sair do apartamento do meu irmão.

— Tudo bem, Stephany. Você estava cansada, tinha chegado do hospital.

— Oliver ficou chateado comigo, mesmo sem saber ao certo o que aconteceu...

— Não precisa disso, Stephany. Sei que não gosta de conversar comigo, não vou forçar nada. — Ela murmura.

— Eu disse para Oliver que iria melhorar a minha atitude com você e vou tentar isso, de verdade. Eu estou vendo o meu irmão feliz e é isso que eu quero que ele seja.

Ela fica sem saber o que falar, eu dou de ombros e volto para a sala de estar. Me sento ao lado da minha irmã, peço para a Emily me emprestar um carregador e eu o conecto no meu celular. Como a bateria estava zerada, terei que aguardar por longos minutos até o carregamento chegar na metade.

Deixo o aparelho sobre a janela e o vento fresco bate novamente contra o meu corpo. Observo a Emily balançar o filho em seus braços na intenção de que ele durma, mas o pequeno está com os olhos bem abertos e atento a tudo, principalmente na tia. Penélope está parada no balcão que divide a sala da cozinha, em sua mão tem uma garrafa de cerveja e os seus pensamentos estão longes. Hoje eu tive a oportunidade de vê-la no jornal, percebi a quão boa ela é e o quão vidrado o meu irmão fica ao assisti-la pela tevê.

— Não quis ir para o Fight com o Oliver? — Emily a questiona.

— Não. — Penélope nega ao se sentar no sofá. — Estou com dor de cabeça e a ideia de ir para lá não era algo que me agradava.

— Vocês sabem quando o Oliver vai lutar? — Ayla pergunta.

— Você tem que perguntar para o seu irmão. — Penélope informa e olha para a Emily. — E de manhã, você foi na mansão?

— Não. Eduard está com visita, então eu prefiro me manter um pouquinho afastada. — Emily comenta.

— A visita ainda está lá? — Penélope questiona curiosa.

— Sim. Eu os encontrei no Fight...

Penélope solta um longo suspiro e massageia a sua têmpora.

— Oliver e Eduard no mesmo ambiente?! — Ela resmunga. — Nem quero pensar sobre domingo.

Elas estão falando em *código*, algo está acontecendo que envolve os dois e alguma possível briga. Ou melhor, uma possível luta. Será que o Oliver vai lutar contra o Eduard? Preciso ter resposta sobre isso e eu sei que apenas o meu irmão vai me responder.

— Mudando de assunto... — Emily sussurra, pois o bebê já está quase dormindo em seus braços. —, a festa amanhã está marcada, né?

— Sim. — Penélope afirma.

— Já comprou a sua fantasia? — Ayla pergunta.

— Já.

— Eu também e... estou animada. É a primeira festa depois que eu voltei de Solvang. — Emily comenta.

A conversa se desenrola em torno da festa de amanhã, Ayla troca um olhar cabisbaixo comigo e eu entendo o que ela quer dizer. Nós ainda não compramos a nossa fantasia e temos que fazer isso o mais cedo possível. Mais tarde eu peço para o Oliver nos levar amanhã e espero que ele possa. Sei que ele precisa ir trabalhar, e eu não quero atrapalhar. Emily leva o

Andrew para o quarto assim que ele dorme e Ay ajuda a Penélope a guardar os brinquedos.

— Querem ir para o apartamento de vocês? — Penélope pergunta.

— Por favor. Eu ainda preciso fazer alguns exercícios da escola. — Ayla informa.

Penélope concorda com um aceno, vai atrás da Emily e eu aproveito para verificar o meu celular. O carregamento passou um pouco da metade e eu aproveito a ausência da *minha cunhada* para enviar uma nova mensagem para o Eduard.

‘Tanto faz? Que mal humor até em sua mensagem.’

Me surpreendo quando a sua resposta chega segundos depois.

‘Não tem mal humor nenhum, Baker.

Me responde uma coisa, você está melhor?’

Antes que eu possa respondê-lo, ouço passos e bloqueio o meu celular. Aceno para a Emily e saio do apartamento sem esperar as demais. Quero continuar a minha conversa com o Lewis e sem ser atrapalhada. Me jogo no sofá, conecto novamente o meu celular no carregador e franzo o meu cenho ao perceber que a Ayla está me encarando.

— O que é?

— Você não vai me contar sobre a sua conversa com o Lewis?

— Shiu! — Ordeno com medo que a Penélope ouça.

— Ela ainda está no corredor.

— Mas pode ouvir. — Resmungo.

— Ela não vai.

Não consigo acreditar nisso, reviro os meus olhos e a Ayla disfarça a sua curiosidade quando a Penélope entra no apartamento. Ela tranca a porta, deixa a chave no aparador e nos observa.

— Estão com fome?

— Não.

— Eu estou. — Ayla responde.

— Vamos ir preparar um sanduiche?

— Um? — Ay questiona.

— Foi maneira de dizer. — Penélope ri e me olha. — Você quer?

— Não. — Nego e me levanto do sofá. — Eu vou ir tomar banho e dormir em seguida.

Corro em direção ao meu quarto levando o meu celular comigo, o conecto na tomada e resolvo ir tomar banho. Eu posso deixar o Lewis esperar um pouquinho pela minha resposta, não quero ficar respondendo de imediato, parecendo que eu estou afoita para conversar. Jogo a minha roupa no cesto após retirá-la do meu corpo, prendo o meu cabelo e entro debaixo da água morna. A medicação que eu tomei me ajudou muito, eu não estou sentindo nenhuma dor e amanhã o meu clíco já se encerra, assim eu poderei curtir a festa sem me preocupar. Nem sei quem é a dona da festa, só sei que é uma amiga do Oliver e ela faz isso anualmente. Não tenho a menor ideia de uma possível fantasia, estou torcendo muito para que algo me agrade logo de cara. Termino o meu banho, seco o meu corpo e volto para o quarto. Visto um short-doll preto e me enfio debaixo da coberta, e só agora eu posso responder o Lewis. Aliás, vou sanar uma dúvida também. Mesmo que faça algumas horas que eu recebi a primeira mensagem *dele*, eu ainda me encontro surpresa.

‘Sim, eu estou melhor. E já que você tomou a liberdade, eu também a tomo... Me responde uma coisa... Você me mandou mensagem porque estava preocupado ou porque estava se sentindo mal por ter me tratado de forma má educada quando eu fui conversar contigo no Fight?’

A sua resposta chega em segundos.

‘Estava preocupado, pois imaginei que você pudesse estar assustada com essa situação toda e eu não te tratei de forma má educada.’

Rio suavemente da sua mensagem e maneo a cabeça para os lados.

‘Você é surpreendente, Lewis!’

É claro que ele é muito mais que surpreendente e segundos de coragem de dominam.

*‘Já me chamaram de muitas coisas,
mas é a primeira vez que me chamam
de – Surpreendente.’*

Penso e repenso no que eu desejo escrever nessa nova mensagem e empurro as possíveis consequências para fora da minha mente.

‘E de gostoso já chamaram?’

E a resposta não vem, mas eu não me arrependo de ter a enviado. Talvez ele esteja surpreso com a mensagem ou não queira entrar no assunto por estar no Fight e...

— Puta que pariu!

Oliver está no Fight e pode ser que eles estejam no mesmo ambiente, quero dizer, camarote. Enfio o celular debaixo do travesseiro, cubro o meu rosto com as minhas mãos e tento esconder o enorme sorriso involuntário que surge em meus lábios. Eu não sei o porquê de ele estar presente, mas não significa nada demais. Eu não estou dando em cima do Lewis, apenas sendo realmente quem eu sou com os meus amigos. Tudo bem, ele não é o meu amigo, mas eu estou sendo eu mesma. Debochando por mensagens e sendo irônica.

*‘Te assustei? Não era a intenção.
Eu apenas quis desconstrair um pouco.’*

Longos minutos se arrastam e a resposta não vem. Ele deve estar ocupado, pois fugir do assunto ele não iria. Eduard não é um homem que foge daquilo que bate contra o seu peito, muito pelo contrário, luta com o que vier. E em pensar em luta, me lembro da possibilidade que se passou na minha mente. Ainda mais depois da atitude da Emily e Penélope quando foi questionado sobre as lutas do Oliver. Viro ficando de cara com a parede e fecho os meus olhos. A minha mente vaga como se fosse uma linha do tempo

e para justamente quando o Klaus me atacou pela primeira vez. Nojo é o que eu sinto ao lembrar daquilo e vergonha.

Eu tentava manter a sua atenção apenas em mim, pois era a forma que eu sabia proteger a minha irmã. Eu sei que se eu tivesse pedido ajuda do Oliver logo no início ou contado para o Luc, teria nos poupados de diversas coisas, mas como isso não aconteceu e passamos por tudo aquilo, hoje em dia só me resta tentar esquecer. Algo extremamente difícil, mas necessário. Um dia, eu estava assistindo um documentário e a menina comentava de algo parecido que tinha acontecido com ela e a terapia a ajudava muito, mas não tem como eu fazer terapia. Não tenho coragem de contar para o meu irmão sobre o que aconteceu, então não tem como eu pedir para frequentar um terapeuta. Ouço a porta do meu quarto se abrir e continuo da mesma forma. Ayla se movimenta pelo quarto de forma sutil e a mais silenciosa que consegue. Logo ouço a porta do banheiro se fechar e em poucos segundos o barulho do chuveiro.

— Stephany? — Ouço a Penélope me chamar e eu olho para a porta. — Me desculpe te acordar...

— Eu não estava dormindo.

— Bom. — Ela sorri suavemente e apoia o seu peso contra a porta. — Eu estou indo me deitar, mas qualquer coisa você me chama.

— Fique tranquila, eu estou bem.

— Então, boa noite.

— Boa noite, Penélope.

Ela sai do meu quarto fechando a porta e eu volto a fechar os meus olhos. O sono está começando a me dominar e o cansaço do dia pesar sobre o meu corpo. Enfim o meu celular vibra novamente e eu o pego debaixo do travesseiro.

*‘Não me assustou, apenas...
me surpreendeu.’*

Reviro os olhos ao sorrir.

‘De forma boa ou ruim?’

Espero que tenha sido de uma forma boa, pois essa era a intenção.

*‘Boa, mas talvez complicada também,
pois tive a impressão de que
você está dando em cima de mim.
Estou certo ou errado?’*

Que merda! Ele está profundamente equivocado e errado, além de estar imaginando coisas. Aliás, se ele entendeu assim é porque tem algum tipo de interesse.

*‘Completamente e profundamente
ERRADO! Eu jamais faria isso.’*

Eu com interesse no Eduard? Não! Tá, confesso que ele é bonito, gostoso, me atrai, mas não... definitivamente não. E espero que eu não esteja cuspiendo para cima ao estar totalmente – nesse momento – decidida. Encerrar essa conversa antes que ela tome outro rumo, desligo o meu celular e o enfio debaixo do meu travesseiro. Eu só quero dormir e descansar, sem ter Klaus, Mark ou até mesmo Eduard em meus pensamentos.

[...]

Acordar cedo nunca foi o meu forte, mas ficar na cama até tarde também não, então eu encontrei um meio termo maravilhoso, acordar às oito e meia da manhã. É um bom horário para eu sair para correr e fazer tudo o que for necessário antes de se iniciar a tarde. Observo o Oliver tentar terminar de beber o seu café quente, enquanto mantém o seu olhar no relógio e ele já murmurou trilhões de vezes que está atrasado. Ele levou a Ay para o colégio no horário certo, mas demorou a volta, pois pegou um engarrafamento.

— Stephany... — Ele me chama, mesmo que eu já esteja olhando para ele. —, a Ayla me lembrou que vocês não têm nenhuma roupa para a festa hoje à noite...

— Eu tinha que falar sobre isso com você.

— Eu não posso me ausentar da agência hoje, para levar vocês em algum lugar.

— Na hora do seu almoço. — Sugiro.

— Não dará tempo, Stephany.

— E agora? — Questiono num resmungo.

Ele encolhe os ombros e larga a caneca sobre a pia.

— Pede para a Penélope levar vocês, por favor.

Solto um pequeno suspiro e acabo concordando. Ayla não me desculparia se eu a fizesse ficar sem fantasia só por causa da minha *amizade* com a nossa cunhada. O meu irmão respira fundo, dá um beijo na minha testa e vai rumo ao quarto dele. Coloco mais um pouco de suco no meu copo, bebo um longo gole e enfio mais um pouco de ovos mexidos na minha boca. Olho para a janela, observo o céu azul e respiro fundo. Eu vou tentar ser agradável com a Penélope, como eu já disse outras vezes, mas sempre tenho que estar repetindo, pois essa é a única forma de eu tentar me convencer a agir dessa forma *certa*. Ouço o Oliver se despedir de mim, lhe dou um sorriso e ele se vai. Não acho justo ele faltar mais um dia no serviço, ainda mais por um motivo que não é importante. Em poucos minutos a Penélope entra na cozinha, me dá bom dia e coloca a sua mochila na cadeira. Ela se encosta na pia após se servir com um pouco de café e se mantém inerte em seus pensamentos. Ela é a única que pode salvar a minha pele da possível fúria de Ayla Baker.

— Você vai estar ocupada no início da tarde? — Questiono a fazendo-me encarar e ela nega com um aceno. — Você pode fazer um favor para mim e para Ayla?

— Depende do que vocês precisam, pois vou ir trabalhar às três da tarde.

— Oliver disse que ia nos levar ontem para ver as fantasias, mas eu fiquei no hospital. — Comento ao abaixar a minha cabeça.

Em pensar no hospital me faz lembrar do que irá acontecer na segunda-feira e a preocupação volta a me dominar.

— Eu levo vocês. — Ela informa. — Vou avisar o seu irmão, pegamos a Ay na escola e vamos ver a fantasia de vocês.

— Você já comprou a sua?

— Já. — Ela sorri.

Eu não consigo imaginar qual possa ser e nem o porquê de tanto segredo, aliás, talvez ela esteja querendo fazer um suspense para ver a reação do Oliver e com certeza, para *ajudar* na relação deles. Termino o meu café, coloco a louça suja na pia e vou rumo ao meu quarto. Calço o meu tênis,

ajeito a barra do meu short e em seguida a alça da minha regata. Volto para a cozinha e encontro a Penélope no mesmo lugar ainda.

— Eu vou ir correr um pouco, mas daqui a pouco eu volto e arrumo o apartamento.

— Você está melhor para ir correr? — Ela questiona preocupada.

— Estou ótima.

— E você vai correr aonde?

Franzo o cenho com a sua sequencias de questionamento.

— Por que, Penélope? — Questiono ao cruzar os braços em frente ao corpo.

— Eu não quero te controlar e jamais iria tentar isso, você é grandinha o suficiente para se cuidar sozinha. — Ela declara me encarando. — Eu só estou te perguntando, pois o seu irmão vai ficar no meu pé por causa disso, você o conhece, sabe como ele é.

Isso é verdade, eu não tinha pensado no meu irmão. Aceno concordando e acabo ficando um pouco sem graça. Eu já estava agindo de forma grosseira sem motivo algum, agindo de forma equivocando, deixando a minha aversão a ela me dominar novamente.

— Eu vou aqui pertinho, vou até o Harvard Mini Park e volto.

— Lá é um parque infantil. — Ela comenta.

— Eu sei e eu só vou dar a volta nele e voltar para cá. — Reviro os olhos.

— Tudo bem, então eu vou ir visitar a minha mãe e quando eu voltar, a gente busca a Ay e depois vamos direto para a loja.

Apenas aceno concordando, pego o meu fone de ouvido sobre a mesa de centro e saio do apartamento. É bom saber que a Penélope não abandonou a mãe dela, que a ajudou e que faz questão de visitá-la. Os pais dela conhecem os meus pais há muito tempo e como ironia do destino, nem um deles prestam, mas reconheço que as nossas mães estão tentando melhorar. A minha mãe está tentando desde quando a vida do marido começou a se arruinar e a mãe da Penélope desde quando os filhos ofereceram ajuda. Já ao contrário, os nossos pais... não têm o desejo de mudar. Solto um longo suspiro, coloco os fones em meus ouvidos e começo a correr quando saio do prédio. A voz que soa afasta todo o barulho ao meu redor, e eu corro em um bom ritmo, aliás, seguindo a batida da música e me mantenho atenta a tudo, mesmo que eu volte a mergulhar em meus pensamentos.

Mark Baker, vulgo meu pai, sempre foi um homem mesquinho e cheio de ganância, isso fez com que a cobiça pelas coisas que não estavam em seu alcance o cegasse e o fizesse querer o que tanto deseja a todo custo. E teve um preço muito alto, uma família quebrada, alguns anos na cadeia e sequelas físicas. A cegueira não foi apenas em coisas materiais, mas em amizades também. Klaus invadiu a nossa família, as nossas vidas de uma forma... bruta que nos arruinou ainda mais. Eu não tinha uma boa relação com o meu pai desde quando eu comecei a entender o que ele fazia na vida e comecei a odiar tudo aquilo, principalmente os seus atos e tudo piorou quando ele deu a liberdade para o *amigo*. Um homem sem noção, totalmente mulherengo e mal-intencionado. Ele não estava disposto a ser apenas o amigo do meu pai, mas invadir a nossa privacidade, nos deixar intimidadas e fazer com que a gente obedecesse a tudo que ele queria.

— Ei, cuidado! — Ouço após esbarrar num homem alto.

— Me desculpe.

Passo as mãos em meu rosto, o sinto molhado e percebo que as lágrimas escorreram pela minha face após eu pensar no mal, vulgo, Klaus.

— Está tudo bem?

Sinto a sua mão áspera tocar em meu ombro e em seguida acaricia suavemente o meu braço. Dou um passo para trás me livrando do seu toque e abraço o meu corpo.

— Não encoste em mim.

— Eu só estou tentando te ajudar, você me parece perturbada.

— Eu estou bem.

Dou mais passos para trás, enquanto ele me observa com o cenho franzido e eu volto a correr, mas em direção ao apartamento. Mesmo que eu não tenha lembrado por completo de tudo que eu passei na presença do Klaus, eu estou muito afetada e preciso ficar longe de qualquer pessoa, principalmente de homens desconhecidos. A música continua tocando com voracidade, os meus pés batem no chão com mais força e eu luto contra mim mesma para que aquelas odiosas lembranças não voltem a me atormentar. Em poucos minutos eu já estou dentro do apartamento, agradeço por estar sozinha e eu corro para o meu quarto. Largo o meu tênis em qualquer lugar, entro no banheiro e retiro a minha roupa antes de entrar debaixo do chuveiro. Eu queria ter o poder de esquecer tudo aquilo ou ter a sorte de nenhuma mais lembrar daquelas malditas coisas.

— Maldição!

Dou um soco na parede enquanto a água continua caindo sobre o meu corpo e eu curvo a minha cabeça. Algum dia esse martilho irá acabar? Sei que seria de grande ajuda eu me abrir com alguém, mas eu não tenho coragem. Tenho temor de a culpa do que aconteceu recair sobre mim ou eu levar algum tipo de culpa. Quantas vezes eu já ouvi e li depoimento de mulheres que sofreram abusos ou tentativas que diziam: colocaram a culpa em mim pela forma que eu andava, por ser sensual, por usar tal tipo de roupa ou por outras trilhões de coisas. E eu não quero que isso aconteça comigo, mas eu preciso de ajuda. Finalizo o meu banho, me seco e vou para o meu quarto nua mesmo, já que eu estou sozinha. Paro diante do espelho, penteio o meu cabelo após passar um pouco de creme e observo a mulher que eu estou me tornando. Independente de tudo aquilo que eu passei, eu não devo me arruinar por causa de pessoas malditas. O que eles me fizeram de ruim não vai me prejudicar de nenhuma forma.

Solto um longo suspiro, ouço o meu celular vibrar e a possibilidade de ser o Eduard domina a minha mente. Não conversamos desde a madrugada, desde quando eu neguei que estava dando em cima dele. Rio sozinha e tento ficar mais tranquila, só o Lewis mesmo para *melhorar* o meu humor, mesmo que seja indiretamente. Passo hidratante no corpo, visto uma camiseta larga e um short após vestir uma calcinha azul. Me sento na cama, pego o meu celular e reviro os olhos ao ver que é apenas uma mensagem da operadora. Aproveito para abrir o Instagram, aliás, exatamente o perfil do Lewis e penso em aonde eu vou fuçar. Abro as marcações e vejo que tem uma nova. É uma foto de uma moça de cabelo escuro e ao lado dela está a aquela moça que eu vi na Little o acompanhando, ambas estão sorrindo para a foto e o pouco do ambiente visível na foto, é possível perceber uma grande área verde. Não entendo essa marcação e tento analisar tudo com mais calma. Os meus olhos se fixam na localidade e agora tudo faz sentido.

— Mansão Lewis.

Deslizo o meu dedo para o lado, para ver a outra foto e a observo atentamente. Elas continuam no mesmo lugar, mas agora olham para trás, bem na direção do Eduard, que está distraído olhando em outra direção. Ele é muito bonito e deve ter qualquer uma aos seus pés. E até mesmo, deve estar se relacionado com uma dessas moças, ou até mesmo com as duas. Deixo o meu celular de lado, saio do quarto e vou rumo a sala de estar. Organizo as

almofadas sobre o sofá e tudo mais que está fora de lugar ou desorganizado. Depois eu vou para a cozinha, lavo toda a louça e limpo a mesa. Paro no corredor dos quartos e olho para as duas portas, cada uma de lado e eu decido entrar no meu. Não vou ir arrumar o do meu irmão, pois eu espero que a Penélope já tenha feito isso e caso não, que ela faça. Os minutos passam correndo enquanto eu arrumo o meu quarto, eu sei que a Ayla me ajudaria sem eu pedir, mas como ela está na escola, não me custa nada. Além de me manter ocupada, deixar pensamentos ruins bem longe e pensamentos inapropriados também.

— Stephany? — Ouço a Penélope me chamar.

Olho na direção da porta e eu a vejo encostada no batente.

— Já está na hora de irmos buscar a Ay? — Questiono.

— Quase. — Ela responde. — Você está bem?

— Sim.

Passo as mãos em meu cabelo e ainda o sinto úmido, então eu o prendo no topo da minha cabeça.

— Então vamos. — Ela sorri, mas ainda demonstra a sua desconfiança.

Calço uma sapatilha qualquer, prendo o meu cabelo no alto da minha cabeça e saio do meu quarto, indo atrás da Penélope. Em segundos já estamos dentro do elevador e o silêncio é o que reina entre nós. Assim que saímos do prédio, percebo que a Emily está nos esperando e tem uma mulher – um pouco mais velha – junto com ela. Me sento no banco de trás e as cumprimento. Penélope se senta no banco da frente e digita freneticamente no celular. Talvez esteja falando com o meu irmão.

— Já resolveu tudo, Emily? — Penélope a questiona.

— Sim, foi bem rápido a troca de roupas do Andrew e logo vão entregar os móveis do quartinho dele. — Emily comenta e olha para a cunhada com o olhar suave. — Eu não estou querendo dizer que você tem que sair do apartamento, Pen, aliás, eu jamais diria isso, o apartamento é seu...

— Eu sei e sei também que preciso me organizar sobre esse assunto. — Ela declara.

Quero questioná-la se ela não irá morar com o meu irmão, mas eu prefiro não entrar nesse assunto com ela, mas sim conversar com o Oliver. Observo a Emily entregar o celular para a mulher ao meu lado e ela ri suavemente de algo.

— Achei que era o Ed, mas seria quase improvável já que ele está muito ocupado. — Emily debocha.

— E está sendo levado a loucura por elas. — A mulher comenta.

Elas?! Talvez sejam aquelas mulheres da foto que eu vi. Emily ri, ao mesmo tempo que revira os olhos. Olho para a janela ao meu lado, observo as ruas por onde passamos e percebo que já estamos próximas ao colégio da Ayla. Emily e a Penélope continuam a conversar sobre algumas coisas referente ao Andrew, e eu prendo a minha atenção no meu celular. Não falo com o Luc desde o dia que ele veio me ver, sei que ele está muito atarefado com a nova etapa da vida dele. O que ele tanto desejava está acontecendo e eu estou muito feliz por isso. Sempre torci muito pelas realizações do Luc e saber que elas estão acontecendo aos poucos, é uma enorme felicidade. Assim como eu sei que ele sente o mesmo por isso.

CAPITULO OITO

*Estações, elas vão mudar
A vida vai fazer você crescer
A morte pode te deixar duro, duro, duro
Tudo é temporário
Tudo vai passar
O amor nunca morrerá, morrerá, morrerá
Imagine Dragons – Birds*

Eduard Lewis

— Senhor...

Ouço o Ian me chamar assim que eu desço do carro, coloco a chave na mão dele e respiro fundo. Sei que posso me irritar ainda mais a partir desse segundo.

— O que aconteceu?

— A senhorita Thompson e a senhorita Lincoln tiveram um pequeno desentendimento.

Coço a minha barba e em seguida cruzo os meus braços em frente ao corpo. Eu tinha noção que ia dar merda em deixar as duas no mesmo ambiente, mas eu não ia expulsar ninguém e muito menos ficar com elas.

— O que aconteceu? — Questiono sem paciência.

— Só a Lisa vai conseguir lhe explicar perfeitamente, senhor.

Reviro os meus olhos.

— Melanie e Maire ainda estão aqui?

— Sim, senhor.

— Então eu vou saber diretamente por elas.

Ian assente e vai rumo ao meu carro. Encaro o céu azul sobre a minha cabeça por longos segundos, procurando algum pingo de paciência e resolvo entrar em casa. O caminho para cá já não foi muito tranquilo, o babaca do Jensen estava dominando a minha mente e fazendo o meu ódio por ele crescer ainda mais. Eu não aceito que ele fale na minha mãe e se fosse possível, eu o proibia de pensar nela. Atravesso o hall da casa, vou até a sala de estar e observo de longe o deque da piscina. Maire está sentada na borda da piscina, as pernas estão dentro da água e o seu cabelo está molhado, além de ela estar usando outra roupa. Não vejo nenhum sinal da Melanie por perto, então resolvo conversar com uma de cada vez.

— Senhor Lewis... — Ouço a Lisa me chamar e olho para o meu lado direito. —, nós podemos conversar?

— Podemos, Lisa.

Ela dá mais alguns passos na minha direção, fica bem próxima e entrelaça as mãos na frente do corpo.

— Elas brigaram. — Lisa sussurra.

— Ian já me informou sobre isso, mas quero saber de detalhes.

— A senhorita Nash disse algumas coisas que irritou ao extremo a senhorita Lincoln, então ela jogou o suco...

— Que inferno!

Bufo ainda mais irritado, aperto gentilmente o ombro da Lisa e ando na direção da Maire. Essa merda toda já passou do limite e eu quero que cada uma vá para o seu devido lugar. Ela percebe a minha aproximação, não esboça nenhuma reação e volta a encarar a água da piscina. Me sento ao seu lado, mas me mantenho longe da água. Não falo absolutamente nada, pois sei o quão grosseiro eu posso ser e até mesmo agressivo. Não é porque eu estou tentando ser uma pessoa melhor, que eu consigo me controlar. Eu não consigo e isso foi bem visível na noite passada.

— Você não vai falar nada? — Ela me questiona.

— Eu estou esperando você falar. — Murmuro a encarando.

— Ela me provocou muito... ao extremo e eu perdi a cabeça.

— O que você fez?

— Joguei o meu suco nela e ela jogou a jarra de vidro em mim.

As pontas dos seus dedos tocam suavemente o curativo em seu braço direito e em seguida ela volta a me olhar.

— Eu estou cansado dessa merda. — Suspiro esfregando o meu couro cabeludo. — Melanie é provocativa, apenas por deboche e você...

— Eu o que? — Ela questiona. — Eu não ia ficar ouvindo idiotices daquela garota.

— Eu sei, eu sei.

— Eu sei que sou apenas uma hóspede aqui, que ela é a sua ex-namorada e ainda é muito querida por você, mas não foi agradável ouvir sobre a noite de vocês e ela.... — Maire faz um barulho estranho com a boca e bate as mãos nas pernas. — Eu não suportei, Eduard.

— Eu entendo, mas as duas agiram de forma errada... — Maire me encara extremamente irritada e me dá a entender que eu disse algo absurdo, mas não disse. —, a Melanie bem mais, mesmo assim as duas estão erradas.

— Ela podia ter me matado, Eduard!

— Eu sei o tamanho da gravidade da atitude dela.

— E você simplesmente saiu e nos deixou sozinhas. Você errou também!

— Lisa e o Ian estavam aqui.

— Mas você que sabe controlar aquela garota.

Maneio a cabeça para os lados sem mais nenhum pingo de paciência, me levanto do chão e entro novamente na sala de estar. Lisa está parada no mesmo lugar, mas o seu olhar está voltando para a escada e eu olho na mesma direção. Observo a Melanie descendo a escada, calmamente, o seu cabelo está molhado e ela nem percebeu minha presença. Ela sabe exatamente como eu sou e sabe que eu estou revoltado com a sua atitude. Melanie termina de descer a escada, eu ando em sua direção e seguro em seu braço. O seu olhar encontra o meu e a sua boca fica numa linha reta.

— Você tem noção da merda que fez? — Questiono irritado.

— Eduard...

Ela tenta falar, mas eu a interrompo.

— O caralho! Algo muito grave poderia ter acontecido. Você jogou uma jarra de vidro na Maire.

— Eu fiz sem pensar.

— Sem pensar? — Rio sem humor e aperto o seu braço. — Você foi *fodidamente* estúpida!

— Eduard, pare. — Ouço a Lisa me pedir.

Solto o braço da Melanie ao empurrá-la para trás e subo a escada rapidamente. Eu preciso de paz, mesmo que exista um inferno dentro de mim. Entro no meu quarto, fecho a porta e respiro fundo de olhos fechados. Mil e uma possibilidades estão rondando a minha mente sobre o que poderia ter acontecido com a Maire com o ataque idiota da Melanie. Se eu tivesse ficado aqui nada daquilo teria acontecido, mas eu saí porque tinha o desejo que as duas se comportassem de forma adulta. Dou um soco no ar, vou rumo a minha cama e me sento. Retiro o meu tênis de qualquer jeito e passo os dedos entre os fios do meu cabelo. Eu tenho que sair, levar a Maire até o Fight, mas o dia nem começou direito e eu já nem próprio me suporto mais. Apoio os meus braços na sacada e fecho os meus olhos sentindo a brisa bater contra o meu corpo, mas suspiro ao ouvir dois toques na porta do meu quarto.

— Entra. — Ordeno.

Ouço a porta se abrir devagar, os passos da pessoa são silenciosos e eu nem faço questão de ver quem é.

— Me desculpe, Eduard. — Ouço a Melanie pedir.

— Vá pedir para a Maire e não para mim. — Resmungo.

— Eu já pedi a ela e vim pedir a você também.

Olho para trás por cima do meu ombro e a encaro.

— Eu não quero mais você perto dela, ou ela perto de você. O que aconteceu hoje foi o limite.

— Extrapolamos...

— Não! — Nego ao interrompê-la. — Vocês erraram ao extremo e algo muito grave podia ter acontecido, principalmente com a sua atitude.

— Eu sei, Eduard, mas perdi a cabeça quando ela disse que tinha certeza de que eu também fazia programas, pois eu jamais conquistaria tudo que tenho hoje sendo apenas uma modelo medíocre.

— Uma pior que a outra. — Resmungo.

— Eu espero que a minha atitude de merda não tenha estragado a nossa amizade.

— Não, não estragou.

— Nos vemos mais tarde? — Ela questiona esperançosa. — Podemos conversar mais, aliás, você pode se abrir comigo.

— Não tenho nada para falar.

— Eu te conheço, Ed. Sei que tem algo muito sério e profundo em você.

— Me deixa em paz, Melanie. — Peço irritado.

— Eu vou respeitar o seu espaço, mas é por enquanto.

Reviro os meus olhos e sinto ela se aproximar de mim. Ela se inclina sobre o meu corpo, deposita um beijo em meu maxilar e acaricia o meu rosto. Por mais que ela tenha errado, ela teve noção da sua atitude e reconheceu a quão errada estava. Graças aos céus nada de grave aconteceu com a Maire. Só que isso ainda não anula a raiva que eu sinto por elas terem brigado, mas eu não vou destratar a Melanie de forma alguma. Ela continua sendo muito especial para mim e praticamente a única pessoa que me compreende.

— Vaza, Melanie.

— Eu também te adoro e a depois eu volto.

Reviro os meus olhos com o seu deboche, ela pisca e sai do meu quarto em seguida. Deito-me na cama, de barriga para baixo, coloco as mãos debaixo do travesseiro e fecho os meus olhos. As minhas noites mal dormidas estão começando a me fazer muito mal, mas desde quando a minha mãe morreu as minhas insônias se tornaram pior. As minhas consultas na terapia melhoravam um pouco as minhas noites de sono, eu sei que tenho que voltar a me tratar, mas por enquanto eu tenho outras coisas principais. Algumas coisas burocráticas vão roubar o meu tempo, tudo ainda será relacionado ao

James e eu irei proteger a minha irmã, como eu já disse antes. E em pensar nela, preciso saber como a Baker está. Pego o meu celular no bolso da minha calça, abro o aplicativo de mensagens e procuro pelo número da Emily.

“Tem alguma notícia da Baker?”

Sei que a Emily vai demorar a me responder, pois deve estar ocupada com o Andrew ou com qualquer outra coisa. Bloqueio a tela do meu celular, deixo o aparelho ao lado do meu travesseiro e fecho os meus olhos. Tenho muitas coisas para fazer ainda hoje, tudo relacionados ao Fight, mas estar deitado aqui me deixa muito bem. Ouço a porta do meu quarto se abrir novamente, e eu sei exatamente quem é somente pelo jeito de se movimentar. O meu celular vibra, chamando a minha atenção e eu o pego novamente. É uma mensagem da Emily e eu espero que seja com boas notícias.

“Ela está melhor, em breve estará em casa novamente.

Você me surpreende a cada dia mais, Eduard.

Jamais imaginei que você se preocupava com a Stephany.”

— Emily! — Repreendo-a, como se fosse possível ela me ouvir.

— Senhor... — Lisa me chama e eu solto um longo suspiro. —, eu lhe trouxe alguns biscoitos e suco.

— Obrigado. — Agradeço, sem olhá-la.

— Deseja algo mais?

— Não. — Nego e viro a minha cabeça, para poder encará-la. — Como a Maire está?

— Bem, por sorte o corte não foi profundo e nem grave.

— E aonde ela está?

— No deque.

Apenas aceno e ela pede licença antes de se retirar. Saio da cama, vou até a sacada e olho para o deque. Observo o vento balançar as mechas loiras e o sol bate contra a sua pele branquíssima. Eu queria muito lhe dar uma boa estadia aqui nessa casa que já me fez ter momentos péssimos, além de ser uma forma de agradecimento por toda ajuda que ela nos deu enquanto estávamos em Solvang. Eu tentei dar uma boa quantia como agradecimento, mas ela não aceitou e ainda ficou ofendida com a minha atitude. Ainda me

sinto na obrigação de ajudá-la em toda e qualquer situação, mas a mulher é teimosa.

Volto para o quarto, pego a bandeja que a Lisa trouxe e me sento na poltrona. Foi bom eu rever a Melanie, mas eu não sabia que a sua aparição iria causar muito desconforto e incidentes. Eu a conheço perfeitamente, sei o quanto irritante ela pode ser, só que eu não esperava um pequeno atrito entre ela e a Maire. Tudo bem que eu tinha noção que a possível convivência entre elas, mesmo que tenha sido por poucas horas, poderia acontecer algo, mas eu jamais iria imaginar que utensílios de vidros voariam. O que eu disse para a Melanie é a mais pura verdade, eu gosto dela e não sei explicar muito bem a forma desse sentimento, mas eu tenho uma única certeza sobre isso, eu jamais voltaria a namorar com ela.

Transar com ela foi ótimo, estar com ela é ótimo também, mas os sentimentos não são mais os mesmos. Cada um de nós seguimos um caminho e eles não voltaram a se cruzar, não de uma forma de relacionamento. Eu sempre vou ter um carinho enorme por ela, sempre vou gostar muito dela e querer o bem dela. Melanie esteve comigo em muitos momentos bons e ruins, aliás, principalmente nos ruins. O que ela citou sobre a surra de chicote que eu a levei por causa de uma discussão dela com o meu pai... Naquele dia eu pensei que ia morrer, pois a dor era profunda e o James estava descontando a sua raiva em cada desferida daquele objeto contra o meu corpo.

— Você é um pé no saco, Lewis! — Ouvi a Melanie resmungar.

A olhei atrás do espelho do banheiro e apenas vi o seu pé na ponta da minha cama. Eu tinha acabado o meu banho e estava diante do espelho arrumando o meu cabelo. Melanie queria que eu fosse dormir na casa dela, mas eu não podia, pois já tinha afirmado para a minha mãe que não iria sair e muito menos ficar fora na madrugada.

— Eu prometi para a minha mãe que não ia sair hoje, ela está com um pressentimento ruim.

— É bobagem da minha sogrinha.

— Você sabe muito bem como a minha mãe é com essas coisas de pressentimento.

Sai do banheiro usando apenas uma toalha amarrada na minha cintura, observei por longos segundos a Melanie deitada na minha cama enquanto fuçava o seu Instagram. A porta do meu quarto se abriu naquele momento nos surpreendendo, olhei naquela direção e vi o meu pai. Ele encarou a

Melanie sem muita paciência e olhou para mim com raiva.

— Se veste, pois vamos sair. — Ele informou.

— Ele não vai sair. — Melanie declarou o encarando.

— Eu não posso sair hoje.

— Eu não te perguntei. — Ele rosnou e encarou a minha namorada. —

E você fica calada, garota.

— Não fala assim com ela. — Dei um passo em sua direção.

— Pare de bancar o *homem* e vamos logo, Eduard!

Os seus olhos reviraram demonstrando ainda mais a sua irritação. Eu não queria irritá-lo, mas eu também não queria sair naquele dia por causa da minha mãe.

— A minha mãe não está com um bom pressentimento, pediu para que eu não saísse.

Expliquei com calma para fazê-lo entender a situação, mesmo que fosse uma tarefa difícil.

— Margareth e suas bobagens.

E sem dizer mais nada ele saiu do meu quarto batendo a porta e a Melanie soltou uma longa respiração.

— Ele é um fodido!

— Melanie, eu não gosto e nem quero você debatendo com o James.

— Eduard... — Ela me encarou abismada.

— Ele é um fodido como você disse, então sabe que ele pode nos massacrar em dois segundos.

— Você é muito submisso a ele.

— Eu tenho que ser.

— Não mesmo. Você é um homem e pode muito bem enfrentar ele.

Desde o princípio eu queria ter tido coragem o suficiente para enfrentá-lo, mas eu sabia que depois viria o pior e então eu preferia suportar todo o mau que vinha do James.

— Chega desse assunto, Melanie. — Pedi sem paciência.

Já estava quase na hora do jantar, então eu me vesti rapidamente e saímos do meu quarto. Melanie estava emburrada por causa minha atitude referente ao meu pai, mas sabia que debater comigo não nos levaria a nada, apenas a desgastar o nosso relacionamento. Naquela noite o jantar ocorreu normal, como sempre. O normal naquela família era silêncio completo e olhares temerosos, claro que esse tipo de olhar não vinha daquele que se dizia

ser o meu pai. Só que, no final da refeição aconteceu o que eu desejo que nunca acontecesse.

— Aonde você vai, James? — Minha mãe questionou, assim que ele se levantou.

— Eu preciso resolver algumas coisas. — Meu pai respondeu de forma arrogante.

— Eu não quero que ninguém saia daqui hoje. Não estou com bom pressentimento...

— Para de loucura, Margareth! — O meu pai ordenou.

— Se acontecer algo de ruim com ele, será sorte sua... e sorte nossa, sogrinha. — Melanie opinou.

Emily soltou um riso baixo e olhou para mim. Por mais que ela não fosse muito próxima a minha namorada, a minha irmã gostava da forte personalidade da Melanie e principalmente quando enfrentava o nosso pai. Observei James apoiar as mãos sobre a mesa e me encarou.

— Eu já te ordenei a terminar esse maldito relacionamento.

— Sou eu que escolho o que faço da minha vida. Quem eu coloco e tiro...

— Você ordenou o que? — Melanie praticamente gritou quando o questionou.

James se aproximou da minha namorada, deixou o rosto próximo ao do dela e sorriu de forma fria.

— Que ele sumisse com você, garota insuportável.

Melanie levantou a mão direita e tentou desferir um soco contra a cara do meu pai, mas ele foi mais rápido e a segurou.

— Tente qualquer coisa e você será uma garota morta. — James declarou friamente.

— Tenta você. — Melanie rebateu.

— Eu poderia enfiar essa maldita faca em seu peito nesse mesmo segundo, mas eu não vou sujar a minha casa com sangue de vadia.

Me levantei bruscamente da cadeira, puxei a Melanie para longe e empurrei o meu pai. Ele estava passando dos limites, ele podia fazer e dizer qualquer coisa comigo, mas jamais fazer a mesma coisa contra a minha namorada. Enquanto encarava o James, ouvi a minha mãe pedir para a Emily subir com a Melanie.

— Ed...

— Sobe, Melanie. — Ordenei sem olhá-la.

Naquela noite, o pressentimento ruim da minha mãe não se referia a algum perigo que poderíamos enfrentar fora de casa, mas só naquele momento percebemos que o pressentimento se referia a alguém que sempre estava ali. O mal era a pessoa que tomava café, almoçava e jantava na mesma mesa que eu, minha mãe e irmã. Mesmo com a interferência, palavras e pedidos da minha mãe, James me arrastou para o porão e no segundo que aquela porta se fechou, o ambiente se tornou de terror.

A minha alma ganhou mais um tom negro e o ódio cresceu a cada chicotada. A minha vontade era pegar o chicote das mãos dele, passar em volta do pescoço e enforcá-lo, pois, somente daquele modo nós poderíamos viver. E se eu tivesse tido coragem de fazer aquilo ou ter o enfrentado em outras diversas vezes, a minha mãe ainda estaria viva. Claro que eu iria tirar satisfação com ela por causa do seu romance com o babaca do Brown. Depois que eu saí do porão, encontrei a minha mãe chorando copiosamente na sala de estar. Eu apenas dei um beijo no topo da cabeça dela e fui para o meu quarto. Encontrei a Melanie da mesma forma, mas além de chorar muito, ela estava com ódio.

— Eduard?

A voz da Maire retira o nevoei negro do meu ser e eu a encaro, mas em seguida desvio o olhar.

— Está tudo bem, Maire?

Vou rumo ao banheiro, apoio as mãos na pia e me encaro através do espelho. Os meus olhos estão vermelhos e perdidos, e isso é culpa daquela maldita lembrança. Jogo água em meu rosto e respiro fundo. O meu coração está batendo acelerado, parece que vai pular para fora do peito e eu tenho que me acalmar, senão, terei uma crise e eu não quero a Maire presenciando o meu fracasso. Seco o meu rosto, olho novamente para o espelho na minha frente e vejo a Maire parada na porta do banheiro.

— Você tudo bem?

— Estou. — Resmungo.

Me viro de frente para ela e me encosto na pia.

— Você disse que iramos no Fight. — Ela me lembra.

— Podemos ir agora mesmo. — Declaro e franzo o meu cenho em seguida. — Você já tem uma resposta?

— Eu pensei na sua proposta...

Ela deixa a frase no ar e olha para a varanda. Hoje o dia está muito bonito, ensolarado e azul.

— Eu não vou ficar chateado se a resposta for não. — Dou de ombros.
— Eu apenas quero te ajudar, eu poderia fazer muito mais que isso, mas eu sei que você não aceitaria, só que é como eu vejo que posso agradecer toda a ajuda que você me deu em Solvang.

Maire volta a me olhar e prende a sua atenção totalmente em mim.

— Eu ajudei porque estava ao meu alcance e porque eu queria, não por estar esperando algum tipo de recompensa.

— Mas é a única forma que eu vejo que posso te agradecer.

— Existe uma...

— Qual? — Questiono.

Ela dá um passo na minha direção, toca em meus braços e faz suaves carinhos com as pontas dos seus dedos.

— Dizendo; obrigada. E você já me disse, então não é preciso mais.

— Obrigado, Maire.

Afago o seu cabelo e aperto o seu ombro.

— E sobre a resposta é; sim. Pelo menos por enquanto.

— Eu fico feliz por conseguir te ajudar a dar os primeiros passos nessa sua nova fase.

— E é muito bom ter você comigo nessa fase.

Lhe dou um sorriso, passo o meu braço pelo seu pescoço e saímos do banheiro. Pego o meu celular debaixo do travesseiro e penso novamente na Baker. Como será que ela está? Espero que esteja bem e que já esteja no apartamento do irmão dela. Há duas noites quando ela tentou puxar conversa comigo no Fight, de início eu não queria nem se quer que ela passasse perto de mim, mas então ela me surpreendeu e tentou conversar comigo. Claro que eu estranhei e sabia que o certo era me afastar, por não querer ainda mais a irá do Baker, mas algo naquela garota chamou a minha atenção. Isso é de surpreender a qualquer um, pois eu jamais tive essa reação por alguém. Talvez nela tenha sido por eu ver algo doloroso através dos seus olhos, e esse algo combina com o que eu vejo nos meus olhos sempre que eu me vejo no espelho.

[...]

— Então aqui é o Fight? — Maire questiona.

Acabei de estacionar na frente do estabelecimento e por ainda ser meio dia, o lugar não tem ninguém, além dos funcionários fundamentais.

— Aqui mesmo.

— Grandes lutadores saíram daqui e criaram asas.

— Exatamente.

Desço do carro, dou a volta e estico a minha mão para a Maire. Entramos no Fight, vejo algumas pessoas limpando a arquibancada e decido ir rumo à enfermaria. Apresento a Maire ao local do seu trabalho, ela observa cada detalhe e mexe em algumas coisas. Os utensílios e produtos necessários são reabastecidos diariamente, nunca falta nada e caso alguém preciso de algo que não tem aqui, é devidamente comprado no mesmo minuto. Eu ainda não conversei com o Anthony sobre a contratação da Maire, pois ele nem se quer tem direito de se opor a isso, pois eu a minha irmã somos a maioria.

— Quantas pessoas trabalham aqui?

— Duas.

— E quando tem as grandes lutas? — Ela questiona ao me olhar.

— Duas. — Dou de ombros.

Ela franze o cenho e olha para algo atrás de mim. Eu olho na mesma direção e vejo o Anthony. Ele acena suavemente, entra na sala e enfia as mãos nos bolsos de sua calça.

— Maire, esse é o Anthony o sócio do Fight.

— Olá. É um prazer te conhecer. — Maire estica a mão para ele.

— Seja bem-vinda, senhorita. — Anthony aperta a mão dela e me olha.

— Nós podemos conversar, Eduard?

— Eu vou contratar a Maire. — Declaro.

— Tudo bem. — Ele dá de ombro. — Mas eu quero conversar sobre outra coisa.

Cruzo os meus braços em frente ao corpo desconfiado do que está por vir e aceno com a cabeça. Olho para a Maire, aviso que já volto e sigo para o escritório do Anthony. Ele se senta atrás da mesa, eu na frente dele e o encaro. Não sei o que pode vir dessa tal conversa, mas não me sinto tranquilo.

— Fala logo, Anthony.

— Marquei uma luta para você.

— Como assim?

— Você disse que queria voltar e então é apenas uma luta para você se aquecer.

— Você deveria ter me consultado primeiro, merda.

— Você quer que eu desmarque?

— Não vou dar para trás. — Resmungo. — Contra quem eu vou lutar?

— Contra o Baker.

— Oliver? — Questiono.

— Exatamente. — Anthony afirma antes de soltar um risinho. — Ainda me lembro do combinado que você fez com os 5M.

— Eu também me lembro disso. — Resmungo.

— E então? — Ele questiona.

— A minha decisão ainda é a mesma, eu vou lutar contra cada um deles.

— Então, está marcado. Domingo vocês irão lutar... entrar em combate.

Apenas aceno com a cabeça e me mantenho em silêncio. Eu sei que o Oliver vai descontar nessa luta toda a raiva que ele tem guardada. Só que, se ele diz ser profissional, não deve deixar os problemas e raiva do dia a dia adentrar no octógono. Percebo o Anthony me encarando em silêncio, eu me reclino para trás na cadeira e o encaro de volta.

— Fala logo o que você quer, Anthony.

Ele maneia a cabeça para os lados e cruza os braços em frente ao corpo.

— Eu não vou falar mais nada, pois você já tomou a sua decisão.

— Sobre a Maire? — Reviro os olhos e apoio os meus braços sobre a mesa. — Ela vai ser contratada, vai ficar até quando quiser e eu sei que o Fight rende muito.

— Não, não rende. — Ele nega.

— É claro que rende!

— Você esteve sei lá aonde por meses, voltou agora e acha que sabe o que rende ou não. — Ele debocha. — Desde o início sou eu que cuido daqui...

— E esse lugar não cresceu, até que o meu pai entrou como sócio.

— Não...

— Sim, Anthony. Você nunca soube fazer esse lugar crescer, soube apenas a investir em bons lutadores, vende-os e enfiar o dinheiro no seu bolso. — Declaro. Ele fica sem saber o que falar de imediato, eu me levanto de onde estou sentado e dou uma volta de trezentos e sessenta graus,

analisando o escritório. — Você tem uma boa vida, aliás, uma vida de padrão alto enquanto o Fight está decaindo, ele não é mais o mesmo de dois anos.

— O que você quer dizer com tudo isso, Lewis? — Ele questiona irritado.

— Eu não vou acusar sem provas...

— Não vai cometer o mesmo “erro” que o seu pai; inventar provas.

— Eu sou uma pessoa honesta, muito diferente do que o meu pai. E sim, eu vou ter provas justas e verdadeiras, vou provar o que você está fazendo com esse lugar aqui.

— Fique à vontade, senhor. — Ele debocha, mas consigo ver que ele está com raiva.

O ignoro e saio do escritório. Encontro a Maire parada no corredor, os seus olhos estão voltados para o celular e ela nem se quer nota a minha presença. É bom que ela esteja calma e já não reclame mais do acontecimento com a Melanie. Nada daquilo não era para ter acontecido, e eu me sinto um pouco culpado. O curativo ainda está em seu braço, mas não há vestígios de sangue e nem de que ela possa estar sentindo alguma dor.

— Maire... — Chamo-a, fazendo-me olhar. —, vamos ir lá em cima, na área dos camarotes.

— Eu tomei a liberdade e explorei cada centímetro daqui enquanto você conversava. — Ela confessa. — Espero que não tenha sido um problema.

— É claro que não, aliás, até é bom, pois eu não preciso dar esse tour com você. — Ironizo.

Maire guarda o seu celular dentro da bolsa e entrelaça o seu braço no meu. Andamos calmamente rumo a saída, eu faço questão de abrir a porta do carro para a minha *hóspede* e ela me agradece. Logo eu me sento no banco do motorista e saio lentamente rumo a rua movimentada. Por mim, o Fight seria em um lugar mais acessível, me refiro a ele ser num bairro mais movimentado. Além disso, eu queria que ele fosse outro modo, maior e bem arquitetado para ser o maior local de lutas de Los Angeles. Ouço a Maire suspirar, a olho rapidamente e volto a minha atenção ao trânsito. Ela não me disse mais nada sobre o apartamento que ela visitou, nem sobre a sua decisão em se mudar para cá, aliás, desde quando a Melanie apareceu lá em casa, a Maire se afastou um pouco de mim e não conversamos como antes. Eu me sinto na obrigação em tentar melhorar o clima entre nós o máximo possível.

— O que achou do Fight? — Questiono.

— Um bom lugar e eu estou curiosa para ver como é durante a noite.

— Se você quiser, a gente vem a noite.

— Eu quero, mas me sinto um pouco acanhada...

— Por quê? — A questiono, confuso.

— Porque você é dono do Fight, eu vou chegar lá com você e... — Ela suspira mais uma vez. —, vão ficar comentando coisas e isso não pode ser bom, pois agora eu sou praticamente sua funcionária.

— Podem comentarem o que quiserem, mas não vão acrescentar em nada e nem afetar a sua contratação. — Declaro ao encará-la. — Você é a minha convidada.

— Tudo bem, então.

Aproveito para olhar o meu celular assim que paro no semáforo, não tem nenhuma mensagem nova da Emily ou de qualquer outra pessoa. E em pensar na minha irmã, me lembro de repente da Quinn e das coisas que eu tenho que resolver. Como sempre, mesmo que James esteja morto ele ainda me incomoda, retira a minha paz. Não sei ainda como resolver tudo de uma vez, me refiro a agir sozinho e acabar logo com tudo, mas eu sei que tenho que ter calma. Muitas ilegalidades aconteceram e por causa disso a demora é necessária. Achilles me pediu duas semanas para se colocar a par a cada mínimo detalhe e organizar tudo que fosse necessário. A leitura do testamento vai acontecer logo em seguida e eu prevejo algum desentendimento prestes a acontecer entre a Emily e a Quinn. A minha irmã não aceita que a nossa ex-madrasta esteja inclusa em receber qualquer mínima coisa, só que independente dessa não aceitação, o nosso pai jamais deixaria a Quinn de mãos abanando, por mais que ele já tenha dado coisas de alto valores para ela.

Bato os meus dedos contra o volante e acelero o meu carro continuando o trajeto de volta para casa, mesmo que a minha vontade seja ir ver a minha irmã. Sinto falta de estar com ela, assim como ela sente falta de estar comigo, mas nós dois sabemos que ela precisa de tempo com o Turner. Eu fico feliz que eles estão se adaptando a essa nova fase da vida, morando juntos e criando o filho deles. Andrew merece crescer numa boa casa, vendo os pais tendo uma boa relação... um verdadeiro ambiente de amor. Algo que a Emily e eu não tivemos. Desejo muito que ela e o Turner possam dar afeto ao Andrew. Já em relação isso sobre mim, quero dar a mesma coisa ao meu

sobrinho, já que eu não tenho planos de ter filhos. Desde sempre, eu já estava muito bem decido em relação a isso. Eu também nunca pensei em constituir uma família, nem na época que eu estava com a Melanie.

E em pensar naquele furacão em formato de mulher... ela pediu para eu encontrá-la mais tarde, mas eu não irei, eu acho, pois acabei de combinar de levar a Maire até o Fight e eu não quero mais as duas no mesmo ambiente. O que aconteceu mais cedo entre elas foi o limite para tudo, principalmente para a minha paciência. A nossa noite foi muito boa, só que não é algo que eu desejo que continue acontecendo. Se for casual, tudo bem, caso ao contrário, quero que ela vá para o mais longe possível. Claro que ela continuará sendo uma grande amiga, a pessoa que esteve comigo em diversos momentos difíceis. Maneio a cabeça para os lados afastando qualquer lembrança desagradável e diminuo a velocidade do carro ao passar pelos portões da mansão. Assim que estaciono na frente da entrada, Ian vem ao meu encontro e eu lhe entrego a chave.

— O leve para a garagem.

— Sim, senhor.

Ian pega a chave e se afasta ao ir de encontro ao meu carro, eu coloco a mão espalmada na lombar da Maire e nos guio para dentro de casa. Assim que ultrapassamos o hall de entrada, o delicioso cheiro do almoço é extremamente evidente e eu sorrio suavemente. Ainda fico muito surpreso com o enorme carinho que a Lisa nutre por mim, por mais que eu tenha sido um babaca na maioria das vezes e que hoje em dia eu prefira me manter afastado o máximo possível. Já a Emily é extremamente diferente de mim, todos já perceberam isso desde o início e eu nem ligo. Me afasto da Maire e vou para a cozinha. Lisa está parada perto do fogão enquanto observa a sua ajudante a adoçar o suco.

— Oi, Lisa.

— Senhor Lewis. — Ela acena suavemente.

— O cheiro está ótimo.

— Fiz carne assada com legumes...

— Esse cheiro nos faz sair da dieta até por pensamentos. — Maire declara ao entrar na cozinha. — Preciso acabar a minha estadia aqui o mais rápido possível.

— A senhorita está muito bem e não deveria se preocupar com essa tal de dieta. — Lisa dá de ombros.

— Esse corpinho aqui é a muita base de boas dietas e de exercícios, pois a genética boa passou bem longe de mim.

Lisa sorri suavemente, eu maneo a cabeça para os lados e saio após ela me avisar que dentro de dez minutos vai servir o almoço. Subo a escada e vou rumo ao meu quarto. Quero me manter ocupado durante a tarde, mas não estou a fim de me exercitar e nem posso ir perturbar a minha irmã. Caio de costas na cama, cubro os meus olhos com o meu braço esquerdo e solto um pequeno suspiro. As coisas estão começando a organizar aos poucos, mas eu não posso me animar e nem deixar de ficar em alerta.

Muitas coisas ainda precisam serem resolvidas, coisas que me tiram o sono e dobram a minha preocupação. Tenho medo da ilegalidade do meu pai recair sobre mim, aliás, principalmente sobre a Emily. Ela tem uma vida pela frente, está constituindo uma família agora e o Andrew precisa da mãe por perto, então eu preciso livrá-la de tudo isso e tomar toda a responsabilidade para mim. E... além de tudo isso, eu ainda tenho a preocupação com o Fight, tenho certeza de que o Anthony está desviando dinheiro. Ouço uma tosse forçada, olho na direção da porta e observo a Maire. Ela está encostada no batente e com o olhar fixo em mim.

— Oi Maire Ellen.

— Oi Eduard Lewis. — O canto da sua boca se curva suavemente. — Eu posso entrar?

— Pode.

Ela anda na minha direção lentamente, os meus olhos passeiam pelo seu corpo e se fixam em sua cintura que mexe de um lado para o outro. Ela anda igual a uma leoa prestes a dar o bote e isso é um pouco divertido, pois se alguém pode dar o bote em alguém, essa pessoa sou eu. Estico o meu braço para o lado, Maire coloca a cabeça sobre ele após se deitar ao meu lado e apoia uma das mãos em meu tórax.

— Você está extremamente pensativo.

Dou de ombros sem ter o que falar e olho para o curativo em seu braço.

— E o corte... está doendo?

— Não. — Ela nega e me observa atentamente. — O que está te incomodando tanto?

— Nada que devo compartilhar.

— Você sabia que é muito ruim guardar as coisas para si mesmo e...

— Eu sei, mas eu sempre fui assim e prefiro que seja dessa forma.

— Você sabe que pode confiar em mim, né?

— Eu sei e confio, mas eu prefiro guardar as coisas para mim mesmo.

— Tudo bem. — Maire suspira.

Afago o seu cabelo e penso em algo muito importante... eu deveria pedir desculpas a ela? Talvez, mas eu me sinto envergonhado. Por um lado, por ter saído e permitido que isso acontecesse e outro lado, por não ter coragem o suficiente por pedir. Enfio os meus dedos em seu cabelo, o seu olhar encontra o meu e as nossas bocas se aproximam devagar. Raspo os nossos lábios e ela aperta a minha cintura.

— Atrapalho?

Me afasto devagar da Maire e olho na direção de onde vem a voz.

— Quinn?

Ela arqueia uma sobrancelha e mantém a sua pose de braços cruzados. Em seu corpo tem uma calça jeans justa as suas pernas, uma camisa branca de manga longa e cheia de babados. Está um calor dos infernos e essa mulher está toda coberta.

— Gael permitiu a minha entrada e a Lisa me avisou que você estava aqui.

— E como sempre você a ignorou e fez o que bem entendeu, como entrar aqui ou invés de me esperar na sala de estar.

Ela revira os olhos e sai da porta do meu quarto. Bufo irritado, olho para a Maire e percebo que ela está me observando.

— Quem é ela?

— Minha madrasta.

— Ela é jovem, comparando ao seu pai.

Ignoro o seu comentário, pois não tem muita coerência e saio da cama. Passo as mãos em minha camiseta a desamassando, em seguida passo os dedos entre os fios do meu cabelo e olho novamente para a Maire.

— Pode ficar aqui se quiser, eu não vou demorar.

— Prefiro ir ver se a Lisa precisa de ajuda. — Ela informa ao sair da cama.

— Ela não precisa, existem dezenas de pessoas para ajudá-la, que são os serviços deles.

— Eu sei. — Ela resmunga.

Saio do quarto sem esperar ela dizer mais nada, desço a escada rapidamente e vou rumo a sala de estar. Quinn não está aqui e isso me deixa

intrigado. Não sei qual o motivo da sua *visita*, mas eu irei descobrir muito em breve e com certeza, exigir que ela não venha aqui de surpresa. A minha irmã poderia estar aqui e as coisas não terminariam, aliás, nem começariam bem. Olho na direção do deque e a encontro. Quinn está perto da piscina, a sua cabeça levantada e ela observa os passarinhos sobrevoando a área verde à nossa volta.

— O que devo a sua visita, Quinn?

Ela olha para trás por cima do seu ombro e sorri para mim.

— É bom te ver também, Eduard.

— Sem gracinhas, diga logo o que te trouxe aqui.

Me sento na espreguiça, coloco os meus braços atrás da cabeça e fecho os meus olhos por causa do dia estar extremamente claro.

— Você sumiu, e eu estava preocupada, por isso vim aqui te ver.

— Obrigado pela consideração, mas deveria ter avisado que viria, a Emily poderia estar aqui... — Abro os meus olhos e a encaro. —, e você já tem ideia do que poderia acontecer.

— Ela nunca gostou de mim e eu não posso fazer nada para mudar isso.

— Vocês nunca se deram bem, essa é a verdade.

— Eu nunca tive nada contra a Emily, já ela... — Quinn dá de ombros.

— Você era amante do James desde a época que ele ainda era casado com a minha mãe.

— E o canalha era quem? O seu pai!

— Faltava caráter em você também, não se faça de inocente.

— Eduard! — Ela exclama como se eu tivesse falado algum absurdo.

— É alguma mentira? Você era amante dele enquanto ele estava casado.

— O seu pai teve outras amantes...

— Com certeza também teve enquanto estava com você.

É visível que a raiva a domina e o canto da minha boca se curva num sorriso debochado.

— Eu não vim aqui para isso.

Nesse momento a raiva é dominada pela tristeza e eu reviro os olhos. Não suporto esse tipo de coisa, não tenho nem um pouco de paciência. Ela se senta na espreguiçadeira ao meu lado e suspira.

— Senhor Lewis... — Ouço a Lisa me chamar e em segundos ela está na minha frente. —, eu já posso servir o almoço?

Apenas aceno, ela se afasta e eu volto a minha atenção para a Quinn.

— Você não veio aqui apenas para ver como eu estava.

— Você disse que ia me manter informada sobre...

— O testamento será lido ainda.

— Não estou me referindo a isso. — Ela declara sem paciência. — Eu quero saber como está a burocracia dos negócios que o James deixou.

— Ainda não tenho nenhuma informação nova, o Achilles está resolvendo tudo no tempo dele.

— Tenho medo de que algo recaia sobre mim.

— Impossível. — Resmungo.

Quinn era apenas a namorada perfeita do governador, não sabia de nada e nem se quer fazia nada. Ela sempre soube apenas ir as compras, vivia saindo dessa casa no início da tarde e voltava cheia de sacolas quando estava anoitecendo.

— Mudando de assunto... — O seu olhar questionador recai sobre mim, me fazendo respirar fundo. —, eu pensei que os seus avós já estariam aqui.

— Por enquanto não.

— E quando virão?

— Por que você quer saber?

— Apenas curiosidade e preocupação por você estar aqui sozinho. Aliás, você não está aqui sozinho.

— Não jogue piadinhas, Quinn. — Resmungo.

— Quem é ela?

Rio debochado e me inclino em sua direção.

— Eu sempre te respeitei muito, sempre fui educado contigo, mas eu esquecerei de tudo isso se você continuar a cismar em se meter em minha vida.

— Eu apenas me preocupo...

— Para com essa merda! — Ordeno.

Estou muito desconfiado, não consigo supor o que ela tanto quer aqui. Ela está fazendo muitas perguntas, está sondando o ambiente e a minha vida. A observo se levantar, ajeita as mangas da sua camisa e coloca a alça da bolsa em seu ombro. Quinn se aproxima de mim, se inclina na minha direção e dá um beijo na minha bochecha.

— Quando você estiver mais calmo, nós conversamos e você pode aparecer lá em casa.

— Adeus, Quinn.

Ela revira os olhos e vai embora. Apoio a minha cabeça entre as mãos e esfrego o meu couro cabeludo. Será que a Emily sempre esteve certa ao dizer que eu devo manter o meu olho aberto em relação a Quinn? Eu espero que não. Quando eu penso que as coisas vão começar a se encaixar e seguir numa linha tune, não! Aparece mais uma coisa.

— Ed... — Ouço a Maire me chamar e eu a olho. —, vem, estou esperando você para almoçarmos.

[...]

Dou um soco no vento e puxo os meus fios de cabelo. Eu estou no porão da mansão, decidi vim treinar um pouco já que eu vou lutar contra o Baker. Estou irritado porque eu não tenho o apoio necessário em minha perna esquerda por causa da minha briga há meses com a Emily. Quando aquela adaga adentrou na minha pele prejudicou um nervoso do músculo da minha coxa e não tem nada que possa ser feito para curar. Claro que isso será um problema para mim durante a luta, mas eu tenho que me esforçar o máximo possível e ganhar. Eu não vou dar o gosto de perder mais uma vez para aquele clã que se dizem serem os cinco melhores. Caso eu perca, é melhor que isso aconteça contra o Baker, pois quando eu lutar contra o Brown, eu irei massacrá-lo.

Eu queria ter ajuda para me preparar melhor para essa luta, mas não tem ninguém que possa me ajudar e então o que me resta é treinar sozinho. Eu sei muito bem como devo fazer, como devo me preparar e vou me sair bem, pelo menos é o que eu desejo. Balanço a minha cabeça para os lados, respiro fundo e me posiciono em frente ao saco de pancada. Desfiro uma longa sequência de jab e diretos contra o aparelho, me descoloco diante dele, desfiro mais socos e chuto com a perna direita, mas acabo me desequilibrando e ranjo os dentes de dor por causa da esquerda.

— Que ódio!

— Você já está aqui há horas. — Ouço a Maire comentar.

— Tenho uma luta importante no domingo.

Nem se quer me dou ao trabalho de olhá-la, continuo a desferir socos contra o saco.

— Eu não sei como eu posso ajudar, mas tenho certeza de que você se

esforçar ao máximo também não vai te ajudar.

Paro de repente e olho para ela, por cima do meu ombro.

— Eu estou enferrujado, não luto há meses.

— E se esforçar no primeiro dia vai adiantar alguma coisa?

— Não. — Resmungo baixinho.

— Então... — Ela arqueia uma sobrancelha.

Por mais que seja péssimo para eu admitir... ela está certa. Calço o meu chinelo após sair do tatame, Maire se aproxima de mim e retira as ataduras das minhas mãos. Ela continua sendo amorosa comigo, mesmo que tenha sido um babaca. Eu já repeti isso trilhões de vezes hoje e é porque eu me arrependo. E eu acho que isso é bom, pois é uma das minhas etapas de mudanças. Naquela vez que eu bati na minha irmã... eu senti uma dor profunda em meu peito, era como se o meu coração estivesse sendo arrancado do meu peito e ao mesmo tempo estivesse sendo esmagado entre as mãos. Fecho a porta do porão, afago o cabelo da Maire e me afasto dela.

Largo o meu chinelo perto do sofá e aproveito que as portas de vidros que dão acesso aos fundos da casa, estão abertas e então eu corro. Pulo ao me aproximar da piscina e mergulho. Nado até a borda, apoio os meus braços no deque e sinto os meus músculos relaxarem. Mergulho mais uma vez, volto a superfície e chacoalho a minha cabeça para os lados, retirando a água do meu cabelo. Olho ao redor observando cada mínimo detalhe do lugar que me cerca e fica impossível de não ser bombardeado com lembranças... boas e ruins. Só que, a partir do momento que eu decidi seguir em frente ao morar aqui novamente, isso inclui em querer que apenas coisas boas aconteçam nesse lugar. Às vezes eu falo sobre a Emily estabelecer algo com o Dominic e é claro que isso inclui um casamento, e ele poderia acontecer aqui, quando for o momento certo.

Sinto a água se movimentar contra o meu corpo, olho para trás por cima do meu ombro e vejo a Maire sentada na outra borda da piscina. Nado em sua direção e me sento ao seu lado, ao sair da água. Passo os dedos entre os meus fios de cabelo, em seguida esfrego o meu rosto. Já é meio da tarde, o sol não está tão quente como de costume, mas está um tempo agradável, além do céu está bem azul. As temperaturas irão cair ainda mais, pois já estamos no final de outubro então por enquanto os dias serão quentes e as noites frias. Ouço a Lisa me chamar, olho para trás e a observo vindo em minha direção. Ela me entrega o meu celular, a agradeço e prendo a minha atenção no

aparelho. É uma nova mensagem da Emily e então eu a leio, após abrir o aplicativo de mensagens.

*“Estive pensando em algo muito sério e
cheguei a uma decisão: precisamos fazer
a leitura do testamento o mais rápido possível.
Quero poder dizer que eu vivo sem por cento completa.”*

A leitura do testamento é algo que eu gostaria que acontecesse só após a finalização de todas as outras burocracias, mas analisando tudo e pensando seriamente no que a Emily acabou de dizer, me faz perceber que ela está certa.

*“Eu vou conversar com o Achilles
o mais rápido possível e te informo.
Fica tranquila, clone.”*

Suspiro cansado e fico um pouco tenso com essa nova situação. Uma nova mensagem da Emily chega e eu reviro os olhos ao lê-la, mas ao tempo um pouco preocupado.

*“O mais rápido possível mesmo, Eduard!
Ah, e mesmo que você não tenha me
perguntando, eu te informo... Stephany
já está em casa, mas terá que realizar uma cirurgia.”*

Quero saber mais sobre o assunto, só que eu não quero saber através da Emily, a única pessoa que poderia me fazer isso.

— O que você faz quando quer saber uma coisa de tal pessoa, mas a única pessoa que pode te responder, você não quer perguntar para ela?

Maire me encara intrigada e dá de ombros.

— Que pergunta. — Ela debocha. — Eu iria perguntar diretamente para a tal pessoa, mil vezes melhor do que perguntar para terceiros e não ter respostas concretas.

— Boa resposta, Maire.

Perguntar diretamente para a Stephany... não é algo que estava em

meus planos, mas terá que ser assim. Só que eu não farei isso agora, pois a Maire está aqui do meu lado e eu não quero me aprofundar nesse assunto.

— Estive pensando numa coisa nos últimos minutos... — Maire comenta chamando a minha atenção e eu a encaro. —, por que você não tem o auxílio de um profissional para se preparar?

— Eu sei o que devo fazer e como, então... — Dou de ombros.

— Mesmo assim, você deveria ter o auxílio de alguém.

Eu sei, mas prefiro me virar sozinho. É apenas uma luta banal contra o Oliver, por mim tanto faz se eu vou ganhar ou perder. Claro que perder é irritante e eu ficaria muito feliz em ganhar do Baker, mas estou sendo realista ao pensar nesse tanto faz, pois ele sempre teve tempo para se dedicar nesses meses que se passaram e consequentemente ele teve boas lutas, mesmo que possa ter perdido algumas. Ele não é um Dominic Turner – Fênix que vence todas sempre. Encaro o meu celular entre as minhas mãos e faço uma anotação mental para eu falar com o Achilles mais tarde. A leitura do testamento não será algo tranquilo, e nem agradável, por mais previsível que ele possa ser. Eu sei tudo está em meu nome e no da minha irmã, eu só não sei se as propriedades e finanças foram divididos entre nós dois ou será algo compartilhado.

Muitas das propriedades serão desfeitas – pelo menos é isso que uma vez eu já conversei com a Emily –, iremos ficar apenas com os quais forem os mais viáveis. Principalmente aqueles que eram os nossos preferidos e os da minha mãe, por exemplo, a casa de Malibu. Eu tinha planos de ir para lá nesse final de semana, até mesmo levar a Maire, só que alguns acontecimentos me fizeram mudar de ideia, como as atitudes *dela* e por conta da minha luta no domingo. Iria me fazer bem passar pelo menos dois dias lá, mas ter esse tipo de contato maior com a Maire não é algo bom. O nosso combinado foi ter apenas sexo casual, só que em alguns momentos ela mostrou não estar de acordo com isso e agiu de maneiras diferentes. Eu não quis e ainda não quero conversar com ela sobre isso, vou apenas ignorar a situação. Eu já agi de uma forma bem ruim com a Maire e se a gente discutir sobre esse assunto, eu não confio em mim mesma. Observo o Torres vindo do pequeno caminho que leva rumo a quadra de tênis, aceno e ele vem em minha direção.

— Senhorita Lincoln. — Ele acena suavemente para nós. — Senhor Lewis.

— Torres, que horas começou o seu turno?
— Há meia hora, senhor.
— Quem estava responsável no turno da manhã?
— Gael, se eu não me engano. — Ele me responde desconfiado. —
Aconteceu algo?

— Marca uma reunião com todos para daqui meia hora.

E sem questionar nada, apenas concordando, ele se vai e eu me levanto. Preciso ter uma conversa séria com todos sobre a entrada da Quinn nessa casa a partir de hoje. Ela não é mais moradora daqui e nem nada parecido, então não deve ter a entrada liberada por ninguém, apenas por mim. Afago o cabelo da Maire, seguro firme o celular entre as minhas mãos e vou rumo de volta para casa. Atravesso a sala de estar, subo a escada de dois em dois degraus e logo entro no meu quarto. Fecho a porta e encaro o aparelho em minhas mãos. Stephany volta a rondar a minha mente e eu decido perder a vergonha na cara. Abro o aplicativo do Instagram, procuro o perfil dela e respiro fundo antes de começar a digitar.

‘Olá, Baker.
*Soube do que aconteceu contigo, espero que esteja melhor.
Se você quiser conversar sobre o seu tratamento
ou qualquer outra coisa, pode me procurar.*

Jogo o meu celular sobre a cama e vou para o banheiro. Encaro o meu reflexo no espelho e reconheço o quão parecido eu sou com o meu pai. Isso é horrível, mas pelo menos eu tenho o caráter diferente dele. Só que eu não posso dizer que eu nunca fiz coisas ruins ou parecidos com coisas que ele já fez, mas hoje em dia eu posso falar que eu nunca mais vou fazer nada daquilo e muito menos parecido. Maneio a cabeça para os lados, entro debaixo do chuveiro e a água morna cai sobre o meu corpo. Não estou confiante sobre essa luta contra o Baker, mas não quero deixar isso transparecer.

Essa falta de confiança não é medo, é apenas a realidade de toda a situação. Eu já pensei sobre isso trilhões de vezes desde quando o Anthony me comunicou sobre o combate e a cada momento que a luta se aproxima, a falta de confiança aumenta. Eu não sei por quanto tempo a Maire assistiu o meu fracasso, e seja lá quanto tempo tenha sido ela viu a minha desestabilidade e irritação. Não tenho muito o que fazer para que a minha

perna me dê a estabilidade necessária, mas eu sei de algo que pode me ajudar, mesmo que seja numa porcentagem pequena. Termino o meu banho e saio do banheiro nu, enquanto seco o meu cabelo. Ouço o meu celular vibrar e eu fixo o meu olhar no aparelho. Enrolo a toalha em volta da minha cintura, me sento na poltrona e vejo que a Stephany já me respondeu.

*‘Olá, Lewis. Agradeço a sua mensagem,
e confesso que ainda estou surpresa. E... sim,
eu acho que estou precisando conversar sobre esse assunto.’*

Independentemente do que o médico tenha dito, é claro que ela está apreensiva ou temerosa, então não me custa nada tentar conversar com ela sobre essa situação.

*‘Já escolheu o tipo de tratamento?
Creio eu que a opção cirúrgica seja a mais eficaz.’*

Os meus olhos passeiam pela tela, observo o *on-line* mudar rapidamente para a opção *escrevendo*.

*‘O médico me deu três opções; laparoscopia ou
DIU que irá combater a endometriose aos poucos,
e a opção de ablação que é a opção de laser.’*

Ela escreveu e escreveu, mas não respondeu a minha pergunta.

‘Você já escolheu o tipo de tratamento?’

Espero que eu não esteja colocando nenhum tipo de pressão, mas sim que eu esteja conseguindo ajudá-la.

*‘Estou pensando ainda, mas é quase
certeza de que eu faça a laparoscopia.’*

É a melhor opção... De repente percebo que ela possa estar com medo da cirurgia, mas não deve ter, pois é um procedimento bem simples feito com

pequenas incisões.

*‘É um processo extremamente tranquilo,
você não precisa ficar temerosa.’*

Encaro o nada quando a realidade bate contra o meu peito. Em nenhum momento eu imaginei fazendo esse tipo de coisa, conversando com a irmã do Baker, tentando acalmá-la e sendo gentil, ao meu modo. Quando essa garota tentou puxar assunto comigo naquela noite no Fight eu fui grosso – algo que não foi novidade –, mas agi ao meu modo natural e eu não queria aproximação com ela por causa do seu irmão. Só que esse pensamento nem se quer passou novamente em minha mente quando eu decidi mandar mensagem para ela. Volto a minha atenção para o meu celular e percebo que a Stephany já me respondeu.

*‘Não estou temerosa, aliás, só um pouco.
Sei que é um processo tranquilo e que eu não devo me preocupar.’*

Mesmo sem que eu a conheça direito, sei que ela está falando isso da boca para fora.

*‘Repita isso para si mesma até que você esteja cem
por cento confiante nisso, pois mentir para mim
não é nada comparado a mentir para você mesma.’*

Dois toques na porta chamam a minha atenção, autorizo a entrada e franzo o meu cenho ao ver a Lisa. Tomara que ela não venha me informar que tenho *visitas* me esperando.

— Espero que você tenha vindo me falar algo bom, Lisa. — Declaro.
Jogo os meus braços acima da minha cabeça e me espreguiço.

— Senhor, os seguranças já estão reunidos na sala de monitoramento.

— Para que? — Questiono.

— O senhor pediu para conversar com todos eles.

Putz! Largo o celular sobre o braço da poltrona e me levanto.

— Eu me esqueci, Lisa, mas eu já vou descer.

Ela apenas acena e sai do meu quarto após pedir licença. Vou rumo ao

meu closet, me visto rapidamente e jogo a toalha sobre a pia do banheiro. Desço rapidamente para o primeiro andar, vejo a Maire sentada no sofá da sala de estar enquanto conversa com alguém no celular e eu continuo o meu trajeto. Passo pela cozinha aonde a Lisa e mais duas empregadas preparam o jantar, logo entro na sala dos seguranças e encontro todos reunidos. Eles ficam em silêncio ao notar a minha presença e endireitam a postura.

— O que eu tenho para falar é extremamente rápido. A entrada da Quinn nessa casa está proibida, ela só pode entrar se eu autorizar, assim também como qualquer outra pessoa. As únicas pessoas que tem entrada liberada aqui é a Emily e o Turner.

— Isso inclui a senhorita Nash? — Torres questiona.

— Não necessariamente, podem liberar a entrada dela, mas me avisem com antecedência.

— Sim, senhor.

Olho atentamente para cada um presente nessa sala e suspiro.

— Quem autorizou a entrada da Quinn?

— Eu. — Gael dá um passo para frente.

— Não faça mais isso. Ela não é mais uma moradora daqui e nem nada parecido.

— Me desculpe, senhor.

— Está tudo bem. — Declaro surpreendendo a todos. — Na última reunião que tivemos eu não falei nada sobre ela, então foi erro meu também.

— Mais alguma coisa, senhor?

— Não. — Nego incerto e de repente me lembro dos planos de hoje. — Vou para o Fight mais tarde com a Maire.

— Quer que algum de nós os acompanhe?

— Não é preciso, eu já falei sobre isso. — Resmungo.

— Tudo bem.

Desejo boa noite e saio, indo rumo à cozinha. O cheiro está maravilhoso como sempre e eu desejaria que a Emily estivesse aqui nessa noite, mas é melhor que isso fique para outro dia. Três pares de olhos se voltam para mim, eu as ignoro e abro a geladeira. Ada, a cozinheira colombiana é a qual mais me encara com os olhos arregalados, ela e as demais ainda não estão acostumadas com a minha presença tranquila nessa casa. Pego a jarra de suco, a Jô – a auxiliar da Ada me entrega um copo – e eu o encho. Lisa está observando tudo ao seu modo discreto.

— O cheiro está ótimo, Ada.

— O... se-senhor não fez nenhum tipo de pedido sobre as refeições dessa semana e... então.... então eu só estou fazendo o que a Lisa aconselhou.

— Lisa está no comando. — Pisco e toco em seu ombro. — Não precisa ficar nervosa com a minha presença, eu não sou o James.

— Você não é o James. Nunca foi, nunca vai ser e nem é nem um pouco parecido. — Lisa declara.

— É bom ouvir isso, mesmo que eu não consiga acreditar nisso.

— É porque ele era tóxico, mas você está se livrando aos poucos desse veneno.

Lhe dou um pequeno sorriso sem saber o que falar e saio da cozinha. Me sinto um pouco sufocado com esse assunto. No fundo eu sei que é verdade tudo aquilo, mas algo dentro de mim, algo afetado pelo James não me deixar acreditar cem por cento. Arrasto os meus pés em direção a sala de estar, passo pela Maire sem dizer nada e paro na porta que dá acesso a piscina. Se eu começar a pensar em tudo que aconteceu envolvendo o meu pai, eu não vou conseguir parar e sou o único que ficará ainda mais destruído com essas drogas de pensamentos.

— E então, conseguiu descobrir o que queria sobre tal pessoa? — Ouço a Maire me perguntar.

Eu não quero falar desse assunto com ela e preciso pensar em algo rapidamente. Giro o meu corpo sobre os calcanhares e a observo.

— Sim. — Murmuro. — Aconteceram tantas coisas nessa semana que você nem comentou comigo sobre o apartamento.

— É um bom apartamento, encaixa no meu orçamento e eu só estou esperando a corretora entrar em contato, pois ela tinha que resolver pequenas burocracias.

— É um lugar seguro?

— Sim.

— Isso é essencial.

— Eu sei. — Ela sorri suavemente. — Eu vou ter que dar um pulo em Solvang para pegar as minhas coisas assim que o apartamento já estiver disponível.

— Eu imagino o quão preocupado os seus pais possam estar.

— Em algum momento eu ia ter que sair daquela cidadezinha.

— Desde o primeiro segundo que eu cheguei lá fiquei louco para voltar

para cá.

— Lá não é tão ruim assim. — Ela resmunga divertida.

— Não é ruim... é horrível.

Maire ri com o meu deboche e eu apenas sorrio.

— Até segunda feira eu te deixo livre, te dou de volta a sua privacidade. — Ela declara.

— Você sabe que pode ficar aqui o tempo que quiser.

— E eu sei também o quanto você gosta de privacidade.

— Não é maior do que o meu prazer em te receber aqui.

— Me sinto lisonjeada, senhor Lewis.

Sei que a sua frase é real, mas é carregada de ironia apenas para descontrair. Apenas dou de ombros e ela tomba a cabeça para o lado ao me encarar com mais atenção.

— Você não é de ri tanto, aliás, é raro até mesmo ver você sorrindo. — Maire declara.

— Situações que me fizeram ser assim.

— Mas sorri ameniza tudo, Eduard.

— Amenizar parece até uma palavra mágica.

Ela revira os olhos e volta a sua atenção ao celular. Lembro-me que deixei o meu no quarto, peço licença e subo a escada tranquilamente, ou tentando. Não entendo o porquê de eu estar ansioso para continuar a conversar com a Baker, nem o porquê de querer continuar a conversar. Eu nunca fui de ter proximidade e muito menos amizade com pessoas que conheci recentemente, e – talvez – é isso que mais me surpreende por eu estar desse modo. Me jogo de volta na poltrona, pego o meu celular e vejo que tem uma nova mensagem da Stephany, mas ela não está mais on-line.

*‘É impressão minha ou você insinuou
que eu estou mentindo? Você nem me conhece
direito e já foi abusado em sua mensagem.... gostei disso.’*

Reviro os olhos, mas acabo rindo... surpreendendo a mim mesmo.

CAPITULO NOVE

Quando estivermos a sós, é tudo o que quero

Quando estiver sozinha com você

Venha me levar

Para a viagem da minha vida

Ashlee – Alone With You

Eduard Lewis

Eu estou no camarote do Anthony, ele não está aqui hoje, mas tenho a liberdade de poder ficar aqui. Maire veio comigo e está curiosa para ver como é uma noite de lutas, mesmo que hoje esteja tranquilo. Puxo o lacre da garrafinha de água e despejo o líquido dentro da minha boca. O silêncio é algo que está dominando o ambiente e reinando entre Maire e eu. Estamos tranquilos um com o outro, jantamos juntos num clima bem agradável e o que eu disse para ela é verdade; é bom hospedar ela lá em casa. Ouço a porta se abrir, olho para trás e vejo a Emily. Ela vem em minha direção, acena para a Maire e se joga entre os meus braços. Beijo o topo da cabeça da minha irmã e massageio os seus ombros.

— Como você está? — Ela me questiona.

— Bem e você?

— Estou bem. — Ela responde e se senta entre Maire e eu. — Eu pensei que você fosse aparecer lá em casa durante a tarde.

— Às vezes eu vou aparecer lá, não será sempre.

— Deveria ser sempre. — Ela resmunga.

Observo juiz se mover sobre o octógono, dois lutadores se cumprimentam e aguardam a autorização para iniciarem a primeira luta do dia. Maire se levanta do sofá e vai rumo ao vidro para assistir mais atentamente a luta. Emily me cutuca e eu a encaro.

— O que? — Questiono.

— Ela vai trabalhar aqui? — Emily questiona baixinho.

— Sim, por isso ela está aqui hoje, para ver um pouco do funcionamento.

— Entendi. — Ela resmunga e cruza os braços em frente ao corpo. — Está se preparando para a luta?

— Sim.

— Eu o aconselhei a ter o auxílio de alguém. — Maire murmura.

— Esse alguém deve ser eu, Eduard! Você deveria ter me ligado.

— Eu sei o que devo fazer e como devo me preparar, Emily.

— Não me interessa. Amanhã eu vou lá em casa te ajudar.

Reviro os meus olhos ao ver o sorriso vitorioso nos lábios da Maire e eu volto a atenção para a minha irmã.

— Veio sozinha?

— Vim com o Dom. — Emily responde.

— Turner vai lutar hoje?

— Não. — Ela nega enquanto cutuca a sua unha. — Está nervoso para a sua luta?

— Estou tranquilo.

Não, eu não estou tranquilo, mas não vou assumir isso. Emily me olha atentamente e coloca a sua mão sobre a minha.

— Você tem noção que será complicada, pois o Oli está em dia como lutador, já você... — Ela dá de ombros.

— Eu sei e estou muito tranquilo sobre ganhar ou perder.

— Depois que passar essa luta você pode começar a se dedicar mais.

— Eu vou, Em, mas será como hobbie. Eu vou voltar para a faculdade o mais breve possível.

— Eu super te apoio em relação a isso.

Lhe dou um pequeno sorriso e a acolho entre os meus braços. Maire continua assistindo a luta atentamente e eu posso afirmar que ela está gostando. Espero que aqui seja um bom lugar para que ela possa trabalhar. Depois da leitura do testamento e organização das coisas que faltam, eu vou voltar a estudar e enfim me formar em medicina em poucos semestres. Já era para eu estar formado e trabalhando na área há muito tempo, mas não aconteceu por culpa do tal. Emily sai dos meus braços e se levanta do sofá ao me chamar para ir para o outro camarote, aonde o Turner está.

— Não, eu prefiro ficar aqui.

— Fica lá com ele, os *outros* ainda não chegaram. — Ela informa. — Aproveita para conversar sobre o Anthony.

— Você acha uma boa ideia isso?

— Sim, pois o Dom esteve aqui nesses meses que estivemos fora e você pode ter algumas informações.

Penso seriamente sobre isso enquanto ela me direciona um olhar pidão.

— Tudo bem, Emily.

— Ótimo. — Ela dá um soco no meu ombro. — Amanhã você aparece lá em casa?

— Você não vai ficar aqui hoje?

— Não. Eu só vim pegar alguns papeis e já estou indo. Deixei o Andrew com a irmã do Oliver.

— Com a Stephany?

— Ayla. — Ela responde com o cenho franzido. — Então, amanhã você aparece lá?

— Não. — Nego fazendo ela me encarar confusa. — Você que vai aparecer lá em casa, pois disse que vai me auxiliar e... etc.

— Ainda bem que não se esqueceu.

Emily se despede de mim com um abraço e antes que saia, ela me lembra de eu ir falar com o Turner. Me levanto do sofá, ando na direção da Maire e paro ao seu lado. No octógono está acontecendo uma boa luta, um dos lutadores já está com diversos cortes, o outro está mancando e é visível ver resquícios de sangue ao redor deles.

— Eles são vorazes.

— Só um pouco.

Ela olha para mim por alguns segundos e dá de ombros.

— Estou curiosa para ver você lutar.

— Não coloque muitas expectativas, eu estou fora de forma.

— Mas não vai perder feio.

— Feio não, mas... — Dou de ombros.

— Também estou curiosa para ver o seu cunhado lutando.

Não estou acostumado a ouvir isso; cunhado relacionado ao Dominic, mas fico feliz toda vez que lembro que a minha irmã é feliz com ele.

— Dominic é muito bom. — Confesso.

— Ele é ótimo, assim como eu imagino que você também é.

— Estou longe de ser um por cento do que o Turner é.

— Duvido muito.

— Acredite, Maire Ellen. — Afago o seu cabelo. — Vem comigo, eu preciso ir falar com o Turner.

Ela entrelaça o seu braço no meu, eu fico um pouco incomodado com isso, mas ignoro. O incomodo é por eu não estar acostumado coisas com toques que não veem da minha irmã. Em segundos entramos no camarote dos 5M, percebo que o Dominic ainda está sozinho por aqui e eu o cumprimento com um aperto de mão. Maire vai para o vidro após ser cumprimentada, e nós nos sentamos no sofá.

— Emily me disse que você queria falar comigo. — Ele declara.

— Eu vou ser direto ao assunto antes que os seus amigos cheguem. — Informo o fazendo assentir. — Estou desconfiado que o Anthony esteja

roubando o Fight, isso inclui os lutadores.

— Roubando? — Turner questiona incrédulo.

— Sim. Eu ainda não tenho provas, mas é quase certeza que isso esteja acontecendo.

— Se ele estiver fazendo isso, tem que ser tirado daqui o mais rápido possível.

— É isso que eu quero.

— E eu quero ajudar nisso.

— Eu não vou te envolver, você é um lutador daqui, Turner.

— Não me importo com isso, Lewis. — Ele resmunga.

Suspiro irritado e resolvo ignorar momentaneamente. Observo a Maire e não sei o porquê me lembro da Stephany. Não conversamos mais, mesmo que eu tenha respondido a sua última mensagem com um ‘tanto faz’ e mandei o número do meu celular para ela. Algo bem melhor do que ficar trocando mensagens pelo Instagram. Eu nem vi se ela visualizou a minha mensagem e... por que diabos isso é importante para mim?! Maneio a cabeça para os lados, me recosto no sofá e assisto a luta. Cada minuto mais se aproxima o meu combate contra o Baker e eu estou conseguindo ficar tranquilo. Sei que amanhã a Emily vai me encher o saco enquanto me *ajuda* na preparação. O que eu mais preciso é de descanso e ficar tranquilo.

— Isso aqui é fantástico. — Ouço a Maire comentar.

— Essa luta ainda é muito básica, senhorita. — Turner resmunga irônico.

— Estou curiosa para te ver lutar. — Ela confessa.

— Talvez daqui algumas semanas você mate a sua curiosidade. — Ele pisca para ela e volta a sua atenção para mim. — Eu fico preocupado com a sua irmã, ela cismou em vir aqui pegar algumas papeis e ir embora sozinha.

— Ela teimosa.

— Eu sei disso muito bem. — Ele resmunga.

— Que papeis ela veio buscar?

— Alguns referentes a mim. Emily quer cuidar da minha carreira, ainda mais agora com essa possibilidade que o Anthony está roubando.

— Mas e como vai ficar a situação dos 5M? — Questiono. — Pois o Anthony é quem cuida de vocês cinco.

— Então, nós ainda não conversamos sobre isso, mas creio eu que, os rapazes vão concordar com a mudança.

— Até mesmo o Brown?

É visível o nojo na minha pergunta ao falar sobre o amante.

— É uma situação muito complicada. Eu sei da aversão de vocês sobre o Jensen, até entendo por causa de tudo e... — Dominic suspira sem saber o que falar. —, será algo para ser conversado com muita calma.

— Duvido muito que a Emily queira cuidar da carreira do Brown.

— Eu não vou interferir na escolha dela. — Ele declara.

A minha atenção é roubada pela Maire quando ela se senta ao meu lado no sofá, em sua mão tem uma latinha de refrigerante e eu nego com a cabeça quando ela me oferece um gole. É bom que ela esteja se adaptando ao ambiente, pois por mais que esteja uma noite bem tranquila, ela está começando a entender mais ou menos como são as noites de lutas. Sim, existem noite que não acontecem lutas, são noites raras, mas acontecem. Pelo menos uma noite na semana, o Fight é aberto para aqueles que querem conhecer mais pessoalmente alguns lutadores. Olho para trás por cima do meu ombro ao ouvir a porta do camarote ser aberta, observo o Leon entrando despreocupadamente enquanto mantém o seu olhar no celular e eu volto a olhar para o octógono. Não tenho nada contra nem um deles – menos o Brown –, já ao contrário deles, pelo menos é isso que me parece desde quando nos conhecemos. Eu sei que o Baker me odeia por causa de tudo que eu já fiz contra a minha irmã. Leon entra no meu campo de visão, franze o cenho ao notar a minha presença e cumprimenta o amigo.

— Resolveu aparecer. — Dominic resmunga em tom de deboche.

— Lola está tomando o meu tempo. — Ele ironiza e volta a sua atenção para mim. — Olá, Lewis.

— Brown.

Apertamos as nossas mãos e ele acena suavemente com a cabeça para a Maire, antes de voltar a sua atenção para o Turner.

— Os rapazes não virão?

— Talvez, o Oliver foi buscar a Pen na emissora. — Dominic responde.

— E como está o casamento deles?

Leon caminha até o frigobar, pega algo e volta para perto de nós. Assim que ele abre a garrafa, o cheiro de cerveja invade o ambiente e faz o meu estomago revirar.

— Caminhando aos poucos. Você sabe o quão... complicada a minha irmã é. — Turner comenta um pouco receoso.

Penélope complicada? Isso é apenas um apelido.

— Ela estava extremamente animada no dia...

— Vocês estavam bêbados. — Dominic aponta um dedo na direção do amigo.

Leon ri ao se afastar e se encosta no vidro do octógono.

— Que história é essa? — Maire me questiona baixinho.

— Depois eu te conto.

— Oliver Baker, o marido da fera. — Leon ironiza.

— Olha como você fala da minha irmã. — Turner rosna.

Baker entra em meu campo de visão, acena com a cabeça e bate o seu punho contra o do Brown. Já é hora de eu ir embora, não quero estar aqui quando o amante chegar, pois eu sou louco para dar uma surra naquele babaca.

— Está falando mal da minha esposa, Brown? — Oliver o questiona.

Ele também pega uma cerveja no frigobar e a abre. Sentir o cheiro de bebida alcoólica é como sentir o meu interior ser corroído.

— Eu estava apenas perguntando para o Dom sobre como estava o casamento de vocês. — Leon informa.

— Eu mesmo respondo a sua pergunta; o meu casamento está bem. Aliás, pelo menos eu não enrolei a Penélope, assim como você está fazendo com a Lola. — Oliver o provoca.

— Eu achei que ela ia vir com você. — Turner comenta.

— Ela preferiu ir para o seu apartamento e então eu deixei as minhas irmãs com ela. — Ele comenta.

— Você fala das suas irmãs como se fosse crianças. — Leon debocha.

— Quem me dera. — Ele resmunga.

— E em falar nelas, como a Stephany está? — Leon pergunta.

— Bem na medida do possível. — Ele responde.

— Vamos embora, Maire. — Declaro num sussurro.

Me levanto do sofá chamando a atenção de todos, a Maire segura no meu braço e observa cada um com extrema atenção. Eles, como lutadores e o Fight são bastante conhecidos no país inteiro por todos aqueles que são fissurados por lutas, então todos que os veem pessoalmente e percebem que eles são pessoas comum como qualquer outra, ficam surpresos. Me refiro a isso que está acontecendo, eles se provocando, brincando um com o outro e falando de suas respectivas famílias. Olhar para o Oliver me faz pensar

novamente na Stephany e eu não posso fazer isso nesse momento.

— Já vai? — Turner me questiona.

— Sim.

— Fica aí, vamos beber um pouco e... selar a paz? — Leon sugere, mas sai mais em forma de questionamento.

— Eu não bebo e preciso ir embora.

— Por que você não bebe? — Maire me pergunta.

A ignoro momentaneamente, pois não quero falar desse assunto na frente deles e aperto a mão do Dominic.

— Qualquer coisa que a minha irmã ou sobrinho precisarem, me ligue.

— Você não precisa se preocupar com eles, Eduard.

— Eu sei, mas me preocupo do mesmo jeito.

Ele acena suavemente e aperta mais firme a minha mão.

— Por mais que eu seja o pai do Andrew e... namorado da Emily, e cuide muito bem deles, você é muito bem-vindo no meu apartamento e faz parte da nossa família, então de ter todo o direito de querer cuidar deles também.

Fico sem saber o que dizer, me afasto e me despeço dos demais com um aperto de mão. Oliver fica me encarando pensativo, eu passo o meu braço pela cintura da Maire e saímos do camarote. Ela se mantém em silêncio e isso é bom. Não quero entrar no assunto que envolva o meu pai, pois isso só vai estragar a minha noite. Eu estou muito tranquilo para deixar ser levado para o mar negro de lembranças malditas. Abro a porta do meu carro, Maire agradece e se senta. Dou a volta e em segundo já estou nos levando rumo a mansão. Pelo pouco que eu conheço do Leon – o que é quase nada – ele me parece ser bem diferente do irmão. Me surpreendi um pouco quando ele disse ‘selar a paz’, mas apenas relevei tudo e tive ainda mais certeza que estava na hora de ir embora. Se a Maire não estivesse comigo, confesso que eu pensaria na *proposta* dele. Paro no semáforo vermelho no mesmo segundo que eu sinto o meu celular vibrar, o pego em meu bolso e o canto da minha boca se curva num sorriso. Abro a nova mensagem da Stephany e leio.

‘Tanto faz? Que mal humor até em sua mensagem.’

Por mais incrível que pareça não existe mal humor em mim nessas

trocas de mensagens.

*‘Não tem mal humor nenhum, Baker.
Me responde uma coisa, você está melhor?’*

Deixo o celular entre as minhas pernas e acelero o meu carro continuando o trajeto.

— Ed...

Olho rapidamente para a Maire e percebo o seu olhar curioso sobre mim.

— Pergunte, Maire Ellen.

— Por que você não gosta de bebida alcoólica?

— Porque lembra o meu pai.

Respondo um pouco rude para que fique evidente que eu não quero continuar nesse assunto. Bato os dedos no volante enquanto presto atenção no trânsito e é bom que as ruas estejam bem tranquilas a essa hora, ainda nem é tão tarde assim. Olho rapidamente para a Maire e me lembro da outra pergunta que ela me fez. Toco rapidamente em sua perna, chamando a sua atenção e a tenho totalmente.

— Antes que você fale qualquer coisa, eu sei que você não gosta de tocar em assuntos que envolvam o seu pai e quando eu perguntei sobre a bebida, eu não imaginava que era algo relacionado a ele.

— Não tinha como você saber disso e nem deve ficar receosa por ter me perguntado, eu não gosto de falar dele, mas nem por isso eu não vá te responder, por mais breve que seja.

— Eu entendo o seu jeito em relação a isso. — Ela toca em meu braço e me direciona um pequeno sorriso. — Está tudo bem, Ed.

Apenas aceno e respiro fundo.

— E sobre a outra coisa que você me perguntou eu não sei muito bem a história...

— Sobre o casamento da irmã do Turner? — Ela questiona ao me interromper.

— Sim. — Afirmo ao olhá-la por alguns segundos. — Oliver e Penélope tiveram um romance relâmpago, era algo escondido do Dominic porque a irmã dele decidiu que seria assim, só que o Baker queria contar para o amigo e o Turner acabou descobrindo ao presenciar uma discussão

acalorada. Eles ficaram *afastados* um do outro por um bom tempo, se reaproximaram na semana que foram para Las Vegas e beberam demais uma noite antes da luta tão importante do Dom.

— E se casaram numa capela?

— Existe algo mais clichê? — Debocho.

Maire nega rindo.

— E o que mais?

— Eles estavam numa situação bem complicada, o relacionamento era bem incerto e a Penélope não queria ter que arcar com um casamento inesperado.

— Mas eles estão juntos, o Baker disse que o casamento está bem e ele fala da esposa com felicidade.

— Ele gosta muito dela, isso é bem visível e parece que eles estão conseguindo fazer que o casamento der certo, apesar das irmãs dele.

— O que tem elas?

— Pelo o que a Emily comentou comigo, a Stephany não gosta muito do relacionamento deles.

— Mas não é ela que tem que gostar. — Maire dá de ombros.

Concordo com um aceno enquanto entro na propriedade em baixa velocidade. Paro em frente à entrada, descemos do carro e eu jogo a chave para o Torres. Enfio as mãos no bolso da calça e não sinto o meu celular. Volto para o meu carro, pego o aparelho sobre o banco e enfim entro em casa. Maire está subindo a escada, mas para de repente e olha para mim. Não é preciso que ela diga nem uma palavra se quer, pois eu já entendi o que o seu olhar quer me dizer. Ando calmamente em sua direção, subimos a escada e ela faz menção de ir rumo ao meu quarto, mas eu a impeço. Seguro em seu braço e a guio rumo ao seu. Não vamos ficar no meu quarto, pois lá é o meu canto, o meu refúgio e apenas eu durmo lá.

É claro que a Melanie dormiu lá ontem e isso já aconteceu no passado enquanto namorávamos, mas ela é a única que consegue fazer com que eu deixe isso acontecer. Entramos no quarto, eu fecho a porta antes de me encostar na mesma e observo atentamente a Maire. Ela está parada perto da cama, de costas para mim e a sua cintura começa a se movimentar suavemente. Fixo o meu olhar em seu quadril e aprecio o pequeno show. As suas mãos passam por suas pernas, sobem por sua cintura e vão até as suas costelas. O meu celular vibra em meu bolso, eu o pego e prendo a minha

atenção totalmente nele. É uma nova mensagem da Stephany.

‘Sim, eu estou melhor. E já que você tomou a liberdade, eu também a tomo... Me responde uma coisa... Você me mandou mensagem porque estava preocupado ou porque estava se sentindo mal por ter me tratado de forma má educada quando eu fui conversar contigo no Fight?’

Ela é uma garota abusada e eu meio que gosto disso.

‘Estava preocupado, pois imaginei que você pudesse estar assustada com essa situação toda e eu não te tratei de forma má educada.’

Volto a olhar para a Maire e a observo rebolar ainda mais, enquanto se mantém de costas para mim. O meu celular vibra novamente e eu maneo a cabeça para os lados ao ler a mensagem da Baker.

‘Você é surpreendente, Lewis!’

Se eu sou surpreendente ela é o que? A imagem dela invade a minha mente e a primeira definição que surge para aquela garota é; Gostosa. Oh, céus! Eu não devo pensar isso relacionado a ela.

‘Já me chamaram de muitas coisas, mas é a primeira vez que me chamam de – Surpreendente.’

Em segundos a sua resposta chega e me deixa extremamente surpreso.

‘E de gostoso já chamaram?’

— Eduard!

Ouçõ a Maire me chamar num tom de chateação e eu a encaro.

— O que?

— Eu estou aqui... lhe fazendo isso... — Ela aponta para o próprio

corpo e em seguida bate as mãos na cintura. —, e você está no celular?!

— Era importante. — Declaro ao largar o celular sobre o criado-mudo.

— Deveria ser, pois está com um sorrisinho idiota nos lábios. — Ela resmunga enciumada.

Reviro os meus olhos e me aproximo.

— Mas agora eu vou lhe dar muito mais que atenção.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

A agarro e a jogo sobre a cama. Um suspiro baixo escapa da sua boca, o seu olhar malicioso encontra o meu e é visível a ansiedade através da sua respiração. Paro diante da cama, seguro na barra da minha camiseta e a puxo para fora do meu corpo. Os seus olhos passeiam pelo meu tórax nu, eu tento esquecer que carrego cicatrizes na pele e me concentro nesse agora, no que está acontecendo. Abro o botão da minha calça e deixo a peça escorregar lentamente pelas minhas pernas. Maire está deitada no meio da cama, me observando atentamente, e é visível que a cada segundo que eu a faço esperar, mais afoita ela fica. Eu já lhe toquei de todas as formas possíveis, já fizemos muito sexo, mas sempre ela age assim, como se fosse a primeira vez. Caminho os meus dedos por suas pernas nuas, paro assim que alcanço a barra do seu short e fixo o meu olhar *nela*.

É visível os seus mamilos rígidos através do fino tecido da sua camiseta, Maire leva as mãos na direção deles e fecha os olhos sentindo o seu próprio toque. Isso me faz lembrar do dia – quando ainda estávamos em Solvang – que ela me ligou através do vídeo-chamada e se tocou, tentando me provocar. Puxo o short por suas pernas sem nenhuma pressa, sua calcinha é rendada em cor roxa e faz um belo contraste contra a sua pele pálida. Me curvo sobre o seu corpo, beijo o seu ventre e ela se remexe inquieta debaixo de mim. Ainda me sinto um pouco mal por eu ter a maltratado naquele momento que a Melanie estava aqui e por deixado aquele incidente entre elas acontecerem. Beijo o seu colo nu enquanto acaricio o seu seio esquerdo por debaixo da camiseta. Maire arfa quando eu belisco o seu mamilo, arrasto os meus dentes por sua pele deixando rastros vermelhos e em seguida mordo o lóbulo da sua orelha.

— Maire Ellen... — Sussurro contra a sua pele arrepiada e aperto o seu seio. —, você está pronta para essa noite?

— Mais do que pronta. — Ela declara com a voz embargada de prazer.

Continuo a beijar a sua pele enquanto passeio a mão pelo seu corpo,

brinco com o elástico da sua calcinha e em seguida os meus dedos adentram na pequena peça. Toco no seu clitóris, a provocando lentamente e desço a minha boca rumo ao seu seio direito. Mordisco o seu mamilo por cima da camiseta e a Maire remexe a cintura contra a minha mão, pedindo um toque maior. Desço mais um pouco os meus dedos, toco na entrada da sua boceta e a sinto extremamente molhada. Nem começamos ainda e ela já está sedenta. Maire choraminga baixinho quando eu mordo com força o seu seio e eleva o corpo em minha direção. Enfio um dedo dentro dela, o mexo lentamente e ela abre as pernas um pouco mais. Coloco mais dois dedos de uma vez só e pressiono o seu clitóris com o polegar.

— O que você quer, Maire Ellen?

— Você! — Ela exclama baixinho.

— Como?

— Me... — O seu olhar encontra o meu e ela solta um pequeno suspiro. —, beije, Eduard.

Fico de joelhos entre as suas pernas, contorno o seu corpo e seguro o seu rosto entre as minhas mãos. Aproximo devagar as nossas bocas e como pegadinha da minha própria mente, a imagem da Maire na minha frente se transforma na da Baker.

— Me beije, Eduard. Eu sei que você quer isso como eu quero. — Stephany sussurra.

— Eu não quero e nem posso te beijar. — Sussurro.

— Pode sim. — Ela afirma e se aproxima ainda mais de mim. — Me beije. Me toque. Me... — Um sorriso malicioso toma conta dos seus lábios. —, foda profundamente.

Sorrio involuntariamente, fecho os meus olhos e maneo a cabeça para os lados.

— Eduard... está tudo bem?

Abro os meus olhos e volto a ver a Maire na minha frente.

— Sim. — Afirmo num resmungo e me afasto dela. — Tire a roupa.

Maire sai da cama enquanto eu continuo sentado, ela puxa a camiseta sobre a sua cabeça, os seus seios pulam diante dos meus olhos e sem paciência, eu puxo a sua calcinha. Rasgo a peça facilmente e sem que eu espere, a Maire pula no meu colo e me beija. Eu não vou estragar esse momento por causa de pensamentos idiotas. Por que diabos a Stephany Baker invadiu a minha mente nesse exato momento? Ela está me tirando a paz antes

mesmo de eu permitir que ela se aproxime de mim. É normal eu criar esse desejo sexual por ela, já que – o pouco que vi – ela é gostosa, mas eu sei que não deve entrar no meu caminho. Derrubo a Maire na cama e me afasto. Retiro a minha cueca, pego o pacotinho de camisinha na primeira gaveta do criado-mudo e a visto.

Como eu estou de pé na lateral da cama fica muito mais fácil eu fazer o que tenho em mente. Puxo a Maire pelos tornozelos, em seguida seguro em sua cintura e giro o seu corpo. Ela fica de quatro sobre a cama e devidamente pronta para mim. Eu não quero correr o risco ao olhar para a Maire e a sua imagem se transformar na da Stephany novamente. É errado esse desejo que estou tendo por ela, por mais que o nível seja baixíssimo. Encaro o teto do meu quarto tentando esvaziar a minha mente e exploro o corpo da Maire sem medo algum. Brinco com a sua intimidade, pinço o seu clitóris e ela rebola. Ajeito o meu pau na entrada da sua boceta e a penetro lentamente.

O meu olhar é atraído para aonde o meu celular está quando eu o ouço vibrar e suponho que possa ser a *bendita*. Que saco! Eu não devo estar pensando nela. Seguro na cintura da Maire e invisto contra o seu corpo com mais avidez. Gemidos constantes saem de sua boca, alguns saem da minha também, mas é algo mais baixo e contido. Ela abaixa ainda mais o corpo contra o colchão, empina a bunda na minha direção e agarra o lençol. Finco a mão na sua cintura e aperto a sua pele. Com a outra mão, seguro em seu cabelo e acabo soltando um gemido alto quando ela rebola em meu pau. Saio totalmente de dentro e fico parado na entrada.

— Ed... — Ela resmunga num gemido.

— Você quer gozar, Stephany?

Ela me encara por cima do seu ombro e eu fico sem entender o seu olhar de raiva.

— Quem é Stephany? — Ela questiona irada.

Putá merda!

— Eu que te pergunto. Não sei do que você está falando.

Maire me chuta para longe dela, se senta na cama e cobre os seus seios com o braço.

— Você acabou de me chamar de Stephany.

— Eu disse Maire.

— Não! E pare de mentir.

A excitação evapora do meu corpo e eu fico sem saber o que fazer,

muito menos o que falar. O quão constrangedor é essa situação?

— Me desculpe, Maire.

— Puta que pariu, Eduard!

— Por um segundo eu me distrai pensando em algo e acabei falando outro nome. Foi involuntário.

— Eu estou com raiva.

— Estou vendo isso.

E porra... como estou vendo! Parece que ela vai voar em cima de mim a qualquer momento. Pego a minha cueca no chão, a visto após retirar a camisinha e olho novamente para a Maire. Isso nunca tinha acontecido comigo. É muito constrangedor e dolorido, pois eu ainda não gozei. Pego as minhas peças de roupa do chão, peço novamente desculpas para ela e saio do quarto, mas paro de repente, pois esqueci o meu celular. Volto para o quarto, a fazendo me encarar intrigada e eu apenas pego o aparelho. Tem uma mensagem da Stephany e uma da Melanie. Eu acho que ela pode ser o meu refúgio nesse momento. Entro no meu quarto, me visto em segundos e me sento na cama para ler a mensagem da Baker.

‘Te assustei? Não era a intenção.

Eu apenas quis desconstrair um pouco.’

O que ela fez foi muito mais que desconstrair, estragou a minha transa. Abro a mensagem da Melanie e franzo o cenho ao ler.

‘Vamos nos ver hoje?’

É melhor do que ficar aqui.

‘Me passa o seu endereço.’

Saio da minha conversa com a Melanie, volto a abrir a minha conversa com a Stephany e a leio novamente.

*‘Não me assustou, apenas...
me surpreendeu.’*

A resposta da Melanie chega, mas eu não saio da minha conversa com a Baker, pois ela está digitando.

‘De forma boa ou ruim?’

Penso detalhadamente sobre o assunto e reviro os olhos com a minha própria resposta.

*‘Boa, mas talvez complicada também,
pois tive a impressão de que
você está dando em cima de mim.
Estou certo ou errado?’*

Rio suavemente com a sua resposta, pois percebo a mentira através de suas palavras.

*‘Completamente e profundamente
ERRADO! Eu jamais faria isso.’*

Eu sempre estou certo, nunca erro algo do tipo. Stephany Baker deu em cima de mim e eu admirei a sua atitude. Aliás, desde o primeiro momento ela me parecer ser uma moça de atitude. Decido ir resolver o meu *probleminha* e abro a minha conversa com a Melanie.

‘Estou na casa dos meus pais.’

Putá merda, justo lá! Balanço a cabeça para os lados e caio de costas sobre o colchão.

‘Eu não vou aí, Melanie.’

Largo meu celular ao meu lado, cubro os meus olhos com o meu braço esquerdo e respiro fundo. Eu não vou na casa dos pais da Melanie, por não querer encontrá-los depois de tanto tempo e principalmente por saber que eles querem que ela se case com o agente que cuida da carreira. Eu também sinto que preciso me acertar com a Maire, não posso deixar essa situação assim. Eu

sei que errei, mas foi algo espontâneo, eu não queria ter errado o nome, ainda mais naquele momento. Estávamos fazendo um bom sexo e tudo se arruinou por causa de um maldito erro. Pego o meu celular quando o sinto vibrar e leio a nova mensagem da Melanie.

‘Eles já estão dormindo e mesmo que não estivessem, não tem problema de você vir aqui.’

Se ela não vê problema, eu vejo.

‘Eu não vou.’

Saio da cama, retiro a minha roupa e a deixo sobre a poltrona. Deito-me na cama, debaixo do lençol apenas de cueca e tento relaxar. Estou precisando descansar um pouco. Levo o meu celular na altura dos meus olhos e bocejo enquanto leio a nova mensagem.

‘Então eu vou aí.’

É melhor, mesmo que eu não queira que ela fique vindo muito aqui. Pulo para fora da cama, saio do quarto após vestir o roupão e desço para o primeiro andar a busca de algum segurança. Tudo está extremamente silencioso e calmo. Vou em direção a sala de monitoramento e antes que eu possa entrar no cômodo, dou de cara com o Ian.

— Senhor.

— Melanie está vindo para cá e assim que ela chegar, libere a entrada dela.

— Sim, senhor. — Ele concorda. — Mais alguma coisa?

— Não. — Nego e dou um passo para trás. — Qualquer coisa, me chame.

Passo pela cozinha, tomo um copo de água e subo a escada indo rumo ao meu quarto, mas paro no último degrau ao encontrar a Maire. Em seu corpo tem uma camisola curta na cor azul bem claro e é visível que ela está usando apenas isso.

— Maire.

— Eduard.

O seu tom de voz já é bem mais calmo, assim como a sua expressão. Eu nem sei o que dizer para ela, além de ‘*desculpa*’, mas já é algo que eu disse muito. Disse isso mais vezes hoje do que em toda a minha vida.

— Você está mais calma?

— Eu estou calma.

— Sinto muito por aquilo.

— Eu estive pensando... — Ela murmura ao cruzar os braços embaixo dos seios. —, ela é a irmã do Baker?

— O que?

— Stephany é a Stephany, irmã do Oliver Baker?

Coço a minha nuca e apenas aceno.

— Eu nunca nem se quer toquei nela e nem quero isso.

— Tem certeza? Pois a gente estava transando quando você *errou* os nomes.

— Eu estava trocando mensagens com ela, apenas para saber como ela estava e tentei acalmá-la em relação a cirurgia que ela irá fazer. E eu simplesmente não entendo o porquê daquilo.

— Algo aconteceu para você ter falado o nome dela.

Por sorte só eu consigo saber da pegadinha que a minha mente me pregou – eu ter imaginado a Stephany no lugar da Maire – e isso é pior ainda para entender.

— Talvez preocupação, por mais o nosso sexo estivesse bom.

— Eu fiquei extremamente puta contigo.

— Eu sei. — Murmuro.

— Se fosse ao contrário...

Não tem por que ela está querendo começar a fazer uma tempestade num copo de água, já que a gente combinou de ser apenas sexo casual.

— Maire, se você quiser continuar com raiva, eu não posso fazer nada. Já te pedi mais desculpas nesse curto espaço de tempo, do que eu já pedi em toda a minha vida.

— Eu não estou com raiva, apenas chateada.

— Entendo.

Afago o seu cabelo e aperto o seu ombro. Ela dá um passo na minha direção, os seus seios ficam colados em meu tórax nu, já que o meu roupão está aberto e eu sinto os seus mamilos rígidos. Coloco as minhas mãos em sua cintura, acaricio a sua pele por cima da sua camisola e paro na sua

lombar.

— Eu acho que a gente pode voltar a se entender.

As suas mãos passeiam pelos meus ombros, descem pelo meu tórax e param no cócs frontal da minha cueca. Eu já estou ficando excitado apenas de sentir os seus seios esfregando contra a minha pele. Empurro a minha virilha contra o seu ventre, desço as minhas mãos por sua bunda e aperto. Eu já me esqueci de tudo que aconteceu, eu só quero transar e mais nada.

— É, talvez a gente possa voltar a se entender. — Sussurro com a boca próxima sua.

Enfio a mão por debaixo da sua camisola, acaricio a sua boceta e os meus dedos ficam encharcados com a sua umidade. As suas pernas se abrem querendo um toque mais profundo e eu lhe dou o que tanto deseja. A penetro com dois dedos, ela arfa contra a minha boca e empurra a cintura na direção da minha mão. Estou com as minhas bolas doloridas, pois ainda não gozei, mas a Maire está extremamente fogosa por também não ter gozado. Mexo os meus dedos constantemente, ela joga a cabeça para trás ao soltar um gemido rouco. Eu preciso comê-la o mais rápido possível. Retiro os meus dedos de dentro da sua boceta, ela me encara com o olhar de pedinte e eu a levo em direção do meu quarto. Fecho a porta, empurro a Maire contra a mesma e levanto a sua camisola até a sua cintura. Ela empina a bunda na minha direção e apoia as mãos contra a porta. Isso me faz lembrar da primeira vez que transamos no vestiário da academia. Abaixo a minha cueca de qualquer jeito, abro suas pernas e coloco o meu pau na entrada da sua boceta.

— Se lembra da primeira vez que eu te comi assim?

— Foi no vestiário da academia. — Maire responde num filete de voz.

— Boa memória, Maire.

— Eu quero da mesma forma daquela vez. — Ela declara e me encara por cima do seu ombro. — Forte, profundo e rápido. Quero gozar logo.

Empurro a minha cintura contra a dela, a penetrando profundamente e de uma vez só. Suspiros escapam das nossas bocas e ela se empina ainda mais em minha direção. Invisto contra ela em movimentos constantes e rápidos. Apoio a minha mão direita contra a porta, acima da cabeça da Maire e com a outra seguro em sua cintura.

— Por favor, Lewis! — Ela pede numa exclamação.

Levo a minha mão esquerda até o seu clitóris e o estímulo enquanto a penetro. Sinto o seu interior se apertar ao meu redor e não aguento, atinjo o

clímax. Maire choraminga, pois quer chegar ao seu auge logo e eu sei exatamente o que fazer. Saio de dentro dela, retiro a camisinha e me agacho na frente do seu corpo. Seguro a sua perna esquerda, a coloco sobre o meu ombro e levo a minha boca até a sua boceta após vê-la arremessar a sua camisola para algum lugar do quarto. Chupo o seu clitóris a fazendo gemer alto, pois ela está extremamente sensível. A penetro com a minha língua e a chupo para valer. Maire apoia as mãos na minha cabeça, joga a sua cintura na minha direção e abre um pouco mais as pernas, mesmo que estejam tremulas. A penetro com três dedos de uma vez só e mantenho a sua boca em seu clitóris. Em segundos, ela já grita palavras desconexas e goza em meus dedos. Coloco a sua perna no chão, fico de pé e a seguro pela cintura. Maire apoia a sua cabeça em meu ombro e tenta controlar a sua respiração.

— Consegue ficar de pé sozinha?

— Preciso de mais alguns segundos. — Ela sussurra.

A apoio contra o meu corpo, vamos rumo a minha cama e eu a deixo deitada sobre o edredom. Vou para o banheiro, fecho a porta e me enfio debaixo do chuveiro. A água morna cai sobre o meu corpo, relaxando os meus músculos e fazer o sono me dominar. Descansar e dormir mais de quatro horas é o que eu estou precisando há muito tempo. Logo termino o meu banho, seco o meu corpo e enrolo a toalha em volta da minha cintura. Volto para o quarto com os olhos quase fechados, vejo de relance um corpo feminino deitado na minha cama e eu apenas me deito ao lado.

— Maire?

— Oi? — Ela fala baixinho.

— Vá para o seu quarto assim que puder.

— Eu já vou, Ed.

Me cubro com o edredom e fecho os meus olhos.

[...]

Franzo o meu cenho ainda mantendo os meus olhos fechados e tento entender o que estou sentindo. Dedos caminham em meu abdômen indo rumo a minha virilha, dentes se arrastam na pele do meu ombro e o perfume suave invade as minhas narinas. A mão se fecha ao redor do meu pau e faz leves movimentos, me excitando. Abro os meus olhos, percebo que ainda é de madrugada, pois está escuro e a pouca iluminação que invade o meu quarto, é

a luz da lua que adentra pela porta da varanda que está aberta. Olho para a minha frente – já que eu estou deitado de lado –, fios negros atrapalham a minha visão, mas eu sei exatamente quem é.

— Melanie. — Sussurro.

— Oi, esquentadinho. — Ela sussurra.

— Que horas são?

— Quase três da manhã.

— E você chegou aqui agora?

— Sim.

Estranho isso, pois ela me avisou que estava vindo para cá antes da uma da manhã e os pais dela moram aqui perto. Retiro a sua mão do meu pau e me deito de barriga para cima ao esticar os meus braços para o lado e bato a mão num outro corpo. Olho na direção e vejo as mechas loiras espalhadas pelo travesseiro. O edredom está sobre o seu corpo, apenas até a cintura e as suas costas estão nuas. Volto a olhar para a Melanie e enfio os meus dedos entre os fios do seu cabelo.

— Estou cansado. — Confesso.

— Percebi, pois você não gosta de dormir acompanhado.

— Podemos conversar sobre isso amanhã? — Questiono sem paciência.

— É claro. — Ela resmunga irônica. — Eu posso dormir aqui?

— Pode.

O bom é que a minha cama é muito grande e cabe nós três aqui numa boa. Observo a Melanie sair da minha cama, ela retira o vestido do seu corpo e volta a se deitar comigo usando apenas uma calcinha. Estou um pouco incomodado por isso estar acontecendo, pois tem duas mulheres na minha cama. Uma está seminua e a outra completamente nua, enquanto eu estou no meio usando apenas uma toalha. Melanie deita a cabeça em meu ombro, beija o meu maxilar e coloca a minha mão sobre a curva da sua bunda. Eu sei o que ela quer, aliás, sei em qual intenção ela veio parar aqui e se eu não estivesse morto de sono, eu lhe daria o que tanto quer.

— Você está com muito sono, Eduard? — Ela questiona baixinho.

Como agora o seu rosto está próximo do meu, sinto o cheiro de bebida e o meu estômago embrulha.

— Sim. — Murmuro de olho fechados. — E você bebeu.

Um riso baixo escapa da sua boca após o seu deboche e como eu lhe

conheço o suficiente, eu sei que ela vai me provocar. Melanie segura em minha mão, a passeia por seu corpo e a para no meio da sua bunda, quase no meio das suas pernas. Percebo que ela está usando uma calcinha minúscula, mexo os meus dedos e toco na sua boceta. Como o pequeno pano é fino, sinto a sua boceta molhada e isso me deixa excitado.

— Eu quero dormir, Melanie. — Resmungo.

— Eu sei.

Ela empurra a boceta na direção da minha mão e a ponta do meu dedo entra parcialmente na sua intimidade junto com a calcinha.

— Deixa de ser fogosa, garota.

— Eu nunca vou deixar de ser fogosa com você, nem por alguns segundos.

Rio suavemente, afasto a sua calcinha para o lado e fico brincando com o seu clitóris. Melanie deixa a boca perto do meu ouvido e fica gemendo baixinho. Isso é completamente errado, mas eu estou tão cansado que estou deixando a excitação me guiar. Retiro a minha mão da sua boceta e a deixo apoiada sobre a sua lombar. Eu nem quero imaginar um possível desentendimento entre elas amanhã, e caso tenha, eu vou intervir sem pensar duas vezes, pois eu quero paz e não quero que mais incidentes entre elas aconteçam.

[...]

Me espreguiço espaçosamente na minha cama, abro os olhos e encaro o teto. Sinto o calor de corpos próximo ao meu e eu olho para o meu lado esquerdo. Maire ainda continua dormindo profundamente. Olho para o meu lado esquerdo e vejo a Melanie, que também dorme profundamente. Me sento na cama, esfrego o meu rosto e bocejo. Por incrível que pareça eu consegui dormir bem essa noite e sinto que foram boas horas de sono, mas preciso de mais um pouco. A minha cabeça está pesada, os meus músculos doem, mas me sinto disposto. Por mais estranho que possa ser. Saio da cama nu, pois não sei aonde a minha toalha está e vou direto para o banheiro. Faço a minha higiene pessoal, passo os dedos entre os fios do meu cabelo e vou para o closet. Visto uma samba-canção preta e uma camiseta da mesma cor. Olho para a Maire e para a Melanie, que continuam a dormir e resolvo deixá-las. Já dormiu a noite toda, então não me custa nada. Desço para o primeiro andar e

vou rumo a cozinha.

— Bom dia, senhor Lewis. — Lisa me cumprimenta.

— Bom dia.

— Ainda é muito cedo e eu ainda estou preparando o café da manhã.

— Que horas são?

— Sete e quinze.

Bocejo e coço a minha barba. Lisa me entrega uma caneca com café fumegante, eu lhe agradeço e me encosto na porta que dá acesso ao deque. Percebo o olhar preocupado da Lisa sobre mim e eu a ignoro. Olho para fora e observo o céu. Hoje está um dia nublado e eu desconfio que irá chover. O vento frio atinge o meu corpo, me arrepiando e eu decido ir correr. Prefiro me exercitar em dias assim, não sei o porquê. Coloco a minha caneca sobre o balcão e esfrego o meu rosto. Eu não sei que horas a Emily vai chegar aqui, mas espero que demore, pois eu quero descansar mais um pouco. Acho que vou ligar em alguma clínica e pedir para uma massagista vir aqui me atender.

— O que deseja comer, senhor Lewis? — Lisa me pergunta.

— Por enquanto nada, eu vou voltar a deitar.

Saio da cozinha, atravesso a sala de estar rapidamente e subo a escada. Espero que a Maire já esteja acordando ou já tenha saído do meu quarto, já que a Melanie não sairá de lá tão cedo. Estico os meus braços sobre a minha cabeça e fecho os meus olhos ao bocejar. Entro no meu quarto e observo os corpos femininos ainda presentes na minha cama. Ando na direção da Maire, percebo que o seu sono é muito tranquilo e desisto de acordá-la. Dou a volta na cama, jogo a minha camiseta na poltrona após retirá-la do meu corpo e me deito – entre as *duas* – de barriga para baixo. Enfio as mãos debaixo do travesseiro e fecho os meus olhos. É difícil conseguir dormir sabendo que tem alguém do meu lado, que ela pode vir tocar em mim de forma mais íntima. Me refiro a intimidade de casal, ela achar que isso aqui está tudo bem e que não é mais apenas sexo. Melanie se mexe e se aproxima de mim. Os seus seios se esfregam na lateral do meu tórax e eu abro os meus olhos. O seu rosto está próximo ao meu, o calor do seu corpo me aquece e eu acaricio a sua bochecha. Estou um tanto preocupado, pois quando ela chegou aqui de madrugada não me parecia bem, além de ter bebido antes de vir para cá, mesmo sabendo que eu não gosto. E eu só vou poder questioná-la quando estivermos devidamente acordados e dispostos.

[...]

— Ei...

Abro os meus olhos com dificuldade e vejo a Maire deitada diante de mim. Coloco o meu braço sobre os meus olhos e solto um longo suspiro.

— Que horas são?

— Oito e meia.

— Preciso me levantar. — Murmuro.

— Me desculpe ter dormido aqui, eu cáí no sono e...

— Está tudo bem, Maire.

Estico os meus braços para cima e estralo o meu pescoço. Ela se senta na cama fazendo o edredom escorregar do seu corpo, os seus seios ficam expostos e ela prende o seu cabelo num coque, sem se importar com a sua nudez. Ouço um gemido baixo, olhamos para o outro lado e eu percebo que a Melanie está despertando. Encaro o teto ignorando qualquer desentendimento e apenas aproveito os últimos segundos de paz.

— Eu a vi chegando. — Ouço a Maire comentar.

Nos calamos quando a Melanie se mexe na cama novamente, sinto a sua mão passear pelo meu abdômen e para no meu peito. Maire puxa o edredom para se cobrir e fica apenas olhando para a pessoa ao meu lado.

— Que dor de cabeça. — Melanie resmunga e eu a olho. — Me dá um remédio.

— Desce e pede para a Lisa.

— Vou tomar banho primeiro.

Melanie sai da cama sem se importar ao estar nua na frente da Maire e se espreguiça. Os seus seios balançam por causa do movimento dos seus braços e os meus olhos passeiam pelo seu corpo. Nunca, em toda a minha vida, eu tive duas mulheres ao mesmo tempo na minha cama, pois eu não vejo que isso seja correto, por mais excitante que possa ser. Ela vai rumo ao banheiro, fecha a porta e eu olho para a Maire. Ela olha para mim e dá de ombros.

— Ela, a Melanie...

— Não precisa falar nada, Eduard. Temos apenas sexo casual, você não deve nenhuma explicação e o que aconteceu ontem foi o suficiente em termos de desentendimento.

— Isso é verdade, eu não lhe devo nenhuma explicação, apenas

respeito e por isso que eu lhe digo que; eu não transei com ela com você estando aqui. Melanie apenas veio para cá e dormimos os três na mesma cama.

— Ainda bem que a cama é grande. — Ela ironiza.

— E a situação não foi tão constrangedora, pois a Melanie não tocou em você.

— Quem disse que eu ia reclamar?

Maire pisca para mim e ri. Fico sem saber o que dizer com a sua ousadia, ela sai da cama e veste a sua camisola, após pegá-la no chão.

— Eu não esperava isso de você, Maire Ellen.

— Aos poucos você vai me conhecendo direitinho. — Ela ironiza eu maneo a cabeça para os lados. Coloco as minhas mãos atrás da minha cabeça, ela se inclina sobre a cama e deixa o seu rosto próximo do meu. — Eu ia adorar um delicioso sexo matinal...

— Eu posso resolver isso rapidinho.

Aperto o seu seio esquerdo, desço a minha mão por seu corpo e a enfio por debaixo da sua camisola. Os meus dedos procuram o que eu tanto desejo, toco em sua boceta molhada e a penetro com um dedo.

— Mas eu não quero plateia. — Ela sussurra com a voz embargada de tesão.

— Se quiserem... — Ouço a voz da Melanie e a vejo saindo do banheiro enrolada numa toalha. —, eu saio ou... — Ela dá uma boa olhada no corpo da Maire e sorri maliciosa. —, eu participo.

— Podem parar com essa conversa.

Retiro a minha mão da boceta da Maire, saio da cama e ajeito a minha ereção dentro da samba-canção enquanto caminho na direção do banheiro.

— Confessa, Eduard, você ia gostar disso. — Ouço a Melanie declarar.

— Todo homem gosta de ter duas mulheres. — Maire comenta risonha.

Fecho a porta do banheiro, fico nu e me enfio debaixo do chuveiro. Esfrego o meu couro cabeludo, mantenho os meus olhos fechados e me espreguiço debaixo da água. Repenso em tudo que aconteceu nas últimas horas e até parece que eu estou começando a ter tranquilidade. Maire não ficou brava ao ver a Melanie aqui, elas nem se quer discutiram ou provocaram uma a outra. Eu não tive outras pegadinhas mentais, também não errei o nome de ninguém e... droga!

Stephany invade a minha mente novamente e eu empurro qualquer

imagem possivelmente pecaminosa dela para o fundo da minha mente. Não troquei mensagens com ela, e confesso que estou animado para continuar aquela conversa. Só que, eu tenho algo fixo em mente e é irredutível, eu jamais vou ter algo com ela além de uma possível amizade. Como eu já disse outras vezes, ela é gostosa, mas não é para mim. Termino o meu banho antes que eu comece a pensar o que não devo, seco o meu corpo e enrolo a toalha na cintura. Encontro a Melanie deitada na minha cama usando uma camiseta minha, Maire não está mais aqui e eu ainda estou surpreso de ter ouvido *aquilo* delas.

— Você chegou tarde e embriagada.

Melanie revira os olhos.

— Eu estava em casa bebendo sozinha e demorei a chegar, pois eu fui tomar banho e me arrumar para vim aqui.

— Você sabe que eu não gosto de bebida.

— Foi coisa de momento, Eduard.

— Não importa.

— Já foi. — Ela resmunga. — E como você deixou aquilo acontecer?

— O que?

— Maire dormir na sua cama e você dormir junto.

— Aconteceu. — Dou de ombros. — Eu estava extremamente cansado e ela deve ter caído no sono ali mesmo enquanto eu já estava dormindo.

Vou para o closet e penso novamente em ir correr. O tempo ainda está como eu gosto e eu preciso me exercitar. Coloco a calça de moletom após vestir a cueca e em seguida coloco uma camiseta básica. Passo a toalha em meu cabelo, o secando o máximo que posso e penteio os fios usando os meus dedos.

— Está tudo bem, Ed? — Melanie questiona preocupada.

— Sim... — A olho assim que volto para o quarto. —, eu só estou cansado.

— Gastou muita energia ontem?

É visível a ironia em sua pergunta e isso me faz rir suavemente. Inclino o meu rosto na direção do seu, passeio a minha mão por suas costas e paro na curva da sua bunda.

— Muita. — Respondo a fazendo revirar os olhos. — Está com inveja da Maire?

— Jamais, pois o que ela tem por alguns momentos, eu tenho sempre

que quero.

— Você é muito convencida. — Resmungo, ela ri e me dá um beijo casto. — Vem, vamos ir tomar o café da manhã.

Ela acena concordando e pula para fora da cama, mas ela para ao perceber o meu olhar sobre o seu corpo.

— O que foi?

— Se veste.

— O que tem de ruim eu estar assim? — Ela questiona ao dar uma volta.

— Eu não quero os seguranças olhando para você.

— Ciúme, esquentadinho?

— Nunca. — Resmungo.

Saio do meu quarto, passo pela sala do segundo andar e vou até a varanda. Olho para o céu e vejo diversas nuvens carregadas. Preciso ir correr antes que comece a chover. Fecho a porta, desço a escada e vou rumo a sala de jantar. Maire já está sentada na mesa tomando o seu café, ela sorri para mim por trás da sua xícara e pisca maliciosa. Me sento na ponta da mesa, Lisa me serve um copo de suco e retira a tampa do meu prato. Ela fez panquecas com *maple syrup* – como sempre –, lhe dou um pequeno sorriso como forma de agradecimento e pego um bagel, receita especial da Lisa. Vejo que a Maire está comendo apenas uma omelete, mas na sua frente tem uma pequena taça de sobremesa com algumas frutas cortadas. Enfio um pedaço do bagel em minha boca e mastigo com calma pensando em algumas coisas. Emily virá aqui hoje, sei lá que horas e eu sei que ela irá ficar no meu pé.

— Bom dia. — Melanie declara ao adentrar na sala de jantar.

Lisa me olha surpresa e sorri para a visita.

— Bom dia, senhorita Nash. — Lisa a cumprimenta. — Eu não sabia que estava aqui, então não lhe preparei nada, mas posso fazer em poucos minutos.

— Sempre gentil, Lisa. — Melanie sorri e observa tudo que tem na mesa. — Eu quero apenas uma omelete.

— As senhoritas deveriam comer mais. — Ela opina antes de ir rumo à cozinha.

— Concordo com a Lisa.

Melanie e Maire reviram os olhos, e eu as ignoro. Termino de comer o

meu bagel e começo a comer as minhas panquecas. O silêncio reina sobre nós, mas é algo agradável e tranquilo. Levanto o meu olhar e observo as minhas acompanhantes. Melanie está com a atenção presa em seu celular, Maire está comendo mergulhada em seus pensamentos e de repente elas trocam olhares silenciosos antes de olharem para mim. É bom que elas estejam num clima tranquilo desse jeito, pois depois do que aconteceu na última vez que elas estiveram no mesmo ambiente não é algo que eu desejo que volte a acontecer. Jô entra na sala de estar chamando a nossa atenção, entrega a omelete para a Melanie e coloca uma nova jarra de suco sobre a mesa.

— Obrigado, Ada... — Maneio a cabeça para os lados. — Jô. Me desculpe.

— Sem problemas, senhor. — Jô sorri suavemente e sai.

— Desde ontem você está errando nomes. — Maire debocha.

— Esqueça aquilo. — Ordeno num resmungo.

Melanie olha para a Maire com curiosidade, a fazendo sorri ainda mais debochada.

— Em alguma vez o Eduard errou o seu nome quando vocês estavam transando? — Maire a questiona.

— Ele errou o seu nome enquanto vocês transavam? — Melanie questiona extremamente alto.

— Me chamou de Stephany. — Ela informa.

— Quem é Stephany? — Melanie questiona ao me encarar.

— É sério que vocês vão estragar o meu café da manhã e o meu dia com a droga desse assunto? — Questiono.

— Estou curiosa para saber quem é essa garota.

— E vai ficar, pois não é relevante para a minha vida e essa conversa nem deveria estar acontecendo.

— Ela é irmã do Oliver Baker. — Maire informa.

— Quem é esse? — Melanie pergunta com o cenho franzido.

— Chega desse assunto. Vocês estão me irritando!

Elas ficam em silêncio, mas ambas têm sorrisinhos debochados no canto dos lábios.

— Surpreendente, Eduard. — Melanie comenta irônica. — Está louco de desejo por essa tal aí.

— Vai se foder, Melanie.

Ela gargalha, se inclina em minha direção e deixa a boca próxima da minha.

— Que tal você... vim me foder?

— Posso participar? — Ouço a Maire perguntar maliciosa.

— Participar do que? Dependendo do que for eu também quero. — Ouço a voz da minha irmã e eu a procuro com o olhar ao redor.

— Jamais, Emily!

— Bom dia... — Ela nos observa intrigada. —, pessoal.

— Bom dia. — Maire sorri.

Melanie se levanta, se aproxima da minha irmã e a abraça. Emily franze o cenho ao me encarar e se afasta da ex-cunhada.

— Você está linda, Emily! Olha esse cabelo, essa pele...

— Obrigada, Morgan. Você também está bonita. — Emily a interrompe.

— Oi, Em.

Ela se aproxima de mim, me abraça pelo pescoço e rouba um pedaço da minha panqueca. Sinto falta de ela ter trazido o Andrew, mas entendo a sua decisão, pois seria complicado cuidar dele enquanto ela pega no meu pé.

— Que casa movimentada. — Ela sussurra em meu ouvido.

— Que bom que você chegou, pois essas duas estavam me levando a loucura.

— É? — Emily ri.

— Eu só estava querendo saber quem é...

— Cala a boca. Para com a merda desse assunto. — Ordeno ao interromper a Melanie.

— Tudo bem, por enquanto, esquentadinho. — Ela concorda e olha para a minha irmã. — E como você está, Emily? Fazia anos que não nos víamos.

— Pois é. — Minha irmã concorda. — E você faz o que aqui?

— Vim visitar o Ed. — Melanie responde.

— Essa hora da manhã? — Ela questiona.

— Não, eu vim de madrugada mesmo. — Melanie sorri cínica.

Vejo o olhar questionador da Emily sobre mim e eu suspiro tentando fugir desse assunto. Termino de comer rapidamente, levanto-me de onde estou sentado e passo o meu braço pelo pescoço da minha irmã. Andamos rumo ao deque e eu olho para o céu. Emily chegou cedo e eu a farei ir correr

comigo. Sei o quanto que ela sente falta de praticar todos os exercícios que fazia anteriormente e a quão irritada ela ficou quando não conseguiu voltar ao seu peso anterior da gravidez, por mais que não aparente.

— Melanie e Maire? — Ela me questiona.

— Não, Emily.

— Você já é adulto o suficiente para saber o que faz.

— Não estou fazendo nada demais.

— Certo. — Ela resmunga e solta um pequeno suspiro. — Eu sei que combinamos de eu te ajudar a se preparar, mas eu vou ter que dar um pulinho numa loja, é bem rápido e eu volto para cá em seguida.

— Você sabe muito bem que eu não preciso da sua ajuda.

— Não seja ingrato, Eduard! — Ela resmunga.

— Não disse dessa forma, mas sim na qual você não precisa vir aqui ao parar a sua vida para me ajudar.

— Se eu estou aqui é porque eu posso e quero.

— Então... obrigado, Emily.

Dou um beijo em sua têmpora e ela deita a cabeça em meu ombro.

— Você me parece mais tranquilo hoje, apesar de desconfiar que elas estavam te irritando.

— E estavam. — Resmungo.

Emily ri e olha ao redor rapidamente.

— Falou com o Achilles?

— Farei isso hoje. — Eu me esqueci e isso é culpa de terceiros, ou melhor, terceiras... três mulheres que me deixam a beira da loucura. E em falar nisso, penso na Stephany novamente. — E como a irmã do Oliver está?

— Melhor e está começando a se entender com a Penélope. Hoje todos nós vamos numa festa de halloween e em falar nisso... — Ela se afasta e olha ao redor. —, cadê a decoração da mansão?

— Me poupe, Emily. Há séculos não fazemos nada aqui em relação ao halloween.

— Eu sei. — Ela ri.

Hoje ela está extremamente animada e sorridente.

— Que bom humor é esse? — Questiono ao apertar a sua bochecha e ela me dá um tapa. — Mas o lado agressivo ainda está presente.

— Eu estou feliz pela forma que o meu relacionamento com o Dom está.

— É visível o amor dele por você e é bom, pois eu sou o seu irmão e...

— Você falou igualzinho a ele. — Ela ri. — Dom disse a mesma coisa em relação ao Oliver.

Reviro os olhos e cruzo os meus braços em frente ao corpo.

— Você não ia na tal loja, Emily?

— Vou e preciso levar a Lisa comigo.

Ela junta as mãos em forma de pedido e sorri para mim.

— A leve. — Murmuro.

— Até o almoço estamos de volta. — Ela informa e dá um beijo na minha bochecha. — E juízo com aquelas duas que estão na sala de jantar.

— Tchau, Emily. — Resmungo.

A sigo em direção a sala de estar novamente, as *duas* continuam sentadas na mesa e a Emily se despede delas com um aceno. A minha irmã não é muito carismática e simpática com pessoas que ela não tem muita convivência e a Melanie sabe muito bem disso, e a Maire entende a minha irmã ser assim por causa de toda a situação que passamos em toda nossa vida. Me sento na mesa, encho o meu copo com mais suco e bebo pequenos goles. Jô entra na sala de jantar e fica parada no mesmo lugar em qual a Lisa sempre fica.

— Jô, me faça um favor, ligue em uma clínica de massagem e pede para alguém vir me atender.

— Sim, se...

— Não é preciso. — Melanie declara ao interrompê-la e me olha. — Eu faço isso, Eduard.

— Não.

— Eu sempre fiz quando você me pedia.

— Eu também sei fazer massagem. — Maire declara.

— Eu preciso de uma profissional, uma massagem terapêutica e vocês não são aptas a isso.

— Você vai preferir gastar dinheiro com uma desconhecida, a que aproveitar a boa vontade de duas amigas.

— Eu sei quais são as intenções de vocês.

— As melhores possíveis, isso eu garanto. — Melanie declara maliciosa.

Bebo o restante do meu suco e saio da sala de jantar. Estico os meus braços acima da minha cabeça, enquanto ando em direção a escada. Subo os

degraus devagar, logo entro no meu quarto e vou para o closet. Me sento no pufe, calço o meu tênis e encaro o nada. É verdade o que a minha irmã disse, hoje eu estou mais tranquilo, reconheço isso e é bom. Coloco os meus airpods, conecto no meu celular e saio do meu quarto. Encontro Melanie e Maire deitadas nos sofás – cada uma está em um –, não falo nada a ela e desço a escada. Quando eu menos espero essas duas conseguem me surpreender e muito, pois o que falaram sobre transarmos – mesmo que não tenha sido exatamente com essas palavras – me surpreendeu de uma forma inesperada. Eu conheço a Melanie há séculos, sei a quão safada ela é e fogosa, por mais que aquele rostinho de anjo não transpareça nada daquilo. Já sobre a Maire, ela tem carinha de inocente e sempre foi contida em suas falas, e atitudes, e foi ela que mais me surpreendeu no assunto.

Saio da mansão, me alongo e coloco uma playlist aleatória. Dois seguranças passam por mim, cumprimento com um aceno e ando em direção ao portão. Por mais que a propriedade seja enorme, hoje eu prefiro correr nas ruas e encontrar movimentos. Gael abre o portão para mim, eu olho para os dois lados da rua e começo a correr. Enquanto os meus pés me impulsionam a cada batida no chão, eu acabo sorrindo debochado.

Confesso que eu quero repensar na proposta que elas me fizeram, mas eu não acho certo, mesmo que esteja sendo algo extremamente tentador. Maneio a cabeça para os lados e me concentro a correr, a apenas isso. Desvio de algumas pessoas quando chego ao Beverly Gardens Park e começo a caminhar. Me sento na grama, embaixo de uma árvore e encaro o céu. Não sei o porquê, mas começo a pensar na minha mãe. Eu disse que voltaria no cemitério e levaria uma rosa, mas até hoje eu não fiz isso e a culpa recai sobre mim. Desde quando eu descobri que ela tinha um amante, eu a afastei dos meus pensamentos e da minha vida. E quando eu pensava nela, sempre era com raiva e nojo. Só que eu reconheço que estava errado. É claro que eu ainda me sinto extremamente incomodado ao lembrar que ela se deitava com o Brown e eu jamais vou perdoar isso. Por mais que o meu pai fosse um grande filho da puta, a traia sem dó e nem piedade, e eu nunca fui capaz de enfrentá-lo para defender a minha mãe.

Caio de costas na grama, cubro os meus olhos com o meu braço esquerdo e reconheço o quão ingrato eu fui em diversos momentos com a minha mãe. Inúmeras vezes ela me protegia do meu pai, mesmo que fosse em vão, cuidava ao extremo de mim quando aquele idiota me machucava e eu

nunca fui capaz de retribuir o amor que ela sentia por mim. A minha irmã sempre foi mais próxima a minha mãe, elas sempre tiveram uma ligação muito forte e uma convivência incrível, enquanto eu não conseguia me aproximar, apenas observava de longe. Eu não sei exatamente quando o James tomou conta de tudo e começou a destruição da nossa família. Cada vez que eu penso no meu pai, é como sentir todas as vezes que ele me torturou. Sinto cada cicatriz que eu tenho no corpo, latejar ao extremo e a dor me corrói de uma forma inexplicável. Dou um soco na grama e me sento. Eu não vou ficar me torturando com essas lembranças odiosas, ainda mais que daqui a pouco eu verei a minha irmã. Eu ainda não tenho coragem de contar a ela sobre tudo o que passei, eu não quero que ela sinta dó ou pena de mim. Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos, me levanto do chão e volto a caminhar. Pingos gelados caem sobre mim indicando que irá cair uma terrível chuva e eu corro de volta para casa.

Assim que passo pelos portões da mansão, começa a chover para valer e eu passo as mãos em meu cabelo, me livrando da água. Subo a escada, vejo que Maire e Melanie continuam no mesmo lugar, e eu vou direto para o meu quarto. Entro no banheiro, deixo a minha roupa jogada no chão e me enfileiro debaixo do chuveiro. Não tenho a menor ideia de que horas que possa ser, mas espero que a Emily não demore, pois se ela tem compromisso a noite, ela não irá ficar muito tempo aqui e isso é bom. Hoje eu acordei disposto a descansar e ter um dia tranquilo. Já disse e vou repetir, eu não estou preocupado com a minha luta contra o Baker. E em falar nele, consequentemente me lembro da Stephany. Emily disse que todos eles vão numa festa hoje à noite, então isso quer dizer que ela está melhor e deve se divertir para esquecer a preocupação da cirurgia. Saio do banheiro com a toalha na cintura e antes que eu entre no closet, a porta do meu quarto se abre e a Maire entra parcialmente.

— Aquela moça que estava na sala de jantar durante o café da manhã...

— Jô. — Informo a fazendo assentir.

— Então, ela quer saber se você deseja algo específico para o almoço, pois a Lisa saiu e não informou nada.

— Algum tipo de massa ou carne vermelha.

— Tudo bem.

Os seus olhos passeiam pelo meu corpo, ela sorri e sai do meu quarto. Nem quero imaginar as coisas que passam pela mente dela. Entro no closet,

visto uma calça de moletom e uma blusa de frio. Volto para o meu quarto, me sento na poltrona e observo a fina chuva bater contra a porta da varanda. Os meus olhos doem por eu ter mantido as lágrimas presas, parece que existe um nó em minha garganta e o meu peito está sendo esmagado. Tento ficar em paz comigo, mesmo que ainda exista podridão dentro de mim e amargura.

— Ed...

Ouçõ a voz da Melanie, eu respiro fundo de olhos fechados por longos segundos e a olho.

— Oi.

— Está tudo bem?

Eu confio na Melanie para conversar qualquer tipo de coisas, principalmente relacionado ao meu passado.

— Não. — Nego demonstrando a minha fraqueza. — O fantasma do James está me perturbando e culpas recaindo sobre mim, relacionadas a minha mãe.

— Você quer que eu te faça uma massagem relaxante enquanto conversamos?

— Eu quero uma profissional. — Resmungo.

— Me deixa fingir ser uma profissional. — Ela pede irônica. — Se algum dia eu deixar de ser modelo, eu posso partir para essa nova profissão.

Maneio a cabeça para os lados diante da merda que ela acabou de falar e ela sorri. Decido aceitar a sua proposta, ando na direção da cama e me deito de barriga para baixo após retirar o meu casaco. Melanie se senta ao lado da minha cintura e começa a massagear as minhas costas.

— Eu sempre fui um péssimo filho para a minha mãe.

— Não, Ed.

— Sim. — Declaro. — Ela sempre me amou num nível extremamente... incrível e eu nunca fui capaz de retribuir da mesma forma.

— Você retribuía da sua forma.

— Sendo rude e frio na maior parte do tempo? Isso não era retribuição.

As suas mãos fazem pressão no meio de costas e ela se dedica nos meus pontos de tensões.

— Por muitas vezes eu fiquei horas a fio ouvindo a sua mãe falar bem de você, ela falava com muito carinho e admiração.

— Admiração do que? — Questiono.

O nó em minha garganta se torna ainda maior, me fazendo ter

difficuldade para respirar. Melanie para de me massagear, se deita ao meu lado na cama e fixa o seu olhar no meu. Eu não tenho vergonha de ficar vulnerável diante dela e ela não fica com dó ou piedade de mim.

— Do verdadeiro Eduard Lewis, esse que você está tentando ser. A sua mãe sempre enxergou o verdadeiro filho e não aquele robô comandado pelo James.

— Impossível. — Resmungo.

— É a verdade, Ed. — Ela declara. — Eu entendo que é difícil para você acreditar, mas é a verdade. O seu pai sempre disse coisas ruins para que isso acontecesse, que você não acreditasse que você não é bom, que as pessoas não gostam de você, mas é mentira.

— Tá, Melanie. — Resmungo.

— Você não está acreditando em mim? — Ela questiona irritada.

— Não é isso...

— Claro que é, dá para ver na sua cara.

— Melanie...

Balanço a cabeça de forma negativa e fecho os meus olhos. É o que sempre acontece, no fundo eu acredito que isso é verdade, mas eu não consigo acreditar de forma mais prática, como por exemplo, ficar feliz com isso e até mesmo concordar. Sinto a Melanie acariciar a lateral do meu rosto, as pontas dos seus dedos brincam com o lóbulo da minha orelha e o seu corpo se aproxima do meu.

— Acredite, Eduard. Você foi um bom filho para a Margareth, ela te amou até o último segundo e você é uma boa pessoa.

— O sangue *dele* corre em minhas veias e ele me intoxicou.

— E aos poucos você está se libertando de todo o mal que o James deixou.

Espero que ela esteja certa, aliás, eu percebo que ela está certa, mesmo que ainda seja uma pequena porcentagem.

CAPITULO DEZ

*Raiva, amor, confusão
Não me levaram a nada
Eu sei que existe um lugar melhor
Por que você sempre me leva lá
Cheguei a você sem esperança
Você me deu mais que uma mão pra segurar
Me segurou antes que eu caísse
Jess Glynne - Take Me Home*

Stephany Baker

Rio suavemente ao observar o Oliver andar de um lado para o outro na sala de estar enquanto esperamos a Penélope. Ele está usando roupas casuais, a Ayla está vestida de bruxinha e eu de malévola. Penélope está terminando de se maquiar, estamos no meu quarto e eu estou na porta. Ayla termina de passar o batom, se olha no espelho e dá uma voltinha. Enfim a Penélope termina de se arrumar, ela está com o cabelo totalmente escovado, ela usa a fantasia da Pocahontas e a sua maquiagem está muito bem-feita.

— Você está parecendo uma boneca. — Ay comenta ao olhar a nossa cunhada.

— E você é a bruxinha mais linda que eu já vi. — Penélope declara fazendo a minha irmã sorrir e me olha em seguida. — Você está linda.

— Você não está nada mal.

Saímos do nosso quarto, vou na direção da sala junto com a minha irmã e o Oliver sorri ao nos ver.

— Vocês estão lindas.

— Obrigada. — Agradeço ao dar uma volta.

Agradeço aos céus quando vejo a Penélope vindo em nossa direção, o meu irmão a olha e fica hipnotizado. Ela dá uma volta e ele a puxa de encontro ao seu corpo. Até que eles fazem um belo casal e me parecem mais tranquilos. Saio do apartamento junto com a Ayla, arrumo o chapéu na cabeça dela e entramos no elevador assim que o casal se junta a nós. Estou bem animada para essa festa e é bom irmos a uma. Logo entramos no carro, coloco o cinto e deixo as asas da fantasia no meu colo.

— Não vamos ficar até tarde na festa. — Oliver informa.

— Por quê? — Ayla e eu questionamos juntos.

Ele não fala nada e continua a dirigir. O caminho é percorrido rapidamente, logo descemos do carro em frente a grande casa. Coloco as minhas asas, ajeito o decote e seguro no braço do meu irmão. O som está exatamente alto, várias pessoas circulam na frente da casa e com certeza, lá dentro está lotado. Algumas pessoas cumprimentam o Oliver, em seguida ele arruma os chifres sobre a minha cabeça e sorri. Ele está mais calmo por ver que eu realmente estou bem e ele deve ficar assim para me ajudar.

— Oi, Oli. — Uma mulher o cumprimenta assim que se aproxima de

nós. — Penélope.

Ela praticamente se derreteu pelo meu irmão aqui na nossa frente, além de estar usando uma fantasia extremamente vulgar.

— Hanna. — Oliver finge empolgação. — Essas são as minhas irmãs, Stephany e Ayla.

— Lindinhas. — Hanna nem se quer direciona o seu olhar para nós, mantém a sua atenção no Oliver e apoia as mãos nos ombros dele. — Faz tempo que nos vemos, temos muito que conversarmos.

— É... então, depois conversamos. — Oliver fala um tanto nervoso.

Hanna revira os olhos, dá um beijo na bochecha dele e fala algo em seu ouvido, antes de se afastar. O meu irmão dá um beijo suavemente na esposa e nos guia por entre os corpos agitados. Paramos na cozinha e eu decido me afastar do casal. Ninguém merece vim para uma festa ficar grudada no irmão e cunhada. Aviso que vou ir dançar, seguro no braço da Ayla e a levo comigo. Passamos por uma grande porta de vidro e chegamos ao quintal dos fundos. Tem mais pessoas aqui, principalmente os amigos do meu irmão. Emily e Dominic nos cumprimentam assim que passam por nós ao entrar na casa e eu procuro um lugar mais vazio.

— Tira uma foto minha, Ayla.

Coloco o meu celular em suas mãos, fico parada perto da cerca de madeira e faço uma pose para a foto. Ela me pede para fazer outras poses e eu praticamente faço uma pequena sessão de fotos. Pego o meu celular com ela, vejo que todas ficaram boas e eu decido postar uma logo de imediato. Não escrevo nada na legenda, coloco apenas um emoji de asas e público no meu Instagram. Guardo o meu celular entre os meus seios, seguro na mão da Ayla e a balanço. Ela é envergonhada para dançar, se expressar entre muitas pessoas, mas hoje é dia de nos divertimos. Esquecer todo o mal e focar apenas no agora, e no futuro. Consigo a convencer a dançar um pouco, balanço o meu corpo no ritmo da música e fecho os meus olhos.

Voltamos para a cozinha após duas músicas, Ayla nos serve um pouco de refrigerante e paramos ao lado do nosso irmão. A minha irmã comenta comigo sobre a fantasia do pessoal da festa e eu sinto o meu celular vibrar. Vejo que a minha foto já ganhou muitas curtidas, mas apenas uma rouba a minha total atenção; Eduard Lewis *curtiu* a minha foto. Ele passou o dia sumido, não conversamos mais e eu prefiro não mandar mensagens, mas sim esperar a dele, pois se eu ficar correndo muito atrás – mesmo que eu queira

apenas uma amizade – será ruim para mim mesma. Penélope nos chama para irmos dançar, Ayla olha para mim e eu dou de ombros antes de ir rumo à sala de estar. Hanna nos olha com cara de poucos amigos, Penélope sorri provocativa e começa a dançar sem se importar com os demais a nossa volta. A maioria está dançando, aproveitando o momento e se divertindo sem se lembrar dos problemas. Talvez momentos assim sejam os melhores que podem acontecer na vida de alguém. Assim que a Penélope se afasta, indo na direção do meu irmão, a Ayla me pede para sairmos daqui e voltamos para o quintal.

— Ei, meninas. — Ouço alguém nos chamar e eu procuro ao redor.

— Oi. — Resmungo ao ver que é a Hanna.

— Eu não sabia que o Oliver ia trazer vocês, mas espero que estejam gostando da festa.

— Está bem legal aqui. — Lhe dou um falso sorriso.

Um rapaz bem branco e louro se aproxima, coloca o braço por trás do pescoço da Hanna e passa o seu olhar pelo meu corpo, demoradamente.

— São vocês as irmãs do Baker? — Ele nos questiona.

— Sim, por quê? — Questiono.

— Só curiosidade, gatinha.

— É melhor não mexer com elas, você conhece o Oliver. — Hanna debocha.

— Será que a Penélope também está na mira de proteção dele? — O rapaz questiona.

— Eles estão casados. — Ayla declara.

— Que merda! — Ele exclama e encara a Hanna. — Nós dois perdemos boas chances.

Quase levanto as mãos para o céu ao ouvir o meu irmão nos chamar, me despeço por apenas educação e logo saímos da casa. Eu não queria ir embora, ainda é cedo e eu queria aproveitar mais um pouco da festa. Entramos no carro, eu retiro as minhas asas e o meu chifre. Ayla deita a cabeça no meu colo após retirar o chapéu e cantarola baixinho junto com o cantor que soa pelos alto-falantes.

— Eu ainda acho que estava cedo para irmos embora.

— Eu não acho. — Ay sussurra.

— Amanhã vamos sair, pirralhas. — Oliver informa e olha para a esposa. — Preciso que você vá junto.

— Para aonde vamos? — Questiono.

— Santa Maria.

Vamos para casa, ou melhor para a casa dos nossos pais?! Eu estou extremamente surpresa, eu não esperava por isso. Eu não sei se estou preparada para rever os meus pais, principalmente pelas palavras ditas no dia que saímos de lá. Estou com saudade da minha mãe, quero vê-la, mas não queria ir lá.

— Na casa dos nossos pais? — Ayla questiona totalmente desperta.

— Sim. Precisamos ir lá. — Oliver declara.

— E você quer que eu vá junto? — Penélope o questiona.

— Eu preciso de você comigo. E dona Hillary precisa saber que enfim realizamos o desejo dela.

— Mamãe vai pirar.

Gargalho suavemente e ouço a Penélope ri. Desde muito nova eu ouvia a minha mãe declarar o seu desejo – que o Oliver se casasse com a Penélope – e quando ela souber que tal coisa aconteceu, ficará muito feliz. Dona Hillary sempre teve um carinho muito grande pela Penélope, sempre perguntava dela para o meu irmão e reforçava o seu desejo. Quando eles terminaram o namoro, a minha mãe sofreu como se fosse a perda de um ente querido. Na última vez que ele foi lá em casa – antes de nos mudarmos para cá – era visível que a cada dia que se passava ele ficava mais triste. Assim que entramos no apartamento, a Ayla corre para o quarto e eu me jogo no sofá. Penélope vai para o quarto do marido, o meu irmão se curva na minha direção e dá um beijo na minha testa antes de me pedir para que eu não vá dormir tarde. Concordo com um aceno, ela vai rumo ao quarto e eu prendo a minha atenção no celular. Tem mais notificações de curtidas na minha foto e uma mensagem inesperada – ou nem tanto – do Lewis.

*‘Devo alertar: a sua foto é provocativa
para as mentes masculinas.’*

Rio por causa do seu *alerta* e digito uma rápida mensagem. Faz apenas meia hora que ele me enviou essa mensagem e eu espero que ele me responda rapidamente, pois daqui a pouco eu já irei dormir, já que amanhã vamos sair bem cedo.

‘Para outras mentes ou para a sua?’

Espero por longos segundos e nada de uma resposta. Bloqueio a tela do meu celular e fico o segurando. Antes que eu possa desistir de completo, o meu celular vibra e eu leio a mensagem assim que eu o desbloqueio.

‘E isso importa? NÃO!’

Eduard Lewis é um rapaz chato. Não custa nada ele me responder e sim, a resposta importa e muito. Enquanto a sua resposta não vem, eu penso no que o meu irmão disse. Eu simplesmente não sei quando o Oliver decidiu que vamos em Santa Maria, e muito menos o porquê, mas eu espero muito que não aconteça desentendimentos. Eu sei o quanto ele tem raiva dos nossos pais, mas eu desejaria muito que ele se entendesse com a nossa mãe. Apesar dos erros que ela cometeu e ainda comete, ela nos ama muito e daria a sua vida por nós.

[...]

É cedo, extremamente para quem não dormiu muito, no caso, eu. Tento manter os meus olhos abertos, mas é uma tarefa difícil, mesmo que eu já tenha tomado banho e esteja praticamente arrumada para sairmos, mas eu decidi sentar na minha cama e aguardar a boa vontade de mim mesma agir de um bom modo, isso eu quero dizer que, ter força e disposição para enfrentar esse dia. Bocejo pela milésima vez, saio da cama e termino de guardar as minhas coisas na mochila. Ouço a porta do meu quarto se abrir, o Oliver entra e se senta na minha cama. Lhe dou um pequeno sorriso e eu percebo que ele está um pouco nervoso com essa ida na casa dos nossos pais.

— Por que estamos indo lá?

— Nossa mãe precisa saber o que está acontecendo com você, Steph. Eu sei que vocês sentem falta dela...

— E você, sente falta dela? — Questiono ao interrompê-lo.

— Não.

— Eu sei que você não se dá bem com eles, mas ela é a nossa mãe.

— Eu sei, Steph. Mas aconteceram mais algumas coisas essa semana...

— Ele mania a cabeça para os lados e se levanta da minha cama. —, a nossa

mãe sempre me disse coisas ruins, mas dessa vez... foram péssimas. Eu me senti muito mal.

— O que?

— Não vou dizer, pirralha. Isso ficará entre mim e a nossa mãe.

— Tudo bem. — Concorde após suspirar. — Mas não a odeie. Ela nos ama independente de qualquer coisa.

— E eu amo você e a Ay.

Algo muito ruim e grave a nossa mãe falou para ele, e como eu o conheço, sei que não vai me contar, mas ao mesmo tempo eu conheço a minha mãe e se eu conversar com ela, eu vou saber de coisa. Oliver dá um beijo na minha têmpora, pega a minha mochila e saímos do quarto. Encontramos a Ayla assim que entramos na cozinha, ela nos avisa que a Penélope arrumar a mochila e que depois voltava. Ele deixa a minha mochila junto com as demais, e começamos a tomar o nosso café. Ouço a minha irmã comentar sobre a festa de ontem, eu faço pequenos comentários e o Oliver ouve tudo com extrema atenção. Quando eu penso na noite anterior, só consigo pensar nas mensagens que troquei com o Eduard e sobre luta que ele comentou que o meu irmão vai ter.

Penélope volta para o apartamento assim que terminamos de comer, o Oliver pega todas as mochilas e saímos. O casal anda abraçados na nossa frente, Ayla ao meu lado e todos em completo silêncio. É visível que cada um está preocupado que pode acontecer nesse dia de hoje enquanto estivermos na casa dos nossos pais. Logo entramos no carro, coloco o cinto e encosto a minha cabeça na janela. Oliver olha para nós por alguns segundos, respira fundo e começa nos levar rumo a Santa Maria. Coloco o meu fone no ouvido, abro a playlist do meu celular e procuro alguma música que me agrada nesse momento.

— Em quanto tempo estamos lá? — Ouço a Penélope perguntar.

— Três horas mais ou menos. — Oliver responde.

— Voltamos ainda hoje? — Ayla questiona.

— Com certeza. — Ele responde num murmúrio.

— Eu queria ver a nossa mãe, mas não queria ir lá. — Ela comenta.

— Eu também não queria, mas é preciso, pirralhas.

— É um saco ter que estar no mesmo ambiente que o nosso pai e aquele babaca do Klaus.

Percebo a Penélope trocar um olhar preocupado com o meu irmão e o

silêncio reina sobre nós. Encosto a minha cabeça, fecho os meus olhos e relaxo contra o banco. Manter a calma é necessário, pois esse dia está prometendo que será surpreendente, seja por um lado bom ou ruim. Eu espero que dona Hillary já tenha aceitado toda a situação – a nossa mudança e a guarda do Oliver – e que reconheça que tenha sido a melhor coisa para nós. Entre nós três, a Ayla é a mais tranquila e calma. Oliver e eu somos os mais explosivos. Só que, entre nós dois, eu sou a mais compreensiva quando se trata em entender a nossa mãe. Ela pode ter feito e falado coisas que não deveria, mas ela já sofreu muito e ainda sofre... infelizmente.

Em um pouco mais de três horas de viagem e de sono, chegamos em Santa Maria. Eu sou a primeira a descer do carro e olho em volta. Poucos dias longe daqui já me fez bem, me fez sentir diferente e como se eu pudesse viver apenas lá. Ouço o Oliver avisar que vai deixar as mochilas no carro, aceno concordando com ele e vou rumo a casa. A nossa mãe está agachada no chão pegando algumas folhas que devem ter caído de cima da mesa de centro. Ela se levanta rapidamente, sorri e corre para abraçar a minha irmã e eu. Beija demoradamente os nossos rostos, diz que estava morrendo de saudades e se afasta suavemente. Me sento no sofá, a Ayla se senta ao meu lado e troca um olhar comigo antes de olhar a nossa volta. Não tem nem um sinal do nosso pai, e muito menos o do Klaus.

— Estou surpresa em ver vocês aqui. Você deveria ter me avisado, Oliver. — Minha mãe declara.

— Decidi vim de última hora, pois aconteceram algumas coisas. — Oliver informa.

Ele se senta no outro sofá junto com a Penélope, a nossa mãe se senta entre a Ayla e eu e, nos analisa demoradamente e faz diversas perguntas sobre como estamos ao morar com o Oliver. Eu sei que ela tem noção que estamos bons, mas no fundo não deseja que isso seja verdade, pois ela nos quer de volta. E isso é algo impossível, não porque o Oliver tem a nossa guarda, mas por não queremos mais morar aqui.

— Cadê o pai? — Ay pergunta num tom baixo.

— Saiu com o Klaus, daqui a pouco está de volta. — Dona Hillary informa e olha para o filho. — Queria conversar com você, Oliver.

— Pode falar. — Ele resmunga.

— A sós. — Ela informa.

Ambos saem da sala indo em direção aos fundos da casa e eu olho para

a Penélope. Ela está olhando na direção que o marido acabou de ir e é de perceber que ela está preocupada com algo. Talvez ela saiba, ou melhor, ela sabe o que a minha mãe disse para o Oliver. Tenho muita vontade de questioná-la sobre o assunto, mas não vou fazer isso em consideração ao meu irmão. Ele não quis me contar, prefere guardar para si mesma, então eu tenho apenas que respeitar a decisão dele. Me levanto do sofá, vou até a janela e me inclino sobre ela.

Mesmo que eu estivesse daqui por poucos dias, senti falta, mesmo que tenha sido pouquíssima. Observo algumas pessoas passarem na frente da casa, vejo um rapaz passar rapidamente pilotando uma moto e me lembro do Luc. Eu irei vê-lo se ele estiver em casa e desejo muito que esteja. Ouço o Oliver me chamar, olho para trás e vejo que ele já está de volta. Reviro os meus olhos e volto a me sentar no sofá. Percebo a minha mãe um pouco tristonha e tenho certeza de que isso tem a ver com a conversa que ela teve com o Oli. Vejo o meu irmão arquear uma sobrancelha para mim e eu sorrio debochada, após franzi o cenho.

— Oliver contou a novidade, mãe?

— Não, Steph. O que foi? — Minha mãe questiona curiosa.

— Ele se casou com a Penélope. — Ayla responde.

A expressão da minha mãe fica séria, em segundos, muda para surpresa e enfim e um enorme sorriso domina os seus lábios. Ela se levanta do sofá, coloca as mãos na cintura e, olha atentamente para o casal.

— Vocês estão casados? Meu Deus! Meu sonho se realizou! — Ela exclama contente enquanto anda de um lado para o outro. — Aí, senhor. Meu coração.

— Mãe, para de drama. — Oliver resmunga.

— Nos casamos sexta-feira passada em Las Vegas, dona Hillary. — Penélope a informa.

— Parabéns! Eu torcia tanto para isso acontecer. — Ela fala mais tranquila e volta se sentar entre Ayla e eu. — Estou feliz por vocês e muito surpresa também. Eu não sabia que vocês estavam juntos novamente.

— Obrigada, dona Hillary. — Penélope agradece um pouco tímida. — Não estávamos juntos, mas aconteceram algumas coisas na última semana e uma delas foi o casamento.

— Estou muito feliz por vocês estarem dando esse passo.

Fico feliz ao ver a minha mãe feliz e o clima ficar mais suave entre

todos nós. Dona Hillary avisa que vai ir fazer o almoço, eu chamo a Ayla e aviso que vamos na casa da nossa amiga, que mora aqui perto. Eu sei que o Oliver vai contar em qualquer momento sobre a minha cirurgia e eu quero manter esse assunto o mais longe possível. Assim que saímos de casa, a Ayla vê uma amiga da sua antiga escola e vai falar com ela, enquanto eu fico parada no meio da calçada decidindo ou não se eu mando mensagem para o Luc. Se ele souber que eu estive aqui e não falei com ele, sei que ficará chateado. E ele me pediu para que, quando eu viesse a Santa Maria, eu o procurasse.

‘Está ocupado?’

Observo a Ayla do outro lado da rua e de repente olho para os lados. O nosso pai está com o Klaus e em qualquer momento esses dois babacas podem aparecer e acabar com a nossa paz. Volto a atenção para o meu celular e vejo que o Luc já me respondeu.

*‘Não, Steph.
Acabei de acordar.’*

Isso quer dizer que ele está em casa, a alguns metros de mim. Me aproximo da Ayla, aviso aonde estou indo e peço para ela ter cuidado. Eu nem preciso explicar sobre o que, pois, ela sabe muito bem. Ando calmamente em direção a casa do Luc, toco a campainha e aguardo pacientemente. Luc é meu amigo e ex-namorado, e independente de tudo que já passamos o carinho que tenho por ele é enorme. Se em algum momento ele começar a se relacionar com outra pessoa, eu ficarei feliz.

— Eu deveria ter desconfiado. — Ele declara assim que abre a porta.

— Surpresa!

Rio suavemente, ele dá um passo na minha direção e nós nos abraçamos. Me afasto suavemente e me encosto na pilastra.

— Vem, vamos entrar.

— Eu só vim fazer uma rápida visita.

— E pode ser rápida mesmo que a gente esteja lá dentro.

Reviro os olhos da sua ironia e acabo concordando. Entramos na sua casa, tudo está silencioso e bem tranquilo, ou melhor, vazio. Não vejo os seus

pais ou qualquer outro membro da sua família em lugar nenhum. Eu o sigo em direção da cozinha, me sento na mesa e ele me entrega uma xícara de café.

— Como você está? — Questiono antes de beber um gole do café.

— Bem... atarefado e você?

— É para ser sincera?

— Sim.

— Preocupada.

— Por quê?

Ele cruza os braços em frente ao tronco nu e me observa com atenção.

— No dia que saímos eu estava me sentindo um pouco mal, mas estava melhor naquele momento que estávamos juntos, mas quando anoiteceu eu piorei e o Oliver me levou para o hospital.

— Aquela mesma dor de antes?

— Sim.

Luc já tinha presenciado outras vezes quando aquela dor me atingia.

— E o que era?

— Endometriose. Farei a cirurgia na segunda-feira.

— Cirurgia?

Em segundos ele já está sentado ao meu lado e segurando a minha mão.

— É algo bem tranquilo, feito por pequenas incisões e eu terei alta em poucas horas.

— Você me parece tranquila.

E eu tenho que estar, para o bem de mim mesma.

— Enfim... — Solto um longo suspiro e sorrio. —, como está o novo emprego?

— Muito bom. Estou me adaptando aos poucos ainda, mas estou me saindo bem.

— Isso é maravilhoso.

— É sim. — Ele sorri lentamente e os seus olhos me analisam por completa. — Como você está se sentindo em estar de volta à casa dos seus pais?

— Eu estava com saudade da minha mãe, mas eu não queria ver o meu pai.

— Ele foi babaca como sempre?

— Não o vi ainda.

— Então não viu o Klaus também?

— Não.

Graças a Deus! Pois ninguém merece estar no mesmo ambiente que ele aquele idiota, mas eu sei que não vou escapar disso. Observo o Luc se servir com um pouco de café, e em seguida se desculpa por não me oferecer nada, mas avisa que eu o peguei desprevenido; isso quer dizer que, a mãe dele saiu e não deixou nada pronto. Apenas sorrio ao reconhecer que estou feliz em estar aqui. Continuamos a conversar por um longo tempo até eu perceber que já está na hora de eu voltar para a casa da minha mãe, me despeço do Luc com um abraço demorado e caminho lentamente. Há essa altura o Oliver já contou tudo o que aconteceu para a nossa mãe e como eu a conheço, ela deve estar muito preocupada com a cirurgia. Entro em casa chamando a atenção da Penélope e ela me direciona um pequeno sorriso. Ouço a voz da Ayla e da minha mãe, vindo da cozinha, mas não vejo o Oliver e nem ouço a sua voz.

— Cadê o meu irmão?

— Foi jogar uma água no rosto. — Penélope me responde. — Ele estava preocupado com você.

— Por quê? — Questiono.

— Ayla voltou rápido e você não.

— Eu estava na casa do meu amigo.

— O seu ex-namorado? — Ouço o Oliver questionar e em seguida ele se senta ao lado da esposa. — Que demora esse almoço.

— Não reclama com a sua mãe. — Penélope pede baixinho.

Oliver revira os olhos, dá um beijo casto na esposa e me encara esperando a minha resposta.

— Sim, ele mesmo.

— Não cruzou com o Mark e Klaus por aí?

— Não.

Ele solta um longo suspiro e se encosta no sofá. Olho na direção da cozinha e observo a minha irmã interagindo com a nossa mãe. Ela é a qual mais sente falta de estar aqui, apesar do nosso pai ser um idiota. Ayla continuou sendo amorosa com ele apesar de tudo e eu a admiro por conseguir ser assim, pois a minha vontade desde o início sempre foi voar em cima dele e apertar o seu pescoço, mas eu sei que isso é completamente errado, mesmo que seja apenas um pensamento. Dona Hillary nos chama para almoçarmos, nos sentamos na mesa da cozinha e comemos em paz. Se o nosso pai

estivesse aqui, não existiria esse clima. Após o almoço eu ajudo a minha mãe a limpar a cozinha e me mantenho em silêncio, tentando fugir de qualquer assunto.

— Steph...

— Não quero conversar sobre...

— Iremos conversar sim! — Ela declara ao me interromper.

— O que então? — Questiono.

Me encosto na pia e cruzo os meus braços em frente ao corpo.

— Oliver me contou sobre o que aconteceu e sobre a sua cirurgia.

— É algo tranquilo e eu estou calma, mas para eu continuar assim, preciso que todos estejam calmos.

— Se eu tivesse levado você ao hospital assim que teve as primeiras dores tudo poderia ser diferente.

— Não seria diferente, eu iria ter que fazer a cirurgia do mesmo jeito. A única diferença é que eu não iria sentir tanta dor nos meses que a minha menstruação viesse.

— Você não sofreria tanto.

— Não, mas a cirurgia viria de qualquer jeito. — Informo a fazendo suspirar. — Fique tranquila, pois só assim eu ficarei.

— Eu me preocupo.

Ela larga o que está fazendo e me abraça bem apertado. Me afasto completamente, terminamos o que faltava e nos juntamos ao demais. Olho para o céu e percebo que vai cair uma forte chuva. FRANZO o cenho ao ver uma expressão estranha na face do Oliver, e em segundos eu entendo o porquê. O meu pai aparece, o Klaus está junto, pois empurra a cadeira de rodas e ele mantém o seu olhar diretamente na Penélope, mesmo que ela esteja sentada no colo do meu irmão.

— Oliver, que surpresa te ver aqui. — Klaus fala sem jeito e se aproximar. — Olá... senhorita?

— Senhora Baker. — Oliver responde. — Minha esposa.

— Você tem um ótimo gosto, Oliver. — Seu tom é descontraído, mas eu sei que ele está tentando dar um de bom amigo. — Seu marido está devidamente entregue, Hillary. Cuide bem do meu amigo.

Klaus deixa o meu pai próximo da minha mãe e se vai após passar o seu olhar pelo meu corpo.

— O que fazem aqui? — Mark questiona.

— Nossos filhos vieram nos visitar. — Minha mãe informa. — Me contar o que aconteceu nessa última semana.

— Era só fazer uma ligação e tudo se resolvia. — Ele rebate.

— Stephany ficou doente, terá que fazer uma cirurgia e eu não aguentaria receber uma notícia dessas por telefone. — Minha mãe informa.

— Deve ser um castigo divino por causa do que elas fizeram comigo.

Castigo? É sim, mas não para mim ou para a Ayla. O que aconteceu com ele, foi castigo pelas próprias merdas que ele fez no passado. Minha mãe solta um murmúrio baixo direcionado ao meu pai, segura em sua cadeira e o leva para dentro enquanto ele grita xingamentos direcionados a nós.

— Vamos embora. — Oliver declara.

Ele retira a Penélope do seu colo, se levanta e nos olha. Entramos em casa, o meu irmão nos avisa que só vamos esperar apenas a nossa mãe voltar de sei lá onde ela está e a Penélope o puxa para longe de nós. Olho para a Ayla e vejo que os seus olhos estão marejados. Chorar não vai fazer aquele ser, vulgo nosso pai, ser uma pessoa melhor, então não devemos derramar uma lágrima se quer. Um alto barulho chama a atenção, dona Hillary entra correndo em casa e eu percebo que uma forte chuva está caindo. Praticamente me jogo no sofá, a Ayla se senta ao meu lado e eu ouço o Oliver suspirar. Ele não dirige na chuva e então teremos que esperar para de chover para irmos embora. E o bom dessa chuva é que o nosso pai não irá voltar para cá tão cedo.

[...]

— Vocês acham que eu fui invasiva com a Penélope? — Ouço a minha mãe questionar.

— Não. — Ayla responde. — Eu vi que o Oliver gostou da sua pergunta, mas preferiu se manter calado para saber a resposta da Penélope.

— É visível a vontade dele em ser pai. — Ela comenta.

— E que ele será um pai que nunca tivemos.

Minha mãe me encara com um olhar sem vida, abaixa a cabeça e solta um pequeno suspiro. Eu não disse isso para magoá-la, apenas fui sincera e realista ao se tratar do meu irmão. Me levanto do sofá, aviso que vou para o quarto e me despeço da minha mãe ao dar um beijo no alto da sua cabeça.

Subo a escada e logo entro no meu antigo quarto. Está do mesmo jeito de quando eu saí daqui, e ao mesmo tempo que me traz lembranças boas, traz ruins também. Sento-me na minha cama, retiro o tênis dos meus pés e solto um longo suspiro. Estou cansada, exausta emocionalmente.

Vou rumo ao banheiro, retiro a minha roupa e entro debaixo do chuveiro. A água escorre pelo meu corpo, me relaxando e me fazendo sentir melhor. Não é muito confortável fazer uma pequena viagem de três horas sentada no carro. Logo termino o banho, seco o meu corpo e me visto. Abro a porta do quarto com a intenção de ir beber água, mas fico estática ao ouvir a voz do Klaus. Eu preciso conversar com a minha mãe sobre a presença dele aqui, tentar saber se ele está com outras intenções. Ouço passos na escada, fecho a porta do meu quarto, mas deixo apenas uma pequena fresta e vejo a Penélope indo rumo ao quarto do Oliver. Saio do meu quarto devagar, arrumo a alça da minha regata sobre o meu ombro e desço a escada.

— É errado você defender os seus filhos, ao invés do que defender o seu marido. — Klaus declara.

Ele está encostado na porta que divide a sala da cozinha, a minha mãe está na pia lavando a louça e não há sinal do meu pai, muito menos da Ayla. Ela deve ter ido para o quarto.

— Eu sei o que eu devo ou não fazer, Klaus.

— Então sabe que deve colocar o seu marido em primeiro lugar.

— E você... cuidar da sua vida. — Declaro ao adentrar no ambiente.

— Querida, eu achei que você já estivesse dormindo. — Minha mãe murmura surpresa.

— Stephany. — Klaus me olha fixamente e eu o ignoro.

— A senhora precisa de ajuda?

— Não. Eu já estou terminando. — Minha mãe responde.

Apenas aceno e encaro o Klaus.

— Já está tarde, não acha? Você deveria ir para a sua casa.

— Não! Eu não acho, Stephany. — Ele murmura.

— Steph, não fale assim com o Klaus, por favor. — Minha mãe pede.

Fico de costas para ele, mesmo que eu saiba que ele irá me devorar com os seus olhos, mas eu preciso falar com a minha mãe sem que ele leia os meus lábios.

— Eu estou tentando te ajudar a se livrar dele. — Sussurro.

— Eu sei lidar com ele.

— Eu o quero longe daqui. — Resmungo baixinho.

Minha mãe suspira e acena concordando. Volto a ficar de frente para o Klaus, me encosto na pia e cruzo os braços em frente ao meu corpo.

— Como está a vida em Los Angeles? — Ele me questiona.

— Ótima.

— É muito bom saber que enfim você vai começar a estudar. — Minha mãe declara.

— Até que fim. — Lhe dou um pequeno sorriso.

Ela me direciona outro sorriso e vai até o quarto do meu pai quando ele a chama.

— Faculdade? — *Ele* questiona.

— Sim, por quê?

— Apenas um conselho, Stephany... — Ele se aproxima bem devagar e eu prendo a minha respiração quando sinto os seus dedos tocarem na pele do meu ombro. —, os garotos da faculdade podem serem maus. Não vão te tratar com carinho... — Os seus dedos brincam com a alça da minha camiseta. —, só vão querer uma coisa e depois que conseguirem, você será descartada.

— Sai de perto de mim! — Ordeno.

— Você merece alguém que deve fazer tudo ao contrário e alguém com experiência.

— Talvez eu já tenha alguém muito melhor que isso.

Consigo sair de perto dele, no mesmo segundo a minha mãe volta para a cozinha e nos olha de forma desconfiada.

— Estou cansada. — Ela comenta ao coçar o olho.

— Eu já estou indo, Hillary, mas se precisar de qualquer coisa, me ligue. — Klaus informa.

— Obrigada, Klaus. — Ela agradece.

— Até... em breve, Stephany.

— Adeus!

Ele me direciona um olhar perfurado, acena para a minha mãe e enfim se vai. Enfio os dedos entre os fios do meu cabelo e sinto um bolo se formar na minha garganta. Olho para a minha mãe e tento segurar o meu choro.

— Ele já te fez alguma coisa?

— Ele já te fez alguma coisa? — Questiono de volta.

— O assunto não sou eu. — Ela murmura.

— E eu não quero ser o assunto.

— Fugir não vai ajudar.

— E nem começar esse assunto vai mudar alguma coisa.

— Talvez mude.

— O que por exemplo? — Questiono irritada.

Ela fica em silêncio por longos segundos, apenas me olhando fixamente e só desvia o seu olhar quando ouvimos o meu pai chamá-la novamente.

— Ele já te fez algo.

Não falo nada e nem esboço reação, apenas a observo ir em direção ao quarto do Mark. Solto um longo suspiro assim que me encontro sozinha, bebo um longo gole de água e decido voltar para o meu quarto. Fecho a porta e sinto o meu coração bater extremamente rápido. Esse assunto não me faz bem, eu simplesmente não consigo contar para a minha mãe e nem para ninguém sobre o que aconteceu. Ando até a janela do meu quarto, a abro e fecho os meus olhos deixando a brisa fresca bater contra o meu rosto. Sinto que estou sendo observada, abro os meus olhos e vejo que o Klaus está me observando.

A nossa casa é ao lado da dele e por ele ser amigo da família, as casas se ligam através da cerca que as dividem. Ele sorri para mim e levanta a garrafa de cerveja para o alto como se estivesse brindando. Sinto nojo até mesmo do seu olhar. Fecho a janela e vou para a minha cama. Desde quando tudo aconteceu – Klaus – muitos costumes meus mudaram. Eu dormia de janela aberta, dormia apenas de camiseta e sem medo algum, mas depois... eu sempre quero e tento ficar mais protegida o possível. Tranco portas e janelas, durmo com roupas justas, difíceis de tirar do corpo e qualquer mínimo barulho me acorda.

[...]

Eu fugi ao máximo que pude e consegui anular quando assunto que a minha mãe queria iniciar. Saímos de Santa Maria o mais cedo que conseguimos, me despedi da dona Hillary com um abraço bem apertado e pedi para ela ter muito cuidado. Voltamos para Los Angeles tranquilos, eu ainda mais, pois eu sabia que estaria há mais de duzentas milhas longe do Klaus. Ouço com atenção a Ayla comentar o que ficou sabendo com a amiga sobre o antigo colégio, rio das baboseiras adolescentes e me espreguiço. Faz poucos minutos que chegamos no apartamento, mas desde o primeiro

segundo eu já vim me deitar na minha cama e estou aqui até esse exato minuto. Ouço a porta do meu quarto se abrir, o Oliver entra e se senta na cadeira da escrivaninha. A sua expressão é séria e me deixa preocupada. Me sento na cama e prendo a minha atenção nele.

— Hoje eu tenho uma luta. — Ele informa calmamente.

— Nós vamos poder ir? — Ay o questiona.

— Não, amanhã você tem aula. — Ele a lembra. — Eu vou lutar contra o Eduard e essa também é o motivo de eu não levar vocês.

— Lutar contra o Eduard? — Questiono surpresa e ele apenas acena concordando. — Por quê?

— Anthony marcou essa luta. — Ele dá de ombros.

— Aí, Oliver. — Sussurro.

Então foi por isso que o Eduard fugiu da resposta quando eu perguntei se ele sabia quem era o adversário. E esse combate me preocupa, o Oliver tem aversão ao Lewis por algum motivo e sobre eles lutarem... não é nada agradável.

— Eu devo uma bela explicação sobre eu não gostar muito do Eduard. — Ele declara. — Eu conheci Eduard há... — Ele faz uma pausa e faz a contagem nos dedos rapidamente. —, um pouco mais de nove anos, quase dez e desde o momento eu não fui com a cara dele.

— Isso é feio, Oliver. Não devemos não gostar da pessoa só porque não nos demos bem só de olhar. — Ayla o repreende e ele ri. — Estou falando sério.

— Deixa Oliver contar de uma vez, Ayla. — Resmungo.

Quero logo saber de tudo, de cada detalhe e quero uma boa explicação.

— Desde o início ele não se mostrou ser uma boa pessoa e isso era por causa da influência do pai deles, o James. Ele nunca foi uma boa pessoa, Eduard seguiu o exemplo de pessoa e se tornou ruim. Eduard ajudava a esconder o lado obscuro do pai, torturava pessoas, mexia com coisas erradas e assim fez durante anos. E no ano passado, após a Emily reencontrou o Dominic, ela foi agredida pelo Eduard, só porque passou a noite com o Dom. Em seguida, ou melhor, algumas semanas depois, se eu não me engano, o pai a agrediu pelo mesmo motivo.

— Eduard era uma pessoa ruim, agredia a própria irmã? — Questiono.
— Mas ele não aparenta... Meu Deus, Oliver!

Como ele pode fazer isso? Como ele teve coragem para fazer isso com

a própria irmã? Irmão deve proteger, amar e cuidar, o que o Oliver faz com a gente, mas o Eduard... Meu Deus! Eu nem consigo pensar direito sobre isso.

— É a verdade, Steph. Você pode perguntar para quem quiser, eles vão contar a mesma coisa que eu.

— Ele ainda é assim? Mau? — Ayla questiona.

— Não, segundo a Emily. Eduard tentou a defender da última agressão do pai, mas não conseguiu. Ele decidiu fugir com a Emily, cuidou dela e a auxiliou em tudo em relação à gravidez. Emily tenta convencer a todos que o irmão é uma boa pessoa.

— Eu não consigo ver maldade nele, apenas dor através dos seus olhos. Muita dor.

— Talvez eu não consiga ver o lado bom nele, porque eu não consigo esquecer as marcas das agressões no rosto e corpo da Emily.

Eduard é forte, é lutador e com certeza deixou a irmã muito machucada. Sinto um nó se formar em minha garganta e eu seguro as minhas lágrimas. Oliver solta um longo suspiro, bate as mãos no joelho e se levanta. Ele nos chama para irmos almoçar no apartamento do Dominic e eu apenas aceno. Eu estou petrificada, não consigo pensar em nada e nem ter nenhuma reação. Eu já vi o carinho que o Eduard tem pela irmã, o amor que ele tem pelo sobrinho e jamais imaginei que ele era capaz de agir de um modo cruel. Vou rumo ao banheiro, jogo água em meu rosto e um pequeno soluço escapa da minha boca.

Assim que entramos no apartamento do Turner, o meu olhar recai sobre a Emily e eu sinto extremamente compaixão por ela. Compaixão por tudo que ela sofreu nas mãos do pai e do irmão, mas também sinto orgulho, pois vejo que ela conseguiu superar as maldades e é uma mulher forte. Quero saber mais, muito mais. O pouco que o Oliver disse não foi o suficiente. Nos sentamos na mesa, cada um se serve e começamos a comer. Nem a deliciosa comida do Dominic consegue dispersar tudo o que estou sentindo. Eu nem se quer consigo explicar o que sinto.

— Preparado para a luta? — Dominic questiona o meu irmão.

— Sim. — Oliver responde.

— Estou um pouco preocupada. — Emily confessa.

— Eu também. — Penélope informa.

E eu também e sinto uma necessidade enorme de conversar com o Eduard.

— Será uma luta justa, pelo menos pela minha parte. — Meu irmão declara.

— Você vai levar as meninas? — Dominic questiona.

— Não. — Ele nega de imediato. — Essa luta não é lugar para elas.

— Eu quero ir. — Declaro o fazendo me encarar.

— Querer não é poder, então você não vai.

Reviro os meus olhos e volto a ficar em silêncio. Dominic e Oliver conversam sobre outras lutas que estão por vir, Emily participa da conversa e eu tento entender como ela pode viver cada dia sendo próxima ao Eduard depois de tudo que ele fez. Eu jamais conseguiria perdoar o meu irmão caso ele me agredisse. Logo terminamos o almoço, os rapazes vão para a sala e eu me proponho a ajudar a Emily na louça. Ayla se propõe a mesma coisa, mas pela parte dela é por gentileza, a minha já é uma desculpa para poder saber mais. Observo a Penélope sair da cozinha e eu aproveito para pegar o meu celular no bolso. Abro o aplicativo de mensagens e procuro o nome do Eduard.

‘Preciso conversar com você.’

A visualização vem no mesmo segundo, mas sem resposta. Bloqueio a tela do meu celular e prendo a minha atenção da Lewis.

— Emily...

Ela me encara e sorri suavemente.

— Pergunta, Stephany.

— É verdade o que o Oliver nos contou?

— Sim.

— Então o Eduard te agredia? — Questiono com a voz embargada.

— Sim.

Ela cruza os braços em frente ao corpo e volta a me olhar. Tristeza emana do seu corpo e a ficha começa a cair realmente em relação ao Lewis.

— Por quê?

— Influência do meu pai e por desentendimentos.

— E você o perdoou?

— Eduard se arrependeu no segundo seguinte quando me bateu, tentou me proteger do nosso pai e cuidou de mim quando era necessário. Eu fiquei com muita raiva dele, mas eu o perdoei, além de o perdoar todos os dias, pois

ele me pede perdão sempre.

— Eu jamais imaginei que ele poderia ter sido capaz de algo assim. — Ayla comenta.

— Foi, mas não é mais. — Emily informa e me olha com atenção. — Você não precisa ter medo dele, pensar o mal dele ou se afastar, ele é outra pessoa.

— Eu nem sei o que pensar em relação a tudo isso, pois fiquei profundamente surpresa.

— Já que você me fez muitas perguntas, eu tenho algumas para te fazer também.

— Quais?

Tento me manter normalmente, mesmo que o meu interior tenha se tornado inquieto. Ayla me direciona um olhar arregalado e em seguida volta a secar os pratos já lavados pela Emily.

— Você e o Eduard estão próximos?

— Não... — Nego a fazendo me encerrar. —, aliás, mais ou menos.

— Como assim?

Olho na direção da sala de estar e vejo que o Oliver, e nem outra pessoa estão prestando atenção na nossa conversa.

— Trocamos mensagens.

Ela sorri suavemente e seca as mãos ao terminar de lavar a louça.

— Isso é bom.

— Por quê?

— Porque o Ed é muito insolado de todos e estar conversando com você, uma pessoa nova, é bom.

— Stephany e ele podem ter muitas coisas em comum. — Ayla comenta.

— Por exemplo? — Questiono.

— Ele é estudante de medicina, você de enfermagem...

— Só?

— Sei lá o que mais, eu não o conheço. — Ela resmunga.

Emily ri e acena concordando.

— Eu percebo a mesma coisa, mas não consigo explicar o que é e nem em que. — Ela comenta. — Outra pergunta, Baker...

— Qual?

Reviro os meus olhos.

— Existe algum interesse seu por ele?

— Não!

— Existe da parte dele? — Ayla, a curiosa, questiona.

— Eu não sei. — Ela responde suavemente, mas deixando algo suspenso no ar.

O assunto se dá por encerrado, vamos para a sala e eu me sento no sofá junto com a Ayla. Ouço a campainha tocar, a Emily vai abrir a porta e eu olho para o meu irmão. Ele me parece tranquilo para a luta de hoje e eu não sei para quem *torcer*. Ouço a voz do Eduard e eu nem se quer me movo para olhá-lo. Eu ainda não consigo saber como será o meu olhar em sua direção, se eu serei capaz de julgá-lo ou compreendê-lo. Desvio a minha atenção da movimentação do seu corpo perto do meu e presto atenção no Andrew. Ele dá alguns passinhos na direção da tia, mesmo com o Dominic direcionando ordens para a irmã e recebe um dedo do meio.

— Quando vamos ganhar um sobrinho ou sobrinha? — Emily questiona com ironia.

— Tão cedo que não vai ser. — Penélope avisa. — Não vamos ter filhos por enquanto, né, Oliver?

— Não vamos. — O meu irmão concorda.

— Queremos um tempo somente entre a gente. — Ela comenta ao colocar o Andrew de volta no chão. — A mãe do Oli nos perguntou quando daríamos netos para ela...

— E vocês não responderam e ficaram brancos. — Ayla lembra de forma debochada. — Foi engraçada a cara de vocês.

— Foi mesmo.

Por mais as horas que estivemos lá tenham sido um pouco perturbadoras, foi bom esse momento engraçado.

— Vocês contaram para a dona Hillary do casamento? — Dominic questiona.

— Contamos. — Oli afirma.

— Ela ficou radiante. — Penélope comenta. — Dona Hillary sempre quis que isso acontecesse.

— Era um sonho dela. — Ele comenta. — Ela ficou muito feliz, algo que não foi surpresa.

— Também não foi surpresa quando você me contou que estava se relacionando com a minha irmã. Eu já estava desconfiado, mas preferi ficar

na minha. — Dominic declara.

— Você desconfiava? — Penélope questiona surpresa.

— Sim. Vocês são péssimos em esconder algo, ainda mais que era sobre vocês estarem juntos. — Dom informa e dá de ombros em seguida. — Desde o início Oliver já gostava de você, eu sempre percebi isso, mas você não.

Eles continuam a conversas, mas eu não consigo prestar atenção numa mínima palavra se quer. Abaixo o meu olhar e o levo para o lado. Vejo os pés do Eduard e só assim sei que ele ainda mais perto de mim. Ouço o Oliver nos chamar para irmos embora, aceno para todos e enfim olho para o Lewis. O seu olhar encontra o meu e todo possível julgamento se desfaz. Eu acredito que ele tenha mudado, mesmo que eu o conheça quase nada. Saímos do apartamento do Turner e antes que podemos entrar no nosso apartamento, ouço *ele* chamar o meu irmão e eu paro na porta do apartamento.

— Plateia. — Eduard debocha. — Eu quero falar com você, Oliver.

Oliver olha na minha direção e na da Ayla, ela o entende e entra no apartamento. O meu irmão continua a me encarar, eu reviro os olhos e entro contragosto. Controlo a minha vontade em ficar atrás da porta e tentar ouvir a conversa, e vou para o meu quarto.

— Está preocupada? — Ay me questiona.

— Sim.

— Com a luta ou com a conversa?

— Com a luta. — Minto parcialmente.

— E você acredita que ele tenha mudado e que jamais será capaz de fazer tudo aquilo de ruim novamente?

— Sim, eu acredito.

— Ele passa a impressão de uma pessoa sofrida.

Aceno concordando e repenso em tudo que foi me falado hoje. O que, ou melhor, quem o Eduard era por influência do pai dele, então isso quer dizer que esse homem era extremamente mal e com certeza ele é o culpado pela dor através dos olhos do Lewis. Oliver entra bruscamente no meu quarto, nos assustando, principalmente a mim e eu o encaro.

— Não minta para mim e nem esconda as coisas.

— Oliver...

— Quantas vezes eu te questionei se você fala com o Eduard e você me disse que não. Que o cumprimenta quando o vê e fala com ele apenas por

educação.

— Me escuta! — Peço. — Eu troco mensagens com Eduard, mas é às vezes e eu não te contei por que eu sei que vocês não se gostam.

— Não importa, Stephany. Não quero você escondendo as coisas de mim.

— Me desculpe.

Ele sai do meu quarto e fecha a porta. Eu me sento na cama e fico sem reação. Eu não queria que as coisas fossem assim, sei também que ele só agiu desse modo por eu ter mentido e escondido a minha proximidade com o Lewis. Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos, prendo o meu cabelo num coque e pego o meu celular quando ele vibra. É uma mensagem do Eduard e eu não sei se esse é um bom momento para conversarmos, mesmo assim eu a abro.

*‘O seu irmão vai para o Fight
daqui a pouco e então se você
ainda quiser conversar, nós vamos.’*

Bloqueio o meu celular, o deixo sobre a cama e saio do meu quarto. Bato na porta da frente e a abro sem esperar nenhuma autorização. Ele está deitado na cama usando apenas uma toalha, a Penélope está sentada sobre a cintura dele e eu me sinto invasiva. Eu deveria ter esperado a autorização.

— Me desculpe.

Entro ainda mais no quarto e fecho a porta.

— O que foi, Stephany? — Oli questiona suavemente.

— Nós podemos conversar antes de você sair?

— Sim.

— Tudo bem. — Solto um pequeno suspiro. — Me desculpe novamente.

Eu preciso conversar com o meu irmão, amenizar a situação e fazê-lo entender que eu não fiz essas escolhas por mal ou querendo enganá-lo. Volto para o meu quarto, não vejo a Ayla e então eu me deito na cama. Cubro os meus olhos com o meu braço direito e respiro fundo. Pensar em encontrar o Eduard após o meu irmão sair, me faz parecer uma pessoa ingrata, uma falsa, e todas as demais coisas ruins, mas eu preciso conversar com o Lewis. Estou extremamente dívida e isso me deixa mal. Ouço a porta do quarto se abrir,

retiro o braço dos meus olhos e vejo o Oliver.

— Eu vou ter que ir mais cedo para o *Fight*, mas quando eu voltar a gente conversa.

— Tudo bem. — Resmungo.

Tenho a impressão de que ele vai falar algo, mas ele sai e fecha a porta. Vou até o banheiro, solto o meu cabelo e o prendo novamente. Isso tudo é pura indecisão, eu não sei o que eu faço, o que eu escolho. Saio do meu quarto, vou em direção a sala de estar, mas paro na porta da cozinha. Ayla está bebendo água e a Penélope lavando a pouca louça. Olho para o meu celular e solto um longo suspiro tentando tomar uma decisão.

‘Estou saindo do apartamento.’

É melhor eu ir logo, do que ficar adiando o inevitável. Bato suavemente no armário chamando a atenção delas.

— Eu vou ir dar uma volta.

— Não demore, por favor. — Penélope me pede.

— Quer que eu vá junto? — Ayla questiona.

— Não.

Saio do apartamento sem esperar que elas falem mais alguma coisa, ando na direção do elevador e me surpreendo ao ver que o Eduard já está me esperando. Aponto para as escadas de emergência e ele me segue em completo silêncio. Sinto o calor que emana do seu corpo próximo ao meu, paro antes que cheguemos no térreo e ele me encara. Talvez a Emily já tenha contado para ele que eu esteja sabendo do seu lado obscuro.

— O seu irmão sabia que você troca mensagens comigo? Pois ele fez uma cara ao quando eu comentei...

— Ele não sabia.

— Que merda! — Ele resmunga. — Você só me enfia em encrenca.

— Eu? Nunca foi e nunca vai ser a minha intenção.

Eduard não pode simplesmente apenas me ouvir e achar que eu vou julgá-lo. Ele suspira e coça a sua barba. O seu olhar está preso no meu e por alguns segundos eu tenho vontade de lhe dar um soco. Por ele ter sido um filho da puta com a própria irmã, por às vezes já ter sido grosseiro e por... qualquer outro motivo, até mesmo sem ter um bom motivo. Tudo ao mesmo tempo e tudo confuso. Eu estou decidida ir até o *Fight*, mas escondida de

todos e tenho que permanecer assim. Oliver nem se quer pode sonhar que eu estarei lá. Não vou torcer para nem um deles, apenas desejar que eles não se machuquem e nem que se tornem ainda mais rivais.

CAPITULO ONZE

*Tento ser feliz, mas às vezes é difícil
Às vezes é difícil
Quando eu fico frio
Eu não vou fazer isso de propósito
Você me encontrou em um buraco
Que eu cavo para mim mesma quando estou nervoso
Ruel – Hard Sometimes*

Esfrego o meu couro cabeludo e estralo o meu pescoço. Estou cansado, muito cansado. Emily me ajudou durante boa parte da tarde, depois que ela foi embora eu me virei sozinho e só agora – já anoiteceu – eu parei. Não sei como a Maire está, nem sei se a Melanie ainda está aqui e muito menos se elas aprontaram alguma coisa na minha ausência. Me deito na espreguiçadeira, e encaro o céu estrelado. Há muito tempo eu me acostumei a ter noites de sexta-feira tranquilas, a não ir torturas pessoas, fazer contagens de novos *materiais* que chegavam no galpão. É muito bom estar bem longe disso, estar nessa casa sem energias negativas. Retiro o meu tênis e me jogo na piscina, sem me importar com o vento frio. Nado até a outra borda, apoio os meus braços no lado de fora e deixo a água relaxar os meus músculos.

— É um tubarão? — Ouço a voz da Melanie.

— Um tritão? — Agora é a voz da Maire.

Maneio a cabeça para os lados, mas contínuo de costas para elas. Eu nem sei que horas são, mas anoiteceu há pouco tempo. Mergulho e submerjo segundos depois. Enfim fico de frente para de onde vem as vozes e vejo a dupla na sacada da sala de estar.

— O que vocês estão fazendo?

— Apreciando a vista. — Melanie responde.

Reviro os meus olhos e deixo o meu corpo boiar. A conversa que eu tive com a Melanie foi muito boa, pois me deixou um pouco mais calmo e me fez entender melhor algumas coisas. Eu nunca fui muito próximo a minha mãe por causa do meu pai, nunca consegui retribuir o amor que ela tinha por mim por causa do James. Tudo foi e era por culpa dele. Saio da piscina, vejo uma toalha sobre a espreguiçadeira e eu sei muito bem que foi a Lisa que a deixou ali. Seco o meu corpo, a deixo em volta do meu pescoço e entro em casa. Subo a escada, passo pelas garotas sem dizer nada e vou direto para o meu quarto. Fecho a porta, vou rumo ao banheiro e entro debaixo do chuveiro após retirar a minha roupa.

Por mais que a minha conversa com a Melanie tenha sido voltada para a minha perturbação, eu percebi uma preocupação grande da parte dela e perdi as contas de quantas vezes ela disse que eu precisava voltar a fazer terapia. Eu sei que é bom, eu preciso, mas por enquanto eu não quero. Isso

não acontece apenas comigo, muitas pessoas estão na mesma situação que eu – precisando de ajuda de um profissional – mas não querem por enquanto, ou até pior – que acontece com muitas, muitas mesmas, outras pessoas – não reconhecem que precisam de ajuda. Termino o meu banho, vou para o closet e visto uma roupa casual. Passo os dedos entre os fios molhados do meu cabelo e saio do meu quarto após calçar o chinelo. Vejo a dupla sentada num sofá, me sento no outro e elas predem a atenção em mim.

— Senhor Lewis?

Lisa entra no meu campo de visão e olha rapidamente para as meninas.

— Pode falar, Lisa.

— O jantar será servido em pouco minutos.

— Obrigado.

Ela pede licença, olha mais uma vez para as meninas e sai em seguida. Algo aconteceu e a Lisa está tentando ser discreta. Maire e Melanie trocam olhares, eu peço licença e desço para o primeiro andar. Vou rumo a cozinha, sinto o cheiro delicioso seja lá do que está sendo preparado e o meu estômago reclama de fome. Me encosto no balcão, os três pares de olhos se voltam para mim e eu me inclino na direção da Lisa.

— Deseja algo, senhor?

— O que a Melanie e Maire aprontaram? — Questiono.

— Como assim?

— Eu vi o seu olhar para elas.

Lisa suspira e acena suavemente para mim, para que eu a acompanhe. Saímos da cozinha, indo em direção ao corredor lateral que leva rumo ao porão e a sala dos seguranças. Me encosto a parede e a Lisa fica parada na minha frente, com quase um metro de distância.

— É apenas preocupação. — Ela declara.

— Com o que?

— Elas brigaram recentemente e hoje estavam como se nada daquilo tivesse acontecido.

— É bom que elas estejam num bom clima, Lisa, mas entendo a preocupação.

— Sim, é bom.

— Elas aprontaram algo nessas horas que eu estive ocupado?

— Não. Ficaram lá em cima o tempo todo.

— Tudo bem então.

Com certeza elas estavam aprontando algo entre elas mesmo, ou sendo curiosas ou até mesmo conversando sobre mim.

— Preocupado com algo? — Lisa pergunta suavemente.

— Cansado, isso sim. — Resmungo.

— Eu posso servir o jantar no seu quarto, se desejar.

— Não é preciso, eu vou jantar com as meninas na sala de jantar mesmo.

— Tudo bem.

Apenas aceno e me afasto dela. Subo de volta para o segundo andar, me sento novamente no sofá e deixo a minha cabeça cair para trás.

— Ed... — Melanie me chama. — Você está bem?

— Estou cansado.

— Conseguiu se preparar mais? — Maire pergunta.

— Sim, agora o que me resta é descansar.

— Você vai se sair bem.

Eu estou animado para lutar novamente, ouvir o público ovacionando e torcendo. Ao pensar no Fight, me lembro que a Maire irá começar a trabalhar lá hoje e eu desejo que dê tudo certo.

— Você começa hoje a trabalhar?

— Sim, aliás esse final de semana é um teste para eu me adaptar.

— E quando você vai para *Solvang*?

— Segunda-feira.

— E volta quando?

— Até quinta-feira eu estou de volta, mas vou diretamente para o meu apartamento, não vou mais ficar te perturbando.

— Você não me perturba e nem me incomoda ao estar aqui, Maire.

Percebo um sorrisinho no canto dos lábios da Melanie e fico intrigado.

— Até quando você fica na cidade, Melanie?

— Mês que vem eu tenho alguns desfiles em Nova Iorque, mas volto antes de finalizar o mês e fico aqui até a metade de janeiro.

Maire nos pede licença e sai para atender o celular. Estico as minhas pernas em direção a mesa de centro, coloco os meus braços atrás da cabeça e encaro o teto. Se a Emily estivesse desocupada, eu a chamaria para irmos em algum lugar, apenas para passar algum tempinho com ela e com o Andrew. Sinto *alguém* se aproximar de mim, fecho os meus olhos e a Melanie – eu simplesmente sei que é ela – encosta a cabeça em meu ombro. O seu braço se

entrelaça ao seu e eu me lembrar o dia que nos conhecemos. Isso aconteceu na época do colégio e eu fiquei a observando de longe por longos meses, ela sempre foi marrenta, mas amiga de todos. Os meninos babavam por ela, mas a Melanie esnobava eles e retribuía olhares para mim, só que ela não se aproximava porque eu era o cara que conversava brevemente com todos, mas preferia estar mais afastado e reservado na maior parte do tempo. Até que, depois da aula de educação física – nós dois fomos os últimos a sair da quadra e ela tomou a iniciativa de falar comigo.

— Cansativa essa aula.

Eu concordei apenas com um aceno de cabeça e levantei a camiseta para passar em minha testa. Flagrei o olhar da Melanie em meu tórax nu e em seguida as suas bochechas coraram. Sinto o meu braço ser beliscado, olho para o lado e percebo a Melanie me olhando fixamente.

— Doe, Melanie. — Reclamo.

— Estava pensando em que?

— No dia que você falou comigo pela primeira vez.

— Você nem se quer trocou algumas palavras comigo e simplesmente entrou no vestiário, mas dias depois veio puxar assunto comigo.

— Puxar assunto não, eu fui direto ao que eu queria.

— E eu...

— Se fez de difícil. — Resmungo ao interrompê-la.

— Era apenas charme. — Ela ri. — E como você conheceu a Maire?

Franzo o meu cenho sem entender como o assunto sobre nós dois mudou rapidamente, e envolveu outra pessoa.

— Esbarei nela quando eu saí da academia.

— E evoluiu tão rápido para sexo casual?

Reviro os meus olhos e me afasto dela.

— Aonde você quer chegar com tudo isso?

— Só curiosidade. Ela me contou pouco sobre vocês.

— Curiosidade. — Resmungo. — O que vocês conversaram na minha ausência?

— Poucas coisas e nada demais. — Ela responde.

— Por exemplo?

Melanie se afasta mais um pouco de mim, joga as suas pernas sobre as minhas e dá de ombros.

— Por exemplo... quem é Stephany Baker.

Engulo em seco o nó que se formou em minha garganta e encaro a Melanie.

— Tanto assunto para vocês se meterem... — Reviro os meus olhos.

— Você poderia me contar sobre ela, somos amigos, Ed.

— Não tenho nada para contar, nem vejo muito essa garota.

— E quem é ela?

Melanie é um pé no saco! Suspiro ao ver a Maire voltando para a sala e fujo do assunto ao chamar a dupla para irmos jantar. Descemos para o primeiro andar, logo estamos sentados na mesa degustando a maravilhosa comida que a Lisa preparou. Ela nos faz companhia, mesmo que seja de uma forma distante e tendo ela por perto, é como se a minha mãe estivesse aqui. Olho para trás, por cima do meu ombro e toco gentilmente na sua mão.

— Senta conosco.

— Não, senhor Lewis. — Ela nega envergonhada.

— Apenas Eduard e... por favor, Lisa.

— Mas senhor...

Lhe direciono um olhar mais sério a fazendo se calar, ela suspira e acena concordando. Após ela pegar uma louça limpa na cozinha, se senta ao lado da Melanie e se serve, ainda muito vergonhosa. Melanie me olha e sorri, já a Maire fica surpresa com a minha atitude.

— Lisa... — Melanie chama a sua atenção. —, estava lembrando daquele bolo gostoso que você fez no aniversário do Ed.

— Qual deles? — Lisa pergunta suavemente.

— O último que eu estive presente. Estava uma delícia.

— Era um... — Lisa pensa um pouco e sorri. —, *red velvet* e me lembro que fiz também *devil's food cake*.

— Estava uma delícia! Penso e o sabor vem na minha boca, é como se eu comesse nesse exato momento. — Melanie declara.

— Falando desse jeito, eu estou com vontade de experimentar. — Maire declara.

Percebo um sorriso banhar os lábios da Lisa e o meu peito se aperta.

— A senhora Lewis fez questão de decorar cada *cake*.

— A minha mãe gostava de se dedicar a cada mínima coisa.

— Era uma pessoa incrível. — Melanie declara.

— Você se parece com ela? — Maire me pergunta.

— Um pouquinho.

— Emily se parece mais. — Lisa informa. — O senhor... Eduard já é uma mistura dos pais.

A imagem do meu pai vem a minha mente e eu fecho os meus olhos com força. Ele ainda me faz mal, muito mais do que deveria, aliás, nem na situação que ele se encontra hoje, deveria me afetar. Sinto a minha mão ser acariciada, abro os meus olhos e percebo que foi a Melanie. O jantar ocorre de forma agradável enquanto a minha ex-namorada comenta sobre as comidas deliciosas que já provou enquanto frequentava essa casa e a Lisa consegue ficar mais solta.

Ela é mais próxima a minha irmã, mas tem o mesmo cuidado e carinho por nós dois. Assim que o jantar se encerra, eu peço licença e vou para a sala de estar do segundo andar. As portas já estão fechadas, mas as cortinas continuam, abertas e eu observo a lua refletindo na água da piscina. Lembro que a minha mãe adorava ficar lá fora olhando para o céu ou lendo um livro após o jantar, não importava se estava frio ou calor, ela simplesmente ficava lá e por muitas vezes eu a observava enquanto estava na sacada do meu quarto.

— Eduard... — Ouço a Maire me chamar e eu a vejo na ponta da escada. —, eu já estou indo para o Fight.

— Se quiser, posso pedir para algum segurança te acompanhar.

— Não é preciso, eu mesma vou dirigindo.

— Tudo bem.

— Boa noite.

— Tenha cuidado e qualquer coisa me ligue.

Ela apenas acena e sai. Melanie se senta no outro sofá, Lisa me entrega um copo e eu lhe agradeço, mesmo estando com o cenho franzido.

— É apenas um suco natural de laranja e... — Ela me entrega um comprimido. —, um relaxante muscular.

— Obrigado, Lisa.

— Boa noite, senhor e senhorita Nash.

— Eduard e Melanie, apenas. — Melanie a corrige de forma simpática.

— Boa noite.

Jogo o comprimido em minha boca e bebo um longo gole do meu suco. Coloco o copo sobre a mesa de centro e estico as minhas pernas sobre o sofá.

— Agora podemos voltar ao nosso assunto, Eduard. — Melanie declara.

— Estou cansado, Melanie!
— Não estou pedindo nem um esforço físico seu.
— Você é insuportável. — Resmungo.
— Quem é *ela*?
— Stephany? — Questiono sem demonstrar muita importância.
— Quem mais seria? — Ela debocha.
Suspiro e resolvo encarar de vez esse assunto.
— Irmã do rapaz que eu vou enfrentar amanhã.
— E por que pensa tanto nela?
— Eu não penso nela.
— Se não pensasse, não falaria o nome dela durante o sexo com a Maire.

Tenho que admitir, ela está certa.
— Aconteceu. — Dou de ombros. — Eu estava preocupado com ela, apenas isso.
— Você tem desejo por ela?
— Não.

Não sei. Talvez. Stephany é bonita, gostosa, mas não deve se meter no meu caminho, ou melhor, na minha cama ou em qualquer outro canto que nos permite algo mais que conversa. Melanie remexe a boca de um jeito estranho, mas bem conhecido por mim e eu não gosto. Ela só faz isso quando não está satisfeita com algo e eu sei que ela não está satisfeita com as minhas respostas.

— Ela é bonita?
— Linda. — Respondo sinceramente.
— Mais do que a Maire? Bem mais do eu?
— Cada uma vocês têm uma beleza única. — Declaro. — Você é linda e de alma também, Maire é linda e inteligente.
— E a Baker?
— Simplesmente linda de corpo e... eu não posso falar muito dela, não a conheço muito bem.

Melanie simplesmente enfia a cara no celular a procura de algo e abre a boca em surpresa. Ela vira o aparelho na minha direção e eu paraliso. Stephany Baker acabou de postar uma foto no Instagram. É visível que ela está na festa e ainda por cima usando a fantasia de malévola. As suas coxas grossas estão expostas por causa do comprimento curto do vestido e os seus

fartos seios estão sendo apertados pelo decote. Melanie volta o celular para si mesma e continua a investigar o Instagram da Baker.

— Bonita e jovem, bem mais jovem que você.

— Ela tem vinte anos, eu acho.

— E você está interessado nela.

— Não.

— Não foi uma pergunta.

Eu sei que não, mas não vou afirmar algo que é mentira. Enfim ela larga o celular e volta a sua atenção para mim.

— Já chega desse assunto?

— Me conta mais coisas. — Ela pede.

— Não tem nada mais para eu te contar e nem para você saber investigando da sua forma, seja lá qual for.

— Qual o seu interesse nela? — Melanie questiona.

— Não existe nenhum interesse. — Resmungo. — E você já me perguntou.

— Não minta, isso eu me refiro a mentir para si mesmo. E eu perguntei se você tinha desejo e é diferente de interesse.

— E você, já resolveu a sua vida em relação ao seu casamento com o Denner?

— Talvez a minha embriagues te dê alguma dica sobre o assunto.

— Converse direito comigo sobre isso, Melanie.

Ela suspira e entrelaça as mãos no colo.

— Eu conversei com o meu pai e expliquei que eu não me sinto bem nessa possível união com o Denner.

— E o que o seu pai disse?

— Ele ficou feliz, pois nunca gostou do Denner.

— Mesmo assim, o que vale é a sua decisão.

— Eu não quero e não vou. A nossa única união é de forma profissional.

— E você já conversou com ele?

— Sim, está tudo bem.

— Ainda bem, senão, ele teria que lidar com a minha proteção por você.

Ela sorri, eu abro os meus braços e em segundos ela está com o corpo colado no meu. Beijo o topo da sua cabeça e a abraço. Melanie é uma garota

forte e destemida, só que ela também precisa de cuidados e carinho. Eu não sei muitas coisas que aconteceram com ela nesses últimos anos, mas sinto que ela esteve desamparada por muitas vezes.

— Eu tenho que ir, já estou aqui há muito tempo.

— Se quiser, pode ficar.

— É melhor eu ir, passei o dia sumida de casa.

— Quer que eu te acompanhe?

— Não é necessário. — Ela sorri e dá um beijo no canto da minha boca. — Boa noite, esquentadinho.

— Boa noite, Morgan.

Ela para perto da escada, olha para mim por cima do seu ombro e eu seguro o riso da sua expressão; séria.

— Me-la-ni-e!

— Tchau, Melanie/Morgan.

[...]

Abro os meus olhos e estico os meus braços sobre a minha cabeça. Depois que a minha ex-namorada foi embora eu vim para o meu quarto e acabei caindo no sono. Olho no relógio em meu pulso, vejo que já se passam da meia noite e eu consegui descansar um pouco nesse curto espaço de tempo. Estico os meus braços sobre a minha cabeça mais uma vez e bocejo. Tateio a cama em busca do meu celular e assim que eu o encontro vejo que tem algumas notificações. Melanie me avisando que já chegou em casa. Maire me avisando que está tudo bem no Fight. Já no Instagram, a primeira coisa que aparece, ou melhor, a primeira foto é a da Stephany, por mais que ela tenha postado há algum tempo.

*‘Devo alertar: a sua foto é provocativa
para as mentes masculinas.’*

Deixo o celular sobre a cama, vou ao banheiro e lavo o meu rosto. Saio do quarto, observo brevemente o segundo andar e desço para o primeiro. Todos já devem estar dormindo, eu nem sei quem fará a ronda da noite e só agora percebo o quanto distante eu estive de toda monitoração. Vou rumo a sala dos seguranças, encontro o Ian e o Gael dormindo – cada um em um sofá

—, então eu passo sem fazer barulho e encontro o Torres sozinho em frente aos monitores.

— Está sozinho aqui? — Questiono suavemente.

— Eu mandei dois irem fazer a ronda, senhor. — Ele informa.

— E está tudo bem?

— Sim, senhor. Deseja alguma coisa?

— Não, apenas vim ver como estavam as coisas já que eu não fiz isso o dia inteiro.

— Me desculpe falar, mas se o senhor tem confiança, não deveria se preocupar em ficar vindo aqui verificando a cada segundo.

Se eu ainda fosse o antigo Eduard ficaria puto com esse modo que ele acabou de falar, mas eu apenas sinto que devo ignorar e mostrar que não sou como antes.

— Eu sei e confio, mas é apenas um costume.

— Entendo.

Por mais que eu confie na competência de todos, em o Torres ser o chefe da segurança, eu queria mesmo o Dylan aqui, mas eu sei que isso será extremamente complicado. Vou diretamente para a cozinha, bebo um pouco de água e vejo um livro aberto sobre o balcão. Me aproximo e leio com atenção. É uma receita, a mesma do bolo que a Melanie comentou que comeu no meu último aniversário que ela esteve presente. Será que a Lisa pensou na possibilidade de fazê-lo? Ao pensar naquele bolo me lembro de como a minha mãe estava naquele dia e a saudade faz o meu peito doer. Fecho o livro com força, esfrego o meu rosto entre as mãos e decido voltar para o meu quarto. Fecho a porta, retiro a minha roupa e me deito apenas de cueca boxer. Jogo o edredom sobre o meu corpo e pego o meu celular. Stephany me respondeu, algo que eu achei que iria demorar a acontecer.

‘Para outras mentes ou para a sua?’

Essa garota é muito abusada. Maneio a cabeça para os lados e mantenho a minha atenção no aparelho em minhas mãos.

‘E isso importa? NÃO!’

Respondo à pergunta dela, mas para mim mesmo; principalmente para

a minha, mas eu não estou dando atenção as imagens que a minha mente insiste em criar.

‘Então já que a resposta não veio, eu tiro a minha própria conclusão: Sim, exatamente para a sua mente. Confesse, é mais bonito.’

É melhor mudar de assunto, a que continuarmos e essa conversa tomar um rumo que não deve.

‘Não vou confessar algo só porque você quer, Baker. Enfim... você está melhor? Já está mais calma em relação a cirurgia?’

Em um pouco mais de um dia ela fará a cirurgia e eu espero que esteja calma, além de desejar que der certo.

‘Sim, eu estou melhor e estou calma, mas eu só estou assim porque não estou pensando nela.’

E quando mais o momento se aproximar mais ela vai pensar e principalmente, se preocupar. O bom que hoje ela saiu para se divertir, e eu devo estar a atrapalhando.

‘O quanto mais calma ficar, melhor. Bom, eu vou deixar você aproveitar a sua festa em paz.’

Ao contrário dela, eu não gosto de festas e prefiro estar exatamente fazendo isso aqui; deitado em minha cama, no silencio absoluto. Só que, eu não vou voltar a dormir, eu vou esperar a Maire chegar e vou querer saber tudo sobre o Fight.

‘Não estou na festa, e sim em casa.’

Mas já? É cedo para ter saído da festa e decido estar em casa, trocando mensagens.

‘Jovem do jeito que é, deveria aproveitar mais.’

Eu nunca gostei dessas coisas; festa, balada e etc... sempre gostei de lugares mais tranquilos. Eu sei que o Fight e locais do tipo, não são tranquilos, mas são muito melhores do que festas, lá não tem pessoas se esbarrando, dançando e praticamente transando em público.

‘Você também é jovem e deveria aproveitar mais.’

Eu curto, mas é bem diferente do jeito que ela gosta e faz.

‘Não gosto. Prefiro ficar em casa.’

Deus me livre ter que sair de casa para ir a um lugar cheio de pessoas com hormônios a flor da pele.

‘Você é um poço de segredos.’

Stephany Baker pode até estar certa, mas ela também é um poço de segredos. Nas poucas vezes que nos encontramos percebi que a tristeza dominava o seu olhar, algo que faz doer até o fundo da alma dela. E isso atraiu a minha atenção logo de início, mas eu tentei ignorar.

*‘E eu vejo algo no seu olhar, que é similar
ao qual existe no meu. Será que algum dia
eu matarei a minha curiosidade ao saber o que é?’*

A resposta não vem de imediato, então eu bloqueio a tela do meu celular e saio da cama. Apoio os meus braços na sacada, olho para cima e observo o céu. Hoje tem poucas estrelas, o vento frio bate contra o meu corpo e os meus pelos ficam arrepiados. Apesar de estar praticamente sozinho nessa enorme casa, eu não me sinto sozinho interiormente, como eu já me senti muitas vezes. É uma paz enorme saber que eu posso ter – enfim – paz diária nesse lugar, que a minha irmã pode agir e viver como ela bem deseja. Ouço dois toques na porta do meu quarto e eu ando em sua direção. Espero que não

seja nenhum tipo de problema a essa hora.

— Oi, Ed. — Maire sorri.

— Oi. Como foi no Fight? — Questiono.

— Muito tranquilo.

— E saiu de lá cedo, né?!

— Anthony me dispensou por hoje.

— Por quê?

Se ele estiver fazendo isso por pura implicância com a minha decisão, teremos que ter uma bela conversa.

— Hoje teve poucas lutas, apenas três e foram tranquilas. Então os meus serviços não eram necessários por mais tempo.

— Apenas isso?

— Sim. — Ela responde intrigada. — Eu já vou ir dormir, tudo bem?

— Tudo, Maire.

— Boa noite, Ed.

Ela se inclina em minha direção, dá um beijo na minha bochecha e vai rumo ao quarto de hóspedes. Eu fecho a porta, volto a me deitar e fecho os meus olhos. Não posso deixar passar de amanhã para resolver algumas coisas, tenho que falar com o Achilles e conversar com a minha irmã sobre o Fight. Ah, e claro, conversar também com a Quinn após falar com o nosso advogado. Com certeza o meu pai deixou alguma coisa para a minha ex-madrasta e eu darei, mesmo tendo certeza de que a Emily será contra. Sinto o meu celular vibrar, eu o pego e solto um pequeno suspiro.

*‘E você vai me contar o que
esconde atrás do seu olhar?’*

Ela quer saber que o meu pai me obrigava a fazer muitas coisas erradas, agir de uma forma que eu não achava correto e quase arruinou completamente a minha vida?! Eu tenho certeza de que todos já tem noção do quão ruim o James foi enquanto desfrutou dos seus anos de vida.

*‘Você está tentando fazer uma troca? Injusta.
Aliás, eu tenho certeza de que você não suportaria
ouvir tudo que eu tenho guardado.’*

Eu nem se quer contei algumas – muitas – coisas para a minha irmã, quem dirá contar para a Baker, uma garota que eu ainda estou conhecendo.

‘O meu também é difícil de ouvir.’

É visível que nem um de nós dois vamos tocar no assunto que tanto nos afeta, ou melhor – pior –, que já nos afetou. Percebo que já se passam dá uma da manhã e decido encerrar a conversa.

‘Talvez um dia eu possa ouvir. Ei, já está ficando tarde, você deveria ir dormir.’

Por mais que eu goste de conversar com ela – algo que ainda me surpreende –, não devemos pegar muito esse costume.

‘Vou seguir o seu conselho, já que amanhã farei uma pequena viagem.’

Me pego curioso para saber mais, e quando me dou conta, já enviei uma nova mensagem.

‘Viagem? Desculpe a intromissão, mas para aonde? O seu irmão irá lutar no domingo ou vai dar a vitória por WO?’

Oliver jamais me daria a vitória por WO, e eu jamais iria querer isso. Se é para ter um vencedor, que seja através de uma luta muito justa.

*‘Eu não sabia que ele vai lutar.
Ele jamais daria um WO!
E respondendo a sua pergunta, nós vamos para Santa Maria, para a casa dos nossos pais.
Eu não queria, mas não posso fugir disso.
P.S: Você sabe quem é o adversário?’*

Se ele não contou, não sou eu que vou contar. Oliver já não vai muito com a minha cara, quem dirá agora que eu troco mensagens com a sua irmã... Eu não quero criar mais atrito com ele, ainda mais o fazer brigar com a própria irmã.

‘Por que não quer ir visitar os seus pais?’

Será que o pai dela também é um babaca como o meu foi? Aliás, ninguém na face dessa terra pode ser igual ou pior do que James Lewis.

‘Eu quero ver a minha mãe, mas não quero ver o meu pai, não me dou bem com ele.’

Por que a maioria dos pais são babacas e agem de forma péssima com os filhos? Se algum dia – mas é algo que eu não desejo – eu seja pai, eu jamais vou agir de forma péssima, ruim, ou qualquer outro tipo com o meu filho.

‘Temos algo em comum, eu também não me dava bem com o meu pai e ainda bem que ele morreu.’

Só agora percebo a quão pesada foi essa mensagem e decido encerrar a conversa de uma vez. Não quero entrar no assunto que me deixa mal, muito menos perder uma possível, boa noite de sono por causa do falecido. Além disso, ela irá viajar amanhã bem cedo.

*‘É melhor você ir dormir.
Boa noite, Baker.’*

Saio do aplicativo de mensagens e apenas visualizo a mensagens da Baker pela barra de notificação.

‘Boa noite, Lewis.’

Bloqueio a tela do meu celular e penso nas perguntas que a Melanie me

fez; eu sinto atração pela Baker? Eu não sei, talvez a resposta seja sim, mas por um lado bem banal e apenas canal. Ela é bonita, me lembro das belas curvas que vi e do belo sorriso que ela carrega nos lábios. Só que eu não vejo essa mesma atração vindo da Stephany, talvez seja porque não nos vemos pessoalmente, muito menos conversamos, mas talvez exista e eu só perceba quando estivermos cara a cara. Ao mesmo tempo, eu quero estar enganado e quero apenas ignorar esse desejo, pois vejo que não é certo. Eu mal a conheço, ela é irmã de um dos homens que me odeia – eu pouco me importo com isso – e simplesmente ainda é uma adolescente.

[...]

As mãos suaves passeiam com firmes em minha perna esquerda, os dedos pressionam pequenos pontos de tensão em minha coxa e faz com dedicação uma massagem relaxante em meu músculo. Estou em paz absoluta hoje e desejo que isso continue por mais tempo. Hoje acordei bem cedo, sai para correr e depois fiquei me exercitando no porão. Depois nadei por um longo tempo, almocei na companhia da Maire e voltei para o porão. Só sai de lá quando me dei conta do horário e que já era quase noite. Maire não está aqui em casa, saiu para ir ao salão de cabelereiro e depois já ia diretamente para o Fight. Melanie não apareceu por aqui hoje, apenas me enviou uma mensagem no meio da tarde dizendo que hoje tinha uma sessão de fotos.

— Com licença, senhor Lewis. — Ouço a voz do Ian.

— Pode entrar.

Estou no meu quarto, deitado numa maca de massagem enquanto uma massoterapeuta relaxa os meus músculos para a luta de amanhã.

— Eu só vim informar que o senhor Achilles já chegou e lhe aguarda lá embaixo, na sala de estar.

— Daqui dez minutos eu desço. — Informo o fazendo assentir. — Peça para a Lisa servir alguma coisa para o Achilles.

Ian acena mais uma vez, pede licença e sai do meu quarto. A massoterapeuta termina a sessão, desço da maca e pego a minha carteira sobre o criado-mudo. Pago pelo serviço, a agradeço e entro no banheiro. Retiro a minha cueca boxer, entro debaixo do chuveiro e a água morna termina de me relaxar. Quero estar calmo mentalmente e fisicamente para amanhã. A minha perna esquerda não me dá o apoio necessário para um

combate e sei que isso me prejudica muito. Tomo banho rapidamente, vou para o closet e visto uma roupa casual. Pego o meu celular sobre a cama, vejo que não tem nenhuma notificação que me importa e então eu desço para o primeiro andar. Achilles se levanta do sofá assim que me vê descer o último degrau da escada, eu vou em sua direção e aperto a sua mão.

— Como vai?

— Bem e o senhor? — Ele pergunta de volta.

— Apenas você ou Eduard, por favor. — Peço o fazendo assentir e nos sentamos. — Estou aflito para resolver tudo de uma vez.

— Então vamos lá.

Ele retira da sua pasta marrom alguns papéis, a minha atenção está focada em todos os seus movimentos e eu sinto o meu coração começar a bater mais rápido. Confesso que tenho receio de ter que pagar pelas merdas que o James cometeu. Lisa adentra na sala, serve uma xícara de café para o Achilles e me entrega a outra. Mesmo que eu não tenha pedido nada, ela sabe exatamente o que nos servir a cada momento.

— Quando vamos poder fazer a leitura do testamento? — Questiono.

— Quando quiser, já faz mais de uma semana que tudo aconteceu.

— Segunda-feira?

— Sim, Lewis.

— Que horas?

— Às dez? — Ele pergunta.

— Tudo bem, eu vou avisar a Emily.

Ele acena concordando, relê algumas coisas nos diversos papeis e volta a sua atenção para mim. Eu estou sentado na poltrona aonde James costuma se sentir rei, mas hoje em dia não existe mais isso de alguém ser mais poderoso que o outro. Eu imagino que ele esteja lembrando das vezes que o meu pai esteve aqui, sentado nesse mesmo lugar e distribuindo ordens sobre as suas ilegalidades. Achilles sempre foi o único que demonstrava a sua irritação com tudo que acontecia nessa família, mas continuava a trabalhar para o meu pai por conta de um contrato com a empresa aonde ele trabalhava.

— Como é não ter *ele* aqui? — Achilles questiona.

— É sentir uma paz imensurável.

— Eu imagino. Já é possível sentir uma paz assim que colocamos o pé na porta.

Aceno concordando e solto um longo suspiro.

— Já estava mais que na hora de termos paz.

— Concordo, mas sabe o que eu acho estranho... — Ele murmura e eu lhe encaro. —, a situação que tudo aconteceu. Uma tentativa de assalto, em pleno público praticamente.

— Essas coisas acontecem.

Dou de ombros demonstrando pouca importância e sinto o nó em minha garganta. Não! Eu não posso pensar nisso.

— Acontecem, mas como ele era uma pessoa tão importante, é de se estranhar. — Ele comenta. — Enfim, não estou aqui para isso.

— Não mesmo.

— James deixou um testamento que deveria ser lido após uma semana de sua morte...

— Isso eu sei, o que mais me importa nesse momento é em questão das ilegalidades.

— Sobre isso, eu ainda estou resolvendo. Você já se livrou da máfia, das drogas e armas, os mais fáceis...

— É o que você pensa, pois foi complicado.

— Não tão como tentar fazer com que as merdas do James não recaiam sobre você ou sobre a sua irmã.

— É possível eu levar a culpa?

— É muito provável, Eduard, e até mesmo sobre a sua irmã.

— Puta merda!

Bato as mãos nos meus joelhos e encaro o chão. Tudo pode cair sobre mim, eu não me importo, eu só quero que a minha irmã saia ilesa.

— Vocês não sabiam do tráfico de pessoas, mas vocês assinavam os papéis, sem saber do que se tratavam.

— Eram papéis falsos.

— Vocês assinavam papéis verdadeiros, mas não liam o que estavam escritos realmente, liam apenas do que se tratava e essa parte era falsa.

— Pura burrice a nossa em assinar aquelas merdas!

— Se estressar agora não vai fazer nem uma diferença. — Ele murmura. — Mas eu estou fazendo o possível para livrar vocês, tenho conhecidos que podem me ajudar e eu sei que tudo logo vai se resolver.

— Tudo bem.

Suspiro e esfrego o meu couro cabeludo.

— Eu não tenho muitas coisas a te dizer, então... — Ele dá de ombros.

— Só me responde uma coisa, a Quinn está no testamento?

— Eu tenho quase certeza de que sim, ela tinha uma união estável com o seu pai.

— Emily vai odiar isso. — Resmungo.

— Não podemos interferir no que ele deixou documentado.

— Eu sei.

— Então, o resta é ela aceitar, apenas isso. E é preciso que a senhora Evan esteja presente na leitura do testamento.

Trocamos mais algumas palavras, combinamos tudo certinho para segunda-feira e enfim ele se vai. Eu pego as xícaras sobre a mesa de centro e vou rumo a cozinha. Lisa está encostada no balcão folheando o mesmo livro que encontrei aqui ontem à noite, ela levanta o olhar e percebe a minha presença. Larga o livro e retira as xícaras das minhas mãos. Há essa hora todos já foram dormir, menos a Lisa, como sempre está de prontidão, ainda mais sabendo que Achilles vira aqui.

— Já pode ir descansar.

— O senhor não precisa de mais nada?

— Você, Lisa, já te pedi para você me achar assim.

— Me desculpe. — Ela pede sem jeito.

— E respondendo a sua pergunta; não, eu não preciso de mais nada.

— Então deveria ir descansar também.

— Eu irei fazer isso, Lisa. Estou cansado, mas relaxado, a massoterapia me fez bem.

— E você vai se sair bem na luta amanhã.

— Não coloque muita fé nisso. — Peço.

Ela me direciona um pequeno sorriso e aperta o meu ombro.

— Quando você voltou para cá disse diversas vezes; eu não sou como o meu pai e não vou agir como ele.

— E o que você quer dizer com isso? — Questiono sem entender nada.

— Tenha mais um pouco de fé em si mesmo. O senhor Lewis sempre tentava a cada dia mais fazer você desacreditar de si mesmo e eu ainda vejo que isso é presente em você, mas de uma certeza eu tenho; você vai e já está se livrando de toda a toxicidade que ele implantou em você.

Fico sem saber o que falar, ela retira a mão do meu ombro e se vai após me desejar boa noite. Eu apago a luz e saio da cozinha. As suas palavras estão rondando a minha mente, fazendo com que eu reanalise tudo que já

aconteceu e tudo que mudou desde a morte do James. E em pensar nisso... Não! Eu não posso e nem quero. Todas as escolhas que eu tomei foram para o meu bem e o da minha irmã, e conseqüentemente para o meu sobrinho também. Algumas escolhas que fiz e algumas coisas que já aconteceram comigo serão levados comigo para o caixão, pelo menos é isso que eu desejo. Existem muitas coisas que eu tenho que contar para a minha irmã, mas... eu ainda não me sinto preparado.

[...]

Acordar tarde nunca foi do meu feitio, muito menos dormir por longas horas, mas nesses últimos dias e tenho me sentindo cada vez melhor. Por muitos anos eu não conseguia isso e me prejudicava muito. E hoje eu precisava de um bom sono já que chegou o momento do combate com o Baker, aliás, está chegando. Assim que eu acordei, a primeira pessoa que surgiu em minha mente foi a minha mãe, não sei o porquê, só sei que o meu peito estava apertado de saudade dela, mas era um sentimento de paz e não de dor como foram das outras vezes. Já tomei um café da manhã bem reforçado, sai para correr e quando voltei para casa, dei algumas voltas na propriedade.

Não estou com nem uma preocupação, estou muito calmo e tranquilo sobre ganhar ou perder a luta. Passos os dedos entre os fios do meu cabelo, respingos caem sobre a minha camiseta preta e eu seco os meus dedos no tecido. Entro na sala de jantar, encontro a Maire sentada na mesa e a Lisa está servindo-a. Me sento na ponta, estralo o meu pescoço e direciono um pequeno sorriso para a Lisa. As suas palavras da noite passada ainda rondam a minha mente e eu sinto que estou chegando ao limite com tudo que tenho guardado.

— Que horas você vai para o Fight? — Maire me questiona.

— Só a noite.

Ela acena com a cabeça, mas me olha desconfiada. Resolvo não perguntar o motivo, então eu a ignoro e começo a comer depois que a Lia me serve. Eu sei que todos estão preocupados com essa luta, mas é em vão. Daqui a pouco eu vou ir ver a minha irmã e conversar com ela sobre o testamento, mas não vou contar sobre a possibilidade de pagarmos pelas merdas do James. Ainda preciso ir falar com a Quinn, avisar sobre a importância da presença dela amanhã. Sei que não será nada tranquilo,

principalmente por ter Emily e Quinn no mesmo lugar. Terminei de almoçar, mas continuo sentado, bebendo o meu suco e fazendo companhia para a Maire. Amanhã ela irá voltar para Solvang, não sei exatamente que dia ela irá voltar, mas não vou perguntar, pois ela já tinha me informado, mas eu esqueci. E em pensar naquela cidade monótona, me lembro do Dylan... não falo com ele desde quando sai de lá, e eu desejo muito que ele volte para cá o mais breve possível. Allen nem precisa se preocupar em procurar emprego, pois o lugar dele aqui está garantido e eu tenho uma gratidão enorme por tudo que ele fez por mim e pela Emily.

— Ei... — Ouço a Maire me chamar e eu a olho. —, está tudo bem?

— Sim.

— Está aéreo.

— Estou pensando em alguns problemas.

— Não quero te trazer mais problemas, mas aconteceu uma coisa ontem. — Ela declara baixinho.

— O que aconteceu? — Questiono.

Largo o meu corpo sobre a mesa, cruzo os meus braços em frente ao corpo e a encaro. Maire larga os talheres sobre o prato e solta um longo suspiro.

— Sem querer eu ouvi o Anthony comentando sobre vocês e a morte do seu pai.

— O que ele estava dizendo?

— Estava reclamando, disse que vocês voltaram querendo tomar conta do lugar que ele criou e comandou por todo esse tempo. Também disse que ele tem desconfianças... — Ela suspira. —, esqueça! Essa parte é pura idiotice.

— Diga! Qual a desconfiança dele?

— Que você tem alguma coisa a ver com a morte do seu pai.

Ranjo os meus dentes e maneo a cabeça para os lados.

— O que mais ele disse?

— Nada que eu me lembre de importante.

Anthony tem que manter a boca fechada, parar de tentar de me difamar e vigiar o seu próprio rabo, pois eu vou acabar com a *mamata* dele em roubar o Fight. Eu não me importo se foi ele que construiu aquele lugar, mas fomos nós, os Lewis, que legalizamos as lutas e fizemos o Fight crescer, e muito. Se o Anthony ainda estivesse no controle total, tudo já teria arruinado, pois as

lutas ainda seriam ilegais e os lutadores não teriam tanto prestígio, aliás, eles nem se quer teriam um bom atendimento médico após os combates.

— Eu vou tirar aquele imbecil do Fight. — Murmuro.

— Por que você quer tirar ele de lá?

— Já passou da hora de ele perder qualquer porcentagem do comando.

— Resmungo, ignorando a sua pergunta.

Jô adentra na sala de jantar, retira os nossos pratos após a autorização e a Lisa aparece carregando dois pratos de sobremesa. Olho curioso em sua direção, percebo um pequeno sorriso banhar o canto dos seus lábios e ela nos serve.

— Key lime pie?

— Decidi fazer uma sobremesa hoje, senhor... — Ela encolhe os ombros em forma de desculpas. —, Eduard.

— Era uma das sobremesas favoritas da minha mãe.

Lisa concorda com um aceno, acaricia o meu ombro e sai da sala de jantar. Levo um pedaço até a minha boca e mastigo saboreando. É uma torta limão não muito doce e ainda deixa um gostinho de amargo no final. Em quase todos os domingos, a minha mãe pedia para a Lisa fazer essa sobremesa, como de costume o meu pai reclamava porque não gostava de limão, mas ela nem se quer se importava e o ignorava.

— Eu nunca vou me enjoar disso. — Emily declarou com a boca cheia.

— Não fale de boca cheia, Em. — A nossa mãe a repreendeu, mas sorriu. — É deliciosa e eu também nunca vou me enjoar.

— Eu já lhe informei, Lisa, faça algo diferente para mim. — James resmungou ao empurrar o prato para longe.

— O senhor nunca me informa sobre o que deseja. — Lisa declarou de forma sutil.

— Não seja grosseiro com a Lisa e não custa você experimentar, James! — Minha mãe resmungou o encarando.

— Eu odeio limão. — Ele declarou.

— Ed não gosta de limão, mas gosta da torta. — Ela deu de ombros.

— O problema não é meu se ele quer te agradecer.

— Chega dessa merda! — Exclamei. — Se você não gosta, não come, mas não fica perturbando.

Aquela foi a única vez que o meu pai não disse absolutamente nada sobre o meu afrontamento, ele simplesmente riu e saiu. E aquilo foi bom,

pois o clima ficou mais leve, mas eu ainda queria gritar com ele. Por um lado, a minha mãe estava certa, eu não gostava – ainda não gosto – de limão, e por outro lado o meu pai estava errado, eu não comia a torta para agradar a minha mãe. Eu gosto da torta, mas não gosto de limão... o que de errado tem com isso?! Conheço pessoas que gostam de tal fruta, mas não gostam do suco, e até mesmo ao contrário.

— Eu vou dar uma saída. — Aviso a Maire.

— Você vai...

Então ela se cala e manea a cabeça para os lados. Eu não lhe devo nenhum tipo de explicação sobre a minha vida e sobre o que eu faço ou deixo que fazer. Saio da sala de jantar e vou rumo a cozinha. Digo a Lisa que tudo estava delicioso, peço para ela separar um pedaço, pois eu vou levar para a Emily e vou rumo ao meu quarto. Entro no banheiro, escovo os meus dentes e penteio o meu cabelo. Antes de eu ir ver a Emily preciso passar num lugar e esse lugar é na casa da Quinn.

[...]

— Pode esperar aqui, eu vou chamar a Senhora Evans. — Rum informa.

Apenas aceno, me sento no sofá perto da porta que dá acesso a varanda e olho em volta. Essa casa já deve estar no nome da Quinn e com certeza não consta no testamento. Coloco o meu tornozelo direito sobre o meu joelho esquerdo, me encosto no sofá e espero pacientemente – pelo menos tento – pela minha ex-madrasta. Olhar para ela me faz pensar no maldito do meu pai e principalmente que ela sabe de muitas coisas que não deveria saber.

— Que surpresa, Lewis.

Ouçõ a sua voz e em seguida ela entra na sala de estar. Não fico surpresa em ver que ela continua a mesma, usando roupas elegantes, joias caras e bem maquiada, mesmo que seja para ficar dentro de casa. Em seu corpo tem um vestido branco, justo as suas poucas curvas, com uma fenda na perna esquerda e um vasto decote. Retiro o meu olhar do seu corpo e cruzo os meus braços. Ela não usava muitas roupas decotadas quando estava sendo a namorada modelo.

— Precisamos conversar.

Ela se vira para o seu segurança, o agradece e se senta no outro sofá

após Rum sair.

— Da última vez que nos vimos, você não estava a fim de conversar comigo.

— Não estou aqui para isso. — Resmungo.

Ela cruza as pernas e me direciona um olhar penetrante.

— Está aqui para que então?

— Amanhã acontecerá a leitura do testamento e é preciso que você esteja presente.

— Aonde será?

— Na mansão mesmo.

— Que horas?

— Às dez.

— Certo. — Ela sorri suavemente. — Já avisou a queridinha da sua irmã?

— Apenas apareça e fique a par da leitura do testamento. — Resmungo.

— Tudo bem, Eduard. — Ela suspira. — E como você está?

— Bem.

Me levanto do sofá, enfio as mãos dentro dos meus bolsos e a observo. Quinn já está de pé, muito próxima a mim e eu dou um passo para trás, me afastando.

— Está tudo bem mesmo? Você não está tendo nenhum problema e nem enfrentando os seus demônios interiores?

— Quinn, eu já sou um homem e sei me cuidar sozinho.

— Eu sei, mas me preocupo contigo, ainda mais tendo que dividir o teto com uma desconhecida.

— Maire não é uma desconhecida e você não tem nada a ver com isso.

Ela revira os olhos e em seguida manea a cabeça para os lados.

— Não se envolva com moças interesseiras, você precisa de alguém que te ajude e te faça crescer ainda mais.

— E quem disse que eu preciso de alguém? — Questiono irritado.

— Todo mundo precisa de alguém.

— Todo mundo que se sente insuficiente estando sozinho, eu não me sinto assim. Sou completo estando sozinho ou não.

— Ed, você pode contar comigo se precisar... — Ela solta um longo suspiro e acaricia os meus ombros. —, independente das circunstâncias ou o

que estiver precisando.

— Eu preciso ir embora.

Me afasto por completo do seu toque e saio da sua casa o mais rápido possível. Eu entendi perfeitamente o que ela quis dizer, não vou cair na lãbia da Quinn, e nem ficar remoendo as suas palavras. Cruzo com o Rum assim que passo pelo portão, entro no meu carro e aperto o volante entre as minhas mãos. Ela sabe se persuasiva, mas eu conheço as suas artimanhas e sei muito bem como escapar delas. Apenas uma única vez que eu falhei e simplesmente empurrei essa falha para o fundo da minha memória, mas depois do que ela fez e falou há pouco, me faz lembrar daquilo, mesmo que eu odeie. Por causa do meu pai ter sido governado havia época do ano que ele ficava muito ausente – eu agradecia por isso – e então preferia que a Quinn ficasse na mansão para que ela não se sentisse tão sozinha.

Já era de costume isso acontecer e como a minha irmã nunca gostou dela, era eu que sempre estava por perto da minha ex-madrasta e sempre conversávamos. Por mais que eu não aceite tudo o que o meu pai fez com a minha mãe, principalmente em traí-la, eu tinha apresso pela Quinn. Ela sempre foi uma pessoa muito simpática e amorosa comigo, então era inevitável não ter um pequeno vínculo com ela. Certo dia, pouco antes de toda a catástrofe acontecer entre nós, o meu pai estava afastado de casa há semanas e a Quinn sempre reclamando da ausência dele. Eu estava na sala do segundo andar analisando alguns relatórios, ela se sentou no outro e ficou me olhando em completo silêncio.

— O que você está fazendo, Eduard? — Quinn me questionou.

— Analisando relatórios.

— Que chatice.

Apenas dei de ombros e continue a fazer, mas sentia que o seu olhar ainda estava sobre mim.

— Fale de uma vez, Quinn.

— Largue isso e me faça companhia. — Ela pediu.

— Já estou lhe fazendo companhia.

— Não, não está. Você está com a cara enfiada nessa tela aí.

Revirei os olhos e fechei o meu MacBook.

— O que você quer?

— Fazer alguma coisa. Só temos nós dois nessa casa gigantesca, o seu pai está há semana em Sacramento e a revoltada da sua irmã disse que ia

dormir longe daqui porque não suportava mais olhar para a minha cara.

— Vocês sempre estão discutindo.

— Ela não me suporta. — Quinn deu de ombros.

Naquele momento eu tentei pensar em algo para que fizesse a Quinn sair do meu pé e me deixar em paz, mas nada era eficaz. Era folga de todos da cozinha, principalmente da Lisa, voltariam apenas na manhã seguinte e os seguranças estavam fazendo rondas pessoalmente, pois as câmeras de monitoramento estavam desligadas porque um raio tinha atingido o circuito da casa.

— Vá assistir um filme, ver alguma coisa de culinária ou qualquer outra merda. — Sugerir.

— Eu quero companhia, tenho me sentindo muito sozinha. — Ela murmurou com um bico nos lábios. — Já fiz tanta coisa e nada tira o meu tédio. Já tentei ler revistas e livros, mas não me adiantou nada. Fiz as unhas... — Ela as balançou fazendo com que eu a olhasse, eu apenas dei de ombros e em seguida ela levantou a barra da saia. — Até mesmo depilei os pouquinhos pelos que eu tinha aqui no alto das minhas coxas.

— Não sei o que pode fazer para sair do tédio. — Resmunguei.

— Não seja mal-educado e seja legal comigo, Ed.

— Você não vai sair do meu pé mesmo?

— Não. Eu quero a sua companhia para assistir um filme.

Suspirei e acabei concordando. Coloquei os meus pertences sobre a mesa de centro, bati a mão no interruptor e apaguei a luz. Deixei com que ela escolhesse o filme, já que era ela que estava a fim. Joguei as minhas pernas sobre o sofá e coloquei os meus braços atrás da cabeça. Acabei fechando os meus olhos, tentando relaxar a minha mente, já que eu sentia a minha cabeça pesada. Percebi que ela já tinha escolhido um filme, pois o som preencheu a sala e eu continuei do mesmo jeito. Senti alguém se aproximando de mim e então eu abri os meus olhos.

— Senhor... — Dylan acenou e pediu licença para se aproximar ainda mais. —, está tudo tranquilo e calmo. Deseja algo?

— Não, Allen. Apenas deixe alguns seguranças em postos fixos e os demais podem ir descansar.

— Sim, senhor. — Ele acenou mais uma vez e olhou para a Quinn. — Boa noite, Senhora Evans.

Ela apenas direcionou um pequeno sorriso para ele e o observou se

afastar. Após longos segundos o seu olhar recaiu sobre mim e eu permaneci em silêncio.

— Quer alguma coisa para beber? Eu vou ir pegar uma taça de champanhe para mim.

— Eu não quero nada.

— Nem me acompanhar no champanhe?

— Eu não bebo nada alcoólico, Quinn.

Ela fez um som estranho com a boca, saiu do sofá e desceu para o primeiro andar. Então eu voltei a fechar os meus olhos, não sei por quanto tempo isso aconteceu, só me lembro que eu abri os olhos quando eu senti alguém tocando em meu abdômen. Quinn estava sentada ao meu lado, ela me ofereceu o copo que segurava e eu percebi que era suco. Aceitei de bom agrado, por mais que eu tenha avisado que eu não queria. Sem que eu esperasse, ela se sentou mais espaçosa quando eu retirei as minhas pernas do sofá e bebeu pequenos goles do seu champanhe. Eu bebi um pequeno gole do meu suco e em segundos coloquei o copo vazio sobre a mesa de centro, voltei a colocar as mãos atrás da minha cabeça e observei a Quinn. Ela não deveria ter se envolvido com o meu pai por diversos motivos.

— O seu pai odeia assistir filmes. — Ouvi ela comentar.

— Ele não gosta de nada e nem de ninguém além dele mesmo.

— Pior que você está certo. — Ela murmurou ao me olhar.

Quinn voltou a olhar para frente, largou a taça sobre a mesa de centro e se encostou em mim. O calor do seu corpo se misturava com o meu, mas eu estava tenso com essa aproximação. Não sabia o que ela deseja com aquela proximidade toda e se eu desconfiasse do que estava por vir... teria me afastado. Maneio a cabeça para os lados, ligo o meu carro e acelero rumo ao apartamento do Turner. Assim que chego à avenida principal me enfio no meio de um congestionamento e bufo por causa da minha escolha. Deveria ter indo por entre os bairros, faria um caminho mais longo, mas escaparia do trânsito.

Volto a pensar nas palavras da Quinn e sem querer, volto a mergulhar naquela lembrança... que deveria estar esquecida no fundo da minha memória. Longo tempo se passou, o filme estava envolvente e a Quinn continuava no mesmo lugar. Naquele momento, a minha cabeça começou a girar, meu estomago embrulhar e eu já não conseguia ter pensamentos concretos.

— Você está quente, Ed. — Ela comentou ao se virar de frente para mim. — Está com calor?

— Si-sim, eu acho. — Resmunguei.

Sentia moleza na língua e no corpo, e não conseguia entender o motivo daquilo. Tentei afastar a Quinn de mim, mas não tinha forças para mover um dedo se quer.

— Eu te ajudo.

Observei as suas mãos subirem pelas minhas pernas, passarem suavemente sobre a minha virilha e em seguida segurou na barra da minha camiseta. A peça saiu facilmente do meu tronco, voou para o chão e os dedos da Quinn começaram a dedilhar a minha pele. Em seguida a sua boca encostou em meu maxilar e se arrastou pela pele do meu colo.

— O que... o que você está fazendo?

— Nada demais. Estou apenas te relaxando.

Ouçó algumas buzinas soarem ao meu redor, volto a minha atenção para o trânsito e percebo que fluiu um pouco. Aproveito a minha chance e saio da avenida ao entrar numa rua lateral. Batuco os dedos no volante e fico atento a cada mínima movimentação, fazendo com que eu não volte a mergulhar em meus pensamentos. Olho para o banco ao meu lado, a caixa com um pedaço da torta está devidamente aqui e eu tenho certeza de que a Emily vai gostar.

Em pouco menos de quinze minutos estaciono em frente ao prédio do Turner, pego a sobremesa e desço do carro. Aciono o alarme, olho para cima e sorrio suavemente ao lembrar da vez que eu vim aqui durante a noite e flagrei a Baker me olhando. Passo pela portaria, subo pela escada de emergência e vou rumo a nova morada da minha irmã. Olho para o apartamento atrás de mim e me lembro que *ela* estaria na casa dos pais ontem, mas não sei se já voltou. Ignoro isso e toco a campainha.

— Oi, clone.

Emily sorri assim que me vê e me abraça. Dou um beijo no topo da sua cabeça, ela olha curiosa para a minha mão, mas não pergunta nada. Entro no apartamento, ouço diversas vozes e torço para que nenhuma seja do *amante*. Olho na direção da sala de estar, vejo o Dominic sentado num sofá e o Oliver está na janela junto com Penélope. Olho para o outro sofá, vejo a Ayla e ao lado dela a Stephany. Não é surpresa que eles já estejam de volta a Los Angeles, o Baker jamais me daria uma vitória por WO. Eles estão

conversando sobre relacionamento e percepções, então eu apenas ignoro. Entro na cozinha, deixo a caixa sobre a mesa e ouço a Emily me chamar.

Volto para a sala, brinco com o meu sobrinho e sorrio. Ele está crescendo muito rápido e apesar de ser bom, é ruim ao mesmo tempo. Não é o meu filho, mas eu tenho um amor duplo por ele, como sobrinho e filho. Ouço o Oliver e a família se despedir de todos, e pela primeira vez desde o momento que eu cheguei aqui, o meu olhar se cruza com o da Baker, mas ela não é o meu foco no momento. Eu preciso falar com o Oliver sobre a nossa luta. Eles saem do apartamento, eu saio atrás e o chamo. As meninas param na porta do apartamento deles, Oliver e Penélope no meio do corredor.

— Plateia. — Debocho. — Eu quero falar com você, Oliver.

Ele direciona um olhar para as irmãs, a Ayla entra no apartamento e a Stephany continua parada no mesmo lugar. Ela revira os olhos e acaba cedendo ao pedido ou ordem silenciosa do irmão. Penélope não se afasta, ela cruza os braços e me encara friamente. Oh minha querida, esse seu olhar não significa nada para mim.

— Diz logo, Lewis.

Eu encaro a Penélope mais uma vez, e enfim prendo a minha atenção no Oliver.

— Hoje, dentro daquele octógono eu vou deixar as nossas diferenças de lado e vou fazer uma luta justa.

— Eu vou fazer o mesmo. Dentro do octógono eu sou um lutador, Eduard.

— Por que eu percebi que isso soou como uma provocação? — Questiono irritado. — Quero uma luta limpa, esqueça tudo que já aconteceu entre a minha família com o Turner e o que eu fiz de ruim com a minha irmã... Ah, e até mesmo em eu conversar com a Stephany.

Vejo a sua mandíbula tensionar e franzo o meu cenho. Ele apenas acena e vai rumo ao próprio apartamento. Eu volto para o da minha irmã, fecho a porta e vou para a sala de estar. Me sento no sofá livre, a minha irmã me entrega o meu sobrinho e se senta ao lado do namorado. É visível o cansaço através da sua expressão, mesmo que ela tenha ajuda do Turner para cuidar do filho.

— Foi conversar com o Oli sobre a luta? — Emily me pergunta.

— Sim, será uma luta justa, sem inclui as coisas daqui de fora.

— Eu já tinha noção que seria assim.

— Não seria justo problemas de o passado invadir o octógono e interferir em nossa luta e principalmente por eu conversar com a irmã dele.

— Me lembro da expressão que ele fez ao ouvir que eu converso com a Stephany. — Eu acho que ele não sabia.

— Do que? — Ela pergunta confusa.

— Que eu converso com a Stephany.

— Por que você acha isso? — Dominic me pergunta.

— Porque a mandíbula dele travou e ele apenas acenou, antes de voar para dentro do apartamento.

— É, ele não sabia. — Dom afirma.

Dou de ombros fingindo que não me importo, mas fico preocupado na possibilidade que ele brigue com a Stephany.

— O que você trouxe naquela caixa? — Emily questiona.

— Um pedaço de key lime pie, a Lisa fez hoje.

— Fazia anos que eu não comia.

Ela vai rumo a cozinha bem animada, a ouço mexer em diversas coisas e fico feliz em ver como a minha irmã ficou ao ganhar um pedaço da torta que lembra a nossa mãe. Em poucos minutos ela volta para a sala segurando um pratinho e já mastigando um pedaço.

— Eu conversei com Achilles. — Anúncio.

— Tudo já está resolvido?

— Amanhã às dez, lá na mansão acontecerá a leitura do testamento.

— Ele tinha uma porcentagem da herança da nossa mãe... — Ela comenta pensativa.

— Tudo que ele tinha está naquele testamento, também tudo que ele ganhou.

— Mas ele não incluiu apenas vocês no testamento, não é? — Turner questiona.

— Não...

— Aquela vaca da Quinn não vai levar nem um talher se quer! — Emily exclama.

— Se ela tiver inclusa ao levar algo, não podemos impedir.

— Eu entro na justiça contra aquela vaca.

Suspiro e decido não discutir com a Emily. Observo o Dominic avisar a minha irmã que ele vai ir tomar banho, pois pretendo ir para o Fight daqui a pouco com o Oliver e ela apenas acena concordando. Percebo que o Andrew

está cochilando em meus braços, eu o coloco no carrinho e o deixo perto da mãe. Pego o meu celular dentro do meu bolso, abro o aplicativo de mensagens e procuro o número da Baker. Com o irmão dela indo mais cedo, é possível que a gente converse.

*‘O seu irmão vai para o Fight
daqui a pouco e então se você
ainda quiser conversar, nós vamos.’*

Ela apenas visualiza segundos depois e eu fico intrigado com isso. Ela não tem motivo para ficar com raiva de mim só porque eu comentei para o irmão dela sobre a nossa proximidade, aliás, ela nem se quer deveria ter escondido dele. Todos sabem da ira dele contra mim e ela ter feito isso, aumentou mais um pouco.

— E sobre as ilegalidades? — Emily me questiona.

— Achilles ainda está resolvendo.

— É possível que recaia sobre nós?

— Não.

Prefiro omitir, pois se for preciso que alguém arque com essas merdas, que esse alguém seja eu, apenas eu. Emily está construindo uma família e não deve ser atrapalhada, interromper a sua vida para pagar por algo que não era nosso. Tudo bem que também não é justo que eu pague por aquilo, mas eu irei pagar, apenas para livrar a minha irmã.

— Maire ainda está na mansão?

— Sim, mas amanhã ela já está de volta a Solvang.

— E o trabalho dela no Fight?

— Continua sendo dela. — Declaro. — Maire vai apenas ir buscar algumas coisas e quando voltar, vai direto para o apartamento que ela alugou.

— E a Morgan?

— Não vejo a Melanie desde sexta-feira.

— Ed... — Emily prende o seu olhar em mim. —, eu não quero me meter em sua vida, mas você está se relacionando com as duas?

— Não, e eu não acho isso certo, Em.

— E sobre a Stephany?

— O que que tem? — Questiona.

Emily me direciona um pequeno sorriso e dá de ombros.

— Você tem algum interesse por ela?

Não respondo nada, pois não sei o que falar e aponto para trás dela com o queixo. Dominic vem em nossa direção, dá um beijo na testa da namorada e beija a mãozinha do filho. Ele avisa que já está indo para o Fight com o Oliver e que espera ela lá. Em seguida aperta a minha mão e sai do apartamento. Confiro o meu celular, vejo que a Stephany ainda não me respondeu e entendo que ela não quer falar comigo. Emily me chama e refaz a pergunta.

— Não.

— Não minta para mim.

— Não estou mentindo.

— Você se aproximou dela mesmo sem conhecê-la, estão criando um vínculo, uma amizade e... — Ela dá de ombros. —, pode existir um interesse que ainda está mascarado ou que vocês fingem não enxergar para que não precisem assumir.

— Você está errada.

— Veremos.

Reviro os meus olhos e no mesmo segundo sinto o meu celular vibrar.

‘Estou saindo do apartamento.’

— Tenho que ir. — Anúncio e dou um beijo na têmpora da minha irmã.
— Nos vemos mais tarde.

— Por que tanta pressa?

— Nada demais.

Retiro pequenas mechas do cabelo do Andrew de sua testa, digo a minha irmã que eu a amo e saio do apartamento. Decido esperar a Baker em frente ao elevador e em segundos ela para ao meu lado. Stephany simplesmente aponta para a escada de emergência, sai andando e eu a sigo. Prefiro ficar completamente em silêncio, pois sinto que não estamos num clima agradável. Será diferente conversar com ela assim, pessoalmente, estamos acostumados a conversar apenas por mensagens. Antes que possamos chegar no térreo, ela para e eu a encaro.

— O seu irmão sabia que você troca mensagens comigo? Pois ele fez uma cara ao quando eu comentei...

— Ele não sabia.

— Que merda! — Resmungo. — Você só me enfia em encrenca.

— Eu? — Ela questiona e ri falsamente.

Suspiro e coço a minha barba. Parece que ela quer voar em cima de mim e me bater. Não entendo o porquê. O motivo do seu irmão saber da nossa proximidade não é motivo suficiente para esse desejo visível.

— O que você quer conversar comigo? Podemos ir à cafeteria daqui na frente.

— Pode ser.

Terminamos de descer a escada, atravessamos a rua e entramos na cafeteria. Escolho a mesa do canto, bem ao lado da janela, de aonde é possível ver o meu carro e a garçonete vem nos atender. Peço apenas um suco, a Stephany um café e enfim ficamos sozinhos. Percebo o seu olhar fixo em mim e ela engole em seco. Já estou ficando impaciente comigo, se temos que conversar sobre algo que seja logo e algo que não me deixe estressado.

— Eu não posso demorar, Stephany. Tenho uma luta ainda hoje.

— Contra o meu irmão.

— Sim.

— Por que não me contou antes?

— Eu simplesmente não contei. — Dou de ombros.

Não era obrigação minha contar. Ela respira fundo e ajeita a sua postura.

— Eu fiquei sabendo sobre o que você já fez.

Franzo o cenho e me encosto na cadeira.

— O que? — Questiono.

— Que você agredia a sua irmã, que você era uma pessoa ruim e isso foi por influência do seu pai.

Putá que pariu! Eu não esperava que *isso* fosse o maldito assunto dessa conversa.

— E você simplesmente está aqui... conversando comigo?

— Por que eu não estaria? — Ela questiona. — Você acha que eu iria te julgar ou me afastar?

— Não seria surpresa para mim se isso acontecesse.

Quem não julgaria tudo que eu fiz... até mesmo a escolha que eu tive sobre nos dar a liberdade de voltarmos para Los Angeles?!

— Eu conversei com a sua irmã e acredito que você tenha mudado. Que você seja uma outra pessoa.

— Ninguém muda cem por cento, ninguém se torna bom dessa forma.

— Você tem demônios do passado por causa do seu pai e eu tenho os meus, então isso pode significar que eu também não posso ser uma pessoa cem por cento boa.

A garçonete coloca os nossos pedidos sobre a mesa e se retira novamente. Eu sei o quão errado foi o que eu fiz, também sobre a escolha que eu fiz para nos ajudar e se eu pudesse mudar alguma coisa seria o meu passado, eu jamais iria bater na Emily e muito menos ser conivente com as atitudes do meu pai. Observo o movimento do lado de fora da cafeteria enquanto bebo o meu suco calmamente.

Sim, eu preciso me manter calmo, mesmo que eu já esteja acostumado com essa merda toda, mas eu não esperava que isso tudo envolveria a Stephany tão cedo. Nem nos conhecemos direito, começamos a conversar há poucos dias e ela já sabe da grande merda da minha vida. Eu tenho demônios horríveis do passado, mas sei que ela também tem e tenho certeza de que eles têm a ver com o seu pai. Sempre os malditos pais que fodem com a vida dos filhos.

— Quais são os seus demônios?

— Quais são os seus? — Ela questiona de volta, ignorando a minha pergunta.

Me inclino sobre a mesa e agradeço mentalmente ao olhar para o meu relógio.

— Eu preciso ir. — Anúncio. — Você vai ir assistir a luta?

— Eu... — Ela pensa por longos segundos e acaba acenando. —, vou sim.

— Nós vemos lá, então.

Jogo alguns dólares sobre a mesa e saio. Sei que essa conversa vai continuar em algum momento e então que ele seja após a minha luta.

[...]

CAPITULO DOZE

*Não se preocupe, não se preocupe, criança
Veja, o céu tem um plano pra você
Não se preocupe, não se preocupe agora
[...]*

*Eu conheci uma garota diferente
Governávamos o mundo
Pensei que nunca a perderia de vista
Nós éramos tão jovens*

John Martin – Don't You Worry Child

— Nervoso? — Ouço a Emily me questionar.

— Não.

— Mas eu estou. — Ela confessa.

— É desnecessário.

Ela suspira, acena e termina de colocar a atadura na minha mão esquerda. Já estou devidamente preparado para subir naquele octógono e deixar acontecer o que tiver para acontecer. Eu preferi não me preparar mais um pouco, e sim relaxar, ficar o mais leve possível e descansar os meus músculos, muito ao contrário do Baker. Treinou muito hoje, desde o momento que chegou aqui e creio que ainda esteja, mesmo que falte poucos minutos para a luta começar. A porta da sala aonde estou se abre, olho em sua direção e observo o Anthony entrando no ambiente. Emily lhe direciona um sorriso falso e revira os olhos sem que ele veja. O tempo dele aqui está contado e em poucos dias ele sairá daqui.

— Vim desejar uma boa luta...

— Não era preciso. — Resmungo enquanto coloco as minhas luvas.

— E avisar que as apostas foram grandes, setenta por cento apostaram em você.

Fico levemente surpreso, mas sorrio vitorioso, mesmo que no fundo eu sinta que não serei eu a sair daqui com uma grande quantia.

— Qual o valor? — Emily questiona.

Não precisamos de nenhum centavo dessas lutas, mas queremos saber apenas para nos manter a par de cada detalhe.

— Alto. — Anthony resmunga. — Um minuto, Lewis.

Ele sai fechando a porta e a Emily dá um soco na mesa aonde tem alguns aperitivos. Isso me faz lembrar da noite que a minha mãe foi morta, a faca que ocasionou tudo estava numa mesa parecida com essa e justamente na sala aonde o Turner se preparava.

— Esse maldito já embolsou boa parte das apostas. — Minha irmã resmunga.

— Eu tenho certeza disso.

Bebo um pouco de água, respiro fundo e saio da sala acompanhado da minha irmã. Dou um beijo em sua testa assim que paramos perto da escada

que dá acesso aos camarotes, ela me abraça apertado e me deseja boa sorte. Eu só aceitei participar dessa luta para cumprir algo que eu prometi desde o ano passado, eu nem fazia e ainda nem faço muita questão de lutar contra eles, só sugerir por pressão do meu pai, mas de uma coisa é certeza, eu jamais vou abrir mão de lutar contra o Brown. Eu quero ter o prazer de arrebentar a cara daquele babaca, tirar o sorrisinho depravado que ele carrega no canto dos lábios. Balanço a cabeça para os lados e respiro fundo mais uma vez.

— Como todos já sabem, essa noite teremos um ótimo combate! — Anthony ri animado. — De um lado, um lutador promissor, determinado e poderoso.

— Lewis! — Ouço alguém gritar, mas não faço questão de procurar quem é.

— Com vocês, Eduard... Lewis! — Anthony anuncia.

Sou ovacionado por todos enquanto passo pelo corredor humano, sinto várias mãos tocam em mim e aceno para algumas pessoas. Subo no octógono, o meu nome continua sendo ovacionado e eu sorrio para valer. Sinto uma corrente elétrica percorrer o meu corpo e só agora eu percebo o quão eu senti falta disso, de estar aqui no centro de tudo, sendo ovacionado por todos e animado, como eu nunca estive antes.

— Do outro lado, um lutador forte, rápido e campeão. — Anthony informa e sorri debochado. — Oliver... Baker!

Agora é a vez dele de ser ovacionado e eu aproveito para dar uma olhada no público. Eu posso estar errado, mas tenho quase certeza que está tendo lotação máxima hoje e isso é incrível. Me faz sentir acolhido e querido lutador. Fixo o olhar num lugar bem no canto e no fundo da arquibancada, e reconheço de imediato que é a Baker. Ela disse que viria, mas está tentando passar despercebida, além de estar tentando se esconder o máximo possível. Olho na direção do corredor humano e no final dele vejo a Maire. As suas mãos estão juntas diante do seu peito e o seu olhar demonstra preocupação. Suspiro e ignoro tudo, decidido a focar apenas nessa luta. Oliver bate o seu punho contra o meu, o juiz relembra as regras e autoriza o início do nosso combate. Nos distanciamos e eu percebo que o Oliver está esperando o meu ataque. Ele conhece os meus pontos fracos, deve estar esperando a minha primeira falha para avançar.

Estamos numa boa distância um do outro, giramos no octógono e a irritação começa a tomar conta de mim. Ele está tentando me desestabilizar

logo nos primeiros segundos, tentando me fazer cansar e me fazer partir para cima dele primeiro, mas eu não vou cair no seu jogo. Me mantenho concentrado e calmo, e então decido partir para cima. Direciono um jab e um direto, mas ele desvia e sorri debochado. Eu faço questão de dá um soco no meio desse sorrisinho idiota. Ele tenta me acertar com um jab, eu desvio ao abaixar e agarro as suas pernas. O derrubo no chão e direciono diversos socos em seu rosto, mesmo que ele esteja com a guarda alta. Eu não me importo em perder esse combate, mas o que mais me irrita é o maldito deboche que emana dele. Sem que eu espere, ele consegue escapar debaixo de mim.

[...]

— Eduard? — Sinto mãos suaves acariciarem o meu rosto. — Ele está acordando.

Abro os meus olhos devagar, tento me mexer e gemo de dor. Consigo identificar que é a Maire que está diante de mim e ao lado dela é a Emily. Fecho os meus olhos com força, levo a mão em direção ao meu queixo e massajeio o local sentindo uma dor absurda. Flash da luta passam em minha mente e eu solto um longo suspiro, mesmo que as minhas costelas estejam doendo. Eu ganhei o primeiro round, o Oliver o segundo, e o terceiro foi usado para desempate, e então foi quando eu acabei sendo nocauteado. Eu não esperava por aqui, aliás, nem sabia que o Baker era capaz de dar um salto daquele e acertar o meu queixo com o peito do pé.

— Ed? — Emily me chama e então eu abro os olhos. — Como você está?

— Dolorido.

— Muito?

— Um pouco.

— Foi uma boa luta, mas... — Ela se cala tentando escolher as palavras certas. — Você pode se dedicar mais, focar mais no mundo das lutas.

— Eu já estava ciente que poderia perder, não estou irritado por causa disso, mas estou chateado por ter sido nocauteado.

— Foi surpreendente.

E eu não esperava por aquilo.

— Eu já cuidei dos seus machucados e lhe dei um antibiótico para que

a sua dor diminua. — Maire me informa.

— Obrigado, mas não precisava fazer nada.

— Não tem o porquê de agradecer, ela trabalha aqui... — Emily murmura.

— A sua irmã está certa. Não é porque eu sou uma hóspede na sua casa, que devo ser tratada de forma diferente. — Ela declara.

Ignoro as duas, a porta do ambulatório se abre e eu fecho os meus olhos. Ouço o Anthony perguntar sobre mim, Emily me avisa que eles vão ir conversar e sai o seguindo. Apenas fico deitado sem falar e nem me mexer, pois tudo dói, mas sei que logo o antibiótico fará efeito. Ouço a Maire se movimentar pelo ambiente tentando fazer o mínimo barulho possível, a porta se abre novamente e o silêncio absoluto ainda continua por longos segundos. Abro os meus olhos, a Maire está ao meu lado e olha diretamente para a porta.

— Eu posso te ajudar? — Maire questiona.

— E-eu quero falar com o Eduard. — Ouço a voz da Stephany.

— Ele está de repouso. — Maire murmura.

Reviro os meus olhos ao perceber o ciúme da minha hóspede, me sento na maca com certa dificuldade e ela me repreende com o olhar. Balanço a mão insinuando que é para ela sair de perto e olho para a Stephany. Ela se aproxima devagar, sorri sem jeito, mas me olha preocupada.

— Como você está? Oliver te nocauteou.

— É. — Resmungo. — Estou com dores, mas isso é normal.

— Deveria estar deitado. — Maire resmunga.

Volto a deitar apenas para que ela pare de reclamar, a Baker se aproxima ainda mais e acaricia suavemente o meu ombro. É visível a preocupação no seu olhar, só que eu estou muito tranquilo em ter perdido a luta e ter sido para o Baker. Esfrego a minha testa, e em seguida gemo de dor. É como uma corrente elétrica, tudo dói.

— Você foi bem, quase venceu o meu irmão.

— Ele é mais preparado que eu, mas eu não estou irritado pela derrota, já tinha ciência que isso poderia acontecer.

— Você é a irmã do Baker? Você é a Stephany? — Maire questiona.

— Sim, por quê? — Ela questiona.

Antes que a Maire possa responder, a porta do ambulatório se abre bruscamente e a Penélope entra. Ela encara a cunhada e depois pousa o seu

olhar em mim antes de voltar a atenção ao seu *alvo*.

— O que você está fazendo aqui, Stephany? — Ela questiona.

— Eu assisti a luta e vim ver como Eduard estava. — Stephany responde calmamente.

— Oliver não queria você ou a Ayla assistindo a luta, por isso as deixou em casa. — Penélope declara.

Putá que pariu! Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos, sem me importar com os meus machucados. Ela me disse que viria, então eu imaginei que o irmão dela estava de acordo com isso.

— Ele não precisa saber que eu estou aqui. — Ela resmunga.

— Então vá embora agora, seu irmão foi só tomar banho antes de ir para casa.

Já que eu fui metido nesse pré-confusão sem querer, tenho que dar um jeito de concertar essas coisas.

— Eu a levo, Penélope.

Desço da maca e a Stephany aparece ao meu lado para que eu possa me apoiar nela.

— Assim que chegar me avise e você Eduard, sabe que é errado concordar com as travessuras da Stephany. — Penélope me repreende e sai sem esperar nem uma palavra.

Maire se aproxima, coloca pequenos curativos nos cortes que estão em meu rosto e acaricia o meu ombro. A porta se abre novamente, Stephany olha assustada em sua direção e fica ainda mais em silêncio quando vê a minha irmã. Ela me entrega a minha mochila, se despede de mim e sai. Me afasto da Baker, retiro uma camiseta de dentro e a visto.

— Você veio de carro, né? — Pergunto para a Maire.

— Sim.

— Vai ficar aqui até que horas?

— Já vou embora, amanhã vou para Solvang.

Apenas aceno, peço para ela ter cuidado quando for para casa e saio do ambulatório com a Stephany, que faz questão que eu me apoie nela, além de carregar a minha mochila. A guio para sairmos pelos fundos do Fight, abro a porta da minha Lamborghini e a Baker agradece antes de se sentar no banco do carona. Dou a volta, me sento no banco do motorista e nos levo rumo a Glendale.

— Aquela moça mora com você? — Ouço a Baker perguntar.

— Ela está hospedada lá na mansão. — Respondo e lhe observo por alguns segundos. — Então você veio escondida para o Fight?

— Não... — Ela coça a garganta e solta um pequeno suspiro. —, quero dizer, mais ou menos.

— Sim ou não, Baker? — Questiono.

— Sim. — Ela responde num resmungo.

— Por quê? Quer me enfiar em encrenca?

— Não, Lewis. Eu apenas queria vir e... então eu vim.

Maneio a cabeça para os lados, mas a admiro por sua audácia.

— Dona encrenca.

— Dona encrenca? — Ela ri e sem que eu espere, me empurra pelo ombro.

Acabo rindo suavemente e coloco a mão na minha costela ao senti-la doer. Apesar da minha derrota, tivemos um bom combate e apenas um ia sair vencedor. Olho rapidamente para *ela* mais uma vez, a vejo com o olhar mergulhado no celular e eu volto a minha atenção para o trânsito. É um longo caminho, mas o meu belo carro me ajuda a fazer esse percurso um pouco mais rápido. Os nós dos meus dedos estão doendo, por mais que eu estivesse devidamente paramentado, só que os socos que dei eram direcionados com todas as minhas forças. Oliver fazia a mesma coisa, mas saiu do octógono bem menos machucado que eu. Olho na direção do retrovisor, analiso a minha aparência e reviro os meus olhos. Até que não está tão ruim como eu imaginei que estaria. Eu poderia ter saído muito pior daquele octógono.

— Oliver vai demorar a chegar, ele foi para um bar com o pessoal. — Stephany comenta.

— Penélope ficou aflita ao te ver.

— Eu fico com raiva porque ela e o Oliver ficam me tratando como se eu ainda fosse uma criança. Eu já sou uma adulta.

Acho engraçado o seu modo de falar, mas não ousa debochar dela.

— Eu vejo como preocupação. O seu irmão praticamente me odeia e claro que não iria gostar nem um pouco te ver comigo, ainda mais por tudo que eu fiz com a minha irmã.

— Isso não quer dizer que você ousaria a fazer algo do tipo comigo, você não demonstra ser uma pessoa ruim, que age de modo ruim.

— Eu estou tentando ser uma pessoa melhor com a minha irmã desde quando tivemos que fugir por causa do meu pai.

— Sabe... eu gostaria de ouvir a história por sua versão.

— Não existe outra versão, tudo que te falaram é verdade.

— Eu quero ouvir de você. — Ela declara.

Faço questão de desacelerar o meu carro, o semáforo fica vermelho e então eu paro. Me viro para a Stephany parcialmente, o seu olhar cruza com o meu e tudo que eu ouvi da Melanie retorna para a minha mente. Eu a desejo? Sinto algo por ela? Eu não tenho uma resposta exata para isso, mas ao mesmo tempo eu consigo perceber que algo dentro de mim fica diferente quando penso nela, quando conversamos, até mesmo nesse momento em que estamos aqui, um de frente para o outro, dividindo um pequeno espaço. Não consigo saber quando isso tudo começou, quando eu comecei a ter algum tipo de carinho por ela.

— Amanhã você tem uma cirurgia e deveria se concentrar apenas em si mesma, ficar bem.

— E eu já estou.

— Então continue e só depois vamos conversar sobre isso.

Ela respira fundo, mas acaba concordando com um aceno. Acelero o meu carro e continuamos o trajeto, em absoluto silêncio. O único barulho é das nossas respirações. Me dou conta que já estamos próximos ao apartamento, observo a rua ao nosso redor e a vejo tranquila. Por mais que seja um bairro seguro, eu não gosto muito de ficar transitando por aqui durante a noite, ou melhor, por lugar nenhum. Aperto as minhas mãos no volante quando as perguntas voltam a rondar a minha mente e eu luto para conseguir entender quando foi que começou. Nos aproximamos do nada, começamos a trocar mensagens e tudo se expandiu de uma forma que eu não percebi, muito menos consegui explicar e entender. Estaciono em frente ao prédio e a olho.

— Obrigada por me trazer. — Stephany agradece.

— Boa cirurgia, vai dar tudo certo.

— É necessário que dê.

— Fique tranquila. — Toco em seu braço e ela sorri. — Boa noite, Baker.

— Boa noite, Lewis.

Ela desce do meu carro, dá a volta e invés de seguir rumo a portaria do seu prédio, ela se abaixa e bate suavemente no meu vidro. Eu o desço e ela se inclina sobre a janela. Estamos próximos, sinto a sua respiração bater contra

o meu rosto e o seu cabelo encosta em meu braço. Só agora de tão perto, eu vejo que ela é ainda mais bonita e demonstra ingenuidade. Claro que isso é apenas uma demonstração, pois de ingênua essa garota não tem nada.

— Esqueceu alguma coisa?

— Quando foi que alcançamos esse nível de proximidade?

— Eu não sei.

— Você deve estar achando muito ruim. — Ela declara.

— Não, eu não estou. — Respondo sinceramente. — Eu só fico intrigado.

— Por quê?

— Porque é uma coisa inesperada.

— E é ruim? — Ela questiona.

— Não. — Declaro a fazendo sorrir, mais uma vez.

— Eu gosto dessa amizade que temos.

— Amizade? — Questiono.

— E o que mais poderia ser? — Ela questiona.

— Nada mais.

Ela não demonstra estar confusa com tudo isso, assim como eu estou. O meu olhar recai sobre a sua boca, desce por seu colo e para por longos segundos no decote da sua camiseta. Como a blusa de frio está aberta, é difícil não observar cada centímetro exposto da sua pele. O meu olhar volta a subir, até conectar no dela novamente, mas flagro um sorriso debochado nos seus lábios.

— Você deveria ser mais discreto ao ficar passeando o seu olhar pelo meu corpo, e principalmente em o focar no meu decote.

— É melhor fazer isso com você vendo, do que agir como um babaca e fazer *escondido*.

Stephany ri e se afasta levemente da janela.

— Conversamos por mensagem ainda hoje?

— Se tivermos assunto... — Dou de ombros. —, sim.

Ela acena concordando e dá mais um passo para trás.

— Eu... — Ela meneia a cabeça para os lados. —, esqueça. É melhor eu subir.

— Não guarde palavras que deseja que sejam ditas.

— É melhor, pois não sei se serão recebidas de uma boa forma.

Sem esperar nem uma palavra se quer da minha parte, ela acena e vai

rumo a porta do seu prédio. Eu a espero entrar, pego o meu celular dentro da mochila e procuro pelo número da Penélope. Por mais que a gente não seja próximo um do outro, muito menos conversamos, eu tenho o número dela porque a minha irmã deixou salvo desde quando fomos para Solvang.

*"Stephany já está em casa, segura e muito bem.
Nunca vou fazer mal a ela. Steph é importante para mim."*

Jogo o meu celular no banco do carona, acelero rumo a mansão e sinto que o perfume da Baker ainda é presente dentro do meu carro. Eu só quero saber de chegar em casa e descansar, além de estar desejando que essa toda a dor que estou sentindo passe logo. Em poucos minutos eu já estou chegando em casa, estaciono na garagem e vejo que o carro da Maire já está aqui. Desço do meu carro, aciono o alarme e subo a escada calmamente. Talvez eu tenha feito uma escolha errada ao decidir vir por aqui, poderia ter dado a volta e escapado da longa escada, assim eu enfrentaria apenas uma, a qual me leva para o segundo andar. Fecho a porta que dá acesso a garagem, praticamente arrasto os meus pés e vou rumo a cozinha, pois a luz está acesa. Encontro a Maire de pé, diante do fogão, mexendo numa panela e eu paro na porta chamando a sua atenção.

— Já levou a princesinha fugitiva de volta para o castelo? — Maire questiona.

É visível o seu deboche.

— Eu já deixei a Stephany em casa.

— Ela te meteu em encrenca, Ed.

— Não meteu, e se isso tivesse acontecido eu me resolvia com o irmão dela.

— Então tá. — Ela resmunga.

Resolvo não prolongar o assunto, saio da cozinha e subo a escada lentamente. A minha perna esquerda, a qual não me dá muito apoio é o que mais me dói, pois o Baker me deu fortes chutes e por causa deles eu fui ao chão diversas vezes. As minhas costelas também doem, mas eu sei que não é nada sério. Vou rumo para o meu quarto, fecho a porta e suspiro. O meu olhar viaja da cama para a porta do banheiro, e vice e versa. Por mais que eu queira cair na cama e dormir, eu preciso de um banho urgente. Bato as minhas mãos no bolso, não sinto o meu celular e me lembro que o deixei no

carro junto com a minha mochila. Abro a porta do meu quarto no mesmo segundo que a Maire está passando no corredor e o seu olhar se volta para mim.

— Me faz um favor?

— O que você precisa? — Ela questiona.

— Eu esqueci a minha mochila e o celular no meu carro, você pode ir pegar para mim?

— Qual dos carros?

— Lamborghini.

Ela acena e muda o rumo dos seus passos. Fecho a porta do quarto, vou para o banheiro e me enfio debaixo do chuveiro após retirar a minha roupa. A água escorre pelo meu corpo retirando resquícios de sangue dos cortes, passa pela vermelhidão dos golpes que levei e relaxa os meus músculos. Por mais que eu esteja cansado a minha mente não para um segundo, tenho diversas coisas para fazer e resolver amanhã. O dia já vai se iniciar com a leitura do testamento e eu sei que haverá briga. Emily está muito bem decidida a não deixar a Quinn não levar nem um talher se quer. Depois... vou ir atrás de informações sobre a cirurgia da Baker, mas ainda não sei como e nem com quem eu conseguirei isso.

Ainda hoje, eu preciso saber com a Stephany que horas será a cirurgia dela. Amanhã também tenho que ligar para os meus avós maternos, estou enrolando há dias e esperando eles entrarem em contato para me informar se virão morar aqui, mas sinto que a resposta será negativa. Por mais que eu goste de ficar nessa mansão sozinho, eu fiz o convite para eles por causa da Emily, ela os queria mais perto. Finalizo o meu banho, seco o meu corpo e enrolo a toalha na cintura. Assim que saio do banheiro, vejo a Maire sentada na minha cama e eu procuro a minha mochila. Ela está sobre a poltrona, mas nem sinal do meu celular.

— Você está cheio de vermelhidão. — Maire comenta.

— Cadê o meu celular? — Questiono.

— Está ali. — Ela aponta para trás, em direção ao criado mudo e só então eu vejo o aparelho. — Você quer que eu passe um relaxante muscular em creme no seu corpo?

— Por favor.

Vou até o meu closet, visto apenas uma cueca samba-canção e me deito na cama após colocar a toalha no banheiro. Maire se senta ao meu lado na

cama e começa a espalhar o creme em meu tórax. Os seus dedos passam suavemente sobre a minha costela, mesmo assim ela dói. Estico o meu braço em direção ao criado-mudo, pego o meu celular e não vejo nenhuma mensagem. Estranho, pois a Stephany disse... Que merda! Eu já estou pensando demais nessa garota e simplesmente só trocamos poucas mensagens até agora.

— Vou sair às oito da manhã. — Maire me informa.

— Você quer levar algum segurança contigo?

— Não é preciso.

— Me informe quando chegar lá.

— Tem alguma mensagem para alguém da cidadezinha monótona?

Rio suavemente do seu deboche e aceno.

— Avise o Dylan que o emprego dele ainda está aqui, em aberto.

— Avisarei. — Ela sorri.

Maire começa a massagear a minha coxa dolorida, solto um pequeno gemido de dor e ela intensifica a pressão dos seus dedos. Eu abro o aplicativo de mensagens, procuro pelo nome da Stephany e penso se devo mandar ir falar com ela ou esperar ela vir falar comigo. Jogo essa dúvida para longe de mim e por um segundo esqueço da presença da minha hóspede.

“Que horas é a sua cirurgia amanhã?”

Pedi para ela ficar tranquila, e por mais que eu seja que é uma cirurgia simplesmente a preocupação toma conta de mim, sei lá o porquê.

— Obrigado.

Agradeço assim que a Maire termina de massagear a minha coxa.

— Qualquer coisa, pode me chamar.

Aceno concordando, ela se inclina sobre mim e deposita um beijo no canto da minha boca antes de sair do meu quarto. É bom que ela não esteja mais aqui amanhã, por causa da leitura do testamento e porque a Quinn vai estar presente. Elas já se viram, não as apresentei devidamente e jamais farei isso. Quinn Evan não tem nada a ver com a minha vida, ela nem mora nessa casa, então não tem o direito de saber e muito menos opinar sobre quem entra aqui ou não. Por nossa sorte, a presença dela em nossa vida está acabando e logo não existirá nem se quer a sombra dela. Sei que disse e prometi não me afastar dela, deixá-la desamparada ou muito menos esquecê-la, tenho um

carinho muito grande por ela, mas isso não quer dizer que a carregarei comigo a cada segundo. Ela pode contar comigo quando precisar, eu vou estender a minha mão e segurá-la se for preciso. Só que, eu jamais vou esquecer tudo que ela seja me fez, me refiro a coisas boas, mas também incluo as ruins e a péssima.

[...]

Seguro firmemente a xícara de café entre as minhas mãos, enquanto encaro o céu cinzento e sinto o meu coração bater descompassado. Emily e Quinn ainda não chegaram também, mas pelo menos a Maire já foi de volta para Solvang. Eu queria muito que ela tivesse levado algum segurança, só que ela não aceitou e foi sozinha. Está quase na hora do Achilles chegar aqui e começarmos a leitura do testamento. Acontecerá no escritório que era do James, eu nunca mais entrei naquele cômodo desde quando eu voltei para cá. E em pensar naquele lugar, me faz lembrar da carta que o meu pai deixou. Eu não vou ler aquilo tão cedo, não quero saber quais são as suas falsas palavras marcadas num papel qualquer.

— Senhor Lewis... — Ouço Torres me chamar e eu olho em sua direção. —, a Senhora Evans acabou de chegar.

— Pode autorizar a entrada dela.

Ele apenas acena e se retira após pedir licença. Coloco a xícara sobre o balcão e percebo os três pares de olhos presos em mim. Chamo a Lisa e vou rumo a sala de estar. É visível a preocupação dela comigo, me refiro ao que está prestes a acontecer e por causa da minha aparência. Ainda tenho cortes, machucados visíveis e pequenos locais do meu rosto ainda estão inchados.

— Coma alguma coisa, por favor. — Lisa me pede.

— Estou sem fome. — Declaro.

— Só beber café não vai te sustentar.

— É a única coisa que me serve nesse momento. — Encolho os meus ombros. — Peça para a Jô e para a Ada saírem da mansão, peça para elas irem no mercado ou em qualquer outro lugar.

— E eu? — Ela questiona.

— Fique aqui mesmo. — Peço.

— Bom dia, Lewis.

Respiro fundo, e olho na direção da onde vem a voz.

— Obrigado, Lisa.

Quinn está parada no hall de entrada e como sempre a sua elegância atrai olhares. Lisa me pede licença e volta para a cozinha. Me aproximo da minha ex-madrasta, eu a cumprimento e ela deposita um beijo em minha face. Em seguida passa por mim, caminha pelo ambiente e se senta no sofá. O seu olhar passeia por cada canto do ambiente, antes de focar em mim e eu tento ser educado, além de demonstrar calma, mesmo que parece que o meu coração possa sair do meu peito a qualquer segundo. Eu me sento na poltrona perto da lareira e apoio o meu tornozelo direito no joelho esquerdo.

— Cheguei muito cedo? — Ela me questiona.

— Não.

— A sua irmã já chegou?

— Ainda não.

— E a sua amiguinha está por aqui?

— Isso não te interessa, Quinn. — Resmungo.

— Que mal humor, Ed. — Ela reclama. — Você lutou ontem?

— Está cheia de perguntas hoje. — Resmungo.

— Eu me preocupo contigo.

A ignoro, pego o meu celular no bolso e confiro as notificações. Desde ontem a Stephany não fala comigo, ela nem se quer respondeu a minha mensagem quando eu perguntei sobre a hora da sua cirurgia. Claro que eu acordei preocupado hoje, não com medo de algo ruim acontecer, mas por me manter a cegas nesse assunto. Depois da leitura do testamento eu vou atrás de informações, mas ainda não sei como farei isso. Ouço a porta da mansão se abrir, olho em sua direção e vejo que a Emily chegou junto com o Achilles. Eles estão conversando calmamente e um por cento de tranquilidade toma conta de mim. Eu sei que ele está tentando ao máximo ao nos livrar de todas as merdas do James, principalmente livrar a minha irmã, que sempre esteve a mais distante possível, ou melhor, o mais distante que o meu pai deixava.

— Bom dia, Lewis e senhora Evans. — Achilles nos cumprimenta.

— Bom dia, Achilles.

— Bom dia. — Quinn sorri amplamente e olha para a minha irmã. — Oi, Emily.

Eu vou na direção da minha irmã, ela me cumprimenta com um abraço apertado e ignora a nossa ex-madrasta ao seguir rumo ao escritório. Espero todos passarem por mim indo em direção ao cômodo, vou até a cozinha e

peço para a Lisa nos servir um café. Vou para o escritório, me sento na cadeira que era do James e a Emily se senta no braço do móvel. É uma sensação estranha em estar aqui novamente, é como se o meu pai ainda estivesse aqui e a qualquer momento fosse desferir ordens para nós, principalmente para mim. Achilles está sentado na minha frente, Quinn ao lado dela, mas afastada e o silêncio absoluto é o que nos domina. Eu sei que muitas coisas estão em jogo nesse testamento e muita responsabilidade também.

— Bom, vamos começar. — Achilles anuncia ao abrir o envelope pardo. — Como já era ciência de todos, James Lewis deixou um testamento referente a tudo que o pertencia.

— O que ele recebeu por causa da morte da minha mãe também está incluso? — Emily questiona.

— Sim, senhorita Lewis.

Lisa adentra no escritório, serve uma xícara de café para cada um de nós e sai em seguida. Antes do Achilles começar a ler, é como seu eu vesse o meu pai bem aqui na minha frente e ouvisse a sua voz em perfeito estado.

‘Eu, James Franklin Lewis, estadunidense, viúvo, governador do estado da Califórnia, residente em Beverly Hills, Los Angeles na Califórnia., que me encontro em uso e gozo de minhas faculdades mentais, livre de quaisquer sugestões, induzimento ou caução, deliberei fazer este meu testamento particular, em presença de três testemunhas...’

— Vai logo para a parte que importa. — Peço agoniado.

— Eduard, eu tenho que fazer conforme...

— Por favor, Achilles. — Emily pede.

Ele suspira e acaba concordando com um aceno.

‘Para Quinn Evans, a minha companheira, eu deixo a casa de Cahuenga Pass...’

— Até parece que você vai ficar com essa casa ou qualquer outra coisa. — Emily declara irritada.

— Emily...

Tento falar, mas ela me direciona um olhar mortal.

— Eu já disse que não! Você não vai levar um garfo se quer dessa casa!

— Emily... — Achilles a chama. —, essa casa foi comprada e nomeada pelos dois. Isso quer dizer que, a casa também pertence a senhora Evans, e como constava o nome do senhor Lewis também, ele a dá para ela.

A minha irmã revira os olhos e volta a ficar em silêncio.

— Continuando...

‘Também deixo meu o apartamento de Nova Iorque. E uma mesada mensal no valor de cinco mil dólares.’

— Deixou essa casa aqui também? A casa de Aspen? E a...

— Deixa o Achilles terminar a leitura, Emily. — Peço sem paciência.
— Continue, por favor.

‘Para Emily May Lewis e para Eduard Franklin Lewis, ambos os meus filhos, eu deixo o restante dos meus bens materiais, a minha fortuna e tudo que recebi da minha falecida esposa Margareth May Lewis. Bens materiais: Casas e apartamentos nas cidades de – Los Angeles, Aspen, Seattle, São Francisco, Suíça e Inglaterra. Com as demais coisas, relacionadas aos meus investimentos ilegais, eu deixo nas mãos do meu filho Eduard Franklin Lewis, ele tem total liberdade para fazer o que bem entender.’.

— O apartamento de Nova Iorque que era da minha mãe? —
Questiono.

— Esse apartamento não consta no testamento, aliás, nem se quer esteve em mãos do seu pai. — Achilles informa.

— Como não? — Emily questiona.

— A sua mãe tinha esse apartamento, mas não deixou para o seu pai e nem para vocês. — Ele informa.

— A minha mãe não vendeu, ela tinha esse apartamento antes de morrer, eu me lembro disso.

— Eu já não tenho essa informação, eu não era o advogado dela.

Penso um pouco e me lembro que a minha mãe tinha uma advogada a parte.

— Eu sei quem era a advogada.

Ele termina de ler as coisas banais que estão escritas, guarda o envelope em sua pasta e avisa que em breve entrará em contato para que as documentações sejam assinadas. Eu não fazia questão do apartamento dele de Nova Iorque e muito menos da casa aonde a Quinn mora, pouco me importo com ela ter ganhado esses dois bens, mas sei muito bem que a Emily não deixará barato. Observo a Emily se levantar do braço da cadeira, anda na direção da Quinn e se inclina sobre ela. Apesar da minha irmã agora ser mãe, praticamente mulher de família, ela não deixou o seu lado ameaçador longe. Eu a conheço, sei que ela vira uma fera de um segundo para o outro se for

preciso.

— Você é uma oportunista! Não merece nem um centavo, quem dirá uma casa, um apartamento luxuoso e uma mesada. — Emily está praticamente gritando.

— Você não pode mudar a decisão do seu pai, ele me deu. — Quinn murmura vitoriosa.

— Eu faço questão de lutar e não deixar você levar nada. Nada!

— Emily, para. — Peço.

— Achilles? — Emily o questiona.

Ele olha para mim e rapidamente para a minha ex-madrasta. Não é preciso que ele diga nada, pois eu já entendi exatamente. Me levanto de aonde estou sentado, olho para a Quinn e peço que ela me acompanhe. Já deu o tempo para ela estar aqui e agora o melhor é ela se afastar. Saímos do escritório e vamos rumo a sala de estar.

— A sua irmã simplesmente não pode retirar o que o seu pai me deixou. — Quinn declara.

— Nós sabemos, mas ela vai ir até a última tentativa possível.

— Eu nunca tive a intenção de levar nada, mas o seu pai fez questão de me incluir no testamento, então eu não vou renunciar nada.

— Simplesmente... só resta esperar os documentos para passar de uma vez tudo que deve para o seu nome.

— Eu conto com você nessa ajuda, Ed.

Ela se aproxima mais de mim e dá um beijo na minha face.

— Tudo bem.

Coloco as minhas mãos em seus ombros, a afasto para longe de mim e vou em direção da porta. Abro-a dando de cara com o Torres, ele acena para mim e guia a Quinn em direção ao carro. Fecho a porta, esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e me arrependo em seguida, pois os meus hematomas doem muito. Volto para o escritório, me sento e apoio as mãos sobre a mesa. Emily me encara irritada e eu suspiro. Não estou com paciência para lidar com a *opinião* dela.

— Achilles disse que é difícil reverter a situação.

— Emily, o que a Quinn recebeu não interfere nem cinco por cento no que ficou para nós.

— Não me importo com isso, mas não acho justo, Eduard!

— Para o bem de todos e nos poupar em entrar numa briga judicial,

deixe a Quinn herdar tudo o que James deixou para ela.

Emily nega com um aceno de cabeça e bate as mãos na cintura. Achilles se despede nós, avisa novamente que em breve ele trará os documentos para assinarmos e que tudo já está sendo resolvido. Lisa aparece no escritório, eu peço para que ela acompanhe o advogado e eu fico sozinho com a minha irmã. Ela se joga na poltrona na minha frente, enfia os dedos entre os fios de cabelo e fecha os olhos.

— Eu odeio essa situação toda.

— Então aceite de uma vez o que aconteceu e vamos seguir em frente. Quinn leva o que James deu, e nós ficamos com o restante das coisas.

— É errado ela ter direito a alguma coisa, ela era apenas a amante que virou namorada.

— Pelo tempo que eles estavam juntos, praticamente dez anos, então já era considerado uma união estável.

— Mas isso não dá o direito...

— Emily, por favor. — Peço ao massagear a minha têmpora, ela suspira. — Estou cansado dessa situação toda.

Enfio a mão no meu bolso e pego o celular. Nenhuma notificação que me interesse, isso quer dizer que a Stephany não entrou em contato e está muito cedo para a Maire me avisar que já chegou em sua casa. Olho para a minha irmã e apoio o meu peso sobre a mesa.

— O que? — Ela questiona ao me encarar.

— Tem alguma informação da cirurgia da Baker?

— Não. E só a Penélope pode te informar.

— Você acha que eu vou atrás da Turner só para isso?

A minha irmã se inclina sobre a mesa e sorri irônica.

— Eu tenho certeza e deveria ir.

— Está errada. — Resmungo. — E além do mais, é só uma pergunta normal, que não precisa que eu saia daqui e vá até a sua cunhada.

— Normal? — Ela ri sem humor. — Assim que eu cheguei aqui percebi a sua preocupação, mas achei que era por causa do testamento, só que não era, tinha e ainda tem algo a mais.

— Não me perturba, Emily.

Ela ri do meu mal humor, se levanta e estrala os dedos. Observo o seu olhar passear pelo ambiente, ela não fala absolutamente nada e a sua boca fica numa linha reta. Ela deve estar pensando em todas as vezes que entrou

aqui nesse lugar para ter conversas desagradáveis com o nosso pai e principalmente para cumprir ordens detestáveis. Percebendo o seu olhar neutro me faz perceber que ela está se curando de tudo e também me faz ter coragem para contar tudo, absolutamente tudo, mas nesse momento outra coragem também me toma, eu preciso ir saber como está a Baker, eu preciso de notícias.

— Eu tenho que ir embora, deixei o Andrew com o Dom. — Ela informa ainda com o olhar perdido.

— Não confia no pai do seu filho? — Debocho.

— Confio e muito, mas não gosto de ficar longe do meu bebê.

Sorrio com as suas palavras e toco suavemente na sua mão.

— Mais tarde podemos conversar?

— Sim. — Ela afirma intrigada. — A noite eu volto, pode ser?

Apenas aceno, ela se inclina em minha direção e deposita um beijo no topo da minha cabeça. Eu a observo ir embora, enfio os dedos entre os fios do meu cabelo e fico estático, buscando o meu equilíbrio. Respiro fundo e decido ir resolver as minhas pendências. Desço diretamente para a garagem, entro no meu Zenro e logo saio da mansão. Eu nem se quer sei em qual hospital a Baker ia realizar a cirurgia, aliás, eu não sei de nenhuma informação. Por sorte, ou melhor, sabedoria, eu sei aonde a Turner trabalha e sei muito bem que conseguirei falar com ela no minuto seguinte. Não sei se ela vai me informar sobre a Stephany, mas não me custa nada tentar. Assim que eu chego no prédio da emissora, sou devidamente liberado e entro no elevador. Em segundos já estou no andar da redação e os meus olhos encontram a chata da Candice. Localizo a Lauren sentada numa mesa bem no centro do ambiente, o seu olhar está fixo em mim e a Lola está mais ao fundo, e nem se quer nota a minha presença.

— Lewis... você por aqui?! — Candice sorri suavemente.

— Eu vim falar com a Turner.

Ela olha ao redor e não encontra a sua funcionária.

— Eu vou procurá-la.

— Libere ela por alguns minutos, por favor.

— Tudo bem.

Tento identificar qual é a mesa da Penélope e em segundos a encontro, pois tem um porta-retrato com a foto dela com todos os amigos. Me encosto na mesa, cruzo os meus braços em frente ao corpo e aguardo pacientemente.

Sinto as minhas mãos suadas, as enfio nos bolsos da minha calça e abaixo a minha cabeça. Percebo a Penélope se aproximar, ela se senta em sua cadeira e me ignora momentaneamente.

— Podemos ir tomar um café? — Pergunto num tom baixo.

— O que você quer? Eu estou trabalhando.

— Candice te liberou. — A olho. — Por favor.

Ela concorda, avisa um colega de trabalho e logo entramos no elevador. Não sei para aonde estamos indo, mas eu prefiro a seguir em silêncio. Só quando chegamos no térreo entendo o que ela quer, estamos indo para a cafeteria da emissora e com certeza poderemos conversar tranquilamente. Ela cumprimenta algumas pessoas, escolhe uma mesa e eu me sento na sua frente. Uma moça se aproxima de nós para anotar os pedidos e me olha um pouco desconfiada.

— Me traz um café...

— Dois. — Corrijo-a.

Em pouco tempo o nosso café já é servido, eu seguro a xícara em minhas mãos e a balanço fazendo o café bater nas laterais.

— Fala logo. Tenho que trabalhar. — Penélope resmunga.

— É sobre a *dona encrenca*... — Só percebo quais palavras escapam da minha boca quando vejo o cenho da minha *informante* franzir. — Me desculpe. É sobre a Stephany.

— Dona encrenca, vulgo, Stephany? — Ela questiona.

— Eu a apelidei. — Confesso e nós dois rimos suavemente. — Enfim, eu queria saber como ela está? Sei que hoje ela iria fazer a cirurgia.

— Eu ainda não tenho notícias. — Ela informa. — Oliver não me ligou ainda e nem mandou mensagem, mas é uma cirurgia simples.

Eu sei que é, mas é impossível não ficar preocupado e ansioso para receber informações. Estou surpreso comigo mesmo por estar tão preocupado, e eu assumo, tenho um carinho por ela. Sinto algo bom e especial.

— Mesmo que não apareça, eu gosto da Steph e me importo com ela. Sei que você e todos os outros não gostam de mim, mas eu só quero o bem dela.

— Se você está sendo sincero mesmo, não deveria concordar com as estripulias dela.

— Eu não concordo, mas o que eu posso fazer, ou melhor, o que eu

podia fazer ontem? Nada. Ela foi porque quis e eu fui pego de surpresa.

— E você gostou daquilo.

— Não, Turner.

— É Baker. — Ela me corrige.

— Me esqueci que você se casou, senhora Baker. — Debocho a fazendo me encarar irritada. — Vamos voltar a falar da Steph.

— Se você continuar a incentivando, ela só vai fazer bobagens...

— Eu não faço isso! — Nego. — Eu não gostei daquilo, pois eu não quero que ela brigue com o irmão por minha causa.

— Tudo bem. Assim que eu tiver notícias dela, eu te aviso ou a sua irmã faz isso.

— Obrigado. Eu... já vou indo.

Essa conversa não vai nos levar a nada e o que me resta é ir embora, além de deixá-la trabalhar. Nos levantamos da mesa no mesmo segundo, ela caminha ao meu lado e para perto do seu colega de trabalho. Não fui muito com a cara dele, mas eu ignoro o seu olhar direcionado para mim e apenas aceno para a Penélope, me despedindo dela. Saio do prédio, logo entro no meu carro e fico sem saber para aonde eu vou. Penso um pouco e me lembro da situação que precisa ser resolvida, o apartamento da minha mãe. Eu espero muito que a advogada que cuidada das coisas dela ainda trabalhe no mesmo lugar. É pelo o que eu me lembro é aqui perto. O caminho é percorrido rapidamente, logo estaciono em frente ao prédio comercial e desço do meu carro. Ando calmamente até a pequena ilha da recepção, paro diante de uma moça da pele bronzeada e ela sorri quando percebe a minha presença.

— Boa tarde... senhor?

— Eduard Lewis.

— Em o que eu posso te ajudar, senhor Lewis?

— Boa tarde. — Olho para a grande placa na parede, bem logo atrás dela e procuro pelo o que eu desejo. — Eu preciso falar com a senhora Thurman, a advogada.

— Marcou horário com a senhorita Thurman?

Franzo o meu cenho ao ouvir senhorita ou invés de senhora, mas ignoro.

— Não, mas eu sei que ela irá me atender.

— Um minuto, por favor.

Ela pega o telefone, eu apenas aceno e me afasto suavemente. Existem

diversas coisas funcionando nesse prédio, desde contabilidade a algumas especialidades médicas. E em falar nisso, ainda nem resolvi a minha questão na faculdade. Volto a minha atenção para a moça na minha frente, ela me dá um crachá liberando a minha entrada enquanto me passa algumas informações e logo eu vou rumo ao elevador. Aperto o botão do sétimo andar e aguardo pacientemente. Em segundos a porta se abre no andar do meu destino, vou até a pequena recepção e me identifico para a outra moça. Ela me pede para aguardar, e volta o seu olhar para o computador a sua frente. Bato os meus pés impacientes, enfio as mãos nos bolsos frontais da minha calça e olho ao redor. É um escritório comum e padrão, nada de diferente ou novo.

— Senhor Lewis... — Ouço uma voz feminina pronunciar o meu nome e eu olho para trás, exatamente para o corredor da onde vem a voz e eu franzo o cenho ao ver uma mulher jovem. —, me acompanhe, por favor.

O seu cabelo é ruivo, a sua pele bem clara e os olhos são verdes. Em seu corpo tem um vestido social azul marinho e ela usa pouca maquiagem. Eu a sigo pelo pequeno corredor, entramos num escritório e ela me indica uma cadeira antes de se sentar atrás da mesa. Eu não tenho a menor ideia de quem seja ela, já que eu pedi para falar com a senhora Thurman, que era advogada da minha mãe e a única que pode sanar a minha dúvida, já que foi ela que cuidava de tudo.

— Eu pedi para falar com a senhora Thurman. — Declaro.

— Eu sou a senhorita Thurman, única advogada desse escritório.

O meu cenho se franze ainda mais e eu cruzo os meus braços em frente ao corpo. Eu não vim no lugar errado e muito menos disse o nome errado.

— Eu estou muito certo de que a senhora Thurman que eu estou em busca trabalhava aqui.

— Clara Thurman? — Ela questiona.

— Sim.

— É a minha mãe. — Ela sorri. — Eu sou a Charlotte Thurman, filha dela.

— Como eu posso falar com ela? — Questiono.

— A minha mãe não trabalha mais já tem alguns anos, mas eu posso te ajudar se você me disser do que precisa.

Penso um pouco, apoio os meus braços sobre a mesa e repenso se devo ou não conversar com ela, já que é a única que está disponível para me

ajudar.

— Eu sou Eduard Lewis, filho da Margareth Lewis e a sua mãe era advogada...

— Agora estou me lembrando de você. — Charlotte declara. — Sinto muito por tudo que aconteceu envolvendo o seu pai.

Sinto um nó se formar em minha garganta, mas ignoro qualquer reação.

— Então, eu queria saber algo referente ao testamento que a minha mãe deixou.

— Ele já foi lido há muito tempo e você esteve presente na leitura.

— Sim, mas uma questão surgiu. — Informo a fazendo-me encarar curiosa. — A minha mãe tinha um apartamento em Nova Iorque, e como ele não ficou nem para mim ou para a minha irmã, eu achei que tinha ficado para o meu pai, mas com a leitura do testamento dele eu descobri que o imóvel não constava para nem um de nós.

— E qual é a questão? — Ela questiona pensativa e relaxa contra a sua cadeira. — Você quer saber qual foi o destino desse imóvel?

— Sim.

— Espere aqui por um segundo, por favor.

— Tudo bem.

Ela se levanta e sai da sala segundos depois. Eu tenho total direito de saber qual foi o destino desse imóvel, já que pertencia a minha mãe. Sinto o meu celular vibrar em meu bolso, eu o pego e vejo que é uma mensagem da Mãe avisando que chegou bem. Em pensar nela, conseqüentemente me lembro do Dylan e espero que ela dê o recado que eu pedi. Outra coisa que eu também me lembro nesse momento, a Melanie está sumida há alguns dias e como eu a conheço muito bem, isso é do feitio dela, sumir e aparecer do nada depois. Longos minutos depois, ouço o barulho de salto alto batendo contra o piso de madeira, logo a Charlotte se senta de volta na sua cadeira e coloca um envelope pardo sobre a mesa.

— Esse é o testamento que a sua mãe deixou e eu já verifiquei todos os bens que constava relatado nele, e não tem nada sobre um possível apartamento em Nova Iorque. Além disso, eu já falei com a minha mãe e ela me afirmou que a sua mãe não citou nada sobre esse imóvel na época para colocá-lo nos bens.

— Mas ela tinha esse apartamento.

— Sim, a minha mãe afirmou que tinha, mas não o colocou no

testamento e deu outra finalidade para ele.

— Qual? — Questiono.

— A senhora Lewis apenas pediu um documento para passar um imóvel para outra pessoa, não citou quem era e fez isso com outro advogado.

O que estava acontecendo para a minha mãe ter agido dessa forma tão diferente? Eu simplesmente não sei, mas algo me diz que tem alguma coisa a ver com o amante. É visível que ocorreu uma grande mudança de atitudes quando ela começou a se envolver com o Jensen Brown. E eu sei como eu vou conseguir descobrir qual foi o destino, ou fim que o apartamento de Nova Iorque teve. Agradeço a senhorita Thurman por me atender, aperto a sua mão e saio do escritório.

[...]

— O que aconteceu, Eduard? — Turner me questiona.

Eu pedi para ele me encontrar numa cafeteria no centro da cidade e sem comentar nada com a minha irmã. A minha verdadeira intenção era ir atrás do Brown e questioná-lo, mas tive a sensação de que era melhor sondar ao redor, do que ir diretamente no suspeito. E além de conversar sobre esse assunto com o Dominic, preciso saber algumas coisas sobre o Fight. Ele se senta na cadeira na minha frente, apoia as mãos sobre a mesa e olha rapidamente ao redor analisando o estabelecimento.

— Eu preciso saber algumas coisas sobre o seu amigo.

— Qual? — Ele franze o cenho.

— Brown.

— Jensen? — Ele questiona. — Eu não me sinto confortável em estar falando do meu amigo logo com você que não gosta dele.

Reviro os meus olhos e ignoro esse comentário idiota.

— Ele tem algum apartamento em Nova Iorque?

Dominic franze o cenho e cruza os braços em frente ao corpo.

— Tem, por quê?

— Há quanto tempo?

— Há muito tempo.

— Eu quero saber um tempo certo ou quase. — Declaro.

Ele suspira, chama a garçonete e pede um suco de laranja. Eu peço um café extra forte e a dispenso. Quero logo saber mais ou menos a época, pois

dependendo da sua resposta, eu terei uma para a minha questão.

— Meses antes de eu ter sido preso. — Turner informa.

Dou um soco sobre a mesa e enfio os meus dedos entre as mechas do meu cabelo. Eu só preciso de mais uma resposta para ter a afirmação completa da minha dúvida.

— Você sabe aonde está localizado o apartamento?

— Por quê? Você está querendo saber demais.

— Eu tenho os meus motivos, Turner.

Ele manea a cabeça para os lados e agradece a garçonete quando ela coloca os nossos pedidos sobre a mesa.

— Eu não sei aonde é o apartamento.

— Pergunta para ele.

— Eu não vou fazer isso. — Ele resmunga.

— Pergunta para o seu amigo aonde é o apartamento. — Rosno.

— Só depois que você me dizer o porquê disso tudo.

Me recosto na cadeira, cruzo os meus braços em frente ao corpo e a encaro.

— A minha mãe tinha um apartamento em Nova Iorque, e quando ela morreu eu achei que estivesse no testamento o deixando para o meu pai, mas hoje eu descobri que esse imóvel não constava no testamento que ela fez no passado. Fui atrás da advogada dela e soube que ela passou o apartamento para uma outra pessoa.

— E você está desconfiado que tenha sido para o Jensen?

— Para quem mais seria?

— Tem razão.

Observo o Dominic digitar em seu celular, enquanto isso eu bebo um gole de café e encaro a mesa de madeira. Depois daqui eu irei para casa, aguardarei informações da Stephany e vou conversar com os meus avós. Por longos dias eu tenho esperado a resposta deles sobre virem morar na mansão. Não vou ficar chateado com isso, talvez até seja bom, pois assim eu terei que ter mais independência misturada com responsabilidade. Não que eu não tivesse antes, mas agora é de uma forma diferente. Ouço o Turner murmurar alguma coisa e eu o encaro.

— O que você disse?

— 15 Union Square E.

— Maldito! — Exclamo ao dar um soco sobre a mesa.

Percebo que acabei chamando a atenção de algumas pessoas ao nosso redor e eu ignoro tudo, mantenho a minha atenção apenas no Dominic.

— Isso não é afirmação que seja o mesmo apartamento. — Ele comenta.

— Não mesmo, é muito mais que isso.

— Você não tem certeza...

— Seria muita coincidência, mas como eu não acredito nisso... — Dou de ombros e entrelaço as minhas mãos sobre a mesa. —, e então é certeza e afirmação absoluta que é o mesmo apartamento. É o apartamento da minha mãe.

— E o que você quer fazer agora? Não tem mais nada para fazer! Com certeza essa transferência foi feita legalmente.

— Sim, essa parte eu concordo, mas a minha mãe jamais daria um apartamento para o amante, sendo que ela tinha dois filhos.

— Eu tenho certeza de que o imóvel é muito menos o valor dele fará alguma diferença para vocês. — Ele murmura.

— Não e não é por isso. É simplesmente pela questão de que ela não deveria ter feito isso, principalmente dar o imóvel para o amante e pelo fato de que ele pode ter a coagido.

— Jensen é de uma família rica, muito rica, ele pode ter o que quiser e então não iria coagir a sua mãe a dar um apartamento para ele.

Maneio a cabeça para os lados e bebo um longo gole do meu café. Eu simplesmente não sei e nunca vou saber qual foi o real motivo para ela ter tomado essa decisão. Termino de beber o meu café e já peço outro para a garçonete. A tarde está correndo, e eu correndo para resolver tudo que ainda existe de pendente, pois quero alguns dias em paz. Talvez alguns dias afastado de Los Angeles me faça bem, só que sempre que eu decido sair da cidade por algum tempo, algo acontece e me deixa preso aqui. Maneio a minha cabeça para os lados e chamo a atenção do Dominic para que ele saia do celular.

— Eu percebi roubos no Fight, mas não tenho como provar.

— Estive conversando isso com a Emily e ela está decidida a retirar o Anthony da sociedade.

— Eu queria retirar ele com uma prova das merdas que ele faz. — Declaro.

— Será difícil, o modo mais fácil será comprando a porcentagem dele,

pois caso ao contrário irá demorar muito mais.

— Ele vai querer uma fortuna.

— É de se esperar, só que vocês devem serem mais espertos que ele e então vão meter um comprador laranja no meio.

— Bem pensado, Dominic.

— Converse com a Emily e a deixe a par sobretudo.

Aceno concordando e estralo o meu pescoço. Não parei um segundo desde o momento que eu levantei da minha cama, e o meu corpo ainda dói, muito, por causa da luta de ontem. Estou louco para chegar em casa logo e me deitar. Além de esperar notícias da Baker. Já é quase meio da tarde e nada dessa garota aparecer, ou melhor, me dar notícias. Bebo o café que a garçonete me serviu novamente, em seguida me despeço do Dominic e ele me avisa que também já está indo embora. Pagamos o nosso consumo, cada um vai para o seu carro, e eu percebo que ele tomou o carro da minha irmã para si mesmo. Maneio a cabeça para os lados, mas sorrio suavemente.

[...]

— Nós sabemos, mas não nos sentimos bem, Eduard. — Ouço o meu avô declarar.

— Tá. Tudo bem. — Resmungo. — Mas vocês podem virem aqui quando quiserem, sabem disso.

— Sabemos e vamos em breve. — Minha avó informa.

— Eu espero por vocês aqui.

Em seguida encerro a ligação e fico encarando o meu celular. Os meus avós não virão morar aqui, pois não se sentem bem estando na casa aonde era do meu pai e principalmente sabendo de tudo que passamos aqui, mesmo que a casa tenha passado por alguma reforma e eu não fico chateado com eles. Eu também entendo o quão difícil deve ser para eles só de pensar na possibilidade de virem aqui. Já deve ter sido extremamente difícil ver a minha mãe num casamento que não a fazia bem. Deixo esse assunto de lado, coloco o meu celular sobre o criado-mudo e me levanto da cama. A casa está completamente silenciosa, fazendo com que a minha mente se torne barulhenta e perigosa.

Estando sozinho e com tudo vazio a minha volta faz com que lembranças ruins tentem me carregar, só que eu não quero mais ter que lidar

com isso, aliás, eu vou lidar com isso pela última vez – pelo menos é o que eu espero – quando eu contar para a minha irmã, quando eu me abrir com ela. Os meus olhos viajam por cada canto do meu quarto em busca de nada e de repente encaro as poucas fotos que estão sobre a escrivaninha. Uma foto em especial prende o meu olhar e um longo suspiro escapa da minha boca. Margareth Lewis, a mulher mais sorridente, bem humorada e forte, que eu conheci. Me aproximo do porta-retrato, eu o pego e a observo com muita atenção.

— Eduard Lewis... você sabe que eu odeio que você faça isso!

Ouvi a minha mãe exclamar alto, muito alto mesmo! Eu me virei para o outro lado da cama, cobri a minha cabeça e voltei a fechar os meus olhos. Em seguida ouvi a porta do meu quarto ser aberta e eu continuei imóvel. Eu tinha acabado de chegar em casa, tinha passado a noite fora, ou melhor, estive na casa da Melanie e só voltei para a minha casa, quando amanheceu. Senti a sua mão pousar em meu ombro e me balançou levemente. Ela me conhecia o suficiente para saber que eu estava acordado.

— Me deixa dormir, mãe. — Pedi.

— Você sabe que tem que me avisar quando for ficar na Mel. — Ela resmungou.

Minha mãe tinha uma forma peculiar e carinhosa ao se referir a minha ex-namorada, mas eu gostava de ver que ela a aceitava muito bem.

— Eu me esqueci. — Murmurei.

— Fiquei preocupada, tão preocupada que nem consegui dormir. Eu achei que o seu pai poderia ter aprontado algo contra você.

Me virei de frente para minha mãe, segurei em sua mão e a apertei gentilmente.

— Me desculpe, eu não quis te preocupar. Estava num momento muito bom com a Melanie que eu esqueci completamente de tudo.

E ela era capaz de fazer isso, creio que ainda seja. Melanie sempre esteve do meu lado, independente da forma que eu estava e eu a admirava, aliás, ainda a admiro muito. Voltando a falar sobre a minha mãe, eu sinto falta dela apesar de não gostar muito assumir isso por causa de toda a circunstância em volta do assunto. Se ela estivesse aqui, viva, eu estaria grato, mas sei que não estaria contente por causa do romance que ela teve com o Brown. Eu ainda odeio e sempre vou odiar a decisão que ela teve. Entendo que pode ter sido uma coisa de momento, pode ter sido por raiva ao

ver os descasos do meu pai e até mesmo apenas uma escolha errada apenas para se aventurar, com a intenção de se distrair de um casamento ruim.

— Ei...

Coloco o porta-retrato de volta em seu devido lugar, olho para trás e vejo a minha irmã parada na porta do meu quarto. Passo as mãos em meu rosto, sinto os meus dedos molhados e só agora percebo que pequenas lágrimas escaparam dos meus olhos.

— Não ouvi você chegando.

— Cheguei há algum tempinho.

— E estava aonde? — Pergunto intrigado.

— Na cozinha. O cheiro do jantar está maravilhoso.

Sorrio e me aproximo dela.

— Eu pedi para a Lisa fazer costelas assadas ao molho inglês.

Ela faz uma carinha feliz e que demonstra a sua aprovação. Passo o meu braço por trás do seu pescoço e dou um beijo em sua têmpora. A minha mãe me decepcionou muito ao longo dos anos, minha irmã também, mas o que eu fiz foi trilhões de vezes pior. Só que fica o questionamento, porque eu consegui perdoar a minha irmã pelas bobagens que ela fez, mas não consigo perdoar a minha mãe pelas escolhas que ela fez?! Simplesmente... não tenho respostas para isso.

— Está tudo bem? — Ela me questiona.

— Sim. E com você?

— Estou. — Ela responde, mas ainda me olha intrigada.

Não quero começar o bendito assunto antes do nosso jantar, pois sei se começarmos, vamos perder o apetite e a Lisa está fazendo tudo com muito carinho. Então eu resolvo iniciar um outro assunto, um qual está me tirando o juízo.

— Sabe de algo sobre a Baker?

— *Hum...* — Ela me direciona um sorriso debochado.

— Emily!

— Tá, tudo bem. — Ela ri suavemente. — A cirurgia ocorreu bem, amanhã ela terá alta e ela está bem.

— Bom. — Murmuro. — Ela está sem celular?

— Não, o Oliver deixou com ela. — Emily responde. — Ela não entrou em contato com você?

— Pra que e por quê? Ela não tem que me deixar a par sobre a vida

dela e nem ficar me dando explicações.

Não, ela não entrou em contato e eu não entendo o porquê disso.

— Mas vocês são próximos.

— E você está insinuando muitas coisas. — Resmungo. — Vamos descer e encerrar esse assunto.

— Eu te conheço, Lewis. — Ela cantarola.

Emily consegue sair de perto de mim, ri suavemente e desce para o primeiro andar. Pego o meu celular e solto um longo suspiro indeciso, além de confuso. Não entendo o porquê de a Baker não ter respondido a minha mensagem da noite anterior e nem por ela não ter entrado em contato hoje. Eu não sei lidar com essas atitudes bipolares. Guardo o celular em meu bolso, enfio os meus dedos entre os fios do meu cabelo e esfrego o meu couro cabeludo. Eu simplesmente não consigo achar uma resposta para esse afastamento da Stephany, ontem conversamos e ficou claro que ela não me odiava, e nada do tipo, após saber das merdas que cometi com a minha irmã, só que depois sumiu. Assim que chego no primeiro andar, encontro a minha irmã parada na porta da varanda. O seu pensamento está distante e eu prefiro não a incomodar. Vou para a cozinha, apoio os meus braços sobre o balcão e observo o trio perambular pelo ambiente. Realmente o cheiro está delicioso, e quando eu saborear, sentirei que estará magnífico como sempre.

— Deseja alguma coisa, senhor Lewis? — Lisa me questiona.

— Não. Só estou aqui apreciando esse cheiro bom.

Ela sorri suavemente.

— Como sempre, estará delicioso. — Ela garante. — E será servido em poucos minutos.

— Eu vou esperar lá na sala de jantar.

Ela acena concordando e antes que eu saia totalmente da cozinha, a ouço pedir para as meninas serem mais rápidas. Emily continua parada no mesmo lugar e eu sinto o meu coração ser esmagado. Eu sei que ela vai sofrer por empatia quando eu contar tudo que devo, mas eu irei contar do mesmo jeito, pois eu não suporto mais guardar tudo para mim mesmo. Chamo a minha irmã e vamos para a sala de jantar. A ouço com atenção enquanto ela conta das novas artimanhas do Andrew, que já está querendo dar os primeiros passos sozinhos, e eu rio ao notar a sua preocupação. Ela é uma leoa ao falar do filho. Em pouco tempo a Lisa adentra na sala de jantar com a dupla a seguindo, elas nos servem e se afastam.

— Como sempre maravilhoso, Lisa. — Emily elogia.

— Eu apenas fiz o pré-preparo, senhorita Lewis. — Ela sorri suavemente.

— Apenas E-mi-ly. — Minha irmã pede.

— Tudo bem... Emily. — Lisa concorda. — Se precisarem de mim, eu estarei na cozinha.

Em seguida ela se retira, e eu volto a ficar a sós com a minha irmã. O seu olhar recai sobre mim e um nó começa se formar na minha garganta.

— Abre a boca, e começa a falar, Eduard. — Ela ordena.

— Vamos jantar primeiro, por favor.

— Eu já tenho noção que é algo ruim, mas nada que possa vir envolvendo o James irá me surpreender.

— Em... — Solto um longo suspiro. —, após o jantar, por favor.

— Tudo bem. — Ela concorda de mal agrado.

Sinto que os minutos correm rapidamente, pois quando eu olho novamente para a minha irmã, ela já terminou de comer e, bebe lentamente o restante do seu suco. Eu já perdi totalmente a fome, pois a cada segunda que se passa o nó se torna mais apertado. Empurro o meu prato, o afastando de mim e me sinto mal por não ter conseguido aproveitar o delicioso jantar que as meninas preparam. Peço para a Emily me acompanhar, subimos para a sala de estar do segundo andar e eu faço questão de me sentar no outro sofá, longe dela. Eu não tenho uma forma tranquila de começar e se eu ficar procurando, eu vou enrolar ainda mais para contar tudo de uma vez. A minha irmã me olha com atenção e carinho.

— Sabe todas aquelas vezes que o James informava que eu ia ficar alguns dias fora? — Questiono a fazendo assentir. — Na maioria das vezes, eu estava preso no galpão sendo torturado, sofrendo com a ira dele.

— E você carrega as cicatrizes dessas crueldades no corpo.

— Exatamente. — Jogo a minha cabeça para trás e fixo o meu olhar no teto. — Eu terminei o meu relacionamento com a Melanie por culpa dele.

— Eu percebi que tinha algo de errado naquele término, você a amava...

— Apenas gostava, eu era muito apaixonado por ela.

— Tá, tudo bem.

Respiro fundo e decido contar o que mais me dói.

— E sobre a minha infertilidade... foi culpa do James, também. —

Sussurro.

A ouço soltar um longo suspiro e eu apenas balanço a cabeça para os lados. Eu sei que ela quer se aproximar de mim, mas eu não quero sentir nem um toque.

— Por que ele te fez isso e como?

— Eu queria me afastar de tudo e na mesma época a Melanie estava se mudando para Nova Iorque, e eu queria ir com ela, então eu fui comunicá-lo, mas eu escolhi o momento errado. O rapaz do laboratório estava com o James, mostrando novas drogas injetáveis e quando a irá o dominou, eu sofri as consequências.

— Eu quero saber cada detalhe, Eduard.

— Ele bateu o meu rosto contra a mesa de ferro, eu caí no chão desnorteado e ele me injetou um calmante. Disse várias coisas, uma delas que eu não ia me mudar e que deveria terminar o meu namoro, em seguida injetou o de castração. Só que, como era uma seringa teste ainda, não teve o efeito esperado e algum tempo depois eu fiz exames.

— Como você sabe que não teve o efeito esperado?

— Se fosse mesmo de castração, eu não teria ereção...

— Tá, pula essa parte, não quero saber das suas aventuras sexuais com a Maire e Melanie, e com qualquer outra por aí.

— Você fala como se eu saísse por mim metendo o meu pau em qualquer mulher.

Ela encolhe os ombros.

— Ainda bem que não faz isso, mas volta ao assunto, por favor.

— E então, eu fiz exames e descobri que o que tinha naquele líquido causou algo em meu organismo diminuindo drasticamente a produção do meu sêmen, se algum dia eu quiser ter filhos, eu terei que fazer tratamento, mas como eu não quero, eu nem me preocupo.

— O que mais que aquele desgraçado te causou? — Ela questiona.

— Muitas coisas, Emily.

Em seguida a ouço ranger os dentes, apoio os meus cotovelos nos joelhos e escondo o meu rosto entre as minhas mãos. Tudo que eu sofri nas mãos do meu pai passa como um filme de terror em minha mente, com direito a som, dos meus gritos e dos golpes contra a minha pele. James abrindo os meus cortes por diversas vezes, eu acorrentado no galpão, surras no porão, medicamentos injetados diretamente na minha veia. Sinto as

palmas das minhas mãos começar a serem molhada e eu percebo que eu não consegui conter as minhas lágrimas. O peso do mundo que eu carrego nas costas se torna mais intenso, porque é difícil falar em voz alta e ainda ter muito mais coisas para contar, mas eu simplesmente não consigo mais falar uma palavra se quer. Ouço um soluço alto preencher o silêncio da sala de estar e eu sei que vem da minha irmã, e com isso o meu choro se torna compulsivo. Sinto o seu braço passar ao redor do meu pescoço e ela me abraça de uma forma torta, mas me traz conforto, pois ela está demonstrando que está comigo acima de todo o mal.

— Eu sinto tanto, Ed. — Ela declara em meio ao choro.

— Eu fazia o máximo para te proteger e proteger a nossa mãe, puxava a irá daquele maldito para mim. Eu conseguia suportar as maldades dele...

— Apenas fisicamente, pois psicologicamente ele te feriu da forma mais profunda possível.

Fico sem saber o que falar, encosto a minha cabeça em seu peito e a abraço pela cintura. Eu preciso do seu toque, eu preciso sentir o amor que ela tem por mim.

— Obrigado por estar aqui... comigo. — Agradeço baixinho.

— Eu sempre vou estar. — Ela declara afagando o meu cabelo. — Me conta tudo, Ed, por favor. Eu preciso saber.

[...]

— Eu sabia que você estaria aqui.

Fecho os meus olhos e maneo a cabeça para os lados. Assim que volto a abrir os meus olhos, Melanie está diante de mim e eu não falo nada. A conversa que tive com a minha irmã foi tensa, eu me abri completamente com ela e contei tudo. Das piores as horríveis coisas, só uma coisa que eu não revelei, e não vem ao caso. Emily foi mais forte do que eu imaginava que seria, ela foi a minha força para conseguir falar cada palavra. Só que ela teve que ir embora assim que as revelações terminaram, e avisou que eu ia voltar a fazer terapias querendo ou não. E eu consegui sorrir de uma forma genuína, como eu não fazia há muito tempo. O sorriso veio em forma de gratidão por ter ela cada vez mais comigo. Quando ela foi embora, eu me senti vazio e isso era estranho, pois não existia peso sobre as minhas costas e nem a escuridão estava comigo. O vazio era de uma forma boa, até que o choro

tomou conta de mim. Depois que o choro passou, eu decidi vir ficar na quadra de tênis. Por diversas vezes uma fina garoa caiu sobre mim e eu nem me importei, apenas queria ter a minha própria companhia. Sem demônios, sem passados e sem dores.

— Eu...

— Não me venha dizer que quer ficar sozinho. — Ela resmunga ao se sentar ao meu lado, mesmo que o chão esteja molhado.

— Por que você veio? Esteve dias desaparecida.

— Exagerado, não foram dias. — Ela resmunga. — Eu encontrei a sua irmã na drogaria, e ela apenas me pediu para vim ficar contigo.

Tenho vontade de dizer que não era preciso e pedir para ela ir embora, mas desisto. Melanie sempre esteve comigo, principalmente durante os meus mau-humores, nunca desistiu de mim, mesmo quando eu a tratava mal injustamente.

— Obrigado. — Agradeço baixinho.

— Você contou tudo para a Emily?

Apenas aceno e ela entende que eu não quero mais conversar sobre esse assunto. O braço da Melanie raspa no meu, olho em sua direção e ela me dá um pequeno sorriso, aquele que significa muitas coisas. Passo o meu braço por trás do seu pescoço, a puxo para perto de mim e encosto a minha cabeça na sua. Novamente uma chuva leve começa a cair e nos molha suavemente. Melanie pede para entrarmos e eu atendo ao seu pedido. Eu não entendo exatamente o porquê do pedido da irmã direcionado a minha ex-namorada, pois ela sabe que eu prefiro ficar sozinho, só que ao mesmo tempo acho que ela teve medo em me deixar sozinho aqui.

— Senhor Lewis...

Franzo o cenho ao ver a Lisa vindo em minha direção.

— Já deveria ter ido descansar.

— Eu preferi ficar aqui, caso o senhor precisasse de algo.

— Chega com essa de ‘senhor’, por favor. — Peço.

— Me desculpe. — Ela pede ao encolher os ombros.

— Eu não preciso de mais nada, Lisa. Você já pode ir.

— Certeza?

— Sim.

— Qualquer coisa pedimos um delivery. — Melanie informa.

Lisa faz uma careta de desaprovação e se despede de nós. Subo a

escada na companhia da Melanie, logo entramos no meu quarto e eu fecho a porta da varanda.

— Eu vou ir tomar um banho.

— E se arrumar, pois vamos sair. — Ela declara.

— Eu não estou a fim...

— Sem desculpas, Eduard. Hoje a minha missão é melhorar tudo isso aqui. — Ela toca a ponta do seu indicador em meu peito. — Por favor.

— Tudo bem. — Suspiro.

Eu sei que uma distração me fará bem e é algo que eu não faço a muito tempo, sair para me distrair. Entro no banheiro, coloco a minha roupa no cesto após retirá-la do meu corpo e me enfio debaixo da água. Eu me sinto diferente e bem, e isso é bom. Demorei longo tempo para me abrir com a minha irmã, mas consegui fazer isso no momento que me senti *preparado*, e eu vi que independente de tudo, ela está comigo. Segurando a minha mão, me dando apoio e sendo uma pessoa boa como sempre foi. Em pouco minutos eu saio do banheiro apenas enrolado numa toalha, Melanie está deitada em minha cama digitando em seu celular e eu vou diretamente para o closet. Visto uma calça jeans junto com uma camiseta preta e uma jaqueta escura por cima. Passo as mãos entre os fios do meu cabelo e bato as mãos nos meus joelhos após calçar o tênis. Não tenho a menor ideia de aonde a Melanie queira ir, mas eu estou disposto a me distrair essa noite.

— Todo de preto?! Deveria colocar algo mais claro.

— O que importa é a gente sair, e não o que eu estou vestindo. — Resmungo.

— Então, vamos lá, esquentadinho.

Sáímos do meu quarto, descemos para o primeiro andar e ela me segue rumo a garagem. Por mais que eu não saiba aonde ela deseja ir, ou melhor, me levar, eu prefiro ir dirigindo. Entramos na minha Lamborghini, saio devagar da propriedade e olho para a minha guia dessa noite.

— Para aonde vamos?

— Santa Mônica.

— Por quê? Já são quase dez da noite.

— Então acelera, esquentadinho.

Maneio a cabeça para os lados e resolvo não a questionar mais. Acelero o meu carro indo rumo a avenida principal, e vejo pelo canto do meu olho a Melanie mexer no sistema de som do meu carro. Mesmo depois de tudo que

aconteceu, mesmo depois desse dia agitado, a Baker retorna para a minha mente assim que passo em frente a um hospital qualquer. Ela simplesmente não me deu nenhuma notícia e é de se estranhar. Só que eu sei que também não posso cobrar algo nada dela, não tenho esse direito. Além disso, ela deve estar descansando, pois estava nervosa com a cirurgia. Bato os meus dedos no volante, relaxo contra o banco, o sentindo me abraçar – literalmente – e acelero mais um pouco, mas sendo cuidadoso. Não devo pensar em nada e nem ninguém a partir desse momento, eu devo ter pelo menos algumas horinhas de distração de todo problema e preocupação. A minha vida foi agitada demais nos últimos anos e chegou o momento da minha paz, pelo menos é isso que eu tanto desejo.

CAPITULO TREZE

*Então me deixe apenas desistir
Então me deixe apenas deixar ir
Se isso não é bom para mim
Bem, eu não quero saber
Me deixe parar de tentar
Me deixe parar de lutar
Eu não quero o seu bom conselho
Ou razões pelas quais eu estou bem
Katelyn Tarver – You Don't Know*

Stephany Baker

Eu sabia que não poderia ter ido ao Fight, agir de forma ruim contra o meu irmão – mesmo que tenha sido escondido –, eu também sabia que não poderia envolver o Eduard nas minhas atitudes inconsequentes. Por sorte – ou meio termo – apenas a Penélope e a Emily descobriram a minha atitude inapropriada. Eu não entendi muito bem o porquê do meu irmão ter decidido que não deveríamos assistir a luta, só que eu acho que ele tomou essa decisão porque era um combate contra o Lewis. E em pensar em tudo aquilo que aconteceu ontem... eu fiquei apavorada no momento que ele foi nocauteado. O meu primeiro desejo era descer correndo da arquibancada e entrar naquele octógono, mas eu simplesmente não podia.

Bocejo sonolenta, pois acordei da seditação há poucos minutos e coloco a mão sobre o meu ventre. Eu estava muito preocupada com a minha cirurgia, que ocorreu muito bem como esperado e a única preocupação que ainda está em minha mente é o Lewis. Mesmo que ele estivesse dolorido, machucado e prejudicado, ele foi gentil comigo ao se oferecer ao me levar para casa mesmo sabendo que eu estava no Fight escondida do meu irmão. Eu gostei do rápido momento, da conversa pessoalmente que tivemos e achei que estávamos evoluindo mais a nossa amizade. Pura enganação. Depois que ele me deixou em casa recebi uma mensagem que me afastou completamente.

*“Por favor, não me mande
mais mensagens.”*

Bloqueio a tela do meu celular e aperto o aparelho entre as minhas mãos. Ouço a porta do meu quarto se abrir, sorrio ao ver o meu irmão e eu o percebo mais tranquilo. Eu queria mesmo era ir para casa, mas eu só vou poder fazer isso amanhã.

— Como você está?

Ele para ao lado da minha cama e afaga o meu cabelo.

— Bem, e louca para ir embora.

— Só amanhã.

Faço um bico e ele sorri.

— A cirurgia demorou, né?!

— Só um pouco. Você estava nervosa, mas deu tudo certo. E já conversamos sobre isso, Stephany.

— Eu sei, só fiquei um pouco pensativa sobre isso. — Aperto a sua mão. — Você falou com a nossa mãe?

— Antes de eu entrar aqui.

— E ela?

— Mesmo com tudo que eu disse, ela continuou preocupada desnecessariamente.

— Mãe sendo mãe.

Ele acena concordando e se senta na poltrona ao lado da cama. Esfrega o rosto entre as mãos, se espreguiça e enfia a cara no celular. Há horas o Oliver não tira o pé desse hospital, e eu imagino quão cansado ele deve estar. Aperto mais uma vez o meu celular entre as minhas mãos e sinto o meu peito se afundar. Por que o Eduard agiu daquele modo na mensagem, sendo que pessoalmente ele demonstrou outra coisa e até mesmo interesse nessa possível amizade? É algo que está me deixando louca.

— O que está te incomodando, Stephany? — Oliver me questiona.

Eu o encaro sem saber o que dizer e encolho os meus ombros.

— Você deveria ir para casa.

— Não quero te deixar sozinha.

— Eu estou bem e vou ficar bem, Oli. — Garanto. — Por favor, vá descansar em casa.

Ele fica em silencio e pensativo por longos segundos.

— Tá, eu já vou então.

Mesmo assim ele não se move e continua com a atenção no celular, além de ter um sorrisinho no canto da boca.

— Você e a Penélope estão melhor, né?!

O seu olhar recai sobre mim e ele acena suavemente. Por mais que eu ainda esteja no processo de aceitação desse casamento, eu percebo que o Oliver tem a precisão de conversar sobre o relacionamento dele, e então eu lhe der a sua oportunidade de se abrir, é fazê-lo voltar a ter mais confiança em mim.

— Até que fim estamos, mas ainda é um processo lento e um pouco complicado.

— Por quê?

— Por mais que a gente bem, ainda algumas coisas são pequenos

empecilhos de convivência e outras bobagens.

— Por exemplo?

— O que mais me deixa irritado, é que estamos casados, mas moramos separados.

— Você pediu para ela ir morar lá no apartamento? — Questiono.

— Eu deveria? Somos casados.

— Eu não sei. — Dou de ombros. — O relacionamento de vocês é estranho desde o início, então podemos esperar de tudo.

Ele faz uma careta desaprovando, mas fica calado. Talvez ele tenha achado que não fosse necessário pedir o óbvio, e ela, talvez ainda esteja esperando o pedido para que não sinta que esteja invadindo a família, mesmo que já seja casada com o meu irmão. Eu largo o meu celular sobre a cama, pego o controle da tevê e a ligo. Tudo é entediante, ainda mais quando você tenta esquecer um problema, mas não consegue e ele fica te atormentando. Esfrego o meu couro cabeludo e fecho os meus olhos, tentando apagar qualquer coisa da minha mente, mesmo sabendo que é em vão.

Sinto o meu irmão depositar um beijo no alto da minha cabeça, ele avisa que amanhã volta, mas que ainda hoje irá me ligar. Assim que ele se vai, o único barulho que preenche o quarto monótono é o da tevê e eu não lhe dou a mínima atenção. A imagem do Eduard é a única coisa em minha mente, a voz dele e tudo relacionado a ele. E isso é uma droga! Eu não queria isso acontecendo, eu não queria sentir isso que estou sentindo, mesmo que eu ainda não entenda e nem consiga explicar. Só que uma questão, quase uma afirmação – sem sentido algum – é o que explode em minha mente: eu estou gostando do Eduard?!

[...]

O restante do dia de ontem e a noite foram tranquilos, solitários e silenciosos. Sempre que era necessário a enfermeira vinha me verificar ou trazer alguma coisa e o médico veio me ver. Depois disso eu tentei dormir, mas passei a maior parte do tempo acordada assistindo o filme da minha vida, que passava constantemente em minha mente. Simplesmente tudo! Todas as dores, felicidades e principalmente medos. E eu estou cansada de todas essas coisas, sei que deveria me abrir e só então eu iria me sentir leve, em paz comigo mesma. Mas não posso... não posso contar.

Guardo o pente de cabelo de volta na minha mochila, passo a máscara de cílios e sorrio suavemente para a minha imagem refletida no espelho. Não estou com a cara péssima, mas também não está uma das melhores. E apesar, disso ser ruim, em breve eu irei para casa, graças a Deus, e estou contando os segundos para o Oliver chegar. Já trocamos mensagens, eu avisei que estou maravilhosamente bem e expus o meu desejo de ir para casa logo. Só que tenho que aguardar pacientemente o horário certo da liberação e o meu irmão vir me buscar. Volto para o quarto, deixo a mochila sobre a poltrona e vou até a janela. O dia está bonito! E o ruim é que só damos conta das coisas boas quando estamos impossibilitados de algo. Eu, hoje, por exemplo, estou dizendo que o dia está lindo e com certeza não reconheceria, se eu estivesse por aí fazendo qualquer outra coisa. Ouço o meu celular tocar, eu o pego sobre a cama e franzo o meu cenho. Não é o Oliver me ligando, como eu esperava. É o Lewis. Eduard Lewis.

— Alô.

— Baker? — Lewis pergunta suavemente.

— Sim, sou eu.

— Sou eu, o Eduard.

— Eu sei e... — Suspiro. —, eu nem deveria te atender.

O ouço suspirar e a linha fica muda por longos segundos. Eu nem sei o porquê de ter atendido ele, ainda mais após aquela mensagem.

— Então, era só ter recusado a chamada. — Ele resmunga.

— Eu sei, mas fiquei curiosa o porquê da sua ligação, ainda mais após aquela mensagem.

— Eu queria, aliás, quero saber como você está e... que mensagem, Stephany? Eu nem se quer te mandei mensagem desde quando te deixei em casa no domingo, fiquei esperando a sua.

— É claro que você me mandou!

Eu não posso me estressar e essa bobagem está me irritando.

— Eu não mandei, Baker. E eu não teria o porquê de mentir.

— Tá, tudo bem então. Eu vou fingir que acredito em você e respondo o que você quer saber, sim, eu estou bem.

— Eu não sei lidar com esse tipo de coisa. Então é melhor você me explicar essa história, ainda que eu esteja te dando essa chance.

— Eu que estou te dou dando a chance em falar comigo.

Ouço ele suspirar mais uma vez e eu analiso essa conversa, até mesmo

a sua mensagem. Foi estranha, inesperada e confusa, pois o jeito que estávamos antes um com o outro não indicava e muito menos dava o início para tudo aquilo.

— Que mensagem foi essa que supostamente eu te enviei? — Ele questiona.

— Simplesmente dizia; por favor, não me mande mais mensagens.

— O que? — Ele questiona irado.

Reviro os meus olhos perdendo o restante da minha paciência, me sento na cama e bato a mão livre na minha cintura.

— Não vou falar de novo.

— Escuta bem o que eu vou te dizer, Stephany. Eu não te mandei essa mensagem, e jamais iria mandar algo assim, principalmente depois do jeito que nos aproximamos no domingo...

— Veio do seu celular a mensagem, consequentemente você que me mandou. — Declaro ao interrompê-lo.

— Não fui eu, mas tenho ideia de quem possa ser. — Ele resmunga. — Acredite em mim, Baker.

— Eduard...

— Se você pode ter um pouco de fé que eu mudei em relação ao meu antigo eu, e que sou uma boa pessoa agora, você pode acreditar que eu não te enviei essa maldita mensagem.

Mas se não foi ele, foi quem? Alguém muito próximo, íntimo para ter essa liberdade de mexer no celular alheio. Esfrego a minha nuca e tento organizar os meus pensamentos. Eu ainda estou em efeito de medicamentos então a minha cabeça ainda está um pouco confusa com tudo.

— Tudo bem, Lewis. — Murmuro.

— Você acredita em mim ou só está me despachando logo?

Sinto vontade de rir, pois nunca imaginei ele agindo dessa forma, mesmo que eu ainda não o conheça muito bem. A porta do quarto se abre, a enfermeira entra e sorri para mim.

— Eu preciso desligar.

— Baker...

— A enfermeira está aqui para conversar comigo antes de eu ter alta.

— Então você já está indo para casa? — Ele questiona.

— Praticamente.

— Tudo bem, então. — Ele me parece mais aliviado.

Apenas concordo e encerro a ligação antes de largar o celular sobre a cama. A enfermeira se aproxima e faz o seu trabalho de praxe, além de me passar informações essenciais. Logo o médico entra no quarto, e logo atrás dele, o meu irmão. Enquanto o Oliver fica no canto me esperando e digitando no celular, o médico me informa que eu devo voltar na semana que vem e algumas outras coisas necessárias, que eu já estou sendo avisada desde ontem. Em poucos minutos eu já estou no carro, com o cinto devidamente colocado e ansiosa para chegar em casa. Só que, existe uma coisa principal, eu estou começando a acreditar no Lewis, mas eu não vou dar isso de bandeja para ele. Eu fiquei muito mal com a sua mensagem.

“Tenha mais cuidado com quem você dá a liberdade sobre o seu celular.”

— Está bem mesmo? — Oli me questiona preocupado.

— Estou, Oliver. — Aceno. — Vamos logo para casa.

— Qualquer *aí* seu, eu te trago de volta.

Rio suavemente e volto a atenção para o meu celular quando ele vibra.

“Terei e espero que você tenha me desculpado por esse problema causado indiretamente por mim.”

Percebo que o Lewis tem a necessidade de aceitação muito grande, talvez seja por causa de todo o passado que lhe cercava. Eu vejo que isso é bom, pois demonstra preocupação com os seus atos.

“A chateação já foi causada, mas agora está tudo bem. Não irei me importar mais com isso.”

Foi ruim ler aquilo, e eu estava decidida a ignorar a sua existência por completo. Até mesmo, por um segundo, repensei sobre a mudança que ele teve por causa de sua irmã.

“Eu jamais teria a intenção de te chatear, me importo com você.”

Sorrio suavemente.

“Eu sei e... percebo.”

Eu estou louca para saber quem foi o verdadeiro autor da mensagem, ou melhor, verdadeira autora, mesmo que eu tenha a minha desconfiança.

*“Enfim, você está bem?
Precisando de alguma coisa?”*

Desde o início ele se mostrou ser afastado e mais recluso, mas eu vejo que ele é prestativo quando necessário.

*“Estou bem, já estou indo para casa.
E não, não estou precisando de nada.
Obrigada pela preocupação.”*

Largo o celular em meu colo, cruzo os braços em frente ao corpo e olho para a janela rapidamente antes de olhar para o meu irmão.

— Que cara é essa, Oliver Baker?

Ele está com o cenho franzido, com o olhar fixo no trânsito e as suas mãos apertam o volante com força.

— A minha, de sempre.

— Me engana que eu gosto. — Resmungo. — Diz logo o que está se passando nessa sua mente.

— Nada.

— Mentiroso.

Dou de ombros e sinto o meu celular vibrar.

*“Talvez nos vejamos, eu estou
no apartamento da minha irmã.”*

— Se lembra que eu pedi para que você não mentisse para mim? — Ouço o Oliver me questionar e eu aceno. — Então não minta. Você está trocando mensagens com o Eduard?

— Estou. Ele apenas queria saber se eu estou bem e se eu estava

precisando de algo.

— Que prestativo. — O meu irmão ironiza.

— Eduard se preocupa comigo, Oli.

— Claro que sim. Ele quer...

E então o Oliver se cala e eu acho isso muito bom, pois o que estava prestes a sair da sua boca era algo péssimo.

— Escroto o seu comentário, Oliver! — Resmungo, mas decido ignorar o que esteve prestes a ser dito. — Daqui uma semana eu tenho que voltar.

— Você me lembra, um dia antes. — Ele me pede.

— Eu sei disso, você é esquecido.

Em poucos minutos já estamos saindo do carro, eu nego qualquer ajuda oferecida do meu irmão e entro no prédio. Vou diretamente para o elevador e enquanto aguardo pacientemente pelo Oliver, aproveito para escrever uma nova mensagem.

“Eu adoraria te ver, talvez pudesse nos entender melhor sobre o mal-entendido.”

Claro que isso é parcialmente verdade, o que eu quero mesmo é vê-lo e descobrir quem foi a autora da mensagem.

“O seu irmão não gosta da nossa aproximação e eu não quero fazer a irá dele contra a minha pessoa aumentar ainda mais.”

Enfim o Oliver entra no elevador e eu o olho por alguns segundos.

“E se ele concordasse?”

Olho para o Oliver novamente, o seu olhar encontra o meu e os segundos de coragem que eu tive ao enviar a mensagem já passou, mas eu deveria ainda tê-lo para pedir ao meu irmão.

— O que você quer, Stephany Mia Baker?

— Não fique nervoso, ok? — Peço criando coragem e respiro fundo. — Eduard quer me ver.

Oliver simplesmente me ignora e sai do elevador no nosso andar. Ele

não pode agir assim, eu estou tentando fazer as coisas de forma certa, pelo menos dessa vez. Eu poderia agir de forma errada ao sair escondido, mas prefiro a sua concordância aos meus atos. Assim que entramos no apartamento, a Ayla se levanta do sofá e vem em nossa direção. Ela abraça o nosso irmão e faz questão de me ajudar – mesmo que não seja necessário –, e eu me sento no sofá. Observo o Oliver ir para o quarto sem me dizer nada e eu fico irritada. Ayla me faz diversas perguntas sobre a cirurgia e como estou, e eu as respondo calmamente, mesmo que eu sinta vontade de gritar. Não com ela, mas com o nosso irmão. A mensagem com a resposta do Eduard chega e eu me apresso para ler.

“Se ele concordasse, eu iria numa boa, mas sei que não vai e então não se iluda com isso, Baker.”

— O que foi? — Ayla me questiona.

— Eduard quer vir me ver.

— E o Oli deixou?

— Verei isso agora.

Vou rumo ao quarto do meu irmão, ouço a sua risada e peço mentalmente que ele continue com esse bom humor. Abro a porta do quarto e entro sem esperar a sua autorização. Ele revira os olhos assim que nota a minha presença e eu me mantenho séria.

— Ele vai vir aqui e já era, Oliver. Pare com essa implicância com ele, somos amigos.

— Amigo que quer te levar para cama? — Ele questiona.

Não fico surpresa com as suas palavras, pois já tinha noção que algo do tipo viria desde aquele momento no carro.

— E se já levou ou se eu quiser ir? Não vejo problema nenhum nisso, Oliver. Eu já sou maior de idade e sei fazer as minhas escolhas.

— Não meu provoque dizendo esses tipos de coisas. — Ele rosna. — Eu sou o responsável por você...

— Oliver, para de criar caso. — Peço ao interrompê-lo.

Ele suspira irritado e eu continuo do mesmo jeito. Eu não vou dar para trás, não vou mudar a minha decisão só por causa da sua aversão.

— Que ele venha, então. Mas eu estou de olho em você, Stephany.

— Eu sei, Oliver Baker.

— Não me perturbe com esse assunto e vá repousar. — Ele pede.
— Ele virá à noite.

Saio do quarto sem esperar mais nenhuma resposta e rio suavemente. Já é quase noite, e então o Oliver tem pouco tempo para aceitar a visita.

“Para a sua surpresa, ele concordou. Venha à noite.”

Concordou porque quis? Não! Mas o que importa é que concordou da melhor forma possível. Decido ir para o quarto me deitar um pouco, mesmo que eu não esteja cansada, eu sinto a necessidade de me deitar. Fiquei apenas um dia e meio e uma noite fora daqui, mas senti muita falta. Desde o início eu sabia que deveria ficar tranquila com a cirurgia, sabia que era algo simples, só que ontem eu me desesperei quando cheguei ao hospital. Não sei o que deu em mim ao querer se despedir do Oliver, o medo que tive em entrar no centro cirúrgico... eu simplesmente me desesperei de uma forma inconsequente. Talvez tenha sido os acontecimentos dos últimos dias, a ida na casa dos nossos pais e principalmente o medo. Todos os meus medos me dominaram de uma vez e eu deixei o meu irmão assustado. Maneio a cabeça para os lados esquecendo de tudo isso, relaxo o meu corpo sobre o meu colchão muito confortável e fecho os meus olhos após descansar a minha cabeça no travesseiro.

[...]

Eu não dormi, apenas descansei e a Ayla me fez companhia, além de me colocar a par dos acontecimentos das horas que estive fora daqui. Não fiquei surpresa ao saber que ela está ainda mais próxima do Dominic e da Emily, além de estar cuidando do pequeno Andrew quando a Lewis precisa. Depois da nossa conversa, eu tomei um banho descente e me vesti casualmente como de costume. Eu não queria e nem tinha a intenção de me arrumar para receber o Eduard, pois não quero demonstrar interesse algum, a minha única intenção era apenas ficar normal, sem ter aquela aparência que eu acabei de sair do hospital. Percebo a Ayla me observando e eu sorrio suavemente. Eu imagino o que esteja passando na cabeça dela e é algo que está em minha mente há algum tempo. O meu interesse por ele está

começando a surgir e eu não sei como agir. No domingo eu senti muita vontade de beijar ele no momento que eu estava debruçada sobre a janela do seu carro, mas me controle porque ainda não vi interesse suficiente da parte dele.

— Ele não ficou bravo? — Ay me pergunta.

— Quem? Oliver? — Questiono a fazendo assentir. — Mais ou menos, mas é melhor que eu faça as coisas de forma certa, do que agir escondido.

— Como no domingo?

Aceno e me mantenho quieta. Ayla odiou ao saber da minha decisão, disse várias vezes que eu estava errada e pediu para eu não agir de forma traira com o nosso irmão, mas ela sabia o tamanho da minha precisão ao ir ao Fight. Então apenas me pediu para ter cuidado e que seria um segredo nosso. Meu celular vibra sobre a mesa da escrivaninha e o meu coração bate mais rápido.

“Estou na porta.”

— Eduard chegou.

— Vai abrir a porta, então.

Saio do quarto sendo seguida pela Ay, ela vai para a cozinha e eu abro a porta. E aqui está ele, Eduard Lewis. Lindo, sedutor e misterioso. O canto da sua boca se curva suavemente, ele acena com a cabeça e olha para trás de mim.

— É agora que o seu irmão vai me dar um soco ou qualquer outra coisa do tipo?

Reviro os meus olhos e dou um passo para o lado, dando espaço para ele entrar no apartamento. A sua aparência está bem melhor desde a última vez que eu o vi, claro que ele tinha acabado de sair as luta e estava muito mal. Só que pelo menos hoje, o seu rosto não está mais inchado e nem com muitos hematomas, os poucos que tem são quase imperceptíveis e apenas os pequenos cortes são mais visíveis.

— Ele concordou com a sua vinda, então não tem motivos para te dar um soco.

— Nunca se sabe a verdadeira intenção no coração o homem.

— Poeta ou filósofo? — Debocho.

Agora é a vez dele de revirar os olhos e enfim entra no apartamento.

Ouço a Ayla o cumprimentar vergonhosamente, eu lhe indico o sofá e sentamos lado a lado. É visível a tensão do Eduard, o seu receio de estar aqui e eu fico um pouco temerosa em pensar que a qualquer momento o Oliver vai aparecer aqui. Me lembro de suas palavras e olho no fundo dos olhos do Lewis. O meu irmão tem o pensamento formado que o Eduard quer apenas coisas sexuais comigo, mas ele nem se quer demonstrou ter atração por mim. Ele sempre foi neutro, apesar dos seus olhares gulosos em meu corpo.

— E então...

Ele continua a me olhar fixamente e eu vacilo ao desviar para a sua boca.

— E a... — Volto a olhar em seus olhos e procuro algo para iniciar algum assunto. —, mensagem?

— Eu não te enviei aquilo, ela nem se quer constava no meu celular, mas em breve eu vou resolver com a pessoa.

— Quem foi? — Questiono.

Ele maneia a cabeça para os lados e enfim relaxa contra o sofá.

— A sua cirurgia demorou, não é?

— Sim, eu estava nervosa, então demoraram para me sedar.

— Eu te disse que deveria ficar calma, aliás, você me garantiu que estava calma.

— E eu achei que estava, mas no momento que eu cheguei lá, o desespero tomou conta de mim.

— Acontecimentos dos últimos dias podem ter causado isso.

— Com certeza foram os culpados.

— A ida na casa dos seus pais? — Ele pergunta.

— Sim. — A minha voz vacila ao afirmar.

Ouço passos e eu olho para o lado. Ay sorri envergonhada e se aproxima.

— Será que o Oli vai se importar se eu fizer o jantar?

— Não, Ay.

— Eu acho melhor ir perguntar...

— Apenas faça, se é isso que você quer. Ele não vai te dizer não.

— Mas e se ele planejou...

— Não planejou nada. Faça o jantar.

Ela apenas acena concordando e volta para a cozinha. Eu volto a olhar para o Eduard e noto que estamos ainda mais próximos. O cheiro do seu

perfume é bom e o calor do seu corpo se mistura com o meu. Umedeço os meus lábios com a ponta da minha língua e a minha respiração fica mais pesada. Eu o desejo, mas... é melhor deixar isso bem quieto.

— A minha irmã fala muito bem da...

Ele se cala de repente.

— Da Ayla?

— Da Ayla. — Ele afirma.

— Ela é um doce.

Ele sorri suavemente e volta a ficar tenso ao olha ao redor. O apartamento é simples comparado a mansão ainda ele aonde ele mora. Nunca fui lá, mas imagino como deve ser. Ele é de família rica, o pai dele era mafioso... e então eles – incluo a irmã – viviam num patamar muito alto de vida. Só que fico um pouco surpresa em a Emily nem se quer se importar com tudo isso, pois é visível que ela ama a vida que está construindo com o Dominic. E outra coisa, em pensar no Lewis, me refiro ao pai dele, eu me lembro de tudo e sinto vontade de saber a história pelo próprio Eduard. Por mais que eu saiba da história, tenho a necessidade de saber pelas suas palavras.

— Eu ainda quero saber daquele assunto por suas palavras.

O seu corpo enrijece e eu percebo que agi numa hora errada.

— Não é momento para isso, Stephany.

— Eu sei, mas apenas quis te lembrar. Quero saber a sua versão.

— Será a mesma que já te contaram.

— Quero ouvir as suas palavras.

Ele respira fundo, mas acaba acenando. Creio que seja difícil contar seja lá o que for que o tanto incomode.

— Eu acho melhor ir embora.

Tenho vontade de questionar a sua pressa, mas prefiro me manter calada. Novamente a dúvida se ele sente alguma atração por mim volta a rondar a minha mente e eu mordo o meu lábio inferior com força. Ouço passos no corredor, o Lewis olha alarmado para mim e eu sinto um pequeno nó se formar em minha garganta. Sei que é o Oliver e não quero ele arrumando briga. Assim que o meu irmão entra na sala de estar, Eduard fica de pé e eu semicerro os olhos.

— Baker. — Ele acena com a cabeça.

— Lewis. — Oliver faz o mesmo gesto e se encosta na parede. —

Então?!

— Ayla fez o jantar.

Eu nem sei o que ela fez, aliás, nem sei se já terminou, mas quero exterminar qualquer início de desentendimento que possa estar querendo começar a surgir. Me ponho de pé ao lado do Eduard e olho fixamente para o meu irmão. Ele sabe muito bem que eu não desejo brigas, ainda mais que ele concordou – contragosto –, e então deve se manter sociável.

— Stephany me contou que você estava preocupado com ela...

— É a verdade. — Eduard afirma ao interromper o meu irmão.

— Por que se preocupa com ela? — Ele questiona.

Oliver está agindo como se eu não estivesse aqui, aliás, está agindo como se eu nem existisse e isso é ridículo. Já estou ficando irritada com essa sua atitude babaca.

— Para, Oliver! Você está sendo chato.

Eu não consigo controlar esse homem e por sorte minha, a Penélope surge no ambiente e nos olha sem entender nada. Assim que ela chegou do serviço, foi para o quarto e com certeza dormiu, pois a sua cara está levemente inchada e os olhos estão pequenos.

— O que está acontecendo? — A ouço perguntar ao meu irmão.

— Eduard veio me visitar e Oliver está sendo chato.

Ela respira fundo e fala algo num tom baixo, para que apenas o meu irmão ouça e em seguida ele vai para a cozinha após suspirar. Ele é controlado pela esposa! Olho para o Eduard e encolho os meus ombros em sinal de desculpas.

— Ele concordou contragosto a minha vinda, não foi?

— Ele concordou, apenas isso.

— É melhor eu ir, não quero desavenças com o seu irmão.

— Ele tem que se acostumar com a sua presença, pois...

Calo-me antes que eu fale o que não devo e vejo o Lewis franzir o cenho, mas em seguida sorri debochado. Será que ele percebeu algo? É impossível saber, ele não dá abertura para que as pessoas façam uma leitura dele. Me sento de volta no sofá, ele olha na direção que o meu irmão foi e acaba se sentando novamente.

— Eu não reclamo da aversão que o seu irmão tem por mim, ele está no direito que ele acha que tem.

— É ridículo, Eduard.

— Você não entende o porquê de ele ser assim comigo...

— Entendo, mas não acho correto.

— Qual a sua concepção de correto? — É visível a sua ironia e eu simplesmente me calo. — Ele não gosta de mim e eu não faço a mínima questão de mudar isso.

— Ele não tem que gostar ou deixar de gostar, ele tem apenas que respeitar a minha decisão.

— Pelo o que eu saiba, de início você não respeitou o casamento dele com a Penélope.

— Não aceitei porque ela não fazia bem para o meu irmão.

— Ele tem a certeza de que eu não vou te fazer bem.

— Por que não?

— Por tudo que eu já fiz. — Ele responde obviamente.

— Mas você é uma nova pessoa.

— Para mim, para a minha irmã e para aqueles que são extremamente próximos, e no caso o seu irmão não é, então ele vai continuar com a mesma concepção: eu sou uma pessoa ruim, que pode ferir a irmã dele a qualquer momento.

Eu sei que ele não vai, ele não é mais capaz disso. Pelo menos eu coloco fé nisso e o Oliver não deveria esperar esse tipo de coisa, pois eu se eu concordei em dar uma nova chance para a Penélope, concordei em tratá-la melhor e ele deveria fazer a mesma coisa com o Eduard.

— Você não vai.

Ele manea a cabeça para os lados e sorri tristemente. Ele não coloca fé em si mesmo. Isso é uma grande merda! Oliver entra na sala chamando a nossa atenção e avisa que está indo para o Fight, fazendo com que Eduard perceba que já é hora dele ir. Observo o casal sair do apartamento, olho ao redor e nem vejo sinal da minha irmã. Volto a minha atenção para o Eduard e percebo que ele está muito próximo novamente. A sua respiração bate contra o meu rosto e eu sinto o meu interior esquentar, fazendo o meu coração vacilar algumas batidas.

— Nos falamos depois e nos vemos por aí, qualquer dia.

— Tenha mais fé em si mesmo. — Peço e coloco a mão em seu tórax sentindo o seu coração pulsando. — Eu não sei exatamente como as coisas te feriram, mas você me demonstra ser uma pessoa maravilhosa.

— Obrigado, Stephany.

— Não me agradeça, apenas acredite.

Ele acena concordando e se afasta do meu toque.

— Se cuida, dona encrenca.

Reviro os olhos e o observo ir embora. Bato as mãos em meus joelhos, caio para o lado e me deito no sofá. O cheiro de alho frito está dominado o apartamento, mesmo assim eu não sinto fome o suficiente. A minha mente está a mil, por diversos motivos e a maioria deles são em uma única pessoa; Eduard Lewis. Ele me pareceu bem melhor, não me refiro a apenas externamente, mas algo internamente estava diferente. Algo aconteceu, o fazendo ficar mais leve e eu... confesso, senti um pouco de inveja. Queria muito me sentir mais leve, mas é uma escolha minha, sobre preferir em ainda ficar com os meus demônios do passado.

— Oliver estava irritado. — Ouço a Ayla comentar.

— Por causa do Eduard?

— Você ainda pergunta? — Ela debocha.

— Foi melhor eu ter encontrado ele aqui, a que sair... não acha?

— Foi melhor, mas ao mesmo tempo complicado.

Dou de ombros e encaro o teto. Eu não vejo motivo o suficiente para o Oliver ter tanta aversão do Lewis, não tem muita coerência. Já ficou bem explícito que o Eduard se arrependeu de suas maldades, cuidou muito bem da irmã e do sobrinho nos meses que eles ficaram longe daqui, mesmo assim não tem... a aceitação... Não! Essa palavra não se encaixa nesse pensamento. Existe uma melhor e é a: veracidade suficiente. Pelo menos, não diante dos olhos dos demais. Só que, outra coisa que é explícita também, o Eduard pouco se importa se os outros acreditam nele ou não, e eu admiro bastante esse seu lado, apesar de sacar algumas vulnerabilidades bem visíveis que existem também. Ouço a Ayla me chamar, eu me levanto do sofá e vou para a cozinha.

— Você já comeu?

— Sim, mas vou te fazer companhia.

— O que de gostoso você fez? Já que está aprendendo muitas coisas com o Dominic.

— Fiz algo diferente apenas para você.

— Devo ficar feliz ou preocupada?

Ela fica séria, pois não gostou da minha brincadeira e eu apenas rio. Enquanto como a minha janta especial – muito boa por sinal –, e ela me faz

companhia. Depois eu a ajudo limpar a louça suja do jantar, arrumamos a cozinha e vamos para o quarto. Ayla vai para o banho e eu me deito na minha cama. Eduard saiu daqui sem me dizer se ia para casa ou para o Fight. Claro que ele não me deve explicações, mas é apenas preocupação da minha parte. Ele saiu daqui praticamente junto com o meu irmão e eu não tenho a menor ideia do que pode ter acontecido. Me assusto quando o meu celular vibra em minhas mãos, mas sorrio suavemente, aliviada.

— Oi, Ed... Eduard.

— Eu poderia te mandar uma mensagem, mas preferi ligar.

O meu sorriso se torna um pouquinho maior e fico feliz com essa aproximação diária entre nós.

— O que devo a honra, senhor Lewis?

— Liguei apenas para dizer o que esqueci de falar pessoalmente...

O meu coração falha uma batida.

— Pode falar.

— O seu corpo ainda precisa de descanso, mesmo que tenha sido uma simples cirurgia, então deite e esqueça o mundo. Se a sua mente está bem, o seu corpo fica bem, então relaxe, senhorita Baker.

— Era isso?

É notável o meu desapontamento.

— Apenas isso. Descanse, Baker.

— Tchau, Lewis.

Encerro a ligação e dou um soco no ar. Que raiva! Me iludi, aliás, eu venho me iludindo em relação ao Eduard. Ele não sente nada por mim. Eu sou a única com sentimentos nessa história.

[...]

Assim que eu acordei nessa manhã, eu senti vontade de sair e ir fazer os meus exercícios, mas eu ainda não posso e então me aquietei dentro do apartamento. Eu nem pude ajudar a Penélope a arrumar o apartamento, pois eu também não podia e a minha cunhada não permitiu. Oliver levou a Ayla para o colégio e de lá foi ir trabalhar. Já eu, decidi ler algumas coisas na internet sobre o meu futuro curso e fiquei assim, toda a manhã. Não troquei mensagens com o Lewis, ele não mandou nenhuma e eu também não. Depois de ontem, eu decidi parar de pensar nessa loucura de sentimentos que está

dentro de mim, eu não consigo entender, então eu prefiro não ficar pensando. Ele não sente o mesmo por mim, então o que eu devo fazer é ignorar o sentimento e logo irá passar. Saio do sofá ficando cansada dessa monotonia, ando até a porta do apartamento e a abro. Como sempre silencioso e vazio. Me assusto quando a porta da frente se abre, o casal me olha e eu sorrio suavemente.

— Vai sair, Stephany? — Dominic me questiona com o cenho franzido.
— Ou está chegando de algum lugar?

É isso que acontece quando você é irmã de um rapaz que tem amigos e esses tais sempre estão vigiando cada mínima coisa que lhe são pedidos. Por isso o Dominic e a Emily sempre estão de olho em nós, mesmo que seja algo discreto.

— Nem um e nem o outro. — Resmungo.

— E então o que é?

— Eu estou entediada aqui, então vim ver o movimento.

— Do vento? — Emily debocha. — Esse prédio é muito tranquilo, não tem uma movimentação estranha se quer.

Pior que ela está certa. Não tem uma briga de casal, a mulher jogando as roupas do marido pela janela, não tem mãe gritando com os filhos, e nem nada.

— Você está bem? — Dominic me questiona.

— Sim, ótima.

— Ed veio te visitar ontem, não é? — Emily pergunta suavemente, mas ela já sabe a resposta.

— Veio.

— E o Oliver? Fiquei sabendo por cima.

— Muito contra, mas se comportou.

— Eu, aliás, nós, me refiro ao Dom também, e entendemos o porquê do seu irmão agir assim, o Dom tem a mesma visão que ele, mas prefiro dar uma chance para o Eduard.

— Por que o Oliver age dessa maneira?

— Seja mais compreensível, e ouça o seu irmão. Eu faço isso com o meu e dá um pouco certo.

Apenas aceno e me despeço deles antes de entrar novamente no apartamento. Da mesma forma que eu preciso ouvir o meu irmão, eu preciso ouvir o Eduard e só fazendo isso – com ambos – eu vou conseguir entender

melhor a situação. Olho para trás, por cima do meu ombro, observo a porta do apartamento abrir e vejo a Ayla entrando. Oliver faz questão de ir buscar ela na escola e volta correndo para trabalho. A minha irmã sorri para mim, me entrega duas sacolas e retira a mochila das suas costas.

— Penélope saiu?

— Está dormindo.

— Você arrumou o apartamento?

— Ela arrumou e voltou para o quarto. — Informo e olho por alguns segundos para as sacolas que estou segurando. — Comida?

— Sim, para nós três.

Vou rumo a cozinha, retiro os recipientes das sacolas e percebo que o Oliver comprou até sobremesa para nós. Ele é muito prestativo. Preparo um suco natural de laranja e assim que eu o termino, as minhas companhias adentram no ambiente. Nos sentamos, cada uma pega um recipiente e começa a comer. Como o Oliver nos conhece muito bem, ele comprou o mesmo tipo de comida para as três, para não haver nenhuma briga, principalmente com ele.

— Como foi a aula? — Penélope pergunta a Ayla.

— Boa e estou cheia de atividades para fazer.

— Eu ia adorar te ajudar, mas tenho que ir trabalhar.

— Não seria preciso, são coisas fáceis. — A minha irmã informa.

Penélope fica em silêncio e volta a comer. Ela vai ir trabalhar daqui a pouco, o Oliver vai demorar a chegar, aliás, vai chegar apenas no final da tarde e então eu tenho algum tempo para fazer o que estou em mente. Preciso saber mais, preciso saber da versão do Lewis e isso tem que ser o mais cedo possível. Assim que terminamos de almoçar eu fico com a tarefa de limpar a mesa, Ayla vai para o quarto fazer os deveres do colégio e a Penélope vai para a emissora. Pego o meu celular e digito o número do Lewis. Eu sei que falei que não ia ficar pensando nele, que ia ignorar e esperar o sentimento passar, mas saber da versão dele vai muito além disso.

— Baker.

A sua voz é algo que eu não consigo descrever, só sei dizer que é gostosa de se ouvir.

— Olá, Lewis.

— Em que posso te ajudar? — É visível a sua ironia.

— Precisamos nos encontrar.

— Por que e para que?

— Por diversos motivos e porque eu preciso disso.

— Isso é estranho, mas... tudo bem. Nos encontramos aonde?

Eu não sei... Não tinha pensando num lugar ainda.

— Em um lugar aonde podemos conversar.

— Eu vou até aí...

— Não!

— Não existe um lugar neutro aonde a gente possa conversar, Stephany.

Suspiro irritada e encaro o chão.

— Mas precisamos conversar.

— Eu já entendi isso. — Ele resmunga e eu ouço uma buzina no fundo.

— Em cinco minutos eu estou aí.

— E vamos para aonde?

— Daqui a pouco a gente vê isso.

— Tudo bem.

Encerro a ligação e vou para o quarto. Assim que entro, a Ayla me encarar desconfiada e eu não expresso nada.

— O que você está aprontando?

— Eu vou dar uma saída.

— Eduard, Stephany? — Ela questiona.

Aceno, ela suspira e não fala nada.

— Será rápido, eu preciso saber da história por ele.

— Oliver vai chegar um pouco mais cedo hoje porque vamos para o Fight.

— Até às cinco eu estou de volta.

Ela volta a ficar em silêncio, eu calço uma bota de cano curto e solado baixo. Penteio o meu cabelo com os dedos mesmo, o prendo no alto da minha cabeça e saio do apartamento. Descido descendo pelas escadas de emergência torcendo para não encontrar ninguém parecido e logo saio do prédio. Fico sem saber se eu espero ele aqui embaixo ou se volto para o apartamento. Bato freneticamente o meu pé no chão tentando achar uma decisão e fico alarmada quando uma SUV para bem na minha frente. Eu dou um passo para trás, a janela do lado do passageiro desce bem devagar e eu olho fixamente em sua direção.

— Assustada, Baker? — Eduard me questiona.

Reviro os olhos irritada com o seu deboche e cruzo os meus braços em frente ao corpo.

— Não é educado você fazer esse tipo de coisas.

— Parar o carro para te pegar?

Eu não sei o porquê, mas o meu cérebro faz questão de trocar o sentindo da palavra pegar e eu me sinto um pouco envergonhada. Não deveria pensar dessa forma. Me aproximo do carro e entro. Coloco o cinto de segurança, ajeito o rabo do meu cabelo e olho para o motorista. Ele está de óculos escuros, camiseta azul e calça jeans. O seu cabelo está bagunçado e a boca está numa linha reta. Eu não sei para aonde estamos indo, mas espero que seja perto.

— Não posso demorar.

— Não pode? Você que pediu para conversarmos.

— Porque é preciso, mas não quer dizer que eu possa demorar.

— Nós vamos conversar e será por tempo necessário.

Ele pode me enfiar em problemas.

— Para aonde estamos indo?

— Para onde você quer ir?

— Qualquer lugar, mas que seja perto e que sirva para a gente conversar em paz.

Ele solta um longo suspiro, acena concordando e acelera o seu carro. É bom que ele tenha vindo com um mais discreto, assim iremos passar despercebido por aonde fomos. Tento prestar atenção no caminho, mas só consigo manter os meus olhos no Lewis. Ele está em absoluto silêncio, concentrado no que está fazendo e isso o faz ficar mais bonito. É, literalmente eu estou sem saída. Estou apaixonada pelo Eduard e isso é um grande problema.

— Stephany...

Desvio o meu olhar rapidamente.

— Oi.

Ele não fala nada, mas ouço um baixo riso escapar da sua boca. De repente o carro entramos numa rua residencial, aliás, só tem mansões aqui e eu fico sem reação. Ele não fez isso que eu estou imaginando!

— Você se importa de irmos conversar na minha casa?

— Por que temos que ir para lá?

Enfim ele me olha, mesmo que seja por poucos segundos e eu encolho

os meus ombros.

— Porque eu não sei em qual outro lugar que podemos ir, ainda mais que você não me disse nenhum outro, mas... — Ele para o carro diante grandes portões e volta a me olhar. —, se você não quiser, tudo bem. A gente vai para... algum outro lugar.

— Não, está tudo bem, mas aqui é longe da minha casa.

— O caminho até lá é rápido.

— Tudo bem.

Eu só desejo chegar em casa antes do Oliver. Passamos pelos portões, um rapaz vem na direção do carro assim que para e eu saio do automóvel.

— Senhor Lewis. — Ele acena e me olha por alguns segundos.

— Deixa o carro aqui, eu vou voltar a sair daqui a pouco.

Eduard aparece ao meu lado, faz menção que irá tocar em mim, mas não toca e vai rumo a porta. Analiso a fachada da casa, e reconheço que ele é de um padrão ainda maior que eu imaginava. Eu o sigo e logo entramos no hall. Os meus olhos viajam por cada canto e eu fico fascinada com este lugar. As grandes portas que dividem a sala de estar e o lado externo da casa estão abertas, as cortinas cor de creme balançam por causa do suave vento e eu me sinto acanhada em estar aqui. Lewis está ao meu lado e eu percebo o seu olhar fixo em outra lugar. Olho na mesma direção e vejo uma senhora.

— Lisa, essa é a Stephany Baker.

— Olá, senhorita. — A senhora me cumprimenta.

Apenas sorrio e ela percebo que estou tímida.

— Estou lá em cima se precisar falar comigo. — Ele informa.

— Irei preparar algo para vocês, tudo bem?

— Obrigado, Lisa.

Ele coloca a mão espalmada no meio das minhas costas, subimos a escada e eu me sinto extremamente errada em estar aqui, mas preciso. Me surpreendo ao ver uma segunda sala de estar, bem menor que a anterior e nos sentamos no sofá. Mantenho os meus olhos apenas no Lewis, pois não quer ser inconveniente e ficar reparando na sua mansão.

— A sua casa é bem bonita.

— Minha mãe que decorou, mas eu fiz uma reforma recentemente. — Ele fala sem muita importância. — E então, o que quer conversar?

— Você sabe o que. Eu preciso ouvir o seu lado.

— Vamos fazer um acordo? — Ele questiona.

— Depende.

— Sim ou não?

Penso um pouco e me vejo sem saída.

— Tudo bem.

— Nós vamos conversar, eu vou te contar tudo, mas você também vai ter que se abrir.

— Eu... não posso.

Me levanto do sofá e ele fica apenas me olhando.

— Por que não?

— Você pode me levar embora?

Eu estou me sentindo pressionada e não gosto de me sentir assim. Observo ele se levantar, ele vem na minha direção e coloca as mãos nos meus ombros. Ele é mais alto que eu, então estamos com os nossos corpos praticamente colados um no outro, e eu sou obrigada a olhar para cima e isso que está acontecendo é algo novo para nós, mesmo assim, o Eduard não se afasta.

— Me deixa te ajudar.

— Com o que? Não tem nada que você possa me ajudar.

— Se você falar os seus demônios em voz alta, irá te ajudar.

— Não, Eduard.

Ele respira fundo de olhos fechados por longos segundos e as lágrimas inundam o meu olhar.

— Eu não quero ser um filho da puta chato contigo, mas se eu estou insistindo em algo é porque eu sei, por experiência própria, que vai te ajudar.

— Eu não sei se consigo. — Sussurro.

— Eu pensava a mesma coisa, até que eu tive que contar tudo para a minha irmã.

As suas mãos escorregam pelo meu braço, ele segura as minhas mãos e olha no fundo dos meus olhos, me dando confiança.

— Eduard...

— Com licença.

Puxo as minhas mãos, me viro de costas e seco a pequena lagrima teimosa que escapou. Ouço o Lewis agradecer a senhora, eu volto a me sentar no sofá e percebo que ela ainda está por aqui. Ela me direciona um pequeno sorriso, me entrega um copo de suco e percebo a preocupação em seu olhar direcionada a *ele*. Com certeza a Lisa conhece o Eduard desde sempre, então

presenciou o lado ruim e então me ver desse jeito deve lhe trazer certa preocupação, ainda mais por não saber quem eu sou e por nunca ter me visto antes.

— Está tudo bem, Lisa. — Ele garante, antes que seja questionado.

Bebo um pequeno gole de suco, ela me direciona um último olhar e some ao descer a escada. Eduard se senta no mesmo sofá que eu, mas longe de mim e joga em sua boca alguns biscoitos caseiros.

— E então?

— Você vai ficar e vamos conversar?

— Tentar. — Declaro.

Eduard acena e joga mais biscoitos em sua boca. Em seguida ele coloca o copo vazio sobre o descanso na mesa de centro, cruza os braços em frente ao corpo e mantém o seu olhar preso no meu.

— Tudo que você já sabe é verdade. Eu bati na minha irmã, fui omissa ao deixar o meu pai bater nela e depois me arrependi. Tentei protegê-la quando ele deu uma surra nela, mas não consegui. Depois fugimos e eu fiz de tudo para deixá-la segura.

— E conseguiu.

— Sim, mas não anula o arrependimento e a dor sobre tudo que eu causei. — Ele murmura tristonho. — Cometi diversas ilegalidades ao trabalhar com o meu pai, fiz coisas que não deveria e...

E então ele se cala, a dor é gritante através dos seus olhos e ele aperta as mãos umas nas outras.

— E o que?

— Eu sofri, Stephany. Tudo que eu fiz, não chega nem a um por cento em comparação a tudo que eu passei nas mãos do meu pai.

— Por que o seu pai agiu assim? Você já fazia tudo que ele queria.

— Fazia, mas não era suficiente.

— Ele era sádico, gostava de te torturar.

— Talvez isso seja uma boa definição para ele.

— Você sofreu agressões físicas e psicológicas.

— É uma pergunta ou uma afirmação? — Ele questiona. — Eu tenho traumas, mas não danos psicológicos.

É claro que tem, ninguém passaria pelo o que ele passou sem sair pelo menos com um dano psicológico. Eu coloco o meu copo sobre a bandeja, descanso as mãos em meu colo e volto a minha atenção a ele. O seu olhar

está fixo em cada movimento meu e eu me sinto tranquila, apesar de ser uma conversa tensa.

— Você sofreu muito.

— Ao extremo. — Ele declara.

— Me conta. — Peço.

Ele coça a sua barba e relaxa contra o sofá.

— Eu fui torturado das diversas formas possíveis, carrego marcas em meu corpo e tenho algumas tatuagens que as cobrem, mas eu deixei a maioria exposta, pois me faz lembrar de tudo que passei...

— E sobreviveu.

— Isso também. — Ele suspira. — Eu não sinto que sou uma boa pessoa, aliás, eu não fui criado para ser.

— Mas escolheu ser a partir do momento que você tentou proteger a sua irmã.

— Só que isso não anula todo o mal que ela sofreu nas mãos do meu pai e todo o mal que eu a fiz sofrer.

— Não mesmo, mas a sua irmã te perdoou e com certeza não guarda mágoas, mas sim gratidão por tudo que você fez por ela quando estiveram longe daqui.

— Não anula o passado. — Ele retorna a dizer.

Tenho a intenção de fazê-lo mudar de pensamento, mas imagino o quão difícil deve ser. Assim como eu tenho o pensamento que por muitas das vezes eu possa ter insinuado algo para o Klaus ter agido daquele jeito.

— Quando a gente tem a certeza de algo é difícil acreditar em outra coisa, por mais verdadeira que ela possa ser.

— A concepção de verdade é diferente para cada pessoa. — Eduard argumenta. — A sua verdade talvez não seja a mesma que a minha, e a minha, talvez não seja a mesma que a sua.

— Você está certo nessa questão, mas não está certo em ter esse pensamento ruim referente a si mesmo.

— Eu tenho o direito de ser assim, por causa de tudo que eu passei.

— Eu entendo... — Me aproximo dele e toco em sua mão. —, mas se você colocar um pouco de fé em si mesmo, você ficará melhor consigo mesmo.

— Tudo bem, Baker. — Ele resmunga.

— E isso deixaria a sua irmã mais tranquila, é visível o tamanho da

preocupação dela.

— Emily deveria focar apenas em sua família.

— Você faz parte, você ainda é a família dela.

E como sempre ele se colocando em posição inferior, algo que não o favorece e aonde não é o seu lugar. De repente me lembro do combate dele contra o meu irmão, e a minha mente foca nas marcas em seu corpo, enquanto as suas palavras rondam a minha mente.

— As cicatrizes em seu corpo... — Sussurro.

— Me faz ser mais forte.

— Mas te trazem dor do passado, também, não é?

A sua boca fica numa linha reta e ele não fala absolutamente nada. Eu não preciso de uma resposta verbal, pois a física está bem explícita.

— Que tal você começar a falar agora. — Ele pede, ao chamar a minha atenção.

Engulo em seco e volto a me afastar dele.

— Eu não concordei em falar. — Resmungo.

— Então você não vai embora tão cedo.

— O que? — Praticamente grito.

Lewis coloca as mãos atrás da cabeça e me encara debochado. É, ele é um grande filho da puta! Me levanto do sofá e ando de um lado para o outro. Eu não deveria ter aceitado a conversar aqui, mas fui inocente ao aceitar. Eu jamais imaginei que ele iria agir dessa forma, baixa. Eu não conheço esse bairro, não sei qual é o ônibus que pode me levar de volta para casa e pegar um carro de aplicativo está fora de cogitação, além do mais, eu saí de casa sem um dólar se quer.

— Temos o tempo que desejar.

— Você não pode fazer isso comigo. Você não pode me deixar aqui contra a minha vontade.

— Não mesmo, mas eu já tenho tanta merda nas costas, que mais uma não vai fazer diferença.

Enfio os dedos entre os fios do meu cabelo, penso em pedir ajuda para alguém dessa casa e desisto, pois eu nem se quer sei aonde posso encontrar aquela senhora.

— Eu posso ligar para o meu irmão.

Claro que isso é uma ameaça falsa, eu jamais ligaria para o Oliver.

— Faz isso e eu tenho certeza de que ele vai adorar saber que você está

aqui, assim ele também já fica sabendo dos seus demônios.

— Você acha que é fácil para mim? — Questiono irada.

— E você acha que foi para mim? Eu nem se quer tinha alguma obrigação em te contar as coisas, mas fiz isso por consideração a você.

Desvio o meu olhar do dele, sirvo mais um pouco de suco no meu copo e bebo de uma vez só. Ele não vai me deixar em paz enquanto eu não abrir a minha boca e contar a maldita história. Eu não imaginei que isso aconteceria, eu apenas precisava ouvi-lo e ter uma certeza maior de que ele é realmente quem eu entendi quem era. Ando até a porta da varanda, me encosto no batente e respiro fundo. Dói lembrar de tudo, só que vai doer ainda mais quando eu falar em voz alta. Ouço ele me chamar, eu volto a encará-lo e a minha vista fica embaçada por causa das lágrimas, me fazendo desviar o olhar novamente.

— Eu fui molestada pelo homem que diz ser o melhor amigo do meu pai, ele tentou fazer o mesmo com a minha irmã e isso tudo aconteceu dentro de cada dos meus pais. Aqueles, quais, nunca exerceram esse papel e, principalmente o meu pai, foi e ainda é um péssimo ser humano, que nos acusa de ter o colocado numa cadeira de rodas.

Não ouço uma mísera palavra se quer da parte do Eduard e eu não tenho coragem de olhar para ele. Sinto vergonha do que aconteceu e nojo. As mãos do Lewis tocam em meus ombros, acariciam a minha pele e eu deixo a minha cabeça cair em seu peito.

— Quando isso aconteceu? — Ele pergunta suavemente.

— Já faz mais de seis meses, eu acho, que ele ficou paraplégico.

— Não é sobre isso que eu perguntei.

Eu sei que não, mas... dói demais falar sobre isso.

— Mesmo tempo, mais ou menos.

— Como uma pessoa que se diz ser amigo da família faz esse tipo de coisa? Duas jovens que ficaram traumatizadas.

O seu toque em meus ombros se torna mais intenso, de repente ele gira o meu corpo e eu escondo o meu rosto em seu peito. Não estou nem aí sobre esse meu gesto, eu estou vulnerável diante dele e a vergonha é algo gritante em mim.

— Mas fez, e tentou por duas vezes.

— Esse cara merece uma das piores torturas. — Lewis rosna. — Você não contou para ninguém?

Apenas maneo a cabeça para os lados.

— É doloroso.

— Eu sei, Steph. — Ele afaga o meu cabelo e aperta o meu corpo contra o seu. — O que aconteceu não foi culpa sua.

— Eu sinto que sim...

— Não! — Ele segura o meu rosto entre as suas mãos e me faz olhá-lo. — Jamais foi culpa sua. Você não tem culpa se um verme não sabe ficar no seu devido lugar.

Já que eu comecei a falar, ele vai ter que ouvir tudo que eu tenho vontade de falar.

— Eu acho que a minha mãe se colocou em meu lugar, para ele me deixar em paz.

— Você está querendo dizer que a sua mãe...

Ele se cala antes de completar a frase, mas eu a entendo e aceno afirmando a sua pergunta.

— Eu tenho quase certeza que sim.

— A situação é muito complicada. — Ele suspira. — Eu imagino a dor em falar sobre isso, mas você precisa ser mais clara comigo.

— O que você quer saber?

Me afasto do seu toque, cruzo os braços em frente ao meu corpo e dou um passo para trás. Eduard se mantém parado no mesmo lugar, mas os seus olhos estão fixos em mim.

— Quem é ele?

— Amigo dos meus pais e vizinho deles.

— Desde sempre ele esteve presente na sua casa?

— Sim.

Lewis acena suavemente, coloca as mãos nos bolsos da sua calça e deixa a sua cabeça cair levemente para o lado no mesmo segundo que os seus olhos ficam semicerrados.

— Ele abusou de você?

— Não.

— O que ele fez?

— Eu já disse.

— Eu quero saber detalhes, Stephany.

— Por que e pra que? — Questiono com a voz embargada.

O nó em minha garganta é gigante, assim como a minha vontade de

chorar.

— Apenas fale, Stephany.

Aperto os braços contra o meu corpo e desvio o meu olhar para o chão.

— Ele passou a mão em meu corpo, me apalpou quando me pressionou contra a porta do meu quarto.

— E ninguém viu?

— Não. — Encolho os meus ombros.

— Oliver não tem nem se quer noção disso, não é? — Nego apenas com um aceno diante do seu questionamento. — Por que você não contou?

— Eu não tenho coragem.

— Só que o seu irmão e os seus pais têm que saber disso.

— A minha mãe desconfia, o meu pai jamais acreditaria e o Oliver... ele iria querer matar o Klaus com as próprias mãos.

— E você acha isso errado?

— Não, mas eu não quero que o meu irmão estrague a vida por causa de um idiota.

— Mas ele estragou a sua e você nem se quer procurou ajuda. — Ele declara, eu fico estática e mantenho os meus olhos nele. — Por quê?

Ele dá um passo na minha direção, estica o braço e pousa a mão em meu ombro. Mesmo que nenhuma palavra saia da minha boca, ele sabe exatamente o porquê. Abaixo o meu olhar e solto um longo suspiro.

— Vamos encerrar esse assunto, por favor.

— Tudo bem. — Ele concorda e se afasta de mim. — Você já tem que ir embora?

Pego o celular em meu bolso e contigo a hora. Ainda são três e quinze, então eu tenho mais algum tempinho aqui.

— Ainda não.

Ele pega mais alguns biscoitos e se senta no sofá. Eu me sento ao seu lado, roubo um biscoito dele e lhe dou um pequeno sorriso. Ele é uma pessoa incrível, eu consigo ver isso mesmo sem ter nenhuma convivência e muito menos proximidade profunda. Só que, o mal que o pai dele o fez, ainda é algo gritante em sua vida e que o domina muito. Eu me lembro do exato momento que foi noticiado o atentado contra o Governador da Califórnia, James Lewis. Fiquei assustada ao saber que um político tão importante para o estado tinha sido ferido facilmente e gravemente. Alguns dias depois, não me lembro ao certo, foi noticiado a sua morte e junto a grande revelação que ele

era o verdadeiro assassino. Ele matou a própria esposa e conseguiu colocar a culpa no Dominic. Eu nem se quer consigo imaginar o tamanho do impacto dos Lewis ao saber do verdadeiro assassino e ter que lidar com essa dor gigantesca por anos, pois eles perderam a mãe de uma forma bruta e inesperada.

— Eu sei que você pediu para encerrarmos o assunto, mas no sábado, quando você visitou os seus pais...

— Era impossível não cruzar com ele. — Declaro ao interrompê-lo.

— E ele... — Lewis se remexe desconfortável. —, tentou algo?

— Apenas me provocou.

Ele maneia a cabeça e cruza os braços em frente ao corpo.

— Eu nem o conheço, mas o odeio.

— Eu o odeio, não pelo o que ele fez comigo, mas por ele ter tentando fazer com a minha irmã.

— Ela me parece ser extremamente frágil.

— Mas não é. Ela é muito forte.

Sorrio suavemente.

— O mal que ele a causou não danificou a essência dela.

— Se eu pudesse, eu jamais teria permitido que a minha irmã passasse por aquilo.

— Se eu pudesse, eu jamais teria permitido que a minha irmã passasse por aquilo. — Ele repete a minha frase.

Nós dois temos os mesmos sentimentos de proteção em relação as nossas irmãs, e, em relação ao desejo que poderíamos ter protegidos elas de uma forma mais intensa, mas não conseguimos. Infelizmente. Quem causou o mal para a irmã dele foi o pai, para a minha irmã foi o amigo do nosso pai. Qual a reação definição de pai? Ter a função de amar e educar uma criança, dando resposta às suas necessidades mais básicas, para que ocorra o saudável desenvolvimento quanto ao aspecto físico, emocional, psicológico e espiritual. Só que, Mark Baker e James Lewis nem se quer passaram perto disso, muito menos ser pessoas descentes.

— Como foi ter que lidar com a morte do seu pai?

O olhar do Eduard recai sobre mim e ele não transmite nada, nem um pinga de sentimento. Ele odeia o pai e eu não o julgo por isso, pois eu teria o mesmo sentimento se o meu pai fosse James Lewis.

— O que eu vou te dizer, vai soar extremamente ruim, mas foi como eu

me senti. — Ele informa e eu aceno. — A morte dele me sentir livre, além de sentir que aquilo já era para ter acontecido há muito tempo... aliás, era para ele ter ido no lugar da minha mãe.

— Pesado... — Sussurro. —, mas eu entendo e no seu lugar, sentiria o mesmo.

— A minha mãe errou, eu ainda não consigo perdoar isso, mas eu iria saber lidar mais com as atitudes dela.

— O que ela fez?

Me arrependo no segundo seguinte, pois me sento invadindo a vida dele ao extremo.

— Essa parte você não sabe?

— Não.

Um sorriso frio banha os seus lábios.

— Ela tinha um caso com o Brown.

— Quem?

— Jensen Brown, amigo do seu irmão.

A minha boca se abre levemente e nenhuma palavra é proferida por mim. Eu sei que os Lewis não se dão bem com o Brown, só que, eu jamais iria imaginar que fosse por esse motivo.

— Você...

— Sou louco para arrebentar a cara dele.

— Vocês vão lutar?

— Sim, eu vou lutar contra todos os 5M.

— A luta contra o meu irmão foi motivada a ódio também?

— Não. — Ele nega de imediato. — Como eu já te disse, eu não tenho nada contra o Oliver.

— Mas ele tem algo contra você.

— Sim.

— O que?

— Toda vez que ele olha para minha irmã, ele se lembra de tudo que eu causei a ela, principalmente as marcas que deixei nela.

Eu não presenciei nada daqui, nem se quer imagino a aparência da Emily depois das brigas, mas imagino como ela tenha ficado. Eduard é irmão gêmeo dela, mas é homem, então tem a estrutura corporal diferente e é mais forte. Então, um tapa dele já deixaria um hematoma. Eu observo o Eduard se movimentar pelo ambiente, ele vai até a varanda e em seguida eu vejo os seus

punhos cerrar. Algo o deixou nervoso e deve ser por causa das lembranças do passado. Ouço ele autoriza alguma coisa para quem está no andar de baixo, aproveito para pegar alguns biscoitos e um pouco mais de suco. Olho alarmada na direção da escada, quando o barulho de alguém subindo chama a minha atenção e eu franzo o meu cenho ao ver uma mulher. Ela tem cabelo comprido num tom escuro, pele clara, assim como os olhos e ela está muito bem vestida, além de ostentar objetos caros, por exemplo, joias e bolsa. Eduard a olha em completo silêncio e recebe um enorme sorriso de volta. Eu já a vi em algum lugar, mas não lembro ao certo, ainda.

— Oi, Eduard. — Ela o cumprimenta e olha para mim. — Olá.

— Oi.

— Veio de surpresa, Melanie. — Lewis murmura.

— Estava por perto, e decidi vim te ver.

Melanie anda em minha direção, mas para na mesa de centro e pega os últimos biscoitos. Ela vai até o outro sofá, larga a bolsa sobre ele e anda até o Eduard. Os vendo juntos eu acabo me lembrando de aonde eu já a vi; a foto no Instagram do Lewis, na área de marcação. Ela estava junto com a enfermeira do Fight que estava hospedada aqui. Com certeza ela veio para conversar com o Eduard e esperava encontrar ele sozinho aqui, então é melhor eu ir embora. Me levanto do sofá, chamando a atenção deles e não me sinto intimidade com a presença dela.

— Stephany, essa é a Melanie, uma amiga. — Eduard nos apresenta.

— Assim que te olhei, sabia que te conhecia de algum lugar. — Melanie comenta.

— Da onde?

— Vi no Instagram uma foto sua.

Franzo o meu cenho, desconfiada desse seu comentário, pois se ela viu a minha foto, foi investigar quem eu era, e só fez isso tendo alguma informação que partiu do Lewis.

— É?

— Além do Eduard ter comentado de você.

Eu o olho e o vejo revirar os olhos.

— Comentou? — Questiono.

— Sim e...

— Cala a boca, Melanie. — Eduard resmunga e volta a se sentar no sofá. — Você é muito invasiva.

— Eu só estou respondendo o que ela me perguntou.

É visível o deboche da Melanie para cima dele, e eu fico sem saber o que fazer. Não sei se peço para ir embora, se vou sozinha – mesmo que eu não conheça nada –, ou se volto a me sentar. Decido escolher a última opção, e assim que me sento, o meu braço fica colado no do Eduard.

— O que você veio fazer aqui? — Ele a questiona.

— Te ver e... — Ela morde um biscoito. —, como sempre a Lisa tem mãos de fada.

— E o que, Melanie? — Ele resmunga.

— Avisa que essa semana eu tenho que voltar para Nova Iorque, mas em quinze dias estou de volta.

— Tudo bem. — Ele relaxa contra o sofá. — Vai com o Denner?

— Ele ainda é o meu empresário.

— Deveria procurar outro. — Ele a aconselha.

— Cadê a Maire? — Ela questiona mudando de assunto.

— Foi para Solvang ontem.

— E volta quando?

— No final da semana, eu acho.

Toco suavemente no braço do Eduard, ele prende a sua atenção em mim e o seu olhar se prende no meu, mas eu desvio ao olhar para a sua boca, rapidamente.

— Eu preciso ir embora.

O seu olhar vai até a sua visita e em seguida volta para mim.

— Você se importa se um dos seguranças te levar?

— Não.

É claro que sim, mas não vou ser rude ao falar isso. Me levanto do sofá, ele faz a mesma coisa e eu entrelaço as minhas mãos em frente ao corpo.

— Eu já volto, Melanie.

— Tchau. — Aceno para ela.

— Tchau, queridinha.

Controlo a minha vontade de revirar os olhos ao ouvi-la, desço a escada seguindo o Eduard e eu o espero na sala de estar, enquanto ele vai até sei lá aonde. Dou um giro sobre os meus calcanhares, dou alguns passos em direção a uma das portas que dá acesso a varanda e paro a poucos metros de distância. Aqui é um lugar lindo, num nível mais elevado do restante da cidade e isso nos dá a permissão de lindas vistas, assim como o vento é

maior. Cruzo os meus braços em frente ao corpo, dou um passo para trás me afastando e bato num corpo. Me viro de frente e sorrio suavemente para o Eduard.

— Sinto muito por não poder te levar.

— Está tudo bem, é melhor você ficar aqui com a sua visita.

— Melanie... visita? — Ele questiona me fazendo assentir. — Ela não se encaixa nessa categoria.

Sinto uma pontada de ciúmes tomar conta de mim, mas eu ignoro e percebo que já é a hora de eu ir. Um homem alto e forte está parado perto da porta, Eduard olha em sua direção e acena suavemente.

— Até qualquer dia.

Toco em seu ombro, me despedindo dele e ando calmamente na direção do segurança. Ouço passos se aproximando de mim, em seguida uma mão forte segura em meu pulso e eu olho para trás. Primeiro o meu olhar vai até o andar de cima, e eu vejo a Melanie nos observando do alto da escada e em seguida eu olho para o Lewis. Ele pede para o segurança me esperar lá fora e ficando a sós. Dou um passo para trás, fazendo o Eduard dá um para frente e estamos praticamente de corpos colados.

— Me desculpe ter insistido no assunto, mas só assim você ia falar tudo que precisava.

— Foi bom ter conversado com alguém.

— Mas a conversa ainda não acabou.

— O que mais quer conversar sobre? — Questiono. — A cada dia, eu só tento viver sem lembrar de tudo aquilo.

— Tudo bem. — Ele suspira. — Você vai para o Fight á noite?

— Sim.

— Então nos vemos lá.

Aceno concordando, me livro do seu toque e saio após abrir a porta. Antes que a porta possa voltar a ser fechada completamente, eu ouço algo que me faz ter a vontade de não olhar para o Lewis tão cedo, por estar envergonhada. Respiro fundo e entro novamente na SUV. Em todo o momento que eu estive com o Eduard o sentimento que estou nutrindo por ele cresceu e eu assumo que estou apaixonada por ele, mas sei que isso não é certo. Ele não demonstra sentir o mesmo por mim, além disso, tem a questão do meu irmão, ele jamais aceitaria. Só que ele não tem esse direito, sou eu que tenho que escolher e aceitar. Só que, a cada segundo eu fico mais confusa

com tudo isso.

[...]

CAPITULO QUATORZE

*Você está procurando o meu amor no lugar errado
Não pense que porque você está comigo isso é real
Você está procurando o meu amor no lugar errado, amor
[...]
Estou aqui com você porque você faz meu tipo
[...]
Porque eu sou um problema com problemas,
eu sei quem eu sou... E eu não sou boa
Zayn (feat. Kehlani) – wRoNg*

— Ela gosta de você! — Melanie declara num tom extremamente alto.

Eu olho em sua direção e levanto os meus braços para os céus. Essa mulher é louca! Maneio a cabeça para os lados, cruzo os meus braços em frente ao corpo e continuo encarando a Melanie.

— E você é muito intrometida.

Ela ri e encolhe os ombros. Na segunda-feira fomos até Pacific Park, nos divertimos bastante, como eu não fazia há muitos anos e eu me senti extremamente bem. Depois de andarmos – praticamente – no parque inteiro, nós fomos comer e depois ficamos sentados na área da praia até o sol nascer. Gosto muito de estar na companhia da Melanie, ela conhece o meu lado bom e o meu lado ruim, principalmente, e mesmo assim não desiste de mim. Por mais que aquele dia, tenha sido extremamente pesado e difícil, Melanie conseguiu tocar na minha alma e me animar. Na terça-feira eu estive mais tranquilo, cheguei em casa e consegui dormir muitas horas.

Depois a Lisa me preparou um ótimo almoço e me fez companhia, enquanto comíamos, eu lhe contava do meu passeio da madrugada. Depois eu fui para o apartamento da minha irmã, conversamos bastante e decidimos que ela compraria a parte do Anthony através de um laranja. E no segundo seguinte ela já entrou em contato com um conhecido nosso e passou tudo para ele. E depois aconteceu o que eu não esperava, fui até o apartamento dos Baker's e visitei a Stephany. Foi bom eu ter feito isso, vê-la pessoalmente após a cirurgia e podemos conversar melhor, só que horas antes eu descobri o porquê da ausência dela. Com muita audácia, Maire enviou uma mensagem para ela, ao se passar por mim. E isso aconteceu no momento que eu pedi para ela ir pegar a minha mochila junto com o meu celular no carro.

— Não é o irmão dela que te odeia? — Ouço a Melanie questionar.

— Praticamente. — Dou de ombros.

E ao ir visitar a Stephany, eu descobri o porquê de o Oliver não gostar de mim, e eu não o julgo. Agiria da mesma forma se eu estivesse no lugar dele. Esfrego o meu couro cabeludo e subo a escada. Eu queria ter levado a Baker de volta para casa, mas não podia deixar a Melanie aqui, só que eu não a levaria comigo. Me sento no sofá, jogo as minhas pernas sobre a mesa de centro e assim que a Lisa adentra no ambiente, ela me direciona um olhar de

reprovação.

— Você concorda comigo, Lisa? — Melanie a questiona.

— Sobre o que? — Lisa pergunta suavemente.

— Que a Baker gosta do Ed.

— É impossível não gostar dele.

— Eu vou arrumar a sua frase, Lisa; é possível não gostar de mim. —

Murmuro.

— Oh, céus! Que homem de baixo astral! — Melanie exclama ao jogar as mãos para cima.

— Apenas sincero.

Melanie revira os olhos, pede para a Lisa trazer mais biscoitos e um copo novo. Eu cruzo os braços em frente ao corpo e repenso na minha conversa com a Baker. Eu reconheço que posso ter agido de forma errada, a pressionando, mas era o único jeito que eu vi que poderia ajudá-la e assim aconteceu. Ela se abriu comigo — mesmo que eu seja praticamente desconhecido — e quando eu ouvi o maldito do seu demônio, tive vontade de ir atrás daquele imbecil.

— O que aconteceu, Eduard? — Melanie questiona preocupada.

— Eu nunca tinha sentido raiva de outra pessoa, sem ser pelo meu pai.

— Quem é esse outro ser?

Prendo o meu olhar nela e me calo. Eu não queria expor a Stephany, mas sinto necessidade de conversar, ao invés de descobrir aonde ele mora e ir resolver esse *ato inapropriado*. É melhor eu me referir assim, por enquanto.

— Um homem... ele agiu de um modo errado com a Stephany.

— A magoou?

Maneio a cabeça para os lados e fico irritado com o deboche da Melanie.

— Tentou abusar dela.

— E você é o único que sabe disso?

Aceno suavemente, ela esfrega a palma da mão em sua testa e maneia a cabeça para os lados.

— Foi doloroso ouvir ela falar cada palavra.

— Ela não pode despejar os problemas sobre você, pois pelas minhas contas você já tem mais do que pode suportar...

— Ela não despejou nada sobre mim. — Declaro os interrompê-la.

— Eu não acabei de falar. — Melanie se coloca de pé e bate as mãos na

cintura. — Você precisa voltar a fazer terapia.

— Eu estou bem.

— Você não tem um boa noite de somos há muito tempo, tem mil e uma coisas para resolver.

— Eu mantenho tudo sobre controle, Melanie.

— Não tem, e você sabe disso.

Ignoro, pois não quero discutir com ela. Lisa volta com mais biscoitos, coloca sobre a bandeja e substitui a jarra de suco. Ela me olha com preocupação e eu sei que ela ouviu a conversa.

— Desejam algo a mais? — Ela nos questiona.

— Não. Obrigado, Lisa.

— Lisa, mãos de fada. — Melanie a elogia.

— Apenas faço as coisas com amor e carinho, além de dedicação.

Em seguida ela sai do ambiente, voltando a me deixar a sós com a Melanie. Massageio a minha têmpora, fecho os meus olhos e apoio os meus braços atrás da minha cabeça. Ouço a Melanie se movimentar pelo ambiente, em seguida sinto o calor do seu corpo próximo ao meu e eu não sinto o mínimo de vontade de retribuir quando coisas que seja que venha da parte dela. O que estou sentindo pela Stephany é algo que está começando a me dominar. Desde o primeiro momento que eu coloquei os meus olhos nela... não consegui desviar o olhar sempre que eu a encontrava. E sempre que eu a vejo, é como se fosse a primeira vez. Puta que pariu! Eu estou pensando coisas que eu jamais imaginei fazer. Estrago o meu rosto entre as minhas mãos e ouço o riso debochado da Melanie.

— Você também está apaixonado.

— Não me perturba. — Rosno.

— Sabe... inicialmente, no primeiro dia que nos vimos novamente, eu queria que existisse o *nós* novamente, mas desde o primeiro momento você deixou claro que não aconteceria, mas não me negou nada quando eu quis você.

— Não neguei, porque eu também te queria, mas não quer dizer que eu daria uma nova oportunidade para *nós*.

— Porque você já a queria.

— Não foi por isso.

— Você acha que não, mas no fundo já era por ela.

— Por que você acha isso?

— Você já tinha a Maire a qualquer momento que quisesse, você teve a mim da mesma forma, mas sempre ficou visível que nem uma de nós duas era aquilo que você realmente queria.

— Eu estava com problemas e queria apenas prazeres momentâneos. — Declaro. — Não agi de forma... escrota. Usando vocês, mas...

— Eu entendo, e sei que você não é desses tipos de caras que fica usando mulheres.

— Então... — Resmungo.

— E então é que, você já estava com ela em mente desde o primeiro segundo que se aproximaram ou conheceram, não sei ao certo. E outra, você transou com a Maire e chamou o nome da Stephany.

— Esse tipo de coisa... acontece. — Dou de ombros.

— Ah, claro! Tão normal como tropeçar no nada.

— Quem tropeça no nada? — Questiono.

Ela arqueia apenas uma sobrancelha.

— Por que você não abre o jogo com a Stephany?

Pego alguns biscoitos, o jogo dentro da minha boca e mastigo devagar. Penso tudo seriamente sobre a minha e principalmente sobre deixar alguém entrar em minha vida. Eu estou esperando um posicionamento do Achilles sobre as ilegalidades e deixar alguém entrar na minha vida, significa envolvê-la, e isso é perigoso.

— A minha vida é um caos.

— E isso é algum impedimento?

— Eu não posso envolver a Baker nesse caos! — Exclamo irritado. — E além do mais, ela jamais iria querer se envolver nisso.

— Na época que a gente estava junto, eu estava contigo no bem e no mal, aliás, principalmente no mal...

— Você escolheu estar comigo.

— E escolheria outras milhares de vezes.

— Aonde você quer chegar com tudo isso?

— Tudo é questão de escolha.

— Eu sei. — Murmuro.

— E se vocês se gostam, será escolha dela também se irá querer se envolver nesse caos que é a sua vida ou não.

— Não é apenas isso. — Informo. — O irmão dela, o Oliver, me odeia, praticamente.

— Foda-se ele!

Fico surpreso com a sua forma de falar, mas ainda estou confuso sobre os meus sentimentos pela Stephany. Envolver ela nisso está fora de cogitação, só que eu sei que não posso ficar agindo desse modo com esse bendito sentimento. Eu sei que o Achilles está tentando resolver as ilegalidades e tudo na minha vida depende do ponto final que vier ser colocado nessa história. Massageio a minha têmpora e encaro a Melanie.

— Eu preciso resolver a minha vida primeiro.

— Enquanto isso, você vai deixar a menina no escuro.

— Ela nem se quer, desconfia de algo da minha parte.

— Você não demonstrou nada? — Ela questiona surpresa.

— Não.

— Você é surpreendente, Lewis.

Rio e dou de ombros.

— Você é a segunda pessoa a me chamar assim.

— A primeira foi ela?

Não respondo nada e é a vez da Melanie rir.

— Chega desse assunto. Você veio aqui para se despedir de mim.

— Exato, mas eu não esperava encontrar a *nova favorita* aqui.

— Não fica me provocando, Melanie.

Um sorriso debochado surge no canto dos seus lábios.

— Enfim, eu vim com a intenção de se despedir da melhor forma e...

— Não faz eu me sentir um canalha. Eu acabei de falar, praticamente assumi que estou sentindo algo pela Baker.

— Eu estou brincando, esquentadinho. Não quero uma despedida sexual.

— Eu te conheço, Melanie. Não minta.

— Tudo bem, Lewis.

Ela levanta as mãos em sinal de redenção e sorri maliciosa. Prendo a minha atenção na Lisa quando ela entra no meu campo de visão e fico curioso, pois a sua expressão demonstra felicidade.

— Que carinha é essa, Lisa?

— Tem uma visita para o senhor... você.

— Visita?

Passos passados na escada me fazem franzir o cenho, me ponho de pé e passo as mãos no cóis da minha calça. Às vezes eu esqueço que não ando

mais armado, e repenso nisso. Andar com uma não me fará mal.

— A reforma ficou muito boa, Lewis. — Dylan declara assim que pisa no último degrau.

— Não é a sua cara fazer surpresa, Allen.

Ele ri.

— Surpresa, Lewis! — Ele debocha. — E aí, não vai me perguntar como eu estou, como está a Alana e a minha filha, ou até mesmo como está aquela cidade chata?

O canto da minha boca se curva num sorriso, ele se aproxima e cumprimenta a Melanie. Eles se conhecem há anos, mas não se falaram muito nas vezes que se cruzaram pela mansão. Bato o meu punho no dele, nos sentamos no sofá e a Lisa continua parada no mesmo lugar.

— Como estão as coisas? Maire te deu o recado? — Questiono. — Aliás, você decidiu voltar a morar aqui? Decidiu voltar para Los Angeles?

— Uma coisa de cada vez. — Ele pede. — Nunca te vi assim, curioso e tranquilo.

— As coisas mudaram por aqui.

— E como. — Ele comenta. — Então, infelizmente eu não voltei para cá, por enquanto não vou voltar a morar aqui e está tudo como sempre, monótono.

— Chato, então!

— E sim, a Maire me deu o recado.

— E mesmo assim, você não vai voltar para cá?

— Alana prefere ficar perto da família por enquanto. — Ele encolhe os ombros. — Mas eu só vim aqui fazer uma rápida visita, tenho algumas coisas para resolver ainda nessa tarde.

— Temos que conversar mais, Allen.

— Eu só vou embora no final de semana.

— Aparece aqui amanhã. — Peço.

Ele acena concordando, bate no meu ombro e acena para a Melanie antes de descer para o primeiro andar junto com a Lisa. Melanie me encara sem entender muito e eu franzo o cenho.

— Eu que deveria ter ido embora para vocês conversarem.

— Não. Você ouviu o que ele disse, ele ainda tem coisas para resolver hoje.

— Ele foi o segurança que ajudou vocês a fugirem daqui?

— Sim. — Coloco os meus braços atrás da cabeça e relaxo contra o sofá. — Dylan é um cara incrível, nos ajudou muito desde o primeiro segundo e se arriscou, além de colocar a família em risco também.

— É visível a sua gratidão a ele.

— É enorme, e eu queria muito que ele voltasse a trabalhar aqui.

— Como amigo não serve?

— Serve sim, mas eu só ficaria cem por cento seguro se ele estivesse na chefia da segurança.

Melanie fica surpresa com a minha declaração e me olha com mais atenção.

— Não confia no Torres?

— Confio plenamente, ele também nos ajudou muito, mas não é o Dylan.

— Você tem um pé atrás porque ele fazia a segurança do James, ao mesmo tempo que ajudava vocês. Isso significa que ele pode jogar em dois lados discretamente.

— É preocupante, não é?

— Sim, mas aceitável.

— Já ficou visível para o Torres que eu não confio inteiramente.

— Com isso ele está atento a qualquer mínima forma que ele haja diante do cargo de responsabilidade.

— Isso é bom, pois vai sempre pensar duas vezes antes de qualquer coisa.

Ela concorda e encerramos esse assunto, enquanto come todos os biscoitos que a Lisa fez/trouxe para nós. Estou surpresa com a vinda repentina do Allen para cá, por um segundo eu tive esperança sobre a sua aparição aqui.

— Falou com a Maire?

— Não.

— Desde quando ela saiu daqui? — Aceno diante do seu questionamento. — Por quê?

Maneio a cabeça para os lados e ela continua me encarando, esperando uma resposta.

— Maire fez uma coisa, que me deixou puto.

— O que?

— Você é muito curiosa.

— Sempre dividimos as coisas um com outro. — Ela me lembra. — Maire é uma garota astuciosa.

— Intrometida, isso sim. — Resmungo.

— O que ela aprontou? — Melanie questiona.

— Enviou uma mensagem para a Stephany.

— Que tipo de mensagem?

Reviro os olhos, mas decido contar. São os meus últimos momento com a Melanie, gosto muito da sua companhia e é bom tê-la como amiga novamente.

[...]

— Ele já está sabendo que foi você?

Emily olha para mim e acena suavemente. Eu acabei de chegar no Fight, estamos aqui porque vamos fazer uma reunião com o Antony e com os 5M, e explicar como será de agora em diante. Pelo o que eu sei, os rapazes vão chegar em breve, o Dominic está na sala se treino com a irmã e eu decidi vir diretamente para o camarote com a minha irmã.

— Será vão achar ruim?

— Deveriam agradecer.

O que eu gostaria de verdade era chutar o Anthony para longe daqui, mas eu não encontrei prova alguma que pudesse contribuir para isso. Então tenho que me contentar com o que foi possível de fazer. Emily comprou uma grande porcentagem, pois Anthony não quis vender tudo, continuou com dez por cento e assim garante uma pequena ajude para manter os seus altos custos de vida.

— E os nossos avós? — Emily me questiona.

— Amanhã à tarde. — Declaro num murmúrio.

— Eles vão chegar? — Aceno diante da sua pergunta. — Não custa você responder assim; os nossos avós vão chegar amanhã.

Franzo o cenho e dou de ombros. Eu só resumi a resposta que ela precisava. Os meus avós vão chegar amanhã, eles decidiram vir passar alguns dias aqui, pois a Emily ligou para eles e lamentou muito sobre a desistência da mudança para cá. Ouço a porta do camarote se abrir, olho em sua direção e encaro fixamente os irmãos Brown. Leon me cumprimenta com um aceno de cabeça e vai em direção da Emily. O olhar do Jensen cruza com o meu e a

minha mandíbula trava. O meu maior desejo agora era ir em sua direção, segurar na merda da gola da sua camiseta preta e empurrá-lo até o vidro do camarote. Gritar na sua cara tudo que eu tenho engasgado na garganta, questionar sobre o apartamento e depois dar muitos socos em sua cara.

— Ed...

A voz da Emily estraga o meu devaneio e eu a encaro.

— O seu namorado já deveria estar aqui.

— Nem o Anthony chegou ainda. — Ela resmunga.

— Vocês chamaram todos os lutadores ou apenas nós, os 5M? — Leon nos questiona.

— Apenas vocês, com os demais eu converso depois. — Emily informa.

— E então?

— Tenham calma. — Ele pede num resmungo.

A porta se abre de novo, Noah nos cumprimenta de longe e logo se senta. Anthony entra também, não faz questão de nos cumprimentar e se senta também. O olhar dele é de puro ódio e eu me sinto muito bem com isso. Eu sei o que é sentir isso e como é; eletrizante, mas muito perigoso.

— Você agiu como uma cobra, sorrateira. — Anthony acusa.

— E você agiu como?

— Você está insinuando algo? — Ele me questiona.

— Me responda você.

Emily me direciona um olhar de aviso, eu volto a encarar o Anthony e ele não esboça nenhuma reação, muito menos palavras. Oliver entra no camarote, sozinho e no momento seguinte, a Stephany invade o meu pensamento. Quando eu a levei para a minha casa, queria um ambiente neutro para a conversa e um lugar que ele não iria escapar facilmente. Confesso que fiquei um pouco assustado quando ela se afastou de mim e pediu para ir embora. Eu sabia que só a confrontando, iria conseguir a sua revelação. Não que eu fosse louco para saber, mas para fazer bem a ela mesma. Eu experimentei a liberdade através da fala e quis que ela também experimentasse, e o resultado foi como eu esperava. Ela falou, chorou e enfim se libertou – pelo menos, com sigilo mesma –, mas ainda falta contar para o irmão, e para os pais, por mais que ela não se de bem com eles. Saio do meu devaneio quando percebo alguém se sentando ao meu lado e é justamente o Baker, só que é melhor a que fosse o Brown. E falar nele, está

sentado diante de mim, entre o irmão e o Noah. Emily está numa ponta, Anthony está na outra e só falta o Turner, que já deveria estar aqui.

— Só falta o Dom... aliás, cadê ele? — Anthony questiona.

— Já deve estar vindo. Eu não estou com pressa, mesmo. — Emily informa debochada.

Em seguida ela se inclina na direção do Oliver e eles conversam brevemente. Observo a minha irmã empilhar os envelopes pardos ao seu lado direito e apoia as mãos sobre a mesa. Em cada um daqueles envelopes tem uma proposta para cada um presente aqui, eu preferi que ela as fizesse como achava melhor, assim como a proposta para mim, mas essa é a única que estou sabendo. Enfim o Dominic nos dar o ar da graça, se senta ao lado do cunhado e bem próximo a minha irmã. Olho brevemente para o Anthony e é palpável a sua ira. Eu sei que ele está louco para ofender e brigar com a minha irmã, só que eu não irei permitir. A minha irmã coça a garganta chamando a atenção de todos nós. Eu não me importei em ficar com a mesma porcentagem de antes, eu estou focado em outra coisa, apesar de gostar muito desse lugar, mas ele será mais bem comandado pela minha irmã.

— Eu comprei quarenta por cento do comando do Anthony sobre o *Fight*, assim eu sou a sócia majoritária e irei comandar praticamente tudo. Anthony tem apenas dez por cento e, o meu irmão continua com vinte e cinco. Eu serei responsável pela carreira do Dom e do Ed a partir de hoje...

— Com isso, os 5M se desfizeram? Pois, Anthony que era o responsável por nós. — Leon comenta, ao interromper a Emily.

— Vocês continuam sendo os cinco melhores, independente com quem estão. — Ela informa.

— E o que vai acontecer agora? — Noah questiona.

— Vocês podem escolher entre duas coisas. Deixam eu ser empresária de vocês, ou ficam com o Anthony, mesmo ele não tendo comando nenhum mais.

— Eu vou ficar com o Anthony. — Jensen avisa chamando.

É claro que ele tentará ficar o mais afastado possível.

— Ótimo. — Ela debocha ao encará-lo. — E os demais?

Oliver é o qual mais fica em silêncio e olhando para a minha irmã. É visível que ele não tem uma resposta para dar agora, mas sabe que o melhor a fazer é ir para o lado... Lewis. Ele tem muito potencial para ficar limitado no time do Anthony. Troco um olhar com a minha irmã e fica visível para ela,

apenas para ela que eu também quero que o Baker passe para o novo time. Em seguida ela troca um olhar com o namorado e ele batuca os dedos sobre a mesa.

— Anthony fez muito pela gente desde o início, principalmente por mim, mas algumas coisas vieram acontecendo me deixando um pouco irritado com o trabalho do Anthony...

— O que, Dominic? — Anthony questiona irritado, ao interrompê-lo.

— Você fazendo preferência entre nós cinco. Você estava fazendo de mim o seu queridinho, e eu não aceito isso. Quando eu voltei para cá há mais de um ano, eu trouxe os rapazes comigo e você nos teve de volta, pois era o que você mais almejava. — Turner declara o encarando.

— Você está enganado. — Anthony informa com deboche. — Eu não faço preferência entre vocês, Dominic.

— Não importa isso nesse momento. Dominic é meu... — Emily se cala analisando as suas palavras e balança a cabeça para os lados. —, lutador, assim como Eduard.

— Você está jogando alto, Emily e pode acabar se quebrando. — Anthony murmura.

— Não vou, Anthony e sabe o porquê? Eu sei o que eu faço, não faço preferência e vou crescer ainda mais o *Fight*. Algo que você não fez quando era dono. — Emily informa prepotente e mostra os envelopes. — Aqui está a minha proposta para todos. Analisem e decidam se vão para o meu time ou ficam com o Anthony.

— Vamos ver o que vai acontecer, Lewis. — Anthony resmunga.

Emily entrega gentilmente para Leon, Noah e quando vai entregar para o Jensen, ela bate a mão na mesa junto com o envelope. Ela sorri cínica quando ele a encara. Se fosse por escolha nossa, não iríamos querer o amante no nosso time, mas não poderíamos agir desse modo, colocando os assuntos pessoais acima dos profissionais.

— Eu te quero no meu time, Oliver. — A minha irmã declara.

— Eu preciso pensar, Emily. — Ele informa.

— Eu sei e te dou o tempo necessário para isso. A proposta é boa para todos.

— Penélope está envolvida nessa proposta? Pois se estiver, Oliver aceita sem pensar. — Leon debocha.

— E no seu, tem o seu casamento com a Lola. — Oliver resmunga.

— Não preciso colocar Penélope como uma bonificação para ele e muito menos Lola para você, Leon. — Emily ri.

Ela se dá muito bem com todos, é querida e se sente bem no meio deles. Eu não consigo me sentir bem, sempre fico tenso e preparado para qualquer possível briga que possa acontecer.

— Se minha irmã ouvisse isso, iria rolar briga. — Dom comenta. — Vamos voltar ao assunto do *Fight*.

— É melhor. — Emily concorda. — É apenas isso a reunião. Peço que vocês analisem as propostas e tomem uma decisão até sexta feira.

— Vamos escolher a proposta que mais nos agrada. — Leon informa se referindo ao irmão também.

— Obrigada pela presença de todos. — Ela agradece.

Anthony se levanta da onde está sentado e vai embora sem se despedir de ninguém. Noah se vai também, pois ele irá lutar dentro de alguns minutos e Leon informa que tem que ir buscar a namorada, antes de despedir de todos, até mesmo de mim e sai do camarote. Jensen pega o envelope, se levanta e nos encara, especificamente minha irmã e eu.

— Por que você está fazendo isso? — Jensen questiona a Emily.

— Anthony está afundando o *Fight*. — Ela informa.

— Impossível. — Jensen resmunga.

— É a verdade. Anthony está roubando dinheiro de vocês. — Ela suspira e olha para o Baker. — Desculpa perguntar, Oliver, mas quanto você ganhou na sua luta com o meu irmão?

— Sete mil.

Anthony é muito filho da puta. Roubou descaradamente e nem se deu conta disso, aliás, descaradamente apenas para mim e para a minha irmã. Sabemos exatamente qual é o valor das apostas em tempo real e a bilheteria. Então, além de roubar o caixa do *Fight*, rouba descaradamente os seus queridos do 5M. Anthony está roubando dos próprios lutadores e do jeito que ele é, poderia muito bem acabar com o *Fight* por causa de dinheiro ou até mesmo lucrar ainda mais para o bolso dele, com os 5M. Ele conseguiria isso, colocando um para lutar contra o outro, algo que – na minha opinião – não iria demorar muito.

— O certo é cada um ganhar dez por cento em cima das apostas, não é?

— Ela questiona fazendo todos concordarem. — As apostas na sua luta com Ed foram de quase cento e cinquenta mil dólares...

— Era para Anthony ter me dado quinze mil dólares. — Ele comenta pensativo.

— Mais os seis mil que são um salário fixo de vocês. — Ela lembra.

— Ele me pagava apenas três mil e esse mês não me pagou. — Baker declara.

A sorte dele é que trabalha na agência do amigo, mas e se isso não acontecesse... Anthony iria roubá-lo? Brown está nos encarando desacreditado dessa situação toda, mas é visível que ele está desconfiado.

— E o dinheiro da bilheteria não está sendo usado para reformas necessárias, ele está sumindo.

— Eu estou retirando o Anthony aos poucos daqui por causa dos roubos. — Emily informa. — Eu não irei acusá-lo e nem o denunciar, apenas afastá-lo.

— Jensen, o melhor para todos nós é nos afastarmos do Anthony. — Dominic olha seriamente na direção do amigo.

— Eu entendo a sua aversão a mim e ao meu irmão, mas é a sua carreira que está em jogo. — Emily o lembra.

— Se ficarmos separados, Anthony pode querer fazer a gente lutar um contra o outro. — Oliver comenta.

Exatamente, Baker. Cruzo os meus braços em frente ao corpo e aceno concordando.

— Oliver está certo. — Dominic concorda.

— E-eu... — Jensen se cala ao desviar o olhar de nós e encara o envelope em suas mãos. —, preciso pensar. Mudar assim, não é algo simples.

— Pense, por favor. Esqueça o seu problema com os Lewis e que você era amante da senhora Lewis. Apenas pense em sua carreira como lutador. — Dominic pede ao nosso amigo.

Jensen assente contra gosto, ele acena para todos com a cabeça e sai do camarote. Oliver ri com deboche sobre a frase do cunhado, e eu o encaro irritado. Isso é para me provocar, só pode.

— Não precisa ficar lembrando dessa merda, Turner. — Resmungo.

— É algo difícil de esquecer, Eduard.

— Nós dois... — Emily aponta para si mesma e em seguida para mim. —, mais que ninguém, sabemos o quanto é difícil esquecer.

— Me desculpe. — Ele pede ao beijar o topo da cabeça dela.

A porta do camarote se abre, a Penélope entra acompanhada das

cunhadas e eu olho diretamente para a Baker. Ela se senta aonde o Anthony estava, consequentemente perto de mim e olha rapidamente para todos. Penélope está sentada no colo do marido, a Baker mais nova está perto do vidro olhando para o octógono e o outro casal está num universo paralelo, em uma conversa privada.

— Como você está? — Questiono-a.

— Bem e você? — Stephany me pergunta de volta.

— Bem, também. — Recebo um sorriso diante da minha resposta. — Se sente melhor após a nossa conversa?

— Me sinto mais leve.

— Isso é muito bom, mas não é cem por cento. Você ainda precisa contar para a sua família.

— Eu sei. — Ela sussurra. — Eu senti inveja de você, quando percebi que você estava mais leve...

— E agora é você que se sente assim.

Ela acena concordando, apoia os cotovelos na mesa e em seguida descansa o queixo nas mãos.

— Existe algo que você deveria contar, mas não contou para a sua irmã?

Engulo em seco o nó que se formou em minha garganta e fico em silêncio. É claro que sim, mas não posso, pelo nosso bem e porque eu vou levar esse segredo para o meu túmulo. Sou – praticamente – salvo quando o Oliver para perto de nós, chama a irmã e se afastam de mim. Pego uma garrafinha de água dentro do frigobar e bebo um longo gole. Stephany volta a se sentar assim que o irmão sai com o Turner – eles vão ir se encontrar com o Dylan –, a minha irmã continua no mesmo lugar e analisa alguns papéis. Agora ela tem uma grande responsabilidade em mãos, administrar um grande lugar aonde recebe lutadores amadores e os transformam em grande, antes de enviá-los para um patamar mais alto. Todos nós sabemos que acontecerá isso com o Dominic, vai chegar o momento e será em breve. Ele já é grande aqui dentro do Fight e está a um passo para se chegar no nível certo, Matt Saloon sabe muito bem disso e está ansioso por este momento. Depois tenho que conversar sobre isso com a minha irmã, já que é ela que está cuidando inteiramente da carreira do namorado. Ouço a Stephany me chamar e eu volto a minha atenção a ela.

— O que foi?

— Você não respondeu a minha pergunta.

— Não lembro o que você me perguntou. — Minto. — Torres te levou certinho para casa?

— Sim, eu ensinei o caminho para ele.

Quando ele chegou, veio me informar que deixou a Baker em casa e em seguida voltou a me deixar a sós com a Melanie. E em falar nela, confiro a hora no meu celular e percebo que já tenho que ir. Combinamos de jantarmos juntos hoje, já que ela irá voltar para Nova Iorque e ficar por lá alguns dias.

— Tenho que ir.

— Mas já? Nem conversamos direito.

— Tenho um compromisso.

Encolho os ombros e percebo que todas ao nosso redor estão atentas a outras coisas. Volto ao meu olhar para a Stephany e algo surge em minha mente. Eu imagino que as demais vão demorar, e ela não deve pegar friagem por causa da cirurgia, então eu poderia levá-la para casa, já que é mais ou menos caminho. Mentira, é extremamente fora, mas não me custa nada, além disso, Melanie demora a se arrumar e eu ainda tenho que ir em casa antes de buscá-la.

— Eu posso te levar para casa se quiser.

— Não, você tem compromisso. — Ela resmunga.

— Tenho um tempinho ainda, se quiser posso te levar.

O canto da sua boca curva num pequeno sorriso e eu arqueio uma sobrancelha esperando a sua resposta.

— Eu vou avisar a Penélope.

Eu a observo ir em direção a cunhada, termino de beber a minha água e jogo a garrafinha no lixo.

— Stephany, eu não quero ficar te ajudando e muito menos escondendo as coisas do seu irmão, vulgo meu marido. — Ouço a Penélope declarar.

— Não estou pedindo para você fazer alguma coisa, eu apenas vim te avisar e a decisão será sua de contar ou não para o Oliver. — Stephany murmura.

— Eduard, você não deveria fazer o que está fazendo. — Emily chama a minha atenção.

Por um segundo eu sinto vontade de rir e dizer que não sou uma criança, mas no mesmo segundo a irritação me domina e é o que prevalece.

— Até você, Emily?

A minha irmã se levanta da onde está sentada, para ao lado da cunhada e suspirar ao encarar a Baker. Eu paro ao lado dela e cruzo os meus braços preferindo ficar em silêncio. Eu não gosto de agir desse modo, indo contra o Oliver, mas só que, não estamos fazendo nada demais. Estou apenas dando uma carona para a Stephany e assim vamos conversar mais um pouco durante o caminho.

— Os dois sabem a opinião do Oliver sobre isso, estão querendo fazer algo sem que ele esteja aqui e muito menos que ele esteja ciente.

— É apenas uma carona!

Emily sabe que eu me irrito fácil, mas está fazendo questão de me irritar ao extremo.

— Nunca é apenas uma carona. — Penélope debocha.

— Tudo bem que você, Stephany não pode transar por causa da cirurgia, mas outras coisas podem acontecer. — A minha irmã comenta irônica.

— Por que uma mulher não pode ter uma amizade com um homem? — Stephany questiona irritada. — Parem com isso! Eduard e eu somos amigos, caso a gente ultrapasse a amizade, todos vão ficar sabendo. Oliver vai ser o primeiro, a saber.

Por mais que exista essa confusão dentro de mim, que eu esteja gostando dela, eu não sei ainda lidar com essa ideia. Ter algo com a Stephany, consequentemente fazendo o seu irmão ficar a par de tudo, e eu não sei se ele seria contra ou a favor. Muito provável, que seria contra.

— Você quer ir, você vai, Stephany, mas eu vou contar para Oliver. — Penélope informa.

— Obrigada. — Ela agradece irônica e sai.

— Ed, ela é nova e gosta de travessuras, você já é um adulto e não deve apoiá-la. Por favor, não desperte a ira do Oliver. — Emily me pede.

— É apenas uma carona.

Direciono um último olhar para elas, e vou atrás da Stephany. A encontro parada perto da escada, descemos rapidamente os degraus e atravessamos a arena em poucos segundos. Abro a porta do meu Zenvo para ela entrar, dou a volta e me sento no banco do motorista. Depois de eu ter falado para a Melanie que eu estou sentindo algo pela Stephany, o meu carro parece ser menor e fazer com que o calor dos nossos corpos se misture. O seu olhar encontra o meu, desce para a minha boca e eu decido deixá-la logo em

casa. Não posso envolvê-la nesse caos que é a minha vida.

— Stephany...

— Eduard...

Nós dois falamos ao mesmo tempo e ambos se calam.

— Pode falar.

Consigo ver pelo canto do meu olho ela abaixar a cabeça suavemente e o silêncio é predominante por longos segundos.

— É impressão minha ou está quente aqui?

— Está.

Bato a mão no botão do ar condicionado e tento manter o meu olhar fixo no trânsito. Não posso pegar nenhum congestionamento, pois tenho horário.

— O que você ia dizer? — Ouço ela me questionar.

Eu nem sei o que ia dizer, queria apenas inventar um assunto qualquer para que esse silêncio acabasse.

— Queria que você falasse algo, esse silêncio está ruim.

— Eu posso colocar uma música?

— Pode.

— Não reclame dos meus gostos musicais. — Ela pede divertida.

Sorrio e espero atentamente. Quero conhecer mais dela, e começar pelo gosto musical é uma boa. Só que essa que ela acabou de colocar é apenas instrumental e fico um pouco surpreso.

— Achei que ia colocar uma com alguém cantando.

— Vamos ficar nessa, é boa para relaxar.

— Isso é verdade. — Concorde a fazendo sorri.

Bato os dedos no volante no mesmo ritmo, até diminuo a velocidade do carro e aproveito cada segundo. Gosto bastante da companhia da Baker. Paro no semáforo vermelho, percebo que já estamos próximos ao prédio e a música já está se encerrando. Os minutos passaram muito rápido, me deixando irritado, pois cinco minutos pareceu ter passado em cinco segundos. O caminho está sendo percorrido num tempo ainda menor por causa do horário e as ruas estarem vazias. Não esboço nem uma reação, muito menos falo quando a próxima música começa a tocar. É como se ela resumisse algo provável entre nós. Aperto as minhas mãos no volante e não olho para a Stephany, apenas peço internamente para que esse semáforo fique verde logo, para que possamos chegar no destino. Antes de acelerar o meu carro, eu cedo

ao meu desejo e a olho. Ela está toda atrapalhada tentando desbloquear o celular para trocar a música ou desligar, mas o seu nervosismo a faz errar a senha seguidas vezes.

— Posso desligar? — Ela questiona.

Antes que eu possa responder, ela desliga o rádio do meu carro e encara a janela ao seu lado. Eu maneo a cabeça para os lados e continuo o nosso trajeto. Ah, Stephany se você soubesse o tanto que estou te desejando, você agradeceria ao seu celular por ter selecionado essa música, pois soou como uma indireta para mim e eu precisava ouvi-la.

— Você está procurando o meu amor no lugar errado... não pense que porque você está comigo isso é real... — Cantarolo bem baixinho.

— Estou aqui com você porque você faz meu tipo. — Stephany continua.

A minha intenção era que ela não ouvisse, e muito menos que continuasse. Estaciono em frente ao seu prédio, desligo o meu carro e a olho. Por mais que eu não queira e nem vou colocá-la no caos que é a minha vida, eu preciso saber dela, preciso de uma resposta, preciso ouvir as suas palavras.

— Baker...

— Me chama de apenas Stephany, por favor. — Ela pede.

— Então me chame apenas de Eduard.

— Tudo bem.

— Stephany... — Repito. —, eu preciso saber de algo e quero a sua sinceridade.

— Se eu puder responder. — Ela dá de ombros.

Nós dois, nos sentamos um de frente para o outro, eu respiro fundo e engulo o excesso de saliva presente na minha boca. Ela está me olhando com extrema atenção, além de curiosidade.

— O que você está sentindo por mim?

Os seus olhos se arregalam e a sua boca fica numa linha reta.

— Eu gosto de você. — Ela declara. — Gosto da nossa amizade...

— Não é nesse assunto que eu estou me referindo.

Ela volta a ficar em silêncio, eu me inclino suavemente em sua direção. Merda! Eu estou deixando os meus desejos e sentimentos me comandarem, e sei que isso não é certo, mas não estou querendo saber o que é certo ou errado nesse momento. Levo a minha mão na direção do seu cabelo, coloco uma mecha atrás da sua orelha e ela deita o rosto em minha mão. O seu olhar está

preso no meu e eu sei exatamente a sua resposta, mas quero ouvir dela.

— Eduard... — Ela sussurra. —, eu sou um problema com problemas, eu sei quem eu sou... e eu não sou boa.

— Eu não sou bom, e mesmo assim, você coloca fé em mim, e então você também deveria colocar em si mesma.

— Eu não... eu não sei, na verdade.

As palavras quase não saem de sua boca, acaricio a sua bochecha com o meu polegar e desvio o meu olhar para a sua boca. Eu poderia beijá-la nesse momento, mas algo muito forte me impede e eu não sei explicar o que é. Retiro a mão da lateral do seu rosto e me afasto completamente. Stephany me olha surpresa, manea a cabeça e retira o cinto de segurança.

— É melhor você ir. — Aconselho.

— É sério isso? — Ela questiona irritada.

— É melhor, Stephany.

Ela não fala mais nada, abre a porta do meu carro e sai. Observo ela entrar no prédio, dou um soco no volante e decido ir logo para casa. Eu poderia ter beijado a Baker como eu queria, mas eu sei que um beijo só não seria suficiente e não iríamos para apenas em um ou dois. É visível que a Stephany ficou irritada com a minha decisão, só que, ela tem que entender que nem sempre o que queremos, deve ser feito. Deus me livre o Baker chegar bem naquele possível momento e eu não sei qual seria a minha situação após o flagra. Afasto essa bobagem da minha mente e mantenho a minha atenção em apenas a dirigir. Assim que chego em casa, tomo um rápido banho e visto uma roupa casual. Em seguida troco de carro, opto por usar a Bugatti Chiron, e vou para a casa da Melanie. Apesar de ser um jantar de despedida, eu sei que ela vai me encher de perguntas. Assim que paro em frente à sua casa, vejo o portão se abrir e lá vem ela. Linda, como sempre. Melanie está toda de jeans, a não ser por uma camiseta curta na cor branca debaixo da sua larga jaqueta. Ela abre a porta do meu carro e entra sorridente.

— Atrasado meia hora, Lewis!

Ela tenta fingir que está brava, mas é péssima atriz.

— Me desculpe.

— A reunião demorou?

Meneio a cabeça para os lados e nos levo rumo ao restaurante, que é muito perto daqui.

— Foi até rápida.

— E então o seu atraso tem a ver com outra coisa, ou melhor, pessoa?

— Talvez.

— Estou começando a gostar do atraso.

Rio suavemente.

— O jantar é uma despedida...

— Um até logo, daqui alguns dias eu estou de volta.

— Certo. — Murmuro. — Continuando... e não para ficar falando da minha vida.

— Sem mal humor, esquentadinho.

— É só não me perturbar. — Resmungo.

Logo chegamos ao restaurante, eu deixo a chave do meu carro – com muita preocupação – com o manobrista e entramos no estabelecimento. A moça de coque nos guia para a nossa mesa, agradece e puxo a cadeira para a Melanie. O garçom anota os nossos pedidos assim que escolhemos o que queremos comer e eu peço que ele sirva o vinho apenas para a Melanie. É bebida alcoólica, mas é a única que não me causa desconforto pelo cheiro ou ver alguém o ingerindo. Enquanto aguardamos o nosso jantar, ouço a Melanie me contar sobre tudo que ela vai fazer em Nova Iorque. Ela gosta muito da carreira que construiu e ainda constrói, e isso só me dá mais certeza de que eu fiz a escolha certa ao terminar o nosso namoro, assim a fez ir atrás do que tanto sonhava.

— Viu a Stephany? — Melanie questiona antes de enfiar a primeira garfada na boca.

— Sim.

— E?

— Isso aqui deveria ser desconfortável, conversar sobre a atual com a ex.

Melanie para o garfo no ar, arregala os olhos e eu fico sem entender.

— Você ouviu as suas próprias palavras?

— Ouvi.

— Não, não ouviu. — Ela murmura. — Atual! Você se referiu a Stephany como a sua atual.

— Eu não...

Ela arqueia uma sobrancelha e maneia a cabeça para os lados.

— Você precisa ir conversar com ela.

— Já conversamos. — Resmungo.

— E nada?

A encaro, demonstrando que estou cansado desse assunto e ela pouco se importa com isso. Continua falando sem parar sobre como eu deveria agir, o que eu deveria falar, e principalmente, dar a oportunidade a Baker escolher se ela quer mergulhar nesse mar revolto que é a minha vida.

— Melanie...

— Esse não é o Eduard Lewis que eu conheço!

Reviro os meus olhos e entrelaço as minhas mãos.

— Eu não vou envolver a Stephany...

— Já estou cansada dessa frase. — Ela revira os olhos. — Prefere arder em desejo a que dar o direito a escolha a ela?

— Não estou ardendo em desejo.

— Claro que está.

Melanie tem um grande problema, ou melhor, defeito, ela sempre tem a convicção que está certa, Respiro fundo, termino de beber o meu suco e a observo. Esse jantar era para ser tranquilo, mas ela irá conseguir me irritar muito em breve. Tá, tudo bem, eu assumo, Melanie está parcialmente certa. Eu gostaria muito de ir atrás da Stephany, mas a minha razão é maior que a emoção, só que... a emoção — desejo para ser mais exato — está subindo o nível cada vez mais.

— Desejam sobremesa, senhores?

Olho rapidamente para o garçom e volto o meu olhar para a Melanie. Ela maneia a cabeça para os lados e eu aceno suavemente.

— Apenas a conta, por favor.

— Não demore, pois ele irá atrás da garota que ele está a fim. — Melanie declara.

Eu a encaro incrédulo com o que acabou de acontecer e vejo um pequeno sorriso nos lábios do garçom.

— Em um segundo irei trazer.

Em seguida ele se retira, Melanie ri e eu não esboço nenhuma reação. Assim que pago a conta do restaurante, vamos para o meu carro e eu nos levo rumo à casa dela. Nesse bom tempo que eu estive com a Melanie, a Stephany não saiu da minha mente nem por um segundo. Eu estou confuso sobre a real decisão que devo tomar, queria ter um posicionamento do Achilles e ter a real confirmação que eu, e a minha irmã vamos ficar livres de tudo. Estágio no o carro em frente à casa da Melanie, ela se inclina sobre mim e deposita um

beijo na minha bochecha. Eu afago o seu cabelo e beijo a sua têmpora.

— Se cuide, Melanie.

— Você também, esquentadinho.

— Qualquer coisa, me ligue.

— Eu vou sentir a sua falta. — Ela declara.

— Nos vemos em alguns dias.

Ela acaricia a minha bochecha, aproxima a sua boca da minha e nos beijamos. Um último beijo e é de despedida.

— Tchau, Eduard.

— Tchau, Melanie.

Ela sorri, desce do meu carro e entra correndo em sua casa. Pingos grossos da chuva começam a cair, saio de frente da sua casa e dirijo calmamente rumo a minha. Só que, eu não estou conseguindo mais ignorar o meu desejo. Paro o carro numa vaga qualquer, pego o meu celular e digito o número do Achilles, mas antes que eu possa realizar a ligação, o nome da minha irmã pisca no visor e eu a atendo.

— Oi, Emily.

— Oi. Está em casa?

— Não.

— Está tudo bem? — Ela questiona.

— Estou bem, apenas...

Repenso em tudo e sei que posso conversar com ela, mas não vou contar o que tanto me domina nesse segundo.

— Apenas?

— Preocupado com a demora do Achilles em resolver as demais pendências.

— Eu também estou, mas não podemos deixar isso nos dominar.

— Eu posso te fazer uma pergunta? — Questiono de repente.

— *Hum...* pode.

Respiro fundo e esfrego o meu rosto com a minha mão livre.

— Como você soube que deveria escolher o que tanto queria, sem ter medo das possíveis consequências?

— Eu simplesmente arrisquei e fui em busca do maior desejo no momento, as consequências viriam de qualquer jeito, fossem boas ou ruins.

— Você não teve medo de envolver o Turner no caos que era a sua vida?

— Eu nem se quer pensei nisso. — Ela responde. — Essas perguntas têm alguma coisa a ver com a Stephany?

— Emily, eu estou dirigindo. Depois conversamos.

— Tenham cuidado.

Prometo a ela e encerro a ligação. Agir deixando o meu verdadeiro querer me comandar não fará mal, mas é claro, só se eu deixar tudo devidamente explicado. Acelero o carro indo rumo ao meu destino, aperto o volante com força e sinto o meu coração pulsar mais forte. Isso é ansiedade, com um pouco de preocupação. Piso mais fundo no acelerador, mas mantendo cuidado. Isso tudo deve ser confuso também para *ela*, também deve ter preocupações e medos, além de não ter absoluta certeza de que é certo, na visão dela, que eu sinta algo. Em longos minutos – pois me pareceu uma eternidade –, estaciono em frente ao prédio e digito o número dela no meu celular. Ela não atende. Ligo novamente e nada. Confiro a hora e é cedo para a Baker estar dormindo. Nem deu meia noite ainda. Decido ligar pela última vez, já desesperançoso.

— Oi, Lewis.

— Voltamos as formalidades? — Questiono.

— É apenas um costume.

— Que deve ser quebrado, Baker.

— Enfim, o que você quer, Lewis? Imaginei que você estava em seu compromisso.

— Estava, mas agora... — Penso numa boa tática para que ela desça aqui e escolho a mais idiota possível. —, eu me senti na obrigação em vir até aqui, na frente do seu prédio...

— Por que e para que?

— Então... — Repenso na minha escolha e decido que será essa mesma, pois eu não tenho nada melhor em mente e nem tempo para pensar em outra. —, você esqueceu uma coisa aqui no meu carro e eu vim te devolver.

— Eu não esqueci nada.

É claro que não, mas é a única desculpa que eu tenho.

— Eu estou aqui embaixo, na frente do seu prédio. Desça até aqui, por favor.

— Eu tenho certeza de que eu não esqueci nada... — Ela declara enfática. —, mas eu vou descer.

Sem esperar nenhuma palavra minha, ela encerra a ligação e eu dou um soco no volante. Ela sabe que inventei isso, deve estar desconfiada da minha vida, mas eu espero que a minha real intenção não tenha passado pela mente dela. Mantenho o meu olhar fixo na porta do prédio, em segundos eu a vejo ser aberta e a Stephany aparece. Eu me inclino sobre o banco do passageiro para abrir a porta, ela corre tentando se proteger o máximo possível da chuva e por um segundo eu me arrependo. *Ela* foi recentemente operada e não deveria sair de casa num tempo desse, temperatura baixa e chuva fina, ainda mais correr.

— Ingrato! Pensei somente em mim. — Resmungo num sussurro para mim mesmo.

Stephany praticamente se joga no banco, fecha a porta e me olha, enquanto passa as mãos na calça, na tentativa de secá-las.

— Só você mesmo para conseguir me tirar da cama.

— Me desculpe.

Ela me direciona um pequeno sorriso e olha em volta.

— O que eu esqueci?

— Algo importante.

Assim que o seu olhar encontra o meu, eu me inclino em sua direção e selo os nossos lábios. De início ela fica assustada, mas em segundos agarra a minha camisa e as nossas línguas se encontram. Seguro o seu rosto entre a minha mão e eu a beijo para valer, como eu queria fazer a muito tempo. Desço uma das minhas mãos pela lateral do seu corpo, paro em sua cintura e a aperto. Sem que eu espere, ela me empurra bruscamente e me olha confusa, além de estar evidente que está assustada.

— O que foi isso? — Ela questiona.

— Um beijo.

Um pequeno sorriso toma conta dos meus lábios, mas morre quando a sua expressão fica ainda mais séria.

— Por quê?

Merda! Eu não imaginei, muito menos esperava por isso. Eu vi claramente o interesse dela por mim e então essa reação é totalmente errada.

— Agora sou eu que não está entendendo o que está acontecendo.

Ela manea a cabeça para os lados e fica em silêncio. A chuva se torna mais intensa, os pingos grossos caem sobre o meu carro ressoando um barulho constante. Volto a minha atenção para a Stephany e sinto vontade de

tocar nela, mas simplesmente não posso. O meu olhar se prende em sua boca, inchada e vermelha, e eu gostaria de beijá-la novamente.

— Você simplesmente nunca demonstrou nada para mim, deve ter um relacionamento fixo com alguém, mesmo assim fez aquilo comigo há poucas horas e do nada, veio atrás de mim, para me beijar... do nada.

— Steph...

— Não! Isso não está certo.

— Por quê?

— Você... não gosta de mim. Nunca demonstrou nada.

— Você tem essa conclusão só porque eu nunca demonstrei nada? — Questiono irritado.

— Você sempre teve pouca consideração por mim, sempre me dispensou quando quis.

De repente, ela sai do meu carro sem se importar com a chuva e eu fico sem reação por poucos segundos. Saio do meu carro também, dou a volta e corro em sua direção.

— Não foi bem assim, Stephany.

— Foi como então? — Ela questiona ao me encarar. — Você só me quer por perto quando te convém, Eduard!

— Não é dessa forma. — Tento tocar em seu rosto, mas ela não deixa. — Você estava errada.

— Em que?

— Que eu mudei. Se você teve essa visão de mim, só reafirma que...

— Para! — Ela ordena. — Para com essa merda.

— Não vou parar, e quer saber de uma coisa?! Tem mais! — Declaro ao passar as mãos em meu rosto, o secando em vão, pois a chuva continua a cair de forma grosseira. — Você é uma boa mentirosa!

— O que? — Ela praticamente grita.

— Você disse que via que eu era uma boa pessoa, que eu poderia ser melhor, mas você acabou de dizer coisas que tem controvérsias.

— Eu estou confusa. Você apareceu aqui do nada e me beijou. Era algo inesperado.

Então ela quis dizer mesmo aquilo ou foi uma fala de proteção, medo que eu a machuque interiormente? Não sei e não quero perguntar. Talvez tenha sido um erro vir até aqui. Dou um passo para trás, a Stephany continua me olhando fixamente e o melhor é eu ir embora.

— Fiz errado em escolher a vir aqui e te beijar.

— Eu não disse isso. — Ela murmura.

— Foi errado as coisas acontecerem dessa forma, aliás, foi errado acontecer.

Dou mais um passo para trás, ela dá um na minha direção e eu franzo o cenho.

— Hoje, você me fez uma pergunta; o que eu sentia por você.

— E você não me respondeu, mesmo que eu saiba a resposta.

— Eu, agora, te faço a mesma pergunta; o que você sente por mim?

Enfio as mãos dentro do bolso da minha calça e encolho os meus ombros.

— É confuso, eu só sei que gosto de você.

— Por que você decidiu agir desse modo?

— Porque eu não soube outro modo de agir, e muito menos saberia o que falar para você.

— Que tal; Stephany, eu gosto de você e estou a fim de te beijar.

— Eu não disse que gosto de você. — Resmungo a fazendo ri.

— Mas esse foi o meu entendimento.

Ela dá de ombros e se aproxima ainda mais de mim.

— Isso tudo é confuso.

— Para mim também.

— Estamos no mesmo barco então.

Stephany acena concordando, passa as mãos em seu rosto retirando o cabelo grudado na sua face e eu a ajudo. Dessa vez ela me deixa tocá-la e eu percebo que as suas reações ao se afastar de mim, e falar coisas grosseiras foi por causa do jeito confuso que as coisas aconteceram. Ela dá mais um passo em minha direção, ficamos ainda mais próximos e mantenho o meu olhar fixo no seu.

— Me desculpe, eu agi de um modo inesperado.

— Eu não queria que isso acontecesse, pois a minha vida é um caos.

— Eu sei, parcialmente.

— Ainda tenho muitas coisas para resolver, e não quero envolvê-la nisso tudo.

— Eu tenho direito de escolha, sabia?

— Sei muito bem, mas...

Ela me cala ao colar a sua boca na minha, no mesmo segundo ouço um

trovão estrondar no céu e um relâmpago nos iluminar. Há poucos segundos ela estava gritando comigo, nós dissemos coisas ruins e agora estamos dessa forma. Agarro a Stephany pela cintura, colo os nossos corpos e a beijo de volta. Os seus dedos mergulham em meu cabelo, ela suspira contra a minha boca e intensificamos o beijo. Só agora, eu percebo que isso já era para ter acontecido há muito tempo. Subo a minha mão direita na altura da sua nuca e enfio os meus dedos entre as suas mechas de cabelo. Afasto as nossas bocas, acaricio a sua bochecha molhada e ela sorri. Eu não posso lhe dar uma garantia ou prometer que irá acontecer algo entre nós além desse beijo, não até conversar com o Achilles.

— Você não poderia estar aqui, tomando essa chuva.

— Então é melhor eu entrar.

— É melhor.

— E você... — Ela consegue sair de dentro dos meus braços e abraça o próprio corpo. —, deveria ir para a sua casa. Sair dessa chuva.

— Tome um banho quente, além de beber algo quente também e se agasalhe.

— Irei fazer isso, senhor Lewis.

— Tchau, senhorita Baker.

Ela sorri e corre para dentro do prédio. Eu vou rumo ao meu carro, agradeço pelos bancos serem de couro e acelero rumo a minha casa. Finalmente eu fiz o que eu mais desejava, mas isso não quer dizer nada. Talvez o amanhã me diga alguma coisa.

[...]

CAPITULO QUINZE

E eu preciso que você saiba que nós estamos caindo muito rápido

Nós estamos caindo como as estrelas

Nós estamos nos apaixonando

E eu não tenho medo de dizer essas palavras

Com você eu estou seguro

James Arthur – Falling like the Stars

Eduard Lewis

Lisa está me olhando fixamente, e eu não sei o que lhe dizer. Eu contei a ela sobre a minha atitude da noite passada, e acabei me abrindo ao falar sobre o meu receio em envolver a Stephany na minha vida. E ela está me olhando em silêncio por longos minutos. Assopro o café fumegante em minha xicara e desvio o meu olhar da Lisa. Eu decidi conversar com ela, pois estava me sentindo pesado. Me sirvo com mais um pouco de café, mastigo um pedaço da deliciosa panqueca que ela me preparou e volto a olhá-la.

— Fala alguma coisa, Lisa. — Peço num murmúrio.

Já estou cansado desse silêncio.

— Você tem que resolver a sua vida, antes de enfiar essa menina nas suas pendências.

— Esse era o meu maior temor... receio, entende?

— É claro que eu entendo, e sei o porquê.

— Por quê?

— Você gosta dela, quer ela em sua vida, mas o medo te deixa impede.

— E você acha errado eu me sentir assim?

— Não. Significa que você se preocupa com ela.

— Então isso é bom?

— Sim, Eduard.

Sorrio suavemente e os seus olhos brilham. Eu sei que ela gostou de saber que eu – enfim – estou disposto a me relacionar novamente. Ela viu o meu relacionamento com a Maire nesses últimos dias, viu que a gente se dava bem, mas era visível que faltava algo, eu mesmo percebia.

— Eu já liguei para o Achilles e daqui a pouco vou me encontrar com ele.

— E depois irá encontrar a senhorita Baker? — Ela questiona.

— Tudo vai depender do que será dito pelo Achilles.

— Desejo que sejam boas coisas.

Eu também desejo o mesmo, mas não quero me iludir. Passos pesados chamam a minha atenção, olho em direção a porta da sala de jantar e aguardo pacientemente quem seja. Hoje, mais cedo, quando eu conversei brevemente com o Torres notei a sua preocupação, e é referente a presença do Allen. Talvez ele ache que o Dylan esteja de volta, me refiro de volta à cidade e

principalmente de volta ao cargo, conseqüentemente roubaria o cargo de chefia do Torres e o rebaixaria. E em falar no Allen, ele adentra na sala de jantar e eu reviro os olhos. Lá está, o seu bom humor matinal. Aliás, ele sempre está de bom humor e isso é praticamente impossível.

— Bom dia, Lisa. — Ele a cumprimenta.

— Bom dia, senhor Allen. Deseja uma xicara de café? — Lisa o questiona.

— Muito obrigada. — Ele agradece e se senta antes de prender a sua atenção em mim. — Como estão as coisas por aqui? Torres não me pareceu amigável assim que me viu.

— Talvez esteja com temor também. — Lisa comenta e lhe entrega uma xícara. — Com licença, senhores, eu tenho algumas coisas importantes a fazer.

— Ir no mercado? — A questiono.

— Sim, algum pedido?

— Traga verduras e legumes, você sabe que os meus avós têm uma alimentação bem saudável.

— Sei muito bem, e já avisei as meninas.

— Leve um dos seguranças.

Ela concorda com um aceno e sai da sala de jantar em seguida. Volto a minha atenção para o Dylan e o observo a atacar as guloseimas que a Lisa preparou.

— Eu espero que você dê um salário muito bom para a Lisa, pois ela tem mãos...

— De fada. — Declaro ao interrompê-lo.

— Isso mesmo. — Ele concorda de boca cheia. — Me desculpe.

Ignoro e cruzo os meus braços em frente ao corpo.

— Se encontrou com o Turner e o Baker ontem? — Questiono.

Não é que eu queira saber o que eles conversaram, mas sinto que eu possa ter sido o assunto dessa conversa.

— Você já sabe a resposta, vocês estavam em reunião no Fight antes.

— Tiramos praticamente o comando do Anthony.

— Joga aquele cara para longe de lá. — Ele resmunga.

— Era a nossa intenção, mas ele não nos vendeu toda a porcentagem, ficou com apenas cinco ou dez por cento, algo assim.

— Quis manter uma renda, por menor que seja.

— Exatamente. — Concordo.

— E sobre o meu encontro com os rapazes ontem, ou melhor, com os seus cunhados...

— Cunhado, apenas um.

— E o Baker? Você está pegando a irmã dele?

Coço a minha nuca e ele ri levemente.

— Não estou.

— Mas? — Ele questiona. — Queria, não é mesmo?

— Dylan, isso é um assunto complicado.

— É simples; é sim ou não?

Reviro os meus olhos.

— Sim... — Declaro o fazendo sorri debochado. — mas já paguei.

Allen me encara de boca aberta e olhos arregalados, e agora é a minha vez de sorrir debochado. Ele achou que eu ia ignorar a Stephany só porque o Oliver não gosta de mim? Eu até que tentei, mas foi praticamente impossível.

— Oliver me pareceu desconfiado, mas com um pingão de aceitação.

— Aceitação? Difícil. — Resmungo.

— Foi o que me pareceu. — Ele dá de ombros. — Mas se isso não existisse...

— Ele praticamente me odeia, Allen.

— É uma suposição; se nada disso existisse, você seria mais tranquilo em se relacionar com a Baker?

— Talvez. — Murmuro.

— Talvez, mais para sim ou para não?

— Nem para um lado e nem para o outro.

— Tudo bem então, Lewis.

Dylan se cala e volta a comer. Eu pego o meu celular, abro a internet e seleciono o site de notícias. Leio as quais me interessam, mas não consigo deixar de pensar nas vezes que li matérias referentes ao meu pai e é muito bom não ler mais nada disso. Volto o meu olhar ao Allen quando sinto que estou sendo observado, ele não fala nada e volta a comer. Desde ontem, quando ele chegou aqui, eu estou me segurando para não ter a bendita conversa sobre ele voltar a trabalhar para mim, sei que a Alana quer ficar perto da família em *Solvang*, mas eu preciso do melhor segurança aqui. É como eu disse anteriormente, o Torres é um ótimo funcionário, um ótimo segurança, conseqüentemente chefe de segurança e faz o seu devido serviço

muito bem, só que, não consigo confiar plenamente. Antes de pensar nisso, em pedir para ele voltar a trabalhar aqui, eu tenho que resolver a minha vida com o Achilles.

— Preciso ir resolver algumas pendências com o advogado.

— Quer que eu te acompanhe? — Ele questiona.

— Por favor, e no caminho conversamos mais.

Nos levantamos da mesa, vamos rumo a garagem e eu olho diretamente para Ferrari. É um dos carros eu quase não uso, não é porque não gosto, mas é porque é extremamente chamativo e sempre o usei em ocasiões especiais. Decido usar a SUV, em poucos segundos já estamos atravessando os grandes portões e acelero diante da rua vazia.

— Desde o segundo que eu cheguei, estou louco para dizer uma coisa.

— O que? — Questiono.

— É um alívio entrar na mansão e não sentir a presença do James.

— Todo mundo diz isso. — Declaro. — É como ter uma paz.

— Até que fim o tormento acabou.

— Exatamente.

— Contou para a Emily sobre as coisas que o seu pai fez com você?

— Conteí.

— E ela?

— Agiu melhor do que eu esperava.

— Contou também sobre o encontro com o Dominic?

— Ainda não.

— E sobre aquela decisão?

Aproveito o semáforo vermelho, para encarar o Allen e tentar engolir o bolo que se formou em minha garganta.

— Não!

— Deveria, pois ela iria entender a sua decisão em...

— Chega, Dylan! Eu não quero pensar nesse assunto.

— Tudo bem.

Acelero o meu carro, aperto as minhas mãos em volta do volante e tento ficar tranquilo, mas a apreensão está me dominando a cada segundo. Confesso, tenho medo do que possa vir do Achilles, por mais que eu saiba que ele está fazendo o possível desde o início. Ouço um toque de celular, olho rapidamente para o lado e vejo que é o do Dylan.

— Alana não quis vir com você?

— Não e eu não entendo o que a prende naquela cidade, além dos pais.
— Esse é o motivo principal, não tem outro.
— Mas ela viveu por anos aqui, os visitava sempre que queria e poderia continuar fazendo isso. — Ele resmunga. — E, em falar naquela cidadezinha... Maire me contou que estava hospedada na mansão.
— Eu a convidei para ficar lá.
— Deu esperanças para ela? Pois do jeito que ela comentou sobre os dias com você...
— Não dei esperanças, deixei bem claro que era apenas sexo.
— E o que aconteceu de errado?
— Eu simplesmente não sei, mas do nada as coisas começaram a sair do controle e ela agiu de forma inapropriada.
— Como? — Ele questiona.
— Ela e a Melanie brigaram, foi bem sério, pois rolou vidros voando e cortes.
— Quem atacou quem?
— Maire jogou suco na Melanie e recebeu de volta a jarra de vidro, que ocasionou um corte superficial no braço.
— Que mulheres você enfia em sua vida, em. — Ele debocha.
— Espero que a Stephany seja mais tranquila. — Peço baixinho.
— Peça aos céus. — Ele ri. — Só que sinto que tem mais nessa história.
— Maire enviou uma mensagem para a Stephany se passando por mim.
— O que dizia na mensagem?
— Alguma coisa referente a ‘eu’ pedir para ela me deixar em paz.
— E você a autorizou a mandar essa mensagem? Não entendi muito bem.
Direciono um rápido olhar em sua direção e maneo a cabeça para os lados. Eu jamais autorizaria algo do tipo, mesmo que estivesse na situação de querer algo firme com a Maire, eu mesmo iria *dispensar* a Stephany.
— Ela agiu achando que eu não iria descobrir.
— Primeiramente, como ela conseguiu mandar a mensagem?
— Eu pedi para ela ir até o meu carro pegar a mochila e o celular, enquanto eu tomava banho.
— Confiou e se ferrou, aliás, quase.
— Ela foi uma safada, agindo dessa forma.

— Mas você não brigou, pois ela falou de você com entusiasmo.

— Ela já tinha ido para Solvang quando eu descobri.

— E como eu te conheço, você está louco para ela voltar e você colocá-la em seu devido lugar.

— Exato.

Ele solta um pequeno suspiro e balança a cabeça de forma negativa. Estaciono em frente ao pequeno prédio, descemos do carro e vamos rumo a recepção. Informo que vim conversar com o Achilles, me identifico na intenção de ser liberado mais rápido e assim acontece. Dylan me acompanha, subimos para o segundo andar e eu vejo que o meu advogado já nos aguarda na porta do seu escritório. Eu o cumprimento com um aperto de mão e adentro em sua sala. Estou ansioso para saber o resultado de tudo, aliás, espero que ele já tenha algum resultado.

— Confesso que eu não esperava te receber aqui hoje... — Ele declara ao se sentar em sua cadeira. —, mas eu ia te ligar.

— Eu preciso de respostas urgente.

— E eu as tenho.

Sinto o meu coração falhar uma batida, e me seguro para não criar esperanças.

— Boas ou ruins?

Ele troca um olhar rápido com o Dylan, apoia as mãos na mesa e prende a sua atenção em mim. Eu já tenho as respostas através dos seus gestos, e não são positivas. Cruzo os meus braços em frente ao corpo e encaro a janela ao meu lado.

— Lewis...

— Eu vou ser preso? — Questiono sem encará-lo.

— Você e a Emily vão precisar prestar alguns depoimentos...

— Puta que pariu!

— Lewis...

— Apenas Eduard! — Ordeno irritado ao encará-lo.

— Para de me interromper, e me deixa falar. — Ele ordena, me fazendo soltar um longo suspiro e eu aceno em seguida. — Vocês vão apenas depor, me garantiram que não serão processados ou presos.

— Pelo menos por enquanto. — Resmungo.

— Tenha um pouco de fé.

Stephany já me pediu a mesma coisa, mas eu não consigo.

— É possível deixar a minha irmã fora disso?
— Infelizmente não é possível excluir nem um dos dois desses depoimentos, eu posso apenas aconselhar e ajudar para que tudo der certo.
— Tem uma coisa essencial no meio de tudo isso.
— Qual?
— Se der errado, se a merda do James recair sobre nós, que seja totalmente sobre mim para que a minha irmã fique livre.
— Eu não posso garantir isso.
— Você vai livrar a minha irmã!
— Eduard...
— Eu vou assumir toda a culpa, simples assim.
— Não é assim que as coisas funcionam...
— Emily tem uma vida pela frente, está construindo uma família e tem um filho para criar, já eu... não tenho nada disso.

Achilles fica sem saber o que falar e eu sinto o Dylan apertar o meu ombro. Eu não preciso da compaixão de nem um deles, tudo que eu passei nem chego perto de uma possível condenação. Pensando nisso, me faz lembrar especialmente do Turner, ele foi preso injustamente, aguentou firme os nove anos na cadeia e saiu de lá bem, na medida do possível. Conseguiu se reerguer como lutador, voltou muito melhor do que antes e está constituindo uma família com a minha irmã... consequentemente isso me faz lembrar, de que ele precisa estabilizar a relação que tem com a Emily. Volto a minha atenção para o Achilles, apoio as mãos sobre a mesa e o observo.

— Serão apenas depoimentos, Lewis. — Ele garante.
— Você não pode garantir isso.
— Não, mas posso fazer o possível para conseguir isso.

Maneio a cabeça para os lados, sinto o meu celular vibrar no meu bolso e eu o pego. É uma mensagem da Lisa avisando que a minha irmã vai na mansão muito em breve. Antes de voltar para lá, quero passar em algum lugar e comprar um presente para a Melanie.

— Me avise quando acontecerá os depoimentos.
— Eu vou marcar para o mais rápido possível.

Concordo, aperto a mão dele e me despeço. Saio do seu escritório, procuro pela saída de emergência e desço as escadas sem esperar pelo Dylan. Inferno! Até morto o James atrapalha a minha vida. Eu queria uma resposta positiva, para ter um estímulo a mais para eu tentar algo com a Stephany, mas

simplesmente não posso. Eu não vou fazê-la passar pelas mesmas coisas que a minha irmã passou, eu presenciei cada sofrimento dela ao tentar visitar o Dominic. Enfio as mãos dentro dos bolsos da minha calça, ando calmamente rumo ao meu carro e sinto o meu coração ser apertado, como se fosse possível, pelas mãos do meu pai. Dylan me alcança assim que eu me encosto no meu carro e ele me encara.

— Eduard...

— Eu não quero conversar sobre isso. — Declaro.

— Você tem que aprender a ouvir mais.

— Mas eu não quero!

Ela acaba concordando em levantar as mãos em forma de rendição, tento entrar no meu carro, mas ele não me deixa.

— Eu dirijo.

— É o meu carro...

— Um dos favoritos, e blá blá blá. Sei disso, mas não vou te deixar dirigir assim... perturbado.

Reviro os meus olhos, lhe dou a chave e dou a volta no carro. Eu não estou bem mesmo e não seria certo eu querer dirigir, tendo a possibilidade de colocar as nossas vidas em risco. Encosto a cabeça na janela assim que coloco o meu cinto e nem se quer me importo de estar deixando o Dylan a dirigir o meu carro. Peço para ele ir até algum lugar para que eu possa comprar o presente da Melanie e volto a ficar em silêncio. Se o meu querido pai ainda estivesse naquela cama de hospital, ligado em aparelhos, eu iria até o seu encontro, gritaria a plenos pulmões sem me importar com nada e muito menos ter medo dele. Eu não tenho mais medo, pois o que eu mais desejava aconteceu, eu fiquei livre daquele imbecil e faria tudo de novo só para acabar com aquele inferno que eu vivia.

— Eu faria as mesmas escolhas para chegar até aqui, livre do James, mas não faria as mesmas escolhas quando vivia com ele. — Declaro num tom baixo.

— A escolha que você fez ainda quando estávamos em *Solvang* lhe deu a liberdade de volta e sem peso algum.

— Raramente o peso da minha escolha me atinge em cheio, só que eu paro e penso, se eu não tivesse...

Me calo ao sentir o meu estomago embrulhar e eu esfrego o meu rosto com as duas mãos.

— Você escolheu algo ruim, mas... — Ele se cala sem saber ao certo as suas palavras. —, arrependimento algum irá mudar as coisas ou te livrar de algo.

— Eu fiz muitas coisas em minha vida e... — Eu o encaro e encolho os meus ombros. —, me aliar ao Turner era necessário.

— Jimmy odiava o seu pai e quando você foi até ele, em busca de ter um aliado, foi um estímulo a mais e o seu peso foi dividido.

— Não.

— Por quê? — Ele questiona.

— Jimmy está praticamente indo para o corredor da morte, a qualquer momento isso pode acontecer, então mais uma morte nas costas dele não ia fazer diferença. Ao contrário de mim, eu matei para proteger...

— Você fez o que era preciso para se proteger... proteger a sua irmã e sobrinho.

— Eu sei, mas... — Suspiro.

— Você não sujou as suas mãos de sangue.

— Agi como o meu pai. — Resmungo.

— Foi diferente.

— Não! Eu mandei terceiros fazer um serviço para mim, assim como ele faz em relação a minha mãe. — Maneio a cabeça para os lados. — Consequentemente eu mandei matar o meu pai.

Essa é a primeira vez que as palavras saíram da minha boca desde o acordo combinado. Eu apenas pedi e o Jimmy mandou os seus aliados fazerem o *serviço*. Quando eu fui até o Turner, atrás de seus serviços e firmar um acordo, não foi a primeira conversa que tivemos e muito menos a primeira *visita* que eu fiz naquele lugar. Muitas vezes eu fui naquele lugar e sou eu que pago o advogado dele desde que firmamos o acordo. Só que, já é praticamente um caso perdido, ele está prestes a ir para o corredor da morte e será sofrido para os filhos, por mais que não exista convivência entre eles.

Pelo o que eu sei – já ouvi de ambos os lados – o Dominic não gosta nem de citar o nome do pai, tem receio do convívio da irmã com a mãe, mesmo que esteja numa clínica de reabilitação, aliás, Polly Turner sairá em breve, pelo menos é o que eu estou sabendo. Sinto o meu celular voltar vibrar em meu bolso, mas eu apenas o ignoro e tento esquecer de tudo. Sei que a Emily está indo para a mansão e eu não posso passar nenhum tipo dessa energia ruim para ela, muito menos demonstrar. Vou contar sobre o

depoimento que temos que fazer e apenas isso. Ela ficará preocupada, mas não tem motivo e com isso deve se preocupar apenas com a sua família.

— Você quer ir aonde comprar o presente da Melanie? — Allen questiona mudando de assunto.

— Em qualquer lugar, eu nem sei o que comprar para ela ainda.

— Você a conhece melhor do que qualquer pessoa.

Ele está certo e eu olho ao nosso redor, enquanto tento me lembrar do que ela mais gosta e o que seria bom presentear-lá. Encontro uma loja que irá me ajudar a dar o presente certo, peço para o Dylan fazer o retorno e ir para o outro lado da avenida. Indico aonde estacionar e assim que é possível, eu desço do carro e vou rumo a joalheria. Não vou comprar um anel ou qualquer coisa do tipo, isso não passaria e nem passará em minha mente tão cedo. Adentro na loja, vou diretamente para a vitrine e observo algumas joias. Eu já vim aqui outras vezes, buscar joias compradas pelo meu pai para a Quinn e quando eu comprei um colar para a minha irmã.

— Eduard Lewis. — Ouço o meu nome ser pronunciado por uma voz suave e eu olho para o lado. — Oi.

— Oi.

Não tenho a menor ideia de quem seja essa moça, mas é visível que ela me conhece. Os meus olhos a avaliam da cabeça aos pés, e eu percebo que ela trabalha aqui.

— Você não se lembra de mim, não é?

— Não. Eu sinto muito.

— Está tudo bem. — Ela sorri. — Sou eu que sempre te atendo quando você vem aqui na loja.

— Certo. — Sussurro. — Então vai me atender mais uma vez?

— Se o senhor desejar.

Apenas aceno confirmando e olho com mais atenção, tentando encontrar algo que me agrade. Não consigo decidir nada, volto a minha atenção a mulher na minha frente e ela continua com um sorriso fixo nos lábios.

— Não sei o que escolher. — Assumo.

— Estou aqui para ajudar.

— Eu quero presentear uma amiga. — Declaro.

— Colar ou brincos, essas duas opções são infalíveis para presentes. — Ela informa. — Vou te mostrar algumas opções que podem combinar.

Concordo e olho para trás. Vejo o Dylan parado na porta da loja, atento ao redor e posicionado para qualquer acontecimento que possa precisar da sua interferência. Por mais que ele não seja mais o meu segurança, ele está agindo como um nesse exato momento e só reforça a minha vontade de pedir mais uma vez para ele voltar.

[...]

Dylan continua com um sorrisinho debochado no canto dos seus lábios e a minha vontade de lhe dar um soco também continua aqui. Nós fomos até a casa da Melanie, e assim que chegamos lá, encontramos o pai dela conversando com o Denner. Os dois me olharam desconfiados, mas o pai dela me cumprimentou assim que me reconheceu e nos chamou para adentrar na casa. Allen, como estava comigo, também entrou e eu percebi o seu deboche desde o início. Era uma situação estranha, então o deboche era normal. Melanie veio – praticamente saltitante – em minha direção, ignorando a todos e eu lhe entreguei o presente. Denner me encarou com raiva, o pai dela surpreso e a Melanie soube apenas sorri.

— Ele viu você como um possível rival, já que ele quer se casar com a Melanie e ela não quer. — Dylan comenta.

— Ela não quer e não é por minha causa.

— Mas ele acha que sim.

— E eu pouco me importo.

Ele ri ao manear a cabeça para os lados, ultrapassamos os portões da mansão e eu vejo dois carros assim que adentramos na garagem. Um é do Turner e o outro do Baker. Não tenho a menor ideia do porquê de a Emily estar aqui com todos eles e em pensar nisso, me faz perceber que possivelmente a Stephany esteja aqui também, e eu solto um longo suspiro. Terei que acabar com qualquer esperança que ela tenha criado em relação a nós, pois eu não vou envolvê-la nesse rolo que a minha vida está tomando.

— Casa está cheia. — Dylan comenta.

— Minha irmã e as decisões que ela acha boa.

— Uma verdadeira Lewis.

Desço do carro, respiro fundo e subo a escada que dá acesso ao interior da casa. Eu queria ver a Baker, queria poder estar carregando boas notícias e dar mais esperanças a ela para que um possível envolvimento pudesse

acontecer entre nós. Dou mais alguns passos, chego na sala de estar e o meu olhar encontra a Stephany no mesmo segundo.

— Oi. — Ela sorri lindamente em minha direção.

Eu não consigo retribuir, desvio o meu olhar dela e não encontro a minha irmã. O meu sobrinho está aos cuidados da Ayla, e ele se dá muito bem com ela. Olho mais uma vez ao redor, Dylan foi ir conversar com os rapazes da segurança e eu preciso escapar daqui. Sinto que não estou respirando o suficiente, me sinto sufocado. Percebo a Stephany se aproximando de mim, eu dou um passo para trás e ela franze o cenho.

— Cadê a minha irmã?

— No porão com os outros.

Me afasto por completo sem dizer nada, vou rumo a sala de treinos e será assim que eu irei chamar aquele lugar a partir de hoje. A palavra ‘porão’ me faz lembrar do passado sombrio que vivi naquele lugar e esquecer tudo faz parte do processo de evolução. Eu ainda não fiz a limpeza de aparelhos, deveria ter feito antes da minha irmã entrar lá novamente, mas acabei esquecendo. Abro a porta, ouço vozes e então eu desço a escada. Oliver e Dominic estão se movimentando sobre o tatame, Emily e Penélope estão sentadas longe deles. Eu ando calmamente na direção da minha irmã, o seu olhar encontra o meu e eu me sento ao seu lado.

— Oi. — Murmuro. — Temos alguns problemas, Emily.

Prefiro falar tudo logo de cara, a que ficar enrolando.

— O que?

É visível a sua surpresa, e que ela não tem a menor ideia do que possa ser.

— Temos que depor sobre os negócios do nosso pai.

— Por quê? — Emily questiona preocupada.

— Porque descobriram algumas coisas, mas não vamos ser indiciados ou processados, pois a maioria dos delegados, juízes e promotores eram aliados do nosso pai.

— Eu tenho um filho para criar. — Ela sussurra chorosa.

Em segundos o Turner já está sentado na frente da minha irmã e segura as mãos dela. Oliver se senta ao lado da namorada e eu o ignoro. Não quero olhá-lo sabendo que ontem eu estava agarrando a irmã dele e que hoje eu tenho que agir feito um babaca ao acabar com as esperanças que ela possa ter criado.

— O seu irmão acabou de dizer que não vai acontecer nada com vocês, Em. Você não vai se dar mal porque o seu pai te incluiu nas coisas ruins dele. Você apenas vai depor, vai sair da delegacia e voltar para casa. — Dominic tenta acalmar a namorada.

— Ele era toxico, pode muito bem nos prejudicar mesmo estando morto. — Ela resmunga.

Infelizmente é assim, mas esse martilho irá acabar logo.

— Eu te dou a minha palavra e a maior certeza do mundo que, você vai ficar livre de tudo isso. Qualquer coisa que acontecer, eu mesmo que vou arcar com as consequências. — Acaricio o seu braço. — Eu não vou deixar você se privar de sua vida por causa daquele babaca.

— E se você for... preso por causa dele? — Ela questiona num sussurro.

— Vou ficar bem. — Declaro. — Olha para o Turner, ele ficou anos, preso injustamente e está aqui na sua frente. Vocês têm um filho juntos, uma vida pela frente e merecem a ficar junto depois de tudo o que aconteceu. Eu não tenho nada, Emily.

— Tem a minha irmã. — Oliver murmura.

Sinto um aperto no peito, ao ouvir as palavras que acabaram de sair da boca do Baker e é surpreendente. Ele não gosta da minha aproximação com a sua irmã, mas pelo menos reconhece que é possível acontecer algo. Aliás, já aconteceu, mas ele não deve saber.

— Stephany não é minha, ela é apenas uma amiga. — Resmungo e volto a atenção para a minha irmã. — Eu vou resolver tudo isso, Em. Fica tranquila.

— Eu quero o seu bem também. — Ela informa me fazendo sorri.

— Eu sei, *minha clone*. — Lhe direciono um sorriso maior e olho para o meu cunhado. — Já está na hora de se estabilizar com a minha irmã, Turner.

Ele fica sem reação, eu recebo um soco no braço desferido pela minha irmã e eu apenas rio. Vou rumo a escada, e só agora me sinto menos pressionado. O jeito que a minha irmã agiu e a fala do Oliver foram coisas que quase me desestabilizaram. Sinto o cheiro do almoço sendo preparado, passo pela cozinha e elogio as meninas. Assim que volto para a sala de estar, o clima se torna tenso e eu sei que tenho que conversar com a Stephany. A chamo, paramos na porta que dá acesso ao quintal e eu penso seriamente o

que devo falar.

— Você deve ter algum tipo de bipolaridade. — Ela resmunga.

— Stephany...

— Ontem você me beijou, depois discutimos, eu te beijei e ficamos numa boa, mas agora... você está agindo dessa forma.

— Eu queria, mas não podemos.

— O que você queria e o que não podemos? Fale com todas as palavras!

Encaro o deque da piscina, volto o meu olhar para a Stephany e sinto muito por estar fazendo isso.

— Eu queria poder ter algo contigo, mas não posso, eu tenho problemas e a minha vida é um caos.

— É por causa do Oliver? — Ela questiona.

Se fosse por causa dele, seria bem mais fácil resolver, mas infelizmente não é.

— É um problema pessoal e eu não posso te envolver no meio.

— Você não está me dando direito de escolha.

— E não vou dar. Eu já decidi, e é o melhor.

— Então vai ser assim? — Ela questiona.

É visível o seu desapontamento, aliás, tristeza. A nossa conversa é encerrada quando a Emily nos chama para almoçar, vamos para a sala de jantar e nos sentamos em volta da mesa. Observo a minha irmã tentar enturmar a todos, eu prefiro ficar quieto e olho rapidamente para a Stephany. Ela está comendo em silêncio e com o olhar baixo. Eu não queria deixá-la triste, mas é melhor fazer isso a que fazê-la passar por um inferno. Praticamente engulo a comida, não consigo sentir o gosto e é por causa da tensão. Respiro fundo, sinto os meus ombros ficarem pesados e eu encaro a mesa. Os meus avós irão chegar hoje no final da tarde, eu não quero transmitir essas coisas ruins para eles e sim, fazer com que a estadia deles seja tranquila e que eles não se lembrem das coisas ruins que os meus pais cometeram.

— Ouviu, Eduard? — Ouço a minha irmã questionar.

— O que? — Questiono.

— Você ainda não resolveu aquela parede no porão.

— Eu sei. — Murmuro.

E ainda vou resolver, assim como eu tenho que resolver outras coisas

ainda, além de conversar com a Emily.

— Ainda hoje. — Ela pede.

Apenas aceno, e ela sorri. Volto a ficar em silêncio e mesmo assim, tento me manter amigável. Isso que está acontecendo é extremamente diferente e algo que eu jamais imaginei. Essa casa era fria, pessoas vazias moravam aqui e era uma casa aonde não existia sentimentos. E observando todas essas pessoas aqui, é ver diversos sentimentos dominarem cada canto dessa casa. Consigo ver amor, empatia, simplicidade, companheirismo e muito mais coisas. Eu ainda não consigo me sentir tranquilo nesse meio, por mais que a minha irmã esteja muito diferente de mim e adore e convívio com eles. Assim que o almoço termina, eu saio do ambiente e vou até a ala dos seguranças. Adentro no ambiente chamando a atenção de todos e a conversa cessa, mesmo que não era nada demais e sim apenas bobagens que estavam saindo da boca de cada um deles.

— Como estão as coisas? — Questiono.

— Como sempre... preocupado. — Dylan comenta.

— Eu tenho os meus motivos. — Olho rapidamente para o Torres e volto a minha atenção para o Allen. — Preciso da sua ajuda.

Eu o espero no corredor, em segundos ele me encontra e seguimos para o porão. Ouço passos se aproximando de nós, olho para trás e vejo que a dupla de amigos nos seguiu. Pego uma caixa de plástico vazia debaixo da mesa de equipamentos, encaro a parede a minha frente e suspiro. Eu não queria mexer em nem um desses aparelhos, pois me fazem lembrar na pele cada uso.

— Eu preciso saber de mais coisas, Eduard. — Ouço o Dominic me informar.

— Não tenho mais nada a falar.

— Como não? — Ele questiona irritado.

Reviro os meus olhos, me encosto na mesa de equipamentos e o encaro. Como sempre ele com essa posse de ditar ordens, de sempre querer saber de tudo e controlar cada mínima coisa. Me lembro que foi assim também quando eu o encontrei no *Boston Crab*, naquela noite eu terminei com o pulso fraturado superficialmente e com uma irritação profunda.

— Terei que prestar depoimentos, Emily terá que fazer a mesma coisa e eu vou assumir todas as responsabilidades.

— Não é certo nem um de vocês responderem por algo que foi

cometido por outra pessoa. — Oliver opina.

— Não, não é, mas o que eu posso fazer além de tentar livrar a minha irmã?!

— Contratar um advogado muito bom para livras vocês de qualquer processo, e prisão. — Dominic sugere.

— Eu já tenho um advogado ótimo.

— Tem certeza? Vocês precisam de livrar dos pingos que o James jogou em vocês.

Aperto o meu braço entre os meus dedos, já que estou de braços cruzados e apenas fico olhando para ele. Turner não pode vir aqui, agir de um modo que fique parecendo que eu não sei dar um passo se quer. Eu sei o que devo fazer, quando devo agir e o principal, sei que o Achilles está cuidando de tudo. Ele sabe muito bem que deve livrar a minha irmã primeiro, e jogar as consequências para mim, aí em seguida vamos tentar acabar com toda a burocracia que restou.

— Eu já sou grandinho o suficiente para saber o que devo fazer.

— Eu estou preocupado. — Dominic declara.

— E quando você não está?

Ele arqueia uma sobrancelha e cruza os braços em frente. Essa sua pose não me intimidade, nada que venha de qualquer pessoa me intimida.

— Emily é minha...

E então ele se cala, pois nesse relacionamento não existe um rótulo, uma definição e não foi por isso que eu praticamente ordenei que eles deveriam firmar algo. Por mais que a nossa vida – minha e da Emily – tenham sido conturbadas, principalmente a dela em questão do relacionamento que eles tiveram lá no início e foi interrompido brutalmente, é necessário que haja uma fixação, algo mais sério. Sei que eles moram juntos, mas não devem ficar dessa forma para o resto da minha. Quero algo mais sério, quero isso como uma forma de segurança e acolhimento em relação a minha irmã.

— Não acha que deve firmar algo com ela? — O questiono.

— A sua irmã não quer se casar.

— Ei! Um passo de cada vez. — Lembro-o.

— Um passo de cada vez... — Ele resmunga tentando me imitar.

— Por mais que a Emily seja daquele jeito, toda mulher que um relacionamento mais sério, nem que seja um pedido de namoro. — Oliver

comenta. — Nesse tempo, vocês vão organizando o casamento aos poucos.

— Não faça como o seu cunhado; beba e se case em Las Vegas. — Dylan debocha.

Comprimo os meus lábios um no outro, controlando a minha vontade de sorri irônico. Oliver quer *dar dicas* ao cunhado sobre preparar um casamento, enquanto ele se casou bêbado e lutou muito por esse casamento indesejado pela Penélope, mas pelo menos, aos poucos ela foi aceitando e me parece feliz atualmente.

— Não deboche do meu casamento. — Oliver resmunga e o seu olhar recai sobre mim. — E a minha irmã...

— Eu não tenho nada com a Stephany.

— Eduard... — Ele tenta falar, mas é interrompido com o toque do seu celular. —, eu vejo que existe algo entre vocês, não sei o que é, se é algo que já está acontecendo ou está próximo de acontecer, mas eu vejo.

Em seguida, ele lembra ao cunhado que tem que ir levar a Penélope para a emissora, eles saem do porão e eu dou um soco na mesa. Não estou acostumado com isso, Oliver e Dominic são intrometidos, querem saber das coisas e acham que estão nesse direito. Eu me sinto pressionado com esse jeito deles.

— Você beijou a Baker ontem...

— E hoje, a dispensei. — Declaro.

— Eduard...

— Eu não vou colocar ela nessa vida que eu estou me metendo, aliás, tentando resolver, mas eu não queria ter dispensado ela, Dylan.

— Dá a oportunidade de ela escolher...

— Não!

— É o certo a se fazer.

— Mas nem sempre o certo surge no momento adequado.

Ele desiste de tentar argumentar comigo e começa a me ajudar assim que eu derrubo todos os apetrechos da mesa dentro da caixa. Retiro depois os quais estão na parede, estou agindo de modo robótico, apenas fazendo e não pensando. Não posso pensar no meu passado, não posso voltar a mergulhar naquele mar negro que estava me destruindo um pouco mais, ou melhor — pior — destruir o que ainda sobrava de mim. Eu estou tentando me reconstruir, então eu preciso me afastar o máximo possível do passado. Terminamos de colocar todos os apetrechos dentro da caixa, saímos do porão

e eu desejo que a mansão tenha voltado a ficar vazia, pelo menos até a hora dos meus avós chegarem. Quando adentro na sala de estar percebo que o meu desejo acabou de cair por terra, a minha irmã ainda está aqui e acompanhada.

— Lisa sabe fazer comidas maravilhosas, um caderno de receitas enorme. — Emily comenta.

— Já estou aprendendo muitas coisas com o Dominic. — Ayla comenta.

— Ainda aqui, Emily?!

Tento não soar rude para os demais, menos para a minha irmã, ela me conhece, sabe como eu prefiro da minha privacidade. Dominic sai da sala de estar junto com o Dylan, e eu fico à aos com o trio. Me sento na poltrona, apoio o meu tornozelo direito no joelho esquerdo e olho diretamente para a Stephany.

— Estava esperando você aparecer. — Minha irmã murmura.

— Aqui estou.

— Eu vou dar o Alfa Romeo.

— Dar? Para quem?

Não me importo com o que ela faça com as coisas que são delas, mas quero perguntar, pois sei que isso mostra que eu me importo com as decisões que ela toma.

— Para o Oliver. — Ela responde. — Ele ainda não sabe.

— Entendi.

— Os nossos avós vão chegar que horas?

— Torres irá buscar eles no final da tarde.

— E o Dylan concordou em voltar a trabalhar aqui?

— Ainda não conversamos sobre.

Volto o meu olhar para a Stephany, ouço a minha irmã coçar a garganta e eu a encaro. Faço um gesto para ela sair, ela nega com um aceno de cabeça e eu arqueio a sobrancelha. Emily acaba concordando, pede para a Ayla acompanha e elas saem segurando as mãos do Andrew, o ensinando a andar. Baker olha ao redor, em seguida para mim e suspira. Eu queria beijá-la novamente, mas não posso.

— Stephany...

— Não! Eu não quero mais saber.

— Me ouve.

— Ontem você me beijou, hoje você está me dispensando.

— Algumas coisas mudaram.

— O que? Decidiu me fazer de boba ou decidiu que não valia a pena.

— Eu não fiz isso.

— Fez! — Ela exclama ao ficar de pé. — E quer saber, eu não ligo. Não quero mais olhar para você.

— Pessoas adultas resolvem as coisas conversando.

Fico em pé e tento tocá-la, mas ela não deixa.

— Eu prefiro ser imatura, preservar a minha saúde mental... — Ela manea a cabeça para os lados e desvia o seu olhar do meu. —, e a emocional, também.

Stephany sai andando pisando forte contra o chão, caio sentado na poltrona e jogo a minha cabeça para trás. Em menos de vinte e quatro horas eu conseguir fazer a sua atração por mim, virar raiva. Parabéns para mim mesmo! Bato as minhas mãos nos joelhos, me levanto da poltrona e subo a escada. Me sento no sofá, estico as minhas pernas na direção da mesa de centro e apoio os meus pés no móvel. Não consigo rotular as mulheres que entram na minha vida, elas são complicadas e me enlouquecem.

— Eduard... — Ouço a Lisa me chamar e em seguida ela entra no meu campo de visão. —, a Emily já está indo embora.

— Ótimo. — Resmungo.

Me levanto do sofá e encaro a Lisa, pois ela continua com o olhar fixo em mim.

— Ela pediu para você recontratar o senhor Allen.

Apenas aceno e vou até a varanda sem esperar nenhuma palavra mais que possa sair da sua boca. A minha cabeça está explodindo, e a pressão ainda é presente em meu peito. Além de que, a expressão triste da Stephany não sai da minha mente. Eu não queria magoá-la, não queria ter que agir daquele modo, mas continuar com ela estava fora de consideração. Minha irmã sofreu muito nos anos que o Turner ficou preso e eu não quero o mesmo para a Baker, mesmo que eu não saiba qual será a conclusão desse problema e é melhor ela sofrer agora, do que ficar sofrendo por anos a fio. Enfio os meus dedos entre os fios do meu cabelo e esfrego o meu couro cabeludo.

— Eu decidi não ir embora.

Fecho os meus olhos e respiro fundo. Eu queria paz, achei que a minha irmã já estivesse ido embora, mas aqui ela está.

— Mas deveria ter ido.

— Você está voltando a se fechar e eu não acho isso bom.
— Eu não tinha me aberto, eu sempre fui assim e não vou mudar.
— Eduard... — Ela me chama.
Me viro de frente para ela e cruzo os meus braços.
— Eu quero ficar sozinho, Em.
— E eu me sinto na obrigação de estar aqui com você.
— Não deveria.
— Vamos conversar.

Eu não consigo dizer não para ela, por mais que eu não esteja me sentindo confortável. Só que concorda em conversar, não quer dizer que eu vá falar. Dou alguns passos, me sento no sofá e ela se senta no outro. Não tenho a menor ideia da onde o Dylan estar, se ele ainda está aqui ou se saiu. Quero conversar com ele sobre a sua volta para cá, vou precisar dele ao extremo, pois com as centenas de depoimentos, a imprensa vai cair matando em cima atrás de informações.

— Preciso do Dylan aqui durante os depoimentos.
— Então pede para ele voltar a trabalhar. — Ela declara como se fosse óbvio.
— Eu vou fazer isso, aliás, vou oferecer o cargo de chefe dos seguranças.

— Não posso, Lewis.
Reviro os meus olhos mais uma vez, olho na direção da escada e vejo o Dylan.

— Eu te pago o dobro do que eu pago para o Torres.
— Eu não posso voltar. — Ele retorna a dizer.
— Por quê? — Emily questiona.
— Eu preciso de você aqui, Allen!
— Eu tenho família e concordei em ficar em *Solvang*.
— O que você, aliás, vocês querem para voltarem para cá?
Ele franze o cenho e se aproxima devagar.
— Eduard...
Minha irmã tenta falar, mas eu a interrompo.
— Se a Alana não quiser vir, eu deixo um helicóptero a sua disposição em todos os finais de semana. Você pode ir na sexta-feira à noite, e voltar na segunda de manhã.
— As coisas não são assim, Eduard. — Emily murmura.

— A sua irmã está certa. — Dylan declara.

Reviro os olhos, bato as minhas mãos nos joelhos e me ponho de pé. Ando devagar de um lado para o outro, tentando pensar em algo para convencê-lo a voltar a trabalhar aqui.

— Dylan... — Eu o encaro e ele mantém o seu olhar fixo em mim. —, eu sei que você concordou em ficar lá, mas eu preciso. Sei que muitas vezes você abriu mão da sua vida, colocou a sua vida em risco, assim como a da sua família...

— E faria tudo novamente, mas desde que vocês decidiram voltar para cá, eu e a Alana tivemos uma conversa e acabamos entrando num acordo que ficaríamos em *Solvang*.

Abro a minha boca para argumentar, mas desisto.

— Tudo bem.

É visível a sua surpresa e eu ignoro. Volto a me sentar no sofá, ele se senta no mesmo que eu e responde algumas perguntas da minha irmã sobre como a família dele está. Prendo a minha atenção ao meu celular, abro o aplicativo de mensagens e o primeiro nome que eu leio é; Stephany Baker. Ela deve estar me odiando, mas é melhor assim.

— Eduard me contou. — Ouço o Dylan informar.

— Era necessário retirar o máximo possível do Anthony. — Emily comenta.

— É bom que vocês estão falando do Fight, me fizeram lembrar de algo.

Guardo o meu celular de volta no meu bolso e prendo a atenção na minha irmã.

— O que? — Emily questiona.

— Em breve o Dominic vai sair do Fight.

— Eu sei. — Ela resmunga.

— Ele já está grande para o Fight, ainda mais com o patrocínio do Matt Saloon. — Dylan comenta.

— E com certeza o Saloon quer levá-lo para o UFC.

— E já está esperando isso há um tempo, pois era necessário o Dominic se preparar um pouco mais e naquele dia que fomos no *Boston Crab*...

Encaro o Allen com os olhos arregalados e ele se cala.

— Vocês foram aonde? — Emily questiona.

— No Fight. — Dylan mente.

— Eu não sou surda e nem louca, Allen.

— Tudo bem, Emily. — Resmungo. — Eu e o Dylan fomos no *Boston Crab*, encontramos o Turner...

— Aconteceu naquele dia que eu fui ao spa com a Alana?

Emily não é boba e nem nada, percebeu que tinha algo a mais naquela saída.

— Sim.

— Eu te liguei naquele dia e... — Ela se cala ao ficar pensativa e olha para o nada. —, você estava com ele.

— Estava, Emily. Nós precisávamos conversar, você não podia saber que eu iria me encontrar com ele e nem ele poderia saber aonde nós estávamos morando. Tudo poderia ir por água abaixo.

— Eu sei, mas...

— Não existe um; ‘mas’, Emily. Eu fiz escolhas para nos proteger, nos salvar e aqui estamos. Livres do James, você novamente com o Turner e estamos tentando seguir as nossas vidas.

Emily acena e vai até a varanda. Dylan me olha, encolhe os ombros e se desculpa num sussurro. Mais cedo ou mais tarde ela iria saber disso, eu não tinha contado antes porque não me lembrei, mas eu sei que ela vai entender logo que o que eu fiz foi o certo. Olho mais uma vez para a minha irmã, cruzo os meus braços em frente ao corpo e encaro o nada. Quando eu citei sobre escolhas não estava me referindo a apenas ao dia do *Boston Crab*, mas ao dia que eu decidi que o meu pai deveria morrer.

— Ed... — Emily me chama. —, não está na hora de ir buscar os nossos avós?

— Ainda não, eles vão chegar apenas no final da tarde.

— Estou ansiosa para revê-los.

— Há anos que não nos vemos.

Ela acena concordando, volta a se sentar e sorri ao ler alguma coisa em seu celular.

— Dispensou a Baker? — Ela me questiona de repente.

— O que?

Faço uma rápida troca de olhares com o Dylan e ele arqueia uma sobrancelha.

— Dispensou a Stephany?

— Não...

— Eduard, eu te amo, mas também amo a minha amizade com o Oliver...

— Eu sou o seu irmão!

— E sempre será, mas se o Oliver me perguntar...

— Você não sabe de nada, Emily!

— Da sua boca não, mas eu simplesmente sei.

— Ela disse algo? — Questiono.

— Teria a algo a dizer?

Reviro os meus olhos e percebo a sua jogada. Ela está tentando descobrir através de falas falhadas que saem da minha boca.

— Não, mas vai que disse algo que não era verdade. — Dou de ombros.

— Algo que envolvesse ontem à noite.

— Jamais!

Uma risada baixa escapa da boca do Dylan e eu sinto vontade de lhe dar um soco.

— O que você sabe, Dylan? — Ela o questiona.

— Nada. — Ele responde.

— Para de procurar coisa aonde não existe.

— Existe sim! — Ela exclama. — Ontem você me ligou e tivemos uma conversa estranha, aí hoje aconteceu algumas coisas que me deixaram alarmadas.

— Sabe uma coisa que deveria te deixar assim? — Cruzo os meus braços e relaxo contra o sofá. — Estabilizar o seu relacionamento com o Turner.

— Eu mesma cuido do meu relacionamento, meu irmãozinho.

— Eu sou o seu irmão, sou homem e então tenho que cuidar de você.

Ela tomba a cabeça para o lado e sorri lindamente.

— Eu digo; um irmão da porra. Já a Melanie, Maire, Stephany e qualquer outra mulher; homão da porra.

Dylan ri novamente.

— Ai, ai, Emily.

Ela ri também.

— Vamos voltar a falar do Fight. — Ela declara.

— É melhor.

— Mas só mais uma coisa...

— O que? — Questiono.

— Você gosta dela, mas a afastou por causa do caos que ainda estamos envolvidos.

Não foi uma pergunta, mas sim uma afirmação. Eu apenas aceno suavemente com a cabeça, ela suspira e encerra o assunto.

[...]

— Como vocês estão? — Vovó questiona.

Emily sorri animada, anda em sua direção e a abraça. O meu avô olha ao seu redor, mantém os seus olhos atentos às minuciosas coisas e prefiro ficar de longe observando. A minha avó larga a Emily, vem em minha direção e apoia as mãos nos meus braços.

— Olá.

— Você está forte e alto, meu querido.

— Eu já sou um homem de quase trinta anos.

Ela sorri com os olhos marejados e deita a cabeça em meu peito.

— Eu sinto tanto pelo o que aconteceu.

E sem que eu espere, ela começa a chorar contra o meu peito e eu fico sem saber o que fazer. Eu consigo compreender o quão doloroso é saber que o genro matou a filha deles, maltratou os netos e estarem aqui, nessa casa. Aos poucos ela vai conseguir se acalmar ao estar aqui. Toco em seus ombros, me afasto gentilmente e lhe direciono um pequeno sorriso.

— Em breve as coisas vão melhorar. Eu sei que é difícil, mas é a fatídica realidade.

— Você se tornou um homem muito rápido, Dudu.

Reviro os meus olhos ao ouvir ela me chamar como se eu ainda fosse um garotinho e ouço a Emily me repreender.

— O quarto já está pronto, alguém já deve ter levado as malas para lá e eu espero que se sintam bem aqui.

— Será apenas esse final de semana. — O meu avô informa ao bater em meu ombro. — Você está bem, meu filho?

— Estou.

— Bem mesmo?

— Tentando.

— Está fazendo terapia?

— Ainda não, mas irá voltar. — Emily responde.

— Cuide de sua vida.

— Como sempre, um provocando o outro. — Vovó comenta.

— Eduard que sempre está mal humorado. — Emily cometa

— Mas esse é o seu irmão, Emi.

Faço um gesto com a cabeça, a minha irmã entende e sobe para o segundo andar com os nossos avós. Eu vou rumo a cozinha, encontro as meninas lavando dezenas de legumes e verduras, enquanto a Lisa está falando sem parar sobre o que devem preparar para o jantar. Elas notam a minha presença, o ambiente fica num silêncio absoluto e a Lisa vem em minha direção.

— Aconteceu alguma coisa?

— Eu... dispensei a Baker.

Ela fica surpresa com a minha declaração, se encosta no balcão e descansa os braços na frente do corpo.

— Por quê?

— Por causa dos depoimentos.

— Você não vai ser preso.

— Talvez.

— Não seja pessimista.

— Realista.

A sua boca fica numa linha reta e ela não fala mais nada. Estou sendo verdadeiro, ninguém tem a certeza se eu vou ou não ser preso. Esfrego o meu couro cabeludo, vou até a porta que dá acesso ao deque da piscina e observo a fina garoa cair. Retiro o meu tênis, em seguida a minha camiseta e pulo na água ainda estando de calça jeans. Mergulho e nado até a outra borda. Fico boiando de costas, a garoa ainda continua caindo e eu não me importo. Só quero estar aqui, sentindo a água se movimentar junto com o meu corpo e isso é na tentativa que a minha tensão diminua.

— Está começando a chover, Eduard! — Ouço a minha vó me repreender.

Giro o meu corpo e a encaro, ela está na varanda do quarto que é do Andrew.

— Venha até aqui, nós precisamos conversar. — Emily declara.

Respiro fundo, nado até a borda e saio da piscina. Eu só quero um pouco de paz! É pedir muito? Pego a toalha sobre a espreguiçadeira, a jogo

aberta sobre os meus ombros e pego os meus pertences. Entro em casa, Lisa me direciona um olhar de reprovação e eu subo para o segundo andar. Vou direto para o meu quarto, largo os meus pertences sobre a poltrona e vou para o banho. Eu simplesmente estou me sentindo exausto, a minha cabeça está pesada e o mundo parece rodar contra o meu favor. Tinha tudo para o Achilles ter me dado uma boa notícia, mas o James era tão tóxico que consegue impedir a minha vida mesmo estando morto. Termino o meu banho, vou até o closet e visto um conjunto de moletom. Eu quero apenas me deitar na minha cama e tentar me preparar mentalmente pelo o que está por vir. Saio do meu quarto, procuro pelos *intrusos* e encontro eles na sala de estar. Paro ao lado da porta da varanda, cruço os meus braços em frente ao corpo e observo a grossa chuva chicotar o vidro.

— Eduard... — Minha avó me chama.

— Senhora?

— A sua irmã já nos contou algumas coisas.

— E nós imaginamos como deve estar sendo difícil para vocês essa situação toda. — Meu avô comenta.

— Difícil não é a palavra certa. — Resmungo ao encará-lo.

— Aquele maldito... Me desculpe.

— Está tudo bem, e o senhor está certo, o meu pai era um maldito e eu digo isso com gosto.

— Enfim, ele não tem o direito de continuar a atrapalhar a vida de vocês mesmo estando morto.

— Eu desejava a mesma coisa, mas não é isso o que está acontecendo.

— Quando acontecerá o primeiro depoimento? — Minha avó questiona.

— Eu ainda não sei.

— Outra coisa, vocês têm certeza em manter esses seguranças aqui? — Meu avô questiona.

— Sim, por quê?

— Eles trabalhavam para o James. — Ele responde como se fosse óbvio.

— Mas são da minha confiança.

— Torres era um dos mais próximos ao seu pai e agora é o chefe dos seus seguranças? Não tem lógica, Eduard. — Ele resmunga.

— Eu queria colocar o Dylan, mas ele não quer. — Dou de ombros. —

Não posso obrigá-lo, por mais que seja a minha vontade.

— Certo. — Ele suspira e me olha com mais atenção. — Supondo, se vocês forem acusados de algo que o James fez...

— Eu vou assumir toda a responsabilidade e deixar a Emily livre.

Ele acena suavemente e olha para a minha irmã.

— Não é o meu desejo que isso aconteça, mas eu concordo com a decisão do seu irmão.

— Mas eu não, aliás, não concordo em a gente responder por algo que éramos obrigados a fazermos. — Emily informa. — Eu estou construindo uma família, e concordando com isso é fazendo com que, o Eduard abra mão do futuro dele.

— Você está certa, mas conhecemos o Eduard, sabemos que ele não irá mudar de ideia.

— Você tem certeza disso, Dudu? — Minha avó me questiona.

— É a única saída.

— Não achamos certo, mas é a sua decisão.

Apenas aceno e percebo a minha irmã com os olhos marejados. Ela se levanta e vem em minha direção. Eu afago o seu cabelo, sinto o meu coração se afundar no peito e ela me abraça.

— Não vamos nos ferrar por causa do James. — Ela deseja baixinho.

— Não, não vamos.

Pelo menos, ela não.

— Mama!

Emily se afasta de mim, seca as suas lágrimas e sorri ao olhar para trás. Dominic está no topo da escada, o Andrew em seus braços e ele continua a chamar pela mãe. Os meus avós olham de forma amorosa na direção dele e sorriem. Eles não conheciam o mais novo membro da família e devem estar extremamente felizes.

— Oh meu Deus! Eu sou oficialmente bisavó.

Ela se levanta e vai na direção do Turner.

— Eu esperei tanto por esse dia. — Minha irmã sussurra.

Sorrio compartilhando da sua felicidade e beijo o topo da sua cabeça.

— Então aproveita esse momento.

Ela se aproxima do filho, o pega no colo e o apresenta aos nossos avós. Eu continuo no mesmo lugar, pego o meu celular e abro a minha conversa com a Baker. A cada segundo que se passa, se torna uma maior certeza de

que ela me odeia. Stephany nem se quer quis me escutar, conversar como uma pessoa adulta, mas eu não a julgo. Eu entendo perfeitamente o quão ruim foi para ela sobre o modo que eu agi.

— Dylan estar por aqui? — Dominic me questiona ao parar ao meu lado.

— Já foi embora.

— Ele vai voltar a trabalhar aqui?

O encaro e arqueio uma sobancelha. Todo mundo deu para se meter na possível volta do Allen, só que eu sei que isso não vai acontecer tão fácil. Preciso pensar em uma boa ideia para convencer ele, ou melhor, convencer a Alana, já que é por causa dela que ele não volta para cá. Bato no ombro do Turner, vou rumo ao meu quarto e fecho a porta assim que entro. Busco na agenda do meu celular o número da Alana e não o encontro. Procuro novamente e nada. Merda! Eu não tenho o número dela. Saio novamente do quarto, volto para a sala e pego o celular da Emily.

— Ei! — Ela resmunga.

— Eu já sei como fazer o Dylan voltar.

— Como?

Balanço o seu celular, volto para o quarto e fecho a porta novamente. Procuro pelo número, o encontro em poucos segundos e início a chamada. Eu não sei o que falar para convencê-la a voltar, eu só sei que preciso ligar para ela.

— Oi, Emily. Que surpresa você estar me ligando duas vezes no mesmo dia!

— Oi... Alana, não é a Emily.

— Eduard?

— Eu mesmo.

— Hum... Já até sei o motivo da sua ligação.

— Você está prevendo o futuro ou sei lá, tem uma bola de cristal?

— Eu não conto os meus segredos. — Ela murmura divertida. — Enfim, diga logo o que você quer.

— Vocês de volta aqui em Los Angeles.

— Dylan concordou comigo em continuarmos morando aqui.

— Eu sei, mas...

Me calo de repente com receio das minhas palavras.

— Mas?

— Sei também que vocês nos ajudaram muito, mas eu preciso de vocês aqui.

— Qual é o problema da vez?

— Alguns, e eu quero o Dylan como chefe da segurança, mas ele não aceita por sua causa.

— Eduard...

— Por favor, Alana.

— Eu preciso pensar. Já estou com a minha vida fixa aqui.

— Eu entendo. — Sussurro desanimado.

— Prometo que vou pensar e conversar com o Dylan.

— Obrigado.

— Mais alguma coisa, Lewis? — Ela questiona.

— Não.

— Nem uma perguntinha sobre a Maire?

Reviro os meus olhos ao notar o seu deboche e suspiro.

— Essa safada vai ouvir quando voltar para cá.

— Você não pode se envolver com mulheres que vão afetar ainda mais a sua vida.

— Ninguém vem com uma ficha descrita; problemas e danos que podem me causar.

— Se viesse não teria graça. — Ela comenta.

— Pouparia o meu tempo, isso sim.

Ela ri, em seguida nos despedimos e eu encerro a ligação. Largo o celular da minha irmã sobre a minha cama, me sento na poltrona e estico os meus pés sobre o pufe de descanso na frente. Descanso os meus braços em frente ao corpo, olho para a janela ao meu lado e observo a chuva. Mesmo que a minha mente vague para longe de mim, eu não queria mais pensar na Stephany, mas não consigo impedir isso. Repito, eu não queria causar coisas ruins a ela, pois por mim nesse momento, eu estaria com ela tentando entender como poderíamos proceder. Eu queria beijá-la novamente, tocá-la e estaria disposto a fazer o que surgisse, mas o James continua sendo um demônio em minha vida. Dou um soco na lateral da poltrona, enfio os meus dedos entre os fios do meu cabelo e tento engolir o nó que está em minha garganta. Ficar aqui sozinho não vai me ajudar muito, só que eu também não me sinto muito à vontade estando em *sintonia familiar*. Solto um longo suspiro, saio do meu quarto e volto para a sala de estar.

— Se abra conosco, Dudu. — Minha avó pede.

— O que quer saber? — Questiono.

Me sento de volta no sofá, Turner está a poucos centímetros de mim e é visível um pouco de desconforto nele. Não tenho a menor ideia de como os meus avós estão o tratando, mas a Emily jamais deixaria alguma situação ruim acontecer.

— Agora que está praticamente livre do seu pai, ele não está mais impedindo você, quais são os seus planos?

— Vou voltar a estudar, quero me formar.

— Isso é maravilhoso, querido.

— Você vai ser um maravilhoso médico, assim como a sua mãe era.

Apenas concordo silenciosamente e desvio o meu olhar. Não gosto de ficar falando da minha mãe, pois eu me lembro do caso extraconjugal que ela teve com o Brown.

— E a namorada? — Meu avô questiona.

Emily ri baixinho e eu a encaro.

— Eu tenho muito prazer em contar. — Ela declara. — Quando estávamos em *Solvang*, Eduard teve um romance com uma garota da cidade, quando voltamos para cá... adivinhem quem apareceu?!

— Essa tal moça? — A nossa avó questiona.

— Ela estava aqui na cidade, mas não é dela que eu estou me referindo.

Reviro os meus olhos com a ironia da minha irmã e o suspense que ela está fazendo.

— Morgan estava aqui. — Murmuro.

— Àquela sua ex-namorada que virou modelo?

— Essa mesma.

— Aí meu Jesus!

Franzo o meu cenho ao observar a minha avó levar as mãos à cabeça e me encara com um olhar de questionamento.

— O que foi?

— Vocês estão juntos novamente? — Ela questiona, e antes que eu possa responder, ela volta a ficar estranha. — Margareth deixou comigo um plano para o seu casamento com a Melanie e então meu querido, responda a minha pergunta para que eu possa saber se eu vou realizar o desejo da sua mãe ou não.

— Não, a resposta é não. Eu e a Melanie não estamos juntos.

A minha avó faz um semblante triste e eu sorrio suavemente. Não existe mais um casal, não existe Melanie e Eduard.

— Ed, está gostando de outra garota. — Emily declara.

Em seguida ela troca um rápido olhar com o namorado e atenção de todos se prendem em mim, mesmo que o pequeno Andrew esteja andando se apoiando nos móveis. Lisa adentra no ambiente, serve uma xícara de café para todos e coloca os biscoitos caseiros sobre a mesa de centro. Esses biscoitos me fazem lembrar do dia que a Stephany esteve aqui, conseqüentemente no dia que ela conseguiu se sentir livre do peso que carregava sozinha.

— Mas a minha vida agora voltada a outra coisa, aos depoimentos e não vou envolver ela nesse caos que a minha vida está.

— Você deu direito de escolha a ela? — Minha irmã questiona.

— Jamais!

— Você está fazendo igual ao Dominic e isso é errado!

Turner proibiu as visitas da minha irmã no presídio aonde ele estava desde o início e isso a faz ficar pior, a cada dia pior. Se ele tivesse liberado a entrada dela, talvez a minha irmã não tivesse criado uma armadura a sua volta, só que, esse impedimento proposital que o Dominic causou na vida dela, a fez crescer e amadurecer. Hoje em dia, ela é uma ótima pessoa, irmã, mulher e mãe.

— Eu fiz aquilo pelo seu bem. — Dominic declara.

— E eu estou fazendo pelo bem da Stephany.

— Mesmo assim, você deveria conversar com o Oliver. — Ele me aconselha.

— Não!

Bebo o meu café em pequenos goles, volto a ignorar a todos e o silêncio direcionado a mim é o que reina. Ouço a Lisa contar para os meus avós sobre como está sendo o dia a dia, como foi a reforma da mansão e como está sendo caminhar sem ter o James nos controlando. Sorrio ao ouvir ela fazer que eu estou sendo uma pessoa bem compreensível e tranquilo, mas o único problema é que eu ainda estou muito afastado de todos. Só que, eles sabem que eu sou assim, prefiro ficar na minha e ter a minha privacidade.

— A reforma ficou ótima. — A minha avó comenta.

Ela está puxando assunto a cada minuto, mesmo sabendo das minhas preferências.

— Sim, ficou.

— Aconteceu rápido.

— Sim.

Na semana que voltamos de *Solvang* eu iniciei a reforma com uma empresa muito eficiente, fui até Seattle visitar os meus avós e voltei para cá em menos de dois dias. Depois passei a semana na casa de Malibu e apenas esqueci do mundo a minha volta. A minha irmã estava bem, tinha ido para Las Vegas acompanhar o *namorado* na luta que ele teve e quando nos encontramos novamente, ela estava mais tranquila. A volta para cá era essencial, mas o mais importante era dar a chance a ela de tentar ter a vida que tanto queria.

— Eduard... — Minha avó me chama novamente.

— Eu vou ir para o meu quarto. — Resmungo.

Dou alguns passos na intenção de sair da presença dos demais, mas sou impedido quando a minha avó entra na minha frente.

— Eu não sei o que o seu pai te causou profundamente, mas eu sou a sua avó, mãe da sua mãe e quero o seu bem.

— Eu sei do seu carinho por mim, mas o que aconteceu entre o meu pai e eu, já morreu. Não é um assunto que devemos remexer.

Toco em seu ombro, desvio dela e vou para o meu quarto. Eu jamais vou contar para elas sobre as coisas que passei com o meu pai, já é informação suficiente para eles desde quando souberam da morte da minha mãe e anos depois sobre que o genro matou a filha deles. Saber disso doeu muito na minha irmã e em mim, só que para eles deve ter sido uma dor ainda maior, até mesmo posso comparar com uma ferida profundo que não se cura com nem um tipo de curativo ou tratamento. Desde aquele dia que eu fui até o túmulo da minha mãe, não consegui voltar, aliás, não me senti digno, só que, ela também não foi uma pessoa digna e então ninguém é melhor que ninguém. E mesmo assim, por muitas vezes, eu ainda tento imaginar como seria se ela estivesse viva, bem aqui.

Eu não sei se conseguiria agir normalmente com ela, ou melhor, eu não conseguiria. Saber do seu caso com o Brown foi algo extremamente difícil para mim. Me aproximo devagar dos porta-retratos, observo o sorriso enorme nos lábios da minha mãe e me lembro de que, quando essa foto foi tirada, ela já estava comentando as suas saidinhas diárias e com certeza já deveria estar tendo o seu romance com o amante. Eu posso pensar por dias e horas a fio,

mas jamais vou conseguir entender o porquê desse acontecimento. Jensen Brown é um homem, mas na época era jovem, assim como eu era e tinha a noção que estava errado em se envolver com a minha mãe e não importa nada que ele me diga, eu jamais vou *aceitar* a escolha que eles tomaram.

— Eduard...

Olho na direção da porta e franzo o meu cenho ao ver o meu avô parado na porta do meu quarto.

— Algo importante?

— Sim.

— Entre e feche a porta. — Peço.

Assim ele faz, dá alguns passos dentro do meu quarto e sorri ao olhar para os porta-retratos. Eu me afasto, me sento na poltrona e cruzo os braços em frente ao corpo.

— Sinto muita falta da sua mãe. — Ele confessa.

— Eu imagino.

— E como você se sente em relação a tudo?

— Eu não sei responder.

— Você sente falta da sua mãe? — Ele questiona de repente.

— Sim.

Escolho os meus ombros, observo o meu avô se sentar na ponta da minha cama e ele descansa as mãos no colo. Os anos não foram muito legais com ele, o seu rosto está com rugas, o seu cabelo extremamente branco e o semblante cansado.

— Já conversamos sobre o período que vocês ficaram em *Solvang*, mas existem coisas que precisamos conversar.

— O que exatamente?

— A volta.

Não entendo o que ele quer dizer, o meu avô arqueia uma sobrancelha e eu repenso.

— Voltamos quando nos foi permitido.

— Foi estranho o acontecimento com o James.

— Concordo, mas necessário para nos dar uma vida novamente.

— Isso é verdade. — Ele comenta antes de suspirar. — James estava sendo um verme nessa família desde o início. Todos nós éramos contra esse relacionamento, mas a sua mãe falava que era feliz com o seu pai e então apenas concordamos em aceitar esse casamento.

— Nem sempre a minha mãe teve escolhas decentes.

— Está se referindo ao amante?

Apenas aceno e ele manea a cabeça para os lados.

— Foi surpreendente.

— Eu quero conversar com esse rapaz.

— Não acho certo. — Resmungo. — Jensen agiu de um modo sorrateiro.

— Não dá para entender o motivo da sua mãe em ter ido se aventurar com um garoto.

— É praticamente impossível, mas se desse para entender, seria melhor jamais tentar.

— Duvido muito que tenha sido apenas por causa do seu pai, que ele tinha outras amantes.

— É uma incógnita. — Resmungo. — E quer saber de uma coisa que me atormenta?! O apartamento que ela tinha em Nova Iorque...

— Ela o vendeu antes de ser assassinada.

— Foi essa a informação que ela deu para todos, mas eu descobri que não foi exatamente isso.

Meu avô me encara um pouco confuso, coça a sua testa e fixa o olhar no meu.

— Você está querendo dizer que ela deu para o amante?

— Pelo o que eu descobri, ele tem um apartamento no mesmo endereço que ela tinha.

— Mesmo endereço?

— Mesma rua, número, andar, etc. Tudo igual.

— Por que ela fez isso?

— Por um lado eu queria acreditar que ela estava sendo coagida, mas essa *certeza* não se fixa, ainda mais repensando a cada dia sobre tudo o que aconteceu.

— Margareth e James um casal...

— Surpreendente! — Declaro ao interrompê-lo.

— Não vá pelo menos caminho. — Ele me pede.

— Estou tentando. — Resmungo irônico.

Ele manea a cabeça para os lados, bate as mãos nos joelhos e sai do meu quarto logo em seguida. Aproveito que estou sozinho, com a porta fechada e definitivamente com a minha privacidade novamente. Estico o meu

braço na direção da cama, puxo a manta e a deixo ao redor dos meus ombros. Deito a minha cabeça no encosto da poltrona e mantenho o meu olhar na chuva constante que bate contra as janelas do meu quarto. Meu avô está certo, os meus pais são pessoas surpreendentes mesmo. Um tinha amante da mesma idade – praticamente – do filho, no caso, eu, o outro tinha amantes, traía a cada segundo que podia e quando foi o corno da história, não suportou. Meu Deus! Dois loucos de uma forma que eu nem se quer consigo entender. Eu jamais aceitaria e jamais vou aceitar a escolha que a minha mãe fez, só que, a escolha que o meu pai fez, foi ainda pior e é imperdoável.

— Eduard... — Ouvi a minha mãe resmungar.

E como sempre, eu revirei os meus olhos.

— Eu estou de saída.

— Sempre está. — Ela resmungou mais uma vez.

Só que eu estava mesmo, eu tinha que ir para o Fight e já estava atrasado, pois estava tentando entender como iria funcionar as coisas conforme a compra do local. Eu não estava conseguindo entender e muito menos ia conseguir explicar. O meu pai queria que eu ficasse a frente do negócio junto com a Emily, só que, a minha irmã estava mais entretida com um dos lutadores, a que cuidar de um estabelecimento de lutas.

— Eu preciso ir. — Declarei ao encarar a minha mãe.

Ela estava sentada no sofá da sala se estar do segundo andar, uma taça se vinho em sua mão e muito linda como sempre. Naquele momento, eu jamais imaginava que ela estava tendo um caso extraconjugal, ainda mais com um rapaz que eu sempre estava cruzando no Fight.

— Você, ou melhor, vocês vão demorar a voltar?

— Creio eu que, sim.

— Então, eu vou aceitar o convite da minha amiga a ir tomar um vinho.

— Ela sorriu.

— Você já está bebendo o seu vinho, então não precisa sair daqui.

Ela fez uma expressão como se não acreditasse no que eu tinha acabado de falar e soltou um longo suspiro em seguida.

— Eu tenho uma vida social, Eduard, então sim, eu vou sair e vou ir tomar um vinho na casa da minha amiga.

— Qual amiga? — Questionei.

— Brown.

— Não demore a voltar e leve um segurança, já que vai sair para beber.

— Eu vou voltar a hora que eu quiser... — Ela declarou vindo em minha direção e depositou um beijo no meu rosto, mesmo que soubesse que o cheiro alcoólico não me agradava. —, vou apenas pedir para o Allen me levar e quando eu estiver pronta para voltar, ele irá me buscar.

— Não concordo...

— Não concorda? — Ela riu sem graça. — Não me importo, pois vai ser exatamente desse jeito. Eu sou adulta, dona de mim mesma e vou agir conforme eu quero.

Desisti de argumentar, apenas balancei a cabeça concordando e dei um passo para trás me afastando.

— Bom vinho, então, senhora Lewis.

— Com certeza eu terei. — Ela afirmou. — Cadê a Emily?

— Deve estar enfurnada em um certo apartamento em Watts.

— Deixe a sua irmã em paz!

— Não enquanto ela estiver com aquele *lutadorzinho*.

Minha mãe apenas revirou os olhos antes de sumir do meu campo de visão. Hoje, eu sei que, naquela noite ela foi se encontrar o amante, pois eu não o encontrei no Fight e soube que ela chegou tarde, além de estar num astral diferente. A meu ver, naquela época, era bom ela ainda ter amigas por perto e sair um pouco da bolha que o meu pai a enfiou. Só que, se eu soubesse que ela tinha um amante, por mais quem que fosse, eu iria exigir que ela se divorciasse do meu pai de uma forma amigável, concordasse com tudo que ele propôs-se para que ela pudesse seguir a vida em paz, conforme desejava. Tudo poderia ter sido diferente, mas nada iria agradar e nos dar uma vida normal.

CAPITULO DEZESSEIS

*Pensei que eu tinha motivo pra atacar, mas não
Lutar com um amor verdadeiro é como lutar boxe sem luvas
Química até explodir, até que não haja nenhum nós
Por que eu tive que quebrar o que eu tanto amo?*
Taylor Swift – Afterglow

Stephany Baker

Um beijo inesperado, uma discussão acalorada, um novo beijo muito desejado e quando eu imaginei que tudo estava encaminhando de uma forma próspera, Eduard veio e me quebrou. Algo que eu jamais estava esperando! Eu não consigo entender o modo que ele agiu e eu nem quero mais entender. De início ele não demonstrou nada e mal falava comigo. Depois nos aproximamos, trocamos diversas mensagens e eu enfim aceitei o sentimento que estava criando por ele. E então, o tão esperado beijo veio. Me assustou, me confrontou e me desafiou, mas eu estava disposta a mergulhar, só que, o tsunami chamado de ilusão era aonde eu estava prestes a entrar. Agora, o que eu mais quero é distância do Lewis e simplesmente exterminar o sentimento que nutri por ele.

Desde o momento que o Dominic nos deixou aqui em casa, eu simplesmente ignorei tudo e a todos ao meu redor. Ayla percebeu que eu não estava a fim de conversar, então foi fazer os seus deveres escolares e me deixou quieta. Passei a tarde toda apenas assistindo tevê, ou melhor, tentando, pois, a raiva era o que mais prevalecia em mim e então eu só conseguia me enxergar segurando o Lewis pelo pescoço. Só que, no fundo o que eu queria mesmo era beijá-lo novamente e ouvir que o nosso *término* não passava de uma brincadeira sem graça. Aliás, que término? Pois nem existiu um começo, se quer. Uma lágrima teimosa escapa do meu olho, eu a seco rapidamente e ouço a porta do apartamento se abrir.

— Oi, pirralhas. — Oliver nos direciona um sorriso amplo.

— Oi, Oliver.

Ele fecha a porta e franze o cenho ao me encarar.

— Não vai retrucar sobre a forma que eu chamei vocês?

— Vai adiantar?! — Resmungo.

— Não ligue, Oli. Ela está de mal humor. — Ayla o informa.

— Eu nem se quer vou perguntar o motivo, mas... — Ele se aproxima de mim e deposita um beijo no alto da minha cabeça. —, pode conversar comigo se quiser.

— Eu estou bem.

— Tudo bem então. — Ele massageia os meus ombros. — Que tal hoje comermos pizza?

— Por favor!

— Eu queria um hamburguer, mas me contento com uma pizza. — Ayla declara.

— Hoje eu estou uma pessoa muito boa, então eu deixo você comer um hamburguer e um pedaço de pizza. — Ele a informa.

— Qual o motivo desse bom humor todo? — Questiono.

— Talvez tenha a ver com a minha linda e amada esposa.

— Aí que meloso. — Resmungo o fazendo ri.

— Eu vou ir tomar um banho, enquanto vocês fazem o pedido.

— Qual sabor da pizza? — Ayla questiona.

— *Margherita*. — Nós falamos juntos.

— Certo. — Ela sussurra pensativa. — Podemos comer pizza hoje e hamburguer amanhã?

— Podemos, Ay. — Ele concorda.

Ela sorri e pega o celular do nosso irmão para realizar o pedido. Eu vou rumo a cozinha, deixo a mesa pronta para comermos e preparo um suco. Olho para o balcão que divide os cômodos e encaro o meu celular. Desde quando chegamos em casa, eu o deixei desligado e bem longe de mim. Não quero pegar ele e ir diretamente até a minha conversa com o Eduard, pois se eu for, irei xingá-lo e amaldiçoá-lo. Bato as minhas mãos na cintura, jogo a minha cabeça para trás e encaro o teto. Se apaixonar e ser iludida em menos de vinte e quatro horas não estava na minha lista de coisas que eu queria realizar nessa cidade.

— Em meia hora eles entregam. — Ouço a Ayla me informar.

— Espero que consigam dentro desse prazo mesmo, eu estou com fome.

— O que está acontecendo? — Ela questiona.

Eu sei muito bem que ela queria perguntar isso desde o momento que chegamos aqui em casa, mas preferiu respeitar o momento que eu precisava.

— Eduard. — Sussurro.

— Ele me pareceu estar mal com alguma coisa.

— Você estava enxergando a alma negra dele, isso sim.

— Credo, Stephany!

— É a verdade.

Ela ri com o meu deboche e volta para a sala de estar. Eu continuo na cozinha, apenas como uma forma de distração e guardo toda a louça que estava secando sobre a pia.

— Steph... — Oliver me chama assim que adentra na cozinha e eu o olho. —, tomou a medicação hoje?

— Sim.

— E como está se sentindo?

— Bem.

— Bom. — Ele sussurra e se senta à mesa. — Eu passei o dia muito pensativo em relação aos Lewis.

— Por quê? — Questiono.

Largo tudo o que eu estou fazendo, me encosto na pia e cruzo os meus braços em frente ao corpo. Por mais que eu não queira ouvir falar sobre o Eduard, fico curiosa ao saber o que o meu irmão esteve pensando.

— Eduard no contou que ele e a Emily terão que depor sobre algumas ilegalidades do pai.

— Isso é normal, ainda mais na situação que eles viviam.

— Sim, mas eles não faziam todas aquelas coisas porque queriam, mas porque eram obrigados, e então não é muito justo eles pagarem por algo que o James cometeu.

— Pagar? Podem serem presos?

Ele dá de ombros e apoia as mãos sobre a mesa.

— Eu não sei, mas Eduard já deixou muito bem claro que, ele vai assumir toda e qualquer responsabilidade, consequentemente irá livrar a irmã dele.

— Mas é certeza que algum deles podem serem presos?

— Não, mas nada é impossível. Muitas coisas envolviam a família Lewis, coisas que estavam ligadas apenas ao James, só que, Emily e Eduard trabalhavam com o pai.

— Ou melhor, faziam o que o pai mandava. — Murmuro.

— Exato.

— Que pai... destruidor!

— Fatídica vida com pais ruins. — Ele comenta pensativo. — James, Jimmy, Mark.

— Ruins? É uma palavra muito pequena para representar o que eles podem ser.

— Eu acho que só os rapazes que se salvam.

— Leon e Jensen?

— Noah também. — Ele informa.

— Não sei nada sobre o Noah, sei poucas coisas sobre os Brown.

— Noah mora com o pai, a mãe já faleceu há muito tempo e os Brown tem uma família completa, pai e mãe estruturados, financeiramente e psicologicamente.

— Seria o nosso sonho ter pais pelo menos estruturados psicologicamente?

Oliver ri suavemente do meu deboche e acena concordando. E em pensar neles, eu não falo com a minha mãe há alguns dias, só tenho notícias através de mensagens, aliás, trocamos poucas e sempre é quando ela me questiona como eu estou. Decido saber como foi o dia de trabalho do meu irmão e ouço com atenção o que ele me conta, mesmo que sejam coisas burocráticas. Por mais que o trabalho dele seja fácil e simples, exige muita responsabilidade, ainda mais quando ele tem que cuidar dos clientes dos irmãos Brown. Hoje por exemplo, quando fomos encontrar os demais na loja de noivos, o Oliver contou para o Dominic que o Leon estava com pequenos problemas relacionados ao Jensen. Mas que merda! Tudo sempre dá um jeito de se ligar ao Lewis. Pensar no Jensen me faz lembrar que ele foi amante da senhora Lewis e... caramba, que coisa surpreendente. Nem se quer consigo imaginar como foi o baque para todos ao saber desse caso extraconjugal.

— Ei... — Chamo a atenção do meu irmão e ele me encara. —, o Jensen era amante da mãe do... da mãe da Emily?

— Sim. — Oliver afirma.

— Surpreendente.

— Um pouco.

— Um pouco? — Questiono.

— Sempre soubemos que o Jensen se envolvia com mulheres mais velhas, até mesmo casadas, só que, ninguém jamais imaginou que a Lewis poderia ser um alvo.

— Alvo. — Resmungo ao segurar o riso. — Olha a forma que você fala, Oliver.

— E eu vou falar o que? — Ele questiona.

Maneio a cabeça para os lados, decido me sentar à mesa e me sirvo com um pouco do suco que eu acabei de fazer. Bebo pequenos goles enquanto o Oliver me olha fixamente.

— O que foi? — Questiono.

— Eu falei com o Eduard.

— Falou o que com aquele lá? — Tento demonstrar desdém, mas a minha voz embarga.

— Você não estavam... amiguinhos?

— Não, apenas conversando, mas eu percebi que não valia a pena dar atenção.

— Por quê?

Oliver está muito questionador hoje e isso demonstra que ele está desconfiado de algo. Eu tenho certeza de que o Lewis não contou nada sobre o que aconteceu entre nós na noite passada, pois ele nãoalaria sendo que já estava disposto a me dispensar. Ele só quis me dar esperanças e depois mostrar o que realmente queria. Me mostrar que é ele quem faz as regras e escolhas desse livro das nossas vidas. E que os nossos caminhos só se cruzaram porque ele permitiu e isso me dá muita raiva, pois eu fui ingênua demais ao acreditar nas suas palavras.

— [...] *eu só sei que gosto de você.*

Quando essas palavras saíram da sua boca, me pareceram tão verdadeiras e no mesmo segundo eu acreditei. Oliver me questiona novamente e eu dou de ombros.

— Eduard é um cara bem divergente de mim.

— E só por isso você decidiu se afastar?

— Quem é você? — Questiono. — O meu irmão estaria dando graças aos céus por essa minha decisão.

— Eu apenas estou querendo entender algumas coisas.

— Não tem nada para entender, tudo sempre esteve muito claro. Se você percebeu outra coisa foi pura imaginação.

— Essa frase foi para mim ou para você mesma?

Não falo nem uma palavra se quer e muito menos esboço reação, mesmo que a resposta seja gritante; foi para mim mesma. Apoio os cotovelos sobre a mesa, em seguida o queixo sobre as mãos e penso novamente na minha noite anterior. Quando o Lewis me avisou que estava lá embaixo, eu não imaginava o porquê, mas eu estava afoita com a vinda inesperada, e então eu decidi descer e saber o que ele queria aqui. O primeiro beijo rolou, me assustando e me deixando confusa. De início eu não quis parar, queria me sentar no colo dele e aproveitar cada segundo, só que, eu preferi me afastar e entender o que estava acontecendo.

Em seguida disse coisas que eu não desejava, deixei o medo de me

machucar dominar a situação e falei muito o que não devia, mas ele acabou entendendo a minha reação. E então para amenizar a situação, eu tomei a decisão em beijá-lo e selar a nossa paz, conseqüentemente desejando um novo dia, hoje, cheio de coisas boas, mas isso não aconteceu. Me lembro muito bem das palavras do Eduard, principalmente quando ele disse que não queria que aquele *nós* acontecêsemos, pois a sua vida ainda era um caos e que ele não deveria me envolver em tudo aquilo. E mesmo sabendo que eu tenho direito de escolhas, desde o início ele tomou as decisões que achou melhor e aqui eu estou; iludida e quebrada internamente.

Oliver sai da cozinha assim que a campainha toca, em segundos ele volta com a caixa de pizza e a coloca sobre a mesa. Ayla se senta conosco e comemos em um silêncio agradável. Hoje de manhã, o Oliver veio me buscar em casa e em seguida fomos buscar a Ay, pois o West do conselho tutelar queria conversar conosco e foi uma conversa bem tranquila. Ele está a par sobre tudo o que aconteceu, sabe como foi o nosso final de semana em Santa Maria e soube das complicações de saúde que tive nos últimos dias. E claro, ele também sabe do que a nossa mãe disse ao Oliver recentemente, algo que eu nunca saberei.

— Eu fiquei surpresa com o convite da Lola. — Ayla comenta.

— Se você não quiser, não tem problema. — Oliver informa. — Ela vai entender a sua recusa.

— Não quero recusar, eu só...

— O que, Ay? — Questiono.

— Eu serei par do Noah e eu nem se quer falo com ele.

Sorrio ao ver as suas bochechas corarem e o Oliver fica intrigado.

— Você é uma boneca e não deve ligar para isso sobre se fala ou não com ele, pois o que importa é você estar linda.

— Noah é meu amigo e uma boa pessoa. — Oliver declara.

— É seu amigo e ponto. — Resmungo. — Ele vai ser um gentleman com a Ayla por sua causa.

— Eu espero que ele tenha essa mesma noção que você.

— E ela, a Lola, é apressada, né?! — Ayla comenta.

— Por quê?

— Planejou em se casar daqui a dez meses, enquanto tem que cuidar dos preparativos para a chegada do bebê.

— Ela é assim mesmo. — Oliver ri.

Minha irmã o encara e ele a olha pelo canto do seu olho.

— Quando a Penélope vai se mudar para cá? — Ela o questiona.

— Ainda não sei, mas será em breve.

— Então ela decidiu vir?

— Até que fim. — Ele resmunga divertido. — Eu já estava ficando louco com essa situação e então nós conversamos.

— E ela está trabalhando até essa hora?

— Vai ficar até mais tarde hoje.

É visível o seu descontentamento sobre isso, mas ele sabe que não deve interferir na carreira que a esposa escolheu, sendo que ela a exerce muito antes de se casar. Assim que terminamos de comer, Oliver nos pede para organizarmos a cozinha, pois ele irá dormir já que o dia foi cansativo. Ele deposita um beijo na nossa têmpora, nos deseja boa noite e vai para o seu quarto. Eu me apresso a fazer a minha parte, pois também quero ir deitar e esquecer certos acontecimentos do dia de hoje. Assim que terminamos, eu tranco todo o apartamento e apago todas as luzes. Entro no meu quarto, troco de roupa e me enfio debaixo da coberta. Percebo o olhar curioso da minha irmã sobre mim, mas eu finjo não ver e a ignoro. Eu não quero conversar sobre o Eduard, eu apenas quero esquecer e fingir que nada aconteceu. Abro o aplicativo de mensagens e o nome que mais chama a minha atenção é o do tal, e eu solto um longo suspiro. Não quero conversar com ele, talvez em algum momento eu mude de decisão ao entender que ele teve um bom motivo para me afastar, mas por enquanto esse motivo não existe.

[...]

— Stephany! — Emily exclama assim que me vê.

— *Hum...* Oi.

— Está de saída? — Ela questiona.

— Eu estou indo correr.

— Olha só, eu também, podemos ir juntas?

Apenas aceno e descemos a escada de emergência. Não sei o que ela quer, mas não queria encontrar ninguém a essa hora da manhã, aliás, eu decidi sair para me exercitar após as nove da manhã na intenção de não encontrar ninguém, mas o meu plano não deu muito certo. Conecto o meu celular aos fones de ouvido, arrumo o cadarço do meu tênis e começamos a

correr num ritmo igual. Eu não sabia que a Emily estava saindo durante as manhãs para correr e se eu soubesse, eu tinha trocado o meu horário.

— Não sabia que estava se exercitando. — Comento ao chamar a atenção dela.

— Eu tinha o costume de treinar no porão da mansão, mas aí tive que me afastar e estou agora tentando a ter uma rotina de atividade física.

— É bom ter uma rotina.

— Nos dá mais ânimo para aguentar o dia.

— Sim.

Acelero o meu ritmo e ela me acompanha. Apesar da Emily ter sido mãe, ela tem o corpo em forma e eu reconheço que isso deve ser de genética, pois já vi fotos da mãe dela e a mulher era linda. Os filhos puxaram bastante a ela, apenas do Eduard ter mais traços do pai. Oh, céus! Logo cedo e já pensando naquele tsunami. Balanço a cabeça para os lados e foco em apenas a correr. Não quero pensar mais nele, não devo mais pensar nele, pois a única que está mal nessa história sou eu e com certeza muitos podem achar que eu estou sendo extremamente imatura. Depois de tudo que eu passei, é claro que eu não agiria de um modo diferente. Das formas que eu já fui machucada não se comparam com nada, mas ter os sentimentos destruídos de uma forma inesperada é tão doloroso quanto.

Olho para o meu lado e percebo a Emily bem tranquila. Pelo o que o Oliver me contou sobre eles terem que depor, eu no lugar dela, estaria muito nervosa e com medo. E por mais que eu não queira mais saber do Lewis, eu não desejo que ele seja preso e nem tenha nem um tipo de consequência. Em menos de meia hora já estamos de volta a rua do nosso prédio e eu confesso, esse momento inesperado com a Emily foi bom. Conversamos poucas coisas e foi um clima bem leve. Rio suavemente ao ouvi-la dizer que está morrendo de fome e paro bruscamente ao ver a SUV estacionada em frente ao nosso prédio. Eu nem preciso me aproximar mais para saber quem é. Emily troca um rápido olhar comigo e eu percebo o seu receio. Ela deve saber que aconteceu algo entre o seu irmão e eu.

— Ed, aconteceu alguma coisa? — Emily o questiona assim que nos aproximamos.

— Os nossos avós queriam vir até aqui, eles já estão lá no seu apartamento com o Turner. — Ele informa e olha para mim. — Oi, Stephany.

— Até mais, Emily.

Eu literalmente o ignorei plenamente, mas sinto o meu coração se afundar em meu peito.

— Imatura. — Ouço ele resmunga.

Paro de andar, olho para trás por cima do meu ombro e o encaro.

— Se proteger de atitudes ruins é ser imatura, eu prefiro carregar esse rótulo.

— Eu estou apenas te livrando de acontecimentos...

— Eu não quero saber, Eduard!

— Nem se quer sabe ouvir. — Ele resmunga mais uma vez.

Giro o meu corpo sobre os meus calcanhares e ando em sua direção.

— Ouvir o que de você? Não temos mais o porquê de nos falarmos. Você me magoou.

Ele ri sem humor e olha para a irmã, procurando uma rota de fuga.

— Você percebe como as coisas são?! — Ele murmura e volta a me encarar. — Quer saber, Stephany? Pense o que quiser de mim, eu não vou ficar tentando te provar nada e nem ao contrário do que você acha.

— Obrigada.

Direciono um último olhar em sua direção e volto a ir rumo ao prédio. Encontrar ele logo cedo também não estava em meus planos, mas hoje o dia não está favorável a mim. Subo pelas escadas de emergência, vou diretamente para o meu apartamento e controlo a minha vontade de bater à porta. Penélope está dormindo e eu não quero o seu questionamento sobre certas atitudes da minha parte. Dói perceber que ele não se importa que me magoou, e que ele está apenas a disposto a lidar com o caos que a vida dele. Eu estava muito bem antes dele... tudo bem, eu não estava, mas eu acabei me abrindo com alguém que iria me machucar em poucos dias. Conteí sobre o Klaus para alguém que não se importa com o próximo. Não tem compaixão e muito menos empatia com os outros.

As palavras do Eduard ficam rondando a minha mente, me deixando profundamente irritada e eu dou um soco na bancada da cozinha. Ele não me deu a oportunidade de escolher se eu quero ficar ao seu lado durante esse momento conturbado, ele simplesmente decidiu me afastar e agir de um modo que me deixa profundamente magoada. Ele está passando por um momento difícil, sabe que eu estaria ao seu lado para apoiar, só que, ele não quer e eu não me importo mais. É visível que desde o princípio o Eduard teve que aprender a agir de modo independente, ser homem inabalável e fingir que

nada o confrontava, e caso o confrontasse, ele ia lá e derrotava, com isso carregou o mundo nas costas por muito tempo, assim como o peso do seu passado. Até hoje eu não sei o porquê de eu ter me sentido atraída por ele, nem o porquê desse afastamento me magoar tanto.

Retiro os fones de ouvido, os deixo sobre a mesa de centro na sala de estar junto com o meu celular e vou para o banho. A água cai sobre mim e as lágrimas saem de mim. Dor é o que eu sinto. Eu não esperava sentir esse turbilhão de coisas por ele, e isso aconteceu porque eu passei muito tempo ignorando e agora que eu as libertei, ou melhor, aceitei, elas me ferem por eu não ter o retorno esperado. Queria o Eduard comigo, queria que a gente estivesse conversando para sabermos como iríamos proceder. O meu irmão poderia ser um pequeno empecilho, só que, jamais nos impediria. Eu me esforcei para aceitar o seu casamento, então ele faria a mesma coisa por mim. Só que, isso tudo não importa mais. Mentira! Eu posso repetir isso trilhões de vezes e sempre será uma mentira, pois tudo me importa.

— Quer ir tomar café comigo no apartamento do meu irmão?

Me assusto ao dar de cara com ela assim que abro a porta do meu quarto e eu nego com um aceno de cabeça. Enrolei uma toalha no meu cabelo molhado e passei um hidratante no rosto. Decisões tomadas na intenção que eu distraia a minha mente, mas serão em vão, eu sei disso.

— Obrigada, mas não quero. — Nego seguindo para a cozinha. — Lá está movimentado.

— Como assim? — Ela questiona.

— Os avós e irmão da Emily estão lá.

Ela demonstra surpresa e em seguida solta um longo suspiro.

— Então, deve ter sido por isso que o Dominic me ligou pedindo para ir até lá.

— Bom café da manhã.

Lhe direciono um pequeno sorriso e me servo com um pouco de café.

— Tem certeza de que não quer ir comigo?

— Absoluta.

— Tudo bem.

Enfim ela sai do apartamento e eu vou para o fogão preparar o meu café da manhã. Comi apenas cereal antes de sair para correr, então agora eu preciso de uma alimentação reforçada, mas que ainda seja saudável. Na segunda-feira eu terei que retornar ao médico e quero que ele veja que eu

estou muito bem, assim ele irá me liberar para tudo. FRANZO o meu cenho ao ouvir a porta do apartamento se abrir, mas não me importo, pois a Penélope deve ter esquecido algo ou tenha voltado para me perguntar mais uma vez se eu não quero acompanhá-la. Pego o pequeno potinho de salada de frutas dentro da geladeira, coloco sobre a mesa e fico estática ao olhar na direção da porta da sala.

— Belo penteado.

Se eu não estivesse magoada, eu até iria rir, por ele estar debochando da toalha em minha cabeça.

— O que você quer?

Eduard enfia as mãos dentro dos bolsos e caminha lentamente em minha direção.

— Está sozinha?

— Eu não te quero aqui. — Declaro.

— Eu não queria vir, mas não suporto essa situação que estamos.

— Deveria, pois foi escolha sua.

— Escolhi te livrar do inferno que a minha vida é.

— Não existe inferno algum, Lewis!

— Eu terei que prestar uma porrada de depoimentos por causa das merdas que o meu pai comandava.

— Serão apenas depoimentos e você sabe, mas prefere me afastar por algum outro motivo e não quer dizer, então quer me fazer acreditar nesse motivo.

— Eu posso ser preso, Stephany! — Ele declara.

— Eu não acho provável.

— A vida não é feita de achismo.

Esfrego a minha testa, cruzo os meus braços em frente ao corpo e solto um longo suspiro.

— Eu estou magoada, Eduard...

— Eu sei, só que, eu acho uma puta sacanagem você agir desse modo sendo que eu estou, praticamente, te dando um livramento.

— Eu devo agradecer? — Questiono irônica.

— Deveria. — Ele resmunga.

— Obrigada, Lewis. — Sorrio falsamente e aponto na direção da porta.
— Agora saia.

— Você é muito bem educada e convidativa.

— Eu sou, né? Principalmente quando você decidiu me beijar, me dar esperanças e depois me quebrar, tudo isso em menos de vinte e quatro, ou melhor, doze horas.

— Você é muito teimosa e não entende as coisas que são feitas pelo seu bem.

Ele dá mais alguns passos, adentra na cozinha e eu dou um passo para trás me afastando. O motivo dele dizer que não podemos ter mais nada não é apenas a referente aos depoimentos que ele terá que fazer, é muito mais. Eu tenho essa percepção, posso estar errada, mas é pouco provável.

— O que vem de você é confuso para mim. — Confesso.

Eu estou cansada de tentar questionar ou argumentar contra ele, só quero que esse assunto se dê logo por encerrado e que cada um siga para o seu lado, siga com a sua vida.

— E você que para mim também, não é? — Ele me questiona. — Eu juro! Juro com todo o meu ser que, eu não queria que as coisas fossem assim...

— Você me dispensando por causa de meros depoimentos?

É visível a sua irritação, mas eu não me importo.

— Se fossem meros depoimentos, eu estaria mais tranquilo.

— Isso tudo me parece apenas uma desculpa qualquer, uma camuflagem para o real sentindo desse afastamento.

— Eu sinto muito, mas vou ter que repetir; pense o que você quiser, Stephany.

— Já deu o seu recado? Então me deixa sozinha.

Ele apenas acena diversas vezes seguida e dá alguns passos para trás, ainda mantendo o seu olhar fixo no meu.

— Tchau, Baker.

— Adeus, Lewis.

Ele abre a boca para falar algo, mas desiste e sai do apartamento. Eu respiro fundo duas vezes seguida tentando reencontrar o meu equilíbrio e fecho os meus olhos. Eduard é um tsunami e eu sou apenas um pequeno vilarejo que acabou de ser destruído pelas águas do mar que a cercava. Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos, balanço a cabeça para os lados e volto a minha atenção ao meu dever. Coloco as torradas para esquentar, faço ovos mexidos e salsichas. Me sento a mesa e apoio às minhas cabeça e nas mãos. Tenho a sensação de que a minha cabeça para explodir a qualquer

segundo, e a dor em meu peito só aumenta. Eu queria acreditar no Eduard quando ele me afirmar que é melhor me manter afastada durante esse ciclo que ele vai ter que passar, mas muitas coisas me fazem questionar isso.

Ele pode estar envolvido com uma outra pessoa, pode ser com aquela tal de Melanie que estava em sua casa ou ele simplesmente gosta de brincar comigo. Um dia me dá esperanças, no outro esmaga o meu coração entre as suas mãos e a qualquer novo dia, ele pode vir me oferecendo tudo que desejo, com isso me fazendo de sua boneca. Aonde ele joga aonde quiser e pega quando estiver a fim. Só que, eu não vou deixá-lo agir desse modo. Eu já fui tratada como uma boneca de pano pelos meus pais e pelo Klaus, e quando eu descobri que eu era muito mais que aquilo, me fez ter a certeza de que merecia muito mais.

Se em algum momento ele me provar que não quis me usar como a sua boneca, que ele me queria de verdade, talvez eu volte a ter uma amizade com ele, caso ao contrário, é melhor cada um ir para o seu lado. Outro talvez, eu possa vir acreditar nele sobre eu ficar afastada de sua vida durante os depoimentos. Só que, em uma coisa ele está certo, eu posso não ter ideia das coisas que o pai dele fazia, mas eu tenho certeza de que ele jamais vai ser culpado por algo. Todos ficaram sabendo da verdadeira identidade de James Lewis, um mafioso que usava o posto de governador apenas com a fachada para esconder os seus reais objetivos na sociedade. Vou até a sala de estar, pego o meu celular e volto para a cozinha. Enquanto me alimento, procuro por cada minuciosa coisa relacionada ao mafioso Lewis. Eu quero entender melhor, ou pelo menos, tentar, só assim eu vou começar a compreender esse tal inferno que ele se refere quando fala da vida.

O meu olhar está afoito em busca de alguma informação e eu leio minuciosamente cada reportagem referente após a sua morte. Tudo é muito superficial, pois Emily e Eduard sempre preferiram manter a maior privacidade possível. Encontro muitas notícias sobre ele ser o verdadeiro assassino da esposa, estar à frente de uma máfia. Sinto o meu estômago embrulhar ao ler sobre tráfico de pessoas. Isso não existe! Não é possível! Leio também sobre o possível, quase afirmativo, envolvimento dos filhos, principalmente do Eduard e torço muito para que isso seja uma completa mentira. Ele viveu atrocidades nas mãos do pai, então não seria capaz de fazer esse tipo de monstruosidade com outras pessoas. Só que ao final da matéria, fica explícito sobre eles não terem mais informações, apenas

suposições das possíveis ligações e malfeitorias de James.

Eu deveria acreditar no Eduard quando ele me diz que o melhor é eu ficar afastada? Talvez! Eu deveria acreditar na minha suposição que os depoimentos são uma desculpa esfarrapadas? Talvez! Não do mais ficar queimando os meus neurônios sobre essas coisas. O que me resta é esperar e ver o que irá acontecer nos próximos dias. Enquanto isso, eu vou deixar o Lewis no escuro, decidi que não devo conversar com ele e muito menos dizer que eu possa vir acreditar nele em algum momento. Se ele estiver me dito a verdade, eu irei me desculpar sobre ter agido um pouco imatura, só que, isso não significa eu vou querer pular em seus braços e exigir que exista algo entre nós novamente. Talvez tenha que ser assim, uma ilusão para nos fazer amadurecer e entender que os romances que desejamos não acontecem como esperamos. A palavra *talvez* seja a qual mais resume esse dia que mal começou.

[...]

— Agir com calma é o segredo da coisa. — Ouço a Penélope comentar.

— Ambos sabem disso, mas deve ser desesperador ser acusado de coisas graves. — O meu irmão resmunga. — E isso não afeta apenas eles, mas a todos nós, somos uma família.

— Somos e sempre estamos juntos quando é preciso, mas está visível que eles preferem manter a privacidade relacionada aos depoimentos.

Oliver e Penélope estão comentando sobre os depoimentos que os Lewis tiveram que prestar nos últimos dias, e é doloroso saber que está sendo complicado. Já faz quatro dias desde que eu conversei pela última vez com o Lewis e foi ontem que começou a série de depoimentos. Preferi me manter afastada das informações, mas é quase impossível. Sempre tem alguém comentando, por exemplo, o meu irmão nesse exato momento. Adentro na cozinha chamando a atenção deles, ambos me encaram em silêncio e eu não esboço nenhuma reação, muito digo alguma palavra. Todos perceberam que algo sério aconteceu, pois eu fiz questão de não encontrar o Eduard em nenhum lugar que era provável sempre estava dando uma desculpa. Por mais distante que eu tentei demonstrar que estou, confesso que estive em busca de informações. E pelas quais ouvi o que aconteceu, apenas no dia de ontem: Eduard foi para a delegacia assim que o dia amanheceu, ficou lá até o início

da tarde e retornou no final da noite. Emily foi apenas durante a tarde e ficou lá por horas. Eles não estão prestando depoimentos juntos, pelo menos, por enquanto.

— Tem refrigerante? — Questiono.

Abro a geladeira e procuro, mesmo que eu tenha perguntado, apenas para disfarçar.

— Cerveja eu sei que tem. — Oliver ironiza.

— Sempre tem cerveja, Oli. — Penélope ri suavemente.

Encontro a garrafa de coca cola, sirvo um pouco no meu copo e bebo um pequeno gole. Já é final da tarde, Penélope está de folga e o Oliver não vai para o Fight. Ayla está no apartamento do Turner, cuidado do pequeno Andrew enquanto o casal teve que dar uma saída. Eu me encosto na pia e fico em completo silêncio. Estou preocupada com o Lewis, mas não irei procurá-lo, nem se quer, por mensagem. Ele me afastou, decidindo passar por este momento sozinho e então assim que deve ser, até chegar o momento de ele reconhecer que agiu de modo errado. Certo, talvez, esse momento não aconteça, pois ele pode ter tido a melhor intenção.

— Podem voltar ao assunto que estavam, não quero atrapalhar.

— Não tem assunto nenhum e você não atrapalha. — Oliver declara.

Arqueio uma sobranalha e não falo mais nada. Ele não quer ficar comentando sobre a situação do Eduard, pois está desconfiado do nosso afastamento, como ele já deixou muito claro anteriormente.

— Será que eles já voltaram? — Penélope questiona.

— Se sim, a Ay já teria volta do para cá. — Oliver informa.

— Isso é verdade. — Ela resmunga e me olha. — Quem vai fazer o jantar?

— Eu não vou.

— Eu também não. — O meu irmão nega de imediato.

— Não quero fazer, mas não acho justo pedir para a Ayla. Ela está cuidando do Andrew.

— Poderíamos jantar no apartamento do Dom. — Oliver propõe.

— Deixa de ser folgado, Oliver! — Penélope resmunga.

— Não vou comprar comida, vocês estão me levando a falência.

— Mentiroso! Você recebeu tudo que estava em atraso relacionado ao Fight.

Penélope me encara surpresa e em seguida faz a mesma coisa na

direção do marido.

— Compra comida ou vamos sair para jantar, Oliver! — Ela declara em tom ameaçador.

Em seguida sai da cozinha, o meu irmão me encara e eu rio.

— Duas escolhas, Oliver.

— É castigo ou dádiva ter três mulheres debaixo do mesmo teto? — Ele questiona olhando para cima, fazendo referência a como se estivesse falando com Deus.

— Dádiva. — Respondo num tom muito suave e ele ri.

— Oh, céus!

A porta do apartamento se abre, Ayla vem rapidamente para a cozinha e eu sinto o meu peito se afundar. Essa sensação está fazendo parte de mim, sendo a minha companheira desde o dia que o Eduard me afastou.

— O que aconteceu? — Questiono.

Ela maneia a cabeça para os lados e olha para o nosso irmão.

— Dominic está chamando você e a Penélope.

Em segundos o Oliver grita a esposa e ambos saem do apartamento. Eu seguro no braço da Ayla, a faço se sentar e eu fico na cadeira a sua frente. Necessito saber, mesmo que eu tenha a feito me prometer que ela não me contaria nada relacionado ao Lewis. Só que, e se a situação está indo para mais longe do que eu esperava.

— Me conta!

— Você me fez prometer que eu não falaria nada.

— Eu sei, mas eu preciso que você esqueça essa promessa e abra a boca.

Ela suspira, apoia os cotovelos sobre a mesa e em seguida o queixo sobre as mãos.

— Eduard está muito encrencado.

— Por que e com o que?

— O tráfico de pessoas é verdade, o pai que comandava, mas o Eduard que assinava, sem saber sobre qual era a... *mercadoria*.

Sinto o meu estômago embrulhar.

— Ele vai ser preso?

— Nada foi definido até o momento, eles ainda têm muitas a coisas a dizer, então o jogo pode mudar, sendo favorável a eles.

— E como ele está?

— Pelo o que a Emily comentou... transtornado.

Eu queria poder abraçá-lo e lhe dar a segurança que tudo vai ficar bem, mas infelizmente eu não posso, nem uma das duas coisas.

— E como estão as demais ilegalidades?

— O que é o real motivo disso tudo, é o tráfico de pessoas.

— E não existe nada que possa ajudá-lo?

— Pelo o que eu entendi, existe uma pessoa muito importante que pode provar ao contrário, mas seria uma grande tempestade na sociedade se essa tal pessoa aparecer.

— É melhor ter um furacão, a que fazer o Eduard pagar por algo que não é culpa dele.

— Eu penso a mesma coisa, Emily comentou algo parecido, mas nem ela sabe quem essa pessoa, apenas o Eduard sabe e ele ainda não contou nada.

— Ele deve estar esperando o momento certo.

Ela acena concordando, no mesmo segundo o Oliver volta para o apartamento e se senta novamente. Em seguida a Penélope aparece e fica parada na porta da cozinha. O meu irmão estava certo quando disse que o que está acontecendo afeta a todos, mesmo que eles não sejam próximos ao Eduard. O clima tenso e o assunto se dispersam quando o Oli nos questiona sobre o que queremos para jantar, cada uma pede uma coisa e eu vou até o meu quarto. Encaro o meu celular caído sobre a cama e penso novamente em entrar em contato o Eduard. Não conseguimos ter uma conversa civilizada nas últimas duas conversas que tivemos, que foram no mesmo dia, mas eu quero que ele saiba que, eu estou com ele, ou melhor, lhe desejando que esse momento passe? Não sei! Eu simplesmente não sei o que posso dizer a ele é muito menos demonstrar. Vou até o banheiro, jogo uma água no rosto e prendo o meu cabelo num coque. Decido ignorar o que quase aconteceu, volto para a sala de estar e faço parte desse momento em família. Penélope se mudou para cá no final de semana, o apartamento não ficou de pernas para o ar como imaginávamos e ela conseguiu se estabelecer rapidamente aqui, além de estar ciente da nossa rotina. O que ainda é muito incômodo para o meu irmão é o horário que ela tem trabalhado ultimamente, mas ele não interfere e demonstra o apoio necessário quando ela precisa. Quando não precisa também, pois é assim que as coisas devem ser. No sim e no não. No bom e no ruim.

[...]

Mais três dias se passaram e o último dia da semana chegou. As coisas estão agitadas e a cada dia, os ânimos a flor da pele. A série de depoimentos levou a semana inteira, o pessoal preocupado ao extremo, a imprensa divulgando possíveis suposições e eu preocupada com apenas uma coisa. O estado mental do Eduard. Por tudo o que eu ouvi durante a semana, ele estava distante até mesmo da irmã e evitando se encontrar com ela, já que, a Emily não foi tão *requisitada* a se apresentar na delegacia. Só que, mesmo com o distanciamento, ela foi por diversas vezes na mansão e era visível a sua preocupação com o irmão. Apesar de toda a movimentação das demais atividades corriqueiras, a cabeça de todos estão voltadas para uma só coisa: libertação do Lewis. Ele não foi preso, não tem nada indicando que será, mas ele pode responder algum processo. Só que, ele só vai se livrar disso – segundo a Emily –, se entregar o peixe maior que está envolvido no tráfico humano. Não sei o que ele está esperando para relevar logo quem é, eu só sei que isso deveria ter acontecido no primeiro dia, assim esses depoimentos teriam diminuído ao extremo.

— Eu não sei mais o que fazer! — Ouço a Emily exclamar baixinho.

— Ele quer resolver as coisas do jeito dele, então ficar forçando não vai ajudar. — O meu irmão resmunga.

Eles sabem que eu estou bem aqui, sentada na sala de estar e eu posso ouvir cada palavra proferida por suas bocas. Penélope está trabalhando, Dominic foi para o Fight e a Ayla está no nosso quarto. O pequeno Andrew está dormindo nos braços da mãe e está alheio a situação que cerca a todos

— Só que eu não posso cruzar os braços e deixar ele agir conforme acha que deve. — É palpável a tristeza na voz da Emily.

— E você quer fazer o que? — Oliver questiona.

— Eu não sei, Oli. Literalmente não sei.

Eu queria poder ajudar, mas ele preferiu afastar a todos, até mesmo a irmã e então isso só reafirma uma certeza, ele fez certo em não me manter por perto. Me remexo desconfortável, bato as mãos em meus joelhos e vou para a cozinha. Os dois me encaram, Emily está extremamente pensativa e eu fico um pouco receosa com esse seu olhar.

— Emily...

— Você poderia conversar com o Ed.

— Não. — Nego de imediato e olho para o meu irmão.

Ele se levanta da onde está sentado e faz uma careta ao comprimir os lábios.

— Eu vou ir ver se a Ayla precisa de ajuda na atividade escolar.

— Eu acho que ela está dormindo.

Ele me ignora e sai da cozinha. Eu sei que ele não quer ouvir sobre a minha proximidade com o Lewis, ou talvez, não queira me deixar acanhada com essa situação.

— Por quê? — Ela questiona. — Eu preciso de ajuda e sei que vocês se dão bem.

— O seu irmão me fez questão de me afastar, usando os depoimentos como uma desculpa...

— Não foi uma desculpa.

— Foi o que, Emily? — Questiono.

Ela olha para o filho dormindo em seus braços e em seguida volta a sua atenção para mim. Tudo bem, em o Eduard ter me afastado ao estar decidido que ele não agiria de um bom modo comigo, mas não em relação a me proteger de algo. O que de ruim poderia acontecer comigo nesse tempo? Nada plausível vem em minha mente como resposta.

— Eduard te afastou porque vocês estavam muito ligados um ao outro, apesar da recente amizade e ele se conhece melhor do que qualquer outra pessoa, é óbvio. E então, manter qualquer pessoa muito próxima a ele nesse momento, só o faria ser rude e acabar com qualquer simpatia que você tenha gerado por ele.

— Então é certo ele me afastar só por não querer ser rude comigo?

— Sim.

— É uma desculpa muito ridícula.

— Não quando ele se importa contigo, então foi por se importar sobre o modo em ser com você que ele preferiu te afastar.

— Mas me magoou.

— E existe outro modo que você não ficaria magoada?

Não respondo nada, pois não tenho o que lhe dizer. Ela arqueia uma sobrancelha e é como se me dissesse; Eduard fez certo e você fez uma tempestade num copo de água.

— Apesar de tudo isso, eu não vou ir atrás dele. É como você acabou

de falar, ele me afastou para me proteger do *monstro* que ele é por dentro e esse monstro está ativo nesse segundo aonde quer que ele esteja.

— Tudo bem. — Ela suspira.

— Ele fez escolhas. — Dou de ombros.

— E nem todas eu consigo concordar.

— Temos algo em comum, então.

Existem muitas coisas que eu não consigo concordar referente ao Lewis, mas nem por isso eu deixo se gostar daquele homem. Eduard Lewis é um homem de... quase trinta anos?! É muito bem vivido, digo, tem experiências boas e ruins, aliás, horríveis, mas sabe se equilibrar sobre uma corda bamba. E eu o admiro muito. Tudo o que ele passou, lhe causou muitas coisas, só que também o fez ser mais forte e ele não consegue enxergar isso muito bem. Eu desejo muito que em algum momento a sua visão sobre si mesmo mude, mude para melhor. Independente das escolhas que ele fez no passado, não definem quem ele é, muito menos quem ele será futuramente, pois por tudo que eu sei, ele agia por ordem do pai, e então era necessário, certas decisões. Mesmo que eu não saiba – e nem quero saber – quais foram essas decisões e escolhas, eu vejo que ele é um bom homem. O seu amor pela irmã é algo imensurável.

— Você ainda gosta dele? — Emily me questiona de repente.

O silêncio reina, o único barulho é do ponteiro do relógio e o meu coração pulsa no mesmo ritmo.

— Talvez. — Sussurro.

— Não existe essa repostagem para esse tipo de pergunta.

— Mas é a resposta que eu tenho nesse momento.

— Tudo bem, Stephany. — Ela suspira. — Eu só te peço que não tenha raiva do meu irmão porque ele escolheu te afastar desse caos.

Não falo nada, apenas aceno com a cabeça e saio da cozinha. Como ela pode me pedir para que eu não tenha raiva do irmão dela?! Eu tentei, juro que tentei, mas não dá! Volto para a cozinha, me inclino sobre a mesa após apoiar as mãos sobre ela e a Emily me encara surpresa. Andrew continua dormindo tranquilamente e é exatamente essa vida que ele terá, tranquila e com bons pais.

— Como ele pode ter me afastado, na intenção de me proteger, ou seja, lá o que for sendo que, ele está com aquela modelo?

O canto da sua boca se curva num sorriso debochado e eu sinto raiva.

Há dias, eu estou ignorando isso, mas eu simplesmente cansei. Naquela tarde que eu fui, ou melhor, que o Eduard me levou até a sua casa, a modelo apareceu e avisou que ia viajar e então tinha ido lá se despedir dele. Ele a apresentou como sua amiga e assim eles pareciam ser, só que, desde o meio da semana, mas precisamente, quarta-feira, ela começou a acompanhá-lo aos depoimentos. Eu sei disso, porque a imprensa está igual a urubus sobre os Lewis e então a cada chegada na delegacia é um plantão televisivo.

— Melanie é uma amiga. — Emily declara.

— Eu também sou, não é mesmo? Mas ele decidiu me afastar.

— Vocês não são apenas amigos, nós duas sabemos disso.

Ela arqueia uma sobrancelha e eu reviro os olhos.

— E ela é apenas uma amiga? Não! Eles já namoraram.

— Já, e o Eduard se *relaciona*... — Ela ironiza e eu entendo o que quer dizer. —, com quem ele quer e quando quer.

— E por que a deixou por perto? Por que o interesse dele por ela é maior?

Emily manea a cabeça para os lados.

— Melanie viveu alguns anos naquele inferno de casa com a gente, ela foi ameaçada diversas vezes e sempre esteve ao lado do Ed, quando ele precisava e principalmente, quando ele não queria. E além de ser ex-namorada, ela é uma grande amiga para o meu irmão.

— E eu ainda não entendo o porquê de ela estar o acompanhando.

— Melanie teve que depor também. — Emily declara num tom baixo.

— E estar indo com o Eduard é apenas uma forma disfarçada para que o nome dela não seja envolvido.

— Mas o nome dela foi envolvido.

— Apenas como; Morgan Thompson acompanha o amigo, Eduard Lewis durante a semana de depoimentos.

— Mas não é isso que parece.

— Isso o que? Apenas amigos? — Ela questiona. — Você está com ciúme do meu irmão, mesmo que vocês não tenham nada.

— Existe um sentimento de ambas as partes...

— E? — Ela questiona mais uma vez. — Minutos atrás você estava apenas querendo se afastar, me informando que não irá tentar conversar com ela e agora está expondo o seu ciúme. O que você quer realmente?

O que eu quero realmente? Uma vida calma, isso inclui o possível

relacionamento com o Eduard. A porta do apartamento se abre, Dominic entra e com isso faz o assunto se encerrar. Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça, abraça a esposa e dá um beijo na cabeça do filho. Ainda me sinto um pouco envergonhada pelo dia que eu fiz tal comentário sobre o Turner bem na frente da namorada. Em uma das corridas matinais que eu fiz com o Emily nessa semana, eu lembrei esse acontecimento e pedi desculpas. De início ela me encarou em silêncio e depois riu, além de comentar que até ficou irritada, mas depois ignorou.

— Já voltou. — Oliver comenta ao adentrar na cozinha.

— Fight estava muito tranquilo. — Dominic informa e se senta ao lado da namorada. — Logo as mudanças vão começar.

— Algumas já começaram. — Emily comenta num murmúrio. — Quem deu aquela maldita ideia sobre as ringue girl?

— Anthony. — Dominic responde.

— Além de afundar o Fight queria transformá-lo num prostíbulo!

Arregalo os meus olhos surpresas com as suas palavras e nem um dos rapazes ousam dizer alguma coisa. Emily agora é dona do Fight, vai transformar aquele lugar no que já deveria ser há muito tempo e eu fico bastante contente com essa conquista em sua vida. Se livrou da vida amargurada que levava quando o pai era vivo, está construindo a família que tanto merece e está sendo uma forte mulher à frente de um estabelecimento promissor.

— Cadê a Ayla? — Dominic questiona.

— Está estudando.

— Por quê? — Oliver questiona.

— Pensei em fazer o jantar. Comprei um peixe hoje cedo e o deixei marinando. — Ele comenta e olha para mim. — Pergunta a ela se quer me ajudar, por favor.

Apenas aceno concordando, saio da cozinha e em segundos eu adentro no quarto. Ayla está sentada em sua cama, ao seu redor livros e caderno estão abertos, a ajudando a estudar. Ela levanta o olhar assim que percebe a minha presença, eu lhe informo sobre o Turner e ela sai animada do quarto. Eu fecho a porta, me sento na minha cama e aperto o celular entre as minhas mãos. Tudo bem, eu assumo, tudo que eu disse nesses últimos dias sobre o Eduard não era verdade, e eu estava tentando convencer a mim mesma. Pensei e falei muitas bobagens sobre ele, na intenção apenas de que, eu

criasse qualquer outro sentimento, ruim para ser mais precisa, e só assim eu conseguiria aceitar a decisão que ele tomou.

Muitas vezes na vida tomamos decisões com as quais não estamos preparados para conviver, aliás, por vezes nem se quer entendemos. E foi isso que aconteceu, Eduard fez uma escolha e eu não consegui conviver, então fiquei inventando coisas para mim mesma. Desbloqueio o meu celular, abro o aplicativo de mensagens e procuro pelo nome do Lewis. Balanço a cabeça de forma negativa repetidas vezes, fecho o aplicativo e decido ir diretamente para a ligação. Eu não sei se ele irá me atender, se ele está em casa ou se está acompanhando. Eu estou apenas fazendo o que eu queria há muito tempo, mas o meu orgulho estava falando mais alto.

O primeiro toque soa fazendo o meu interior tremer, o segundo a minha espinha gelar...

— Stephany? — Oliver entra de repente em meu quarto e eu desligo a chamada. — Estava falando com quem?

— Estava ouvindo um áudio. — Minto.

— Larga esse celular e vem fazer companhia para nós.

— Vocês querem a minha companhia? — Ironizo.

— Sempre, pirralha.

Largo o celular sobre a cama, me aproximo dele e o abraço de repente. Eu sei que ele não consegue aceitar a minha proximidade com o Eduard, por medo de ele me ferir e então o único modo que consegue agir é sendo assim, contra e sempre desconfiado, além de temeroso.

— Você sempre será o meu porto seguro. — Declaro contra o seu peito.

— Eu sempre vou cuidar de você.

CAPITULO DEZESSETE

*Você está triste e cansado
De viver a vida em um carrossel
E você não pode encontrar o lutador
[...]
E eu vou me levantar
Eu vou me levantar como o nascer do dia, eu vou me levantar
Eu vou me levantar sem medo, eu vou me levantar
E eu vou fazer isso mil vezes
Por você
Andra Day – Rise Up*

Eduard Lewis

O barulho do relógio faz o meu olhar acompanhar o ponteiro dos segundos, a cada movimento é uma aproximação. Eu já estou saturado de tantos depoimentos, cansado de sempre ter que falar as mesmas coisas e por fim, esconder sobre quem realmente estava por traz do tráfico de pessoas. Por mais que eu não soubesse o que acontecia na época, eu investigue e descobri facilmente quem solicitava aquele tipo de *carga*. Me assusto quando a Lisa bate algo contra o balcão, eu olho para ela e solto um pequeno suspiro. Ela está muito irritada comigo, pois acha errado em eu estar escondendo o verdadeiro nome. E então, desde que descobriu que eu sabia e que decidi não revelar, ela está praticamente me ignorando.

Os meus avós foram embora no meio da semana, pediram muito para eu colaborar e revelar tudo, só que, até aquele momento eles não tinham a menor ideia do que eu estava prestes a fazer e eu só decidi agir de tal modo quando eles já estavam devidamente de volta a Seattle. No início da semana o meu maior temor era ser preso, mas isso foi descartado desde o primeiro dia. Dylan retornou a Solvang hoje cedo, pois era necessário por causa da família, mas irá retornar na segunda-feira. Alana não se decidiu ainda se eles irão voltar a morar aqui em Los Angeles, mas aconselhou o Dylan a estar aqui comigo. Ele decidiu não aceitar a voltar a trabalhar aqui, como eu lhe ofereci o cargo da chefia, ele preferiu esperar a decisão da esposa sobre morarem aqui novamente ou não. Lisa limpa o balcão com um pano, mesmo que eu esteja debruçado sobre ele e finge não estar me vendo.

— Vai continuar desse modo, Lisa? — Questiono.

— Deseja alguma coisa?

— Não...

— Vai contar quem é o tal? — Ela questiona ao me interromper.

— Também não.

E então ela me dá as costas e vai para a pia. Ada e Jô estão fazendo sei lá o que na dispensa, enquanto a Lisa decidiu que ia organizar a cozinha para que elas possam começar a preparar o jantar. Encarro o café dentro da minha caneca e a aperto entre as minhas mãos. Eu estou exausto fisicamente e principalmente, mentalmente com tudo o que aconteceu essa semana. Eu consegui fazer com que a minha irmã realizasse o mínimo de depoimentos, e quando me informaram que a Melanie iria ser convocada foi de extrema

surpresa. Eu jamais imaginei que em algum momento que iriam envolvê-la e quando eu soube, quis esganar o Achilles. Só que, nem ele sabia, muito menos imaginava e então eu controlei a minha raiva. Por mais que não fosse acrescentar muito no que eles desejavam, eles queriam ouvir algumas coisas pela visão dela e eu fiquei apreensivo, não por medo de algo dar errado, mas sim por ela estar no meio desse caos. Ela está em alguns compromissos em Nova Iorque, teve que largar tudo e voltar para cá, só que conseguimos esconder o real fato de ela estar aqui, então a mídia acha que ela apenas me acompanhou.

— Senhor Lewis... — Gael me chama e eu o vejo na porta da cozinha.

— Algum problema? — Questiono.

— O senhor tem visita.

— Melanie?

Se for ela, tenho que voltar a informá-lo que não é uma visita.

— É a senhora Lincoln. — Ele declara.

— Maire? — Questiono surpreso.

— Ela mesma.

Esfrego a minha testa e aceno para ele em seguida. Eu nem se quer lembrava que a Maire estava de volta – definitivamente – aqui em Los Angeles. Largo a caneca sobre o balcão, a Lisa me olha e eu saio da cozinha. Estou cansado desse desprezo, de ela não entender que a minha decisão em não contar quem está envolvido é por proteção a nós. Eu sempre faço as escolhas para proteger todos que estão ao meu redor, pois se eu fosse sozinho, não estaria pouco me importando com as consequências. Me sento na poltrona, perto da lareira e aguardo pacientemente. Eu queria estar muito mais irritado com ela, mas esses problemas com os depoimentos estão roubando toda a minha irá. Enfim, Maire adentra na sala de estar, ela me direciona um singelo sorriso e para perto do sofá.

— Oi, Lewis.

— Olá. — Murmuro.

— Eu cheguei na quarta-feira, mas estou sabendo da sua semana movimentada.

— É, está ao extremo.

— E como você está com tudo isso?

— Lidando.

O vibrar do meu celular rouba a minha atenção, o pego em meu bolso e

franzo o meu cenho ao ver o nome da Baker. Ela está me ligando! Antes que eu possa atender, a ligação se encerra e eu fico irritado. Há dias não conversamos, eu sinto falta dela e sei que ela ainda não consegue entender a minha decisão, só não entendo o porquê da ligação repentina.

— Fiquei sabendo que a Melanie está te acompanhando.

Balanço a cabeça suavemente, encaro mais uma vez o meu celular e volto a minha atenção para a Maire. Mesmo que eu esteja preocupado e irritado com outras coisas, eu não vou deixar passar batido o que ela fez.

— Não haja como se não estivesse feito nada na noite da minha luta.

— Não entendi. Do que você está falando?

Mordo o meu lábio inferior me controlando para não gritar com ela e agir de um modo que eu estou tentando exterminar de mim.

— Você sabe muito bem, Maire Ellen.

— Ed... — Ela sorri suavemente e encolhe os seus ombros. —, você está enganado.

— Você enviou uma mensagem para a Stephany... você se passou por mim e agiu de um modo ridículo.

— Eu não fiz nada.

Bato as minhas mãos nos joelhos, fico de pé e ela me olha assustada. Eu não vou me aproximar, pois sei que em algum momento eu posso machucar ela, seja segurando o seu braço e apertando, como eu já fiz em outro momento. Enfio as minhas mãos dentro dos bolsos da minha calça, ando na direção das portas que dão acesso ao deque da piscina e penso seriamente como eu vou agir com a Maire, sem ser um filho da puta. Ela já uma mulher, não deveria agir como uma adolescente que está com medo de ser trocada por outra adolescente. Tudo bem, a Stephany é quase uma, é um jovem, mas parece ter mais maturidade do que Maire e Melanie juntas.

— A mensagem foi apagada do meu celular, mas eu fiquei sabendo e pela hora, além do jeito ter sido escrita, não fui eu e sim, você.

— Por que eu?

— Eu pedi para você ir até o meu carro, pegar a mochila e o meu celular.

— E só por isso você acha que foi eu?

— Quem mais teria sido, Maire?

— Eu não vou assumir uma coisa que não foi causada por mim.

— Tudo bem. — Suspiro. — Você até pode não assumir, mas eu sei

que foi você.

— Você está agindo de uma forma errada comigo.

— Tudo bem, Maire. Eu estou com outros problemas, bem mais graves e não vou ficar debatendo isso contigo.

— E está decidido que foi eu. — Ela resmunga incrédula.

— Esqueça esse assunto, já aconteceu e eu consegui resolver com a Stephany.

— Estão juntos? — Ela questiona.

— Não.

— E com a Melanie?

— Também não.

— Que situação estranha entre nós, somos amigos, Eduard.

— Eu sei, mas a minha cabeça está cheia de problemas.

— Tudo bem, então. — Ela murmura e dá um passo para trás. — Se precisar de mim, para qualquer coisa, me ligue.

— Não me esquecerei disso.

Ela sorri, dá mais um passo para trás e para. De repente, anda em minha direção e me abraça brevemente, mesmo que eu não retribuía. Em seguida se afasta, acena e se vai. Respiro fundo dispersando a tensão em mim, volto a olhar para o meu celular – que está no braço na poltrona – e decido não ligar de volta para a Stephany. Seja lá o que ela tenha para falar comigo, ela irá ligar novamente se for preciso. Volto para a cozinha e a Lisa me olha por poucos segundos. Eu não quero que ela fique desse modo comigo, só que eu entendo a sua preocupação e revolta. Jô está cortando batatas, Ada está mexendo uma panela no fogão e a Lisa está temperando o peixe. Durante a tarde, Emily e Turner estiveram aqui, e ocasionou em uma pequena troca de receita entre Dominic e Lisa, consequentemente os dois farão peixe hoje. Lisa irá testar a receita do meu cunhado, e ele irá testar a receita dela.

— Então vai mesmo aceitar os conselhos culinários que o Turner te passou? — Questiono.

— Quando são conselhos bons devemos aceitar, não é mesmo?

Encolho os meus ombros.

— Depende de quais sejam, aliás, depende muito se são bons de verdade.

— Ah, pelo menos ele seguiu o meu conselho, por mais que tenha sido culinário.

Ela está me jogando uma indireta, ou melhor, direta e reta, pois está na minha frente e olha fixamente para mim. Suspiro, apoio novamente os meus braços sobre o balcão e me inclino em sua direção.

— Eu tomei uma decisão ao escolher nos proteger, proteger a todos nós, Lisa.

— Será uma proteção em revelar o nome.

— Não, não será.

— Por que não?

— O peixe grande até pode ir parar atrás das grades, mas o que ficaram aqui fora, que são ligados a ele que não tinha nada a ver com o James, podem causar algo contra nós.

— Eu não acho justo que as coisas tenham que ser assim.

— A vida não é justa. — Toco em sua mão e lhe direciono um pequeno sorriso. — É por proteção a nós e eu não quero o seu desprezo.

— Não é desprezo. — Ela me corrige.

— Tudo bem, então fique tranquila comigo novamente e confie em mim.

— Você tem certeza da sua decisão?

— Sim.

— E o que pode acontecer se você não revelar esse maldito nome?

— O caso vai a julgamento...

— Não! Não, Eduard! — Ela bate as mãos sobre o balcão.

É, ela é muito parecida com a minha mãe e está fazendo o papel de uma em minha vida.

— O julgamento não é direcionado a mim, é as coisas referente ao meu pai. O que for decidido eu terei que pagar...

— Você não vai ser preso! Eu não vou deixar e a sua irmã também.

— Eu não vou ser preso, Achilles já me garantiu isso e será apenas capaz de eu ter que pagar uma multa milionária para as famílias dos lesados.

— Como o Achilles pode garantir isso? — Ela questiona.

— O delegado já me informou a mesma coisa, eu não estou depondo para me livrar de algo, e sim para reafirmar a má índole do James.

— E da onde sairá todo esse dinheiro?

— Venda de propriedades que estão no nome do meu pai.

— Mas são herança sua e de sua irmã.

— Preferimos ficar sem nada a que termos que conviver com o fato de

que o meu pai foi um dos causadores de destruição de famílias e pessoas por aí.

Lisa coloca a mão sobre o peito e respira fundo. Ela é só um pouco mais velha que a minha mãe, e qualquer notícia forte a abala facilmente e isso demonstra muito a sua preocupação por nós, mesmo depois de tudo que já aconteceu dentro dessa casa. Eu ainda não decidi e muito menos pensei em quais possíveis propriedades posso vender para arrecadar o dinheiro suficiente para pagar o possível valor estipulado pelo juiz. Eu já tenho noção que, no dia do julgamento, a família, ou pelo menos um representante de cada pessoa lesada estará presente. Por *sorte*, foram mais ou menos cinquenta pessoas prejudicadas nessas decisões do meu pai e do tal sócio dele. Eu sei que será uma gorda indenização para essas pessoas e se for preciso, eu vendo todas as propriedades e começo a minha vida do zero.

— A senhora Evan não foi chamada para depor? — Lisa me questiona.

— Foi, mas não apareceu e então remarcou para amanhã.

— Eu espero que o depoimento dela reforce a imagem que eles têm do senhor Lewis.

— James. — A corrijo.

— É costume. — Ela encolhe os ombros em sinal de desculpa.

— Entendo. — Lhe direciono um pequeno sorriso e saio novamente da cozinha.

Não apenas a mim que o James afeta mesmo estando morto. Assim que dou o primeiro passo dentro da sala de estar, olho novamente para o meu celular e tento decidir se eu deveria retornar à ligação para a Stephany. Mesmo que eu a tenha afastado por não querer ela no meio desse caos, eu pensei nela em todos os dias que se passaram e desejei me encontrar com ela, mas eu não podia. Eu a magoei ao decidir mantê-la longe, tentei explicar e deixar a situação entre nós numa boa, mas ela simplesmente tomou um entendimento da minha decisão e por mais que eu falasse, não ia fazer diferença. Dou alguns passos lentamente, pego o meu celular e o desbloqueio. Não sei se é certo eu ligar para ela, muito menos se devo. Da última vez que nos falamos ela não foi muito amigável, eu praticamente invadi o seu apartamento e a fiz me ouvir, claro, eu também ouvi tudo que ela tinha a dizer e confesso que me senti mal por magoá-la.

— Eduard... — Ouço *ela* me chamar e eu olho para trás, por cima do meu ombro. —, o seu mal humor já passou?

— Não, Melanie.

— Que saco!

Ela coloca a bolsa sobre a mesa de centro, retira o salto alto e o deixa ao lado do sofá antes de se sentar. Eu desejava ficar sozinho nessa noite, mas eu percebi a preocupação da Emily em todo o tempo em que ela esteve aqui e principalmente quando foi embora. Agora, eu estou bem mais calmo do que no momento que cheguei da delegacia. Esses acontecimentos estão me deixando muito transtornado, então a minha irmã e a Lisa ficam mais preocupadas do que o normal.

— O que você veio fazer aqui? — Questiono.

Guardo o celular em meu bolso e me sento novamente na poltrona.

— Companhia.

— Não era preciso.

— Claro que era, ainda, é.

— Eu prefiro ficar sozinho. — Resmungo.

— Desde quarta-feira eu estou concordando com isso, mas hoje não.

Apenas reviro os meus olhos e aceno concordando com que ela fique aqui.

— Encontrei a Maire enquanto eu cheguei aqui.

— É, ela veio aqui ver como eu estava.

— E?

— E o que? Foi uma situação estranha.

— Você brigou com ela por causa daquela mensagem que ela enviou para a Baker?

— Eu até que queria, mas estou com a cabeça cheia de problemas.

— Amanhã esse inferno acaba.

— Assim eu desejo. — Murmuro. — Mas depois o inferno volta, já que terá o julgamento.

— Nada de ruim vai acontecer, Ed.

— Eu tento acreditar nisso, mas é difícil.

Ela não fala nada, apenas se senta em meu colo, deita a cabeça no meu ombro e me abraça. Eu passo os meus braços por sua cintura e aperto o seu corpo contra o meu. Apesar de tudo, Melanie sempre continua ao meu lado. Sempre me apoiando e tentando mostrar o lado bom das coisas. Eu sei que, se eu permitisse a Stephany faria a mesma coisa, agiria do mesmo jeito, mas ela não me conhece de verdade, não conhece o meu demônio interior e então

para não acabar com todas as possíveis possibilidades entre nós, eu preferi afastá-la e fazer com que, ela nunca conheça quem eu sou de verdade. Ou melhor, quem eu já fui e isso é algo que não deve voltar a acontecer. Ouço a Melanie me informar que vai ir dar um oi a Lisa e em seguida ela sai da sala de estar. Analisar tudo o que está acontecendo, principalmente no jeito que as mulheres da minha vida estão agindo me faz pensar muito na minha mãe. Se ela estivesse aqui, iria me obrigar a contar, ou melhor, a soletrar o nome do sócio.

— Emily, eu já lhe questionei e ainda não obtive resposta. — Minha mãe murmurou chateada.

Ela queria saber algo da minha irmã, aliás, exigia saber, só que a Emily não contou, pois eu estava por perto.

— Depois conversamos, mãe. — Emily pediu.

— Eduard! — Minha mãe sorriu assim que notou a minha presença. — Estou sentindo falta da Melanie, a minha parceira de compras e a minha companheira do dia a dia.

Engoli em seco o nó que se formou em minha garganta e tentei não transparecer que eu estava extremamente afetado pelo meu término com a Melanie.

— Ela precisa ir para Nova Iorque.

— Você poderia ter ido junto se... o seu pai não fosse o James. — Ela murmurou.

— A senhora acabou de resumir tudo.

— Foi por causa do seu pai?

Não respondi e nem esbocei reação, mesmo que ela já soubesse a resposta. A minha mãe sabia e via o quanto eu era apaixonado pela minha namorada, sabia que eu sempre movia céus e terras para estar com a Melanie, além de protegê-la da irá do meu pai, então o término era uma forma de proteção também. Sou trago de volta para a realidade quando a Melanie volta para a sala de estar e se senta no sofá.

— Já tem noção do valor da indenização?

— Achilles ficou de me ligar. Ele já está em contato com algumas pessoas lesadas para entrar num acordo.

— Será milionária.

— Ao extremo.

Melanie acena concordando ombros e fica com o olhar longe,

pensativa. Eu sei que ela sente falta da minha mãe, elas eram muito amigas e quando o assassinato aconteceu, eu recebi uma ligação da minha ex-namorada, mas não atendi, pois eu não saberia lidar com aquela situação tão dolorosa. Eu sabia que ela estava chorando muito, querendo estar comigo, mas eu sabia que, se eu vacilasse em algum momento durante a ligação, ela não pensaria duas vezes em voltar para cá, só que assim, eu a colocaria em risco novamente a fazendo estar cara a cara com o meu pai e depois eu teria que lidar com a sua ira.

— Tem uma coisa que eu não te contei. — Melanie comenta.

— O que? — Questiono desconfiado do que possa ser.

— Todas as vezes que eu vim para cá, para Los Angeles, eu... — Ela desvia o olhar do meu e fica cutucando uma unha na outra. —, visitei a sua mãe.

— Como assim?

Fico confuso com a sua informação e ela suspira.

— Visitei o túmulo da sua mãe.

Sinto a minha garganta se fechar e os meus olhos ficarem marejados. Eu estou sentindo muita falta da minha mãe nessa semana, é um nível bem maior do que eu já senti em qualquer outro momento.

— Ela gostava muito de você.

— E eu dela. A sua mãe era uma grande amiga. — A sua voz está embargada e um pequeno sorriso triste domina os seus lábios. — Só que, dessa vez que eu vim para cá, eu não fui lá...

— Desde quando ela morreu, eu fui lá apenas uma vez e nem fiquei dois minutos. Não levei nem se que uma flor, ou uma rosa. Me senti mal. — Confesso.

— Por quê?

— Eu não sei explicar, Melanie.

— Nós poderíamos ir juntos. — Ela sugere.

— Eu não sei, Melanie. — Maneio a cabeça para os lados.

— Pense e se você quiser, eu vou contigo.

Aceno concordando, ela sorri e a Lisa chama a nossa atenção ao avisar que o jantar já está servido. Melanie e eu seguimos para a sala de jantar, Lisa faz questão de nos servir e eu peço para que ela nos faça companhia ao jantar conosco. Por mais que ela não goste, ela decide aceitar o meu pedido e se senta conosco. Melanie comenta sobre os poucos dias que ficou em Nova

Porque, ela conseguiu fazer duas campanhas fotográficas, mas não cita nada sobre o seu agente. Aquele dia, que eu lhe presenteie com o colar, não imaginava que iria encontrar o Denner lá e muito menos tive a intenção de lhe provocar. Não quero ter um novo relacionamento com a Melanie, apesar de gostar bastante dela, mas ao terminar com ela naquela época era mais que necessário. De início eu não achava certo ter que agir de uma forma ruim no meio do meu relacionamento, ter que terminar com algo por causa de terceiros, só ao passar dos dias e de diversos acontecimentos eu comecei entender. Eu entendi que amar é deixar ir, e se fosse para ser meu, ia voltar, ambos mais maduro e num momento certo, sem empecilhos e sem problemas com terceiros.

Às vezes a gente precisa colocar uma vírgula, pra não pôr um ponto final. E eu coloquei uma virgula entre Melanie e eu, mas também coloquei um ponto final, só que esse ponto é num relacionamento mais profundo, mais sério, um namoro ou qualquer outra coisa a mais que isso. A gente se relaciona ultimamente, aliás, a gente se beija, a gente tem relação sexual e é apenas isso. Só que, eu agi de uma forma parecida com a Baker. Coloquei apenas uma virgula entre nós, para que, o tão esperado – por ela – nós... aconteça num momento adequado. Num momento que eu não esteja mais lidando com o caos, com o inferno que o meu pai deixou.

O novo gera medo, e o medo às vezes é um grande empecilho. O novo – esse possível romance com a Stephany – surgiu carregado de medo, temor, mas eu já passei tanta coisa em minha vida que eu decidi não ser covarde diante disso. Tudo bem, que eu não aceitei de início o sentimento que estava nutrindo por ela. Só que, tudo ao redor que era, aliás, ainda é ligado ao medo, nos impulsiona, e a covardia nos barra. Então é melhor ser medroso a que ser covarde. Sei que muitos olhando por fora devem dizer que eu fui covarde em não querer e não deixar a Stephany se envolver no meio desse caos que é a minha vida, mas não foi bem assim. Eu agi protegendo-a, a livrando de dias difícil e arriscados ao estar comigo. Eu sei o quanto ruim eu posso ser quando estou transtornado, então a afastando é dando um possível futuro entre nós.

O jantar se encerra, Melanie ajuda a Lisa a retirar a mesa e eu decido subir para o segundo andar. Me sento no sofá, estico as minhas pernas em direção a mesa de centro e cruzo os meus braços em frente ao corpo. Eu tinha contado para a Emily sobre como eu agi no dia que fui até o túmulo da minha mãe e ela avisou que iríamos lá, juntos, mas dias se passaram e ela

simplesmente não me disse nada. Sei que o seu dia a dia andar corrido, ela tem que cuidar do Andrew e organizar a nova administração do Fight. Não posso culpá-la, aliás, nem estou fazendo isso. Às vezes sinto falta dela, mas sei que ela precisa ficar mais tempo com a família. Sinto o meu celular vibrar, o pego em meu bolso e fico apreensivo ao ler o nome do Achilles no visor. Ele não costuma me ligar depois do final da tarde, e então para isso estar acontecendo agora, é porque algo aconteceu.

— Aconteceu alguma coisa, não é mesmo? — Questiono assim que atendo.

— Eu preciso conversar com você e com a sua irmã ainda hoje.

— Podemos nos encontrar aqui... aliás, no apartamento dela.

Já está noite, então é melhor eu ir até lá, do que fazê-la se deslocar até aqui, ainda mais com o Andrew.

— Tudo bem. — Ele concorda. — Me manda o endereço por mensagem.

Concordo, encerro a ligação e envio o endereço para ele. Vou para o meu quarto, calço o tênis e pego uma blusa, pois a noite está fria. Saio do meu quarto, desço praticamente correndo a escada e procuro pela Melanie. Eu vou levá-la comigo, ela prestou depoimento, então deve estar a par do que aconteceu, já que cismaram de envolvê-la nesse inferno.

— Melanie... — A encontro na cozinha comendo um bombom e conversando com a Lisa. —, temos que ir ao apartamento da Emily.

— O que aconteceu? — Lisa me questiona.

— Achilles quer conversar conosco então eu achei melhor marcar lá, por ser melhor para a minha não ter que se deslocar junto com o Andrew.

— Bem pensado.

Aperto gentilmente o seu ombro, vou na direção da garagem e pego a chave da Lamborghini. Quero chegar logo no apartamento da minha irmã... Putz! Eu decidi as coisas, mas não avisei ela. Entro no meu carro e enquanto aguardo a Melanie, eu digito o número da Emily.

— Oi, Ed.

Percebo o seu sorriso através do seu modo de falar.

— Oi. Eu estou indo até aí, porque o Achilles quer conversar conosco.

— O que aconteceu? — Ela questiona.

— Eu ainda não sei.

— Espero que não seja nada demais.

Solto um longo suspiro.

— Já, já eu estou aí.

— Venha com cuidado.

Encerro a ligação no mesmo segundo que a Melanie entra no meu carro e eu acelero saindo da mansão. A apreensão ainda é presente em mim, não tenho a menor ideia do que pode ter acontecido nesse curto período que eu saí da delegacia. Sinto a Melanie tocar em meu braço, eu olho para ela e ela me direciona um pequeno sorriso. Ela me conhece, sabe exatamente como estou me sentindo. Assim que eu estaciono o meu carro em frente ao prédio da Emily, é impossível não pensar nem que seja por um segundo na Stephany. Há dias eu não vinha aqui, a última vez que vim foi no dia que eu invadi o seu apartamento e ela não teve muita reação de início. Por alguns segundos eu quis rir, ao ver ela com a toalha na cabeça e com um creme fácil, mas eu sabia que isso a irritaria muito mais.

— Vamos subir? — Melanie me questiona.

— Prefiro esperar o Achilles.

E em falar nele, vejo o seu carro estacionar bem atrás do meu e eu olho para trás pelo retrovisor. Tem um Audi Q3 estacionado bem atrás e eu nem preciso pensar muito para saber de quem é. Desço do meu carro, cumprimento o Achilles e em seguida ele cumprimenta a Melanie. Eu olho para a porta do prédio e paro de andar quando eu vejo três pessoas passando por ela; Turner, Baker e Brown. Respiro fundo e volto a andar. Melanie está ao meu lado direito, Achilles ao meu lado esquerdo e *eles* olham para nós.

— A sua irmã está louca de ansiedade lá em cima. — Dominic me informa e em seguida aperta a mão do Achilles.

— Eu achei melhor avisar do que chegar aqui de surpresa.

— Foi melhor mesmo.

Ele arqueia uma sobrancelha e olha para o amante, antes de voltar a sua atenção para mim. Apenas aceno na direção do Oliver, ele acena de volta e eu flagro o Jensen olhando para a Melanie.

— Vem, vamos subir.

Passo o meu braço por sua cintura, entramos no prédio. Não consigo ficar muito tempo perto do amante sem desejar voar em seu pescoço e o estrangular entre as minhas mãos. Adentramos no elevador, ouço o Turner me pedir para segurar e ele adentra na pequena caixa de metal junto com o cunhado. A cada segundo a mais que eu fico aqui, a Stephany começa a se

fazer presente em minha mente. Ela me ligou e desligou, e eu não sei o porquê. Oliver me encara, em seguida olha para a Melanie e volta a olhar para mim. Eu entendi muito bem o que deve estar se passando em sua mente e eu espero que ele não abra a boca para falar alguma coisa para a Stephany.

— Vai ir para o Fight? — Dominic pergunta ao amigo.

— Não. Eu vou ir buscar a Penélope na emissora e levá-la num lugar.

— Vai deixar as suas irmãs sozinhas? — Turner questiona irônico.

— Elas são grandinhas o suficiente para passarem a noite sozinhas. — Oliver murmura. — E não venha falar sobre como eu sou com as minhas irmãs, você era pior com a Pen.

Turner revira os olhos, enfim saímos do elevador e eu me afasto da Melanie. Em segundos entramos no apartamento e eu sorrio ao ver a minha irmã. Ela está com o Andrew em seus braços, o balançando na intenção de fazê-lo dormir, então entramos silenciosamente. Achilles se senta no sofá, eu me aproximo da minha irmã e a Melanie me acompanha. Ela sorri olhando para o meu sobrinho e deita suavemente a cabeça no meu ombro.

— Ele é lindo, Emily. — Ela sussurra.

— Então você está elogiando o meu namorado, pois o Andrew é a cara do Dom. — Emily sussurra irônica.

Melanie sorri sem graça, se afasta e se senta no sofá. Eu dou um beijo no topo da cabeça da minha irmã, ela deita a cabeça em meu peito por pouco segundos e em seguida se afasta ao voltar a ninar o filho. Eu vou até a janela, me sento sobre a borda e aguardamos pacientemente. Dominic adentra no apartamento, se apressa para pegar o filho nos braços e vai para o quarto com ele. Emily solta um longo suspiro, balança os braços, que com certeza devem estar um pouco cansados, pois Andrew é um bebê pesado.

— O amante estava aqui?

— Não, graças a Deus. — Ela levanta as mãos e se senta no sofá. — Eles estavam no apartamento do Oliver.

— Stephany mora bem aqui na frente? — Melanie questiona e olha para mim.

— Não viemos aqui para eu ter que lidar com piadinhas.

— Sim, ela mora aqui na frente. — Emily responde.

Ela se remexe inquieta e boceja cansada.

— Então, Achilles, o que você quer falar conosco.

— Eu estava na delegacia até agora, praticamente. — Ele nos informa.

— Por quê? O que aconteceu? Aliás, o que está acontecendo?

— O depoimento da senhorita Thompson ajudou muito a encaixar algumas coisas que vocês dois... — Ele aponta para mim e em seguida para a Emily. —, além de reforçar algumas coisas.

— E o que mais?

Ele se inclina suavemente para frente, apoia os braços nos joelhos e nos encara com muita atenção.

— A senhora Evan apareceu de repente na delegacia e prestou o depoimento, tão esperado.

— O que aquela vaca disse? — Emily questiona.

— Emily, ela simplesmente livrou vocês de qualquer possível indiciamento.

— Como assim? — Questiono.

— Ela contou coisas que nem se quer vocês citaram, coisas que apenas ela viu, ou teve acesso.

— Que coisas são essas?

— Eu não sei, Eduard.

— Como não? — Questiono irado e saio da janela.

— Abaixе o tom, Eduard. — Emily me repreende. — Andrew está dormindo.

— Me desculpe. — Peço e volto a me sentar.

— Eu não tive acesso ao depoimento, o delegado apenas me passou essas e mais algumas informações.

— Quais mais?

— Eles estão sabendo que o James deixou uma carta para você, assim como deixou para a Emily, que foi mostrada publicamente, só que a sua, ninguém teve acesso e a Quinn afirma que essa carta irá ajudar muito.

— Ela não pode afirmar isso.

— Mas você pode.

— Nem eu posso. — Declaro.

— Por que não? — Ele questiona confuso.

— Eu não li a bendita carta.

— Quinn afirmou que irá ajudar, e então será necessário que você a entregue como prova.

— Eu não sei.

— Como não, Eduard? — Emily questiona. — Você acha que nessa

carta possa ter o nome do sócio?

— Tudo é possível. — Lembro-a. — Nessa carta pode ter um livramento ou uma condenação.

— É preciso arriscar. — Achilles declara.

— Eu já sei o que você pode fazer. — Melanie informa chamando a nossa atenção. — Você lê e decide. Se for um livramento você usa como prova para te ajudar, se for uma condenação, você queima a carta e fala que ela nunca existiu.

— Isso não é o certo a se fazer. — Achilles a repreende.

— É minha carta, eu que decido o que devo fazer. — Resmungo. — Se eu quiser queimá-la sem ler, eu faço.

— Não! — Os três exclamam juntos.

— Repito, a carta é minha.

— Você não pode fazer isso, Eduard! O delegado já tem o conhecimento que essa carta existe, você não pode sumir com ela dessa forma. Ele a quer como prova e eu concordo.

Maneio a cabeça para os lados e penso seriamente no que devo fazer. Por mim, eu jamais leria aquela maldita carta, mas agora sabendo que a Quinn informou que irá me ajudar, me faz ter um por cento de vontade de lê-la, mas... Não! Eu não vou ler.

— Algo mais, Achilles? — Questiono.

— Devemos esperar a sentença do juiz quando ocorrer o julgamento, mas pelas informações que me deram, vocês, Emily e Eduard serão indenizados.

— Pelo o que? — Minha irmã questiona.

— Vocês também foram vítimas, assim como aquelas pessoas lesadas pelo tráfico.

— Isso está confuso. — Resmungo. — Primeiro, eu podia ser acusado de participação nas ilegalidades do James, depois eu podia responder pelas ilegalidades e agora isso, se tornar uma vítima e ser indenizado? É uma oscilação gigantesca e muito duvidosa.

— O depoimento da senhora Evan mudou tudo, Eduard. O carrossel girou e as posições mudaram nessa história.

— Não! Isso é quase impossível.

— Não é e foi exatamente isso o que aconteceu.

É difícil, muito difícil de acreditar.

— Até que dia o Eduard tem para apresentar essa carta? — Emily questiona.

— Amanhã, às dez. — Achilles responde e fica de pé. — Eu tenho que ir, ainda tenho muitas coisas a fazer em prol a vocês.

Emily se levanta para acompanhá-lo até a porta, mas ele vem em minha direção e aperta o meu ombro. Apesar de ser o meu advogado, estar sendo extremamente muito bem pago para exercer o seu trabalho com excelência, ele está sendo bem mais que isso, ele está se compadecendo conosco, além de estar tendo empatia.

— Amanhã, às dez eu te encontro na delegacia. — Declaro.

— Dará tudo certo. Leia a carta e independente do que esteja nela, você está praticamente livre.

— Estar livre e praticamente são duas coisas bem diferentes.

— Confie em mim, Eduard.

Bato em seu ombro e ele sorri suavemente.

— Você pode me fazer um favor? — Questiono.

— Se estiver ao meu alcance... — Ele dá de ombros.

Saio da janela e olho para a Melanie. Trouxe ela, porque não a queria deixar sozinha em casa, mas agora preciso ficar a sós com a minha irmã e como o Achilles mora perto da mansão, eu quero que ela vá embora com ele.

— Você se importa em ir embora agora com o Achilles? — Questiono-a.

— Está tudo bem, Ed. — Ela concorda.

— Em breve eu vou estar lá.

Ela apenas acena, se levanta e se despede da minha irmã.

— Obrigado, Achilles.

— Tenha a sua vida de volta, tenha uma vida normal, pois nada vai te acontecer.

Ele bate em meu ombro, reafirma sobre amanhã e se vai com a Melanie. Assim que a porta se fecha, eu caio sentado no sofá e respiro fundo. Apoio os meus cotovelos nos joelhos e escondo o meu rosto entre as minhas mãos. Por que sempre tem que acontecer surpresas?! Eu necessito saber o que a Quinn disse nesse maldito depoimento. E o principal, o porquê da demora dele acontecer e quando aconteceu, foi quando ninguém esperava? Muitas questões e nenhuma resposta. Sinto a Emily se sentar ao meu lado, ela entrelaça o seu braço no meu e deita a cabeça em meu ombro.

— Que pai maldito! — Resmungo baixinho.

Eu queria gritar a pleno pulmões, extravasar toda a minha irá, mas não posso. Tenho que me conter.

— Essa carta será livramento, Ed. Por mais que eu odeie aquela vaca da Quinn, ela não iria agir de má fé contigo, pois vocês sempre se deram bem.

— Eu não consigo acreditar, não depois de tudo, que o James deixaria uma carta de livramento para mim.

— Se ele deixou um livramento para o Dom, por que não deixaria para você?

— Porque eu sou tão maldito e fodido quanto ele.

— Não! Você não é, Ed.

Os seus braços me apertam, tentando me dar conforto e segurança, mas eu não sinto nada disso. Eu estou chegando ao meu limite com tudo isso, estou cansado de toda essa situação e caos. Eu quero pelo menos um dia, um único dia em paz. Sem estresse, sem problemas do passado e sem ter que lidar com as merdas do James.

— Eu não tenho um minuto de paz. — Sussurro.

— Paz é uma palavra que não existe na vida de ninguém. As pessoas sempre estão passando por algum tipo de inferno e então também desejam ter um minuto de paz.

— Eu sempre estou vivendo um inferno, desde a minha adolescência, aliás, desde quando eu comecei a entender as coisas.

— Eu concordo com o Achilles.

— Sobre o que? — A encaro.

— Você deveria voltar a ter uma vida normal, fazer o que quer...

— Eu nunca tive uma vida normal, então eu não sei como é ter uma.

— Eu também não, mas estou tentando entender como é.

— Não sei como posso fazer isso.

Emily sorri e se afasta levemente.

— Talvez pudesse começar a se entender com a Stephany.

Sem que eu queira, o canto da minha boca se curva num sorriso e eu maneo a cabeça para os lados.

— Ela me ligou hoje.

— E?

— E nada. Antes que eu pudesse atender, ela desligou.

— Você ligou de volta?

— Não.

— Homens! — Ela resmunga. — Você deveria ter ligado.

Arqueio uma sobrancelha e ela revira os olhos.

— As coisas não são tão fáceis assim.

— Stephany está chateada, mas sabendo conversar, isso vai passar e vocês vão se entender.

— Emily, eu nunca te contei sobre ela, me refiro a se aconteceu alguma coisa entre nós.

— Nem era preciso me dizer alguma coisa, Ed.

Fico sem saber o que falar e ela arqueia uma sobrancelha como se dissesse: Eu sei de tudo, irmãozinho. Me levanto do sofá, vou até a cozinha e bebo um pouco de água. Essa é o apartamento da minha irmã também, então eu posso me sentir à vontade, como ela já me disse outras vezes. Só que, é raro eu me sentir assim. Quando o Turner está por perto, eu fico na minha e tento ser amigável. Por mais que, eu tente pensar em qualquer outra coisa, a imagem da Stephany fica rondando em minha mente, e eu acabo cedendo. Por ela, eu quero acreditar que a carta vai me livrar. Por ela, eu quero acertar as pendências que temos. Me lembro que o Oliver ia sair e passar a noite fora. Só que, eu não sei se é certo eu fazê-la agir pelas costas do irmão. Eu me encosto no balcão e encaro a minha irmã.

— Talvez eu devesse acreditar que a carta me livre, mas é pouco provável.

— Por quê?

— Porque o nosso pai era o James.

— É... — Ela sussurra pensativa.

— Eu deveria ir conversar com a Quinn...

— Eu te quero longe daquela vaca!

— Eu preciso conversar com ela.

— Mas não é aconselhável, você ainda vai depor amanhã e então não deve ter contato com ela antes disso.

— Tudo bem. — Suspiro.

Dois toques na porta chamam a nossa atenção, em seguida se abre e o Oliver entra. Ele olha rapidamente para mim e prende a sua atenção na minha irmã.

— Cadê o Dom? — Ele questiona.

— Está no quarto cuidando do Andrew. — Emily responde.

— Me faz um favor? — Ele pede a fazendo assentir. — Eu vou voltar lá para as duas da manhã, talvez, e avisei as meninas que qualquer coisa elas podem vir até aqui ou ligar para vocês.

— Tudo bem, Oli. Se elas quiserem podem vir para cá.

— Elas preferem ficar lá. — Ele declara. — Ayla já está dormindo e a Stephany ainda não.

— Daqui a pouco eu dou uma passada lá.

Talvez eu também vá, mas ele não deve saber. Quero muito ver e conversar com a Baker. Além, de me entender com ela e entender também o que pode acontecer entre nós.

— Obrigado. — Ele agradece.

— Tenha uma ótima noite. — Ela deseja.

— Com certeza, teremos.

Enfim ele sai do apartamento, eu reviro os olhos e a minha irmã me repreende. Ele não é uma má pessoa, só não gosta de mim por tudo que eu já fiz contra a minha irmã. Tudo bem, quando eu conheci ele e os demais há anos, eu não fui muito amigável com eles e então não tenho o que achar ruim.

— Eu quero apenas uma opinião objetiva e sem questionamentos.

— Diga, Eduard.

— Eu deveria ir conversar com a Stephany?

— É o seu maior desejo?

Suspiro irritado e ela revira os olhos mais uma vez.

— Opinião objetiva!

— Sim, Eduard. — Ela responde. — E como eu sou uma boa irmã, eu vou te ajudar.

— Eu não pedi ajuda.

— Grosso. — Ela resmunga.

A minha boca fica numa linha reta, Emily se levanta e bate as mãos na cintura. Em seguida vai para o quarto, eu fico na sala sem reação alguma e acabo me lembrando da Melanie. Eu a mandei para casa e agora estou querendo ir atrás da Stephany. Não, isso não é certo. Enfio as mãos nos bolsos da minha calça, caminho na direção da porta e espero a Emily aparecer. Eu vou para casa isso sim, e amanhã, dependendo do que acontecer na delegacia, eu venho falar com ela. Aliás, não venho, não, eu marco em algum lugar para a gente conversar. Assim que a minha irmã volta para a sala de estar, ela me encara de forma questionadora e coloca as mãos na cintura.

— Eu não posso, não hoje.

— Covarde.

— Não, eu não sou, Emily. — Resmungo. — Eu quero conversar com ela após resolver tudo. Se for para eu voltar a dar esperanças a ela, quero fazer da forma certa.

— Você sabe o que é melhor para si mesmo, apesar de fazer algumas escolhas e não conseguimos entender.

Dou um beijo no topo da sua cabeça, ela abre a porta e eu saio. Emily me lembra sobre amanhã cedo e franzo o meu cenho quando ela olha fixamente para trás de mim. Eu olho na mesma direção, observo o Oliver saindo do seu apartamento e a Stephany está bem atrás dele. O seu olhar encontra o meu, em seguida desvia e volta a sua atenção para o irmão. Ele dá alguns recados a ela, se despede e olha para mim antes de ir rumo as escadas de emergência. Eu volto a olhar para a Baker, ela comprime os lábios e pisca algumas vezes.

— Stephany! — Emily exclama ao chamar a atenção dela e bate suavemente o cotovelo em minha costela.

— Oi. — Ela sussurra e volta a olhar para mim.

Eu sei que ela quer dizer algo, mas tem receio do modo que eu possa agir com ela.

— Oi, Stephany.

— *Hum...* oi.

Ela abraça o próprio corpo, dá um passo para trás e se remexe inquieta. Eu sinto o meu interior quente, meu coração mais acelerado e feliz por estar a vendo. Sinto vontade de tocá-la, de a gente ter uma boa conversa e definitiva, mas infelizmente isso não pode acontecer agora. Emily acena para nós, entra e fecha a porta. Eu maneo a cabeça para os lados por causa da sua atitude e dou apenas dois passos para me aproximar mais um pouco da Stephany.

— Você me ligou hoje. — Comento.

— Foi... sem querer. — Ela resmunga.

Não consigo acreditar nessa desculpa, e então apenas aceno, fingindo que acredito nessa mentira.

— Eu quero muito conversar contigo, mas não posso fazer isso agora.

— Tem algo mais importante do que a nossa conversa, algo que vem em primeiro lugar.

— Não é bem assim.

— Tudo bem, Eduard. — Ele dá de ombros.

— Podemos conversar amanhã?

— Se você puder, poderemos sim.

Estico o meu braço na intenção de retirar a pequena mecha de cabelo que caiu sobre o seu rosto, mas desisto ao abaixar o braço. Ela dá um passo para trás e puxa a porta. Lhe desejo boa noite, sigo para as escadas de emergência e desço rapidamente. Saio do prédio, logo entro no meu carro e eu deito a cabeça no volante. Eu estou me senti muito pressionado, e impossibilitado de agir como devo. O que a minha irmã falou é verdade, as pessoas sempre estão passando por algum tipo de inferno e desejam ter um minuto de paz. Só que eu, desde que me entendo por gente, passo por infernos, então desejar a paz e conquistá-la, será como ganhar o pote de ouro que existe no final do arco-íris.

[...]

— Tomou uma decisão? — Melanie me questiona.

Ela ainda está aqui na mansão e como eu a conheço muito bem, sei que irá passar a noite por aqui mesmo. Além disso, ela está se referindo se eu vou ler a carta que o James deixou.

— Não.

Mordo o ultimo pedaço da maçã e jogo o restante no lixo. Lavo as minhas mãos na pia da cozinha mesmo, seco no pano de prato e encaro a Melanie. Ela veio atrás de mim assim que ouvi que eu tinha chegado e por auxílio dos céus, ela não fez nenhuma pergunta referente o porquê de eu ter ficado mais um tempo no apartamento da minha irmã. Eu precisei ficar um tempo com a Emily, tentar entender essa situação toda. O que menos esperávamos era sermos *definidos* como vítimas do James também.

— Pelo o que o Achilles falou, vocês não têm o que se preocupar em pagar alguma indenização. — Melanie comenta.

— Eu não esperava isso.

— Foi um pouco surpreendente, mas não tem problema nem um em vocês também serem considerados como vítimas.

— Não mesmo, mas... — Esfrego a minha testa. —, eu não consigo entender o porquê dessa mudança repentina.

— Quinn falou alguma coisa que fez a situação mudar, Achilles nos informou isso.

— Esse é o porquê não entendo. Não sei o que a Quinn poderia ter falado.

Melanie dá de ombros, dá a volta no balcão e vai até a geladeira. Retira de lá um potinho de musse de chocolate, com cobertura do mesmo sabor e sorri como se aquilo fosse a coisa mais esperada. Enquanto leva generosas colheradas até a sua boca, ela me faz algumas perguntas sobre o Achilles. De início fico surpreso, pois são perguntas inesperadas. Eu respondo todas que estão ao meu alcance e a percebo ficar animada quando eu lhe informo que ele está solteiro. Achilles é apenas sete anos mais velho que nós, e é um homem que marca a presença por aonde passa.

— E a Stephany? — Melanie questiona de repente.

— Amanhã eu vou conversar com ela.

— Espero que dê certo essa conversa.

— E se você quiser, eu posso conversar com o Achilles. Saber se ele tem algum interesse em você.

— Não estou com interesse nele, Eduard! Fiz apenas algumas perguntas, pois estava curiosa.

— Então tá bom, Melanie. — Ironizo e ela ri.

— O que vamos fazer agora? — Ela questiona.

Eu olho no relógio em meu pulso percebo que já são quase meia noite. Eu demorei a voltar, pois fiquei um longo tempo dentro do meu carro apenas esvaziando a minha mente e depois voltei para cá lentamente. Se eu vim a cinquenta milhas por hora foi muito. E assim que eu entrei aqui na mansão, eu vim para a cozinha e tentei não pensar no meu pai.

— Você pode ir dormir se quiser.

— Não estou com sono.

— E quer fazer o que, então? Não tem nada para fazer aqui nessa casa.

Ela dá de ombros e olha para a área externa da casa. Uma fina garoa está caindo, a temperatura está cada vez mais baixa e eu tenho certeza de que uma frente fria está vindo para estragar os meus planos. Eu estava desejando ir para a casa de Malibu no domingo e ficar o dia todo lá, assim eu conseguiria esfriar totalmente a cabeça, já que lá não me traz nenhuma lembrança ruim, só boas relacionadas a minha mãe. Tenho outra coisa a pensar também além de ler a carta, decidir se eu vou até o túmulo da minha

mãe na companhia da Melanie. Decido subir para o meu quarto, ouço a Melanie andar bem atrás de mim e eu não reclamo. Ela sempre está comigo, nos piores e melhores momentos. Eu caio de costas sobre o colchão, Melanie se senta na poltrona perto da varanda e apoia os pés em minha cama.

— O bebê da Emily é muito fofo. — Ela comenta.

— E infelizmente é a cara do Turner.

— Não é tão ruim assim. — Ela resmunga debochada.

— Eu acho péssimo.

— Como foi ter que lidar com a gravidez dela enquanto vocês se escondiam?

— Complicado, mas eu estava disposto a enfrentar tudo e todos para proteger os dois.

— E conseguiu.

— Por mais que ela esteja criando uma família com o Turner, eu sempre vou estar disposto a proteger eles e cuidar.

— Você é um irmão maravilhoso.

— Não sou. Eu já fiz muito mal a Emily.

— Fez, mas mudou. Você escolheu ser melhor por ela.

— Talvez. — Murmuro.

— Para de murmurar e se colocar para baixo.

— Estou sendo realista.

— A carta vai te ajudar nesses depoimentos, Ed.

— Não vai. — Resmungo.

— Por que não?

— James era o meu pai e ele nunca fez nada de bom para mim em vida, então não faria depois de morto.

— Só lendo a carta para saber.

— Você está curiosa, por isso está dizendo essas coisas, tentando me convencer a ler.

— Estou tentando te ajudar.

— Eu não vou ler aquela maldita carta.

Melanie levanta as mãos em sinal de redenção, estica os braços sobre a cabeça e se espreguiça. Observo cada movimento seu, os meus olhos passeiam por seu corpo e eu sorrio suavemente. Ela sempre foi boa para mim, como amiga e como mulher. Sempre soubemos nos entender, fosse por conversa ou na cama. Independente se estávamos juntos ou não. E talvez seja

por isso que sempre nos demos muito bem. Ela abre os braços, ao esticar eles e o seu decote abre mais um pouco. Apesar de ela estar usando uma camisa de seda, deixando um belo decote a mostra e parte de sua barriga, não me faz desejá-la como antes, como no passado. O seu olhar encontra o meu, ela se levanta da poltrona e anda em minha direção. Em seguida se inclina sobre mim, na cama e dá um beijo no meu ombro.

— Eu sei que você odeia, mas eu vou lá embaixo tomar uma taça de vinho.

— Não volte para cá com cheiro de bebida. — Ordeno.

— Sim, senhor Lewis.

Ela fica ereta, bate continência e sai do meu quarto. Essa Melanie nem se quer parece ser a mesma que há alguns dias jogou uma jarra de suco na minha hóspede, mas pelo menos no dia seguinte elas já estavam se dando bem. Foi um pequeno atrito muito perigoso e imaturo. Decido ir tomar banho e tentar esfriar mais um pouco a minha mente. Pulo para fora da cama, entro no banheiro e jogo a minha roupa no cesto para lavar. Me enfio debaixo do chuveiro, a água quente cai sobre mim e sinto os músculos dos meus ombros doloridos. A partir do momento que eu for devidamente, cem por cento, liberado de qualquer dever sobre o passado e ilegalidades do meu pai, eu irei atrás das coisas da minha vida. Preciso voltar a estudar, me cuidar, mentalmente e fisicamente e tentar compreender o futuro da minha vida amorosa.

Gosto muito da Stephany, mas eu não sei se pode ser certo em a gente se envolver. Eu a magoei, e por mais que ela aceite a conversar comigo, não quer dizer que está tudo bem entre nós. Ainda posso estar um pouco relutante em aceitar esse sentimento por ela, mas é apenas por tudo que eu já passei. Seco o meu cabelo assim que acabo o banho, enrolo a toalha na cintura e saio do banheiro. Melanie ainda não voltou e então eu penso seriamente em tudo aproveitando o silêncio. Vou até o closet, visto apenas um moletom e saio do meu quarto em seguida. Ando calmamente pelo corredor, vou até a suíte principal e respiro fundo antes de entrar nesse maldito quarto.

Não existe mais nada aqui referente ao James, mas é impossível não sentir a sua presença. Eu vou até o closet vazio, digito o número do cofre e o abro. Tem muitos documentos aqui, dinheiro e coisas importantes, mas só uma me importa nesse momento. Pego a folha clara que está dobrada ao meio, a coloco no bolso da minha calça e saio do quarto. Volto a respirar

assim que estou no corredor, vejo a Melanie subindo a escada e então eu ando rapidamente na direção do meu quarto. Antes que eu possa me sentar na cama, Melanie praticamente invade o quarto e me olha de cima a baixo.

— Estava no banho?

— Sim, por quê? — Questiono.

— Foi atoa, pois estou com uma coisa em mente que lhe fará suar.

— Melanie... — Rio suavemente.

— É só sexo!

— Eu vou conversar com a Baker amanhã.

— E o que isso tem a ver? Vocês não têm nada. Absolutamente nada e então não existe nem um problema em a gente transar.

Coço a minha nuca, ela se senta no meu colo e apoia as mãos em meus ombros.

— Melanie...

— Sexo, apenas puro sexo carnal.

A sua cintura bate contra a minha e eu coloco as minhas mãos na sua bunda.

— Você sabe que eu não vou te negar.

— Então...

Ela arqueia a sobancelha e antes que eu possa falar algo, a sua boca se choca contra a minha. A seguro pela cintura, giro os nossos corpos e a coloco deitada na cama. Enquanto nos beijamos, eu abro os botões da sua camisa e a deixo apenas de sutiã. Arrasto a minha boca por seu pescoço, desço para a sua clavícula e mordo os seus seios. Me sento entre as suas pernas, abro o botão da calça e enfio a mão dentro da peça. Toco em sua calcinha lisa, empurro a peça para baixo e toco em sua boceta. Melanie geme baixinho e mexe a cintura contra a minha mão. Enfio dois dedos em seu canal encharcado, enfio a minha outra mão dentro do seu sutiã e brinco com o seu seio. Em menos de um minuto já estamos completamente nus, eu já estou deitado na cama e a Melanie está sentando-se sobre mim. A sua intimidade engole o meu membro e ela geme alto.

Eu juro que, essa é a última vez que eu transo com a Melanie, caso eu me acerte com a Stephany, pois eu desejo que ela seja a próxima aqui nessa cama. Não estou querendo apenas usá-la, mas sim agir de um modo certo. É claro que eu não vou transar com ela logo de cara, irá levar alguns dias, pois um relacionamento não deve começar e muito menos ter a base através do

sexo. Que merda! Não devo pensar na Baker nesse momento. Balanço a minha cabeça para os lados, fecho as minhas mãos ao redor dos seios da Melanie e impulsiono a minha cintura contra a sua.

Quando me dou conta do horário já se passam das duas da manhã e cada um de nós cai, cada um para um lado na cama. Retiro os fios de cabelo que estão grudados na testa dela, Melanie apenas sorri e fecha os olhos cansada. Visto a minha calça do moletom de volta, saio silenciosamente do meu quarto, fecho a porta e vou para a sala de estar. Abro a porta que dá acesso a sacada, o vento frio me atinge em cheio, mas eu decido ficar aqui. Pego a carta no bolso da minha calça e brinco com o papel entre as minhas mãos. Por mais que eu esteja com essa maldita entre as minhas mãos, eu ainda não tenho coragem de ler, ainda não tomei coragem de saber o que tanto o meu *querido* pai deixou aqui que possa me ajudar. Levanto a minha cabeça e olho para o céu.

— O que eu faço, mãe?

Eu sei que esse questionamento é em vão, mas a indecisão é enorme e ninguém pode me ajudar. Apoio os meus cotovelos na madeira da sacada, escondo o meu rosto entre as minhas mãos e suspiro. Por muitas vezes eu tive que tomar decisões difíceis, mas nenhuma se compara a essa. Fico com raiva de mim mesmo por estar assim, por não saber como agir e muito menos o que escolher. Dou um soco na parede e abro a carta. Eu tenho que enfrentar essa merda... sozinho ou amanhã na delegacia. Os meus olhos dançam sobre esse papel, tentando formar as letras e eu sinto como se um elefante estivesse pisando em meu peito. Sinto como se esse papel fosse se dissolver entre os meus dedos, pois estou o apertando com uma força inimaginável.

“Eduard, eu sei o quanto você me odeia e me sinto muito bem com isso, pois se existe ódio em você, significa que eu te criei muito bem...”

— Não, você não me criou muito bem. Você quase acabou comigo. — Rosno.

A letra está tremida, o papel tem marcas e eu não consigo identificar do que seja. Enxugo a lágrima teimosa que escapa e volto a ler, mesmo que o meu peito doa a cada segundo mais.

“Essa carta está sendo escrita enquanto eu estou aqui no hospital,

lutando para viver enquanto escrevo nessa maldita folha. Você exatamente o que aconteceu comigo e nós dois sabemos quem foi o mandante desse ‘atentado’, mas não é esse o assunto que quero tratar aqui.”

— Ele sabia que eu poderia mandar fazer alguma coisa, mas não tem como provar. — Sussurro pensativo.

“Sei muito bem que, se eu vier a falecer, algo que eu estou achando muito provável que eu morra e quando isso acontecer, a culpa das ilegalidades irá cair sobre você, pois você era o meu braço direito. Irão querer te culpar pelo tráfico, só que você nem se quer sabia sobre quais papeis estava assinando.”

— Porque eu fui burro e medroso. Sempre fiz tudo que você mandava.
— Murmuro cheio de raiva.

“No meu gabinete em Sacramento tem um cofre e lá dentro tem todos os documentos referente ao tráfico. Lá tem nomes, dos mais baixos serviços, aos maiores comandantes. A lista é enorme e como o meu fim é previsível, eu quero que eles se ferrem. E tem, documentos sobre uma conta na Suíça ainda tem bilhões de dólares. A senha do cofre é 02081990 e eu... James Lewis afirmo e confirmo que, você, Eduard Lewis não tem culpa de nada e nem nenhum tipo de envolvimento. E a minha namorada Quinn Evans registrou essa carta em cartório e então ela é válida para te livrar de qualquer acusação. Eu espero que você possa ter a vida que tanto queria, mas apesar de tudo que eu lhe causei, eu sei que te tornei um homem forte.”

Eu seria um homem forte, independente se tivesse passado por aquele inferno ou não. Dobro a carta, a aperto firmemente entre as minhas mãos e agora me resta decidi se eu vou usá-la ou não como um *livramento*. Guardo a carta no meu bolso, volto para dentro da mansão e fecho a porta da sacada. Caio sentado no sofá, cobro o meu rosto com as mãos e choro. Choro muito, pois a dor é gigantesca. Essa maldita carta me livra, mas eu não sei se devo, pois, é como se ele estivesse me fazendo um favor e eu não quero nada que venha dele.

CAPITULO DEZOITO

Mostre-me como

Mostre-me como você gosta

Você é toda minha

Eu vou fazer você se sentir como se fosse única

Rosenfeld – Do It For Me

Eduard Lewis

Quando eu acordei nessa manhã, eu ainda não tinha tomado a decisão sobre se eu usaria a carta ou não como um *livramento*, mas eu a levei para a delegacia comigo. Ao chegar lá eu estava mais apreensivo do que nas outras vezes, o delegado levou um longo tempo para me receber e então eu fui ficando cada vez mais nervoso, e o Achilles foi ficando sem paciência também. E quando o delegado me atendeu, eu exigi saber o que a Quinn tinha contado. Por mais que eu não tivesse direito de saber, eu precisava, mas não tive acesso, pois o delegado não me informou. Após uma longa conversa, eu falar novamente sobre os pontos mais importantes que disse nessa longa semana, eu acabei cedendo e lhe entreguei a carta. O delegado leu calmamente por longos minutos, anotou algumas coisas em uma outra folha e saiu da sala para fazer uma ligação. Quando ele voltou, eu – pela primeira vez – vi esperança e pela milésima vez nessa semana eu senti o meu peito apertar, só que dessa vez foi de uma forma diferente.

— Eu acabei de pedir um mandado de busca e apreensão no gabinete do seu pai em Sacramento. — O delegado me informou.

— E depois disso, o que vai acontecer?

— Se lá, tiver mesmo o que ele informou nessa carta, o julgamento será marcado para o mais rápido possível.

— E qual será a posição do meu cliente no julgamento? Será do lado da culpa ou da defesa? — Achilles questionou.

— Eu vou informar da forma mais simples possível. — Ele apoia as mãos sobre a mesa e me encara. — Tudo mudou, você e a sua irmã foram duas pessoas lesadas pelos atos do James, então...

— Caracteriza que somos vítimas também na situação. — Declarei.

Não quero isso, mas não sou eu que escolho, pois provas definiram assim. Eu sei muito bem que, se não fosse caracterizado como vítima, seria de outra forma, isso quer dizer, eu poderia ser declarado como cúmplice do meu pai, que eu sabia de todas as ilegalidades dele e assim, estaria a par de cada mínima coisa. Sendo condescende de seus atos. Depois de mais algum tempo enfurnado dentro daquela delegacia, eu fui liberado e entrei no meu carro, sem saber o que eu faria. Achilles reafirmou sobre a decisão das autoridades, e em seguida me mandou ir atrás da minha vida normal.

— Eu sei que você tem alguém, Lewis, e a afastou por causa da

insegurança que foi nessa semana. — Ele declarou.

— Você não sabe de nada, Achilles. — Resmunguei.

— Vá atrás dela.

Em seguida ele saiu de perto do meu carro e entrou no dele. Eu ainda continuei por um bom tempo dentro do meu carro em frente à delegacia, apenas acalmando a minha mente e o meu interior. Eu queria chorar de tanta pressão, queria sair socando meio mundo, só que eu também queria correr até a mansão e encontrar a minha mãe. Abraçá-la e ter o seu colo, mas eu sabia que aquilo era impossível e então o meu peito doía. Então eu acabei decidindo ir atrás da minha irmã, mesmo que eu não tivesse decidido se iria falar com a Baker ou não. E então faz uns vinte minutos que eu estou parado em frente ao prédio da minha irmã. O meu carro está sendo a minha bolha segura, aqui nada e nem ninguém me atinge. Me assusto quando algo bate contra a janela do meu carro e eu olho alarmado em sua direção. Aperto o botão ao meu lado e o vidro se abaixa.

— Vai ficar aí até quando? — Turner questiona.

— Você não sabe há quanto tempo estou aqui. — Resmungo.

— Quarenta minutos. — Ele informa.

Ele está mentindo só para me irritar.

— Não faz nem se quer vinte minutos.

— Eu estou na cafeteria... — Ele aponta para trás de si. —, bem antes de você chegar aqui.

Solto um longo suspiro e apoio os meus braços no volante.

— Eu só estava aqui... esvaziando a minha mente.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele questiona.

— Eu estava na delegacia.

— A sua irmã me contou superficialmente sobre o que aconteceu. — Ele me informa. — O que você acha de sair desse carro e a gente conversar num outro lugar?!

Concordo com um aceno, ele se afasta e eu saio do meu carro. Aciono o alarme e sigo o Turner até a cafeteria novamente, nos sentamos na mesa mais afastada possível e eu peço apenas um café, mesmo que eu não sinta vontade de beber e nem comer nada. Turner me acompanha no café, me olha fixamente, mas a sua atenção é roubada quando o seu celular toca. Deve ser a minha irmã e ela também deve estar esperando a minha chegada. Eu a avisei que estava vindo para cá, então deve estar estranhando a minha demora.

Depois que eu ficar um tempo com a minha irmã, eu vou enviar uma mensagem para a Baker para saber se ela ainda está disposta a conversar comigo. Dominic deixa o celular apoiado sobre a mesa e prende a sua atenção em mim.

— Emily te contou sobre a carta?

— Sim. — Ela afirma. — Você a usou como prova? Aliás, você a leu?

— Li.

— E então?

— Por mais surpreendente que possa ser, a carta se tratava mesmo de uma possível liberdade.

— Isso é muito bom, Eduard.

— Talvez. — Resmungo.

— Por quê? — Ele questiona.

— Fui colocado como mais uma das pessoas lesadas pelo meu pai, uma vítima e usar a carta é como se ele estivesse me fazendo um favor.

— E você não queria mais nada que viesse dele.

— Exato.

— Não veja isso pelo lado de uma ajuda, mas sim dever que o seu pai deveria fazer.

— É difícil, Turner, ainda mais depois de tudo.

— Eu imagino, mas você deveria se sentir bem com isso, é um livramento essa situação toda. Agora você vai poder ter a sua vida, uma conforme sempre quis.

— Eu nunca tive uma vida normal, então não sei como é. — Confesso.

A garçonne coloca os dois copos sobre a mesa e se afasta em seguida, mas ainda mantendo o seu olhar no Turner. Se a minha irmã visse uma coisa dessas.... maneo a cabeça para os lados e bebo um gole do meu café.

— Assim que eu saí da prisão, eu também me vi perdido e sem saber como eu poderia ter a minha vida normalmente. Não sabia o que eu faria, como seria as coisas, mesmo assim eu estava decidido a ter e fazer o que eu tanto queria.

— São situações diferentes.

— Pode até parecer que sim, mas não é tanto.

— Então me explique melhor.

— O que você quis fazer, mas não pode por causa do seu pai? Você pode fazer isso agora.

— Eu vou voltar para a faculdade, tive que sair por causa do meu pai.
— E o que mais?
— Ser eu mesmo? — Soa mais como uma pergunta, do que afirmação.
— Quero ter que viver sem me preocupar com o passado ou consequências de terceiros.

— Então esse será o modo que você terá uma vida normal.
— É difícil acreditar que enfim terei.
Ele bate no meu ombro e sorri.
— Estava mais que na hora disso acontecer.
— Eu espero que aconteça mesmo, e que não seja uma brincadeira... do destino.

— Não é uma brincadeira, Lewis. — Ele dá dois tapas em meu ombro.
— Vamos para o apartamento, a sua irmã está te esperando há muito tempo.

Terminamos o nosso consumo, Dominic paga, mesmo que eu esteja recusando e eu finge não me ouvir. Não gosto que as pessoas fiquem fazendo as coisas por mim, e eu sei que isso é algo que não irá mudar nunca. Em pouco tempo já estamos no andar do apartamento, eu olho para a porta na minha lateral e respiro fundo. Em breve nós conversaremos, Stephany. Entro na outra porta, Emily sorri assim que me vê e sou eu, hoje, que tomo a iniciativa em abraçá-la. Eu não tenho o colo de mãe, mas tenho o da irmã, a minha... clone. Eu a amo, e para o restante da minha vida eu vou protegê-la com todo o meu ser.

— Eu estava morrendo de preocupação, Ed. — Emily confessa.
— Eu só precisava de um tempo, antes de vir para cá.
— Agora está tudo bem?
— Sim. — Me afasto dela e enfio a mão no meu bolso. — Você quer ler a carta que ele me deixou?
— Se você não se importar, eu quero sim.

O delegado ficou apenas com a cópia para usar como prova, eu não o autorizei ficar com a original, pois queria mostrar para a minha irmã. Apesar do papel estar bem amassado, ainda é possível notar marcar nele, marcas que foram causadas pelo meu pai enquanto ele escrevia. Retiro o papel do meu bolso e o coloco na mão da Emily.

— Lê depois, e eu a quero de volta.
— Tudo bem.

Ela a guarda em seu bolso, segura em minhas mãos e sorri.

— O que foi?

— Livres cem por cento, definitivamente e infinitamente? — Ela questiona.

— Se o universo não aprontar nada contra nós, eu posso te afirmar que sim.

— Isso não vai acontecer, mas você é muito negativo para acreditar logo de cara. — Ouço o Turner resmungar.

Me afasto da minha irmã, me encosto no balcão e encaro o meu cunhado.

— Eu tenho motivos, muitos motivos.

Entregar a carta para a minha irmã, sabendo que ali consta uma indireta para mim sobre o atentado que o James sofreu e olhar para o Dominic, me faz lembrar do seu pai, o Jimmy. Não tenho notícias dele há muito tempo, também não o vejo desde quando eu fui atrás dele para fazer o *serviço*. Não quero perguntar para o Turner sobre o seu pai, pois sei que seria muito estranho, além de que, ele odeia o pai. Temos pais malditos.

— Cadê o Andrew?

— Dormindo. — Emily responde. — Brincou muito com o pai e gastou todas as energias.

— É bom que eles se deem bem.

— Dominic é um pai incrível ao Andrew.

— E você uma mãezona. — Turner a elogia antes de dar um beijo em seu rosto e vai para o quarto.

Emily está sorrindo toda boba e eu fico muito feliz por ela. O meu pai pode ter feito diversas coisas conosco e contra nós, mas ele não a intoxicou e jamais conseguiria isso. Emily é muito parecida com a nossa mãe e eu desconfio que seja por isso que o meu pai não suportava ficar muito tempo perto da filha. E não tinha nem um tipo de sentimento ao agredi-la, eu via isso em seus olhos em cada vez que ele a bateu, chutou, derrubou ou a jogou sobre diversos lugares. Eu via a satisfação em seu olhar ao machucá-la, mas de início, eu não conseguia entender muito bem, mas aos poucos fui conseguindo compreender. Hoje em dia eu me arrependo muito por ter sido covarde por ter ativado a ira dele contra a minha irmã e principalmente em não a proteger como eu deveria.

— Você sabe que eu me arrependendo de todo o mal que te fiz, por ter influenciado a ira dele contra você e por não ter te protegido.

Emily encolhe os seus ombros e abraça o próprio corpo.

— Eu tento esquecer tudo aqui direcionado a ele, o que veio dele. O que veio de você, coisas ruins, eu já esqueci e perdoei.

— Eu sei, Emily, mas...

— Não existe um; “*mas*”, Ed. O Passado ficou para trás e não deve voltar a interferir em nosso presente.

— Você é uma pessoa muito boa sabia.

— Sabia. — Ela resmunga divertida e volta a me abraçar. — Eu te amo, Eduard. Você é um irmão incrível.

— Amo você, clone.

A sinto sorrir contra o meu peito, olho na direção do corredor e vejo o Dominic nos observando. Ele acena positivamente para mim e eu me sinto bem, pelo incrível que pareça, por ele confiar em mim, e confiar por eu estar perto da minha irmã também. Eu sei que ele não tem motivos para isso se for procurar no nosso passado, mas ele decidiu em me dar uma chance e eu não quero decepcionar. Não por ele, e sim pela minha irmã.

— Já que agora você vai ter uma vida conforme quer, por aonde você vai começar? — Emily me questiona.

— Eu ainda não sei.

— Mas eu sei. — Ela sorri ao me encarar.

— Por aonde, Emily?

— Apenas uma dica; apartamento da frente.

A afasto do meu corpo, ouço o Dominic rir suavemente e eu reviro os olhos. Eu vou me resolver com a Stephany, mas acontecerá no meu tempo.

— Eu vou resolver no momento que eu achar correto e será da minha forma, Emily.

— Sou sua irmã e posso te ajudar.

— Se em algum momento eu precisar, eu vou te informar.

Um bico banha os seus lábios e ela remexe a boca, demonstrando o descontentamento, mas como eu a conheço, sei que não vai voltar a se intrometer. Eu ando até a janela, me inclino sobre ela e observo meu carro. Não confio muito no bairro, mas tento não demonstrar isso para a minha irmã. Queria muito que ela morasse em um lugar mais seguro, até mesmo na mansão. Eu sairia de lá numa boa, mas eu sei que ela prefere ficar aqui por causa do Turner. Ele não sairia de perto da irmã tão facilmente assim, mesmo que a Penélope já seja uma mulher casada. O choro do Andrew chama a

nossa atenção e em segundos o Dominic aparece na sala de estar com o filho nos braços. Ele agita os bracinhos ao notar a minha presença, eu me aproximo e o pego no colo. Brinco com ele o fazendo ri e vou até a cozinha, atrás da minha irmã. Turner está começando a preparar o almoço e a minha irmã tenta o ajudar, mas é mais atrapalhada do que tudo.

— Ele está pesado, né? — Emily comenta chamando a minha atenção.

— Ele está crescendo.

— Muito rápido. — Ela reclama num resmungo.

O coloco no chão e dou alguns passos o auxiliando a aprender a andar. Vamos até a janela, sinto que estou sendo observado e eu sei que um *deles* está me observando. Ontem à noite me deu a impressão de que uma frente fria poderia estar chegando na cidade, mas hoje o dia está muito bonito e pelo o que eu soube, amanhã vai ser um dia quente. Então irá contribuir para o meu desejo em ir para Malibu, pelo menos ficar um dia por lá, longe de tudo isso daqui.

— Amanhã eu vou passar o dia Malibu.

— Eu estive pensando numa coisa, Ed.

Nos dois falamos juntos e eu franzo o meu cenho ao encará-la.

— Em que? — Questiono.

— Essa notícia, meio que estraga os meus planos.

— Se for muito importante, eu posso abrir uma exceção a você.

— Você não vai, eu te conheço. — Ela resmunga.

Eu pego o Andrew em meus braços, mesmo que ele reclame, pois queria continuar a tentar a andar sozinho e vou para a cozinha. Turner troca um olhar comigo e eu entendo que devo ser maleável com o que a Emily vai me dizer. Coloco o meu sobrinho sentado sobre o balcão e lhe entrego o seu carrinho, na forma de distraí-lo.

— Me diga o que é, Emily.

Ela larga o que está fazendo, fica de frente para mim e se encosta na pia.

— Estive pensando em algo que o Dom comentou uma vez e queria fazer, ainda mais agora que estamos livres.

— Fale de uma vez.

Eu não sei ser paciente em situações assim e em qualquer outra. Gosto de coisas objetivas e a minha irmã sabe muito bem disso.

— Eu queria fazer alguma coisa para o nosso aniversário não passar em

branco mais uma vez e agora temos um motivo a mais para comemorar.

Coço a minha nuca e apenas a olho. Não sei como ela pretende fazer isso, me refiro a quem ela quer envolver nessa situação. Só que, depois de tudo, eu não consigo ficar lhe dizendo não, por mais que eu não seja uma possível situação agradável.

— Quando você pretende fazer isso? Aliás, como? Também preciso saber disso.

— Então... — Ela se aproxima, se apoia sobre a bancada e sorri como um anjo. —, já que você pretende ir para Malibu amanhã, podemos fazer quando você voltar.

— Se você quiser, podemos fazer lá em Malibu mesmo.

— Então você terá que levar a Lisa pelo menos.

— Eu vou conversar com ela.

— Tudo bem. — Ela sorri ainda mais. — Posso pedir mais uma coisa?

— Pode. — Respondo desconfiado do que possa ser.

— Posso convidar o Oliver e as meninas? Eu sei que vocês não se dão muito bem, mas...

— Sobre isso, eu vou pensar e depois eu te informo. — Declaro ao interrompê-la.

— Tudo bem. — Ela concorda num murmúrio.

Peço para ela pegar o seu filho, eu me afasto e vou até a janela mais uma vez. Me sento sobre a borda, o vento quente me atinge em cheio e eu fico intrigado com esse tempo maluco que está na cidade. Não me sinto bem quando coisas inesperadas ou estranhas acontecem, isso é até mesmo referente ao clima. Me incomoda muito e eu não sei o porquê. Deixo esse assunto de lado, pego o meu celular e abro o aplicativo de mensagens. Está mais do que na hora de marcar alguma coisa com a Baker. Antes que eu possa digitar algo, eu repenso sobretudo. Sobre a semana que se passou, sobre a minha atitude de ontem à noite, ao ter transado com a Melanie e pela possível ajuda da minha irmã.

O que aconteceu na semana, referente aos depoimentos não é mais um empecilho. O meu sexo com a Melanie não é algo que acrescenta ou atrapalha o meu entendimento com a Stephany. E a possível ajuda da Emily, será bem-vinda, pois se *ela* concordar em conversar comigo, teremos que dar um jeito de nos encontrarmos sem que o Oliver implique ou desconfie. O que eu já disse outras vezes, vou repetir, não quero contribuir para a Stephany

agir pelas costas do irmão, mas vamos ter uma conversa na qual eu não quero interferência de terceiros. Dependendo do que acontecer nessa conversa, eu irei chamar o Oliver para conversar, mas é claro, num ambiente neutro e com alguém – no caso a minha irmã – que possa ajudar a mediar essa tal conversa. Volto a minha atenção para o meu celular e abro a minha conversa com a Baker.

“Podemos conversar hoje?”

Sei muito que eu poderia ser mais agradável na mensagem, mas é como eu disse anteriormente, eu prefiro objetividade. Antes que eu possa sair do aplicativo, a resposta dela chega e eu mordo o meu lábio inferior.

*“Pode ser agora, eu sei que você está
no apartamento da sua irmã.”*

Por mais que eu queria conversar com ela logo, prefiro que seja à noite, pois com certeza o seu irmão irá para o Fight e ficará lá por horas. Hoje é sábado, e então a noite é agitada por lá.

*“Estou, mas prefiro conversar com você
à noite, quando o seu irmão for para o Fight.”*

A sua resposta chega no mesmo instante, curta e vazia apenas concordando com o que eu acabei de dizer. Eu solto um longo suspiro, deixo o meu celular sobre a mesa de centro e vou para a cozinha. Decido cuidar do Andrew enquanto os pais dele fazem o almoço, por mais que não tenha existido um convite devidamente formal, eu sei que eles me querem aqui. Da mesma forma que eu sinto falta da minha irmã, ela sente a minha. Vivemos juntos, apenas nós dois, na maior parte do tempo, então a separação repentina é difícil de acostumar-se.

Ficar na companhia deles até que me faz bem, ou melhor, é agradável. Me dou bem com o Dominic, é visível que ele tenta fazer com que o tempo que eu fique aqui seja agradável. Converso com a minha irmã sobre a

revelação da Melanie e ela declara que vamos *visitar* a nossa mãe após o almoço. Não sei se devo, mas preciso. Estar mais perto da minha mãe, mesmo que seja dessa forma, é o que eu estou precisando. A ausência dela está me afetando muito nessa semana e é doloroso saber que a sua morte foi algo planejado a sangue frio.

[...]

Batuco os dedos contra o volante, olho ansioso para a entrada do prédio e a cada segundo eu fico mais ansioso. Faz apenas dez minutos que eu estou aqui, estacionado diante do prédio da Baker e ela sabe que eu estou aqui, pois marcamos que eu viria buscá-la às dez. Eu sei que o seu irmão já foi para o Fight, pois cruzei com o seu carro enquanto chegava aqui. Dominic e Emily foram depois, e eu combinei com a minha irmã de ela segurar o Baker no Fight o máximo de tempo que ela conseguir. E em falar em carro, tive que optar por usar a minha Ferrari, pois os demais carros foram levados para dar um geral e eu não quis usar nem um quando chegaram, pois é possível que chora, e além disso, a Ferrari é rápida, então faz os trajetos ficarem mais curtos. Enfim vejo a Stephany passando pela porta do prédio e eu sorrio suavemente. Ela está muito linda, como sempre. O seu cabelo está com leves ondulações, em seu corpo tem uma saia jeans deixando as suas pernas amostra, uma regata preta e uma jaqueta jeans por cima. Me estico na direção da porta do carona, a abro e ela anda na minha direção. Em seguida ela entra no meu carro, coloca o cinto de segurança e enfim me olha.

— Oi.

— Oi... Eduard. — Ela sussurra.

— Concorda mesmo em ir conversar na minha casa?

— Sim.

Respiro fundo, aperto o volante entre as minhas mãos e acelero o meu carro. Às vezes eu queria que os bairros fossem mais próximos uns dos outros. Não sei o que vou falar, como ela vai agir comigo. Das pouquíssimas mensagens que trocamos hoje, ela não agiu grosseiramente e nem tentou fugir, aceitou logo de cara quando eu propus em conversarmos na mansão. Lá é o meu lugar, sei que pode passar a impressão de que eu a quero no meu território para agir conforme eu quero, mas não é isso. Lá é um lugar aonde ninguém vai nos atrapalhar, ou se intrometer, além de que, eu prefiro que

fiquemos lá por ser muito seguro. Não tem nenhuma música tocando no rádio do carro, eu preferi deixá-lo desligado achando que o silêncio seria bom para me fazer pensar de forma mais clara, mas eu errei. Não estou conseguindo pensar em nada, além de que, a Stephany está aqui do meu lado de uma forma tranquila, pois ela não me insultou, não alterou a voz quando falou comigo e nem qualquer outra atitude ruim.

— E então... — Tento puxar algum assunto.

Isso é surpresa para mim, eu nunca fui de ficar nervoso nesse tipo de situação.

— A sua irmã vai nos ajudar mesmo?

— Sim.

— Você contou alguma coisa para ela? — Stephany questiona.

— Não. — Nego ao olhá-la por alguns segundos.

A ouço suspirar e eu não sei o que falar para nos deixar num clima agradável.

— A série de depoimentos acabou? — A ouço me questionar.

— Hoje foi o último dia.

— E o que vai acontecer depois?

— Um julgamento.

— Você será julgado?

— Não necessariamente.

Não ouço ela dizer nada, a olho e percebo que ela está me encarando. Eu lhe dei uma resposta vazia, dando a impressão de que ela não deve se meter nesse assunto.

— O semáforo está fechado. — Ela me alerta.

Acelero o meu carro, mesmo diante do seu alerta e furo o sinal.

— Eu não ia parar ali, essa rua é perigosa.

— Deve ter levado uma multa. — Ela resmunga.

Não quero o seu mal humor, não sei lidar com pessoas quando elas estão assim. O restante do caminho é percorrido em completo silêncio, e isso me deixa um pouco receoso. Se no final dessa conversa decidimos que é cada um para o seu lado, tudo bem, eu posso muito bem lidar com isso. Se acontecer ao contrário, terei que enfrentar uma possível ira do Oliver. Meu Deus, Stephany está trazendo atitudes e sensações que eu nunca tive que passar/sentir antes. Enfim atravessamos o portão da mansão, eu estaciono o meu carro na garagem. Saímos do automóvel, ela me segue e em poucos

segundos já estamos na sala de estar. Dispensei todo os funcionários, menos os seguranças. Lisa fez questão de deixar algumas guloseimas prontas, pois eu lhe informei que a Stephany viria aqui. Ela ficou feliz e animada, tentou não demonstrar, mas eu percebi claramente.

— Vamos conversar lá em cima, é menos provável de alguém nos interromper.

— Tudo bem.

Ela está agindo facilmente e isso me deixa surpreso. Subimos a escada, eu percebo que a Lisa deixou tudo o que preparou sobre a mesa de centro e eu faço uma anotação mental para lhe agradecer amanhã. E em falar nisso, ela concordou em ir para Malibu e eu ainda não respondi a Emily se ela pode convidar os Baker's. Observo a Stephany se sentar no sofá, ela olha curiosa em direção a mesa de centro e me olha em seguida.

— Lisa nos preparou algumas coisas.

Retiro as tampas dos recipientes, deixo todas empilhadas ao lado e decido me sentar no outro sofá. Eu acho melhor lhe dar espaço e mostrar que eu não quero, lhe pressionar em algo. Observo que a Lisa preparou os mesmos biscoitinhos da outra vez, muffins de chocolate e mais algumas outras bobagens gostosas. Sirvo dois copos de suco, dou um para a Stephany e volto a me sentar. Ela bebe um pequeno gole, coloca o copo sobre o descanso na mesa de centro e apoia as mãos no colo.

— E então? — Ela questiona.

Coço a minha nuca e me recosto no sofá.

— Os nossos últimos encontros não foram tão agradáveis. Eu sei que a minha atitude... decisão, pode ter te magoado, mas eu fiz pensando no que eu achava devidamente melhor. Sei que pode parecer que não era certo, mas a meu ver era e foi bom, pois eu tive que lidar com coisas que me deixaram fora de órbita.

— Você me deixou longe, dizendo que, era melhor assim, só que deixou *outra* se aproximar e estar contigo nesse momento complicado.

— Você está se referindo a Melanie? — Questiono, mas ela não me responde, apenas continua me olhando. — Ela teve que prestar depoimentos também e por mais que eu não quisesse, ela esteve comigo durante a semana inteira.

— Ela age assim... está contigo mesmo que você não queira?

— Sim, ela é bem invasiva, mas sabe como agir.

— E você acha que eu não saberia?

— Você não me conhece tanto assim, então não saberia.

— Olha, eu acho que essa conversa não dará muito certo...

— Se você ficar levando pelo lado ruim, não dará mesmo.

Baker revira os olhos irritada, cruza os braços e me encara sem paciência.

— Fale de uma vez, Lewis.

— Desde o início, Melanie esteve comigo nos melhores e principalmente, nos piores momentos.

— Então, ela é mais que uma amiga?

— Ela uma amiga, mas é a AMIGA! — Declaro. — Por mais que ela estivesse comigo, eu estava realmente sozinho. A cada punição ou merda que vinha do meu pai, eu estava sozinho.

— Você passou por muita coisa.

— Eu passei pelos momentos mais difíceis da minha vida... sozinho, então me desculpe se eu agi como se eu não precisasse de ninguém. — Suspiro. — Se eu te afastei, Stephany, foi porque eu vi que era a melhor coisa a ser feita, jamais tive a intenção em te magoar.

— Mas magoou.

— Eu entendo.

— Num dia, ou melhor, numa noite, você simplesmente foi atrás de mim, me beijou e no outro dia estava me dispensando.

— Eu sei que pareceu extremamente errado, mas infelizmente tive que agir daquela forma, mas... — Me inclino em sua direção. —, agora eu estou aqui, tento concertar.

— Concertar o que exatamente?

Ela está se fazendo de difícil, e eu admiro isso, além de achar sexy.

— Eu gosto de você, demorei muito para aceitar isso, e quando eu decidi demonstrar para você tive que fazer uma escolha que te magoou, nem uma dessas duas coisas estavam nos meus planos.

— Gostar de mim e me magoar?

— Te magoar e ter que estar aqui agora, tentando te fazer entender que eu não fiz para o seu mal.

Stephany suspira, se levanta da onde está sentada e caminha pelo ambiente. Ela para no alto da escada, apoia as mãos no corrimão e fica em silêncio. Não é possível que ela esteja querendo ir embora sem resolver, mas

caso isso aconteça, mostrará que deverá ser cada um para o seu devido lado. Ela olha para mim por cima do seu ombro, gira o corpo sobre os seus calcanhares e volta a se sentar no sofá.

— Emily já tinha me contado do porquê da aproximação da Melanie, mas eu queria saber de você também.

— Entendo.

— E outra coisa, por mais que eu tenha ficado magoada, eu inventei coisas sobre a sua atitude não para ter uma justificativa sobre a sua decisão, mas sim, para eu tentar não ficar pensando em você. — Ela confessa.

— Desde o início você vai entender a minha decisão?

— No fundo sim, mesmo assim eu achasse uma idiotice, pois eu poderia estar contigo a cada dia, a cada momento, te apoiando, te ajudando ou apenas estando contigo, você querendo ou não.

— O seu irmão não ia permitir isso.

— Essa história não deve girar em torno do meu irmão e sim sobre nós.

— Eu sei, mas sei também o quão importante é a sua relação com o Oliver.

— Ele é o meu irmão, a pessoa mais importante na minha vida e sim, eu me preocupo com o que ele vai achar e pensar das coisas, mas eu também quero tomar as minhas decisões, fazer o que eu bem entendo.

— Entendo.

— Pare de falar ‘entendo’. — Ela pede num resmungo.

Eu acabo rindo e ela me acompanha.

— É uma situação inesperada, então eu não sei muito o que falar e nem como agir.

— Eu também não, mas fica nessa conversa monótona não vai adiantar em nada.

— Isso é verdade, Steph.

— Gosto quando me chama de Steph. — Ela sussurra.

Sorrio ao ver ela ficar tímida. Decido pegar um muffin, mordo um generoso pedaço e percebo que a Lisa caprichou no recheio. Por mais que eu esteja sentindo o clima ficar leve nesse momento, devemos voltar a conversa que nos trouxe até aqui.

— Eu sei que pode parecer muito precipitado, mas eu quero saber o que você acha de tudo isso, o que acabamos de conversar.

— Eu... o meu sentimento por você não mudou, só que existe o medo

de acontecer alguma coisa e você me afastar novamente.

— Quando eu te afastei, foi como se eu estivesse colocando uma pausa nesse *nós*, para que os acontecimentos de inferno causado por terceiros não nos prejudicassem.

— E isso quer dizer o que?

— Que eu espero que esse tipo de coisa não se repita.

— Ninguém pode garantir isso.

— Não mesmo, mas alguém, no caso eu, posso fazer o possível para nada do tipo se repetir.

Ela volta a se levantar, anda até a porta que dá acesso a sacada e abraça o próprio corpo, como se estivesse com frio ou... se protegendo de algo. Eu ainda não consigo entender a sua linguagem corporal por completo, a Stephany é muito reservada e isso é por causa do que lhe aconteceu. Não gosto nem se quer de lembrar do que ela me contou sobre o vizinho dos seus pais. É algo que nenhuma mulher, nenhuma pessoa deveria passar. Me estico na direção da mesa de centro, pego alguns biscoitinhos e o jogo na minha boca. Não é porque eu estou tendo uma conversa importante com a Baker que eu não vou comer as delicias que a Lisa preparou, além disso, ela ficaria muito chateada se soubesse que a gente não comeu. Volto o meu olhar para a Stephany, percebo que ela está olhando para mim e eu continuo em silêncio. É impossível tentar saber o que pode estar se passando em sua mente. Ela caminha lentamente em minha direção e se senta na ponta do sofá deixando um espaço enorme entre nós.

— Você em minha vida foi o... — Ela suspira e desvia o olhar do meu por poucos segundos. —, você foi o inesperado mais esperado. Você surgiu de repente e os sentimentos nasceram de uma forma que eu não imaginava, aliás, eu nem se quer imaginava que ia nutrir algo por ti.

— Stephany...

— Me deixe acabar de falar. — Ela pede. — No dia que eu soube que me mudaria para essa cidade, eu desejava muitos acontecimentos, todos bons, uma nova vida, a qual eu tanto merecia, só que você chegou. Me deu esperanças, as alimentou quando me beijou e me quebrou no dia seguinte. Eu queria te odiar, me afastar e nunca mais te ver, mas eu simplesmente não consegui e aqui estou, na sua casa e ouvindo tudo o que você tem a me dizer. Sei que pude parecer imatura diversas vezes, mas foi a única forma que eu achei para me proteger, então consequentemente inventei coisas sobre você

para mim mesma, na intenção de acabar com o que eu sinto por você, só que foi tudo em vão.

Ela se cala, o silêncio se instala por longos segundos e eu me sento mais próximo a ela. Toco em seu joelho, o seu olhar continua fixo no meu e eu afirmo, é impossível eu ficar longe dessa garota.

— Eu não tenho mais nada a te dizer, além de duas coisas; eu gosto de você e sinto muito por ter te machucado.

— O quanto você gosta de mim?

— Eu sou incapaz de ficar longe de você.

— Isso é uma resposta?

— É a única que eu tenho nesse momento. — Encolho os meus ombros. — Eu sinto muito.

O canto da sua boca se curva num pequeno sorriso e ela se afasta de repente de mim, ao voltar a ficar de pé. A observo voltar para o outro sofá, mas ela não se senta, apenas pega o seu copo da mesa de centro e dá um longo gole no suco.

— Por que a casa está tão vazia?

— Dei folga para todos, menos para os seguranças.

— Não precisava ter pedido para a Lisa ter feito tudo isso. — Ela comenta baixinho ao morder um biscoitinho.

— Eu não pedi simplesmente nada, apenas informei a ela que você viria aqui.

— Ela se preocupa muito contigo, não é mesmo?

— Demais, faz quase o papel de mãe.

— Isso é bom.

— Às vezes.

Ela me direciona um olhar torto e eu encolho os meus ombros. Eu solto um longo suspiro chamando a sua atenção, ela volta a se sentar no mesmo sofá que eu, bem ao meu lado dessa vez e eu fico de frente para ela.

— Eu não tenho mais o que te falar, só que eu preciso de respostas.

— Respostas referente a que?

— A sobre... nós. — Declaro a deixando levemente surpresa. — Eu não sei se você está me odiando, se ainda está magoada, se me quer o mais longe possível ou... sei lá.

— Certo. — Ela sussurra e limpa as mãos no guardanapo. — Eu queria me afastar e te odiar, mas sou incapaz disso. Você fez escolhas, as quais

achou certo, que não foram a meu ver. Me magoou, mas não alimentei essa magoa ao longo dos dias.

— E isso tudo quer dizer o que?

E então ela sorri, um sorriso no qual me dar esperanças. Parece que os papéis se inverteram nessa história e não é um lugar de conforto para mim.

— Eu poderia te abraçar e te beijar nesse mesmo segundo.

E eu não iria reclamar.

— Mas? — Questiono.

— Devemos ir devagar.

— Concordo.

Em partes, pois eu queria pelo menos beijá-la nesse momento, mas eu sei que é o melhor agir de modo mais lento.

— Ótimo.

Por mais que ela sorria suavemente, percebo um pouco de desapontamento em sua voz. Talvez ela deseje o mesmo que eu, mas não queira agir por receio. Só que, eu também tenho receio em agir e voltarmos a estaca zero ou avançarmos para um nível – se é que me entendem – que não deve acontecer tão cedo, mas é impossível não desejar e desejar *ela*. Olho diretamente para as suas pernas, percorro lentamente cada centímetro da sua pele exposta e desvio o meu olhar ao chegar na barra da sua saia. É melhor não dar munição para a arma que não irá atirar. O seu olhar encontra o meu e é como se eu visse uma bolha de desejo estar prestes a estourar. Me afasto dela ao me levantar do sofá, pego outro muffin e fico comendo de pé.

— Como foi a sua semana?

Eu sou péssimo ao tentar dispersar uma situação deseje, mas inapropriada.

— Talvez a palavra que a resuma seja... preocupada.

— Por causa da consulta que você teve na segunda-feira?

Eu me lembro muito bem que ela tinha retorno médico, mas acabei ficando sem informações.

— Não, a consulta foi tudo bem. Estou bem e devidamente liberada para tudo.

— Por que então a preocupação?

— Estava preocupada contigo. — Ela assume. — Como foi a sua semana? Você me deu uma resposta vaga quando eu lhe perguntei sobre o julgamento.

Suspiro, limpo as minhas mãos e me sento no outro sofá. É melhor assim, cada um no seu devido lugar.

— Foi complicada, pois começou com a insinuação que eu poderia ser preso ou responder judicialmente pelas merdas do meu pai, depois passou para eu possivelmente pagar uma indenização bilionária e por fim terminou como eu mudando de lado, fui colocado como vítima nessa história longa.

— Mas você disse que ainda acontecerá um julgamento?

— Vai acontecer, e eu estarei como vítima e não como cúmplice dos atos do James.

— Eu fiquei sabendo que tem alguém bem maior nessa história do tráfico humano, só que você não queria contar quem era.

— E não contei e não vou.

— E como mudou tão repentinamente?

É visível a sua preocupação, ela não está fazendo essas trilhões de perguntas por curiosidade, mas por pura preocupação.

— A minha madrastra deu um depoimento, no qual eu não sei e nem tenho a menor ideia do que ele falou, mas mudou tudo, além disso, a carta que o meu pai deixou reafirmou que eu não estava envolvido nas ilegalidades.

— Isso é muito bom.

— Talvez. — Resmungo.

— O que foi dessa vez, Eduard?

Cruzo os meus braços em frente ao corpo e relaxo contra o sofá.

— Usar a carta é como se ele estivesse me fazendo um favor, e eu não queria mais nada que viesse dele.

— Mas era necessário, pois agora sim você terá uma vida.

— Uma vida normal?

Rio irônico e ela franze o cenho sem entender a minha atitude. É o que eu mais ouvi nessa última semana, que eu terei uma vida normal.

— Não existe isso de; uma vida normal. Ninguém tem uma vida normal.

— E não existe um significado da palavra normal, pois cada pessoa tem um significado diferente para normal.

— Isso é verdade. — Ela concorda.

Stephany fica em silêncio e continua me olhando fixamente.

— Por que está me olhando desse jeito?

— Eu vou te fazer uma pergunta e gostaria da resposta mais verdadeira possível, mas caso você não queira responder, tudo bem.

— Pergunte. — Resmungo.

Não tenho a menor ideia de quais palavras podem sair de sua boca, só que eu não vou enrolar para lhe dar a resposta que deseja e muito menos mentir, independente do que seja.

— Melanie e Maire.

— O que tem elas?

— São apenas... somente amigas ou não?

— Sim... — Respondo a fazendo arquear a sobrancelha. —, e não.

— Como assim?

— Elas são minhas amigas, você já sabe da história referente a Melanie e a Maire foi uma pessoa que nos ajudou bastante enquanto estávamos morando em Solvang.

— Apenas isso?

Eu sei exatamente o que ela quer saber, mas não sei se é certo ao contar, pois não tenho a menor ideia de qual será a sua reação.

— Não, Stephany.

Ela arqueia a sobrancelha novamente, eu me inclino para frente e a olho fixamente.

— Você quer que eu responda detalhadamente ou que eu seja superficial?

— Você é muito desbocado.

— Eu só te fiz uma pergunta, assim como você me fez.

Stephany revira os olhos e morde o muffin com raiva. Ela quis saber e agora ficou com raiva, atitude típica de mulheres. Sorrio ao manear a cabeça para os lados. Ando até a porta que dá acesso a sacada, a fecho, pois ela estava apenas encostada e me viro para *olhá-la*. Ela está de pé, colocando mais suco em seu copo e de repente me olha.

— Quando foi a última vez?

Isso eu não vou responder, pois caso eu responda, ela sairá daqui sem pensar duas vezes.

— Isso não importa, pois já faz um bom tempo que nada acontece.

— Com qual delas?

— Quem foi o último que você beijou e transou? — Questiono.

Ela me encara surpresa e ri debochada.

— Não tente virar o jogo.

— Se você teve direito de saber, eu também quero.

— Sempre será uma troca entre nós?

— Talvez. — Dou de ombros. — Quero resposta, Stephany.

— Você. — Ela resmunga.

— Eu o que?

— Se nós não transamos, significa que você foi o último que eu beijei.

Por mais que ela continue a falar qualquer outra coisa, eu não consigo mais ouvi-la. Só consigo imaginar estar com ela de todas as formas e desejar beijá-la loucamente. Dou um passo em sua direção, vejo em câmera lenta a sua boca se movimentar, pois ela continuar a resmungar e ela se cala ao notar que eu estou ainda mais perto.

— Você fala demais, sabia?!

— Eu achei que estávamos aqui para falar... e falar.

— Talvez.

— Talvez. — Ela resmunga ao me imitar.

Levo a minha mão na direção do seu ombro, coloco o seu cabelo para trás e massajeio a sua nuca. Stephany vacila o seu olhar, desce para a minha boca e a olha fixamente. Dou mais um passo em sua direção, ela na minha e os nossos corpos ficam grudados. Ela é bem mais baixa que eu, então ao levantar a cabeça para me olhar nos olhos, a sua boca raspa em meu queixo. Eu respiro fundo e fico estático. Eu sei que combinamos ir com calma, mas é verdade o que a minha mãe dizia; é melhor fazer hoje, a que deixar para amanhã. Beijá-la hoje me permitirá beijá-la amanhã também e qualquer outro dia que quisermos. A ouço me chamar num sussurro e eu seguro o seu cabelo na base da sua nuca.

— O que você disse?

— Podemos voltar atrás num combinado, apenas um por cento?

O seu pedido sai num sussurro.

— Referente a que?

Com a minha outra mão faço movimentos circulares com o meu polegar em sua cintura.

— A irmos devagar. — Ela responde.

— Por quê?

— Nós dois aqui, estamos querendo algo.

Sorrio e olho ao redor rapidamente. Eu mandei o Ian desligar as

câmeras do segundo andar e então estamos devidamente em privacidade. Para ligá-las e desligá-las é necessária uma senha que apenas eu sei. Volto o meu olhar para ela, a puxo ainda mais contra o meu corpo e selo as nossas bocas. As suas mãos agarram a minha camiseta pelos ombros e as nossas línguas se encontram. Enquanto nos beijamos, levo a minha mão até a sua lombar e a deixo parada na curva da sua bunda. Ela sobe as mãos para o meu pescoço, passa os seus braços por ele e sinto ela ficar nas pontas dos pés para me beijar melhor. Dou alguns passos, a fazendo andar para trás e ela reclama contra a minha boca quando bate a perna no sofá. Nos afastamos poucos centímetros para recuperarmos o ar, eu a abraço pela cintura e a trago para o meu colo quando eu me sento no sofá. Ela fica montada sobre mim e puxa a minha camiseta para cobrir as suas pernas, pois ela está de saia e a peça subiu muito com a minha atitude.

— Eu me esqueci que você está de saia...

— *Shiu!*

Stephany coloca o indicador sobre a minha boca, se curva em minha direção e voltamos a nos beijar. Tomo a liberdade em colocar as minhas mãos em sua bunda e apertá-la. Ela se ajeita em meu colo, fica com a sua pélvis encostada no meu pau. A minha mão esquerda passeia do seu tornozelo direito até a barra da sua saia, entra por debaixo do pano e a subo o máximo que consigo. Deixo a minha mão parada no alto da sua coxa, aperto o meu braço ao redor da sua cintura e a beijo com mais intensidade. Não era para isso estar acontecendo nesse momento, mas é muito cedo, só que ao mesmo tempo é algo que desejamos há muito tempo. Giro os nossos corpos, a deito no sofá e fico entre as suas pernas. Eu sei que, se não pararmos, vamos acabar sem roupa em poucos segundos. A única pessoa capaz de me impedir será *ela*, só que, ela não está disposta a fazer isso, só que eu tenho que lhe dar o direito de escolha.

— Steph...

— Não me peça para parar e nem queira isso, Eduard.

— Então vamos para o meu quarto.

Ela acena concordando, eu saio de cima do seu corpo e ela se levanta do sofá. Seguro em sua mão, a levo na direção do meu quarto e fecho a porta após entramos. Ela olha ao redor, sorri ao voltar a sua atenção para mim e arqueia uma sobrancelha. Retiro a camiseta do meu corpo, os seus olhos brilham e eu fico sem razão. Eu estou me sentindo diferente, é uma mistura

de ansiedade com nervosismo. Nunca senti isso antes, nem mesmo na primeira vez que fiz sexo. Balanço a cabeça para os lados, me aproximo dela e seguro na barra da sua camiseta. Puxo a peça para fora do seu corpo, cai no chão em seguida e os meus olhos gulosos fixam em seus seios cobertos por um sutiã roxo com renda preta. Desço a minha mão para o botão de sua saia, o abro e a peça escorrega por suas pernas. A calcinha combina com o sutiã e contrastam com a sua pele. Talvez, a partir de hoje, o roxo e o preto se tornem a minha cor favorita.

Ela retira o sapato por conta própria, cola o seu corpo no meu e eu a guio até a cama. A deito sobre o colchão, retiro a minha calça e fico sobre o seu corpo. Voltamos a nos beijar profundamente, eu – sem vergonha nenhuma – enfio a mão dentro da sua calcinha e acaricio a sua boceta. Molhada e sedenta. Massageio o seu clitóris, ela geme contra a minha boca e empurra a cintura na direção da minha mão. Eu não me sinto mal por estar com a Stephany aqui na minha cama, mesmo que estamos agindo pelas costas do Baker e por eu ter transado com a Melanie aqui na noite anterior. E em pensar nisso, eu fiz um exame hoje de manhã, pedi o resultado para o mais rápido possível e constatei que estou devidamente limpo. Só que, mesmo assim eu vou usar caminha, pois, por mais que eu seja praticamente estéril e esteja limpo, eu sei que ela vai se sentir mais segura.

Retiro o seu sutiã, massageio um dos seus seios e desço a minha boca. Beijo o seu colo nu, mordisco o seu mamilo e o sugo para dentro da minha boca. Um gemido alto escapa da boca da Stephany e ela tenta esfregar a sua cintura contra a minha.

Por mais que eu quisesse continuar explorando o seu corpo com a minha boca, a excitação é gritante em nós e preliminares não irão colaborar muito. Me sento entre as suas pernas, seguro na lateral da sua calcinha e puxo a peça para fora do seu corpo. Enfim, ela fica nua e eu a contemplo. O seu olhar está preso no meu, esperando que eu fale algo ou tenha alguma reação, e então eu sorrio. A percebo morder o seu lábio inferior, eu retiro a minha cueca e visto o preservativo. Coloco a sua perna esquerda em volta da minha cintura, a penetro devagar e me movimento contra o seu corpo. A sua outra perna fica dobrada, as suas mãos estão fincadas no lençol e a sua respiração descompassada.

Me deito sobre o seu corpo e a beijo. Eu nunca, em toda a minha vida – até mesmo com a Melanie – agi dessa forma. Stephany arranha as minhas

costas, abraça a minha cintura com as duas pernas e se movimenta junto comigo. Perco o controle quando atinjo o nível máximo de excitação e me movimento com mais avidez. Agarro a sua cintura, ela sorri e morde o lábio inferior com mais força. O seu interior se aperta a minha volta, seguro com ainda mais força a sua cintura e presencio uma ótima cena. Stephany chega ao orgasmo chamando o meu nome, revirando os olhos e com as pontas dos dedos brancos de tanto que ela aperta o lençol. Atinjo o clímax em seguida, saio de dentro dela e caio para o lado, ao me deitar na cama. Eu acabei de sentir coisas que eu nunca tinha sentido antes – além de nunca ter sido tão rápido dessa forma –, e eu tenho certeza de que eu não fui o único. Olho para a Steph, ela sorri e se cobre com o lençol. E agora isso é estranho, nem um de nós sabe o que dizer e nem que reação ter. O seu olhar passeia pelo meu tórax nu, ela estica o seu braço em minha direção e dedilha a minha tatuagem na costela.

— O que significa?

— Eram algo que a minha mãe falava bastante.

Ela arqueia uma sobrancelha e continua contornar o desenho.

— As demais são aleatórias?

— Mais ou menos.

Conto um pouco sobre cada tatuagem, ela me ouve com bastante atenção e comenta que tem vontade de fazer alguma, mas ainda não escolheu uma que tenha um bom significado para a sua vida. Reclamo de fome, saio da cama e vou até o closet. Visto apenas uma samba-canção, volto para o quarto e observo a Stephany se vestindo. A camiseta já está de volta em seu corpo e a saia também, mas ela está à procura de algo de forma afoita.

— Eu não estou conseguindo achar! — Ela resmunga baixinho.

— O que você está procurando?

Ela levanta o seu olhar, coloca as mãos na cintura e apesar de estar um pouco escuro, eu consigo ver as suas bochechas corar suavemente.

— A minha calcinha.

Olho em volta, não a vejo e então eu dou de ombros.

— Vamos comer.

Passo o meu braço em volta do seu pescoço, saímos do meu quarto e voltamos para a sala de estar. Nos sentamos no sofá, eu puxo a mesa de centro para mais perto e comemos um pouco de tudo. Lisa ficará feliz amanhã ao ver que comemos tudo o que ela preparou, e que adoramos cada

guloseima. Eu a questiono sobre a sua consulta, quero saber um pouco mais sobre o que aconteceu e ela me conta detalhadamente. É muito bom saber que ela está bem, que a continuidade do tratamento será bem tranquila e que ela está bem novamente, não terá outras crises de dor. Quando terminamos de comer, confiro a hora e percebo que já está ficando tarde, infelizmente.

— Preciso ir embora. — Stephany lamenta.

— Pelo lado bom, o caminho é longo.

— Relativamente bom. — Ela sorri.

— Eu vou ir pegar vestir uma camiseta e já volto.

Ela acena concordando, eu vou até o meu quarto e pego a camiseta caída no chão. Saio do quarto, seguro na mão da Steph e descemos para a garagem. Apesar de alguém já ter trazido os meus carros de volta, eu prefiro continuar a usar a Ferrari. Abro a porta para a Stephany, em seguida dou a volta e me sento no banco do motorista. Acelero saindo da mansão e apesar de já ser um pouco tarde, as ruas estão mais movimentadas do que eu esperava. Conversamos bastante sobre assuntos aleatórios e eu tento decidir se eu vou ou não autorizar a ida dos Baker's para Malibu amanhã. Quero a Stephany lá, mas o problema é o seu irmão, apesar de ele tentar ser neutro comigo, eu sei que ainda pisa em ovos quando estamos no mesmo ambiente.

— Foi uma... boa noite. — Steph declara.

Estaciono o carro em frente ao prédio aonde ela mora e a olho.

— Foi mesmo.

— E a partir de agora? — Ela questiona.

— Vamos aos poucos, um degrau de cada vez.

— Tudo bem. — Ela concorda.

— Amanhã nós conversamos.

— Nos vemos?

— Talvez. — Respondo. — Amanhã cedo eu te envio uma mensagem.

— Vai mesmo?

— É claro que sim.

Me inclino em sua direção, acaricio a sua bochecha e raspo os nossos lábios.

— Queria mais tempo com você. A noite poderia ser mais longa e os minutos correrem devagar.

— Vai ser difícil eu ficar longe de você, dona encrenca.

— Não me chame assim. — Ela pede.

— É um bom apelido para você. — Sorrio. — Até amanhã.

— Até amanhã, Ed.

Lhe dou um beijo casto, ela sai do meu carro e acena antes de entrar correndo no prédio. Stephany estava errada, pois para mim não foi apenas uma boa noite, mas sim, uma maravilhosa noite. Quem é esse Eduard aqui? Um novo, pois eu jamais pensaria algo assim. É, ela está contribuindo para o novo Eduard surgir. E foi bom esse longo período que ocorreu entre nós, para nos fazer pensar e entender como as coisas devem ser. Eu me envolvi com outras mulheres enquanto já estava criando sentimentos, ignorei todos os sinais que eu estava tendo sobre ela e quando eu decidi ouvir, eu a magoei. Dias se passaram entre nós, ela conseguiu entender a minha decisão e as coisas se tornaram mais maduras. E agora o que nos resta, é tentar, apesar de tudo. Podemos errar, falhar, mas o que vale é a disposição e o querer em que der certo.

CAPITULO DEZENOVE

*Vamos fazer tudo, em nosso próprio
Nós não precisamos de nada, nem ninguém
Se eu deitar aqui se eu simplesmente me deitar aqui
Será que você se deitaria comigo
E esqueceria do mundo?
Eu não sei bem como dizer como me sinto
Ed Sheeran (feat. Gary Lightbody) – Chasing Cars*

Stephany Baker

— Não é possível que o Eduard vai fazer esse tipo de coisa novamente comigo!

Dou um soco sobre a escrivaninha e alguns livros caem, fazendo um alto barulho. Os arrumo rapidamente, antes que alguém apareça aqui e questione o que está acontecendo. Olho mais uma vez o meu celular e nada do Eduard. Ontem a gente se viu, aconteceu tudo aquilo e ele me prometeu que não me magoaria novamente. Disse que hoje, assim que acordasse me ligaria, pois precisávamos conversar sobre como vamos agir daqui para frente, já que, nos entendemos. Não é um namoro, não é um relacionamento rotulado. A gente apenas nos beijamos, transamos e estamos juntos. O nosso sexo foi muito bom, algo que eu não estava esperando acontecer e se dependesse do Eduard não ia acontecer, mas aí eu acabei insistindo em algumas atitudes e acabou rolando, só percebemos o que estava acontecendo quando já estamos num nível que não dava para voltar atrás. E convenhamos, nem um de nós queríamos aquilo.

— Stephany! — Oliver me grita, literalmente alto e de forma irritante.

— O que é, droga?

Abro a porta com brutalidade e dou de cara com o meu irmão. Ele arqueia a sobrancelha surpreso com a minha atitude e eu sinto que estou diminuindo, até chegar no tamanho de uma formiguinha.

— Por que essa irritação toda? — Ele questiona.

— Porque... você gritou e sabe que eu não gosto disso.

— Eu não vou me irritar hoje e quero que as demais pessoas desse apartamento estejam desejando o mesmo.

— Certo. — Resmungo.

— E sem mal humor. — Ele ordena.

— Tudo bem, irmãozinho. — Ironizo.

— Muito bem. — Ele aperta a minha bochecha e eu lhe dou um tapa.

— Vamos sair.

— Ah não, Oliver.

— Hoje é domingo, e eu quero passear com as mulheres da minha vida.

— Para aonde vamos? — Questiono.

— Emily tem uma casa em Malibu e nós convidou para irmos passar o dia lá, aproveitar esse domingo ensolarado.

— Não tenho direito de escolha, não é mesmo?

— Não. — Ele responde. — Já sabe o que fazer, não é mesmo?

— Sim, senhor.

Quando ele se afasta, eu suspiro e fecho a porta após voltar para o meu quarto. Pego a minha mochila, coloco algumas peças de roupas dentro e confiro o meu celular mais uma vez. Eduard só pode estar de brincadeira com a minha cara. Eu não quero ouvir as bobagens que a minha mente inventa para mim mesma, mas sim acreditar que pode ter acontecido algum problema ou que ele ainda esteja dormindo. Sei muito bem que ele tem dificuldades para dormir, passa boa parte da madrugada acordado e pode ser essa uma das causas do seu sumiço. Vou até o banheiro, prendo o meu cabelo no alto da minha cabeça e sorrio de repente. A noite passada foi muito boa, e eu quero mais. Passo a mão em meu pescoço, fecho os meus olhos e sinto a boca do Eduard se arrastando em minha pele.

A voz do Oliver atrapalha o meu devaneio, eu saio do banheiro e pego a minha bolsa. Vou rumo a sala de estar, encontro todos devidamente prontos e eu tento ser amigável. Saímos do apartamento, descemos a escada de emergência e em pouco tempo já estamos dentro do carro. Ayla coloca os fones de ouvido, e deita a cabeça na janela. A semana foi bem puxada para ela, pois teve muitas coisas para estudar e ajudou a Emily ao cuidar do Andrew quando foi necessário. Ela está ganhando um dinheiro por ajudar a Lewis, mas levou muito tempo para ela aceitar o pagamento, pois ela fez por querer e não por esperar algo em volta.

— Qual o motivo dessa ida para Malibu?

— Foi aniversário da Emily e do Eduard em agosto, mas eles estavam longe e o Dom deu a ideia de não deixar a data passar em branco, só que, agora eles têm um motivo a mais para comemorar dessa vez. — Penélope me explica.

— Então o Eduard vai estar lá?

Ayla me olha surpresa, pois ela deve imaginar que eu esteja ficando louca de perguntar sobre o Lewis. Ela soube parcialmente da minha noite passada, primeiro abriu a boca chocada, mas depois sorriu e disse que torce muito por um casal entre nós desde o início.

— Sim.

— Algum problema, Steph? — Oliver questiona.

— Não.

— Eu sei que você não é mais amiga do Lewis, mas vamos tentar não brigar e nem ter nem um tipo de intriga.

— Isso mesmo, Oliver. — Penélope concorda e faz questão de enfatizar o nome do meu irmão.

— Não tenho nada contra ele e jamais vou arrumar algum tipo de desentendimento. — Resmungo. — É só um pouco surpreendente ele nos querer lá, pois vocês não se dão bem.

— Ele aceitou a nossa ida lá por causa da Emily.

— Ou não. — Ayla sussurra para que apenas eu ouça.

Eu imagino o quanto que o Eduard deve ter ficado bastante relutante ao concordar e deve ter tomado a decisão apenas hoje, pois se tivesse acontecido antes, por exemplo, na noite passada, ele teria me contado. Confiro o meu celular mais uma vez e nada dele entrar em contato comigo. Percebo o carro do Dominic bem na nossa frente e eu fico me questionando se o Eduard já está em Malibu, ou se vai nos encontrar do meio do caminho ou se irá depois. Encosto a minha cabeça na janela ao meu olho, percebo o meu irmão me olhar pelo retrovisor e eu não esboço nenhuma reação. Ontem à noite quase fui pega, mas acabou dando certo. Cheguei em casa apenas dez minutos antes do meu irmão, tomei o banho mais rápido da minha vida e me deitei. Quando eu ouvi a porta do meu quarto se abrir, fechei os meus olhos e fingir estar dormindo. Só que eu sabia que não ia conseguir tão facilmente assim, pois o toque das mãos do Eduard ainda era presente em meu corpo, eu ainda sentia a sua boca correr por minha pele e o calor ainda me dominava. Coloco os meus dedos sobre a minha boca e sorrio. Eu quero muito mais *dele* e sei que vou receber bem mais do que eu espero.

— O que você fez ontem à noite? — Oliver nos questiona de repente.

Ayla troca um olhar comigo e arqueia a sobrancelha.

— Absolutamente nada.

— Deveria ter ido para o Fight conosco então.

— Eu estava com a cabeça explodindo. Você sabe que eu não gosto nem se quer de luz quando eu estou com dor de cabeça. — O lembro.

— Tomou algum remédio?

— Sim.

Um remédio chamado Eduard Lewis.

— E fez efeito?

— E como.

Sorrio e sinto o meu interior se aquecer.

— Qual foi esse remédio? — Ele questiona.

— *Hum...* eu não me lembro.

— Eu tomo um bom remédio quando estou com dor de cabeça e nunca esqueço o nome. — Penélope debocha e dá um beijo no rosto do meu irmão.

Eu entendi muito bem o tipo de remédio que ela insinuou e eu tomei o do mesmo tipo, dado por pelo Lewis, mas eles não devem saber.

— Cada um com o seu remédio.

Meu irmão me direciona um olhar questionador e eu finjo não ver. Cada um, num momento da vida encontrará o seu remédio de forma humana, o meu é meio remédio e meio doença. Às vezes me fere, às vezes me cura. Peço para a Penélope ligar o rádio do carro, a voz do Ed Sheeran soa pelos autofalantes do carro e eu balanço a perna no mesmo ritmo. O caminho até Malibu é relativamente perto, mas a minha ansiedade de ver o Eduard é tão grande que o percurso irá parecer maior. Ainda não consigo entender o seu sumiço, me deixa preocupada em partes, mas também me faz imaginar que ele esteja ocupado ao extremo. Não que esteja me colocando em segundo plano, mas resolvendo o que for necessário para ficar livre de tudo quando estiver comigo.

[...]

Me espreguiço ao sair do carro e ouço o Oliver assoviar como forma de elogiar a casa diante de nós. A casa é de dois andares, em cor bege e traços de madeira e é bem imponente como as demais ao redor. A entrada tem uma cobertura amadeirada, ao lado um pequeno jardim, com alguns bambus e muitas pedras pequenas. Coloco a mão sobre a minha testa, cobrindo os meus olhos do sol e percebo que tem dois carros estacionados aqui. Reconheço que os dois são do Eduard, a Ferrari e a SUV. Volto a observar a casa e sorrio suavemente. É muito bonita. No final do corredor que dá acesso para a casa, tem uma escada que leva diretamente para a praia e a brisa marítima é deliciosa. O dia está muito agradável, o mar calmo e chamativo. Entramos na casa e eu observo uma decoração extremamente linda, e rica.

Assim que pisamos no hall, vejo uma escada de madeira que dá acesso ao segundo andar. Emily nos informa que irá nos apresentar a cada canto da casa e todos nós a seguimos. Ao nosso lado tem esquerdo tem uma pequena

escada, que nos leva para uma minicozinha, com sala de estar e jantar juntas, além de mais uma sacada cercada de vidros. Aqui tem um sofá gigantesco, mesa de centro de vidro e uma parede de madeira, com falsa lareira, e por fim, na sacada tem apenas dois bancos de madeira. Olho para a parede bem atrás de mim e vejo trinta porta-retratos, metade em cada parede. São fotos da família Lewis, a maioria é dos filhos com a mãe, e tem apenas duas fotos aonde o James aparece com a família. Voltamos para o hall, o atravessamos e vamos para a outra extremidade da casa aonde tem uma cozinha maior, e que está movimentada. A cozinha é muito bem equipada e cheia de coisas. O balcão tem diversas travessas devidamente tampadas e três mulheres prendem a sua atenção em nós. Eu conheço apenas uma, a Lisa. Ela sorri assim que nos vê e eu peço mentalmente que ela finja que não me conheça tão bem e sim que tenha me visto apenas uma vez, que aconteceu quando fomos almoçar na mansão Lewis.

— Que bom que chegaram. — Ela declara ao se aproximar.

— Não tinha não vir até aqui, o cheiro está muito bom. — Emily elogia.

— As meninas já estão preparando o almoço. — Ela informa.

— Um trio maravilhoso. — Emily declara e olha ao redor. — Cadê o Ed?

— Ainda não o encontrou?

Emily apenas nega com um aceno de cabeça diante da funcionária e nos informa que o próximo cômodo é apenas um tipo de dispensa, e o último é a sala dos seguranças. Voltamos para o hall mais uma vez, subimos a escada e estamos num andar bem reservado – se a pessoa desejar – pois, ao nosso lado esquerdo tem um corredor que nos leva até ao banheiro, que está mais para um closet com banheiro muito chique, aonde tem dois grandes armários, um de cada lado da parede, uma banheira bem no centro e ao fundo as pias, e ao lado tem o box do chuveiro.

— Aqui só é usada quando a pessoa está sozinha, não é?! — Ayla comenta ao observar a banheira.

— É só fechar a porta para usá-la e ter a devida privacidade. — Emily informa.

Andamos mais um pouco e aqui tem a primeira suíte. A cama é bem grande, ao lado tem criado-mudo altos, tapetes felpudos cobrem o chão, um recamier alto diante da cama e depois dele tem três poltronas na frente da cama, uma clara e outras duas escuras. Tem uma abertura na parede lateral

que dá acesso ao banheiro por aonde acabamos de passar, nessa mesma parede tem detalhes de madeira com uma falsa lareira e no final do cômodo tem um tipo de sacada. Dois sofás rústicos e uma mesa de centro de vidro. A proteção em volta é toda em vidro e dá uma linda vista do lugar aonde estamos.

— Eduard é muito espertinho. — Ouço a Emily resmungar.

Olho para a cama e vejo percebo diversos pertences sobre ela, inclusive a chave da Ferrari. Desde ontem ele está a usando, mas me lembro muito bem que ele comentou uma vez que esse carro era o qual ele menos usava. Vamos para a outra parte da casa, Emily abre uma porta e nos mostra que ali é uma sala de tevê, nesse mesmo corredor tem mais três portas, respectivas das suítes. Emily nos informa que nós, os Baker's podemos deixar os nossos pertences na suíte da segunda porta, ela pede para o namorado deixar as coisas deles na próxima, pois lá foi instalado um berço e eu me sento na cama. Creio eu que, o último quarto está sendo usado pelas meninas que estão aqui trabalhando, eu já percebi que os Lewis não as tratam como meras funcionárias, eles têm um vínculo – principalmente com a Lisa – muito forte.

Ninguém irá passar a noite aqui, então os quartos serão usados apenas para deixar os nossos pertences mesmo. Eu imagino que a senhora Lewis que tenha decorado, pois existem muitas obras de artes, quadros e estatuas. Não conheço nem um possível artista famoso que possa ter feito-as. Voltamos para o andar de baixo, e eu enfim o vejo. Eduard passa rapidamente pelo corredor lateral da casa e some em segundos. Aproveito que o Oliver ficou no quarto com a esposa, vou até a cozinha e a Lisa sorri quando nota a minha presença. Ela é muito simpática.

— Senhorita Baker.

— *Hum...* oi. — Aceno um pouco sem jeito. — Eu vim te agradecer pelas delicias que a senhora preparou ontem.

— Fico feliz que tenha aprovado as guloseimas.

— Estavam ótimas. — Declaro.

Ela sorri mais amplamente ao olhar para traz de mim, e antes que eu possa ter alguma reação, sinto a presença e o calor corporal de outro corpo quase grudado no meu.

— Baker. — Eduard sussurra em meu ouvido.

— Lewis.

Dou um passo para frente me afastando, giro o meu corpo sobre os

meus calcanhares e fico de frente para *ele*.

— Antes que você fale qualquer coisa, eu sei que fiquei de entrar em contato contigo, mas acordei em cima da hora de vir para cá e quando cheguei aqui tive que fazer diversas coisas.

— Imaginei que estivesse ocupado.

— E estava muito. — Ouço a Lisa comentar.

— E uma coisa importante... — Comento o fazendo me olhar com muita atenção. —, não podemos ficar dando bobeira aqui. Ainda não conversamos sobre o meu irmão ficar a par, mas por enquanto eu não quero contar nada, quero ter a certeza sobre isso que está acontecendo entre nós.

— Tudo bem. — Ele concorda.

— Stephany... — Ouço o Oliver me chamar e sinto a minha espinha gelar.

Eu dou mais um passo para trás, o Eduard dá um para o lado e eu vejo o meu irmão. Espero eu que, ele não tenha ouvido nem uma palavra se quer.

— Oi.

— Lewis. — Ele acena com a cabeça.

— Baker. — Eduard acena de volta.

O meu irmão volta a me olhar e eu tento parecer neutra, mesmo que eu sinta como se o meu coração fosse sair pela boca.

— Está tudo bem?

— Sim, eu só vim...

Merda! Eu não sou boa em mentir assim, sendo pega de surpresa.

— Aqui está a sua água, senhorita Baker. — Lisa me entrega um copo.

— Isso! Eu vim beber água.

Pela situação, estou realmente com sede, pois a minha garganta ficou seca. Bebo tudo num gole só, devolvo o copo para a Lisa e saio da cozinha. Ouço o Oliver andar bem atrás de mim, e é uma pressão gigantesca. Encontro os demais na sala de estra, estão conversando animadamente e eu me sento na ponta do sofá. O meu irmão se senta ao lado da esposa e fica me olhando por longos segundos.

— O que vocês pretendem fazer? — Eduard questiona.

— Até que fim apareceu, Eduard. — Emily resmunga.

— Eu quero falar com você.

— E eu vou dar um pulinho na cozinha, para ver o que a Lisa está fazendo. — Dominic informa.

Todos eles saem da sala de estar, Oliver volta a me olhar e eu arqueia uma sobrancelha.

— O que é, Oliver?

— O que vocês estavam conversando? — Ele questiona.

— Eduard apenas me cumprimentou.

— Se ele te perturbar...

— Ei, combinamos um dia tranquilo. — Penélope o lembra ao interrompê-lo.

Lhe direciono um sorriso forçado, cruzo os meus braços em frente ao corpo e observo o lugar que estamos. Apesar de não ser uma relação muito agradável entre todos, me refiro principalmente entre Oliver e Eduard, tenho certeza de que ambos estão decididos a termos um dia tranquilo. Emily volta para a sala, ajeita o filho em seus braços e suspira.

— O almoço está quase pronto, e depois... Oliver e Penélope, vamos sair. — Emily informa.

— Sair? — Oliver questiona.

— Vamos ir em alguns lugares, sair em casal. — Ela sugere.

— Por quê? — Ele questiona mais uma vez.

Percebo pelo canto do meu olho o Eduard atravessar a sala de estar segurando um copo, ele se senta no banco de madeira e pisca para mim.

— Porque eu estou convidando e quero que vocês aceitem.

— Tudo bem, podemos ir. — Penélope afirma.

— E as meninas? — Ele questiona.

— Lisa, Jô e Ada vão ficar aqui, além dos dois seguranças também. — Emily informa.

Oliver arqueia as duas sobrancelhas e ela suspira. Penélope resmunga alguma coisa para o marido, ele acaba concordando e olha para mim novamente. Eu olho para o Eduard, ele levanta o copo como se estivesse brindando e eu sei que esse convite da Emily tem a ver com a conversa que eles tiveram há poucos minutos. Eu tenho certeza de que algo está se passando naquela mente, maquinando alguma coisa e eu tenho certeza de que vou gostar. Ouço a Emily informar que ela ainda não mostrou o terraço para nós, mas podemos ir para lá mais tarde. Dominic aparece na sala de estar, chama o Oliver e eles vão na direção do Eduard. No caminho para cá, quando o Turner teve que parar no posto para abastecer, a Emily lembrou a todos que aqui não teria nenhum tipo de bebida alcoólica. Eles decidiram não

questionar, e nem tentar trazer alguma cerveja, mas nesse passeio que darão, vão ir beber.

O almoço fica pronto, as meninas da cozinha arrumam a mesa e eu me vejo numa situação complicada. Todos já se sentaram, e só resta um lugar. Eduard está sentado na ponta, a cadeira ao lado está vazia que é bem na ao lado da Emily, mas na frente do meu irmão. Decido me sentar logo, a que ficar enrolando e causar uma situação de constrangimento bem explícito. Cada um se serve e comemos em silêncio. As meninas capricharam no cardápio e eu sei que fizeram com muito carinho, o carinho que elas têm pelos Lewis. Fizeram macarrão com queijo, lagosta, asinhas de frango picantes e salada de repolho. Turner trouxe as asinhas já devidamente prontas, então essa parte foi responsabilidade dele. Bebo um pequeno gole meu refrigerante, olho para o Lewis e mordo o meu lábio inferior ao sentir a sua perna raspar na minha.

— Vocês não frequentavam muito essa casa, não é? — Turner pergunta.

— Ficávamos mais na de Los Angeles mesmo. — Eduard responde. — Aliás, a Emily que vinha mais aqui com a nossa mãe.

— Ela amava vir aqui, mas era raro as suas vindas aqui. — Emily comenta.

— A casa é muito bonita. Tem muita madeira e vidro. — Ayla elogia.

— A senhora Lewis fez questão de decorar, ela amava madeira, mas ao mesmo tempo amava vidro para deixar a maior quantidade de luz entrar.

— O que por muitas das vezes foi um caos esse vidro todo. — Ed comenta.

— E fazia a nossa mãe repensar sobre a escolha que ela teve ao montar essa casa. — Emily lembra.

Enquanto continuamos a comer, os Lewis contam coisas boas que viveram nas vindas até essa casa com a mãe e é visível que o Eduard está se referindo a ela bem mais saudoso que anteriormente. Coloco a mão por debaixo da mesa, toco em seu joelho e o seu olhar conecta ao meu. Talvez não sejamos bons um para o outro, não cem por cento. Só que, nós dois já passamos por tantas coisas ruins e então tentamos não causar as mesmas coisas a terceiros. Retiro a minha mão de sua perna, cruzo o meu olhar com o do meu irmão e ele está bem alheio a mim, pelo menos por enquanto. Termina o almoço, a Lisa volta a aparecer junto com as meninas e elas

retiram a mesa e colocam pratos de sobremesa. Em seguida ela coloca o bolo, especialmente um *red velvet* sobre a mesa e tem duas velas sobre ele. Por mais que estejamos em novembro, eles merecem comemorar o aniversário e a total liberdade.

— Eu me lembro do último. — Emily comenta baixinho ao olhar para o irmão.

— Eu também, mas o dessa vez é diferente.

Eduard estica o braço na direção da irmã, segura na mão dela e me olha.

— É como o Eduard acabou de dizer, Emily, dessa vez será diferente. — Lisa comenta.

Não sei o que eles estão se referindo, talvez aqui ninguém, além deles saiba o que aconteceu no último aniversário, só que eu não tenho coragem de perguntar e percebo que nem uma outra pessoa também. Lisa acende as velas e nós cantamos parabéns. Emily é a mais animada, enquanto o Eduard apenas fica quieto e observando ao redor. Eu chuto levemente o seu pé e gelo ao ver o Oliver me encarar.

— Você me chutou? — Ele sibila.

Merda! Eu errei o alvo.

— Seja mais simpático. — Sibilo de volta.

Não sei o porquê eu disse isso, mas foi a primeira coisa que eu pensei em falar. Ele está sendo simpático e deve estar confuso com a minha fala. Após os parabéns, Eduard volta a se sentar enquanto a Emily corta as fatias de bolo e tem o auxílio da Lisa durante a tarefa.

— Senhor Lewis.

Olho para trás e vejo o segurança que outro dia me levou para casa. Eduard pede licença e sai rapidamente junto com o funcionário. Por mais que eles estejam caminhando para uma vida tranquila, ele tem o costume de ter seguranças por perto e é bom, pois ele é quase uma pessoa pública. Emily pede para que a Lisa nos faça companhia, ela se senta aonde o Eduard estava e conversa tranquilamente com todos. Ela conhece as piores e melhores fases do Lewis, o conhece e cuida muito bem dele, aliás, faz apenas o que ele permite. Por mais que ela tenha liberdade, age com calma para que Eduard fique bem. Praticamente engulo o último pedaço do bolo que me foi servido, informo que vou até o quarto colocar uma roupa mais leve e me afasto de todos. Subo a escada indo rumo ao segundo andar, olho na direção do quarto

aonde estão as minhas coisas, mas acabo dando alguns passos na direção da suíte principal. Ele não está aqui e sim resolvendo alguma coisa. Sinto a proximidade de alguém, em seguida apenas uma mão em minha cintura e eu me encosto nesse corpo. Por mais que o Lewis seja superficial em diversos momentos, ele tem os seus momentos amorosos.

— Sabe que é perigoso estar aqui, com o seu irmão estando por perto, não é mesmo?

— Eu sei, mas gosto do perigo. — Confesso e o sinto sorri contra a minha nuca.

— Não quero entrar em um novo combate contra o seu irmão.

O meu cabelo está preso num coque no alto da minha cabeça, então o dá livre acesso a minha nuca e o Eduard arrasta a sua boca pela minha pele. A sua mão escorrega para o meu ventre e brinca com o botão da minha calça.

— Você teve a ver com o convite da Emily, não é?

— Talvez. — Ele sussurra.

— Você teve a ver. — Afirmo.

— Com esse passeio dos casais, vamos ter um momento para continuarmos a nossa conversa da noite anterior.

— Não foi bem uma conversa, mas foi algo muito bom.

— Muito bom? — Ele questiona.

Me viro de frente para ele, passo os meus braços por sua cintura e fico nas pontas dos pés. Distribuo beijos em seu maxilar, mas sou interrompida quando ele segura em meu cabelo, na base da minha nuca para manter a minha cabeça parada.

— Foi maravilhoso.

— Eu sou bom no que eu faço.

— Soberbo. — Resmungo.

— Verdadeiro.

E antes que eu possa falar alguma, ele sela as nossas bocas e aperta a minha cintura ao aprofundar o nosso beijo. Eu passo os meus braços por seu pescoço, ele me abraça pela cintura e me suspende um pouco, para que eu não me canse ao ficar nas pontas dos pés. Passos na escada chamam a nossa atenção, eu me afasto bruscamente e ando rapidamente rumo ao quarto. Coloco a minha mochila sobre a cama e fico mexendo nela em busca de amenizar o fogo que está consumindo o meu interior. Penélope entra no quarto, me olha e vai para o outro lado mexer em sua mochila.

— Aonde vocês vão?

Quero ter a certeza de que eles vão demorar um bom tempo, mas me sinto um pouco mal por estar agindo dessa forma, pelas costas do meu irmão e deixando a Ayla em algum lugar por aí sozinha, enquanto eu fico... possivelmente transando. Possivelmente é uma palavra para amenizar a situação, pois nós sabemos que iremos, com toda a certeza, nos enrolarmos nos lençóis caríssimos da suíte principal.

— Vamos dar uma volta, aproveitar um pouco o dia. — Ela responde.

— Vão perto ou longe?

— Por quê? — Ela questiona ao me encarar.

— Ayla e eu vamos ter que ficar aqui, então é bom saber se será perto ou longe.

— Podem aproveitar algum tempinho na praia.

— Vou ver se a Ay quer.

— E o Eduard vai sair, terá que resolver alguma coisa, mas a Lisa ficará aqui.

— Mas ele vai voltar?

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Talvez ele não saia, talvez fique aqui e essa conversa sobre resolver alguma coisa seja apenas uma desculpa qualquer dele. — Ela dá de ombros.

— Ele deve ter algo a resolver, o segurança o chamou, mas depende apenas dele ao escolher se vai sair ou não. — Resmungo.

— E de outra pessoa também. — Ela sussurra.

Finjo não ouvir essa parte, pego a minha roupa e vou até o banheiro. Visto o biquini, vermelho em seguida o short jeans e a regata. Moramos em Los Angeles e nesse tempo todo não fomos para a praia, aliás é um lugar aonde vamos pouquíssimas vezes. Saio do banheiro, dando a chance de a Ayla ir se vestir. Ajeito o coque em meu cabelo, calço o chinelo e guardo a roupa que eu estava usando dentro da mochila. Penélope ainda está aqui, está sentada em frente ao espelho se maquiando e quase pronta para sair. Em seu corpo tem short de couro e uma camiseta branca curta, que deixa uma pequena amostra da sua pele exposta, na altura de suas costelas. Me sento na cama, passo o protetor em meu rosto e percebo a Penélope olhar para mim.

— O que foi?

— O Dia de Ação de Graças está chegando. — Ela me lembra.

— É.

Não estava lembrada dessa data, mas é uma de grande importância. Minha mãe sempre faz questão de ter os filhos reunidos e eu amava muito essa data, não por ter a família reunida, mas por ser a única, além do meu aniversário e da Ay – que acontece no mesmo dia –, que o Oliver aparecia lá na casa dos nossos pais. Apesar de que sempre era um caos quando todos nós estávamos juntos, essa sempre foi a única data aonde a paz reinava, aonde todos respeitavam e se respeitavam, pelo menos externamente, pois internamente era impossível o respeito surgir em algum momento.

— Eu sei que vocês sempre passam essa data com os seus pais, mas nesse ano é diferente, muitas coisas aconteceram. — Ela comenta.

— E o que você quer dizer com isso? — Questiono.

— Será que esse ano vocês irão para Santa Maria?

— Sim, é praticamente ofender a minha mãe se a gente não for para lá.

— Então terá que convencer o seu irmão, pois pelas poucas palavras que ele me disse, não demonstrou pretensão a ir até lá.

Suspiro e aceno concordando. Ayla enfim sai do banheiro devidamente pronta para aproveitar um dia de praia, Penélope termina de se maquiar e calça o tênis. O assunto se dá devidamente por encerrado quando o Oliver adentra no quarto, apenas troca a camiseta e abraça a esposa. Hoje em dia, eu me dou muito bem com a Penélope e então eu espero que o meu irmão se der bem o Lewis em algum momento. Enfim saímos do cômodo, vejo a porta da suíte do Eduard fechada e eu tenho a certeza de que ele está lá dentro. O outro casal já está no hall esperando os demais, Emily não irá levar o Andrew e eu não tenho a menor ideia de aonde ele esteja. Me surpreendo quando o Oliver coloca as mãos nos meus ombros e nos leva para longe dos demais. Como sempre, ele me dando recados e instruções, e isso acontece apenas comigo, pois ele não faz a mesma coisa com a Ay.

— Comporte-se, Stephany.

— É claro que eu vou me comportar.

— Estou falando sério, Steph.

— Eu também.

Ele revira os olhos e cruza os braços em frente ao meu corpo.

— Eu não tenho a menor ideia do que está acontecendo entre você e o Eduard...

— Você tem que ir, todos estão te esperando. — Lembro-o ao interrompê-lo.

Oliver olha para trás, percebe que todos estão o esperando e ele dá um beijo na minha têmpora. Eu faço questão de acompanhá-los até a saída, aceno ao ver o carro indo embora e eu volto correndo para dentro da casa. Ayla está me esperando para irmos para a praia e eu lhe dou um sorriso amarelo. Queria me enrolar nos lençóis nesse mesmo segundo, mas não quero ficar em falta com a minha irmã. Nos poucos segundos que eu fui até o portão, ela aproveitou para pegar os chapéus e as demais coisas necessárias. Estico a minha mão em sua direção, ela a segura e descemos a escada que nos leva rumo a praia. Fico apenas de biquíni, pego o protetor da mão da minha irmã e passo em meu corpo. Me sento na espreguiçadeira, coloco o chapéu sobre o meu rosto, o protegendo do sol e relaxo. Depois de semanas caóticas, cheias de acontecimentos um dia assim, é tudo que eu precisava.

— Emily está sendo uma bela cúmplice. — Ouço a Ay comentar.

Levanto brevemente o chapéu e a olho. Ela está deitada na espreguiçadeira ao meu lado, está usando um biquíni escuro e colocou o chapéu em seu rosto. A sua pele branca não ficará bronzeada com apenas um dia de sol, mas tenho certeza de que ficará vermelha.

— Não queria estar agindo assim, pelas costas do Oli, mas eu prefiro esperar mais um tempinho para ter a certeza sobre isso que está acontecendo entre o Eduard e eu.

— É melhor esperar mesmo.

Sinto um pingo cair entre os meus seios, retiro o chapéu do meu rosto e olho para cima. Eduard está no segundo andar, conseqüentemente em seu quarto, Andrew está em seu colo e eu sorrio. Enquanto ele cuida do sobrinho, eu fico um tempinho com a minha irmã, além de pegar um pouco de vitamina D. Volto a cobrir o meu rosto e ouço o riso da Ayla.

— Você pode ir ficar com ele, eu sei tomar sol sozinha.

— Eu quero ficar aqui com você!

— E quer ficar com ele.

A olho mais uma vez e ela arqueia a sobrancelha.

— Mas não quero te deixar sozinha.

— Eu não ligo e não vou ficar muito tempo aqui. Vai aproveitar esse tempo que todos saíram.

— Tem certeza?

— Sai daqui Stephany.

Sorrio, saio da espreguiçadeira e pego os meus pertences. Subo a

escada após vestir apenas o short, entro em casa e fico tímida ao dar de cara com o Eduard, pois ele está conversando com um segurança, que eu não conheço e o seu olhar recai sobre mim. Lewis dispensa o seu funcionário e me adverte com o olhar. Me desculpo num sussurro e ele se aproxima. Sem falar nada, ele segura em minha mão e me puxa rumo ao segundo andar. Entramos em sua suíte, ele tranca a porta e retira as coisas que estão em minha mão. O chapéu e a camiseta ficam caídos no chão, bem ao lado da banheira, eu largo o meu chinelo no mesmo lugar e caminho lentamente. Eu não tenho a menor ideia de como é a visão que ele está tendo nesse segundo, mas a qual eu estou tendo é excitante. Eduard está parado no meio do seu quarto, as mãos estão enfiadas no bolso da sua bermuda e os seus olhos fixos em mim. É como se o predador estivesse de olho em sua presa, ansiando pelo ato final. Paro na porta do quarto, abro o botão do meu short e a peça escorrega lentamente pelas minhas pernas.

— Você fica muito bem de vermelho. — Eduard comenta baixinho.

— Então eu devo ficar assim?

Ele ri levemente, manea a cabeça para os lados e nós nos aproximamos.

— Nesse momento eu prefiro você nua, enrolada nos lençóis dessa cama.

Em segundos, ele me agarra e me joga sobre a cama. Posso parecer um pouco doida, mas gosto exatamente disso, de ele agir de uma forma mais carnal comigo, me dominando e me deixando esgotada, como aconteceu na noite passada e sei que hoje irá se repetir. As nossas bocas estão grudadas, mãos passeando para lá e para cá, e as peças de roupas voando para longe dos nossos corpos. A sua boca se afasta da minha, desce pelo meu pescoço, passa pela clavícula e chega ao meu seio. Um gemido alto escapa da minha boca quando a sua boca se fecha em volta do meu mamilo esquerdo, agarro o lençol a minha volta e fecho os meus olhos. A cada vez que essa boca... essa bendita boca passeia pelo meu corpo eu me desfaço em milhares de pedacinhos. Ela passa para o outro seio e eu tento esfregar a minha cintura contra a dele, mas não consigo.

Eduard Lewis me faz sentir coisas que eu nunca senti antes, me faz experimentar coisa já conhecidas, mas que me dão novas sensações e excitação explosiva. Enfio os meus dedos entre os fios do seu cabelo, o sinto sorrir contra a minha pele e a sua boca volta a trilhar o meu corpo. Passa pelo

meu ventre e enfim chega na minha intimidade. Céus! Ontem eu toquei as estrelas e hoje, eu vou tocar ao inferno, pois o calor corporal que este entre nós é grande, muito mais do que eu já senti em toda a minha vida. Eduard passa a língua pelo meu clitóris, apenas para me provocar, resmungo e ele cai de boca, literalmente. Ele suga o meu clitóris, enfia dois dedos dentro de mim e os mexe. Rolo os meus olhos, agarro o lençol com mais força e levo a minha pélvis em sua direção.

A sua mão livre pousa em meu ventre e me mantém parada. A sua língua trabalha com avidez, assim como os seus dedos. O meu cérebro não consegue acompanhar o que está acontecendo *lá embaixo*, pois eu não consigo raciocinar muito bem. Quando eu estou prestes a chegar ao orgasmo, sinto ele se afastar por completo e eu me sinto vazia. O seu olhar encontra o meu, eu mordo o meu lábio inferior e ele se senta entre as minhas pernas. Pega a camisinha sobre o criado-mudo, a veste e puxo o edredom para nos cobrir. Passo as minhas pernas por sua cintura, ele pincela o seu membro em minha entrada e me penetra lentamente. Mexo a minha cintura contra a dele e seguro em seus ombros. Subo uma das minhas mãos até o seu rosto, acaricio a sua bochecha e ele me olha surpreso, mas não questiona nada e continua a se movimentar contra mim. O sexo com o Eduard deveria ser considerado como uma oitava maravilha, mas como não se deve vender a receita secreta, ele deveria apenas ganhar um prêmio por um serviço anônimo. Sem que eu espere, ele sai de dentro de mim e eu franzo o cenho.

— Por que parou?

— Vira. — Ele ordena. — Peito na cama e bunda para cima.

— Era isso que eu queria...

Algo mais intenso.

Eduard apenas sorri e acena, para que eu me movimente logo. Faço exatamente o que ele disse, sem nenhum pinga de vergonha ou timidez. O sinto voltar a deslizar para dentro de mim, a sua mão direita escorrega pelas minhas costas e segura em minha nuca. A outra mão segura em minha cintura e ele investe com avidez contra mim. Agarro o travesseiro a minha frente e tento fazer o mínimo de barulho possível.

— Não estamos na mansão e nem sozinhos, então... — Ele beija o meio das minhas costas. —, seja silenciosa, dona encrenca.

— Odeio esse apelido. — Resmungo.

— Eu sei e é exatamente por isso que eu lhe chamo assim.

Sinto ele ir mais fundo e eu abro a minha boca, tentando conter um gemido em minha garganta.

Mexo a minha cintura contra a dele, seguro com mais força o travesseiro e escondo o meu rosto nele. Não consigo conter os meus gemidos, não quando estou recebendo esse tipo de *tratamento*. O seu membro toca diretamente em meu ponto g a cada segundo que se movimenta dentro de mim e eu estou próxima a atingir o meu ápice. O seu nome escapa da minha boca num gemido, ele segura com mais força em meu cabelo e intensifica os seus movimentos. Relaxo contra a cama, ele segura mais forte pela cintura e escorrega a sua outra mão para o meu clitóris. Eduard remexe os seus dedos contra o meu ponto de prazer, eu me empino ainda mais em sua direção e atinjo ao orgasmo. Um gemido rouco escapa da sua boca quando ele goza, e longos segundos depois, ele sai lentamente de mim. Ele cai deitado do meu lado na cama, eu fico de lado e ficamos cara a cara.

— Estou com uma aparência desgrenhada, não é mesmo?

— O que é desgrenhada? — Ele questiona debochado.

— A aparência que eu estou nesse momento.

A sua mão pousa ao na minha bochecha, retira os fios de cabelo que estão caídos na minha face.

— Estar com a bochecha corada, o cabelo um pouco bagunçado e olhos brilhando, sabe o que isso significa?

— Não.

— Que você estava transando muito.

— E que eu preciso de um banho. — Declaro. — Que horas são?

— Por quê? Tem algum compromisso?

— O pessoal pode chegar a qualquer momento.

Ele estica o braço sobre mim, pega o seu celular no criado-mudo ao meu lado e apoia – parcialmente – o seu peso sobre o meu tórax e manéia a cabeça para os lados.

— Emily vai me avisar quando estiverem voltando, além de eu estar rastreando o celular dela, e eles ainda estão em movimento para ir para algum lugar.

— Não sabe para aonde eles iriam?

— Ela ia decidir no caminho.

— Espero que o meu irmão não fique desconfiado, pois a Penélope estava, mas não insinuou nada de forma ruim.

O ouço largar o celular sobre o móvel e ele deixa o rosto pairado sobre o meu.

— Eu não consigo entender.

— O que? — Questiono confusa.

— Eu não consigo entender essa forma que você me faz sentir em relação a você, esses sentimentos e essa forma que eu estou sendo contigo.

— Me sinto da mesma forma, além disso, eu estou sentindo novas coisas e as quais eu já conhecia, estão de uma forma diferente.

— E temos que ver isso como uma forma boa ou ruim? — Ele questiona.

— Boa, eu espero que seja. — Declaro.

— Bom, espero que a gente consiga se entender.

— Pelo menos, estamos conseguindo no momento.

Seguro o seu rosto entre as minhas mãos, lhe dou um beijo casto e sorrio. O meu sentimento por este homem é muito grande, e a cada dia cresce mais. Sei que existe o risco de eu me magoar se esse romance não der certo, só que eu aprendi muito que, devemos aproveitar cada segundo e ao máximo possível. Eduard continua me olhando fixamente, e eu não consigo ter nenhuma reação. O seu olhar é penetrante, e apaixonante.

— Você sabe o que eu sinto por você, não é?

— Sei. — Ele responde ao beijar suavemente os meus lábios.

Em seguida sai da cama e eu contemplo. Eduard é um belo homem, forte, viril e está nu. Observo ele caminhar pelo quarto, vai na direção do banheiro e eu fico sozinha. Céus! Esse homem está sendo a minha perdição e eu estou gostando muito disso. Me sento na cama, penteio o meu cabelo com os meus dedos mesmo e o prendo novamente num coque. Olho para o meu lado direito, aonde tem a porta que dá acesso ao banheiro e vejo o Eduard parado lá. Os braços estão cruzados em frente ao seu tórax nu, os meus olhos passeiam pelo seu corpo e eu percebo o seu olhar guloso sobre os meus seios. Me cubro com o lençol, um pequeno sorriso banha o canto dos seus lábios e ele se aproxima.

— Sabe como você me olha?! Como um predador.

— E eu sou o predador?

É visível o seu deboche.

— Exato, e eu a presa.

— É bom saber disso.

Ele se inclina em minha direção, me agarra pelo cabelo e me beija profundamente. Aproveito para passear as minhas mãos pelo seu corpo, arranho superficialmente o seu abdômen e apalpo o seu membro ereto. Faço leves movimentos e isso o estimula a intensificar o nosso beijo. Sem que eu espere, ele me puxa para fora da cama e me leva até a poltrona. Ele se senta, me puxa para o seu colo e eu deslizo sobre o seu pau. Cada segundo desse delicioso sexo é também uma boa forma de aproveitar o tempo e esse romance. Claro que não devemos ter a base desse possível relacionamento apenas no sexo. Paro os meus movimentos de repente, Eduard me encara sem entender e eu apoio as mãos em seus ombros.

— A camisinha. — Alerto.

— Eu estou limpo.

— Eu também, mas essa não é a questão.

— E qual é então?

— Gravidez.

— Isso não vai acontecer e depois conversamos sobre esse assunto.

Fico sem entender, mas decido não parar logo agora. Eu fiz um procedimento recentemente por causa da minha endometriose, e caso eu queira engravidar algum dia, terei que fazer um tratamento especial, mas isso não quer dizer que não pode a ver uma possibilidade do universo querer brincar com a nossa cara e fazer que o meu ovário seja fecundado, mas isso não vai acontecer. Não vai! Volto a me movimentar, ou melhor, cavalgar, literalmente sobre o Eduard. Ele fica me segurando pela cintura, auxiliando os meus movimentos e eu jogo a minha cabeça para trás quando a sua boca captura um dos meus seios. Agarro o seu cabelo, o sinto ri contra a minha pele e eu simplesmente esqueço de tudo. Quando eu me dou conta, nós dois atingimos o orgasmo juntos e eu só não caio para trás, porque o Eduard me segura.

— Vamos tomar um banho rápido e depois vamos descer para a praia.

— Ele sugere.

— Posso chamar a minha irmã? A deixei sozinha há minutos.

— Minutos? Faz quase duas horas que estamos aqui.

— Oi?

Ele me retira do seu colo e caminha para o banheiro. Eu o sigo rapidamente, confiro se a porta está mesmo fechada e entro no box junto com o Eduard. De ambos os lados têm chuveiro, Ed abre os dois lados e a água cai

sobre o meu corpo. Por mais que eu esteja disposta a sairmos logo daqui e ficarmos um tempinho com a minha irmã, eu paro tudo e fico observando o Eduard. Ele está de olhos fechados enquanto esfrega o couro cabeludo e eu estou praticamente babando. Desvio o meu olhar para não ser pega no flagra e desligo o chuveiro. Ed faz a mesma coisa, sai do box e me dá uma toalha antes de se enrolar em outra. Me sento, e envolvo ao redor do meu corpo e volto para o quarto. Visto de volta o biquíni, em seguida o short e pego o restante das minhas coisas no banheiro. Eduard passa o braço pelo meu pescoço, descemos para o primeiro andar e tudo continua silencioso. Vejo a Lisa na sala de estar com o Andrew, ele está dormindo tranquilamente no sofá e nós descemos para a praia. Ayla continua aqui, mas está debaixo do guarda-sol se protegendo. Ela sorri quando nos vemos, nos sentamos na espreguiçadeira ao lado e eu deixo as minhas roupas longe da areia.

— Vamos dar um mergulho?!

Olho surpresa para *ele* ao ouvir o seu convite e aceito. As nossas mãos se entrelaçam, ele me faz correr em direção ao mar e eu agarro no braço dele. Não tenho muita intimidade com o mar e nem sei nadar, então sempre fico receosa ao entrar no mar. Ed está usando uma bermuda de pano apropriado para entrar na água e ele me parece estar bem tranquilo. Hoje, é a primeira vez que o vejo tranquilo dessa forma e desejo ver isso mais vezes.

[...]

Os dias têm corrido de uma forma muito boa, Eduard e eu temos nos vistos durante a tarde quando o Oliver está trabalhando e quando a Penélope sai para ir para a emissora. Emily e Ayla são as cúmplices, e tem sido muito gostoso esse início de romance. Às vezes tivemos alguns desentendimentos, ficamos sem nos falar pessoalmente e por mensagens, mas dois dias depois nos resolvíamos e a reconciliação era ainda mais gostoso. Além de transarmos muito... muito mesmo, nós também conversamos bastante e como estamos nos entendemos cada vez, decidimos que vamos conversar com o Oliver.

Só que, hoje é Ação de Graças e estamos indo para Santa Maria e por mais que eu não deva satisfação aos meus pais, eu quero que eles conheçam o Ed, mas isso é mesmo por causa da minha mãe. Ela não virá tão cedo para Los Angeles, então eu quero que ela também tenha o direito de conversar

com o Eduard. Não somos namorados, mas também não somos um mero casinho. Então combinamos, que à noite ele irá na casa dos meus pais, mesmo que os avós dele estejam aqui na cidade novamente. Não contei nada para ninguém, nem mesmo para a Ayla, pelo menos por enquanto. Eu nem se quer consigo imaginar a possível reação que o Oliver terá ao saber que eu e o Eduard estamos juntos.

O julgamento ainda não aconteceu, mas está marcado para ser realizado daqui alguns dias. Turner também foi declarado como mais uma vítima do senhor Lewis, mas ele ganhará uma indenização do estado por causa da má investigação e por ter sido prejudicados por pessoas mal intencionadas profissionalmente. Estou ansiosa para tudo isso acabar, pois a cada dia que o julgamento se aproxima, Eduard volta a ficar tenso. E quando ele fica dessa forma, parece que ele volta a vestir a sua armadura de homem invencível e isso é ruim, pois não conseguimos conversar tranquilamente. Por mais que eu tente não entrar no assunto e distraí-lo, algo sempre remete ao bendito julgamento.

— O que será que nos espera, aqui, hoje? — Ayla me questiona baixinho.

— Coisas boas, pelo menos é o que eu espero.

Descemos do carro novo do Oliver, ele ganhou da Emily quando nocauteou o adversário no primeiro round. Eu estava no Fight nesse dia, assisti apreensiva cada segundo daquela luta e no final acabei rindo por causa de uma frase que o Eduard sussurrou em meu ouvido.

— *Eu espero que o seu irmão não faça isso comigo quando contarmos para ele sobre nós.*

É claro que o Oliver não vai agir dessa forma inconsequente, pelo menos é o que eu desejo. Estou apreensiva para a chegada *dele*, mas tenho que me manter calma e não insinuar nem um pinga disso. E para estarmos aqui hoje, Ayla e eu tivemos longas conversas com o nosso irmão em relação a nossa vinda para cá, pois por ele, não viríamos e sim, ficaríamos em Los Angeles. Até hoje eu não sei o que a nossa mãe lhe disse para que ele se afastasse dessa forma. Dona Hillary ficou bastante feliz quando eu avisei que viríamos para cá e eu sei que ela ansiava muito por isso. Sentimos a sua falta, mas morar aqui novamente é algo que eu repudio com toda a minha força.

— Meus amores! — Hillary exclama quando nos vê descendo do carro.

— É bom vir por ela, mas esse lugar...

Eu meu murmuro sai de forma irritada quando a imagem do Klaus invade a minha mente.

— Para de ser chata. — Ayla ordena antes de correr na direção da nossa mãe.

Enfio as mãos no bolso do casaco e ando na direção da minha mãe. Ela me abraça e franze o cenho ao observar o meu cabelo um pouco mais longo. Eu sempre costumava cortar o meu cabelo a cada um mês e meio, mas faz mais de três meses que eu não o corto e então ele cresceu bastante. Recebi elogios pelo meu cabelo estar bonito e o qual eu mais gostei foi o qual veio do Eduard. Ele comentou que a cada dia fica mais gostoso de pegar o meu cabelo da forma que nós dois gostamos na hora do sexo. De início, as minhas bochechas coraram com o seu atrevimento, mas segundos depois eu já estava agarrada com ele. Um nó se forma em minha garganta assim que entro em casa, o meu olhar se cruza com o do meu pai e eu não esboço nenhuma reação, muito menos palavra. Ayla se aproxima dele, coloca a mão em seu ombro e sorri.

— Oi, pai. — Ela o cumprimenta.

— Oi, Ayla. — O seu olhar ainda continua preso no meu e a minha raiva por ele surge.

E sem dizer nada, eu subo para o segundo andar e vou diretamente para o meu quarto. Controlo a minha vontade de bater à porta, então a fecho com calma e coloco a minha mochila sobre a mesa de escrivaninha. Faço questão de deixar todas as janelas trancadas e cortinas fechadas. Odeio ter a sensação de que o Klaus pode entrar aqui a qualquer momento e tentar algo comigo. Quando eu me abri com o Eduard, eu senti o nojo se desfazer de mim e eu pensar no que aconteceu, não me dá mais nojo, mas sim tristeza. Ouço barulho no corredor, abro a porta e dou de cara com a Penélope.

— Eu vou ir descansar um pouco, mas pode me chamar se acontecer alguma coisa ou se precisar de mim.

— Tudo bem.

Ela sorri e eu volto a fechar a porta. Nessa semana eu questionei o meu irmão sobre a Penélope, por ela estar dormindo demais, por estar cansada ao extremo e ele ficou sem entender no início. Eu acabei questionando sobre uma possível gravidez, ele negou dizendo que é apenas por causa da nova rotina que a esposa está tendo está a deixando diferente, então eu apenas deixei o assunto quieto e não voltei a me intrometer. Me sento na minha

cama, pego o celular em meu bolso e confiro a hora. Eduard deve estar saindo de Los Angeles ainda, mas eu preciso falar com ele, avisar que eu cheguei aqui.

— Estou dirigindo, Stephany. — Ele informa assim que atende.

— Então você já está vindo?

— Sim, e vou chegar aí mais cedo que você imagina.

— Venha com cuidado. — Peço.

— Eu sou cuidadoso.

— Mas não custa eu pedir.

— Tenho que desligar. Sou rico, mas não quero ficar pagando multa.

Rio do seu deboche e encerramos a ligação. Dois toques na porta chamam a minha atenção, eu vou até a porta novamente e a abro. Não gosto de estar aqui, pois a cada segundo, o medo se torna maior em que o Klaus apareça. Ayla entra no meu quarto, fecha a porta e olha ao redor. A nossa mãe mantém o quarto devidamente limpo e arrumado, esperando pelo dia que apareçamos aqui. Retiro as peças de roupas da minha mochila, as penduro dentro do meu guarda-roupa e observo a minha irmã. Ela já está de banho tomado e pensativa. Talvez ela tenha a mesma sensação que eu ao estar aqui.

— Eu pensei em descermos e arrumamos a mesa de jantar, como sempre fizemos. — Ela comenta.

— Podemos fazer isso, fará bem a nossa mãe.

— Sim. — Ela concorda e encara as mãos sobre o seu colo. — Será que *ele* virá?

Paro o que estou fazendo, abraço o meu corpo e a encaro.

— Eu tenho quase certeza de que sim, mas ele não nos fará nada.

— O odeio.

— Eu também. — Me agacho na sua frente e seguro as suas mãos. — Tenha um segredo para te contar.

— Qual? — Ela questiona curiosa.

— Eduard está vindo para cá.

— Vocês vão assumir o namoro?

— Não é um namoro, mas vamos assumir que estamos juntos.

— Eu acho que o Oliver vai pirar.

— Ele tem outra coisa para se preocupar. — A lembro. — Ele vai pedir a Penélope em casamento.

— Estou animada com esse novo casamento.

— É, eu também. — Assumo. — Vamos descer e arrumar aquela mesa logo, quero estar pronta antes do Ed chegar.

Ayla sorri, nós saímos do meu quarto e descemos a escada. O nosso pai continua na sala de estar assistindo tevê, Oliver está na cozinha tendo uma conversa tranquila com a nossa mãe. Ele percebe a nossa presença e apenas nos observa. Nós já sabemos exatamente como a mesa deve ser montada e decorada, pois desde muito novas ajudamos a nossa mãe nessa tarefa. Colocamos a toalha vermelha com detalhes em branco sobre a mesa, Ayla coloca as taças de cristais e eu coloco os pratos brancos de porcelana. Tudo isso era da nossa avó materna e são as coisas favoritas da minha mãe. Ela tem o maior cuidado ao lavar, secar e deixa guardados num espaço separado.

— Penélope está dormindo? — Oliver nos questiona.

— Está sim, eu acho. — Ayla responde.

— Ela está dormindo demais ultimamente.

— Ela está...? — A nossa mãe deixa a pergunta no ar e recebe uma resposta negativa. — Tem certeza?

— Absoluta. Esse cansaço é por causa do trabalho. — Oliver informa.

— Que pena. — Ela sussurra e continua a fazer o jantar.

Em seguida o Oliver sai da cozinha ao ir rumo ao segundo andar, eu me aproximo do fogão e deito a minha cabeça no ombro da minha mãe enquanto observo o que ela está fazendo. Sinto muita falta dela, e a queria em Los Angeles, mas jamais largaria o meu pai.

— Mãe... — Chamo-a e ela me encara. —, uma pessoa virá aqui hoje.

— Quem?

— Um rapaz que eu quero que a senhora o conheça.

— Depois eu vou querer saber mais dele.

Aceno e a dona Hillary observa a arrumação da mesa e franze o cenho.

— Está faltando um lugar. — Ela alerta. — E leve as taças, não tive tempo para fazer isso.

Ayla as retira da mesa, começa a lavar uma por uma e a minha mãe fica puxando assunto sobre os dias após a nossa vinda para cá, Ayla lhe conta tudo sobre o colégio novo e eu só consigo ficar com o olhar fixo na direção da casa do Klaus. Eu não o quero aqui, sei que hoje não será uma noite calma como estávamos esperando. Eu me encosto na geladeira e confiro as minhas redes sociais. Não queria aquele maldito aqui, só que não posso impedir a entrada dele aqui. Pelo menos o Eduard vai chegar logo e me trazer um pouco

mais de conforto, só que, existe o receio do Klaus o provocar e tudo sair do controle. Ando até a porta que dá acesso aos fundos da casa e a fecho. Não quero nada aberto, que possa dar a chance daquele maldito aparecer. Observo a Ayla secar uma taça de cada vez, e eu a espero para subirmos. Estou ouvindo a voz daquele maldito, ele está na sala de estar e eu não vou deixar a minha irmã sozinha aqui. Ay olha na direção da sala de estar, e olha para mim em seguida. Eu respiro fundo e olho para trás, precisamente para o Klaus.

— Perdeu alguma coisa? — Questiono.

— Se eu perdi, você me ajuda a achar?

Ele faz questão de debochar e eu sinto vontade de jogar uma das taças em sua cara.

— Babaca. — Lhe mostro o dedo do meio.

— Stephany! — Meu pai me repreende.

— Continue ao lado do seu amigo, continue o defendendo que você vai quebrar a cara.

— Respeita o seu pai, menina mimada. — Klaus ordena.

— Foda-se você e ele. Dois grandes merdas.

Ele faz menção de vir em minha direção, mas meu pai o impede. Ayla termina de secar as taças e colocá-las sobre a mesa, subimos e eu tranco a porta após entrar no meu quarto. A qualquer minuto *ele* estará aqui. Eduard, é ele que eu estou me referindo. Sinto vontade de ligar para ele novamente, mas me contenho. Ele está dirigindo e eu não quero atrapalhar, além de deixar o trajeto perigoso. Entro no banheiro, tomo um banho rápido e fico apenas de toalha enquanto me maquio. Eu decidi não usar nada muito justo, decotado ou provocativo por causa da visita indesejada. Visto uma lingerie preta, saia de couro que vai até um palmo antes dos meus joelhos e uma blusa de tule manga longa. Por mais que a peça seja diferente, não é sexy ou provocativa. Pego algumas mechas do meu cabelo, a prendo no topo da minha cabeça e deixo o restante solto. Calço uma bota de cano curto, enfim saio do meu quarto e respiro fundo algumas vezes antes de descer a escada. Seguro firmemente o celular entre as minhas mãos, desço os degraus bem devagar e paro de repente ao ver o Klaus sentado à mesa, ao lado da minha mãe.

— Stephany. — Ele me cumprimenta.

Ele é um idiota, está fingindo que não me viu antes e nunca me fez

nada de ruim. Não respondo, apenas procuro aonde devo me sentar e suspiro ao ver que é bem ao lado dele. O meu pai está na ponta da mesa, Ay do outro lado e restam apenas dois lugares para o casal que está atrasado. Resta uma cadeira ainda, mas ninguém se senta nela e eu nunca soube o porquê. Confiro o meu celular e não tem nenhuma informa do Eduard. Ele está para chegar, eu sei disso. Enfim, Oliver e Penélope adentram na cozinha, os olhos do Klaus se fixam na esposa do meu irmão e eu reafirmo que, hoje não será uma noite tranquila. Eles se sentam e a minha mãe sorri ao olhar para cada um de nós, aqui presente.

— O dia de hoje, é dia de gratidão a Deus, com orações e festas, pelos bons acontecimentos ocorridos durante o ano. — Dona Hillary informa ao chamar a atenção de todos. — Eu sou grata pelos filhos que tenho, são os meus grandes amores e as joias mais preciosas.

Eu ainda me lembro exatamente qual é a ordem, aliás o cronograma; a minha mãe começa a falar, em seguida a Ayla, depois eu, depois o Oliver e assim por diante, mas como hoje a Penélope está aqui, eu creio que ela também fale alguma coisa em seguida do meu irmão. Olho mais uma vez para a porta, em seguida para o meu celular e nada do Eduard ainda.

— Eu sou grata por Oliver ser um irmão incrível. — Ay declara.

— Eu sou grata pelas mudanças boas que aconteceram em minha vida, me fazendo conhecer novas formas de viver e por conhecer novas pessoas incríveis.

— Sou grato por viver mais um ano e ter a oportunidade de conhecer lindas moças. — Klaus declara olhando diretamente para a Penélope.

Ele sabia que não era a sua vez de falar, mas ele ligou o botãozinho de provocação e vai agir conforme quer. Estou com o meu estômago embrulhado de apenas estar ao seu lado e se fosse por mim, eu enfiaria algumas dessas facas que estão sobre a mesa bem no meio de suas pernas e outra em sua garganta.

— Eu não sou grato por nada. — Meu pai murmura.

Rio debochada, pois a sua irritação me irrita, sim é exatamente dessa forma. É claro que ele continua não sendo grato por nada, não tem mais a vida de antes, a qual tanto gostava e está preso a essa vida medíocre, a qual tanto odeia.

— Eu sou grata pela linda família que eu tenho, isso inclui os meus amigos. Fiquei anos sem o meu irmão, cresci e amadureci sem ele estar

presente, mas hoje em dia eu o tenho por perto, sempre... — Penélope sorri e segura na mão do marido. —, e tenho também uma maravilhosa amiga, que é minha cunhada e um lindo sobrinho. Sou grata também por estar construindo uma família com o Oliver e por Stephany e Ayla morarem com a gente.

— Eu sou grato por ter você, Penélope como minha esposa. — Oliver declara ao olhá-la. — Também por ter as minhas irmãs por perto, por estar sendo um bom lutador e por construí uma linda família.

Ele dá um beijo na testa da esposa e enfim eles saem da bolha que estavam por longos segundos. Olho para a minha mãe e a vejo emocionada.

— Eu sei que eu fui uma mãe omissa, errei, magoei vocês, meus filhos e eu peço perdão. — Ela pede enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto. — A melhor coisa que você, Oli, fez, foi pedir a guarda das meninas. Elas são felizes morando com você e com a Penélope, e eu serei eternamente grata por você trazer a felicidade de volta para a vida delas.

— Eu sempre vou querer o bem das minhas irmãs. — Oliver informa.

Continue com esse mesmo pensamento, pois o Eduard chegará muito em breve. Minha mãe se levanta pedindo para que façamos uma oração, todos se levantam e eu fecho os meus olhos. Sei exatamente qual é a oração, mas não a profiro, e sim apenas ouço a minha mãe proferir. Amo ouvi-la nesse momento e sempre será assim. Ela fala com o coração, com a alma.

— Obrigado por todas as graças que o Senhor nos concedeu. Nós somos gratos pela vida de todos os familiares e amigos que estão aqui neste dia, e por aqueles que não podem estar. Obrigado pela dádiva que é acordar a cada novo dia. Obrigado, Senhor, por nós mostrar a fé e a preciosidade da vida através do olhar de todos aqueles que amamos. Obrigada pela natureza que nos nutre e pela luz de cada novo amanhã. Obrigado por cada refeição que o Senhor coloca em nossa mesa, obrigado por nos dar um teto e, um lar seguro para nos abrigarmos e para repousar os nossos corpos cansados. Obrigado pelo nosso trabalho, pela nossa saúde, pelo nosso amor e união. Obrigado, Deus, por estar sempre presente em nossas vidas, olhando e rogando por nós, nos guiando e nos protegendo. Obrigado, Senhor, por todas as graças que nos concede e por nos conceder a sua benção, hoje e sempre. Amém!

Ao fim da oração, voltamos a nos sentar e o Oliver serve uma taça de vinho para todos, sem nenhuma exceção. Confiro a hora mais uma vez e já faz uma hora e meia que ele me avisou que estava vindo. Pego o meu prato e

me sirvo com um pouco de cada coisa. Não estou com fome, mas não posso fazer a desfeita a minha mãe. Como de costume tem peru assado, purê de batata, pão de milho, molho de carne e torta de maçã para a sobremesa. Hillary é uma ótima cozinheira, impossível odiar a sua comida ou o sorriso que ela dá quando nos observa a comer.

— Algum problema, Klaus?

Fecho os meus olhos com força quando ouço o Oliver questionar de repente.

— Nenhum, Oliver. — Klaus responde e continua a olhar para a Penélope. — Belo anel.

— Obrigada. — Ela agradece num sussurro.

— Gostam da vida de casados? — Ele questiona.

— Se não gostássemos, não estaríamos juntos. — Oliver resmunga.

— Eu fico surpreso com você, Oliver. Você sempre gostou de pegar e não se apegar, aí do nada, se casa.

Meu Deus! Ele só pode estar ficando louco em ficar cutucando o meu irmão.

— Quer saber o que aconteceu, Klaus? — Oliver questiona irritado. — Há nove anos, quase dez, Dominic tinha um futuro promissor, mas acabou por causa de uma injustiça e todos que estavam ao redor dele, foram obrigados a amadurecer. Penélope sofreu com a prisão do irmão, se viu sozinha e eu fiquei do lado dela mais do que qualquer um. A minha vida de canalhice morreu quando eu vi o meu melhor amigo atrás das grades por causa de uma idiotice de terceiros e dentro do meu apartamento, Penélope chorando com saudade do irmão. O sentimento nasceu dentro de mim em relação a ela desde quando eu a vi pela primeira vez, Pen ainda tinha quatorze anos e eu não queria aquele sentimento, pois Dom sempre deixou claro que não queria nenhum dos seus amigos envolvidos com a irmã dele.

— Mas isso não aconteceu, pois com a nossa convivência diária, um sentimento muito forte nos dominou fazendo a gente enfrentar algumas coisas, a gente começou a se envolver e o sentimento se tornou ainda mais forte. Mesmo que a gente, tenhamos ficados separados por um ano após o meu irmão ter ficado sabendo do nosso romance, a gente se casou num momento inesperado e nos amamos independente de qualquer coisa, mas a nossa amizade sempre vai estar acima de tudo. — Penélope informa. — Nada, além de mim e do Oliver, vai ser capaz de fazer a gente se separar.

— Eu não teria tanta certeza assim. — Klaus ironiza. — Rotina acaba com o casamento.

Deus, se o Senhor estiver me ouvindo, por favor, faça o Klaus perder a *dádiva* de falar.

— Você é um babaca. Acha que eu não percebi os seus olhares gulosos para cima de mim, ou para cima das minhas cunhadas? Você é nojento. Eu sou casada, as meninas são muito novas, e a dona Hillary confia em te colocar aqui dentro, mas você não a respeita. — Penélope fala extremamente nervosa.

— Nos faz um favor, Klaus?! Vá embora. — Oliver pede.

— Oliver, você se acha o tal por morar em Los Angeles, ter um bom emprego e ganhar muito bem como um mero lutador, mas cadê a sua obrigação de filho? Você não ajuda os seus pais, retirou as meninas da sua mãe e ainda acha que tem direito de me peitar aqui? Você é o único babaca e sem moral alguma que eu vejo aqui! — Ele exclama, como se tivesse direito a dizer alguma coisa aqui.

O meu irmão está muito calmo, pelo menos externamente, pois ele já deveria ter voado sobre o Klaus e ter socado a sua cara até desfigurá-lo.

— Oliver está ajudando as meninas! — Penélope exclama.

— Boneca, você não sabe da missa metade e nem tem o direito de dizer nada. Você apenas abre as suas pernas para o Oliver e acha que tem o direito de opinar, mas não tem. — Klaus debocha e sem que ninguém espere, o vinho que estava na taça da Penélope voa diretamente para a cara dele o fazendo ri.

Enfim, o Oliver tem alguma reação. Ele bate as minhas mãos em cima da mesa, fazendo tudo que contém em cima dela pular e em seguida, cair de qualquer jeito.

— Não, Oliver! — A nossa mãe pede e se levanta.

— Klaus, saia da minha casa, por favor. — Meu pai pede.

Olha só, quem resolveu se posicionar no meio desse caos, mas nada que todos estão fazendo é o suficiente.

— Mark... — Ele ri levemente e encara o meu pai. —, você quer mesmo que eu vá embora, depois de tudo que eu fiz por vocês?

— Por favor, Klaus. — Minha mãe retorna a pedir.

Perco a paciência, o empurro pelo o ombro e ele me encara surpreso.

— Saí, cara. Você está nos incomodando.

— Perdeu o medo, Stephany? — Ele questiona ao segurar o meu pulso.

— Se você não sair, eu vou contar e o meu irmão vai te arrebentar. —
Sussurro.

A minha única saída é ameaçá-lo e desejar que isso surta algum efeito.

— Contar o que, Stephany? — Oliver questiona.

Ele ouviu e isso não era o que eu desejava.

— Sua irmã é uma criança louca, não conseguiu o doce que queria e agora quer causar. — Klaus murmura ao me soltar e pega o seu casaco que está pendurado na cadeira. — Melhor eu ir embora.

Penélope se levanta, vai até porta e fica parada bem ali, impedindo que ele tente sair. Oliver se levanta bem devagar da aonde está sentado, anda na direção do Klaus e para a centímetros de distância. Eu estou praticamente sentada entre eles e tenho medo do que possa acontecer. Agora eu não tenho mais como voltar a trás, terei que contar e desejar que o Eduard chegue, agora o mais rápido possível. Klaus pede licença, o meu irmão dar mais um passo na sua direção e eu encontro uma saída. Fico bem longe deles e puxo a Ayla para perto de mim. A guerra está próxima a acontecer e o prejudicado aqui não será o meu irmão. Oliver olha para mim, esperando que eu fale alguma coisa e a Ay aperta a minha mão, me dando força. Não gosto de lembrar, nem de falar, mas é preciso. Estou escondendo isso de todos há muito tempo por medo do que poderia acontecer. Respiro fundo, olho para a porta mais uma vez e nada *dele*.

— Há seis meses, Klaus entrou no meu quarto enquanto eu fingia que dormia e passou a mão em mim. — Ayla fala num tom baixo e com a cabeça baixa.

Eu não esperava que ela fosse ter mais coragem e falar antes de mim.

— Ele tocou em mim enquanto me segurava contra a porta do meu quarto.

O meu olhar recai sobre os meus pais e eu vejo duas coisas; uma esperada e a outra não. Lágrimas escorrem dos olhos da minha mãe e o meu pai está petrificado, surpreso com o que foi revelado.

— Você tocou nas minhas irmãs? — Oliver questiona entre os dentes.

— Não foi bem assim, Oliver... E-eu... — Klaus começa a gaguejar e recebe o primeiro soco. — Vai agir como um animal e me socar?

— Eu vou agir como um homem honesto e irmão protetor.

No segundo que o Oliver joga o Klaus sobre a mesa, a minha mãe grita

para eles pararem e a Penélope chama o marido. Eu não consigo me mexer e nem falar nada. Resquícios de sangue voam para todos os lados, Klaus até tenta se defender, mas o Oliver está feroz sobre ele e ninguém aqui é capaz de ajudar. Olho para a Penélope, vejo que ela quer interferir, mas tem medo. Sinto o meu celular vibrar, o pego em minhas mãos e vejo que o Eduard chegou. Saio correndo da cozinha, abro a porta de casa e corro na direção do Eduard. Ele me encara assustado e me segura pelos ombros.

— O meu irmão vai matar o Klaus.

A minha voz está tremula, lágrimas banham o meu rosto e o Eduard percebe que a situação é grave. Entramos correndo em casa, ele sem querer, empurra a Penélope para longe e se aproxima do meu irmão. Eduard perdeu a luta, mas é forte, então passa os braços pela cintura do Oliver e o retira de cima do Klaus. O maldito está desacordado sobre os destroços da mesa e do jantar. Os meus ouvidos estão zunindo e sinto que a minha cabeça está prestes a explodir. Penélope pede para o Eduard soltar o meu irmão, em seguida o abraça e o Ed se aproxima de mim. Eu deito a minha cabeça em seu peito e tento encontrar o conforto, e segurança. Ele beija o topo da minha cabeça e acaricia as minhas costas.

— Alguém precisa me ajudar a levar o Klaus para a casa dele. — Ouço a minha mãe murmurar. — Eu não o quero mais aqui em casa.

— Eu ajudo, senhora Baker. — Eduard se prontifica.

— Obrigada, rapaz.

Eduard sai de perto de mim, anda até o Klaus e o arrasta pelos pés para longe de todos nós. Eu me encosto na parede, escorrego até o chão e abraço as minhas pernas. Estava mais que na hora de a revelação vir, eu não ia aguentar nem mais um segundo estando na presença dele fingindo que ele não me feriu.

— Por que nunca contaram? — O questionamento vem de quem eu menos esperava, do Mark, nosso pai.

— Você nunca se importou conosco e se contássemos, com certeza você diria que estaríamos mentindo.

— Eu confiava no Klaus, ele sempre teve liberdade dentro dessa casa e muito acesso a vocês...

— Mais uma vez vocês foram omissos. — Oliver declara.

Penélope o adverte com o olhar, ele dá um beijo na testa da Ayla, em seguida outro em mim e vai para o quintal. Ele está muito mal com essa

situação, ou melhor, revelação, pois ele jamais se sentiria mal ao bater no Klaus. Minha mãe e o Eduard voltam, ela leva o meu pai para o quarto dele e o Eduard se senta ao meu lado antes de me abraçar. Penélope passa por mim ao ir atrás do marido, eu deito a cabeça nos meus joelhos e choro baixinho. Dói muito! É como se alguém estivesse rasgando o meu peito sem me dar anestesia. Como eu conheço o meu irmão, ele deve estar se sentindo culpado pelo o que aconteceu e não é sua culpa.

— Eu deveria ter chegado mais cedo, mas parei para comprar um presente para a sua mãe.

— Um presente? — Questiono num sussurro.

— Sim, eu achei que seria bom, mas agora eu tenho certeza de que ela está desejando uma louça nova, assim como uma mesa nova.

Sorrio suavemente ao concordar com um aceno, ele dá um beijo na minha testa e a Ayla nos chama para irmos falar com o Oliver. Entrelaço a minha mão na do Ed, saímos da cozinha e eu me sento bem na frente do meu irmão. Eduard ao meu lado esquerdo e a Ay ao direito. É visível que o Oli está transtornado com o que acabou de acontecer, os seus olhos estão vermelhos, o seu rosto demonstra raiva e os nós dos seus dedos estão machucados. Ele é um lutador profissional, mas agiu de forma inconsequente e protetora.

— Por que não contaram antes? — Oliver questiona.

— Eu só queria esquecer aquele momento, mas hoje eu precisei contar. Ele estava sendo inconveniente, disse coisas feias em relação a Penélope. — Ay comenta.

— Eu quis contar antes, mas os nossos pais são... os nossos pais. Aqueles que nunca fizeram esse papel direito. Klaus passou a mão em mim duas vezes, mesmo que eu tenha chutado ele.

— Eu peço desculpas por ser omissos também. Eu deveria ter sido mais presente na vida de vocês. — Ele declara baixinho.

— Você não teve culpa, Oliver.

Ayla e eu falamos juntas e ele manea a cabeça para os lados.

— Não mesmo. — Penélope concorda.

— E-eu nem sei o que fazer ou falar. Puta que pariu, eu estou puto com aquele filho da puta. — É visível o ódio em suas palavras.

— Muitos palavrões numa frase só. — Ay reclama nos fazendo ri.

— Me desculpe, pirralha. — Ele pede.

— Não sou pirralha. — Ela reclama.

— Não mesmo. — Penélope concorda novamente.

Ay sorri após dá de ombros, abraça o próprio corpo e o seu olhar recai sobre Eduard e eu. Por mais que o clima ainda esteja tenso, ele vai nos questionar e eu acho isso muito bom.

— Já podem começar a falarem. — Oliver ordena.

— Eu pedi para Ed vim aqui hoje, pois queríamos conversar com todos, mesmo que os nossos pais não tenham tanto direito em saber da minha vida, mas... nós estamos juntos.

É a melhor definição que eu tenho nesse momento.

— Eu queria conversar com você primeiro, Oliver, mas você conhece a sua irmã. Ela queria falar para todos de uma vez. — Eduard comenta com desgosto e eu belisco o seu braço.

— Já não basta aquele apelido idiota que você me chama.

Sinto a sua mão adentrar na minha camiseta, acaricia as minhas costas e devolve o beliscão. Não doeu e ele não faria isso de forma intencional, mas sim apenas para me irritar e sabe que eu não vou fazer nada de volta, por causa dos demais que estão aqui.

— Eu acho que não temos nada para conversar, eu estava me preocupando muito com a aproximação de vocês e não vi que o perigo mesmo era aquele que sempre esteve presente na minha família. — Oliver suspira e mantém o seu olhar fixo no Ed. — O que eu tenho para te falar, é na verdade, apenas um aviso; o que eu fiz com o Klaus não é nada com o que eu posso fazer com você, caso eu veja que você está fazendo mal para a minha irmã.

— Isso foi uma bela ameaça. — Ay comenta debochada.

— Eu estou ciente disso desde o segundo que eu concordei em me aventurar nesse romance que estou tendo com a Stephany. — Eduard resmunga.

— Eu vou ser o mais sincero possível; eu espero que vocês deem certo juntos. Minha irmã é feliz contigo.

Fico surpresa com as palavras do meu irmão, sorrio amplamente e ele pisca para mim. Eu sei que ele está sendo verdadeiro e isso é muito bom, pois é uma motivação a mais para nós. A nossa mãe se junta a nós, se senta no lado esquerdo do Oliver e nos olha. Ela também está se sentindo culpada pelo o que aconteceu, mas ninguém tem culpa.

— Como o jantar foi desperdiçado, eu pedi uma pizza, pois todos nós estamos com fome. — Ela comenta e olha para o Oliver. — Amanhã cedo, seu pai e eu queremos ter uma conversa com você.

— Tudo bem. — Ele concorda.

— Por que não contaram antes? — Ela nos questiona.

— Não vamos falar mais disso, mãe, por favor. — Peço.

— Precisamos e vocês sabem.

— As meninas não querem. — Oliver declara encerrando o assunto.

Ela concorda e olha com curiosidade para o Eduard.

— Stephany comentou comigo que alguém viria, mas não disse que era um rapaz tão bonito.

— Modéstia sua, senhora Baker. — Eduard murmura.

— Apenas, Hillary. — Minha mãe pede. — Vocês estão namorando?

— Estamos juntos, apenas isso.

— Vocês se conheceram como?

Bufo ao perceber que o questionamento vai começar e eu sei que não posso escapar dele. Oliver e Penélope entram em casa, Ayla se senta ao lado da nossa mãe e deita a cabeça no ombro dela. Resmungo com a minha mãe por ela estar querendo saber demais, Eduard me adverte com o olhar e eu suspiro.

— Eu sou irmão da Emily, cunhada da Penélope então foi muito fácil de nos conhecermos. — Ele a informa.

— E quando esse romance começou? — Ela questiona.

Reviro os meus olhos.

— É algo recente. — Ele a informa.

— Eu fico feliz por vocês, me parecem felizes e eu espero que continuem assim.

— Os dois são pessoas complicadas, então devemos desejar muito mesmo. — Ayla comenta.

— Eu não sou uma pessoa complicada!

— Não, não é um pouco, você é ao extremo.

Todos riem, inclusive o Eduard, menos eu. Ayla está exagerando e nem tem vergonha em sua cara. Minha mãe olha em direção a casa vizinha, consequentemente a casa do Klaus e eu espero que esse maldito morra, mas antes disso, ele tem que sofrer muito. Minha mãe pede para sairmos da friagem, Eduard se levanta e me ajuda a ficar de pé. Entramos na cozinha,

Penélope sai do colo do marido e volta a cuidar dos machucados nas mãos dele. Minha mãe vai atender a porta quando a campainha toca, aviso ao meu irmão que ele deve uma mesa nova para a nossa mãe e eu puxo o Eduard rumo a sala de estar. Nos sentamos no sofá, a Ayla no chão e a minha mãe coloca as caixas das pizzas sobre a mesa de centro. Dona Hillary se senta no outro sofá, Oliver ao lado dela e puxa a Penélope para o seu colo. O nosso pai não está aqui, decidiu ficar em seu quarto e eu tenho certeza de que ele também está se sentindo culpado. Sim, ele é culpado em dar a liberdade para um amigo babaca, um homem nojento dentro da casa de sua família.

— Você está bem? — Eduard me pergunta baixinho.

— Sim, eu acho.

— Eu estou aqui, contigo.

Ele dá um beijo na minha têmpora, lhe direciono um sorriso e percebo o Oliver nos observando. A sua camiseta está com resquícios de sangue, a calça tem alguns rasgos por causa da louça que estava sobre a mesa de jantar. Olho na direção da cozinha e a destruição ainda é presente lá. A imagem do Klaus desacordado e ensanguentado, ainda é presente em minha mente. Tenho medo do que possa acontecer se ele se livrar da morte, não sei se o acontecido é propício para levá-lo a morte, mas é o que eu desejo.

— Eu vou ir limpar a bagunça na cozinha. — Oliver declara.

— Eu te ajudo. — Penélope se prontifica.

— Não, baby.

— Eu te ajudo, Baker. — Eduard se prontifica.

O meu irmão apenas acena concordando, eles vão rumo a cozinha e eu pego mais um pedaço de pizza. É a primeira vez que eu os vejo assim, juntos, unidos a alguma coisa, por exemplo *trabalhando* juntos. Isso é algo que vai acontecer bastante e eu espero que comecem a se dar bem, é necessário que isso aconteça. Oliver pode ter eu como exemplo, eu não gostava da Penélope e hoje em dia nos damos bem, somos bastante próximas. Ouço a minha mãe se lamentar pelo acontecido e eu apenas finjo não ouvir, pois eu não quero mais ter que lidar com isso. Há meses, longos meses eu carreguei esse acontecido sobre as minhas costas, me aliviei um pouco ao contar para o Eduard e hoje, eu me sinto leve por não guardar mais esse segredo. Penélope decide ir ajudar eles, minha mãe a acompanha e eu fico sozinha com a Ayla.

— Estamos livres daquele homem? — Ela me questiona.

— Espero que sim.

— Ele vai nutrir um ódio gigantesco pelo Oli.

— Oliver apenas agiu da forma que deveria.

Limpo as minhas mãos no guardanapo, bebo um gole do meu refrigerante e observo a movimentação na cozinha. Eu queria ajudar, mas eu simplesmente não consigo. A limpeza leva longos minutos, logo a destruição não é mais visível e nem qualquer detalhe dela. Vou para a cozinha, paro ao lado do Eduard e ele acaricia as minhas costas.

— Eu tenho que ir embora. — Ele me informa.

— Já podem ir deitar-se. — Ouço a minha mãe informa.

— Eu já vou embora, senhora... Hillary. — Eduard a avisa.

— Pode ficar aqui, está tarde para ir embora e a viagem até Los Angeles é longa. — Minha mãe comenta. — Você pode ficar com a Stephany.

— O que? — Oliver questiona.

Eduard troca um rápido olhar comigo e nós dois encaramos o meu irmão.

— O que? — Minha mãe o questiona.

— Nada, dona Hillary. Oliver e eu estávamos conversando. — É visível que a minha cunhada acabou de mentir.

— Eu acho melhor, Hillary. — Eduard nega.

— Você vai ficar sim. — Minha mãe afirma.

E essa é a dona Hillary, mandona e que quer as coisas conforme o seu devido gosto. Por mais que a minha mãe *permita* a sua permanência aqui, o Ed só vai ficar se o meu irmão concordar. Por mais que eles não se gostem, o respeito entre eles é grande.

— Baker? — Eduard o questiona.

— Fica aí. Está tarde para ir embora. — O meu irmão concorda e sobe a escada com a esposa. — Boa noite para vocês.

— Boa noite. — Penélope grita.

Ayla nos deseja boa noite, também sobe para o segundo andar e eu continuo parada no mesmo lugar. A minha mãe está me olhando fixamente e eu tenho que conversar algo importante com ela, só que eu não sei como começar. Eduard me olha sem entender, me avisa que vai ir até o seu carro e nos deixa sozinha. Eu me aproximo da minha mãe, toco suavemente em seu braço e ela se encosta na pia.

— O que aconteceu comigo e com a Ay, aconteceu com a senhora

também?

Essa é a única forma que eu sei como começar.

— Não aconteceu.

— E então foi diferente?

A sua expressão fica neutra, a sua boca numa linha reta e ela não fala nenhuma palavra.

— Stephany, o que aconteceu com vocês...

— Não desvie do assunto, me fale a verdade.

Ela leva o seu olhar na direção da porta do quarto do meu pai e volta a olhar para mim.

— Não tenho nada a te dizer, Stephany.

— Tudo bem, então.

Saio da cozinha, vejo o Eduard entrando de volta em casa, tem uma mochila pendurada em suas costas e um pequeno vaso da flor copo de leite. Ele entrega para a minha mãe, a deixa surpresa e ela agradece. Enfim, subimos para o meu quarto e eu tranco a porta. Ainda não consigo me sentir segura, não enquanto o Klaus não estiver morto. Eu me sento na minha cama, abaixo a minha cabeça e escondo o meu rosto entre as minhas mãos.

— Stephany...

— Ele pode tentar se vingar, tentar fazer alguma coisa contra nós. — Declaro em meio ao choro. — Só que, eu desejo que ele morra, mas após sofrer muito e sei que eu desejar isso é errado.

— Não, eu não acho que seja errado.

Descubro o meu rosto e vejo que o Ed está agachado na minha frente. Eu que deveria estar te dando apoio, pois o julgamento está chegando e mesmo assim é ele a pessoa mais forte dessa relação. Ele sempre é o mais forte entre todos em meio a uma situação ruim. As suas mãos acariciam as minhas pernas nuas, param em minhas coxas e eu sinto conforto estando com ele. Eduard é o meu ponto, ele está entre a minha loucura e o meu juízo. Me sinto segura em me abrir, contar tudo o que estou sentindo.

— Eu tenho medo do que pode estar por vir. — Confesso.

— Na segunda-feira eu vou entrar em contato com algumas pessoas para saber o que podemos fazer contra aquele maldito.

— Me prometa uma coisa... — Entrelaço as nossas mãos e ele acena.

— O que?

— Que ele nunca mais vai chegar perto de mim e da minha família.

— Eu não posso prometer... — Puxo as minhas mãos das suas, mas ele volta a segurá-las com força. —, eu posso tentar, fazer o possível para que isso aconteça.

— Eu posso concordar com isso.

E como eu sei que sua garra, resistência e resiliência ele fará tudo que estiver ao seu alcance para nos ajudar, e me proteger. Eu seguro o seu rosto entre as minhas mãos e selo os nossos lábios. Cada vez que nos beijamos, é como se fosse a primeira vez e eu creio que isso acontece com todas as outras pessoas que estão vivendo o romance tão esperado. Desço as minhas mãos por seus ombros, o agarro pela camisa e o puxo para mim. O seu corpo cai sobre o meu, abraço a sua cintura com as minhas pernas e intensificamos o nosso beijo. De repente, ele cai para o lado e se deita em minha cama.

— Por mim, eu tinha deixado o seu irmão em cima daquele babaca e teria o ajudado.

— Não quero nem um de vocês sujando as mãos de sangue ao matá-lo.

— Eu também não desejo sujar as minhas mãos ao ter que matar alguém, mas ele merecia muito mais.

E ele tem razão, a imagem do Klaus não sai da minha mente, mas eu só quero esquecer e seguir a minha vida. Deito a minha cabeça no seu ombro, enfio a minha mão por debaixo da sua camisa e fico acariciando o seu abdômen. Gosto de gastar minutos, horas assim, deitada ao lado do Eduard e aproveitando cada segundo, seja conversando, transando ou estando em silêncio, como estamos fazendo agora. Algo importante toma conta da minha mãe, Oliver está no quarto ao lado e transar com o Ed, sabendo que o meu irmão está perto, não é algo que me agrada muito.

— Oliver está aqui ao lado. — Comento baixinho.

— Sorte a minha não ter levado um soco. — Eduard debocha.

— Ele percebeu que não deveria ter se preocupado com você.

Maneio a cabeça para os lados, saio da cama e começo a me *desmontar*. Retiro a minha bota, a deixo no canto do quarto e procuro a camiseta que eu trouxe para dormir. Eduard continua deitado espaçosamente em minha cama, as mãos estão atrás da cabeça e ele observa cada movimento meu. Puxo a camiseta para fora do meu corpo, visto a outra que é larga e grande, vai até a metade das minhas coxas e por fim eu retiro a minha saia. Me sento na ponta da cama e passo o demaquilante em meu rosto para retirar a maquiagem.

— É coisa natural de irmão, eu me preocupava muito com a Emily

quando ela começou a se relacionar com o Turner.

— Mas hoje em dia aceita.

— Fico até feliz por vê-la bem.

— E o meu irmão com certeza ficará da mesma forma.

Ele acena concordando e franze o cenho.

— A sua mãe não pensou duas vezes eu pedir para eu ficar aqui, além de que, meio que autorizar que eu ficasse aqui, no seu quarto.

— A minha mãe sempre foi assim, nunca proibiu nada e nem agiu de forma restrita.

— Então sempre foi normal os seus namorados dormirem aqui?

Paro o que estou fazendo e o encaro.

— Isso nunca aconteceu por causa do meu pai. — Resmungo. — Teve uma vez que, o Luc estava aqui comigo porque ele estava me ajudando numa matéria e então o meu pai chegou com o Klaus.

— Eu até já imagino o que aconteceu.

— Aquele dia foi decisivo para o fim do nosso namoro. — Eu o olho. — Jamais contei para o Luc sobre o que o Klaus tinha me feito, por mais que ele me questionasse, eu não conseguia contar.

— Talvez ele entenderia e te protegeria...

— Ele faria uma besteira e acabaria com o futuro dele. Foi melhor terminarmos.

— Quando eu namorei com a Melanie, era na pior fase que vivi com o James e por isso também foi melhor terminarmos.

— Você a amava?

— Eu gostava muito dela.

— Gostar é diferente de amar, por exemplo; quando você gosta de uma flor, você a arranca da terra, mas quando você a ama não a arranca da terra, você rega e cuida.

— Você o amava?

— Luc? — Questiono e ele acena concordando. — Talvez.

— Talvez?

Dou de ombros.

— Existe uma teoria que nós temos apenas três amores por toda a vida.

— Qual é o primeiro? — Ele questiona.

— O primeiro é, conseqüentemente é o primeiro amor e acontece na adolescência. A maioria das pessoas experimenta esse tipo de amor no início

da vida, geralmente no ensino médio. Ironicamente, esse amor é mais sobre viver de acordo com ideais sociais e enredos de filmes de Hollywood do que amar verdadeiramente outro ser humano. No entanto, nos faz sentir como se fosse a coisa mais verdadeira do mundo, puro e inquebrável, levando a acreditar que aquele sentimento durará para toda eternidade. E é nessa fase que vivemos os nossos primeiros sonhos clichês, o de se casar com o escolhido, ter filhos e morar numa casinha branca de varanda. E quando isso acontece, nem desconfiamos que ainda poderemos viver outras paixões, que aquela pessoa a qual julgamos ser o grande amor, provavelmente não significará nada para nós no futuro, mas está servindo no momento para iniciarmos nossas primeiras experiências e preparativos para os amores seguintes.

— Qual é o segundo?

— O segundo... — Sorrio suavemente. — é o tipo de amor mais difícil, e isso nos obriga a compreender quem somos realmente como indivíduos, quem realmente são nossos parceiros e aonde queremos ir, e como estamos indo na vida. Além disso, isso nos obriga a entender o tipo de pessoa que queremos amar no presente e no futuro, e que seja da mesma forma correspondida, mas também é um amor difícil porque geralmente dói, pois vem carregados de mentiras, outros enganos e até mesmo manipulações. As pessoas podem ficar “presas” com esse tipo de amor por um longo tempo e até se envolver com uma série de parceiros diferentes, mesmo que esse tipo de amor tende a ser insalubre, desequilibrado ou mesmo narcisista. Nessa fase, às vezes, insistimos em permanecer acreditando que há como viver de remendar a relação, mas chega um momento em que não resta mais nada do tecido original que compunha o amor, então já é hora de dar um basta.

— E qual é o terceiro?

Eduard está muito concentrado ouvindo tudo o que eu estou dizendo.

— A maioria das pessoas não vê esse tipo de amor chegando, porque muitas vezes ocorre com alguém que não parece certo para você, e para quem você também não parece certo. E, no entanto, este é um tipo de amor “fácil” que parece acontecer naturalmente, quer queira ou não. É impossível explicar a atração e conexão mútua, mas é incontestavelmente. Isso pode ser porque nenhum esperava se apaixonar pelo outro, e nenhum de tentou, então nunca houve nenhuma pressão ou procedimentos. Seja como for, é um tipo de amor que não pode ser negado, explicado ou preparado, pois simplesmente se sente

bem, de uma forma extremamente inegável.

— E o que isso tudo quer dizer?

— Eu passei pelo primeiro e segundo amor juntos, numa mesma pessoa e por mais que tenham acontecido muitas coisas boas, ele era confuso e me machucava muito, pois eu não podia ser quem eu realmente queria quando estávamos juntos com outras pessoas, havia muita intromissão de terceiros e eu não podia me abrir com medo do que poderia acontecer.

— Isso foi com o tal de Luc?

— Foi.

— E então o terceiro ainda virá?

— O terceiro já veio.

Ele franze o cenho e em me aproximo, mas continuo sentada. Pouso a minha mão em seu abdômen e fico o acariciando.

— E foi exatamente isso como você descreveu?

— Está sendo. — Sorrio ao perceber que ele ainda está um pouco confuso. — O terceiro e último é você, Ed.

O canto da sua boca se curva num sorriso e ele se senta, bem na minha frente, após deixar o sapato largado ao lado da minha cama.

— É, analisando tudo, eu acabo concordando contigo.

— Você precisa usar mais as palavras.

Eduard revira os olhos, cruza os braços em frente ao corpo e fixa o seu olhar no meu. Por muitas das vezes ele é breve em suas palavras, não consegue se expressa muito bem através delas e sempre precisa de um empurrãozinho.

— Você é o meu terceiro amor. — Ele declara. — Você encontrou partes de mim que eu não sabia que existiam e em você encontrei um amor que eu não acreditava que era real.

— Por muitas das vezes parecemos errados um com o outro, dizemos coisas que irá ferir ao outro, mas esse somos nós. Errando e tentando acertar. — Suspiro. — Eu não sei se esse nosso romance vai durar dias, semanas, anos... ou até mesmo será para o resto da minha vida, mas eu sei de uma coisa, eu quero aproveitar cada segundo.

— Caraca, Stephany! — Ele resmunga. — Isso não deveria estar acontecendo, estamos tendo uma conversa séria que eu imaginava que não iria acontecer tão cedo.

— E isso é ruim?

— Não, mas é inesperado e surpreendente para mim. Você, literalmente, está trazendo acontecimentos e sensações novas para a minha vida.

Não falo absolutamente nada, apenas encolho os meus ombros e ele me puxa para o seu colo. Se esse romance terminar em algum momento eu ficarei quebrada, aliás, destruída, mas eu vou saber me reerguer. Além do Eduard estar me fazendo bem, me fazendo ter novas experiências, ele está me ensinando a ser mais forte. Estar me ensinando a ser resiliente, a ser determinada, destemida e muitas coisas mais. Fico deitada entre os seus braços, beijo o seu maxilar e ele apenas me observa.

— O que está se passando nessa mente?

— Vamos dar uma volta.

— A essa hora? — Questiono.

— Que mal tem? — Ele questiona de volta.

— Vou ter que me vestir novamente. — Resmungo.

— Depois eu tiro a sua roupa, não se preocupe.

Mordo o meu lábio olhando, ele dá um tapa em minha bunda e me retira do seu colo. Eu apenas visto a minha saia de volta, suspendo a camiseta e a amarro na lateral da minha cintura. Calço o chinelo, Eduard entrelaça as nossas mãos e saímos da minha casa. Ele faz questão de saber como foi a minha vida ao morar aqui, mas informa que só quer ouvir coisas boas, pois já passamos por muitas coisas desagradáveis. A rua está movimentada apesar de já se passar da meia noite, e o clima está agradável, apesar do vento frio. Chegamos ao final da rua, eu olho diretamente na direção da casa do Luc e o vejo no portão de sua casa. Olho para o Eduard, ele está olhando na mesma direção e deve se lembrar do dia que nos encontramos na Little Damage. Luc olha em nossa direção e sorri. Eu largo a mão do Eduard e vou na direção do meu amigo. O abraço demoradamente e relembro o que eu acabei de passar com o Klaus.

— Eu imaginei que iria te ver hoje. — Ele comenta.

— É obrigatório vir para cá nessa data.

— Hillary jamais aceitaria os filhos longe. — Ele comenta enquanto acaricia o meu ombro.

Eu olho para o Eduard e o percebo sério, mais sério que o normal. Isso aqui não é uma disputa de território e nem eu querendo causar uma crise de ciúmes.

— Eduard, esse é o Luc.

Eles se cumprimentam com um aperto de mão e em seguida o Ed enfia as mãos nos bolsos de sua calça.

— Nós já nos encontramos uma vez. — Luc comenta e me olha. — Você fica aqui até quando?

— Amanhã cedo eu já vou embora.

— Voltará para o Natal?

— Eu ainda não sei.

— Tudo bem, então. — Ele olha rapidamente para o Lewis. — Nessa semana nós conversamos com mais calma, tenho que te contar algumas coisas.

Eduard passa o braço ao redor da minha cintura e me chama para irmos embora, pois já está tarde, mas eu sei que isso é apenas para que a minha conversa se encerre. Me despeço do Luc com um abraço rápido, mesmo que o Eduard esteja me segurando. Voltamos a andar rumo a minha casa, eu debocho de sua atitude e ele finge não me ouvir. Belisco a sua cintura, ele para de andar e me encara.

— Você está abusada, Stephany.

— Não, eu não estou.

— Está sim e está precisando de uma boa conversa.

— Conversa corporal? — Questiono ao abraçá-lo pela cintura. — Se for, eu estou muito interessada.

Eduard sorri, volta a entrelaçar as nossas mãos e continuamos o nosso trajeto. O seu ciúme me acendeu e eu não estou ligando mais para quem está ou não naquela casa. Eu quero o Eduard. Assim que entramos em casa, eu tranco a porta e subimos rapidamente para o meu quarto. Tranco a porta, retiro a minha saia e jogo para qualquer canto do meu quarto. Ed desabotoa devagar a sua camisa, em segundos o seu peito fica nu e eu me aproximo. Antes que eu possa fazer algum tipo de movimento, ele me agarra e me joga sobre a cama.

EPÍLOGO

*Não posso mais lutar contra isso, somos apenas você e eu
E não há nada que eu, nada que eu, eu possa fazer
Estou presa a você, presa a você, presa a você
Então, vá em frente e me deixe louca*
Ariana Grande (feat. Justin Bieber) – Stuck with U

---*Eduard Lewis*

— O seu irmão não gostou muito da ideia.

Stephany revira os olhos e coloca o cinto. Estamos voltando para Los Angeles, as poucas horas que eu fiquei aqui em Santa Maria, especialmente na casa dos pais *dela*, eu presenciei coisas inimagináveis. Oliver socando a cara do Klaus, depois concordando com o meu relacionamento com a sua irmã e fazemos pequenas coisas juntos, como limpar os destroços da briga e depois a montar a nova mesa que ele teve que comprar para a mãe. Além da nova mesa, ele também deu um novo jogo de jantar. Só que, algo que a Stephany disse é verdade, nenhum desses novos *presentes* vai substituir o carinho que ela tinha pelos quais foram destruídos. Nessa manhã, eu presenciei brevemente a conversa com o Oliver teve com os pais, pois bem na hora eu estava passando para levar as coisas para o meu carro e quando eu voltei, a conversa já tinha se encerrado e eu tomei a liberdade em me apresentar devidamente para o pai da Steph.

— Senhor Baker, nós não nos apresentamos ontem por causa da circunstância, mas eu fiz questão de fazer isso nesse momento.

O seu olhar subiu dos meus pés a minha cabeça, acenou suavemente e cruzou os braços. Stephany já tinha me contado sobre as suas dificuldades físicas, como a visão, perda da mão e a paraplegia. Só que nem uma dessas dificuldades não era empecilho para ele tentar me intimidar, mas isso não funciona.

— Então, senhor Lewis, você é o namorado da Stephany? — Ele me questionou.

— Quase isso.

Não estipulamos como um namoro, mas é um relacionamento sério.

— Ela é uma pessoa complicada. — Ele comentou irônico.

Mark Baker não deveria dizer que a filha é uma pessoa complicada, mas que, é a família inteira. Talvez possa ser considerada uma *herança* genética. E como às vezes, o meu atrevimento fala mais alto que o meu bom senso, eu acabei abrindo a minha boca e percebendo que ele não gostou muito.

— Essa família é composta por pessoas complicadas.

Ele não me disse mais nada, eu dei um toque em seu ombro e sai de perto. O bom que já estava no horário para sair de lá e quando a Stephany

entrou no meu carro, eu a vi ficar aliviada por estar ido para bem longe dali. Ela decidiu vir comigo, no meu carro, o Oliver não queria, mas a deixou ter livre escolha. Paro no semáforo da avenida principal, Oliver para com o seu carro – o Alfa Romeo, presente da minha irmã – e eu o vejo acenar para que eu abaixe o vidro.

— Não corre com essa belezinha de carro. — Ele ordena.

— Eu sei dirigir muito bem e com consciência, Baker.

— Não custa eu te lembrar sobre não correr.

— Recado dado e... — Olho para a frente e aperto o botão para o vidro subir devagar. —, o semáforo abriu.

Ignoro totalmente o Oliver, acelero o meu carro e sigo a rota do GPS. Ouço a Stephany resmungar ao meu lado, toco em seu joelho e acaricio a sua pele sedosa. Ontem, quando eu sugeri em darmos uma volta, a intenção era distrair a sua mente sobre o que tinha acabado de acontecer, eu sabia que a imagem do Klaus não ia sair de sua mente tão cedo e então aquela era a única ideia que tive, só que, eu não imaginava que iríamos encontrar o seu ex-namorado. Quando ela largou a minha mão para ir na direção dele, eu fiquei um pouco irritado, tudo bem, não é exatamente essa palavra, mas ciúme é uma palavra desconhecida por mim. Ignorando esse fato também, tem algo mais importante para se pensar; Klaus.

Se ele acordou nessa manhã, deve ter desejado estar morto, pois os hematomas foram muitos ruins. Stephany me confessou que o queria morto, e eu não a julguei, pois desejava a mesma coisa em relação ao meu pai e eu acabei fazendo tais escolhas. Jamais vou falar isso para ela, eu jamais vou sugerir algo do tipo, por exemplo, entrar em contato – no caso, eu – e pedi para exterminar aquele maldito. Se fosse por mim, eu teria deixado o Oliver sobre aquele *cara* e apenas assistiria à cena, mas eu simplesmente não podia, por causa das demais pessoas que estavam ali presentes.

— Se acostume, Oliver sempre vai pegar no nosso pé.

— Coisa de irmão. — Resmungo.

— Mas eu não estou nem aí para ele.

A olho e maneo a cabeça para os lados. Stephany sabe que eu não gosto de ficar entre ela e o seu irmão, não gosto de causar desavenças entre eles e muito menos instigar briguinhas desnecessárias. Coço o meu olho por causa do cansaço, bocejo em seguida e percebo a Steph me olhando. Ela sabe dirigir, já provou isso quando nessa semana pareceu lá em casa com o antigo

carro do irmão e eu fiquei surpreso. Outra coisa, como ela sabe que eu não consigo dormir muito bem estando com alguém na mesma cama, é visível o meu cansaço e então a qualquer momento ela vai sugerir em dirigir no meu lugar, mas eu jamais vou deixar isso acontecer. Bato a mão no rádio, a música começa a soar através do alto falante e eu a ouço cantar baixinho. Esse nosso romance está nos fazendo muito bem, está fazendo parte do processo em me tornar um novo homem, um novo Eduard. Por mais que eu tenha conversado parcialmente com o Oliver na noite anterior, sei que é necessária uma conversa mais séria, para não parecer que agimos escondido, por mais que essa tenha sido a verdade. O toque do meu celular interrompe a música, já que ele está ligado a mídia do meu carro e eu aperto o botão para atender sem ver quem está me ligando.

— Alô.

— Oi, Eduard.

A voz feminina soa através do alto falante e eu olho rapidamente para a Stephany, que está me encarando.

— Quinn. — Resmungo.

— Nós precisamos conversar.

— Eu não posso conversar com você antes do julgamento.

— É necessário, Ed. — Ela súplica.

— Eu não posso. — Retorno a dizer. — Não estou em Los Angeles.

— Voltou para Solvang com a sua amiguinha ou foi para Nova Iorque com a sua fiel e inseparável amante?

Ela está se referindo a Maire e Melanie.

— Nada disse lhe interessa, mas eu não estou com nem uma delas.

— Quem é a vítima dessa vez?

É visível a sua raiva através do seu tom de voz e eu suspiro. Sempre tentei ser o mais amigável possível, mas esse seu jeito me irrita ao extremo. Eu não sei como James a suportava, aliás, isso nem existia, era ela que o suportava, era uma submissa dos atos dele.

— Quinn, eu não vou tolerar os seus insultos.

— Nós precisamos conversar.

— E eu já disse que não.

Encerro a ligação, aperto o volante entre as minhas mãos com força e mantenho o meu olhar fixo na estrada. Durante dias, semanas a fio, Quinn esteve longe da mansão e não entrou em contato comigo, de repente deu um

depoimento e que mudou tudo. No mesmo segundo que eu soube, eu quis ir questioná-la sobretudo, mas não me permitiram. Depois eu apenas decidi que era melhor eu me manter afastado e aguardar o julgamento. No meio disso tudo, eu ignorei o passado, incluindo a Quinn. O que já aconteceu entre nós dois ficou no passado, e até mesmo como um lapso de memória. Emily nunca entendeu o porquê de eu ser próximo a Quinn, a me dar bem com ela e por nossa relação ser bem amigável, mas também nunca questionou.

— Ela é a sua madrasta?

— Ex-madrasta. — Corrijo-a.

— Achilles o aconselhou a não chegar perto dela e muito menos conversar, mas essa ligação pode ser prejudicial em algum momento?

— Eu espero que não.

— Por que você não está olhando para mim? — Ela questiona.

— Porque eu estou dirigindo. — Resmungo.

— Eduard... — Ela rosna e eu a olho por poucos segundos. —, o que aconteceu entre vocês?

— O que nunca deveria ter acontecido. — Assumo.

A ouço suspirar e eu tento me manter concentrado em dirigir, mas está difícil. Stephany está ao meu lado, irradiando irritação e isso me deixa puto. Avisto um posto de gasolina, dou a seta e percebo pelo retrovisor o Oliver me seguir. O meu carro não está precisando ser abastecido, ainda tenho gasolina para percorrer um longo caminho, mas eu preciso parar um pouco. Assim que estaciono ao lado da bomba, Stephany desce do carro e vai rumo a lojinha de conveniência. Desço do meu carro, faço todo o procedimento para o abastecimento e me encosto no carro enquanto aguardo. O carro do Oliver para na bomba ao lado da minha e eu tento transparecer tranquilidade.

— Quando estivermos próximo de Los Angeles, a Stephany troca de carro. — Ele me informa.

— Eu a levo até a sua casa, sem problema algum.

— O caminho é mais longo.

— Não tem problema.

Retiro a bomba do meu carro, vou rumo a lojinha da conveniência e pago o abastecimento. Stephany surge ao meu lado segurando uma água e um pacote de salgadinho. Ela paga e sai pisando duro de volta para o meu carro. Oliver encara a irmã, em seguida me olha e arqueia uma sobrancelha. Resmungo que não aconteceu nada, entro de volta no meu carro e a seguro

pela nuca. O seu olhar cruza com o meu e ela não têm reação nenhuma.

— Eduard. — Ela resmunga.

— Não tem o porquê de você ficar com raiva de mim.

— O que mais eu vou descobrir de você? — Ela questiona.

— Descobrimos coisas um do outro todos os dias, é um descobrimento diário, Steph.

Ela suspira, cruza os braços em frente ao corpo e fica me encarando, enquanto mil e uma coisas passam em sua mente. O meu envolvimento com a Quinn foi algo banal e algo de momento. Eu nunca mais pensei nisso desde quando o ato aconteceu, eu simplesmente apenas *esqueci*.

— Você transou com a sua madrasta!

— Transei! — Dou um soco no volante.

Ela esfrega o rosto entre as mãos.

— Quando?

— Antes dela se envolver com o meu pai.

— E foi apenas uma vez?

— Sim.

Não, mas essa outra vez não aconteceu porque eu quis, mas por algo que a Quinn fez de forma ilegal. O celular da Stephany toca, ela suspira e lê a mensagem.

— Oliver está questionando se estar tudo bem, então é melhor voltarmos para a rodovia.

— Eu vou voltar, mas com uma condição.

— Qual? — Ela questiona.

— Que a sua raiva vai sumir, que você vai ignorar e esquecer esse assunto.

— Nós vamos conversar mais depois sobre isso, esse será o acordo.

— Tudo bem, eu posso concordar com isso.

Pelo menos, por enquanto. Acelero devagar e volto para a rodovia. O carro do Oliver está bem na minha frente, numa distância e velocidade consideráveis. Estico o meu braço, toco na mão da Stephany, que está apoiada em seu joelho e lhe direciono um pequeno sorriso. Quinn não vai estragar o nosso romance! Assim que eu chegar em casa, eu vou notificar o Achilles da ligação e saber qual é a melhor forma para proceder. Enfim, eu respiro mais aliviado quando a Baker entrelaça a sua mão na minha e sorri.

[...]

Assim que eu deixei a Stephany em seu apartamento, eu vim para a mansão e tive que lidar com os meus avós. Na noite anterior, eu os deixei aqui com a Emily e fui para Santa Maria. Eles vão embora só no final da noite, mas antes disso, vão conhecer a Steph. E no curto período que tomei banho e comi alguma bobagem, eu liguei para o Achilles e informei do acontecimento. Depois eu fui até a sala dos seguranças e conversei com todos, principalmente com o Dylan, já que, há duas semanas ele se tornou chefe da segurança. O apartamento que nos foi deixado como herança, eu conversei com a Emily e decidimos deixar o Allen morar lá com a família, já que é um lugar mais seguro e não cobramos nada dele, além de eu lhe pagar um excelente salário. De início foi difícil fazer esse casal concordar, mas depois de uma longa conversa que a minha irmã teve com eles, entramos num acordo.

Arrumo a gola da minha camiseta polo, passo os dedos entre os fios do meu cabelo e confiro a hora. Daqui a pouco a Stephany estará aqui, ela virá com a Emily já que a minha irmã virá se despedir dos nossos avós e em seguida irá para o Fight. Eu já tomei uma decisão, assim que o final de ano passar, eu irei criar uma rotina e enfim voltarei a estudar no próximo semestre. Stephany também vai começar a estudar, e por mera coincidência, estudaremos na mesma universidade. Decido ir fazer companhia aos meus avós, eu saio do meu quarto e desço a escada devagar. Lisa fez o jantar, eu apenas fiz companhia aos meus avós, mas não comi. Pretendo pedir alguma coisa para comer junto com a Steph ou se ela quiser, nós podemos sair.

— Torres, acabou de avisar que a sua irmã chegou. — O meu avô me informa.

— Ele continua o mesmo, bom funcionário, mesmo que eu tenha colocado o Dylan no lugar dele.

O meu avô ainda tem o pé atrás do com o Torres por causa de tudo que aconteceu.

— Isso me surpreendeu um pouco. — Ele confessa.

Como o Dylan não vem trabalhar aos domingos, então o Torres fica responsável por tudo. Ouço a porta da entrada se abrir e a voz da Emily preenche o ambiente, mas os meus olhos só conseguem procurar uma coisa; a minha garota. O seu cabelo está cheio de ondulações, uma calça jeans clara

deixa as suas curvas mais evidentes e uma camiseta larga e curta, que deixa apenas menos de um palmo da sua pele exposta. Eu me aproximo dela, beijo a sua têmpora e acaricio os seus ombros.

— Eu estou aqui também, irmãozinho. — Emily resmunga.

— Eu te vi, Emily.

Me afasto da Stephany, pego o meu sobrinho dos braços da minha irmã e beijo a sua bochecha gordinha. Ele se agita em meu colo, pois quer ir para o chão e eu faço o seu desejo. O coloco no chão, Emily segura na mão do filho e anda na direção dos nossos avós. Turner não veio junto, pois com certeza já está no Fight junto com o outro cunhado. Eu ainda não tive tempo para conversar com o Oliver, mas pretendo fazer isso muito em breve. Entrelaço a minha mão na da Stephany, a levo para a sala de estar e a apresento para os meus avós. Observando a minha avó conhecer a Steph, me faz tentar imaginar como seria se ela conhecesse a minha mãe. Eu ainda me lembro perfeitamente do dia que ela conheceu a Melanie e foi o dia que eu mais fiquei com o cenho franzido, demonstrando surpresa com tudo aquilo, além de estar intrigado.

— Mãe, essa é a Melanie Nash.

A minha mãe se levantou do sofá, andou calmamente em nossa direção e observou a minha namorada da cabeça aos pés. Em seguida a cumprimentou com dois beijos e colocou apenas uma mão em meu ombro.

— Então você é a moça que está roubando toda atenção do meu filhinho?

— Eduard... — A voz da minha irmã me traz de volta a realidade. —, eu vou levar os nossos avós para o aeroporto, tudo bem?

— E o Andrew?

— Vai comigo, é o meu fiel companheiro.

Ficou muito estranha a sua frase, mas decido não comentar. Me sento na poltrona, Stephany olha para mim e eu não entendo o que ela quer dizer. Ela se senta no outro sofá, apoia as mãos no colo e sorri para os meus avós. Eles conversam animadamente enquanto eu os observo, apesar de ela estar tímida, está sendo bem amorosa diante da amigável recepção dos meus avós. Eles não fazem perguntas invasivas, apenas a acolhem. Emily se aproxima de mim, se senta no braço da poltrona e mantém os olhos em cada movimento do filho. Coloco a minha mão em seu joelho e deito a minha cabeça no seu braço.

— Como foi ontem à noite?

— Muito bom, nós ficamos aqui. — Ela me informa. — Enfim, o Andrew estreou o quartinho dele.

— Eu consegui cada detalhe que você me pediu.

— Sorte a sua. — Ela ironiza.

Reviro os olhos a fazendo ri.

— Eles gostaram dela.

A minha avó está elogiando a Stephany nesse exato segundo e as bochechas da minha garota estão coradas.

— Penélope me contou sobre o acontecimento da noite anterior.

Olho para a minha irmã e maneo a cabeça para os lados.

— Eu queria muito ter deixado o Oliver arrebentar ainda mais a cara daquele babaca.

— Será que ele pode tentar algo?

— Eu acho bem possível, mas amanhã eu vou entrar em contato para alguém ficar de olho nele.

— Poderíamos colocar um rastreador nele. — Ela sugere.

— Não somos mais dessa vida.

— Eu sei, mas é uma questão de proteção.

— Amanhã conversamos mais sobre isso.

— Se precisar da minha ajuda para alguma coisa, me avise.

Concordo com um aceno, eu decido me sentar ao lado da Stephany e passo o meu braço por sua cintura, a trazendo para mais perto de mim e ela se ajeita entre os meus braços. A minha avó sorri nos observando e eu sei que, para todos, é um alívio maior diante de tudo, pois é como se eu ficasse mais estável emocionalmente e fisicamente. Não vou sair por aí agindo de forma inconsequente, como eu fazia antes, só que, eles têm que pensar que eu era daquela forma por causa do meu pai.

— Vocês podiam ir nos visitar em Seattle. — Minha avó sugere.

— Ou vocês virem mais para cá. — Emily sugere.

— Não gostamos daqui. — Meu avô nos lembra.

— Nós sabemos.

— Podem passar o Natal conosco. — Minha avó faz uma nova sugestão.

— Eu, infelizmente não posso, a minha mãe mora em Santa Maria. — Stephany informa.

— Dom tem a Penélope aqui. — Emily comenta.

A expressão da minha avó fica séria e eu suspiro. Fomos poucas vezes para Seattle, não estamos arrumando desculpas para não ir, mas existem coisas que nos atrapalham um pouquinho. Eu sei o quanto a Stephany se preocupa com a mãe, e o quão importante são datas comemorativas para a senhora Baker.

— Até o Natal decidimos o que vamos fazer.

— Tudo bem.

Emily informa que já está na hora deles irem para o aeroporto, eu me levanto do sofá e a Stephany fica de pé ao meu lado. Os meus avós se despedem dela primeiramente, em seguida a minha avó me abraça bem apertado, por mais saiba que ela saiba que eu não goste muito. O meu avô aperta o meu ombro e eu os acompanho até a porta. Ian já colocou as malas no carro da minha irmã, ela está prendendo o filho na cadeirinha e eu ajudo a minha avó a entrar no carro. Troco mais algumas palavras com o meu avô em relação ao final de ano e combinamos que no meio de dezembro, eu entrarei em contato para decidirmos o que faremos. Enfim eles se vão, eu volto para a sala de estar junto com a Stephany e eu olho ao redor. Eu já dispensei a Lisa e todos os demais, apenas Ian, Torres e Gael estão por aqui.

— Eu pensei em pedirmos algo para comer enquanto conversamos.

— Ótima ideia.

— Comida japonesa?

Ela acena concordando, eu faço o pedido no restaurante conhecido por mim e a chamo para subirmos. Entrelaço as nossas mãos, vamos para o segundo andar e nos sentamos no sofá. Aviso o Torres sobre a entrega do restaurante, e peço para ele trazer para o segundo andar assim que o pedido chegar. Steph se senta entre as minhas pernas, encosta as costas no meu tórax e deita a cabeça em meu ombro. Eu deixo as minhas mãos apoiadas em seu ventre e beijo a sua têmpora.

— Os seus avós são legais.

— Ter eles por perto faz a falta da minha mãe se tornar evidente.

— Eu imagino. — Ela sussurra. — Hoje, mais cedo, eu me exaltei sem motivos, pois o que aconteceu entre você e a sua madrasta não existe mais, não importa mais.

— Não mesmo, eu simplesmente esqueci do que aconteceu.

— Foi apenas sexo.

— Foi apenas sexo, rápido e numa festa de conhecidos em comum.

— E depois disso?

— Nada mais aconteceu.

— E como ela virou a sua madrasta?

— Eu a conheci antes do meu pai nos apresentar, a segunda vez que eu a vi, foi quando o meu pai nos apresentou e eu fingi que eu não a conhecia.

— Isso dá a impressão de que ela estava em busca de um... tesouro, que poderia vir de sua parte ou da parte do seu pai.

— Eu sei, mas ela gostava de verdade do meu pai, assim como gostava do luxo que vivia.

— E hoje em dia tem que lidar com uma vida mais *simples*.

— Exato. Quinn tem uma casa muito boa, dada pelo meu pai e tem muitas coisas além de apenas uma casa.

— E o que tanto ela quer com você? Emily comentou que odeia a aproximação que vocês têm.

— Ninguém sabe do que aconteceu entre a Quinn e eu, além disso, Emily nunca se deu bem com a nossa ex-madrasta.

— E você não respondeu a minha pergunta. — Ela resmunga.
Suspiro.

— Eu não tenho a menor ideia do que ela quer comigo.

— Tem mais alguma coisa a me contar?

— Não. — Respondo. — Tem mais alguma coisa a me perguntar?

— Não. — Ela nega.

— E agora eu posso, então, aproveitar a minha garota? — Agarro o seu cabelo pela nuca, a faço me olhar e ela acena ao morder o lábio. — Ótima escolha, dona encrenca.

— Eduard...

Stephany tenta reclamar, mas eu a calo ao grudar as nossas bocas. Ela segura a minha camiseta com força ao se afastar para recuperar o ar, eu a puxo para o meu colo e volto a beijá-la. Desde o dia, ou melhor, noite que ela veio aqui para conversarmos e eu desliguei as câmeras do segundo andar, continuam assim até hoje. Enfio os meus dedos entre os fios do seu cabelo, ela se ajeita em meu colo e rebola. Seguro em sua cintura e paro os seus movimentos. Ainda não é o momento e eu a quero fazer esperar mais um pouquinho. Encerro o nosso beijo, a deixo sentada sobre o meu colo e eu fico acariciando a sua perna. Ainda não consegui conversar com o Oliver,

pretendia fazer isso hoje, mas assim que chegamos de Santa Maria, todos nós estávamos cansados e agora à noite Oliver foi para o Fight com os demais enquanto a esposa teve que ir trabalhar.

— O seu irmão vai se casar novamente com a Turner?

— Baker. — Steph me corrige irônica. — Sim, ele a pediu ontem à noite.

— Por quê?

— Oliver me disse que não muito legal a forma que eles se casaram da primeira vez e então agora ele quer um casamento de verdade, tudo como a regra manda.

— Na igreja? — Franço o cenho.

— Eu acho que não, pois a Penélope prefere que seja ao ar livre, algo mais casual e não clássico.

Conversar brevemente sobre casamento me faz lembrar da minha mãe e nos seus planos em planejar o meu possível casamento com a Melanie, mas como, no fundo, todos sabiam que isso não aconteceria, a minha mãe migraria os seus planos a minha irmã que é mais provável a se casar e eu espero que seja logo. Sei que ela demorou a firmar o *namoro* com o Turner, então levará uma eternidade para acontecer o casamento.

— Senhor Lewis... — Ouço o Torres me chamar do primeiro andar.

— Pode subir.

Stephany sai do meu colo, o meu segurança aparece no segundo andar e ele coloca a entrega do restaurante sobre a mesa de centro e sai em seguida. Jogo algumas almofadas no chão, nos sentamos diante da pequena mesa e eu retiro a barca do embrulho. Entrego um hashi para a Steph, fico com o outro e começamos a comer. Queria poder levá-la até o restaurante, mas ambos estamos cansados e eu estou evitando ao máximo a ficar perambulando em espaço público enquanto o julgamento não acontece, e me fazer deixar livre de tudo. Em breve vamos poder sair, eu vou levá-la em diversos lugares e eu confesso uma coisa, algo que eu não esperava acontecer tão cedo, eu estou gostando muito desse romance com a Baker. A olho, estico a minha mão livre e acaricio a sua bochecha.

— Isso daqui é muito bom.

— Em breve nós vamos até o restaurante. — Declaro.

— Eu vou adorar. — Ela sorri. — Você gostaria que a sua irmã se casasse?

Fico um pouco surpreso com a sua pergunta repentina e aceno.

— Desejo isso, mas ela é uma pessoa complicada.

— Penélope também e olha como ela está agora.

— Porque se casou bêbada em Las Vegas, e isso é improvável acontecer com a Emily.

— Nada é improvável. — Steph resmunga.

— Isso é improvável para acontecer com a minha irmã.

— E você?

— Eu o que? — Questiono.

— Gostaria de se casar algum dia?

— Quando foi que o nosso romance chegou nesse patamar?

Stephany fica sem razão e me encara com os olhos arregalados, me fazendo ri suavemente.

— E-eu... não quis dizer isso, eu só...

E ela se cala.

— Eu sei, Steph. — Beijo o seu ombro. — Eu nunca pensei em me casar, mas a minha mãe sempre planejou o meu possível casamento.

— Mesmo sabendo que talvez esse não fosse o seu desejo?

— Mesmo tendo a certeza de que isso não aconteceria.

— Ia ser uma decepção para ela.

— Iria, mas ela acabaria planejando o da Emily.

— Ela, a sua mãe, sabia do romance da sua irmã com o Dom?

— Sim e apoiava muito. — Resmungo.

— Além do seu ciúme de irmão, o que mais te preocupava no relacionamento deles?

— Não entenda como uma forma preconceituosa. — Peço. — Dominic morava num lugar horrível, caindo aos pedaços e lutava para conseguir cada centavo de cada luta. Então, conheceu a minha irmã por acaso e do nada se aproximaram...

— Uma menina rica se envolvendo com um rapaz pobre, lutador e morava num bairro bem perigoso.

— Hoje em dia o bairro não é mais tão perigoso assim, mas era exatamente isso o que eu pensava. — Suspiro. — Poderia ser algum tipo de golpe, possível sequestro ou alguma coisa aonde ele conseguisse arrancar algum dinheiro.

— Não julgo por ter pensado assim, é algo que qualquer outra pessoa

teria.

— Mas então tudo aconteceu e eu vi a minha irmã ser quebrada aos poucos.

— Só que hoje tudo se ajeitou.

— Ainda bem.

Sinto o meu celular vibrar, o nome da minha irmã aparece no visor e é uma nova mensagem dela.

“Jimmy Turner fugiu, com certeza foi atrás da Penélope ou está vindo para cá. Entre em contato com o Achilles para informá-lo e venha para cá com policiais.”

— Merda!

Largo o hashi sobre a mesa e me levanto.

— O que aconteceu? — Stephany questiona.

Eu não quero levá-la, mas também não quero deixá-la sozinha e então só me resta a primeira opção indesejada. Bato as mãos nos meus bolsos a procura de alguma chave e me lembro que elas ficam na garagem. Estou tão afoito com essa notícia que não tenho a menor ideia de como proceder.

— Temos que ir para o apartamento do Turner.

— O que aconteceu? — Ela retornar a me perguntar.

— O pai dos Turner’s fugiu e deve estar indo para lá.

— E então por que temos que ir até lá?

— Porque é necessário!

Descemos correndo para o primeiro andar, calço o meu tênis e corro em direção a garagem. Entro na SUV, pois é a primeira chave que eu a encontrei e acelero assim que a Stephany coloca o cinto. Jogo o meu celular em seu colo e peço para ela informar o Achilles sobre o acontecimento. Ele vai saber como proceder, pois sempre esteve a par de tudo, principalmente em contato com o advogado que cuida do caso do Turner. Se ele estiver indo atrás da Penélope, vai obrigá-la a levá-lo até o apartamento dos filhos. Dirijo o mais rápido que a fiscalização me permite, corto por entre os carros e faço caminhos alternativos para chegar o mais rápido possível. Não quis trazer nem um segurança, pois a mansão não deve ficar vazia.

Paro o carro de qualquer jeito em frente ao apartamento, desço e antes

que eu possa levar a Steph para o seu apartamento, dois carros da polícia acompanhados do Achilles. Três policiais ficam na rua, três nos acompanham e adentramos no prédio. O porteiro nos encara assustado, Achilles o informa que eles vieram levar um foragido e ele fica ainda mais surpreso. Se esse homem fosse um bom porteiro teria percebido o possível jeito suspeito que o Turner entrou aqui carregado a filha. Subimos pelas escadas de emergência e eu desejo que tudo fique sobre controle. Peço para os policiais aguardarem no início do corredor, levo a Stephany até o seu apartamento e entramos. Fico surpreso ao ver o Noah aqui com a Ayla, além do meu sobrinho estar nos braços dela.

— Fica aqui. — Ordeno.

— Eduard...

Steph tenta protestar, mas se cala quando eu a repreendo com o olhar.

— Noah, não deixe nem uma delas saírem daqui, feche todas as janelas e tranque a porta assim que eu sair.

Ele se aproxima de mim e olha rapidamente para a Stephany que foi na direção da irmã.

— E se ela tentar?

— Tranque-a no quarto.

— Oliver me mataria.

— Não, pois é para a segurança dela.

Saio do apartamento e só me afasto quando ouço o barulho da porta sendo trancada. Aceno para os policiais, eles se aproximam da porta e eu fico afastado junto com o Achilles. Nas vezes que eu fui visitar o Turner, eu fiquei sabendo parcialmente que uma outra pessoa o visitava e levava informações dos filhos. Nunca descobri quem era essa pessoa, mas tenho certeza de que foi ela que o ajudou a chegar até aqui.

— Ele invadiu aqui? — Menezes, o policial responsável pela captura do Turner me questiona.

— Deve ter obrigado a filha a trazê-lo até aqui.

— Eu conheço o Turner, sei que ele não colocaria em risco a vida dos filhos e é por isso que não vamos invadir, além de civis estarem lá dentro.

— Mas ele está arriscando a vida de todos em vir até aqui, podem considerar que eles estão o ajudando. — Achilles comenta.

— É possível, mas isso não vai acontecer.

— Tem ideia do que ele possa ter vindo fazer aqui? — Questiono.

— Ele está indo para o corredor da morte, então considerou que a única chance em ver os filhos era fugindo.

Maneio a cabeça para os lados, ouço alguma porta se abrir e eu olho diretamente para o apartamento da minha irmã. Jimmy sai de lá com as mãos para cima, um policial se aproxima para algemá-lo e o encosta na parede. Me aproximo quando vejo a minha irmã, ela sibila que está tudo bem e eu respiro mais aliviado. Por mais que o Jimmy tenha sido preso por ter matado uma pessoa, ele não oferece perigo a ninguém.

— Jimmy, você invadiu aqui ou...

— Eu invadi. Obriguei a minha filha a me trazer aqui. — Turner responde ao interromper o Menezes. — Ninguém me ajudou, eles não devem ser prejudicados.

— Eu tinha avisado sobre isso já. — Resmungo.

O olhar do Jimmy recai sobre mim e eu vejo o deboche estampar o seu rosto. Ninguém tem o conhecimento que, eu já o visitei na prisão, muito menos que eu pedi a sua ajuda para destinar o fim para o James. Ele olha rapidamente para a minha irmã e volta a me encarar. Por mais que ele tenha vindo aqui ver os filhos, se despedir, ele não vai perder a oportunidade de me delatar.

— Eduard Lewis...

— Cala a porra da sua boca! — Ordeno.

Jimmy ri debochado e eu sinto vontade de lhe dar um soco.

— O que é? Está com medo de eu contar a verdade na frente de sua irmã?

Merda!

— Turner. — Rosno.

Ele sabe que eu posso colaborar para dar o fim mais o rápido a sua vida.

— Ela não sabe que você ia até o presídio para ter informações do meu filho e eu te fiz tremer com as minhas ameaças?

— Para!

Dou um passo em sua direção e o Menezes me direciona um olhar de alerta.

— E que também você sempre soube que o seu pai foi o culpado pela prisão do meu filho, mesmo sabendo que ele era inocente?

Eu sempre soube, mas nunca assumi isso. Quando o assunto surgia, eu

dizia qualquer outra coisa.

— Chega disso. — A minha irmã ordena. — Eduard e eu não temos mais nada a ver com o James, não fazemos mais coisas erradas e somos pessoas normais. Nos apenas queremos viver em paz e você, Jimmy, terá um fim ruim em breve, mesmo que seja doloroso.

— Eu sei, e você não precisa me informar isso. — Ele resmunga.

— Depois vocês vão a delegacia depor sobre o ocorrido, é padrão isso. — Menezes nos informa. — Se arriscou, Jimmy...

— Mas eu precisava ver os meus filhos. — Turner declara.

— Eu te entendo, mas você colocou em risco eles. Seu filho é ex-presidiário.

Por mais que o Dominic seja inocente do assassinato da minha mãe, ainda acontecerá alguns procedimentos necessários. Dois policiais seguram em cada um dos braços do Jimmy, eles vão rumo ao elevador, mas antes ele olha para a minha irmã.

— Eu os amo muito e sei que é melhor para eles, eu ter esse fim. Mesmo que eles mostrem essas poses de fortes, eles não são e precisam de alguém. Dominic de você e a pequena Penélope do marido, então não façam isso por mim, mas pelo amor que vocês sentem por eles e... — Ele suspira. —, a Polly é a mulher da minha vida, eu nunca deixei de amá-la e nunca vou deixar.

— Só de te olhar, eu vejo isso tudo, Jimmy. — Emily declara.

— Eu vou com eles até a delegacia. — Achilles me informa.

Aceno concordando, dou um beijo na testa da minha irmã e decido ir atrás deles. Jimmy não falou o que quis e vai sair daqui sem ouvir nada. Desço correndo pelas escadas de emergência, os alcanço quando na calça e eu cerro os meus punhos.

— Você acha que é assim, Jimmy? — Questiono o fazendo me encarar. — Chega aqui, faz e fala o que quer, e sai?

— Você acha que eu estou indo por minha própria escolha? — Ele debocha.

— Não é o momento para isso, Lewis. — Menezes impede a minha aproximação.

— Sai da minha frente. — Ordeno.

— Não. — Ele nega. — Você não tem esse direito de confrontar o meu prisioneiro.

Bato as minhas mãos uma na outra e encaro o céu. Eu não vou esperar ele voltar a ser preso para ir visitá-lo e confrontar ele lá dentro. Eu quero fazer isso agora e vou, Menezes deixando ou não. Enfio as minhas mãos dentro dos bolsos e sorrio friamente na direção do Turner.

— Você pode ter achado que me amedrontou em algum momento quando eu fui até aquele fim de mundo, mas isso nunca aconteceu, então abaixe a sua bola e pare de insinuar que irá delatar os acordos que temos.

— Quais mesmo? — Ele questiona.

Por mais que ele ainda esteja sendo segurado por dois policiais, eu passo pelo Menezes e me aproximo ainda mais. Os nossos rostos estão próximos, os olhares fixos e nós dois somos, aliás, sabemos como sermos ruins, pelo menos, essa palavra é a mais agradável a ser dita. Além de tudo isso, quando firmamos o acordo em que ele daria um jeito no meu pai, enterramos o assunto e combinamos que jamais citaríamos sobre isso. Seria como, se nunca estivesse falado ou entrado acordo em relação a isso, pois nem um de nós temos nada a ver com o que aconteceu.

— Talvez o seu advogado seja muito bem pago por mim.

— Apenas isso?

— Vai continuar insinuando?

— Não, senhor Lewis, pois não existe mais nenhum outro. — Ele ironiza.

Menezes ordena que os policiais coloquem o Torres dentro do carro, Achilles informa que vai os acompanhar e eu observo eles irem embora. Coço a minha nuca e olho ao redor. Por mais que eu não queira mais a vida que tinha, eu necessito de costumes daquela época. Só que, antes de eu ir para aonde desejo, eu tenho que ir ver como estão as coisas no apartamento do Dominic. Volto para dentro do prédio, subo para o primeiro andar e entro no apartamento sem bater na porta. Turner se levanta da mesa ao se assustar, a minha irmã me repreende com o olhar e eu vou na direção da cozinha, aonde eles estão. Vejo a Penélope sentada no canto da mesa, Oliver está agachado ao lado da sua cadeira e segura na mão da esposa.

— Já levaram o Turner de volta a delegacia.

— Amanhã todos nós vamos ter que ir prestar depoimento? — Emily me questiona.

— Sim, por mais que o Jimmy tenha invadido aqui.

— Aquele idiota... — Dominic resmunga ao manear a cabeça para os

lados.

— Nós podemos ir para o apartamento? — Penélope questiona ao marido.

— Podemos, baby. — Oliver concorda e fica de pé. — Noah está lá com a Ay.

— Então vamos. — Ela fica de pé. — Tchau para vocês.

Dominic se levanta e abraça a irmã, Oliver se aproxima de mim.

— Você trouxe a minha irmã ou ela ficou na sua casa?

— Eu a trouxe, está no seu apartamento.

— Está tudo bem entre vocês?

Franzo o cenho com o seu questionamento.

— Está. — Afirmo ao lembrar do meu desejo em conversar com ele.
— Eu sei que a noite foi um pouco complicada, mas eu queria conversar sobre eu estar me relacionando com a sua irmã.

Ele olha para trás, precisamente na direção da esposa e me parece bastante preocupado. Eu imagino a quão abalada a Penélope está com essa situação e que o Oliver quer estar com ela.

— Terá que ser rápido. — Ele informa.

— Tudo bem, eu ainda tenho uma coisa a fazer hoje.

— Stephany está inclusa nesse seu *compromisso*?

— Não.

Eu não sei o que ele quer dizer sobre isso, mas não vou questionar e nem argumentar de forma rude. O casal sai do apartamento, eu me aproximo da minha irmã e dou um beijo em sua têmpora. Dou dois tapas no ombro do Turner, aviso que eles podem me ligar se precisarem e saio após ela me pedir para alguém vir lhe entregar o Andrew. Dominic também está bem mexido com o que aconteceu, ainda mais agora, que a sua mãe sairá da clínica amanhã. Bato na porta do apartamento da frente, em segundos é aberta e a Stephany sorri suavemente. Eu vou conversar com o seu irmão e em seguida irei embora. Os nossos planos para essa noite foram interrompidos, e por mais que ainda possamos continuar, eu necessito fazer outra coisa. Ela me puxa para dentro, eu a seguro pelos ombros e dou um beijo em sua testa. O meu sobrinho ainda está aqui e acordado.

— Eu já posso levar o Andrew? — Ayla me questiona.

Por mais que ela goste de cuidar do meu sobrinho e seja por isso, já está tarde e na hora dele dormir. Eu o pego no colo e o balaço suavemente.

Os seus olhos estão pequenos, ele está ficando enjoado e daqui a pouco começará a chorar por causa da mãe.

— Ei, garotão.

Ele sorri e deita a cabeça em meu ombro.

— Ele está quase dormindo. — Stephany comenta num sussurro.

— Eu vou levar ele para a Emily.

Saio novamente, volto para o apartamento da minha irmã e flagro o casal abraçado. Emily está sentada no colo do namorado, ele está com a cabeça enterrada no peito dela e o silêncio é profundo. Ela nota a minha presença, afasta o Dominic e sai do seu colo. Eu lhe entrego o seu filho e saio do apartamento. Stephany está me esperando na porta e eu adentro em sua casa. Enfio as mãos dentro dos bolsos da minha calça, ando tranquilamente pela sala de estar e sinto *ela* me observar. Estamos sozinhos aqui, e eu estou ansioso para conversar logo com o Oliver, não para lhe dar satisfações, mas para sair logo daqui e ir fazer o que eu tanto desejo; clube de tiro. Eu preciso esvaziar a minha mente e eu sei que praticar um pouco vai me ajudar. Enfim, Oliver aparece na sala de estar, ele se encosta na porta que dá acesso ao corredor dos quartos e coça a sua nuca.

— Temos alguns minutos para conversar, apenas enquanto a Penélope toma banho. — Ele me informa.

— Vocês vão conversar o que? — Stephany questiona.

Eu a olho e massajeio os seus ombros.

— Não é nada demais e é conversa de homem.

— Vai para o quarto. — Oliver ordena.

Ela apenas nos olha bem séria e sai arrastando os pés. Oliver se senta num sofá, eu me sento no outro e cruzo os braços em frente ao corpo. Foi mais fácil de conversar com o senhor Baker, a que estar aqui, nesse segundo cara a cara com o Oliver. Esfrego o meu maxilar e respiro fundo. Ele já está a par de tudo, mas pode existir uma má impressão que não fará bem, não para mim, mas sim para a Stephany.

— Você já tinha confrontado a sua irmã sobre ela ter algum relacionamento comigo, teve uma resposta negativa, insinuou para mim que eu poderia ter algo com ela e eu neguei. Ambas respostas foram verdadeiras, por mais que já existisse sentimentos dentro de nós, não existia nada entre nós. Imagino que você deve ter ficado com a impressão de que agimos pelas suas costas, mas não foi exatamente dessa forma.

— Eu iria ficar muito puto com vocês, se nada daquilo tivesse acontecido ontem, só que eu deveria ter me preocupado apenas com o maldito do Klaus...

— Quando eu soube o que ele tinha feito... — Maneio a cabeça para os lados. —, eu queria matar ele com as minhas próprias mãos.

— Eu queria fazer exatamente isso ontem, mas eu sabia que não valia a pena estragar a minha vida, carreira e família. — Oliver franze o cenho de repente. — Quando você soube do Klaus?

— Há algum tempo.

— E desde quando vocês estão juntos?

— Desde um dia anterior a ida para Malibu.

— Então é mais ao menos recente, pois já faz quase um mês.

— Mais ou menos. — Murmuro. — Uma noite eu vim até aqui, beijei a sua irmã e no outro dia eu a magoei.

— O que você fez? — Ele questiona.

— Decidi afastá-la quando eu descobri das possíveis consequências em relação a semana de depoimentos.

— Você fez certo em afastá-la, aquela semana foi um caos para todos, principalmente para você e manter ela por perto não daria muito certo.

— Exato, mas ela não aceitou isso muito no início e acabamos nos desentendendo.

— Ela é uma menina difícil. — Ele debocha.

— Muito. — Resmungo. — Decidi vir conversar com você para deixar você a par das coisas, e não deixar a impressão de que agimos escondidos.

— Eu não tinha pensado isso, Eduard. E sim, que vocês virem expor o relacionamento quando acharam necessário.

— Então está tudo bem em eu estar com a sua irmã?

— Se você está a fazendo feliz, está tudo bem.

E aqui finaliza a conversa mais inesperada que eu imaginei ter em toda a minha vida. Ele avisa que vai ir ver a esposa, eu peço para ela chamar a Stephany e ele apenas acena. Eu ando até a janela e me inclino para ver como o meu carro está. Sinto braços passarem em volta da minha cintura, recebo um beijo no meio das minhas costas e eu me viro de frente para ela. Seguro o seu rosto entre as minhas mãos, acaricio a sua bochecha e fixo o meu olhar no seu.

— Eu tenho que ir embora.

— Eu posso ir com você.

Ela simplesmente não pergunta, mas sim afirma.

— É melhor você ficar aqui, Steph. — Declaro. — Amanhã nos vemos.

— Mas, Eduard...

Dou um beijo no topo da sua cabeça e me afasto indo na direção da porta.

— Amanhã nos vemos.

Stephany apenas acena concordando, mas eu vejo a irritação em seu olhar e eu coço a minha nuca. Ela pode até não concordar com a minha decisão, mas é o que eu preciso nesse momento. Amanhã é segunda-feira, e todos precisam estar com a cabeça descansada para iniciar uma nova semana. Ela se encosta no batente da porta, eu aproximo os nossos corpos e a puxo para mim. Deixo uma mão em sua cintura, a outra na sua nuca e eu raspo a minha boca na sua.

— Não gosto quando você fica assim. — Steph resmunga.

— Eu estou com a cabeça cheia, preciso de um tempo.

— Tudo bem. — Ela concorda. — Me avise quando chegar em casa.

— Eu vou demorar um pouco.

— Por quê? — Ela questiona.

— Vou passar num lugar.

— Qual lugar?

Reviro os meus olhos e me afasto sem respondê-la. Não é porque estamos juntos que temos que dar satisfações um ao outro. Além disso, o que eu vou fazer agora, não lhe diz respeito, pois ainda é referente ao antigo Eduard e é algo que eu não decidi se fará parte dessa vida que eu estou tentando ter agora.

— Tchau, Stephany.

Puxo a porta que dá acesso as escadas, desço rapidamente e logo entro no meu carro. Aonde eu costumava a praticar tiro, fica aberto durante a madrugada apenas para algumas pessoas e eu sei que ainda tenho passe livre naquele lugar. Bato os dedos no volante enquanto acelero nas ruas pouco movimentadas, e em menos de cinco minutos chego ao meu destino. Desço do meu carro, ando até a porta preta e dou dois toques contra ela. Na pequena abertura aparecem dois olhos e eu bato continência usando apenas dois dedos. Esse é o código para entrar no estabelecimento. A porta é aberta e o segurança permite a minha entrada. Eu vou até a recepção, me apoio sobre o

balcão e a aguardo ser atendido.

— Eduard Lewis. — A moça sorri. — É bom te ver aqui novamente.

— É bom saber que a minha entrada ainda é liberada.

— Um dos melhores que sempre frequentou aqui.

— Então libera o cartão de acesso.

— Identidade e cartão de credito, Lewis.

Eu lhe entrego o que é necessário, pego o iPad e seleciono as duas armas que desejo usar; Glock 20 e MP5. A recepcionista me devolve os meus pertences e me dá o cartão de acesso. Passo pela catraca, vou até a grande telão e observo qual cabine me foi liberada.

— Fiquei surpreso quando eu soube que você estava aqui. — A voz grossa soa perto de mim.

Eu olho para o lado e aperto a mão do Gusman, ele é o gerente desse lugar aqui e um velho conhecido da família.

— Vim porque necessito aliviar a raiva que eu estou sentindo.

— Então, aproveita e fique o tempo que quiser, pois você sempre tem passe livre aqui.

O meu nome ocupa a cabine de número seis, eu aceno para ele e vou para o meu devido lugar. As duas armas que eu selecionei já estão sobre a bancada, eu escolho começar pela menor e então deixo a outra pendurada na parte de baixo. Coloco o protetor em meus ouvidos, confiro a quantidade de munições e aperto o botão para ter a liberação. Estar aqui não me faz voltar a ser o antigo Eduard, nem pensar em coisas do meu passado, mas sim algo que eu goste de fazer para relaxar. Fazer isso não me fará ser uma má pessoa novamente e nem agir de modo errado, ser um James Lewis, por exemplo.

Quando eu me dou conta do horário quando ouço o aviso que o local está fechando e já é muito tarde, ou muito cedo, precisamente, três horas da manhã. Devolvo o meu cartão de acesso na recepção, saio do estabelecimento e entro no meu carro. Procuro pelo meu celular, o encontro caído entre os bancos e o pego. Tem apenas uma mensagem da Stephany pergunta se eu já estou em casa, só que essa mensagem foi enviada para mim meia hora depois que eu saí do meu apartamento. Eu a avisei que iria demorar a chegar em casa, mas eu demorei mais que o esperado. Me empolguei muito praticando que fiquei lá por horas e pelo o que eu conheço sobre a Stephany, ela vai reclamar muito sobre a minha atitude. Deixo o meu celular no banco ao lado, coloco o cinto de segurança e dirijo rumo a mansão. Batuco os dedos no volante,

acelero um pouco mais e me sinto mais leve. Eu posso manter essa prática, sem voltar ao que eu era antes, pois me faz bem e eu não estou fazendo mal a ninguém.

Assim que atravesso os portões da mansão, guardo o carro na garagem e subo a escada. Todos os cômodos do primeiro andar estão vazios, silenciosos e escuros. Eu subo a escada bem devagar e paro no meio ao lembrar o dia que a Melanie veio me visitar de repente. Há dias não conversamos, e nem nos vemos. Eu sei o quanto ela está ocupada com a sua carreira, mas curiosa para saber das decisões em minha vida, pois através da última mensagem que ela me enviou há alguns dias, ficou exposto que ela queria me encontrar para saber mais do meu romance com a Steph. Por mais que eu prefira privacidade, eu sei que a Melanie não irá me deixar em paz enquanto eu não lhe contar o que ela tanto quer saber.

Subo os últimos degraus da escada, encaro a bagunça que acabamos deixando sobre a mesa de centro e eu decido organizar. Limpo toda a bagunça, desço as coisas para a cozinha e não deixo nada para alguma das meninas possam fazer. Não conseguimos comer tudo o que veio na barca de sushi, pois o aviso da Emily interrompeu a nossa noite. Confiro se o que sobrou ainda está bom para comer, me apoio sobre o balcão e como calmamente. Queria que a Stephany estivesse aqui, que ela passasse a noite comigo, mas ainda não é possível e eu consegui colocar a minha cabeça em ordem quando eu me afastei dela. Baker mexe tanto comigo que às vezes eu fico irracional e eu meio que odeio essa situação.

Lavo as minhas mãos assim que termino de comer, subo para o meu quarto e caio na cama. A pouca iluminação que invade o ambiente é a luz da lua que ultrapassa a janela e é agradável. Por muitas vezes nesses últimos dias eu pensei sobre vender essa casa, é muito grande para eu morar aqui sozinho, só que gosto daqui, pois me faz lembrar da minha mãe. Ela gostava muito dessa casa, vivia decorando cada centímetro e era feliz aqui, é claro, tirando os momentos que o meu pai estava presente. Retiro o sapato dos meus pés de qualquer jeito, me deito de peito para baixo e fecho os meus olhos. O meu corpo está começando a doer por causa do cansaço do dia.

[...]

Abro os meus olhos devagar, a claridade que invade o meu quarto me

incomoda e eu me viro para o outro lado da cama. Tateio o vazio ao meu lado em busca do meu celular, o encontro debaixo do travesseiro e eu não tenho a menor ideia de como ele foi parar bem ali. Percebo que ele está descarregado, o largo sobre a cama novamente e decido me levantar. Estou sentindo pontas em minha cabeça e então eu massajeio a minha têmpora. Vou até o banheiro, retiro a minha roupa e entro debaixo do chuveiro. A água morna cai sobre o meu corpo, relaxando os meus músculos e eu esfrego o meu couro cabeludo. Com certeza a Lisa já está o café da manhã posto na sala de jantar, alguém já deve estar fazendo a ronda e o Dylan deve estar chegando. Me sinto mais tranquilo em ter ele trabalhando novamente aqui, assim eu posso ficar sem buscar nem uma informação e mesmo assim eu continuo tranquilo. Saio do banheiro enquanto enrolo uma toalha em minha cintura, vou para o closet e remexo em minhas roupas. Decido vestir roupas casuais, olho para a janela e confiro o tempo nublado. Visto uma blusa de moletom, calço o tênis e desço para o primeiro andar. Percebo que algumas meninas estão fazendo faxina na sala de estar e no hall. Vou diretamente para a cozinha e encontro o Dylan conversando com a Lisa.

— Bom dia.

— Bom dia, Lewis. — Dylan acena suavemente com a cabeça.

— Bom dia, o café da manhã já está servido.

— Obrigado, Lisa. — A agradeço e bato a mão no ombro do Allen. —

Me acompanhe, vamos conversar um pouco.

— Tudo bem.

— Eduard... — Lisa me chama e eu a olho. —, a Emily já te ligou algumas vezes.

— Depois eu ligo para ela.

Allen troca um rápido olhar com a Lisa e decide me seguir. Me sento na ponta da mesa, ele se senta na lateral e se serve com um pouco de café.

— Você deveria conversar logo com a sua irmã. — Ele comenta.

— Depois eu ligo. — Resmungo. — Ontem eu fui praticar naquele clube de sempre.

— Foi atirar?

É óbvio.

— Sim.

— Eu achei que você não iria fazer mais isso.

— Eu também, mas ontem estava precisando muito.

— Eu fiquei sabendo o que aconteceu. Jimmy só pode ter ficado louco!
— Acredita que ele ficou me provocando, ao insinuar que iria contar sobre os acordos que temos.
— Que babaca.
— Estive pensando em comprar algo. — Comento ao mudar de assunto.
— O que? — Ele questiona intrigado.
— Uma moto, é mais prática e mais rápido no trânsito dessa cidade.
— É uma boa, mas perigoso, pois te deixa mais visível diante todos.
— Estou praticamente livre de problemas, mas sou vou comprar após o julgamento.

Lisa adentra na sala de jantar, me serve as panquecas e fica me olhando em silêncio por longos segundos.

— Eduard...

Ela tenta falar e eu a interrompo.

— As panquecas estão maravilhosas como sempre.

— Fico feliz em saber disso.

Lhe dou um pequeno sorriso e então percebo o clima ficar tenso. Olho para a Lisa, em seguida para o Dylan e tenho a certeza de que algo aconteceu. Repenso no que aconteceu nesses poucos minutos e franzo o meu cenho.

— Por que você me perguntou se eu já tinha conversado com a minha irmã? — Questiono e encaro a Lisa. — O que aconteceu?

— Emily ligou muitas vezes atrás de você. — Ela me informa.

— O que aconteceu com ela? Ou com o Andrew?

Fico de pé e bato as mãos sobre a mesa.

— Não aconteceu nada com a Emily.

— Então falem de uma vez, maldição! — Ordeno.

— O pai dos Baker's morreu. — Dylan informa.

— Mark? — Questiono e ele acena afirmando. — Como e quando?

— Pelo o que eu soube...

— Eu tenho que ir atrás da Stephany! — Declaro ao interrompê-lo.

Largo o meu café da manhã sobre a mesa, corro na direção da garagem e pego qualquer chave. Aperto o botão desligando o alarme e vejo que é a chave do Zenvo. Entro no meu carro e acelero para fora da mansão. Esqueço qualquer semáforo e fiscalização eletrônica. Corto por entre os carros, tento ao máximo fugir de qualquer mínimo trânsito. Apeto as minhas mãos no

volante e continuo a acelerar. Tenho a impressão de que o caminho está mais longo e eu rosno de raiva. Mark foi assassinato e é bem explicito o autor do crime. Eu devo, o mais rápido possível, fazer alguma coisa referente ao Klaus, aquele maldito. Ele não pode chegar perto da Stephany, aliás, da irmã dela também, por mais que eu tenha percebido desde o início que o maior interesse nele era na Stephany mesmo. Desço do carro após o estacionar de qualquer jeito, entro no prédio e subo a escada correndo. Assim que eu chego ao primeiro andar, eu dou de cara com a minha irmã e com a sua cunhada.

— Eu tentei falar com você muitas vezes, Eduard. — Emily resmunga.

— Mark morreu?

Penélope acena suavemente.

— Quando isso aconteceu?

— A mãe do Oliver ligou assim que amanheceu e avisou que encontrou o marido pendurado na árvore. — Ela me informa.

— Foi enforcamento?

— Assassinato através de um enforcamento.

— Foi o Klaus? — Questiono.

— Tudo indica que sim, pois ele teve uma discussão com os Baker na noite passada e ninguém viu o Klaus essa manhã.

— Merda! — Resmungo. — E cadê a Stephany?

— Está no apartamento.

— E aonde vocês vão?

— Buscar a Ay na escola.

— Eu vou ir ficar com a Steph.

Me afasto delas, ando na direção do apartamento da Baker e entro sem bater. Stephany está de pé, no meio da sala de estar, e então eu decido não me aproximar. Fecho a porta, me encosto e observo a minha garota. Em seu corpo tem uma blusa de seda em cor preta, calça jeans justa e está com os pés descalços. Os braços estão cruzados em frente ao seu corpo, o cabelo preso no topo da sua cabeça e o seu olhar é vazio.

— Eu te liguei. — Stephany sussurra.

— O meu celular ficou em casa e está descarregado.

Ela suspira.

— Mark morreu.

— Eu sei e vim ficar com você.

— Por que e pra que? — Ela questiona.

— Porque eu me importo com você... — Me aproximo devagar. —, e pra você não ficar sozinha aqui.

— Aquele maldito pode vir até aqui?

— Ele não vai se aproximar de você, eu te prometo.

Acaricio a sua bochecha com as pontas dos meus dedos, ela se aproxima e deita a cabeça em meu peito, após me abraçar. Eu passo os meus braços ao redor do seu pescoço e a aperto contra o meu corpo. Pelo tanto que eu a conheço, ela não irá chorar ou se lamentar pela perda do pai, e eu não a julgo, eu não chorei pela morte do meu pai e muito menos lamentei. Tudo bem, são situações totalmente diferentes. O pai dela foi assassinado pelo *melhor amigo*, já o meu pai foi assassinado pela arqui-inimigo e através de um acordo com o filho, no caso, eu. Stephany se afasta de mim e passa as mãos no rosto.

— Penélope foi buscar a Ayla e o Oliver está resolvendo algumas coisas.

— Vocês vão para Santa Maria?

— Talvez.

— Você não quer ir, não é mesmo?

— Não. — Ela nega ao desviar o olhar do meu.

— Então você não vai. Eu vou ficar aqui com você e tudo vai ficar bem.

A porta do apartamento se abre, Oliver entra e suspira. Ele me cumprimenta brevemente, se aproxima da irmã e a abraça. Eu me afasto dando privacidade a eles, me sento na janela e fico olhando para fora. O céu ainda continua nublado, e a temperatura continua caindo. Cruzo os meus braços em frente ao corpo, e coço a minha garganta.

— Assim que a Ayla chegar nós vamos para Santa Maria. — Ouço o Oliver declarar.

— Eu... — Stephany me olha e eu não esboço nenhuma reação. —, não quero ir.

— Eu também não, mas a Ayla não vai achar correto em deixarmos a nossa mãe sozinha, aliás, não é correto e então devemos ir.

— Eu não vou. — Ela declara.

Oliver me encara por longos segundos e volta a atenção para a irmã, mas se afasta sem dizer nada. Ele vai para a cozinha, abre a geladeira e retira de lá uma garrafa. O ouço me oferecer uma cerveja, eu nego e o questiono se

não é muito cedo para isso. Não me importo com a possível resposta que possa vir, muito menos se eu fui invasivo, mas é o certo a se fazer, pois ainda nem chegamos ao meio dia. Oliver finge não me ouvir, Stephany revira os olhos e se aproxima de mim. Eu a abraço pela cintura e acaricio as suas costas. Baker se apoia sobre o balcão e nos observa.

— Então porque você não vai, Stephany? — Ele a questiona.

— Eu não quero ir. — Ela o responde.

— Tudo bem. — Ele suspira. — Eu não sei como contar para a Ayla.

— Da forma mais simples que conseguir.

— Que boa dica, Lewis. — Ele ironiza.

— Oliver. — Stephany o repreende.

Desvio o meu olhar quando ele vira a garrafa de cerveja na boca, por mais de toda a mudança que aconteceu em minha vida e por eu ser uma nova pessoa, eu ainda me sinto muito mal em relação a bebida alcoólica. A porta do apartamento se abre novamente, Turner entra segurando o filho em seus braços e tem uma mulher logo atrás dele. Franzo o meu cenho, pois não a reconheço. Dominic me cumprimenta ao bater o seu punho no meu, eu acaricio o braço do meu sobrinho e volto o meu olhar para a mulher desconhecida. Ela se mantém longe de todos, afastada e acanhada. Vasculho a minha memória, e encontro uma possibilidade de quem ela possa ser.

— Aquela mulher é a mãe dos Turner's? — Questiono num baixo.

Stephany acena afirmando e se recosta em mim.

— Ela saiu hoje da clínica e virá morar aqui, aliás no apartamento do Dom.

— E com certeza ele deve estar odiando isso.

— Sim. — Ela sussurra. — Tenho certeza de que a Ayla vai pedir para a nossa mãe vir morar aqui, mas não tem espaço para ela.

— O seu irmão dará um jeito.

— Eduard... — Oliver me chama dando o assunto por encerrado e eu o olho. —, deixe a minha irmã ficar na sua casa enquanto estiver em Santa Maria.

— Nem precisava me pedir isso.

Me afasto da Stephany, ando na direção dele e me encosto ao balcão. Oliver ainda está bebendo e porque isso me incomode, eu tento me manter no controle. Dominic coloca o filho sentado sobre o balcão e fica o segurando. Andrew está numa fase que deixa a todos com os olhos grudados nele, pois

pode se machucar facilmente durante a sua aventura em aprender a andar ou sair engatinhando por todos os cantos. Informo ao Oliver que precisamos descobrir aonde o Klaus está, pois se ele matou mesmo o Mark pode ter sido como uma forma de aviso e que a qualquer momento ele pode tentar algo com qualquer outra pessoa da família. Turner concorda comigo e me pede para alguém na mansão fazer isso.

E eu sei exatamente quem pode fazer isso. Peço para ele aviar uma mensagem para o Allen pedindo para vir aqui junto com o Torres. Eles são bons para fazer esse tipo de serviço e eu tenho plena confiança de que, são as únicas pessoas que vão fazer da forma correta. Olho ao redor procurando a Stephany e vejo que ela continua na janela. O seu pensamento está distante e o seu olhar continua vazio. Talvez ela esteja sentindo algo em relação a morte do pai, mas não quer ou não consegue demonstrar. Só que, eu sei que ela está com medo do Klaus chegar até aqui e eu vou fazer o possível para protegê-la.

[...]

— Eduard Lewis e Emily Lewis, são mais duas vítimas das atrocidades de James Lewis.

Essas palavras ainda ecoam em minha mente, mesmo que eu já esteja fora do fórum e que o julgamento já tenha sido encerrado. Sinto a minha mão ser apertada e eu sei que é a Stephany tentando me passar algum tipo de conforto. A conta que o meu pai citou na carta deixada para mim, era verdadeira e lá continha bilhões de dólares aonde foi separado para a indenização de todos. Turner teve uma pequena audiência no início do dia, foi indenizado pelo estado e permaneceu ao lado da minha irmã em cada segundo da nossa audiência. Emily estava muito nervosa, com medo de algo ter mudado e nos prejudicar, principalmente a mim.

— Eu sei que você não quer conversar, mas eu tenho uma pergunta. — Ouço a Steph informar num tom baixo.

Estamos sentados no banco de trás do carro, Dylan está dirigindo e Torres está ao seu lado. Eu olho para o lado e acaricio a bochecha da Stephany.

— Qual pergunta?

— O que aconteceu realmente com a máfia?

Vejo o Dylan me olhar por poucos segundos através do retrovisor e eu

mantenho a minha atenção *nela*.

— A máfia nunca foi realmente do meu pai, ele a conseguiu, ou melhor, virou o *chefão* quando o amigo dele, o verdadeiro dono da máfia morreu e deixou os cuidados nas mãos do James. E como o meu pai sempre soube que nem eu e nem a Emily gostávamos dessa merda toda, assim que ele decidisse sair do comando ou morresse, o poder voltaria para as mãos da família do dono.

— E por que não ficou com a família do dono desde a morte?

— Porque a filha era muito nova e tinha acaso de entrar na Universidade, se eu não me engano.

— É estranho ele ter dado o comando para o seu pai.

— Existia um acordo entre ele e mais algumas máfias, elas foram como uma forma de testemunhas para garantir que o meu pai iria cumprir o combinado. Só que, enquanto o James estivesse no comando, ele poderia agir e fazer tudo conforme queria, então foi aí que surgiu o tráfico de pessoas.

— É confuso para entender.

— Às vezes nem eu conseguia entender.

— Então é melhor não tentarmos e simplesmente enterrar esse assunto.

— O passado deve ficar no lugar dele...

— No passado. — Ela completa.

— Senhor... — Torres me chama. —, tem um carro nos seguindo.

Olho para trás e tento descobrir qual é o carro entre todos que estão ao nosso redor.

— Qual deles?

— Mini cooper azul. — Dylan informa.

Não conheço de quem possa ser esse carro, eu mando a Stephany se manter em seu lugar, eu abro um pequeno compartimento entre os bancos e pego o meu revólver. Não gostaria de manuseá-lo ou agir desse modo na frente *dela*, mas nesse momento é necessário. Eu não tenho a menor ideia de quem possa ser, e muito menos o que essa pessoa está querendo, então eu preciso proteger a Stephany.

— Já estamos perto da mansão. — Torres informa.

— Eduard! — Stephany me chama.

Eu seguro o seu rosto entre as minhas mãos e lhe dou um suave beijo.

— Está tudo bem. — Tento lhe passar segurança.

— Pode ser o Klaus. — A sua voz está trêmula.

Por mais que já tenham passado muitos dias desde o assassinato do Mark Baker, Dylan e Torres continuam a monitorar os passos do Klaus, e pelo o que foi me informado na noite anterior, ele continua muito longe daqui, precisamente em Fillmore, uma cidade localizada no Condado de Ventura, então isso significa que ele está um pouco longe daqui, exatamente a cinquenta e seis milhas, e ele não se arriscaria dessa forma, ainda mais a luz do dia. Ouço o Dylan me mandar colocar o cinto de volta, e ficar quieto. Decido fazer o que me foi pedido, seguro na mão da Steph e tento lhe passar calma. Não estou aflito ou nervoso com isso o que está acontecendo, mas sim preocupado em protegê-la. Peço para o Allen ir mais rápido, pois já estamos na rua da mansão e eu olho para trás.

O carro continua a nos seguir e eu tenho certeza de que nada grave irá acontecer, pois a sua velocidade é baixa e não se movimenta tentando cortar os demais carros a cada vez mais que nos afastamos. Quatro seguranças já estão no portão da mansão quando chegamos e eu sei que cada um está muito bem armado. Peço para o Dylan parar o carro diante da porta da garagem, eu olho para trás e vejo o mini cooper estacionando na frente da mansão. Torres informa que é melhor nós entrarmos e que eles vão lidar com isso. Assim que o carro é estacionado na garagem, desço do carro e levo a Stephany comigo para dentro de casa, enquanto Dylan nos acompanha. A coloco – literalmente – sentada no sofá, enquanto acompanho o meu segurança até a porta de casa.

— Você e a Baker deveriam subir. — Allen declara.

— Eu quero saber quem estava nos seguindo e o porquê.

— Eu vou cuidar disso, mas apenas quando vocês estiverem lá em cima.

Esfrego o meu couro cabeludo, chamo a Stephany e nós subimos para o segundo andar. Vou diretamente para o meu quarto, fecho a porta e dou um soco na parede. Estou sentindo ódio! Do primeiro segundo que eu saí do fórum, estava tendo a certeza de que, eu teria dias em paz, aliás, dias não, uma vida sem confusão, sem as merdas que respigaram do James. Stephany se senta na ponta da minha cama e fica me observando. Eu estou andando de um lado para o outro, tentando descobrir qual é o que está acontecendo lá embaixo. Fecho os meus olhos com força e tento descobrir quem é o maldito naquele carro. Melanie não faria isso, e ela tem outro tipo de carro, assim como a Maire. Pode ser algum jornalista, já que, a porta do fórum estava lotada desses abutres. Dois toques na porta chamam a minha atenção, eu

abro-a e dou de cara com o Dylan.

— Quem é o idiota naquele carro? — Questiono.

— Senhora Evan.

— Quinn? Era ela que estava nos seguindo?

— Só pode ser brincadeira. — Ouço a Stephany resmungar.

— Ela está exigindo falar com você.

— Mande-a me esperar na sala de estar, eu já vou descer e acabar com essa palhaçada.

Allen acena concordando comigo e some do meu campo de visão. Eu volto a minha atenção para a Stephany e ela arqueia a sobrancelha ao me encerrar.

— Eu vou descer com você.

— Eu não sei o que ela está aprontando...

— Não me importo com nada disso, eu quero e vou descer com você.

— Tudo bem.

Ela respira fundo, sai do quarto pisando duro e eu vou atrás dela. Apesar de tudo isso, eu ainda continuo babando por ela. Stephany está no famoso estilo sexy sem ser vulgar. Ela está usando um vestido preto, de decote reto, alças grossas e o comprimento vai até abaixo dos seus joelhos. No pé, um salto alto, maquiagem suave em seu rosto e o cabelo com ondulações. Consequentemente, eu tive que colocar um terno, com direto a gravata e deixar o meu cabelo perfeitamente penteado. Essa é a primeira vez em anos que eu fico dessa forma e isso só acontecerá depois de um bom tempo, algo que eu espere que demore muito. Stephany não me deixa segurar em sua mão, desce a escada na minha frente e está com a expressão muito séria. Quinn está de pé, no meio da sala de estar e observa o deque da piscina. Steph finge uma tosse, a minha ex-madrasta se vira para nós e ela franze o cenho.

— Quem é você? — Quinn questiona.

— O que você faz aqui? — Stephany a questiona.

— Até parece que eu vou lhe responder. — Ela resmunga e sorri para mim. — Oi, Eduard.

— Você é bem insistente, não é mesmo?!

— Você me conhece. — Ela pisca e volta a olhar para a Steph. — Eu quero ter uma conversa particular com o Lewis.

— Bom... — Stephany caminha lentamente e se senta na poltrona. —,

vocês podem conversar bem aqui, aonde eu irei ficar e participar da conversa.

— Eduard! — Quinn reclama comigo.

— Você a ouviu.

Por dentro, eu sorrio orgulhoso da minha garota, mas por fora, eu mantenho uma postura neutra. A nossa convivência está fazendo ela se tornar mais forte, está se tornando uma grande mulher e bem autoritária. Me sento no sofá, Quinn sede e se senta no outro e deixa a bolsa caída ao seu lado. As suas joias caras são as primeiras coisas que chamam atenção aonde quer que ela chegue, em seguida o barulho do seu salto de grife acompanhado do belo vestido que conversa com todo o conjunto.

— Você mora aqui? — Quinn questiona a Stephany.

— Você veio aqui conversar com o Lewis e não comigo. — Steph a responde.

— Vá direto ao assunto, Quinn.

Ela revira os olhos mantém a sua atenção em mim.

— Eu não fui ao julgamento, mas o meu advogado estava lá e me informou sobre tudo.

— Então você já sabe o que aconteceu.

É visível o meu desdém em relação a essa conversa.

— Sim, mas quero saber como você está.

— Você não veio aqui somente para isso.

— Me preocupo com você! — Ela exclama.

— Por favor, seja objetiva, senhora. — Stephany resmunga.

— Quem é ela? — Quinn me questiona.

— Já veio ver como eu estava, então já pode ir embora.

Ela agarra a bolsa com raiva, se levanta do sofá e olha mais uma vez para a Stephany.

— Quando você estiver sozinho, nós conversamos.

— Não.

— Por que você está me afastando?

— É o certo, Quinn. — Declaro. — Além disso, nós precisamos estipular algumas coisas antes de você ir embora, para sempre.

— O que? Ir embora para sempre?

Me levanto, enfio as mãos dentro do bolso da minha calça e dou um passo em sua direção.

— Jamais repita o que você fez hoje, nos seguir e colocar todos nós em

risco, principalmente você e sabe muito bem disso. Outra coisa, vá viver a sua vida e simplesmente esqueça o que aconteceu nessa casa, nessa família.

— Eu não estava te seguindo, eu estava vindo para cá.

— Eu não acredito nisso.

Ela suspira e cruza os braços em frente ao corpo.

— Eu vi que era o seu carro, então eu decidi vir conversar com você.

— Ela resmunga. — Achei que você saberia que era eu.

— Mini cooper, Quinn! Você tinha outro tipo de carro.

Ela remexe a boca e dá um passo na minha direção, consequentemente, isso faz a Stephany fingir uma tosse. Eu me mantenho no lugar, Quinn também e coloca a mão apoiada em meu ombro. O que aconteceu entre nós foi algo banal, foi o sexo banal com uma pessoa desconhecida, até aquele momento. Durante o ato, eu jamais imaginei que ela iria se transformar em minha madrastra. Jamais tive algum tipo de sentimento pela Quinn, a única coisa que eu senti foi apenas carinho, mas isso só surgiu após um longo tempo que ela já estava sendo a minha madrastra. A segunda vez que nós nos vimos, foi no Fight e o meu pai nos apresentou. Eu fingi que não a conhecia, a tratei normalmente, como eu tratava as demais amantes e então a ignorei em seguida. Não queria demonstrar para o James que eu já tinha transado com a sua atual amante, pois eu sabia que aconteceria caso ele soubesse.

— Eu não queria que isso estivesse acontecendo, eu não queria que você tivesse se afastado.

— Não temos mais o porquê de termos tanto contato como antes. Você tem que ir viver a sua vida e me esquecer.

Quinn olha na direção da Stephany e volta a olhar para mim.

— É por causa dela?

— Não é do seu interesse.

— Você está estranho, Eduard. Está diferente.

— É melhor você ir embora.

Dou alguns passos para trás me afastando por completo dela, olho na direção da porta e vejo que o Dylan está lá, esperando a minha ex-madrastra. Eu a observo manear a cabeça para os lados e enfim ela sai da minha casa. Quinn tem que perder a dependência, entender que deve ir viver a sua vida longe de mim. Eu cuidava dela quando o meu pai viajava, éramos próximos, praticamente amigos, mas agora acabou. Eu não tenho mais o porquê de estar com ela a cada momento que lhe convém, ainda nutro um carinho por ela,

mas não tenho que ser próximo. Eu bato as mãos uma na outra, olho para a Stephany e ela arqueia uma sobrancelha.

— E então, Lewis? — Stephany questiona ao chamar a minha atenção.

— E então, Baker? — A questiono.

— O que vamos fazer?

— O que você quer fazer? — Pergunto ao me sentar no braço do sofá.

— Dei folga a todos, então se quiser comer alguma coisa, teremos que ir em algum lugar.

— Quero comer alguma coisa sim, passamos praticamente o dia todo no julgamento e daqui a pouco irá anoitecer.

— Podemos sair para jantar, então. — Declaro. — Eu vou tomar um banho e nós saímos.

— Não mesmo. — Ela nega. — Eu vou assim, desse jeito que eu estou e isso significa que você vai da forma que está.

— Estou suado, Steph. — Resmungo.

— Se você for ir tomar banho, vamos ter que ir até a minha casa.

— O restaurante é perto daqui. — Declaro e ela revira os olhos. — Eu já disse para você trazer algumas peças de roupas para cá.

— Eu sempre me esqueço.

— E agora?

— Pede e comemos aqui.

Maneio a cabeça para os lados.

— Hoje é um bom dia para sairmos para jantar.

— Mas eu queria tomar banho.

Coço a minha barba decidindo o que podemos fazer e resolver esse assunto para que possamos sair para jantar. Penso em mil e uma possíveis decisões, enquanto ela fica me observando em completo silêncio.

— Tudo bem, ninguém toma banho.

— Ótimo.

— Questão resolvida, dona encrenca.

Stephany calça novamente o salto alto, passa os dedos entre os fios de cabelo e anda em minha direção. Por causa do seu sapato, estamos quase na mesma altura e então ela não precisa se esticar para me beijar. Os seus lábios colam suavemente nos meus, eu a seguro pela cintura e aprofundo o nosso beijo. Ela está linda nesse vestido, apesar de estar com a aparência cansada, aliás, nós dois estamos, mas eu quero sair com ela. Precisamos sair um

pouco, fazer uma coisa que nunca fizemos antes. O nosso relacionamento está indo muito bem, além de estar me fazendo bem.

— Temos mesmo que sair ou podemos subir? — Ela questiona baixinho contra a minha boca.

— Nós vamos sair para jantar e depois voltamos para cá.

— Então é melhor eu avisar o Oliver que vou chegar tarde.

Stephany nunca dormiu aqui, eu a sempre levo para casa, independente da hora que seja, que quase sempre é em plena madrugada. Eu não sei exatamente o porquê de ela não dormir aqui, simplesmente ela decide ir embora e assim acontece. Só que, nós, meio que, decidimos – mesmo sem ter uma conversa – que ela não dormiria aqui, o nosso relacionamento é recente e então eu a deixo dentro do apartamento e saio. Não em qual momento isso irá mudar, não vou apressar nada e nem acho ruim de ela ir embora quando deseja. No nosso relacionamento tem de tudo, conversa, compreensão, muitos beijos, muito sexo e muitas outras coisas.

— Ou... você pudesse ficar por aqui hoje.

Stephany me olha surpresa e o canto da sua boca se curva num sorriso. Eu nunca pedi para ela ficar aqui, e então eu entendo a sua surpresa. Eu ainda tenho muita dificuldade em dormir na mesma cama que outra pessoa, ela sabe disso e é muito compreensiva. Só que, com ela isso não acontece tanto. Eu durmo por um bom tempo, mas acordo na madrugada e saio da cama. Dormimos poucas vezes juntos, apenas uma vez aconteceu à noite e foi quando estávamos e na casa dos seus pais. E em pensar naquele lugar, é impossível não lembrar das coisas que aconteceram. E sobre as demais vezes que dormimos juntos, foram durante o dia e em momentos de extremo cansaço, além de ser após o sexo.

— Talvez ele deixe, mas não tenho nada aqui, então teremos que passar no apartamento.

— Eu lhe garanto uma coisa, você não precisa de nenhuma roupa aqui.

— Eduard. — As suas bochechas ficam levemente coradas e eu sorrio.

— Não falei de forma maliciosa, mas sim que você pode usar uma camisa minha.

— Tudo bem. — Ela concorda. — Eu vou ir ao banheiro e depois podemos sair.

— Eu vou ir falar com o Dylan e te espero lá fora.

Vou rumo a sala de seguranças, cumprimento os rapazes que estão

sentados nos sofás e eu vou para o cômodo ao lado. Torres e Dylan estão sentados na frente dos monitores, Allen está com a atenção focada no celular, e eu me encosto no batente da porta.

— Está precisando de alguma coisa? — Dylan me questiona.

— Aonde o Klaus está?

Eles olham para mim e o Torres franze o cenho.

— No mesmo lugar que ontem, no motel na saída de Fillmon. — Ele me responde.

— Como você tem certeza?

— Ele sendo monitorado por um conhecido.

— Eu espero que isso seja suficiente. — Resmungo. — Eu vou sair para jantar com a Baker.

— Quer que eu vá? — Dylan me questiona.

— Não é necessário.

— Eu acho que é.

— Não, Dylan. — Murmuro. — Peça para alguém deixar a Lamborghini em frente ao hall.

Saio da sala dos seguranças, vou até o banheiro social e fecho a porta. Lavo o meu rosto, passo os dedos entre os fios do meu cabelo e retiro a gravata frouxa do ao redor do meu pescoço. A enrolo, saio do banheiro e volto para a sala de estar. Deixo a gravata sobre o aparador atrás do sofá e olho para a escada quando ouço barulho. Stephany está descendo os degraus calmamente enquanto segura no corrimão, eu estico o braço em sua direção e a ajudo a descer os últimos.

— Já podemos ir, senhorita Baker?

— Por favor, senhor Lewis.

Dou um beijo suave em seus lábios, entrelaça as nossas mãos e saímos de casa. Gael abre a porta do carro para a Steph entrar, eu dou a volta e me sento no banco do motorista. Conheço um restaurante italiano, é bem intimista e a comida é deliciosa. E para cair a calhar nessa noite, ele é muito perto daqui, creio que seja menos de dez minutos de distância. Olho rapidamente para o meu lado, coloco a minha mão no joelho da Stephany e acaricio a sua pele.

— Ligue para o seu irmão. — A lembro.

— Você poderia pedir para ele, né?!

— Pedir o que? — A questiono intrigado.

— Para eu dormir na sua casa.

Aproveito o semáforo vermelho, a encaro confuso com essa sua fala e ela sorri amorosamente.

— Jamais. — Declaro. — Primeiro: você já é uma adulta. Segundo: você sabe como falar as coisas com o seu irmão. Terceiro e último: eu pedir para o seu irmão é como se eu falasse; ei, a sua irmã vai dormir comigo hoje e nós vamos transar até amanhecer.

— Mas vai ser isso mesmo?

É visível a malícia em seu questionamento, eu maneo a cabeça para os lados e me inclino em sua direção. As nossas bocas ficam próximas e os nosso olhar fixo.

— É isso o que você deseja?

Algum idiota buzina logo atrás atrapalhando o momento, eu volto para o meu devido lugar e acelero. Já estamos na rua do restaurante, e por sorte hoje não é um dia muito movimentado. Estaciono bem em frente, desço do meu carro e entrego a chave para o manobrista. Por mais que eu não tenha feito nenhuma reserva, eu sei que terá mesa vaga nessa noite. A hostess sorri para nós e trocamos poucas palavras. Como eu já esperava, tem mesas vagas e somos direcionados a uma no canto do ambiente. O restaurante tem o típico cenário italiano, mas de forma elegante e com muitos detalhes em madeira. Agradeço a moça de cabelo claro, puxo a cadeira para a Stephany se sentar e em seguida em me sento na sua frente.

Olho ao nosso redor e franzo o meu cenho. Sem querer chamar atenção das pessoas ao nosso redor, eu aponto sutilmente para duas mesas depois de nós, em nossa lateral e a Stephany olha na mesma direção. Naquela mesa está o Achilles, acompanhado da Melanie. Eu não fico surpreso com isso, pois há alguns dias e por diversas vezes percebi interesses de ambas as partes. O meu advogado olha na minha direção, fica surpreso e em seguida acena. Ele comenta alguma coisa com a sua acompanhante, ela nos olha e sorri. Eu já esperava por essa aproximação entre eles e sei que isso deixa a Steph mais tranquila, pois todas as vezes eu conversei com a Melanie, ela ficou estranha comigo. Talvez ciúme, ou melhor, com certeza era ciúme, mas ela tentou não demonstrar. Eu deveria ter ficado com raiva dessa sua atitude, mas pelo incrível que pareça não aconteceu, e eu gostei do seu ciúme. É, *ela* está trazendo muitas sensações e sentimentos novos para a minha vida.

[...]

O Natal foi extremamente tranquilo, fomos para Seattle como os meus avós desejavam, ficamos lá apenas três dias e foram bons dias. A minha irmã não foi por causa da sua sogra, por mais que ela já está de volta a sociedade há alguns dias, Turner não se sentiu seguro em se afastar daqui e deixar apenas a Penélope de olho na mãe. Além disso, a senhora Baker está morando por aqui, ou melhor, no apartamento ao lado. Polly e Hillary estão morando no mesmo apartamento, e as meninas se revezam entre os dois apartamentos, Steph se reveza em ficar aqui também. Pelo o que eu sei, todos estão se dando muito bem e o Oliver está mais próximo a mãe. A minha garota me contou que algo tinha ocorrido entre eles, fazendo com que se afastassem e tivessem uma relação rasa.

Depois veio o Ano Novo e todos estavam reunidos aqui nessa casa, foi um momento muito agradável e por incrível que pareça, não teve nenhum desentendimento. Dominic ainda não consegue interagir muito com a mãe, não confia nela e muito menos deixar o filho aos cuidados dela. E o ano começou de uma forma diferente; sem medo, sem confusões e sem mortes. Tudo está se encaminhando de uma forma tranquila, inclusive a Stephany está mais tranquila ultimamente. Todos os problemas já foram enterrados, os desentendimentos resolvidos e estou seguindo a minha vida. No último final de semana, Emily fez uma pequena festa para comemorarmos o aniversário do Andrew e o pequeno, mesmo sem entender, aproveitou cada segundo.

E desde o julgamento, eu voltei para o mundo da luta enquanto não retorno a faculdade, algo que só vai acontecer quando o novo semestre começar. E então, treino diariamente e a cada dia me sinto mais pronto para enfrentar o Brown. Emily me informa que irá marcar a luta quando eu estiver pronto, devidamente preparado fisicamente e eu sei que esse momento está chegando. A minha irmã pediu para que seja muitas semanas antes do casamento da Penélope e do Oliver. Ele será o padrinho junto com a Emily, por mais que ela não tenha gostado disso, decidi aceitar esse carma por apenas um dia. Eu soube do desejo da Turner em relação a cerimônia, eu acabei dando a ideia para a minha irmã em oferecer a casa para este acontecimento. Mesmo que eu não goste de aglomeração, muitas pessoas ao meu redor, eu quero começar a fazer essa casa ter bons momentos. Começamos a fazer isso no ano novo, em seguida o aniversário do meu

sobrinho e em breve terá um casamento. A minha mãe iria adorar estar aqui e ajudar em cada detalhe, mas eu estou vendo a minha irmã realizar o papel da senhora Margareth Lewis.

Dou os últimos socos contra a mão do Dylan e me afasto. Estou exausto, mas contente com o meu desempenho. Allen é o meu funcionário até o início da noite, depois disso, ele passa a ser o meu amigo e vai para o porão comigo. Eu treino durante as manhãs e mesmo assim, tenho disposição para trocar alguns socos com ele. Me sento no tatame, pego o meu celular e desligo a música. Percebo que a Stephany me enviou uma mensagem há mais de meia hora atrás avisando que estava vindo para cá e com certeza deve estar na cozinha comendo alguma bobagem que a Lisa deixou pronta. Retiro as ataduras das minhas mãos e passo os dedos entre os fios do meu cabelo.

— Você está muito bem, Eduard. — Dylan me elogia.

— Eu ganho ou perco do Brown?

Ele franze o cenho e dá de ombros em seguida.

— Eu não sei, vai ser um combate acirrado.

— Eu vou nocautear aquele amantezinho.

Dylan ri dá um tapa em meu ombro.

— Ainda temos mais algumas semanas e até lá, você se prepara ainda mais.

— Estou me dedicando, pois não vou aceitar perder para aquele idiota.

— Talvez não tenha um perdedor, mas um empate.

— Empate? — Questiono. — Me poupe, Allen. Será a mesma coisa que perder.

Me levanto do chão, seguro firme o celular entre as minhas mãos e saímos do porão. Por mais que eu esteja suado, eu vou diretamente para a cozinha e olho ao redor em busca da Stephany. Apenas a Lisa está aqui, decorando o bolo de chocolate.

— Cadê a Steph?

— Ela ainda não chegou.

— Não?

Confiro o meu celular mais uma vez e no mesmo segundo chega uma nova mensagem da Stephany, avisando que voltou para o apartamento do seu irmão. Isso é estranho, pois ela passou a semana inteira falando sobre hoje e do nada tem essa atitude. Ela fica aqui apenas nos finais de semana, vem na sexta-feira, ocasionalmente hoje e volta para o apartamento do irmão no

domingo à noite. Os nossos finais de semana são regados a filmes ou séries, pelo menos pela parte dela, pois eu sempre acabo dormindo assim que o filme começa e acordo no final. Ela não reclama e nem briga comigo, e eu acho isso muito bom de sua parte.

— Ela ainda não chegou, Eduard. — Lisa retorna a dizer.

— Quando ela chegar, peça para ela subir.

Vou para o meu quarto, entro no banheiro e retiro a minha roupa de treino antes de me enfiar debaixo do chuveiro. De início eu ficava muito dolorido, mas já estou acostumado com o ritmo de treino que a Emily estipulou para mim. Durante a semana, à noite, Turner e Baker vêm treinar aqui em casa com o nosso treinador e fazemos apenas sequências de exercícios. Eu não desfiro nem um golpe contra algum deles, pois ainda quero a minha revanche contra o Dominic. Me dou bem com eles, mais do que eu achei que poderia acontecer. Só que, com os demais eu não sou tão amigável assim, cumprimento, converso raramente e uma coisa eu afirmo, isso jamais aconteceu, acontece ou acontecerá em relação ao Jensen. Eu ainda o odeio com todas as minhas forças e vou demonstrar isso quando estivermos dentro daquele octógono. Termino o meu banho, enrolo a toalha na cintura e volto para o quarto, na esperança de que a Stephany já esteja aqui, mas não está. Estou estranhando essa maldita demora. Vou até o closet, visto apenas uma calça jeans e me sento na cama. Esfrego a toalha em minha cabeça, na intenção de secar o meu cabelo e sinto o meu celular vibrar sobre a cama.

— Oliver? — Questiono a mim mesmo e atendo a ligação. — Baker.

— Lewis.

Ainda nos tratamos na formalidade, apenas de forma irônica.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, mas eu quero trocar uma palavrinha com a Stephany e ela não atende o celular, então resolvi te ligar.

— Me ligar por quê? — Questiona. — Ela não está aqui.

— Como não? — Ele questiona. — Ela saiu daqui há mais de uma hora para ir aí.

— Faz mais ou menos quinze minutos que ela me avisou que estava voltando para o apartamento.

— Você está enganado, pois ela me enviou uma mensagem há cinco minutos avisando que já estava na sua casa.

Espera! Tem algo de muito errado nessa história.

— Oliver, algo está acontecendo.

— O que você fez com a minha irmã? — Ele questiona.

— Como é? — Questiono. — Você só pode estar ficando louco!

Saio do quarto, desço a escada correndo e vou rumo a sala dos seguranças. Entro assustando a todos, Dylan me encara com os olhos arregalados e entende que algo de errado está acontecendo. Já era para ele ter ido embora, mas deve ter vindo conversar algo com os demais e é bom que ele esteja aqui.

— A minha irmã está aí e vocês estão fingindo que não.

— Stephany não está aqui, merda!

Coloco a ligação no viva-voz, deixo o meu celular sobre a mesa de monitoramento e enfio os dedos entre os fios do meu cabelo.

— Por favor, Eduard, me diga que a minha irmã está aí.

— Ela não está!

— O que está acontecendo? — Allen questiona.

Peço para o Oliver explicar o que está acontecendo, mando alguém procurar a Stephany pela casa e entrelaço as mãos atrás da cabeça. Que merda a Baker está fazendo? Está me levando a loucura e sumindo com a paz que eu demorei a conquistar. Não é do feitio dela fazer esse tipo de coisa, sumir de repente e dar avisos contraditórios a pessoas diferentes. Como se fosse possível, uma lâmpada acende sobre a minha cabeça e eu dou um soco na parede. Ouço algum dos rapazes me avisar, aliás, confirmar, que a Stephany não está em nenhum lugar da propriedade e eu dou mais um soco na parede.

— É uma atitude estranha. — Torres comenta.

— Cadê o Klaus? — Questiono.

O silêncio reina por longos segundos, eu cruzo os meus braços em frente ao corpo e continuo a encerrar o Torres. Ele está responsável pelo monitoramento e então deve me responder no primeiro segundo.

— O meu conhecido me informou que o Klaus continuava no mesmo lugar.

— Há quanto tempo ele te disse isso?

— Há duas noites.

— Eu quero uma atualização agora, Torres!

O vejo engolir em seco e desviar o olhar.

— Eu tentei falar com ele durante o dia inteiro e não consegui.

Dou um soco sobre a mesa e o encaro mais de perto.

— Se vira! — Ordeno. — Eu quero respostas.

Saio da sala sem saber o que fazer, muito menos como agir e vou até a cozinha. Me debruço sobre o balcão e a sinto acariciar o meu ombro. Tento organizar a minha mente para conseguir entender aonde a Stephany tenha ido ou o porquê dessa atitude inesperada, inconsequente. Eu não quero acreditar que aquele maldito esteja envolvido nesse sumiço, mas caso esteja, é bom ele se preparar, pois eu vou cuidar dele com as minhas próprias mãos. E garanto que não será de uma boa forma. Levanto a minha cabeça quando ouço algo ser colocado ao lado do meu braço, percebo que é o meu celular e eu encaro o Dylan. É bom que pelo menos ele tenha uma resposta concreta.

— Antes de você surtar por aí, coloque a sua cabeça no lugar e pense.

— Pensar no que? — Questiono sem paciência.

— Existe algum motivo para a Baker ter agido dessa forma?

— Não.

— Tem ideia do que possa ter acontecido?

— Klaus, é a ideia mais óbvia e a qual eu menos desejo que seja verdadeira.

— Abre o rastreador do seu celular. — Ele aconselha.

— Pra que?

— Você deu um anel para ela aonde contém um localizador.

Quando estamos nervosos não conseguimos pensar de forma objetiva. Desbloqueio o meu celular, abro o aplicativo e digito o código do localizador. Em alguns segundos o pontinho vermelho começa a piscar no mapa e eu franzo o meu cenho.

— Ela está perto, está em Crestview.

— Vamos até lá, então. — Allen declara.

— Primeiro eu quero saber aonde o Klaus está...

— O meu informante está morto. — Torres informa ao adentrar na cozinha.

— Filho da puta!

Corro na direção da garagem, ordeno para que os rapazes utilizem a SUV enquanto eu entro no Zenvo. Se aquele babaca estiver com a minha garota, ele vai desejar não ter nascido. Grito para que um deles – Dylan ou Torres – avise o Oliver do acontecido e eu acelero saindo da mansão. Mil e uma coisas se passam em minha mente, possíveis coisas que ele deve estar fazendo com a minha garota e a raiva cresce. Aperto o volante entre os meus

dedos, piso mais fundo no acelerador e vou cortando por entre os carros, além de furar todos os sinais. Olho pelo retrovisor, percebo que o Oliver já nos alcançou. Eu não tenho a menor ideia de como ele chegou tão rápido aqui, e isso não é importante nesse momento. Estaciono de qualquer jeito assim que chego no pontinho vermelho indicado no mapa, pego o meu revólver debaixo do banco e desço do meu carro. Estou diante de um motel na beira da rodovia e sinto o meu estômago embrulhar. Respiro fundo e ordeno para que o Torres vá descobrir qual é o quarto. Dylan me entrega a camiseta e um par de chinelo, eu simplesmente saí correndo da mansão sem me importar que estava apenas usando uma calça.

— O que ela está fazendo aqui? — Oliver me questiona assim que para ao meu lado.

— Desconfio que seja por causa do Klaus.

— E o que vamos fazer se for ele mesmo? — Emily me questiona.

— Eu já sei muito bem o que fazer, independente do que ele possa ter feito com ela.

Torres corre em nossa direção, nos informa que eles estão no quarto na parte de trás e andamos sem chamar a atenção. Ele indica qual é o quarto, Dylan vai na frente e bate na porta, fingindo que é algum funcionário do motel.

— Vá embora. — Ouço a voz masculina ordenar.

Allen bate mais uma vez na porta e enfim ela se abre. Assim que os meus olhos capturam a face do Klaus, eu avanço em sua direção e o empurro para dentro do quarto. Por alguns segundos ele demonstra surpresa, mas em seguida o seu olhar é substituído por satisfação e ele anda para trás. Eu olho na direção da cama, pelo canto do meu olho e a Stephany está amarrada na cama. A sua boca está tampada por uma fita adesiva e o seu corpo nu. Eu grito para alguém retirar ela daqui e eu ando na direção do Klaus. Se ele nunca viu o demônio, irá ver nesse exato segundo. Mesmo que ele esteja apontando um revólver em minha direção, eu não tenho um pinga de medo.

— É melhor você abaixar essa arma. — Rosno.

— Ninguém toca na Stephany. — Ele ordena ao apontar o revólver para os demais.

Olho na direção da minha garota, ela já está com o corpo coberto por um lençol e o seu rosto está molhado por causa de suas lágrimas.

— Klaus. — Oliver rosna.

— Baker, é bom que você tenha vindo, assim eu acabo com a sua vida de uma vez. Não preciso ficar te cercando em qualquer outro lugar. — Ele murmura.

— O seu papo é comigo e você vai odiar essa mudança.

Klaus volta a sua atenção para mim e eu bato os meus pés duas vezes no chão. Allen fica ao meu lado direito e Torres no esquerdo, e ambos apontam os revólveres para o imbecil. Eu vou levar ele para um lugar muito bom e fazer ele pagar pelas possíveis coisas que tenha feito com a minha Stephany. Eu dou mais um passo em sua direção, ele ordena num grito para eu ficar quieto e eu sorrio friamente.

— Eu já mandei você ficar parado!

— Abaixa a porra da sua arma.

— Saem daqui. — Ele ordena mais uma vez.

— Todos vão sair, inclusive você que irá para um lugar aonde teremos uma boa conversa. — Lhe informo e olho para o Dylan antes de sussurrar. — Atira nele, apenas para desestabilizá-lo.

Volto o meu olhar para o Klaus e ele cambaleia para trás ao receber um tiro no ombro esquerdo. Ele devolve o tiro e a bala me fere, de raspão em meu braço direito. O ardor é não é suficiente para comparar com a raiva que eu estou sentindo. Em seguida ele leva a mão em seu ferimento no ombro e rosna de dor. Faço um sinal com a mão, Dylan e Torres avançam sobre ele e o imobilizam. Klaus é muito amador em lutar contra outras pessoas, seja estando armado ou desarmado. Eu vou na direção da cama, vejo que a Emily e o Oliver estão desamarrando as mãos da Stephany e eu desamarro os seus pés. Subo sobre o seu corpo, retiro a fita de sua boca e ela me abraça. Se eu tivesse ido buscá-la nada disso teria acontecido, mas eu concordei em que ela fosse dirigindo para a mansão, pois ela já está acostumada a fazer isso. Ela acaba soluçando de tanto chorar, e eu ordeno para que o Klaus seja colocado no porta-malas da SUV.

— O que ele fez com você, Steph? — Oliver questiona.

Ela olha para o irmão, manea a cabeça para os lados e volta a esconder o rosto na curva do meu pescoço. É visível que ele abusou dela de algum modo e ele vai me pagar por isso.

— Temos que levar ela para o hospital. — Emily nos lembra.

Faço um gesto para que o Oliver pegue a irmã em seus braços, ele a pega e em seguida saem desse maldito quarto. Procuro ao redor pelos

pertences da Stephany, encontro as peças de suas roupas e o celular com a tela quebrada. Aquele imbecil verá o demônio hoje. Eu vou até o carro do Baker novamente, coloco os objetos no banco frontal do carona e olho mais uma vez para a Stephany. Peço para eles me avisarem sobre em qual hospital *ela* será cuidada e que logo eu os encontrarei lá. Acaricio a perna da minha garota, o seu olhar marejado faz o meu peito se apertar e o ódio se torna ainda maior. Emily me lembra que, eu posso chamá-la caso se eu precisar, eu apenas aceno concordando e vou para o meu carro. Coloco a mão para fora, faço um gesto para os seguranças e eles me seguem quando eu acelero o meu carro. Nada pode correr mais, nem mesmo os meus carros potentes, a que o ódio em minhas veias.

O galpão da máfia é o lugar que eu preciso por algum tempinho e vou fazer aquele imbecil se arrepender de cada mínima coisa que ele fez contra a Stephany. Ultrapasso o carro do Oliver, olho para o retrovisor e o Dylan continua me acompanhando. Em pouco mais de dez minutos estaciono diante do galpão, desço do meu carro e ando calmamente. No caminho para cá, eu liguei para um conhecido, informei que precisava resolver um assunto envolvendo as minhas antigas práticas e a *chefe* da máfia autorizou. Cumprimento o segurança que estava aqui a minha espera, ele abre a porta e eu entro. Continua do mesmo que eu me lembrava e esse lugar não me traz boas lembranças, só que, eu preciso estar aqui. A cadeira continua no centro do ambiente, de ambos os lados têm mesas com diversos equipamentos e eu sorrio friamente. Dylan e Torres colocam o Klaus sentado na cadeira, o amarram e eu puxo uma cadeira para eu me sentar na sua frente.

— Eu nem sei por onde começar, pois o ódio é gigante...

— Vai me matar, por acaso? — Ele debocha.

— Eu vou, mas antes eu vou te fazer pagar por cada coisa que fez com a minha Stephany.

— Sua Stephany? — Ele debocha.

Por mais que as suas mãos estejam atadas atrás da cadeira, ele se inclina para frente e geme de dor, pois o seu ombro ainda sangra bastante manchando cada vez mais a sua camiseta cinza. Eu bato as mãos nos meus joelhos, me levanto e ando até a mesa na minha lateral direita. Aqui tem diversos apetrechos, mas um em especial chama a minha atenção. É um objeto para perfurar alguma parte do corpo, e ele será perfeito para começar o seu castigo. Me aproximo por trás do Klaus, enfio o objeto no ferimento da

bala e puxo a sua cabeça para trás ao segurar no seu cabelo. Ele rosna de dor, mas tenta se manter forte.

— O que você fez com a Stephany?

— Apenas básico do que eu realmente desejava. — Ele resmunga.

Dou um soco na sua têmpora e me afasto. Eu sou capaz de matar ele em poucos segundos, mas não quero que seja assim, quero fazê-lo sofrer, se arrepender de cada olhar que ele direcionou para a Baker. De repente, perco a paciência, retiro o objeto do seu ferimento e o jogo para algum lugar no chão. Torres e Dylan estão parados na porta do galpão apenas me observando, eu faço um gesto com a mão os dispensando e eles não me obedecem. Reviro os meus olhos ao ouvir o Allen me informar que eles não vão sair daqui e então eu volto a minha atenção ao Klaus. Ele está me olhando fixamente, e isso me deixa ainda mais irritado. Eu pego a mascarâ de olhos e o fone de ouvido, os coloco no Klaus e o retiro da cadeira. Amarro as suas mãos numa barra de ferro sobre a sua cabeça, ele reclama por causa do seu ombro e se mantém de pé, inquieto. Dobro as mangas da fina camiseta que estou usando, tombo a minha cabeça para o lado e observo esse idiota a minha frente. Eu vou agir de um modo que eu não desejava, mas é para proteger e se vingar por alguém especial em minha vida. Agir assim não irá fazer eu voltar a ser quem eu era, pelo menos é o que eu espero. Desfiro o primeiro soco no abdômen do Klaus, ele tenta se debruçar e do jeito que está preso, fica impedido. Nos próximos dez minutos que se passam, eu fico cego e espanco o Klaus.

Caio exausto no chão, cubro os meus olhos com o meu braço e tento regular a minha respiração. O imbecil está desacordado, o seu rosto está igual ou pior da vez que ele apanhou do Oliver na noite de Ação de Graças. Preciso ir ver a Stephany e saber detalhadamente do que aconteceu, e cuidar dela. Eu imagino o quão assustador possa ter sido quando ela foi pega contra a própria vontade, ser levada para um local desconhecido e ter as peças de roupas arrancadas do corpo. Por sorte, ela nunca retira o anel de brilhantes que eu lhe dei de Natal e quando eu decidi colocar um rastreador nele, não foi na intenção de vigiá-la, mas sim agir num momento necessário, como foi o de hoje. Se eu simplesmente tivesse dado um anel normal, estaríamos desesperados atrás de qualquer vestígio dela. E com certeza, algo pior poderia ter acontecido. Ouço o barulho de salto bater contra o chão, eu não faço nem questão de me mover para recepcionar a *mafiosa* e então continuo do mesmo jeito.

— Então esse é o abusador? — A ouço questiona.

— Sim.

— Eu adoraria terminar o serviço, Lewis.

— Antes disso acontecer, eu vou conversar com a minha garota e saber a opinião dela sobre isso.

— Caso ela escolha, não finalizar a medíocre vida desse babaca, me avise e eu faço o trabalhinho sujo com todo gosto.

— Eu peço para um dos rapazes te informar. — Resmungo.

A ouço se afastar de mim, esfrego a minha testa com a mão livre e decido me levantar do chão.

— Você deveria ir ver a Stephany. — Dylan me aconselha.

— Já te avisaram aonde ela está

— Hospital samaritano, entre a W 6th Sh e a Lucas Ave.

— Informaram alguma coisa?

— Não.

Limpo as minhas mãos ao passá-las em minha calça, Torres manea a cabeça para os lados e me entrega uma toalha molhada. Eu a passo em meu rosto, em seguida limpo as minhas mãos, principalmente nos nós dos meus dedos e jogo a toalha de volta para ele. Eu ainda não me esqueci da sua incompetência e logo teremos uma conversinha, consequentemente, ele sabe muito bem disso. Mando eles irem para a casa, pois os seguranças que trabalham para a máfia vão ficar de olho no Klaus, eu entro no meu carro e acelero indo rumo ao hospital. Os nós dos meus dedos estão latejando, doendo bastante, mas isso não me importa. Assim que eu chego ao hospital, procuro a minha irmã por todos os cantos e decido pedir informação na recepção. Antes que o rapaz possa vir me atender, eu vejo o Oliver no final do corredor e ando em sua direção.

— Como ela está? — Questiono.

— Bem. — Ele responde e respira fundo. — Não há indícios de estupro.

Agradeço mentalmente aos céus e enfio as mãos dentro dos bolsos da minha calça.

— Ela já contou o que ele fez?

— Contou sim.

— E aí?

— Eles tinham acabado de chegar no motel, o Klaus a amarrou e

arrancou a roupa dela. Passou a mão no corpo dela, mas felizmente não teve tempo de concluir o que tinha em mente.

— Ela deve estar sentindo um enorme nojo.

— Ódio é o mais visível. — Ele comenta e me analisa por completo. — E não é apenas nela esse sentimento.

— Eu posso ir vê-la?

Não quero ficar conversando sobre o que eu fiz ou deixei de fazer com o Klaus, muito menos ser julgado ou repreendido.

— Pode.

Dou um tapa em seu ombro e abro a porta ao seu lado. Stephany está deitada na cama, os olhos estão inchados de tanto chorar e eu me aproximo devagar, a fazendo sorrir suavemente.

— Oi.

— Ed.

— Como você está? — Questiono ao entrelaçar as nossas mãos.

— Com ódio.

— Somos dois então.

— O que você fez com ele?

Franzo o cenho diante de sua pergunta e eu sei que não vou poder fugir.

— Fiz o que eu achava certo.

— Eu quero vê-lo. — Ela declara.

— Não...

— Eu quero, Eduard.

Fico sem saber o que responder e então apenas aceno. Nesse segundo que parei, fiquei mais tranquilo, sinto que a minha cabeça está prestes a explodir. Eu prometi a Stephany que a protegeria e que principalmente, Klaus não chegaria perto dela, mas eu falhei.

— Me desculpe. — Peço. — Eu prometi que ele não te faria mal.

Essa não é a primeira vez que eu falho diante de algo, mas é a primeira vez que é diante de uma promessa em proteger alguém.

— Não foi culpa sua.

— Não era para aquilo ter acontecido.

— Mas agora está tudo bem. — Ela garante e acaricia o meu braço. — Me leve até ele, por favor.

— Não é certo, Stephany.

— Eu preciso e você não pode me negar.

Não lhe dou uma resposta, afirmativa ou negativa, apenas a encaro e me sento na poltrona ao lado da sua cama. Oliver entra no quarto, afirma que o médico já virá liberá-la. Ela suspira aliviada e fecha os olhos. Desejo que ela não tenha sido afetada profundamente por seu acontecimento, e sim que encontre alguma libertação em relação ao Klaus. Por um segundo, a ideia em levá-la até o galpão e oferecer que ela faça algo contra aquele maldito é um bom caminho para ela se libertar. Só que, o medo do lado ruim surgir nela é maior e eu não sei o que escolher. Questiono ao Baker se a minha irmã ainda está por aqui, ele me informa que a Emily estava na sala de espera e eu saio do quarto. Ando pelos corredores do hospital em busca da minha irmã, a encontro perto do bebedouro e ela me direciona um olhar neutro. Me sento, ela se senta ao meu lado e eu a olho.

— Eu agi como o antigo... eu.

— Você levou o Klaus para o galpão? — Emily questiona.

Apenas aceno suavemente.

— Sei que não era certo, mas eu precisava daquilo.

— Isso não te faz regredir, não te faz voltar a ser quem era antes.

— Por algum momento eu pensei exatamente nisso.

— E depois?

— Eu me vi agindo de forma protetora com a Stephany.

Ela sorri suavemente e coloca a mão no meu joelho.

— Agir do modo antigo, não te faz voltar a ser o antigo Eduard, mas sim mostra que você pode agir daquele modo para proteger alguém, por amor.

— Foi exatamente assim que eu senti estar agindo.

— Então, está tudo certo, Ed.

Lhe direciono um pequeno sorriso e olho na direção do corredor. Observo a Stephany andar com a ajuda do irmão, pois ela está mancando e a sua bochecha está com uma grande marca vermelha. Eu ainda não ouvi o que aconteceu detalhadamente, mas imagino muitas coisas. Eu ando em sua direção, entrelaço as nossas mãos e a ajudo a caminhar, mesmo que o Oliver ainda esteja ao seu lado, a ajudando. O olhar da minha garota se conecta ao meu e eu entendo perfeitamente o que ela quer, mas eu ainda não tenho uma resposta. Andamos calmamente até o estacionamento, ela para assim que chegamos no carro do seu irmão.

— Eduard...

— Eu ainda não tenho uma resposta para você. — Murmuro.
— Do que vocês estão falando? — Oliver me questiona.
— Ela quer até o local aonde eu deixei o Klaus.
— Por que e pra que, Stephany? — Ele a questiona.
— Eu preciso, Oliver.
— Não, isso não é certo.
— A deixem ir. — Emily declara, fazendo a gente encará-la. — Ela precisa para encerrar o ciclo.

[...]

Por mais que seja contra a minha vontade e a do Oliver, estamos aqui, todos nós diante do galpão. Emily está segurando forte na mão da minha irmã e elas estão caminhando rumo a entrada. Eu não a queria aqui, mas não posso impedi-la. Baker me encara preocupado, eu encolho os meus ombros e adentramos no ambiente. Dylan fica surpreso com a nossa presença, mas fica em silêncio. Não era para ele estar aqui, mas sim estar em sua casa. Torres não está por aqui, mas com certeza está por perto e preocupado com o que eu vá falar para ele. Só que, eu estou cansado e vou pedir para o Allen resolver isso enquanto eu fico com a minha garota. Levo os meus olhos para o centro do galpão, Klaus está de volta a cadeira e devidamente amarrado. A sua cabeça está caída para frente, dando a impressão que está desacordado. Do jeito que eu lhe agredi, é para ele não acordar tão cedo ou simplesmente não acordar. Stephany olha para o irmão e encolhe os ombros.

— Você pode me esperar lá fora. — Ela o informa.

— Não...

— Eu vou lá para fora com o Oliver. — Emily declara.

Eles saem do galpão, Stephany se apoia em mim e continua a andar. Eu não sei o motivo de ela ter vindo aqui, mas eu sei que é referente a algum tipo de libertação. Paramos diante do Klaus, ela se senta na cadeira bem na frente *dele* e suspira.

— Acorda ele. — Ela ordena.

Sem que eu precise pedir para alguém, Torres aparece de repente e joga um balde de água fria sobre o Klaus. Ele acorda desorientado, levanta a cabeça e olha confuso ao redor. O seu rosto está cheio de hematomas, sangue e inchado. Eu estou observando de longe, de uma distância necessária, pois

eu não quero que mais nenhum incidente aconteça.

— Que lugar é esse? — Ele questiona num murmúrio.

— Poderia ser o inferno, mas ainda não é. — Stephany declara irônica.

— Me mata logo e acaba com esse martilho.

Ela olha ao redor, se levanta da cadeira e anda até a mesa a sua esquerda. Lá tem diversas armas brancas e eu engulo em seco. Stephany pega uma adaga medieval de cabo preto, se aproxima do Klaus e a passa suavemente em seu pescoço.

— Eu te odeio com todas as minhas forças e não me sinto mal por isso, pois desde quando você apareceu em minha vida, foi como uma destruição em etapas, mas você não conseguiu e nunca vai me machucar conforme tanto desejou...

— Você sabia que o seu pai pensou na possibilidade de aceitar dinheiro para permitir que eu me casasse com você?

Nojo é o que eu sinto ao ouvir as suas malditas palavras. Sinto alguém parar ao meu lado, percebo que é a *mafiosa* e ela está observando a minha garota atentamente.

— Vocês são, ou melhor, eram duas pessoas podres. — Steph declara.

— Pare de rodeios e faça o que deseja, pois eu sei que não vou sair daqui com vida.

— Eu espero que isso aconteça.

Um pequeno suspiro escapa da minha boca ao vê-la enfiar a adaga no meio das pernas do Klaus, ele grita muito por causa da dor e ela começa a se afastar lentamente, enquanto o observa.

— Se livre dele para mim, por favor. — Peço a dona da máfia.

— Com prazer. — Ela sorri. — A sua namorada foi muito boazinha com ele, e por eu ter sororidade, eu vou agir conforme ela deveria.

— Faça o que quiser com esse verme. — Rosno.

— Sempre que precisar aparecer aqui, saiba que ainda têm passe livre.

Apenas aceno, me aproximo da Stephany e a retiro desse lugar. Aqui não é para ela, muito menos agir de modo obscuro, mas eu sei que ela precisava e concordo; o que ela fez foi pouco para o tanto que o Klaus precisava. Faço um gesto para os rapazes e ele nos segue. Assim que saímos do galpão, Steph esconde a cabeça em meu peito ao me abraçar e chora copiosamente. Eu espero que agora possamos seguir em frente, ter uma vida tranquila e bem mais calma, conforme sempre desejamos ter. Eu não

tenho medo da dor e do mal, pois depois de tudo que passei, eles são inerentes a mim, só que isso não me impede de desejar coisas boas, aquilo que eu sempre esperei ter.

— Obrigada, Eduard.

Eu seguro o seu rosto entre as minhas mãos e deixo o coração me comandar. Esse sentimento de desespero com a possível perda que eu tive há pouco tempo, me faz ter uma certeza ainda maior que eu preciso dessa mulher. Eu posso ter negado ao extremo desde o início, ter me negado ao aceitar essa consequência que o destino me preparou, mas hoje em dia eu aceito e não quero nada e nem ninguém além dessa mulher.

— Eu tive medo quando soube do seu sumiço. — Confesso

— Eu sinto muito por isso...

Coloco o meu indicador sobre a sua boca, a fazendo se calar.

— Te conhecer foi como escutar uma canção pela primeira vez e saber que seria a minha favorita para o resto da minha vida. Eu me apaixonei por você, não sei em qual dia exatamente e nem como aconteceu. Não foi uma coisa em particular que você fez, foi o acúmulo de todas aquelas pequenas coisas que quase ninguém dava atenção. Eu me apaixonei por você antes mesmo de te beijar, me apaixonei por causa das nossas conversas, o seu jeito e principalmente por você ser assim do jeito que você é.

— Você está se declarando? — Ela questiona sorridente.

— Estou e sabe o porquê?

— Não, mas quero saber.

— Você foi a única oportunidade que eu agarrei sem pensar duas vezes e foi a melhor coisa que me aconteceu, e continua sendo a melhor.

— Você é o mesmo para mim.

Sorrio e enxugo a lágrima que escorre por sua bochecha machucada.

— Nunca sabemos quando a pessoa vai nos atingir feito um trem ou se vai passar por nós como uma brisa leve...

— Você foi e ainda é como um tsunami em minha vida. — Ela declara.

— E você como um furacão. — Confesso. — Eu só me sinto bem quando estou com você.

— Cadê o verdadeiro Eduard Lewis? Pois o qual eu conheço, jamais iria falar esse tipo de coisa.

Rio suavemente.

— Esse é o efeito que você causa em minha vida.

— É bom ou ruim?

A abraço pela cintura e a aperto contra o meu corpo.

— Muito bom, por mais que me tire da zona de conforto.

— Então, se prepare, Eduard Lewis, pois eu vim para a sua vida e não vou sair dela tão cedo.

— E eu nem quero que saia.

Oliver se aproxima de nós, afaga o cabelo da irmã e aperta o meu ombro. O que eu menos esperava e desejava aconteceu; uma mulher invadiu a minha vida e eu a quero comigo a cada segundo. Emily se aproxima também, sorri e deita a cabeça em meu ombro. Outra coisa, uma que eu jamais esperei acontecer; estou em uma nova família, uma bem grande, acolhedora e amorosa. E eu me sinto acolhido e muito bem estando com eles, principalmente com *ela*, a minha Stephany.

FIM!

Agradecimentos

Primeiramente, o agradecimento à Deus, por ter me permitido criar essa história e esses personagens. Agradeço também a Carolina Miró por ter me ajudado em muitas questões sobre o livro, em partes de indecisões da minha parte e surtado comigo em alguns trechos. E agradeço a autora Renata Romanova, que criou um sprint de escrita para que eu conseguisse terminar de escrever Combate e para ela conseguir terminar o seu livro. Esse sprint foi muito motivacional e de grande ajuda para o processo da reta final. E agradeço a vocês por terem tido paciência a esperar a conclusão desse livro e por terem o lido.

O processo foi longo, mais de um ano nessa trajetória, nessa dedicação a este personagem que me tirou totalmente da zona de conforto. Eduard Lewis veio e se apresentou... consequentemente, eu desejo que ele tenha conquistado vocês! Eu espero que vocês tenham gostado, ou melhor, amado cada coisinha desse livro e odiado também, pois amor e ódio estão numa linha tênue. Espero também que os personagens tenham conquistado vocês, mesmo com as atitudes, escolhas e diálogos meio confusos, doidos e sem nexos, pois essa é a essência deles. Agradeço a paciência de vocês ao esperar para ler este livro.

Eduard foi um personagem que criou vida própria antes mesmo de ser protagonista do seu próprio livro, cresceu e amadureceu, mesmo com os seus traumas, medos, inseguranças e demônios. Tenho certeza de que julgaram o Eduard em algum momento, mas eu questiono... quem de nós não tomaria as mesmas escolhas, decisões estando no lugar dele? Todos nós temos traumas, medos, inseguranças e demônios, mas empurramos cada um deles para o fundo da gaveta quando nos levantamos a cada manhã e nos mantemos fortes, pois iremos derrotar um pouco um e este momento está muito próximo. Ame, lute, seja feliz e corra atrás do que deseja. Tudo é por você e para você. Fique firme e seja você mesmo.

Com muito amor, autora Gislaine Souza.

P.S.: Aguardo vocês no próximo livro: Nocaute!
O livro do lutador mais azedo, Jensen.

Próximo Livro

Chegou o momento de Jensen Brown contar a sua história!
Acompanhe em....

Nocautê
FOI ELA QUE ELE LEVOU A LONA